

Roberto Azoubel da Mota Silveira

A reinvenção do Nordeste nas crônicas d'*O Carapuceiro*

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Eliana Lúcia Madureira Yunes Garcia

Volume I

Rio de Janeiro
Março de 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



Roberto Azoubel da Mota Silveira

A reinvenção do Nordeste nas crônicas d' O Carapuceiro

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Eliana Lúcia Madureira Yunes Garcia

Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Marília Rothier Cardoso
Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Júlio César Valladão Diniz
Departamento de Letras – PUC-Rio

**Prof. Moacir Tavares Rodrigues dos Anjos
Júnior**
Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ

Prof. André Monteiro Guimarães Dias Pires
CES-JF

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade
Coordenador Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 08 de março de 2007.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Roberto Azoubel da Mota Silveira

Graduou-se em Antropologia na Universidade Federal de Pernambuco em 1997 e concluiu mestrado em Literatura Brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2002.

Ficha Catalográfica

Silveira, Roberto Azoubel da Mota

A reinvenção do Nordeste nas crônicas d'O Carapuceiro / Roberto Azoubel da Mota Silveira ; orientadora: Eliana Lúcia Madureira Yunes Garcia. – 2007.

3 v. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Letras)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Estudos culturais. 3. Identidade. 4. Nordeste. 5. Cultura popular. 4. Crônica. 5. Ciberespaço. I. Garcia, Eliana Lúcia Madureira Yunes. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Esta tese foi escrita no processador de texto *OpenOffice* e é dedicada a todos aqueles
que trabalham pela cultura livre.

Agradecimentos

Aos meus pais – pela existência.

À minha orientadora Eliana Yunes pelo estímulo de minha caminhada.

Ao CNPq e à PUC-Rio pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Ao meu filho, Rodrigo Gonçalves Azoubel, pela paciência.

Aos meus irmãos, Ricardo e Raul, por tudo que sempre fizeram por mim.

Aos amigos, Gilvan Barreto, Gustavo Peixoto, Hilton Lacerda, Keops Ferraz, Lírio Ferreira, Marcelo Luna, Rodrigo Lima e Xico Sá pelas vivências e companheirismos.

À Flávia Lacerda, sempre presente em minha vida.

À Maria Cláudia e Maria Cecília de Freitas, sem as quais eu não teria sequer iniciado essa jornada.

À Bárbara Miranda por todo seu amor e crença no escriba.

À Giovana Dacorso Hallack, anjo que clareia o mundo.

Aos amigos e companheiros de PUC-Rio Marcelo Magalhães, Anna Paula de Oliveira Mattos da Silva, Ericson Pires, Guilherme Zarvos e Paloma Vidal pelo estímulo intelectual e afetivo.

À todo pessoal da Bodega do Juca da rua Marquesa de Santos - Seu Zé, Tiago, Juarez e Adriano – pela “sustância” do dia a dia.

À todo pessoal da secretaria do Departamento de Letras da PUC-Rio, principalmente Digirlaine Gomes Tenório, Francisca Ferreira de Oliveira, Miriam da Silva Lima por todo carinho e dedicação.

Resumo

Silveira, Roberto Azoubel da Mota; Garcia, Eliana Lúcia Madureira Yunes. **A reinvenção do Nordeste nas crônicas d' *O Carapuceiro***. Rio de Janeiro, 2007. 739 p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A tese investiga a questão da identidade nordestina, tomando como estudo de caso as crônicas publicadas n'*O Carapuceiro*, página eletrônica que circulou no ciberespaço entre os anos de 1998 e 2005.

Palavras-chave

Estudos Culturais; identidade; Nordeste; cultura popular; crônica; ciberespaço.

Abstract

Silveira, Roberto Azoubel da Mota; Garcia, Eliana Lúcia Madureira Yunes. **The Brazilian Northeastern re-invention: a case study of *O Carapuceiro's* chronicles**. Rio de Janeiro, 2007. 739 p. Thesis – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The thesis discuss the brazilian northeastern identity, through the analysis of a case study of O Carapuceiro's chronicles, published in cyberspace between 1988 and 2005.

Keywords

Cultural Studies; identity; Northeastern; popular culture; chronicle; cyberspace.

Sumário

1. Introdução.....	12
2. Literatura, Estudos Culturais, cultura(s) e mídias.....	19
2.1. Literatura e transdisciplinaridade: um percurso epistemológico contra a clausura teórica.....	21
2.2. <i>O que é, afinal, Estudos Culturais?</i>	28
2.3. O conceito gramsciano de hegemonia: da luta de classes ao multiculturalismo policêntrico.....	33
2.4. Cultura – cultura comum.....	40
2.5. Cultura popular e a dialética da luta cultural.....	47
2.6. Da cultura de massa a cibercultura.....	52
3. “A invenção do Nordeste”.....	60
3.1. O conceito de região: da Geografia ao discurso.....	60
3.2. A “fundação” do Nordeste – a região da saudade.....	67
3.2.1. A tradição como freio da história.....	72
3.2.2. As artes da saudade.....	77
3.2.2.1. A saudade no Romance de 30.....	78
3.2.2.2. A pintura regional.....	85
3.2.2.3. O baião saudoso.....	86
3.2.2.4. O teatro sertanejo.....	89
3.3. O Nordeste da revolta.....	91
3.3.1. Romance e revolução.....	96
3.3.1.1. O Romance baiano de Jorge Amado.....	98
3.3.1.2. Graciliano Ramos.....	102
3.3.2. A pintura social.....	104
3.3.3. Nordeste a palo seco.....	108
3.3.4. Fotogramas do Nordeste.....	112

3.3.4.1.	O Cinema Novo.....	114
3.3.4.2.	Glauber Rocha.....	118
4.	A crônica e <i>O Carapuceiro</i>.....	123
4.1.	Literatura e jornalismo: o entre-lugar da crônica.....	123
4.1.1.	Breve história de um gênero breve.....	124
4.1.2.	Particularidades da crônica: diferenças e transformações do gênero.....	126
4.2.	A fases da crônica no Brasil: d' <i>O Carapuceiro</i> de Lopes Gama à crônica moderna.....	129
4.2.1.	Primeiros cronistas da grande imprensa nacional.....	132
4.2.2.	A moderna crônica brasileira.....	137
4.3.	www.carapuceiro.com.br.....	144
4.3.1.	Recife anos 1990: a formação da cena Mangue.....	146
4.3.2.	Criadores.....	155
4.3.3.	Mecanismos.....	158
3.3.4.	Seções.....	161
4.3.4.1.	Prosopopéia.....	162
4.3.4.2.	Macumba acidental.....	164
4.3.4.3.	Leilão de Almas.....	167
4.3.4.4.	Carapuça.....	170
4.3.4.5.	Por cima da carne seca.....	173
4.3.4.6.	Diário da corrupção / Aurora Boulevard.....	176
4.3.4.7.	Caritó.....	179
4.3.4.8.	Macho.....	182
5.	O cosmopolitismo do pobre nas crônicas d'<i>O Carapuceiro</i>.....	186
5.1.	Globalização, multiculturalismo e resistência.....	186
5.2.	Mangue: um cosmopolitismo do pobre.....	193
5.3.	Se Deus está morto, tudo é permitido: <i>Manguetronic</i> e <i>O Carapuceiro</i> pedem passagem!.....	201

6. Conclusão.....	221
--------------------------	------------

7. Bibliografia.....	237
-----------------------------	------------

ANEXOS.....	246
--------------------	------------

Anexo I – Glossário de palavras e expressões regionais encontradas

n' <i>O Carapuceiro</i> (volume 2).....	247
---	-----

Anexo II – Crônicas d' *O Carapuceiro* separadas por seções (volumes 2 e 3).....262

Anexo III – Colaboradores e autores compilados d' *O Carapuceiro* (volume 3).....735

“Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas ‘originais’; significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, ‘socializá-las’ por assim dizer; e, portanto, transformá-las em base de ações vitais em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral.”

Antonio Gramsci em *Cadernos do cárcere*

“Não me iludo com o que me espera até o final dos tempos. Nunca serei pai, nem marido, nem pessoa de mando. Estou excluído da circulação de ofertas. Não sou cineasta da família Barreto; não sou um ilustre presidente de ONG; não sou herdeiro de nenhuma porra de usina, nem tenho sobrenome importante a sujar minha assinatura.

Nunca esqueço nada disso quando arrasto meus pés pelo Aurora Boulevard.”

Renato L em “Sem Lenço e Sem Documento”,
crônica da seção *Aurora Boulevard* deste *O Carapuceiro*

“Tudo aquilo que pode ser destruído, deve ser destruído,
para que as crianças sejam salvas da escravidão”
Raoul Vaneigem em *A arte de viver para as novas gerações*

I. Introdução

No livro *A cultura do plural*, publicado em 1993¹, o historiador e antropólogo Michel de Certeau Tj Tm (opól)Tj 50 507 0 Tm (ogo)440Tm Tj 50 0 0 50 340 0 Tm

demandas de seus novos recrutados. E isso mesmo em países onde o acesso às universidades não se dá de forma efetivamente democrática, como no caso do Brasil.

Abro esta introdução trazendo o assunto exposto por Certeau com o interesse de me colocar e de abrir caminhos para esta tese. Sou um “recrutado da massa”. E como tal, calço “sob os pés as guardas dos canteiros da tradição”, apoiando-me “na ‘mistura’ e na discussão para elaborar uma linguagem cultural nova”. Se minha mentalidade e meu futuro (que não julgo como meus, frutos de uma autoria isolada) serão estranhos aos objetivos presentes do ensino, só o tempo poderá dizer. Abro meu caminho.

Para seguir, no entanto, preciso retomar a afirmação do último parágrafo: “Sou um ‘recrutado da massa’”. Tenho absoluta consciência que as escolhas de minhas investigações refletem meu percurso de vida, minha formação (ou “falta de”, para os modelos mais tradicionais ocidentais) e vários outros fatores determinantes do pensamento. Não farei desta tese uma autobiografia, por mais que ela carregue (e deva carregar) uma boa dose disso. Mas, não resta dúvida que ter nascido e sido criado numa cidade do Nordeste – “elaboração regional mais sofisticada do país”³ - e ter vivido intensamente a década de 1990 pernambucana – desmonte (ou reinvenção constante) desta elaboração - foram condições cruciais para os temas aqui desenvolvidos.

Acabo de me “territorializar” em duas frentes: “recrutado da massa” e nordestino. Com elas, identifico-me. Mas, como definiria qualquer uma dessas duas características que me atribuo? Ou melhor, o que pretendo dizer – ou potencializar - com minhas definições? Não responderei agora a estas questões – espero respondê-las no corpo deste trabalho -, aproveito-as apenas para expor o seu tema basilar: uma discussão sobre identidade.

No panorama cultural contemporâneo, a investigação da questão da(s) identidade(s) tem nos afastado de qualquer concepção essencialista ou fixa do termo. Estamos, como já disse o crítico jamaicano Stuart Hall, cada vez mais distantes de pensar a identidade como “algo que, desde o Iluminismo, se supõe definir o próprio núcleo ou essência de nosso ser e fundamentar nossa existência como sujeitos

³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 306.

humanos”⁴. Isto porque as identidades (religiosas, nacionais, regionais etc.) “não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*”⁵.

Dentre os fatores que influenciaram nesta mudança de abordagem em relação à concepção da identidade, o controverso termo “globalização” tem sido o mais poderoso deles. No final do século XX, a palavra caracterizou o engendramento de novas combinações de espaço-tempo (outra compreensão das distâncias e das escalas temporais) que foi possibilitado pelo fluxo inédito de conexões entre comunidades (países, tribos, regiões etc.), seja através da transnacionalização e desregulação do mercado mundial, seja pela imigração ou ainda pela revolução tecnológica e popularização da Internet. Este novo fluxo de conexões comunitárias trouxe tanto uma maior consciência de pertencimento identitário (local, religioso, cultural etc.), como abriu um trânsito e disponibilizou um acervo informacional jamais ocorrido na história do homem. Não há dúvidas que estes fatos desencadeados pela globalização recente levaram a problematização da questão da identidade, possibilitando sua compreensão como elaboração, como construto humano, no lugar das perspectivas que a tomavam como algo integral, originário e unificado. Mediante este novo olhar, pensar a questão da identidade nos dias que correm, portanto, é atentar para a reelaboração contínua dos discursos. Neste sentido, o mesmo Stuart Hall coloca em outro texto:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna.⁶

É tomando este princípio de pensar a identidade como resultado de processos de expressão humana, como construção discursiva e performativa de diferentes grupos, que este trabalho se propõe a analisar um tema específico: o regionalismo no

⁴ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, pág. 10.

⁵ Ibid., pág. 48 (itálico do autor).

⁶ Id., *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*, pág. 109.

Nordeste. Seu intuito é investigar a construção histórica do regionalismo desenvolvido no/para o Nordeste e mostrar como uma outra perspectiva em relação discurso regionalista foi e vem sendo forjada na região, tendo como centro irradiador a cidade do Recife na última década do século XX.

Para tal empreitada, tomo como pontas desta rede textual, tecida com várias referências e caminhos, duas produções culturais que serão fundamentais para a estruturação deste trabalho. A primeira é o livro *A invenção do Nordeste e outras artes*, obra de Durval Muniz de Albuquerque Jr., Doutor em História pela Universidade de Campinas (UNICAMP); a segunda – e objeto principal desta tese – é a crônica produzida nos seis anos de existência no ciberespaço do sítio *O Carapuceiro*.

Antes, porém, de chegar nestas duas produções, no segundo capítulo, intitulado *Literatura, Estudos Culturais, cultura(s) e mídias*, discuto alguns temas que servem como um mapeamento das diretrizes teóricas deste trabalho. Dividido em seis tópicos, o capítulo faz inicialmente um percurso pelos estudos literários, das primeiras correntes críticas até os chamados Estudos Culturais, com o intuito de aproximar mais *O Carapuceiro* de uma crítica cultural do que de uma análise mais restrita ao campo exclusivo da literatura. Ainda neste capítulo abordo o conceito gramsciano de hegemonia, mostrando, através dos próprios Estudos Culturais, como as idéias do pensador italiano Antonio Gramsci podem ser utilizadas no ambiente da cultura contemporânea. Trago a trajetória semântica do termo “cultura” até a democrática perspectiva da “cultura comum”, conceito desenvolvido pelo crítico inglês Raymond Williams. Discuto também o conceito de “cultura popular”, tomando a idéia da “dialética da luta cultural” do já citado Stuart Hall como referência. E, por fim, traço o caminho que vai da cultura de massa a cibercultura, mostrando como as mudanças tecnológicas tiveram um impacto em relação a produção e ao consumo (e também na relação autor e público) ao longo da história das mídias.

No terceiro capítulo, chamado *sampleadamente* de “*A invenção do Nordeste*”, analiso os discursos no ambiente da arte e da cultura que deram visibilidade à região nordestina, através de um percurso que vai desde o seu surgimento enquanto idéia discursiva - nos finais do século XIX e começos do XX - até as produções do Cinema

Novo e do movimento Armorial realizadas na segunda metade do último século. Para isso, tomo como referência o livro mencionado *A invenção do Nordeste e outras artes*, obra que servirá de base e fonte para as análises das obras, artistas e movimentos que contribuíram marcadamente na constituição (e instituição) da região. O livro de Albuquerque Jr. faz um recorte bastante interessante no que diz respeito à formação e ao estabelecimento dos discursos regionalistas no Nordeste, dividindo-os em duas fases clássicas: a fundacional dos tradicionalistas, baseada na memória, na qual a região é pensada como o espaço da saudade de seu tempo glorioso - o tempo de ouro da sociedade patriarcal (principalmente a açucareira) - e como local de resistência da modernidade industrial representada pela região Sudeste; e a fase iniciada a partir dos anos trinta, mais ligada aos discursos de esquerda, na qual não se deseja mais uma volta ao passado, mas que elabora uma visão de Nordeste como a região da miséria e da injustiça social, vendo-a, portanto, como o local de uma possível transformação revolucionária da sociedade. Aparentemente divergentes, o que veremos é que ambas as fases consagram, ao eleger temas e imagens comuns, concepções de Nordeste muito próximas uma da outra, concepções marcadamente moderna, fixa, para as quais o elemento exótico - geográfico ou cultural – serve de orgulho e salvaguarda do território (fechado) e dos discursos interessados.

O livro de Durval de Albuquerque Jr. foi o resultado da publicação de sua tese de doutoramento em História defendida no ano de 1994 na UNICAMP. Dois anos depois de defendida, a tese foi premiada no Concurso Nelson Chaves de Teses sobre o Norte e Nordeste brasileiro, promovido pela Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), e, em 1999, ganhou impressão em livro através de uma parceria entre as editoras Cortez e Massangana (esta última ligada a fundação referida acima). Mediante todo levantamento bibliográfico que realizei para a composição desta tese, considero esta obra o mais importante trabalho escrito sobre o Nordeste (pelo menos nas áreas de arte e cultura) que foi publicado nas últimas décadas. Lamentavelmente, hoje ela está fora dos catálogos das editoras do país. Que este terceiro capítulo sirva de alguma forma para passar a diante seu conteúdo a novos leitores – a primeira epígrafe desta tese me inspira - e que também se apresente como gratidão por sua

contribuição na formação do meu conhecimento e da minha própria interpretação da região.

O quarto capítulo, *A crônica e O Carapuceiro*, está dividido em três tópicos. No primeiro analiso a crônica, localizando-a como gênero situado entre a literatura e o jornalismo, descrevendo sua história e suas particularidades. No segundo traço um percurso das fases da crônica no Brasil desde o antigo *O Carapuceiro*, jornal publicado exclusivamente no gênero que circulou na cidade do Recife na primeira metade do século XIX, até a produção dos nossos cronistas contemporâneos. No último, por fim, investigo o novo *O Carapuceiro*, página eletrônica (homônima ao referido periódico recifense) que circulou no ciberespaço entre os anos de 1998 e 2005, percorrendo sobre seus criadores, seus mecanismos e suas seções. *O Carapuceiro* foi o espaço midiático quase exclusivamente literário (*quase*, pois o periódico expunha ilustrações em alguns textos) representativo de uma geração que estava no bojo da fertilidade cultural da capital pernambucana, abalada - ou desconstruída - pelas pancadas dos tambores da Nação Zumbi e por toda “Cena Manguê”. Por esta razão, o tópico também faz uma descrição do ambiente cultural efervescente deflagrado nos anos 1990 na cidade do Recife, que se tornou, mediante suas implicações em torno dos binômios local/global, centro/periferia e tradição/(pós)modernidade, uma referência na discussão acerca da identidade nordestina.

O sítio servirá como ilustração deste novo olhar sobre a região, “alheio aos temores de uma homogeneização das culturas locais sob o manto unificador de um outro padrão cultural supostamente dominante”⁷. Um olhar lançado não mais pelas elites, mas sim pela lente popular (da periferia e da recente classe média nordestina de perfil mais cosmopolita, numa emergência de vozes que se dá concomitante e em conjunto ao próprio desenvolvimento dos Estudos Culturais no Brasil), sempre atenta e sensível às trocas culturais que vêm sendo estabelecidas pelos novos fluxos culturais da atual globalização que, por sua vez, possibilitam formas específicas de reação e integração em relação aos centros hegemônicos.

⁷ ANJOS, Moacir dos. *Local/global: arte em trânsito*, pág. 59.

O quinto capítulo, intitulado *O cosmopolitismo do pobre nas crônicas d'O Carapuceiro*, também se divide em três tópicos. Inicialmente levanto questões acerca do peso sobre as identidades da intensificação da globalização nas últimas décadas, principal fator responsável pelo multiculturalismo do mundo contemporâneo. Em seguida, comento o conceito de “cosmopolitismo do pobre”, desenvolvido pelo crítico Silviano Santiago, tomando o Manguê como sua ilustração através de um comentário do crítico e curador Moacir dos Anjos contido no seu livro *Local/global: arte em trânsito*, trabalho também de grande importância para esta tese. No último tópico apresento algumas crônicas d'O Carapuceiro, analisando-as de acordo com suas características consideradas (no capítulo anterior) como relevantes no debate em torno da identidade nordestina, tais como o seu caráter híbrido, exposto na sua disposição ao diálogo com aspectos e informações culturais exógenos ao Nordeste, e a sua postura crítica diante das tradições locais (em suas várias instâncias: histórica, política e artístico-cultural) e dos discursos e/ou interpretações estigmatizadas construídas sobre a região.

Na conclusão, retomo em quatro pontos alguns assuntos que foram abordados ao longo do trabalho - como mídias e novas tecnologias de informação, cultura popular, democratização da cultura e do conhecimento, hibridismo, hegemonia e subalternidade, entre outros -, procurando relacioná-los com *O Carapuceiro*, a fim de apontar e destacar seu papel e importância na discussão que diz respeito ao regionalismo nordestino.

II. Literatura, Estudos Culturais, cultura(s) e mídias

C m c cn d ckf kcf gcf cfc k elc kgc gog m c / kg g g g
e n ck o m gc h en g . fke g k kcf nlec e g g
e c c f k kcf f k c k f F co]ogn c o]] g g
e kd o c c o rd c 0 fc kf g k f R gk o o g f g g g
o . c d e j c f k e k k o o k j co e k g o g e o g k c g g g
o k n i d o c c c n g c k n o c k e c g f experts e o g
e o k c o k n i g e c o f e k f e k k g g c c e o g g g
c C n f c k f c f g g

Consumidores e cidadãos

O Carapuceiro

Dos meios às

mediações

Cke c fc enc nc enc jio keg o ocgn icjk kag g g
 f nckf kcf c ckc e Oc nic ko flon So o cf f en K c g
 foc f: nc f nkog fc e nkco fg go g hc g fc g g
 c c c c c f e ci ofo f gdc kg Qo kg o ke ce g
 cko c ockd c3 oo : g kke ecj i 2g cf l dk d g g
 nle Do ceo ach.Pc e g folhtim kg k k fgg es g g g
 foc b nc f oc c H o encr o g ook g k gk o to g g
 e h o o c kn kcf c fc e o i leg f go meio g g
 e y kep. dirigido oc c o coc o f o mod f e o kec g g
 Genre c enc S c e e n go ki gcf o gcn gc g g nk
 f e d ; o l kck f g g g k f 82 go c g d g g
 t l d n l c o f c gk ghg b . g f k i Woog g g g g
 ed f c f c c k f c h d d f f n k c e c c go chncec/g k g
 o e c k f Oniko gk k d Q e g f c g c
 co ek e o o /f f k kgc en c . f jk g c k k g g
 n o f c c c / kgnio f c g kcf g i ed g g

matriz da trônica tal como a
 conhecemos hoje (veremos sobre o percurso do gênero no quarto capítulo),

O Carapuceiro

Alfabetização, leitura e sociedade de massa
 Rede Imaginária – televisão e democracia
¹⁰ MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meio às mediações*, págs 181 e 182.

2.1. Literatura e transdisciplinaridade: um percurso epistemológico contra a clausura teórica

Cultura e imperialismo

New Criticism

¹¹ Edward Said toma emprestado a expressão da música clássica ocidental. No contraponto, segundo ele: “vários temas se opõem uns aos outros; na polifonia resultante, porém, há ordem e concerto, uma integração organizada que deriva dos temas, e não de um princípio melódico ou formal rigoroso externo à obra”. SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*, pag. 87. O autor utiliza este princípio como uma forma de leitura do arquivo cultural que não seja unívoca, mas sim consciente da simultaneidade da história metropolitana que é narrada e das outras histórias contra (e junto com) as quais atua o discurso dominante.

¹² Ibid., pag. 46.

¹³ WILLIAMS, Raymond. *Base and Superstructure in Marxist Cultural Theory*. In: HALL, Stuart. *Da diáspora*, pag. 139.

C d o k e o f n i k e f o k g g f k k c g c k f g g
c e f c n k g / g f c j k g c g c g e e k f c k e c g g g
k f k o k k c e n c n V f e g f f c g k k k c g k c k f c f o k g c g
e k k e f c c g c h e c g f f k e l g k c d c r o g
r c d c n k c G c o g i e d f g l g g k c k i g c c g g g g
k k f c k c n c f c c o g f o r d c g o o k i g o g o g l g f f c g g g
n o v a s c i r c u n s t â n c i a s h i s t o r i c a s e i n s t i t u c i o n a i s e k f c k f n i k o n c g
c c f e c f k c g f c g f f g i g c f r c g o c g e k o k g g g g
k c o d e o k m e c c n d g g e f g r c k k k c g k g g g
c o c c k c e n k g c k c g k c e o c c n g g g g
c n k e k e V o c n c g c o c k c k g o f f f e g g g g
k c f k e f k f g p d n e c g g c e c c o k g g g g
n d d e c c k o g e o o k e c f o g c g g g g

institucionais

novas circunstâncias históricas e

C f c i i k c n o k k c e n k e c e g d c k e c k c f c G r c g g g
e f h o c f n c e g f l f k f c g c e g g e c f g g g
f o f c c r c c e g f g f k O d e f c d i g e c Q k g
c e k e c r o j k c l g g g f g e c f r c o c c k c g
e k e c f c j k k c c n h e c k o k L c f c i i k f c d c g l g f o g
k c o C c c o d k f o c d c o g c f g k k c f g g g
c o k f f e o c c o d o c f d n d g f k e k g k l g f o g

¹⁴ SOUZA, Enilda Maria de. *Os livros de cateira da crítica*. In: ANTELO, Paulo et al.]. *Decênio da arte ascensão da cultura*, págs. 192 e 193 (gr)

¹⁷ Ibid., págs. 80 e 81.

f h c f eco f g f lg k h co cf cf g g c f
f k k c.c gk fci ci o dco gfcjk kc g g g
fcen c h e o kec c o eol fg g gf cc g g ck g g
en ck. V kc kf d f k g g nfg dnocg g g
oc oi kckcf f d f k g g ck hrc
ock eke f km kc cecf dec c o fg o k g
0 c d e Qi gkc ken c f c .grikjk kfc c g
ek .oc . f. f i ki keg km g c .g rrec .rec k f gf
ek .ek jk kc ek m k .e en ex n kc C d g g g g h cfc c g g
c o c c c co g k g c k g c k gcigo g g
h o i k c c c c fc fg c rc g g g
fk k k k .

¹⁸ CULLER, Jonathan. *Teoria literária – Uma introdução*, pág. 13.

¹⁹ EAGLETON, Terry999 84.96006 cm BTTm (a) Tj Tm /F6.0 17 0 T Tm (y) T41 0 0 41 324 0 Tm (y) T n /Cs1 cs 0 0 0 sc q 0.1

C kc ck ce /ek kg agc hc f/ . gkc e g g g
 . f f fke kec k k g ck . elhec g g g g
 c e f o 0 k eco . elon g g kc cfek dk ckoko g g
 h fco f fcf e j ek gk onog c e f. g eg fk g ck
 . o o kc f cfc fcf c c g g f k g g g g g g
 . kf co co l kc c A o . e eg g g k k k g ckoko g
 . ce ek o f k k kcf g . fcf c . fc cg Okc g g o cg kc g
 . E c k k k b cfok / k . e g g k ge rcf g g g g
 . k o c kec e eg o g lcg g fke g le g k k c g g
 f o c ke g g g g g

différance

G f E n dk , ock . fcf - gn k o gn gg
 . nk ck . c. gg n f . og gog fkg gg c hoc g g
 . dl kc e n ck n h k cg cfk k ggggg c gco o o k g g
 G f. E n . crA kco on cc f g oc gng g ck f g gn g

²⁰ KELNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*, págs. 37 e 38.

e c. h o c . o n f c g c k c f c ., d n g l e c k f n i e c f o f f g g
f co f c @ f k g g e g f o o c d c f g G n g o d o g f g g
h c f o e c o f k e k o g k c o g r g o c e o d k c f h o c g
e o o c e c k e o c o c i g k f c f O d d l n o f g g
G f E r n c k . o . o k j c k k o c o g k f c d l k c f c h o c g
e c k o e c f c o o . f o e k e n g k e n k f g c e 0 k e c d k
K o k f k c f c c o c g k k c f . g . k o o g o d c g g
c c n o o n c k c r i g o c e . k e c g c k f h o c g g
d l k c c n c f c . n c c o g c c e c o g g e l e g g g g
e c f . c n o c e c r o f g d o k . g c g g o e n g l c o o o g
e c n e c r o o g e f g e n g g e n g g g g g g g g g

o o i i k e f e c n o g c e f k g f g g e c n c g g g f
o o c f c c k c o k g k o g c f e f n G n e n c / f g g
l i f f k e . h o e o k e c n c f k c f h c h c g f g g g
0 o h n i c e c n G n o n o c h o c k k d e j g f n k k o f c f g g g
f f k e . c f e k e c f f o c g k o c c e g g
e k i i k e f f o c c e o k k g g g l f g
c n

²¹ JOHNSON, Richard. *O que é, afinal, Estudos Culturais*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais*?, pgs. 75 e 76.

²² MATTELART, Armand e NEVEU, Erik. *Introdução aos Estudos Culturais*, págs. 163 e 164.

C.o h c f fke k fc chfcf c o. cfkcog eg gk g g g
 f neco ce fk c go k nek g eg ekgf eg ogU e g g
 kco d c enc c g c o b kc o g c g c g g
 fcf.kco ko . c g d g g g e ccg. ge f kf ge g g
 ce e cen crj c gdc ggc g g e g e g k o g g g g
 cdc rj s oc 0 f o neco o o gni g ge cng al k g n gcn g g
 athe medim of culture c k i l c i o c chfcf c k k k c g Aj og g
 e c o ec c hi. c k g f g h o g f l g c o f o f c e o g c g g g
 0 c G k f c ko . nc o o g c o d c c i co c o g k g c n g g
 h o c c f o c f c f f o c g k k g k k k k fg g
 e o h f f f f o c f o e d g n e m g g c l f k e c g g g g
 j c o f o c k g c i c o g 0 g g e m c k g g

R f c o c o c g e g n g c k g o cdc rj g c c f c g g
 chfcf ko nc co g c g chfcf 0 eg g h k g Og ec g g
 h k o n c BP ec k k g g g c f k h o g g g
 c cn k h n heco g n k n o eco g g l e f g g
 en c x lc e e d k o o . g g g e g . f k g chfcf g g g
 f n oc jk ec c c d o g k e c g n k e o o c d i o f g g
 f c e c leco f c n f c e n g c 0 f g . g h k g E f g k g g g
 h k s c c c f e c f o f c g g g c f o g c k o e o c g g g
 f e e o f f g c g g c c h k g e o . k g k k i c d k o g
 c e c . e n c a c t o k c . e c i g c f k n i e c g
 f h k f . h k c . g i g g l e c / g c g k g g g
 0 c f c K co c c k f n e c o g k f n e c o g g g f g g
 en c o f c k c c f k c o g e o l p e c g o e k k e e o g / g g
 f . ko . e o c g g g o o o g e g g g
 f k kco d c c k c g n g c h f c e k c c o n d g g
 f n e n d e o . l e g o k e k 0 c g k e o n g l e g
 f e . c e o o c g f g k . k g c o g k n e g n o o g g
 f f c c k e c k e c n o g m e c c n n o k k / c e j c g g
 f e o . c k f o o c o o g e g f g f f g f E n g c g , g
 E o c . e i k h n d g o c g k / n o . g g o g g g g g
 i h n k f k c n o g e o g l g U c h e d k k e g g
 co . k e c f e n c o g j c o c f c g c e c f o k f c g g

²³ HALL, Stuart. *Estudos culturais e seu legado teórico*. In: *Da diáspora*, págs. 211 e 212

f nko k le . g g g cg og oc g g g g g g g
 nk c kec oc g g g g g g g g g g g g g
 ok o c . g g k o g g g g g g g g g g g
 ek eco o k k k oc ec c g g g g g g g g g g
 O Carapuceiro

O Carapuceiro

o k c G f E n g k g c g k c k f i c f k c g
 cnc c f c k k c lo negom g c . gc f c f c g g e n cn
 e j eo f c f k c dl g f c f g gc o nk ngk k f c f g c g e c
 c . k k f c f . e . e o n o g h g g g g g c g d c k n c g g g g
 2.2. O que é, afinal, Estudos Culturais?²⁶

²⁴ Ibid., págs. 212 e 213.

²⁵ RESENDE, Beatriz. *A indisciplina dos Estudos Culturais*. In: *Apontamentos de crítica cultural*, pág. 49.

²⁶ Título homônimo ao texto de Richard Johnson, ex-diretor do *Center for Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham, Inglaterra.

²⁷ RESENDE, Beatriz. Op. cit., pág. 10.

O que é, afinal, Estudos Culturais?

f h kn ki k h e c f / n c g k c / f n . c l n g g c d g e g
h k c o k f o c . c f g c . f k f c h o g e f c g
r c e f . c c e g k e c o g h g i c g o c n i e c f g
k o k e k i k o e f k i g o g f k i f f g o o g f g / g

Folha de São Paulo

Q f en ck f g k k ec f f cn gf oc f ok cfc g g
 Oh oc en cn oc f k k c ik o c c oc of c d g g
 o f f ick c fc ek f e g c ce jco cf g eg f c f o k g
 f eo O k c f oc c Q go k odc f g f en c h g f c g
 e Oe f en c C ce ge g ok c k cen c g f c g
 c c f c f c f c f ek k le g Q f g n g c o c g c g g g

Biblioteca Virtual de Estudos Culturais

Q G f En ck h o c o . o e c o f k c oc k e c o f n i k e g 1 g
 o k k o n i k e l c c c c f g c g cen c g f go n / f c f g
 . r c n i k o c k c k f c ek f c f g k k e g o c g g
 c k 0 r c f f P o g c c i g g o g k e g g g c f c f g g g
 . k f k f c f c e k . c k . en k o g / k c en c . r g d r e g g
 e n i k o . n k e f k f k f c f g . k e c o n k e g l e g f k e o / c f c f g g
 . o f f k f c f o / n e h . c k o i n g c k 0 g C g l c c n g g
 k i c k c o c e o c c f c o g e k g g g g
 h e k k o k e o f n i k e g o g c O g k c d g e n c O G f g E k c g
 e c c e k c o d f c c s g f k e k k f c f k k f c f o g f n i k e g g g
 o k e k f r c o o f f l g k g f c k f g g c c k g g g
 f k k c c c c o d d f . f G d k c g g o e o g e k c g g g
 o d e o e o o k o k c i k f g g o e o c g k e g i n k e c g k g
 e n o k o d l o g c d f o g E c o g g k c o i g g g
 G f f E n c k e f o c e k c f f c c k c g g h e k g g k g g g
 o f n i k e c f e k d f c g k c d e n c f k k f g d o g g
 e c o f c k c o e c c g f f c e g c f c g e e g n g f c f g g
 f c k f c f o k k c d o l e o f o g n o c c k o c o c o g g
 n i k e c c r e k e o l e c f g o g e o g g g E c f c o k g g
 c f k k k i n d c h c g g d c h c f f o o g o n e o k c f g g
 r o f k c n f n h e c g f k h o c g o e g e g k o e g c c c g

³⁰ JOHNSON, Richard. *O que é, afinal, Estudos Culturais?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* págs. 19 e 20.

³¹ ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Estudos Culturais: uma introdução*. In: *Ibid.* pag. 137.

³² *Estudos culturais à brasileira*, entrevista com Maria Elisa Cevalco. *Caderno Mais*. Folha de São Paulo 25/5/2003.

dn o lec fc c ok e g fc en c kf ec g g ko ce c g g g
e n c f c c k k h k e g g g g g

Woc fc ko kc dc f f en ck gf le kg gk hce T n f g
Dc j *Mitologias* ck c dg n9 c ,f o c gi co c f g k k gf g
e n ck f n c k k k ck cgc fc f gec f ig c dl g g g g
e n ck o k e e o k j hce e0 d f Gk k fc jg g g
ekro k cf . of g k k hce g o gge n cg c gc d e cg g
o c f n dc k o e . eg g ig gk g k c c g g
lec en ck n kf k hce e f lgg g c k k hce g g g
K kic f c k c en ck c gnc k c c o fc e ok c d g
Dc j k c n k c fc e g g fc lgg e n ck c cg g g
h e o co e k n f c c j c e 0 g f c e n g g

The Uses of Literacy
Culture and Society 1780-1950 *The Making*
of the English Working Class

k j co o e o o g cg ge c e g ce fk ek g en cnfc
e n k e o c f k k f e eg k k cg g cf k k f f e g g
e o c f k k f . o c e n g c e o g k k go co n c c k en k c g g g
e n c n cen co f k fc n o k f e o k e g f o g c g

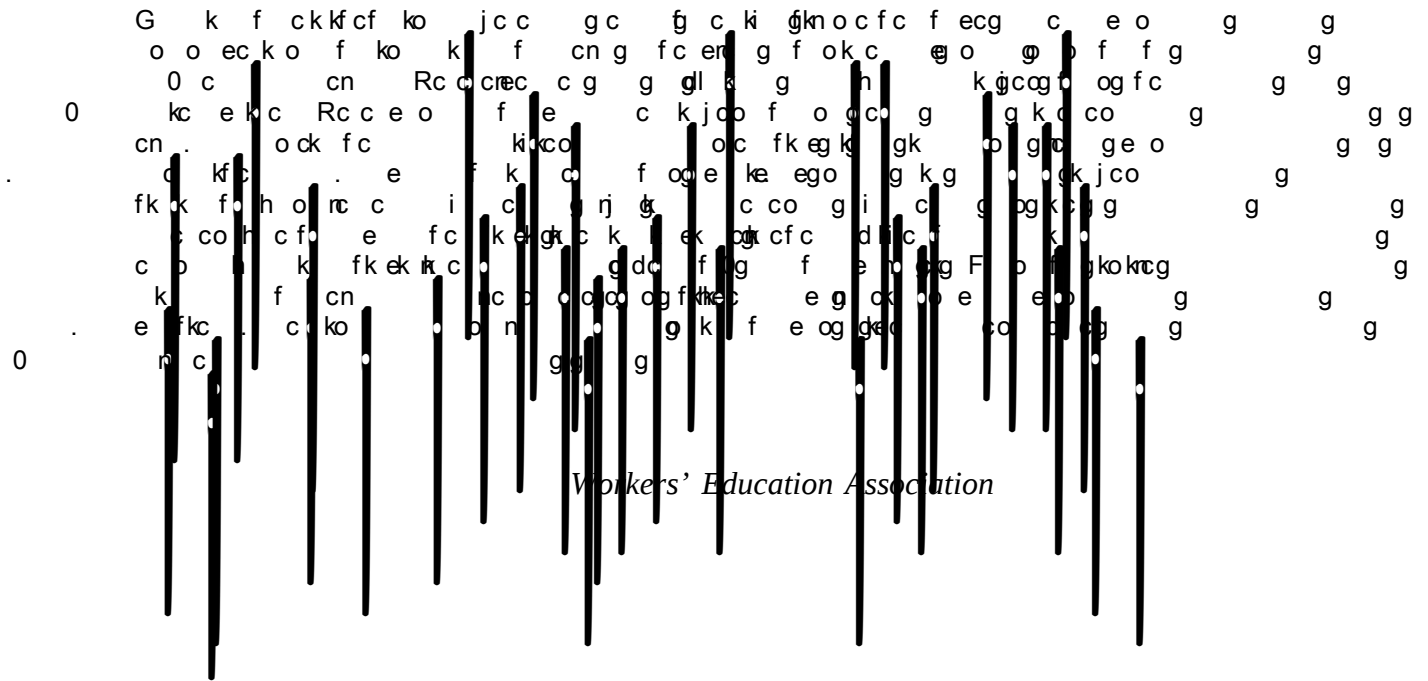
³³

(www.prosiga.br/estudosoculturais/pacc).

³⁴ CULLER, Jonathan. *Teoria literária – Uma introdução*, págs. 49 e 50.

³⁵ SCHULMAN, Norma. *O Center for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham: uma história intelectual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *O que é, afinal, Estudos Culturais?*, págs. 177 e 178.

Workers' Education Association



Workers' Education Association

Center for

Contemporary Cultural Studies

2.3. O conceito gramsciano de hegemonia: da luta de classes ao multiculturalismo policêntrico

³⁷ O “P” maiúsculo como ênfase da Política no seu sentido estrito, institucional.

³⁸ Sobre esse aspecto fragmentado da obra de Gramsci, além do fato de que boa parte dela ter sido escrita sob o olhar do censor da prisão na qual esteve detido, Stuart Hall comenta ainda que: “a obra de Gramsci pode parecer ‘fragmentária’ por uma segunda razão, mais profunda. Ele constantemente utilizava a teoria para iluminar fatos históricos ou questões políticas concretas; ou pensava conceitos amplos em termos de sua aplicação a situações concretas e específicas. Conseqüentemente, a obra de Gramsci parece *por demais* concreta e historicamente específica, limitada demais as suas referências, uma análise por demais descritiva, excessivamente limitada pelo tempo e pelo contexto.”(itálicos do autor) HALL, Stuart. *A relevância de Gramsci para o estudo de raça e etnicidade*. In: *Da diáspora*, pág. 297.

³⁹ Para tal empreitada, antes de qualquer coisa, é preciso apresentar Antonio Gramsci como um pensador ligado ao marxismo. Este fato alerta para o uso de uma terminologia marxista na construção do conceito em questão (como por exemplo, o emprego de expressões como superestrutura, bloco histórico, luta de classes, ideologia etc.). Dito isso, pode-se seguir adiante.

⁴⁰ Para uma rápida definição de *superestrutura*, utilizo o *Pequeno dicionário de filosofia contemporânea* de Oswaldo Giacoia Júnior: “No marxismo, a superestrutura de uma determinada formação social se diferencia da base material ou estrutura (que é constituída pela esfera da produção econômica e das relações sociais de produção), compreendendo a totalidade das instituições e organizações políticas, judiciárias, estatais, culturais, pedagógicas e religiosas.” Pág. 164.

⁴¹ Conforme coloca o próprio Gramsci: “A estrutura e as superestruturas formam um ‘bloco histórico’, isto é, o conjunto complexo – contraditório e discordante – das superestruturas é o reflexo do conjunto das relações sociais de produção.” GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*, pág. 52.

⁴² MORAES, Dênis de. *Notas sobre imaginário social e hegemonia cultural*. In: Gramsci e o Brasil (<http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv44.htm>). (itálico do autor)

⁴³ COUTINHO, Carlos Nelson. *A dualidade de poderes: introdução à teoria marxista do Estado e da revolução*, pág. 61.

⁴⁴ É importante deixar claro aqui que o conceito de aparelho privado de hegemonia em Gramsci não deve se confundir com o de Althusser sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Pois, conforme Denis

Go e fk. f j i o kc c d i gkc g rfc g c G cf e g c
k k k k rco rc g f g fg . crg g ekck
e h c f l co ek ejc oc f G0cf co rkc f G cg
k k k e o c k o f Cnj C fk k k c g
ce f e o c k 0 f Cnj c k kg gf j i g gkc f co ek g g g
h hc f ke k rkc crg cfg c rkc f c f gf g g g
c n kf n ike e o G cf g f e f o kd g g g
0 crko n C em g dcn c g f o k c ge o gl g
n ke c c f f ok cf oc c c kg n ike f c c g
eko c G cf c ho gf c o ci ekc gk cjc f g
o kc 0 d c fk g g g

filosofia da práxis

de Moraes explica: “A teoria althusseriana implica uma ligação umbilical entre Estado e aparelhos ideológicos, enquanto a de Gramsci pressupõe uma maior autonomia dos aparelhos privados em relação ao Estado em sentido estrito. Essa autonomia abre a possibilidade — que Althusser nega explicitamente — de que a ideologia (ou o sistema de ideologias) das classes oprimidas obtenha a hegemonia mesmo antes de tais classes terem conquistado o poder de Estado.” MORAES, Dênis de. *Notas sobre o imaginário social e hegemonia cultural*. In: Gramsci e o Brasil (<http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv44.htm>).

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ Como Gramsci denominava o marxismo nos seus cadernos do cárcere.

⁴⁷ BURKE, Peter. *História e teoria social*, pag. 87. Aqui vale considerar que o próprio Burke, na sequência deste mesmo texto, chama a atenção de que Marx usou o termo “classe” em vários sentidos diferentes (pags 87 e 88).

Crítica da imagem eurocêntrica

CKf kcf ocf okc ci cfk cf gG cf fce okc oi cnc ekfg g g g
nkef N k j ok o f ngc c k ec eg ccgi o kc g
c0 ekfccl cles Ud ck eo n id c c hgocco g g g
ocfl k f . k . e cg i og le g d k0? ek ck P nc g
fc c ck c . o c fc /n c c lge eek g ocoork kcf g g
f e cfcf Ch necl cf g g gg

o ne n ck o . oc kcf kc ecce kc oc cik nkec g g
c cni o cf f ekc lgcgcg cf Pg ogh ocfk cfcf
c cik nkec Oo k ecdf Cko eog jg fkk c ekfcf
o ne n dk c ko cod o j o ke n ck o Oc c fk Q g
o ne n ck d e cf . ; o 3nd i g 6 c l g k J c g k k g -
f fkh c cll e O o g g ock k Q ogn ke n ck og ld cnd ec
k i c fkh i e ngck c d g g k . no mainstream g
ekfcf ocl k kc dc cf o og ekfc ck f k f c g k g n c f e c g

lec en ck c k c c c 0 f o k kcf Q og n e n ck o
e.o ekn cfk kcf f gkfk g g gk k g e o gkcf h g
dheco e j dcf dncgfgfkng cgn cn g nkf g gg g
fk nkf. e l k f o cn - e kcf f fkgk k fg fg g g g
0 f e Qo ne okoge gk dte kcf d ec cfokk c -
c fkh c en ck fck k c k c g k f e Qo ne ckog g g
e le ne k ec f gknik cik g kfc g g g
o ko f . ; e Oñc g gR. e c . k g g k ecn g g
j i c fck ãn l 3 g/i 6 0 G o k f c - g

Q o n e n ck o he ke fkh f n ck o nd cn o fkgg c e g g g
Rko kco c e k f fkeg g d gcn n ck c f /k ck kg g
nd fcf n ec e kcf ogne g cgo he leg ic fccjk kc g g
en cnfc ekcf l i o eknf fg g ccf oc g k kcf g g
c ecfc o . nc c i oc gcfge cxc f f f c o f c g
f f n en f f c c h o c g g k g k l fke0 d f kcf g g
Ni cc f o d k / e f o f c g g . c gc o kgi o d c g
0 m f. f Ck c f f g o g e j c h o k g e c o o h n c
ki crcf f k o c g o g k o g e n c o ? n c f c o g g g
ocik c c en f C c n ck c g o c f d j k ec g g g
cd n e f f en c g c g g o c c d n g o c g c g g g g
e o okk t . c g l o g e k e g n g g
e o e n d c k G a g k o i k c f g f f o c g d g e c c g g
e o kcf ok k k c e o i g k c o c f k c f g c g g g g
en k c c e o c k e c g g k c g l e o c j k g e o o g g

49 HALL, Stuart. *A questão multicultural*. In: *Da diáspora*, págs. 52 e 53.
50 *Crítica da imagem eurocêntrica*
51

0 f e h k Cno fk o n e n g c k o h e k e o e o ok c o c e c g g
c d o k o n i e c f c n g c o h g c f r e k e g g e c j k l e c g
0 c o c [D F D k e j c o . f e g k e c f r e h d o g d k i c f c g
i e c c c o c i e o g e c g o o r j o g k c f g c c g g
f e k f k e c e k g c k f o x c . o c k k C k o g g g
o k e n c k o h e o l e l k d e o e k l e c o l k g g e o k c f g g
f k i o f e o k i o f e o o n g , o e l e g - i c f g f g l e c g g
k i k l e c f 0 . k e c C e o k n g l g k f l i c f e o o g r e g g
k k k k c f c j k l e c o g f f k h e c g g e c g g g
k . k l e c k o l e c l o g c k n o g e k l g o f o n e c f o g g g
h k k f c d e o k j c o g l h e g g e l g c c d o f o f o l g g
h k f c f 0 n e c e . h e k o c e e f i n k e f g g g
f f e d c n e n c n e o n g l o g e l k k f e o g k f c f g g g g
o 0 k o k k k k g l g n g e d c i g k c e c g g g g g
e c f c c f k n e e n l n o f l e d e c f c l g f i n e g g

f d c c e / c h f c g c g k g f l o o e k o g g h c g h c g g g
cultural f 0 n k o d c n R n g g f l g . f c l e c g g g g
c k i o i e g e g o o g e e g f g c n g e k f c f g g g
j k k e c o e h e c o / c o d o k e n k c h g o g e c f k k c f e o o
d c o c l f c d c o o f c c g f g r o g G k e n k c c k f c c i c o c f
f k k k c c o e k c g k c c o o g c e k o n l c o k
e o o f e k o g g e g e c g f c e g f o d j i o k g
0 r U e c e j c c / d l g g f c l c o g g l e c n e c g
0 k f n i k e E k o c h . g k l c h f o c g o d o e o c d c k c o g g
e c c c f n o f g o o 0 c g i g e n k g g g g

2.4. Cultura – cultura comum

Diferentes, desiguais e desconectados

f efc c n fcoJc n c kg g cogg ki O fc ko gekg g g g
.; 3 L o . f k c n4 7m g M d. En M Mmj j g e rj g o g g
it end c c o c kc f0f. k knc 9 gkgL Nc m g f g o g g g
f e j ec c d c dle g The Republic of Letters3 o o ej f 4 o 22 g g g
it o c c c c cnfk g e rjkf. ool ck cno gkg n g g g
cf . kf k k 0 fg 79 cultura C k c Commentaire c k g
c ki. c f ce e 4 f5 g22 j g o hc e g g c de ck o g
o no . c f . c d g f g c g o c Oc d g g k g k g

ki khec c ko fkcro , - f ekc f e eko . g og cng f kg g g g
c cnik o e f & co j oc Oc . g gko go i g g g g
k khec c jcdk cm eno cf ur ocek c cng go . g n f / g g g
kf f en ce d cnoc Og . lga oc X k . d ki khec g e o g g g
cf cn .fk .k f k k r kc epgc kf kc fg ghk g g g
j ocd F k d c e f gc cf ch f g ghko g g g g
k n e cn e lo . fc . ek c fgg Ock c e g c g i cnfc g g g
d . Ock cf ckfc c kcn g e n k c g fhec f o k ocf gfc . g
c e . oc . knt . the cn g kkn gn g g g g

En c ekkc cnc c c og o f ekkc eo o ekkc g ,
c ec ockc f co g og codo ? g f gdc c c g g g g ,
cfl k ekkc cf 0 dg dc P f eg g f e cfhec g g g g
o fc c . ck fc T n Kf kcn h khec f edc ock kf g g g
k f f nko j oc o g go pcg ekfcf e og ck ng g g
c e clco n d g e og ofcf Oqcg f o g gekng on i g g g g
en K c cm c cf kf ocl c ko gch c ekkc . d dc g ,
c o o l khec c c eg k c cg g c f g g k g
cc o kfcf k e g e n c c og gc gf k k g g
k cp . f hce fcf o ck g ch g c ngi fg eng K d c
o h c oc c o de eg g o fg cng j oc g ex fcf g
o . e . ce n cf cf o ngc Oc reg . f g kf c eo c g g g
d c khec co g . og gc g g g g i g i cn f g g
f . nko j oc g gc . o g k e n g g g g g]]

⁵⁵ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade 1780-1950*, pág. 18

⁵⁶ CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre Estudos Culturais*, pág. 10.

⁵⁷ Além do sentido que permanece de “cultivo” agrícola ou criatório, usamos a palavra “cultura” como substantivo abstrato que nomeia um processo de desenvolvimento mental, como designação de um modo de vida específico (num sentido antropológico: cultura de um povo, de uma época) e, ainda, como

progresso geral de

desenvolvimento humano

o

(11)

c cn c he ck f c ock , k f g f o g g g e g f g g g g
c h oc o co nk g h o k g c c c gn g
f e e k c k f kn en cn go Oe c gf v ogf f g
k f c h o c f c e o k c f i c g . e f c g f e c f c g g g
c f c c o k c c c f c c f g ko g g g g g
n f c o c h c f n g k g f c g o e g g c f k c g g
k o c c k . k o o c g k e c k c g g f k c f g g g
e f c o f n o c d c e o g n c g o f f c g g k k c g g
o f k e k t c e o c k e s g e o k c e o l e c f d g g g
c n c c f o c k e o t e c f o c c o g o c f o d c n o c g

⁵⁹ Citado em Perry Anderson. *A civilização e seus significados*. In: Praga – Revista de Estudos Marxistas, n. 2. In: CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre Estudos Culturais*, págs, 12 e 13.

a en ce o o oc g c g' eo eke ng og g g
 ik f. f dc . e gic leco gc3g c g g g; ge o3 fg g 72 g g
 cf c e e f oc eng eo o g fg oc en c o eo o g
 e o cco c k cfc o . kg . g . cg c f ok cg g g g g
 f en c c c kch eg kc . en cg cnc en g gch g g
 en ce o o en c o eo o c kco . og k0 e g kg . ng g
 Voc c f ci o d' c en c g g f kgf h oc od' d g i f g
 r k eln . c kg cg ng g d g g dk fk ok g c f g g
 ckc . kf gnf oc ec ag gc g ag . g f k c g g g
 co k k j c k f o o gfk k k g c g g . g f g g g
 k c c i o den c c k c k c o e g o o k c oc egn d f g
 c f A eg gcc gg gen c gk c f d g g g g
 f o o d fkh f k c f g . c g gk c f d c k c c g g f k g g
 o o . o c f k k g c g g g g g e k g g g g
 ck f o k c 0 j k k c g ck g . g . g . g

Culture is ordinary

Vfc ek fcf j o c c . o c kag h oc . g k k g
 0 k k k c f Vfc ek fcf j o c c c . f k g c g k k g cg
 c 0 e j eo . Ch oc g f g o e d g f c f c f e c f g k k c g g g
 f k . o f g g k o g f g f d o g c k g g g
 c h k . co . c . f g g e c f e . g f c k . g g
 k e f c c k /c C . ek fcf g f . n k og f c f g g g
 c m . c k e g l o e g c o f f o g c k f k f c n C r o c g g
 f o n 36 C U W f k d 6 b n Gc k e : kg V o 2 2 M 2 8 f c f 2 / c h ; 5 8 6 7 2 2 6 7 1 2 g V 6 1 2 - 6

Media, Margins and Modernity. In: *The Politics of Modernism*, pag. 193 in:
 CEVASCO, Maria Elia. *Dois Lógos sobre Estudos Culturais*, págs., 50 e 51

ki kkecf f o f c kkkc cdcj g d c 0 ceo kcc Go g g
i f nic ocf ki cno g d c ceo gc . f c g k kcc g g
e . f c d c e o cc g f 0 g ki kkecf Woc gngcg
o k c e ki kkecf . gfk e j k f o g g og g g g
acf A c c d c g g ki kkecf g g g df g g
0 c G e flog fk g fd ekff g oc d fc g g
o j oc d co g g k f n g gcf oceg gg g g
c cflek cn c ek k g A c ock fk k ki kkecf
e c ock k kcf ki kkecf kfk kck V co c oc cen c
f k f ccf ki cg f o d g ffc g ki kkecf eo Ag
0 c c ki c c f f c g c o c g a g oc g kf g g g
o k k k f k c o k e o c e l g C c g r d g g
den h s . k i g g ge. o o o c ko g g g
i d k f 0 ck g h f k C e g c f g c f c g
ektcf o f o o f g cg gg g g g g g g g g

ocen ceo o c - i cnf oc ok gkg flg g
ce fkc oc cek f oce flg o c g eo o f g c k g o g
c c le n f ki kkecf f cn c e gfk g g g g g g
c n ki kkecf cn K g k c o c o f gnc g g f g
f den c kco ch ocf c kkg g g c c cgc ?g
k c k k k f g o g g f f k c f n ec kng g
n f f G cf cd ne g c k k g e ge o g c o k g
e k cf ce k k g g g . e d e p k e g oc
o c e o e d k k f g o g o f a o c e n g e o g ki kkecf
o f c k oc f ock cnf cf g okc f n k g c c g g gg
c k ockcf c g c k g c g g g g c c g
c c c o c e g c o c k f g g g kg i cf fc g
0 e f f f g g e o c g n c e g d k c g g

⁶¹ WILLIAMS, Raymond. *Culture is ordinary*, pag. 4. In: CEVASCO, Maria Elisa. *Leções sobre Estudos Culturais*, págs., 52 e 53.

⁶² WILLIAMS, Raymond. *The idea of a common culture*, pag. 35. In: *Ibid.*, págs. 54.

Q f e n c k f o c g f g c c k g f c c k c c g g
e n c e o o e l f e f k l e c c k c g g g g g g g g g
k e k l g g g g g g g g g g g g g g g g g g g
c k c f e c c e n c r g g c l e c f c W c g
n o c c e c f g d g o c k k e n c g g g g
k k i k c r e c k k o c k g k g o f l c k f f k o c g g
O e n c f c f r C e l c r h k c g n c f o c c C e n g c r g
h k c f e e n d g g g c f o f g g o c e n g f g g g
o c e n c e c e k k c f e k o d f f e n c f g g c d g

⁶³ CULLER, Jonathan. *Teoria literária – Uma introdução*, pág. 51.

2.5. Cultura popular e a dialética da luta cultural

folk

⁶⁴ Sobre o assunto, vale aqui destacar toda dedicação do trabalho do historiador de Peter Burke. Na sua obra *A cultura popular na Idade Moderna*, o autor faz uma crítica a visão homogênea que a expressão conota (segundo ele, seria melhor usá-la no plural, “culturas populares”) e desmonta a perspectiva dicotômica entre as tradições do povo e da elite, mostrando que uma interação entre os níveis sociais já existia mesmo nas sociedades européias estratificadas dos primórdios da Modernidade.

C k f k e n ck o f h f f cdcrc g f r e g c g g g g g g
c .h co A . r k g gng g ko g kg r g k f kg g g g

⁶⁵ HALL, Stuart. *Notas sobre a desconstrução do “popular”*. In: *Da diáspora*, pág. 254.

⁶⁶ Esta seria uma postura mais próxima daqueles folcloristas e movimentos culturais que defendem uma suposta pureza do “popular”, a tradição intocada deste, buscando proteger suas raízes “autênticas”. Ibid., pág. 253.

f o o f h o c c l g r o o k h e m / f e k f c e n c g g g g
f o k o h e c n k c e g e g g g f f e n c n o k f / g
h e n c c o f e g c r o k k e c g c f k k g g g o g g
f f e o c c o A g g o c c o d e o g g h o o c g g
0 r o d e E f r k g f g c d c c o c e c f k g k g c f g
o o e f c e r g . f g o k o c g A g g o e g c o o g g
c o e j e d c g c o g g f g d C c c g e r c n g o g
h k a e c o g g o g f g f g g g f / d g i / g
C h c c f h o k o c g d h e k o k o n d k e g c g g g
f f k k e . d o e r k m g g d e e k f g f k k f f g
e n c n c r o f h c s n c n g g g g g g g g g g g g

P c c c h f c f c n c e c e g g j c e o n c f c g k g e c f c g g
c e k c f c . e c f c e d k r g c g h o c g e c o f c e n g o o c g
e k f e c o . f d c r j c o c g g f g . d o k g k c f h k k c g o c g
f j o k c i k e d g g g e g l o c f c g f k f c g g g g g

⁶⁷ HALL, Stuart. *Notas sobre a desconstrução do “popular”*. In: *Da diáspora*, págs. 254 e 255.

⁶⁸ Ibid., pág. 255.

⁶⁹ O autor faz uma pequena ilustração com exemplos de um (im)possível rol infinito de coisas que podem ser populares: “Criar pombos ou colecionar selos, patos voadores e anões no jardim”. Ibid., pág. 256.

0 k e k c f f n g k f c g k g g g g g !
c k e c f o k e c f c g k g f c e n c f o k g g g d f c
k k c k g g c o g c f b k f c e n g c o g
e c i k c f n o f c l c / c g k f o g
e f c f h a c . c o f e k k c o f o g g o c e g g
f e c f e c i l c o f c o Q c o g c n f c g l o c . n k f d c
e c c e n c n n c c o o g o n f g g c e k c f l c o f o
c n c n e n c n z . c f c n n g f c h o c g g

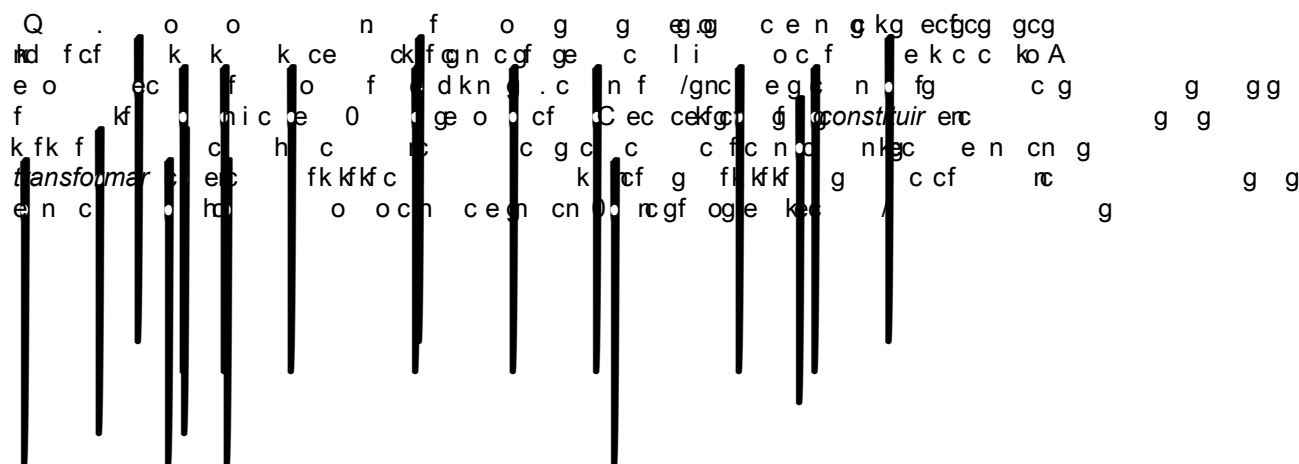
o f c f c . o A c i k n g d f o c g h g c g g g n k c g g
 en cn Q d r f ec f o lec f l k co g j g c c c c f c k c l gn
 f o k c n The Observer Q k k ec f f o o d n n cn c k d f g c n
 eco n cn ke f c g lec g do c k e r g ej co cf c g g
 f o k c f o c f f l g g c r e n g k e co r r c f g ? g g
 o c n o c d o k o t e o c e c c n c f e r c e g d o o g g
 f r c g

P k o e n c k k co kg r f c c c f k i o c g o g g l k c f c g o c
 r c f . f o k k o j k l e g c e r g g k g k c o d c k co / h g o g g
 e n c k f e r c d o f l k c o c k g k C g e n g c f e r g f o c g g
 e c c d o f l k c o c k g k C g e n g c f e r g f o c g g
 r e k co o c f n e c f g c g o n c c e r g . O d g g k co g
 n k o c f e t h g g g e k o g e r g g r c o C e r g c
 f o k o f f c e n f c c c g c r g o ? g r c g g g g
 o G c f o d k f g f g e n c n f f e f k e g g g g g
 f e r c c h d f k k g g e r g k k c o c g c r c c g g
 e r c m c e n o f d u e f g f g ? g g g c g g

⁷¹ HALL, Stuart. *Notas sobre a desconstrução do “popular”*. In: *Da diáspora*, pág. 258.

⁷² No próprio artigo Stuart Hall afirma que “tradição” é um termo traiçoeiro da cultura popular. Segundo ele: “A tradição é um elemento vital da cultura, mas tem pouco a ver com a mera persistência das velhas formas. Está muito mais relacionada às formas de associação e articulação dos elementos. Esses arranjos em uma cultura nacional-popular não possuem uma posição fixa ou determinada, e certamente nenhum significado que possa ser arrastado, por assim dizer, no fluxo da tradição histórica, de forma inalterável. Os elementos da ‘tradição’ não só podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância. Com frequência, também, a luta cultural surge mais intensamente naquele ponto onde tradições distintas e antagônicas se encontram ou se cruzam. Elas procuram destacar uma forma cultural de sua inserção em uma tradição, conferindo-lhe uma nova ressonância ou valência cultural. As tradições não se fixam para sempre: certamente não em termos de uma posição universal em relação a uma única classe”. *Ibid.*, págs. 259 e 260.

⁷³ *Ibid*, pág. 262.



2.6. Da cultura de massa a cibercultura

as pessoas como um todo participem na articulação dos significados e dos valores, e nas conseqüentes decisões entre este ou aquele significado ou valor

⁷⁴ Hall cita como ilustração da utilização da expressão “o povo” pelo bloco de poder, uma frase da ex-primeira ministra da Inglaterra Margareth Thatcher, na qual ela separa os sindicatos (em geral compostos por trabalhadores populares) do povo: “Temos que limitar o poder dos sindicatos, porque é isso que o povo quer”. HALL, Stuart. *Notas sobre a desconstrução do “popular”*. In: *Da diáspora*, pág. 262.

⁷⁵ Ibid., págs. 262 e 263 (itálicos do autor).

C e n c f o c c c k o k c c k l g c c e o k e c g f k h g g
 c f c e k f c f G f c f g k o n g o c g k f c f g e j i c g o c g g g
 e o n c k f c f e n c n k o g c O g j c l c e k e r c G c f g a l g
 o c k e k e c e n c n c e k f c f f o c c B G c g i t g o c c g c
 h f c o k o c g i c e n g c n c c l e r c g g k l c n g g g
 e o . c k l k c l m e k g c f k k x k e g c o g e u c n g g g

. F c e n j o c c c g i k f c o g g o f e k g g g g
 o i c f o o f n k g P l k o f g e n g c c f g c g k c e o c
 0 o f k e c E o c c o k i k c e c f c k o c e n e c f f g k f g
 n k o c c k f c f e c f c g o k f i . g l e g i k e k g l e g
 . k k k k k c k o o e e g f o n k . e v g c g e s g g g g
 k e k l . c f k e c P l e k c g k k k f c g h o g g l e c f / c g
 e f e c c E o c f g n k l g o f k c c g g J g g
 k l f e f c d c o s o k e k g g j c c o c g o g k c n g
 c c l e c c k f k f . c k f c k l g c n o o g e r o c o c g

⁷⁶ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos medios a mediações*, págs 70 e 71.

⁷⁷ Apesar da existência de uma interação entre estas culturas, conforme foi considerado na referência ao historiador Peter Burke em nota da página 26.

0 0 f c c e nk ci o E o k c fh c h oc g oc g cn c h g e k 0 cn g d e g g c g f g g g c g c

⁷⁸ BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. In: *Obras escolhidas – volume 1*, pág. 184.

Q o k f f c c ck fg c g e co c c g f nic cg o kg gf g g
 0 f kf kck C k c f c c e eo cf0 fchgi chg P g
 o c o o . occe eg ofg fge oc Ckg f g g
 l di e o o f g f f c c c g g
 o e kec coc kck o f g kco d f c o d k ce n c g c . Q m gg g
 . c c e eo . c . f gl cm go f g od x l . gn gg
 . c c e eo . i k g f e g u u k h o leg ogkg fgg
 . e o kec . l . ch k c k V . cm f f g f f e n c f g g g g
 . oc . c rj . k . o d o g c g f n c f f c c h o d g g g
 . f . f . e n ch kog l c n e o k f ik eo k g g g
 . e k f h e k k o . f . e n c o c c o o o o g g
 . cod o d f k n c f f c h d i . f k f h g f n g o e o
 . d f . c . c . ek . p . e n s o . cg . x . e F go . g go f c gn k . k c g /gg
 . cod o f c e n g c n o d e c . ok . d . ko h c c g g gg
 l h o c . f e c k h o c n e k c f g o o o e o o c k c o l c f g g
 . f n f e n c c f g e c g f l h e o n c f o c k i k g g gg g

⁷⁹ Para se ter uma idéia, atualmente apenas sete empresas dominam a grande fatia do mercado mundial. São elas: AOL-Time, Warner, Disney, Sony, News Corporation, Viacom e Bertelsmann. Fonte: MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Técnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século*. In: MORAES, Denis de (org.). *Sociedade midiática*, pág. 52.

⁸⁰ SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*, págs. 57 e 58.

0

P e f c n c g d h f c g c d g c n e o c f f e g g g
 . f c k . o c . k o c i o / o f o o c o o g i o c i o g l g c n g
 C c . f c f k i k c f c e o f . f c f g c o l g f c c o f k g g g g
 . f o c f k c o c k r f o g c g c c f c f k c f k o d g f c g g
 f k i c r o f k f h o g g f e j c o c f g e g i g e c f c g g
 o f k c h o k f c o c k k o k g g i f c n e g f g g
 f k k c f k c k h o c k o r k g f c r i c f c k h o l e c e o c g
 n e o k e c f f g c . v f g c g o k d a g e c g f g
 k h o o j e e c o f i g g e g k k g f c h o c f g
 e c f c f e r i c o f e j c o c f g e n c f o g c r i e d e r i c g

Q c e o c k c e r c f c c f k i g c n g g f f i l g c c g c f c g
 . k h . o c . o . k o c i o f i c o c k g o l e g e g o c o o c
 . i c i o k c n o c e k f g o c o k g l g o g f i g k c k c
 e o f f c f f g c n g k f k i . g e d f g e g g g g
 . c c f f k f k o k e o c f C i c f c . e o l e c c k h o l e c g o k
 f c f . e o . e g c g g e k . j g o k h k g e e c f g g g
 e k r o c n j o c g i g d . o c o g c f i k i c e c f g g g

⁸¹ Ibid., págs. 59 e 60

Neuromancer

⁸⁴ HILLIS, Ken. *Digital sensations. Space, identity and embodiment in virtual reality*, pag. 22. In: *Ibid.*, págs. 98 e 99.

Cibercultura

ki ktec eo co fc-cc m g egkcf kf kege o gg g g
nk cc of k ck gdfk ek cn kkg Onge o gcf C g g
nc f eo cf cd ne o ock hce g gc nggcf dk nitec gg g gg
e nitec Oncf c g f P g fkc o g lg lke fg f g g
chnc o c nc c f eo . cf o gne dc f i ccf f f f gg
eo c ec kc j dk eng k tge gkb c o ke c gco c
ek eo dk ock c o fgf ekok 0 erjc kg P e c c gg
c n c fc ne cf fc f k g o g g ki cg e gkf f f g g
ko nc co ce n e j ock c c g gk g c g e o Hc g

⁸⁵ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*, pág. 17.

⁸⁶ Ibid., pág. 17.

⁸⁷ SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*, págs. 81 e 82.

O f c c h f c h co ecfc m f nko fc gkg g g g /g
f o nko f f e o k c g k g c n l c f c o . g g f / g
ekcf . e o k o c f c c f f k h . f 0 . k g g f E o g g g
k oc ek f c f f f k d k k c o k f c n e g g h c e e ek f g c g
ek f c f k e c f k i c 0 o g o g g c n k g k g h e c g c f g g
oc e k c c o k k 0 ec c d e n g g g g g g g g g g g g

O Carapuceiro

⁸⁸ SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*, pág. 82.

III. “A invenção do Nordeste”

3.1. O conceito de região pela Geografia e relações de poder que passam pelo

89

Esta citação é parte de uma resposta de uma das entrevistas do filósofo Michel Foucault publicadas no livro *Microfísica do poder*. Nesta entrevista especificamente, o pensador francês mostra que as determinações espaciais são estratégias que se camuflam em formas de discursos e estão eminentemente ligadas as relações de poder. O conceito moderno de “nação” - que advém das franjas do romantismo no século XIX e emerge concomitante a consolidação do Estado-nação europeu⁹⁰ - é uma boa ilustração dessa postura estratégica. Olhemos tal conceito rapidamente.

De acordo com o historiador Eric Hobsbawm, havia apenas três critérios práticos no século XIX que autorizavam um povo ser classificado como nação:

91

O conceito moderno de “nação” surge, portanto, calcado nestes três critérios. E, como o trecho citado deixa perceber, foi um conceito primeiramente instituído pelo “alto”, ou seja, pela elite dirigente e, em seguida, espalhado pelos ideólogos do triunfante liberalismo burguês do velho continente – não por acaso serviu como legitimação do poderio das grandes potências da época, mais notadamente Inglaterra

⁸⁹ FOUCAULT, Michel. *Sobre a geografia*. In: *Microfísica do poder*, pág. 158.

⁹⁰ Sobre esta periodização, o antropólogo Hermano Vianna coloca: “O estilo ‘nacional’ surgiu apenas ‘por volta dos fins do século XVIII’ e só se transformou numa ‘norma internacional legítima’ (o Estado-nação) com o fim da Primeira Grande Guerra e a criação da Liga das Nações (Anderson, 1989:29).” VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*, pag. 160.

⁹¹ HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo – desde 1780*. Págs. 49 e 50.

e França⁹². Durante boa parte do século XX, podemos observar que o conceito de “nação” - não precisamente aos moldes definido por Hobsbawm, mas mantendo o mesmo princípio de instrumento de legitimação e mobilização política - se espalhou e se fez presente em acontecimentos históricos importantes no cenário mundial. Não obstante, algumas atrocidades contra a humanidade foram cometidas sob a égide do discurso da “nação” – o caso do Nacional-Socialismo na Alemanha foi o maior exemplo entre muitos outros.

É importante considerar aqui que, para além do vocábulo “nação”, todas as suas derivações – nacional, nacionalismo, etc. - também ocultaram (e ainda ocultam) discursos e representações de poder. Quase como uma extensão deste sentido, o mesmo uso se deu com outras determinações espaciais, como é o caso da palavra “região” (igualmente acompanhada por suas derivações). Sendo esta alvo importante de investigação em relação ao tema desta tese, seguiremos na análise de suas implicações.

Antes de se reportar à geografia, a noção de região se refere a uma noção fiscal, administrativa, militar (vem de *regere*, comandar). Ela não diz respeito apenas a uma divisão natural do espaço, nem a um recorte do espaço econômico. Tal como ocorre com a “nação”, a “região” se liga diretamente às relações de poder e sua espacialização. Sobre isto, Albuquerque Jr. coloca que:

regio

A região é produto de uma batalha, é uma segmentação surgida no espaço dos litigantes. As regiões são aproveitamentos estratégicos diferenciados do espaço

⁹² Aqui vale considerar, no entanto, que na própria obra citada Hobsbawm considera que as nações são fenômenos duais, ou seja, mesmo sendo construídas essencialmente pelo alto, elas não podem ser compreendidas sem serem analisadas de baixo, sem levar em conta as esperanças, as necessidades, as aspirações e interesses das pessoas comuns, embora considere que essa perspectiva seja extremamente difícil de ser descoberta (este seria o desafio para os historiadores sociais que trabalham na área de estudos nacionais).

Num sentido semelhante, a Doutora em Ciências Políticas (IUPERJ) Iná Elias de Castro define, no artigo “Visibilidade da região e do regionalismo”, a derivação “regionalismo”. Segundo Castro:

Portanto, vista como uma instância política e de conflitos, “região” (como suas derivações) não pode ser concebida como um dado ou referência pronta. Não é uma unidade territorial que possui uma diversidade, e sim o fruto de uma estratégia de homogeneização que ocorre no embate de forças que dominam outros aspectos que também são “regionais”. Ela é móvel, aberta e atravessada pelas relações de poder. Estas características fazem com que o Estado possa ser chamado a colaborar na sedimentação de suas fronteiras, tornando-se um campo de luta privilegiado para as disputas regionais – não cabe a ele demarcar os limites político-institucionais da região, mas pode vir a legitimar estas demarcações que eclodem nos conflitos sociais.

Tal como ocorre com o conceito de “nação”, a concepção de “região” é uma construção mental, um construto abstrato que tenta abarcar uma generalização intelectual composta por uma grande variedade de experiências afetivas. Como bem coloca Albuquerque Jr.: “Falar e ver a nação ou a região não é, a rigor, espelhar estas realidades, mas criá-las”⁹³. Para este autor, ao se tornar um espaço institucionalizado, a região (ou a nação) ganha foro de verdade e que esta cristalização da (pretensa) realidade objetiva nos faz falta porque aprendemos a viver por imagens. Segundo ele:

⁹³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, págs. 25 e 26 (itálicos do autor).

⁹⁴ CASTRO, Iná Elias de. *Visibilidade da região e do regionalismo*. In: LAVINAS, Lena [et al.]. *Integração, região e regionalismo*, págs. 164 e 165.

⁹⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Op. cit.*, pág. 27.

Vistas como máscaras a serem elaboradas permanentemente, as fronteiras e os territórios regionais são criações eminentemente históricas. E tal perspectiva histórica nos concede a percepção de vários aspectos de uma realidade espacial em questão – aspectos econômicos, políticos, jurídicos, culturais etc. A ênfase em quaisquer desses aspectos – ou a relação entre eles – são escolhas interessadas ou, em última instância, políticas. Assim, é preciso percebermos as relações espaciais como relações políticas e, mais importante, os discursos sobre o espaço como discurso da política dos espaços, resgatando para a política e para a história, o que nos é apresentado como natural, como nossas fronteiras espaciais e/ou - mais especificamente, no caso que nos interessa - nossas regiões.

Para Iná Elias de Castro, o mito fundador do Estado no Brasil – atribuído à estratégia colonial portuguesa da conquista territorial – instituiu um imaginário da unidade e da identidade nacionais. Este imaginário, segundo ela, seria responsável por acobertar as diferenças e as possíveis reivindicações regionais, principalmente no século XIX. De acordo com Castro:

Desta forma, a identidade nacional baseada na extensão territorial – que estabelecia a legitimidade através da fé no destino de grande potência – e a unidade lingüística e religiosa – que concedia as bases de legitimidade da integração territorial – tornavam qualquer diversidade entre brasileiros das várias áreas do extenso território um assunto para estudos sobre o folclore, e, raramente, um tema que pudesse ter conteúdo analítico mais desenvolvido. Para alguns ideólogos do Estado brasileiro, a unidade territorial constituiu (e, para aqueles que ainda acreditam,

⁹⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 27.

⁹⁷ CASTRO, Iná Elias de. *Visibilidade da região e do regionalismo*. In: LAVINAS, Lena [et al.]. *Integração, região e regionalismo*, pág. 163.

constitui) a base necessária da coesão social garantida pelo vínculo ao pacto da nacionalidade.

Sob este imaginário da unidade nacional, a história da estrutura territorial no Brasil se estabelece com a acomodação política das oligarquias regionais por meio de sua participação, direta ou indireta, no governo central. No período pós-independência, nenhuma das regiões tinha força econômica ou política suficiente para assegurar, por si só ou com aliança, o domínio do Estado. O governo central pregava a necessidade de abafar eventuais separações territoriais para garantir a política de unidade territorial e, conseqüentemente, a unidade política. Sobre este assunto, Castro coloca:

98

No entanto, na segunda metade do século XIX, neste mesmo momento em que a centralização política do Império ia conseguindo se estabelecer no lugar da dispersão até então vigente, o discurso regionalista aparece no Brasil. Apesar de todo esforço de estruturação e manutenção da unidade nacional, ele surge como contraponto a uma idéia de pátria que se impõe, fazendo brotar reações em diversos lugares do país. Este primeiro regionalismo (ou regionalismos) se caracterizava por sua ligação a questões provincianas e locais, carregando frequentemente fagulhas de separatismo. Ele foi marcado sobretudo por seu viés naturalista (inscreve-se no interior da formação discursiva naturalista da época), considerando as diferenças entre os locais do país como reflexo da natureza, do meio e da raça. Em sua perspectiva, as variações de clima, de composição racial do povo, de vegetação, justificavam as diferenças de hábitos, de práticas sociais e políticas. Neste primeiro instante, o discurso regionalista estabeleceu um corte muito abrangente, dividindo o país basicamente em “Norte” e “Sul”.

⁹⁸ CASTRO, Iná Elias de. *Visibilidade da região e do regionalismo*. In: LAVINAS, Lena [et al.]. *Integração, região e regionalismo*, pág. 164.

Na virada do século XIX para o século XX, vários fatores põem em marcha uma série de transformações sociais, políticas e econômicas no Brasil. A regionalização do mercado de trabalho com o fim da escravidão, o início da industrialização e a concentração do processo de imigração na região Sudeste – principalmente em São Paulo –, foram acontecimentos determinantes na constituição de uma nova feição para o país – uma feição moderna. Tais fatores desencadearam uma reordenação espacial da nação que possibilitou o aparecimento de discursos regionalistas mais elaborados. Somou-se ainda a estes acontecimentos, o fato de que nesta época o paradigma naturalista já encontrava-se em crise, o que permitiu um outro olhar em relação ao espaço e também uma nova sensibilidade social no que se refere a nação. Criou-se então neste momento um clima favorável à discussão de questões como identidade, raça e caráter nacional. Um clima que foi também propício para se pensar uma cultura nacional capaz de abarcar a pluralidade espacial do país em todos os seus grotões.

Diante desse quadro, o pioneiro regionalismo naturalista começa a perder seu lugar com o advento da modernidade brasileira. As transformações nas relações sociais e de espaço no país conduzem inevitavelmente a um outro pensamento sobre a concepção de “região”, abrindo a perspectiva para uma nova forma de regionalismo. Sobre esta mudança, Albuquerque Jr. faz a seguinte descrição:

O autor coloca, no entanto, que o surgimento de uma nova concepção de região não só se deve a transformação na sensibilidade em relação ao espaço, “da mudança

⁹⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, págs. 47 e 48.

de relação entre o objeto, a região e o sujeito cognoscente”¹⁰⁰. Ela aparece, sobretudo, decorrente de uma mudança mais geral na disposição dos saberes, possibilitando um novo modo de olhar e alterando o jogo mútuo entre aquele que deve conhecer e aquilo que é objeto de conhecimento. Para Albuquerque Jr., esta mudança geral na disposição dos saberes é o que pode se chamar de emergência de uma nova formação discursiva.

O estabelecimento desta formação discursiva nos anos vinte é caracterizado pelo binômio nacional-popular. Sob este binômio, qualquer perspectiva regionalista era colocado num lugar de subordinação. Isto porque, segundo Albuquerque Jr.:

101

Entre os choques dos discursos regionais que ocorreram nesta época no país, um ganhará importância especial, tornando-se inspiração de criações nos vários campos da cultura e, posteriormente, alvo de investigações críticas e acadêmicas: o embate entre a oligarquia rural nordestina, representante da antiga tradição de base agrária, e a oligarquia paulista, vitoriosa como expressão urbana do processo de industrialização. Um embate que, diga-se de passagem, será importante – quiçá o mais - para toda produção e debate no campo cultural brasileiro durante o século XX (e até os dias que correm). Um embate que “fundará”, discursivamente no campo da arte e da cultura, o Nordeste.

Para analisar a construção discursiva sobre esta região que se funda e estabelece ao longo do último século, este capítulo toma como referência a partir daqui o recorte proposto pelo já mencionado livro *A invenção do Nordeste e outras artes* de Durval Albuquerque Jr., no qual o autor divide a produção cultural nordestina em dois

¹⁰⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 48.

¹⁰¹ Ibid., pág. 48.

grandes blocos que abrangem obras e artistas identificados com as respectivas perspectivas: o Nordeste como espaço da saudade e como território da revolta.

3.2. A “fundação” do Nordeste – a região da saudade

Qualquer local, cidade, região ou nação é composto por uma realidade variada de vidas, histórias, hábitos e costumes. Porém, é o encobrimento desta variedade, em nome ou em torno de uma unidade interessada, que possibilita a instituição de um discurso identitário predominante. Com o Nordeste não ocorreu diferente.

Para Albuquerque Jr., a região Nordeste que emerge na “paisagem imaginária” do país nas primeiras décadas do século XX (colocando-se no lugar da antiga divisão regional Norte e Sul) foi fundada na saudade e na tradição. O Nordeste, não mais sob a ótica naturalista-geográfica, foi, como dito acima, uma “ela

e suspensões de dívidas foram realizadas pelo Estado, deixando mais do que evidente o apoio da Coroa Portuguesa aos produtores de açúcar brasileiros.

No entanto, com a independência do Brasil e, conseqüentemente, com a ruptura do antigo sistema colonial, a força da elite rural-açucareira nordestina declina diante de novas conjunturas econômicas internacional e nacional. Depois de anos de cumplicidade com o governo, esta elite se ver ameaçada pelo melhor preço do açúcar no mercado mundial (principalmente o das Antilhas) e pelo próprio sucesso da nova experiência agrícola interna na produção do café. E foi justamente este grão o principal “agente” modificador das relações de poder nacional ao longo do século XIX. O café permitiu a emergência de novas áreas e de novas lideranças políticas e econômicas no cenário nacional - alheias ao longo domínio da “açucarocracia” nordestina -, trazendo novas contribuições para o aprofundamento da distinção regional em benefício do Sudeste.¹⁰³

Passando a liderar a balança comercial desde 1830, a produção cafeeira de encadeou dois fatos conseqüentes

institucionalizada pelo governo (neste instante muito mais próximo da região emergente) que o Nordeste emerge como discurso marcadamente regionalista. Sobre isto, Albuquerque Jr. coloca:

104

O desafio, portanto, para o Nordeste – ou, pode se dizer, para a elite intelectual nordestina – passa a ser então o de fundar uma representação original para a região, num esforço de construção e organização de símbolos que se constituíssem como seus códigos fixos, na tentativa de ordenar um conjunto de visões que estabelecessem certas características estáticas para ela.

Neste processo de “ordenação simbólica” para o Nordeste, alguns acontecimentos contribuíram de forma decisiva para a elaboração discursiva da região. Entre eles, a seca de 1877-79 foi o primeiro e talvez o mais crucial (foi a primeira vez que este fenômeno natural passa a ter repercussão nacional através da imprensa). Ela atingiu violentamente os proprietários de terra, fazendo-os lutar por recursos frente ao governo federal através da união dos deputados “nortistas” que passaram a perceber o flagelo como uma poderosa arma para reivindicar um tratamento equivalente ao que era concedido aos do “Sul”. Em decorrência desta seca, foram criados os órgãos: IOCS (Inspetoria de Obras Contra as Secas) em 1909, que se torna um local institucional de fermentação do discurso regionalista em contraponto ao Estado Federal que estava sob o domínio das oligarquias mineira e paulista; e, em 1919, a IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, atual DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas) que institucionaliza o

¹⁰⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 67.

termo “Nordeste”, designando-o como a área de atuação do órgão e que contava com a participação de intelectuais e políticos que tentavam construir uma imagem e um texto mais homogêneo para a região.

Outro acontecimento importante foi a exclusão das províncias consideradas do “Norte” no Congresso Agrícola, realizado em 1878 no Rio de Janeiro. A não inclusão dos representantes da região, talvez tenha gerado o primeiro momento em que os discursos das oligarquias nordestinas tematizam sobre a diferença de tratamento e da conjuntura econômica e política entre o “Norte” e o “Sul”. Como resposta, foi organizado o Congresso Agrícola de Recife, que além de palco da discussão sobre a crise da produção açucareira, a seca e o crescimento da venda de escravos para o “Sul”, tornou-se um encontro de críticas a forma de condução administrativa excludente do Estado em relação ao “Norte”, no que diz respeito a investimentos, a política fiscal, a construção de obras públicas e a política de mão-de-obra.

Ainda neste processo de “ordenação simbólica” da região, vale destacar a importância fundamental de uma cidade: Recife, ela mesma que já tinha sido sede do citado Congresso Agrícola. A capital pernambucana além de centro comercial e exportador na época, era o centro médico, cultural e educacional do “Norte”, o que atraía boa parte dos filhos dos grupos dominantes dos Estados circunvizinhos para realizarem seus estudos. Para se ter uma idéia, a Faculdade de Direito do Recife e o Seminário de Olinda foram instituições responsáveis pela formação superior de várias gerações oriundas da elite rural. Sobre elas, Albuquerque Jr. comenta:

¹⁰⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, págs. 71 e 72.

Desta forma, pode-se afirmar que o “intelectual regional”, o “representante do Nordeste”, começou a ser “fabricado” com esta concentração dos filhos dos grupos dominantes da região na cidade do Recife.

Foi também nesta cidade onde se deu no ano de 1924 a fundação do Centro Regionalista do Nordeste, marco crucial na consolidação discursiva da região. O Centro tinha como propósitos apoiar os movimentos políticos que objetivassem desenvolver moral e materialmente o Nordeste e, também, defender os interesses da região de forma solidária. No seu programa fica clara a idéia de acabar com os particularismos provincianos, a fim de criar uma comunhão regional. Foi criado com o intuito de ser uma instituição capaz de reunir os “elementos de vida e cultura nordestinas, organizando conferências, excursões, exposições de arte, uma biblioteca com a produção dos intelectuais da região no passado e no presente e editar a revista *O Nordeste*”¹⁰⁶. Reunia tanto intelectuais ligados às artes e à cultura, como pessoas cujos interesses se voltavam para as questões políticas locais e nacionais. O Centro também foi o berço do Movimento Regionalista e Tradicionalista de Recife, de caráter cultural e artístico (objetivava resgatar e preservar as tradições nordestinas), cuja afirmação se dá no Congresso Regionalista do Recife realizado

do Nordeste. Por ocasião do centenário do jornal (1925), foi publicado - sob a influência direta de Freyre - *O Livro do Nordeste*, primeira tentativa de fazer um recorte de conteúdo cultural e artístico da região, através do resgate do que seriam suas tradições, suas memórias e sua história. Nele foram inventariados, de forma multidisciplinar, os negócios, as artes plásticas, a arquitetura, a geografia, a música, o artesanato de rendas e outros aspectos da cultura nordestina. Logo no seu editorial, Freyre coloca que *O Livro do Nordeste* é um “inquerito da vida nordestina; a vida de cinco dos seus Estados, cujos destinos se confundem num só e cujas raízes se entrelaçam nos últimos cem anos”¹⁰⁷. O objetivo d’*O Livro*, no entanto, não era o de apenas mapear e demarcar as especificidades locais em diversas áreas temáticas, mas também o de fixar a região como berço da nacionalidade brasileira. Desta forma, para aqueles que compuseram a obra, a identidade nordestina se conformaria não só pela diferenciação ao que seria próprio das demais regiões do país, mas também como uma espécie de guardião das raízes culturais do país.

Todos esses acontecimentos, somados a algumas práticas avulsas, trouxeram à tona e institucionalizaram a idéia de Nordeste. Uma idéia inicialmente de circulação limitada, patrimônio das elites intelectuais e políticas, que foi capaz de funcionar como lastro para as produções culturais e artísticas nas mais variadas áreas (literatura, artes plásticas, arquitetura etc.) e também de servir como afirmação política frente posição hegemônica da região Sudeste. De acordo com Albuquerque Jr.:

108

3.2.1. A tradição como freio da história

No livro *Mundialização e cultura*, o sociólogo Renato Ortiz inicia o capítulo VI, intitulado “Legitimidade e estilos de vida”, com um argumento que considero ser uma fotografia, um instantâneo, do tópico presente. Segundo Ortiz:

¹⁰⁷ FREYRE, Gilberto. *Vida Social no Nordeste*. In: *O Livro do Nordeste*, pág. 75.

¹⁰⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 74.

Como já foi dito, a fundação de uma identidade regional nordestina se deu baseada na saudade e na tradição (memória é outra palavra que caberia aqui perfeitamente). Para perceber isso com maior clareza, é preciso atentar para o fato de que ela emerge como resistência a dois processos que se atravessam, um externo e outro interno. Processos que são “filhos” da modernidade. O primeiro decorre da globalização do mundo pelas relações sociais e econômicas capitalistas, que estabelecem, conseqüentemente, maiores fluxos culturais já nas primeiras décadas do século XX. O segundo ocorre pela nacionalização das relações de poder e a concentração deste em um Estado que ia se burocratizando cada vez mais. Em oposição a estes processos, a identidade nordestina, no seu primeiro momento, foi tecida na costura da memória, na invenção das tradições, na busca de uma origem que religasse os homens daquela época ao passado (muitas vezes tomado de forma fictícia e pretensamente idílico).

A falência da antiga sociedade agrária nordestina - e a conseqüente crise dos códigos culturais da região - levou os intelectuais e artistas locais a elaborarem uma idéia de Nordeste permeada de lirismo e saudade, idealizando um lugar que já não mais existia (se é que existiu e para quem). É por esta razão que as supostas tradições da região foram sempre procuradas em fragmentos de um passado rural e pré-capitalista. Tradições que foram buscadas em padrões de sociabilidade e sensibilidade patriarcais, muitas vezes recheadas de heranças escravistas. Esta busca desencadeou “uma verdadeira idealização do popular, da experiência folclórica, da produção artesanal, tidas sempre como mais próximas da verdade da terra”¹¹⁰. Para estes intelectuais e artistas, o folclore era o inventário do inconsciente regional, uma

¹⁰⁹ ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*, pág.183.

¹¹⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 77.

espécie estrutura ancestral que permitia o conhecimento espectral da cultura nordestina. De acordo com Albuquerque Jr.:

111

Nesta perspectiva, o folclore passa a ser um elo integrador do povo dentro do processo de “invenção” regional. No discurso tradicionalista nordestino, o folclore tinha (talvez ainda possamos dizer “tem”) uma função disciplinadora, calcada na manutenção dos costumes, que poderia estabelecer códigos sociais suficientemente competentes para anular os conflitos desencadeados pela modernidade. Ele forneceu elementos inspiradores para novas formas artísticas e culturais, mas que mantinham o mesmo espírito pré-capitalista das manifestações populares, colaborando para o estabelecimento das tradições. Tal apropriação do folclore pode ser reconhecida tanto nas obras dos intelectuais e artistas da época como em outros trabalhos futuros. É o que podemos observar desde o pioneirismo da produção sociológica de Gilberto Freyre e da ficção de José Lins do Rego, até o teatro de Ariano Suassuna já nos anos 50 (e que mantém abordagem semelhante ainda no Movimento Armorial, criado na década de 70).

Esta forma dos tradicionalistas nordestinos se relacionarem com o folclore serve de exemplo para a percepção de como a história é tomada como o lugar da produção da memória, estabelecendo discursos reminiscentes e de reconhecimento. Para eles, o uso da história se dá, sobretudo, no processo de afirmação da identidade local, através da construção interessada de uma continuidade e de uma tradição. Sobre isto, Albuquerque Jr. coloca:

112

¹¹¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 78.

¹¹² Ibid., pág. 79.

É nesta relação com o folclore e com a história, no apego a memória e no olhar voltado para si, que o Nordeste se revela inicialmente enquanto construção discursiva. No seu primeiro momento, a invenção da região é uma forma de se defender contra a expansão moderna, contra o crescimento acelerado do mundo urbano e industrial (como vinha ocorrendo a todo vapor no Sudeste do país). O regionalismo que daí se desencadeia surge justamente das práticas políticas que conduziram à descoberta da região como uma arma contra os excessos da centralização política e econômica, como um bloqueio aos processos centralizadores do desenvolvimento capitalista. Nele ficam explícitas suas características reacionárias, evidenciadas não só por se atrelar à memória (passado), mas, sobretudo, pelo desejo de paralisar a história.

O reflexo de tal postura nas criações artísticas se revela a todo instante. Na literatura, por exemplo, é expressa através do conteúdo memorialista das ob,

O adjetivo “abstrato” serve como “síntese sintomática” das acusações que o sociólogo pernambucano desferia aos modernistas paulistas. Para Freyre, estes, ao enfatizarem a forma na busca de um rompimento com a narrativa e os modelos literários tradicionais até então vigentes, tinham abandonado a pesquisa histórica, sociológica e antropológica nos seus trabalhos e também não se preocupavam com a caracterização histórico-social do país. Tais acusações, no entanto, não correspondem à realidade, pois, os modernistas, pelo menos boa e importante parte deles, estiveram constantemente ocupados com a questão da tradição na cultura brasileira (vide o próprio Mário de Andrade). O que ocorria é que eles percebiam a tradição de maneira distinta, ainda por ser sistematizada, a ser reelaborada com elementos modernos e não apenas preservada como objeto de museu ou artefato folclórico.

No entanto, Freyre tem razão no que se refere à caracterização dos dois grupos. Isto porque certas características do regionalismo tradicionalista como, por exemplo, a crítica à ética e a sociabilidade burguesas, podiam ser encontradas em correntes do próprio modernismo paulista. Aliás, neste sentido Albuquerque Jr. coloca que:

A grande diferença entre os dois grupos talvez tenha se dado justamente na relação com a história. Os regionalistas do Nordeste tomavam o passado como espetáculo, como arquivo da memória do qual eram pinçados elementos para construção de um discurso (e de uma imagem) sobre a região. Neste sentido, a história para eles foi assumida (inconscientemente ou não) como uma força que agia

¹¹³ FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*, pág. 45.

¹¹⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 93.

no apoio da rotina e da sujeição dos indivíduos (a tradição, ao poder), em detrimento da autonomia e da inventividade. Nesta perspectiva, o Nordeste é, conseqüentemente, tomado como uma elaboração discursiva que tenta fazer com que os indivíduos evitem construir suas próprias histórias, que tenta submetê-los a viverem uma história pronta, paralisada, na qual se naturaliza o mesmo cotidiano, as mesmas injustiças e misérias sociais de sempre. Os regionalistas nordestinos, portanto, se mostram como bons exemplos do retrato da tradição esboçado por Renato Ortiz no início do tópico.

3.2.2. As artes da saudade

Vimos acima que a “constituição” discursiva do Nordeste como região nas primeiras décadas do século XX ocorreu através de uma postura de defesa contra a expansão moderna e o conseqüente crescimento acelerado do mundo urbano e industrial, conforme vinha ocorrendo no Sudeste do país. E que tal postura fez com que os intelectuais e artistas nordestinos idealizassem a região como um espaço da saudade, permeado de lirismos, levando-os a transporem este sentimento para as suas obras.

Praticamente iniciada e instituída pelo Movimento Tradicionalista de Recife e pela produção sociológica/antropológica de Gilberto Freyre, a interpretação do Nordeste como “região da saudade” ganhou força em vários campos artísticos ao longo do século XX. Na literatura, além dos trabalhos de Freyre e de outros pesquisadores/escritores sociais (muitos inspirados por ele), esta abordagem ficou evidente nas obras da maioria dos autores do chamado “romance de 30”, talvez a mais importante representação artística deste ideário regional. No entanto, o mesmo sentido saudosista se deu em outras áreas artísticas, como por exemplo, nas artes plásticas, na música e no teatro. Cada área desenvolveu suas particularidades, como a ênfase em sub-regiões diferentes, cronologias distintas, entre outras variações. Veremos a seguir um pouco da produção de cada uma delas através de seus respectivos artistas e obras.

3.2.2.1. A saudade no Romance de 30

Pode-se afirmar que para o “romance de trinta” a decadência da sociedade patriarcal - e sua conseqüente substituição pela sociedade urbano-industrial – foi o seu tema principal, tendo em vista que s

Entre os assuntos abordados pela produção romanesca de trinta, destacam-se alguns “temas regionais”, tais como: a decadência da sociedade açucareira; os conflitos entre o beatismo e o cangaço; o coronelismo e seu universo (autoridade, disputa por terras, jagunços etc.); e a seca e sua iminente epopéia da retirada. Temas que já eram presentes na literatura popular, no discurso político das oligarquias, nas cantorias e desafios dos cantadores, mas que foram trabalhados pelos romancistas de uma forma que se tornaram espectros de uma essência regional.

A seca foi um tema importantíssimo, tendo em vista que foi o próprio fenômeno natural que deu origem à concepção de uma região destacada das demais outras do país. A partir dos romances, a imagem do Nordeste passou a ser pensada tomando a seca como principal paisagem. A retirada do nordestino, uma consequência dela, era um acontecimento que oferecia aos escritores uma verdadeira estrutura narrativa: saída de um local infernal até a chegada ao paraíso, que se materializava no litoral e, principalmente, nas terras mais ao sul. Para Albuquerque Jr.:

Outro tema importante, principalmente no que se refere à criação de um “espaço da saudade”, foi o da decadência da sociedade patriarcal açucareira. A derrocada desta sociedade significou para alguns autores a perda do “paraíso infantil”. O Nordeste que foi traduzido por eles era aquele anterior as usinas, espaço onde todos trabalhavam e ninguém passava fome, onde negros e senhores conviviam

¹¹⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 114.

¹¹⁶ *Ibid.*, pág. 121.

“harmonicamente”, local que tinha feito a grandeza do Brasil através do açúcar. Tal visão da região destacou de forma positiva uma sociedade altamente hierarquizada, na qual as diferenças sociais eram encobertas pelos mecanismos paternalistas, de relações pessoais, mais determinadas pelo sentimento do que pela racionalidade. Os romances produzidos sob esta perspectiva tenderam a potencializar uma leitura amena da escravidão, escondendo seus aspectos hediondos. Eles também destacaram a arbitrariedade do emergente mundo burguês e sua exploração do assalariamento, aspectos considerados negativos e que reforçavam a defesa da velha estrutura patriarcal e escravista.

Os temas estabelecidos pelo “romance de trinta” consolidaram características regionais para o Nordeste com uma força muito grande de impregnação imagética. O sentido de uma identidade nordestina fechada atribuída a este grupo de escritores veio fortalecer a própria estratégia política dos discursos sobre a região, de pensá-la (e sua produção cultural) como uma idéia coesa e possuidora de uma essência generalizável. No entanto, é importante ressaltar que, embora tenham muitas afinidades entre si, os autores possuem diferenças na forma de interpretar a região, sendo, portanto necessário destacar diferenças no interior do próprio discurso tradicionalista para que ele não seja pensado como um discurso de simplicidade homogênea. Dentre os romancistas classificados neste grupo de escritores e que tomam o Nordeste como “região da saudade”, três nomes se destacam: José Lins do Rego, José Américo de Almeida e Rachel de Queiroz.

Se o “romance de 30” foi talvez a mais importante representação artística de um Nordeste como local da saudade, José Lins do Rego foi o escritor que encarnou mais fortemente esta interpretação. Nascido na propriedade de seu pai (Engenho Corredor) localizada no município de Pilar na Paraíba, ele passa a infância envolto pelo universo da sociedade açucareira, ambiente que o inspirou na criação dos personagens dos seus romances que constituíram o chamado “Ciclo da cana-de-açúcar”¹¹⁷.

¹¹⁷ Fazem parte do chamado “Ciclo da cana-de-açúcar” os seguintes romances: *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934), *Moleque Ricardo* (1935) e *Usina* (1936). Alguns críticos literários ainda consideram o romance *Fogo Morto* (1943) ainda pertencente a este ciclo.

Diferentemente do trabalho de Gilberto Freyre, de quem se tornou grande amigo e admirador a partir de 1923 quando terminou a Faculdade de Direito do Recife, as ficções de José Lins não são criadas a partir de uma pesquisa sociológica. São obras construídas baseadas nos relatos que ouvia nos engenhos de sua meninice, permeadas de recordações de seus primeiros anos de vida. Narrativas inspiradas pelas suas memórias de infância, nas quais a vida idílica do engenho se entrecruzava com as apreensões psicológicas que se deram desde a adolescência. Histórias que evidenciam seu sofrimento diante do desmantelamento da sociedade açucareira, seu território existencial que ruía com as transformações do país.

De uma forma geral, os livros do “Ciclo da cana-de-açúcar” descrevem um processo de destruição paralelo a um esforço de reconstrução deste território existencial. Na sua escrita, José Lins denota uma vontade de reconstruir o passado que viveu, para assim escapar do presente que vivia. Uma vontade de dar continuidade ao ambiente da gente no meio da qual foi criado, de seus antepassados. Como tem consciência da impossibilidade de tal desejo, o autor fez de sua prosa um veículo de vingança contra os que contribuíram para a dissolução das relações sociais tradicionais. Daí a presença de elementos da velha sociedade patriarcal (o engenho, o senhor) sempre vivos, opondo-se a uma nova realidade que emerge. Nova realidade que também é vingada aparecendo como responsável por infortúnios da vida como doenças, melancolia, loucuras etc.

Este confronto entre velha ordem patriarcal (no seu caso, a açucareira) versus a moderna civilização burguesa marcou significativamente a obra do escritor. Seus personagens foram criados quase como lamentos da disseminação da segunda em detrimento da primeira. Em sua maioria, são homens incapazes (e incapacitados) de transpor as fronteiras de seu (velho) mundo, com dificuldades de comunicação, perante um (novo) sistema que parece estruturado para fazê-los sofrer. Homens para os quais a realidade presente parece não existir, que vivem no mundo das recordações, enquanto assistem o seu mundo de fato diminuir, tornando-se sufocante. O embate é ainda evidenciado quando o autor deixa transparecer também nos seus personagens uma interpretação naturalista (congeneridade entre homem e meio) da vida, destacando neles a presença de uma certa “natureza humana”, com emoções

primitivas, naturais, e mesmo traços de irracionalidade que a civilização não conseguia eliminar. Para José Lins, a superficialidade da civilização é que era incapaz de traduzir a verdade do homem, sendo as máscaras burguesas o verdadeiro empecilho para se descobrir a essência do indivíduo na sua relação com o meio. Sobre este confronto, Albuquerque Jr. ainda coloca:

118

Igualmente paraibano – nascido no município de Areia - e também filho de senhor de engenho (de uma família de forte influência política), José Américo de Almeida foi outro importante escritor a imprimir uma visão nostálgica para o Nordeste. No entanto, apesar de ser um homem oriundo dos canaviais da zona da mata, elegeu o sertão como espaço-modelo da região.

Através d'*A Bagaceira*, romance que o projeta para todo país, José Américo aborda o tema da retirada dos sertanejos para o brejo (zona da mata), onde iam para trabalhar na colheita da cana, expondo os conflitos que ocorriam entre eles e os brejeiros em decorrência de suas diferenças. No livro, o autor expôs sua verve naturalista pela ênfase que dá ao meio natural na construção de seus personagens. Partindo da falsa idéia da ausência de escravidão no sertão, ele mostra o sertanejo como uma classe racial superior, pois além de não ter sangue negro, é o único tipo regional capaz de vencer o problema das secas (problema natural que impedia a afirmação da sociedade nordestina).

A Bagaceira é praticamente a obra que inaugura a tradição literária do romance social nordestino, a qual estabelece a denúncia da miséria como regional e espacial (muitas vezes escondendo as responsabilidades dos homens de poder). No entanto, é

¹¹⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, págs. 134 e 135.

uma obra um tanto ambígua em relação ao Nordeste que deseja estabelecer. Nela – e também em outros romances -, José Américo tenta conciliar padrões sociais tradicionais da região com a modernização técnica da sociedade burguesa. Cria uma região não apenas como espaço da memória, mas também tocado pela história, desde que fosse mantida a estrutura social como sempre existiu. Sobre isto, Albuquerque Jr. comenta que:

119

Rachel de Queiroz é outra importante escritora que imprimiu em suas narrativas uma perspectiva nostálgica para o Nordeste. Apesar de ter nascido em Fortaleza, Ceará, é oriunda de famílias tradicionais sertanejas (dos municípios de Quixadá e Beberibe). Foi, juntamente com Jorge Amado, dos primeiros romancistas a expor a questão social e a revolução como assuntos literários. Mas, diferente do escritor de *Capitães de areia*, ela associa esses temas a uma representação tradicionalista da sociedade, evocando-os em nome de um passado que se diluía.

A autora publicou aos 20 anos a sua obra de maior repercussão nacional, o romance *O Quinze*. Nele relata o drama de seus personagens, e dos sertanejos em geral, decorrente da seca de 1915. O fenômeno natural é visto na obra como uma fatalidade que desordena o cotidiano da sociedade sertaneja, causando a desintegração das relações tradicionais de produção e de poder, e também desencadeando a dissolução dos códigos sociais e morais. Sendo assim, na perspectiva de Queiroz a seca funcionava como uma espécie de causa substituta para justificar todo o processo de decadência que já vinha se desenrolando nas velhas sociedades tradicionais nordestinas, independente do fenômeno.

Sua escrita revela um traço naturalista, pois parece procurar o homem “natural”, selvagem, isento de controles e restrições sociais. Como escritora e militante política

¹¹⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 139.

de esquerda¹²⁰, Rachel de Queiroz desejava uma mudança social que conduzisse o homem na sua “verdade”, livrando-o da ação nociva da civilização. Pode-se considerar que a sua utopia se inspirava na idéia de um ordenamento da natureza e que, por isso, a ordem social deveria estar mais de acordo com a “natureza humana”. Diante dessa característica, sua leitura da revolução se colocava mais próxima de uma reação romântica às artificialidades da sociedade moderna do que de uma transformação completa do seu mundo que, no fundo, lamentava estar se exaurindo. Para Albuquerque Jr.:

121

Diante seus posicionamentos e incursão política - e mesmo suas críticas a certos funcionamentos opressores da sociedade patriarcal – e também da sua idealização da sociedade sertaneja naturalmente generosa, Raquel de Queiroz se coloca numa posição ambígua. Apesar de contribuir na sedimentação do Nordeste como tradição, como espaço da saudade, através da valorização da natureza, do sertão e do sertanejo, a escritora revelou também a região como local de uma possível revolução social, como um território antiburguês e plausível potência de uma transformação social no país mediante as injustiças e misérias que nele ocorre. Posição esta última que foi tomada mais claramente por outros escritores e artistas conforme veremos mais adiante.

¹²⁰ Ajudou a fundar o Partido Comunista do Ceará em 1931, mas deixou a legenda logo no ano seguinte.

¹²¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 142.

3.2.2.2. A pintura regional

Nas artes plásticas, o regionalismo tradicionalista nordestino foi expresso principalmente através da materialização em formas visuais das imagens produzidas na literatura - tanto pelas obras de ficção, como pela sociologia/antropologia freyriana. A pintura nordestina feita na época congelou imagens locais, instituindo-as como representações típicas da região com tal força que, como pôde ser visto posteriormente, elas tiveram (e ainda têm) influências nas produções cinematográficas e televisivas realizadas no país a partir da segunda metade do século XX. De uma forma geral, os quadros carregam imagens sintéticas, simbólicas e arquetípicas, que remetem constantemente a uma suposta essência regional. As paisagens do Nordeste são temas recorrentes nas telas, nas quais são enfatizadas as presenças do sol, da luz, da tropicalidade peculiar. E é através delas que Gilberto Freyre tenta estabelecer certos critérios para a produção da pintura regionalista e tradicionalista:

122

Os pressupostos da pintura regionalista para Freyre eram evocações nítidas da civilização açucareira, a qual oferecia um rico material imagético capaz de romper com a submissão colonial de reverenciar mitos gregos e romanos. Freyre desejava uma pintura cúmplice do seu esforço de salvar formas e figuras humanas e sociais que desapareciam em meio as transformações pelas quais passavam o país. Entre os nomes que se destacaram como representantes legítimos deste ideal de pintura estão, entre outros, os dos pintores Cícero Dias e Lula Cardoso Ayres.

¹²² ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, págs. 146 e 147.

O primeiro retratou a sociedade açucareira de forma poética, lírica, através de uma visão idílica das relações sociais, ignorando os conflitos entre os grupos que a compunham. Pela harmonia das linhas, formas e cores, sua pintura propôs uma suposta semelhança em relação ao próprio espaço social que retratou:

123

O segundo destacou em seus trabalhos a relação entre o homem e a natureza, enfatizando os estragos que, segundo o próprio pintor, a civilização causava nesta interação. Para Lula Cardoso Ayres, o homem que tinha dominado os trópicos pelo amor e pela simbiose com a região, passou a se distanciar desses espaços por causa do predomínio da técnica e das relações artificiais estabelecidas pelo mundo moderno. Neste primeiro momento regionalista, seus quadros tinham características expressionistas, retratavam paisagens e tipos (homens, mulheres e crianças) na intimidade de seus cotidianos de trabalho e das festas. Suas pinturas também abordaram o folclore da região, do qual se apropriou de temas e do realismo mágico das manifestações populares. Em seus quadros é freqüente a humanização de animais e da natureza, sendo ainda constante a presença dos “mal-assombrados”, que habitualmente aparecem nos desenhos ao lado dos objetos retratados da casa-grande, como que estivessem denunciando a morte da velha sociedade patriarcal.

3.2.2.3. O baião saudoso

Na música, a interpretação do Nordeste como espaço da saudade teve particularidades que destoaram significativamente das outras artes, porém sem escapar do sentimento da perda, da visão de um passado idílico da região. Entre estas particularidades duas se destacam: a primeira temporal, pois a “saudosa” música

¹²³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, págs. 147 e 149.

nordestina teve sua eclosão nos anos 40 (década posterior a significativa produção romanesca), fato em grande parte decorrente do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa no país; a segunda autoral, tendo em vista que ela será obra de um único artista de grande relevo e - fato inédito - de origem pobre: Luiz Gonzaga.

Alguns acontecimentos importantes marcaram a vida social e cultural do país na década de 40. Em relação ao Nordeste, um fato que se destacou foi o êxodo de milhares de homens pobres, de origem rural, obrigados a largarem seus locais de nascimento rumo ao Sudeste - desterrados em busca de empregos no pujante parque industrial que, desde a primeira guerra, vinha se desenvolvendo nesta região. Além do estímulo propiciado pelo mercado de trabalho numa região mais rica, outros fatores como a melhoria dos transportes e dos meios de comunicação contribuíram no incentivo para a emigração nordestina. Em relação a este último fator, o desenvolvimento dos correios, dos jornais de circulação nacional e, principalmente, o estabelecimento do rádio como o mais importante veículo de comunicação de massa, contribuíram significativamente na propaganda das oportunidades do Sudeste (divulgadas e estimuladas pelos governos e instituições interessadas por esta migração) e com a própria política de integração nacional defendida pelo governo federal. Sobre a relação entre este último meio de comunicação e a situação histórica daquele instante no país, Albuquerque Jr. coloca que:

nome de Luiz Gonzaga como o grande representante da música nordestina. Nascido no município de Exu, sertão pernambucano, filho de camponeses pobres migrados para o Rio de Janeiro, Gonzaga tornou-se conhecido como o “Rei do Baião”¹²⁵ - ritmo que por conta de seu talento foi o de maior sucesso no país até o ano de 1954.

Inicialmente sua música visava atingir, sobretudo, os nordestinos radicados no Sudeste (a própria história familiar o fez uma legítima representação). Assim, para que suas canções tivessem uma maior penetração nesta colônia de migrantes, ele conseguiu realizar programas nas principais rádios do país, como a Rádio Record (São Paulo) e a Rádio Nacional do Rio (na qual apresentava o programa *No Mundo do Baião*). Além de fazer uso dos veículos de comunicação de massa, e sendo um artista de grande visão comercial para o seu trabalho, Luiz Gonzaga desenvolveu relações com instituições e grupos da sociedade como, por exemplo, uma estreita ligação com a Igreja no Nordeste (ele era bastante cristão), e também com as oligarquias tradicionais, o que sem dúvidas tolheu uma postura mais crítica de seu trabalho, assim como influenciou na interpretação da região que projetou nas suas músicas.¹²⁶

No trabalho de Gonzaga, o Nordeste é o espaço descrito na grande maioria das composições, e nele o sertão é o lugar por excelência. Na sua música, o sertão aparece acompanhado com seus temas e imagens já cristalizados no imaginário comum sobre esta geografia: a seca, as retiradas, a devoção aos santos, o Padre Cícero, o cangaço, a valentia popular etc. O Nordeste sertanejo do artista é sempre representado pelo povo sofrido, simples, resignado, devoto e capaz de grandes sacrifícios: “Nordeste de homens que vivem sujeitos à natureza, a seus ciclos, quase animalizados em alguns momentos, mas em outros, capazes de produzir uma rica cultura.”¹²⁷

Tomando o sertão como espaço-temático e estando afastado dele, a saudade se tornou, quase que inevitavelmente, assunto recorrente nas músicas de Gonzaga. Saudade que se expande do lugar, da terra, do roçado, até a família, aos amores, aos

¹²⁵ “Baião” é originalmente título de uma de suas canções do ano de 1946.

¹²⁶ É importante chamar aqui a atenção, porém, de que Luiz Gonzaga não era letrista de suas próprias composições, embora muitas vezes também participasse delas como parceiro, e que seu trabalho não possui uma unidade coerente no que diz respeito a uma postura política.

¹²⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 160.

animais de estimação. Saudades no plural. Saudades que fazem o Nordeste-sertão parecer sempre um local do passado, vivenciado apenas na memória. Um Nordeste-sertão mítico, local para onde sempre se pretende voltar, pois tudo parece (ou se deseja) estar mantido como antes. Um espaço sem história, livre da modernidade e inimigo das mudanças, mas – preferencialmente – preso ao tempo cíclico da natureza, em sua alternância de secas e períodos chuvosos.

A obra de Luiz Gonzaga reforçou a idéia de um Nordeste como local à parte do país, fortaleceu a percepção da região como uma homogeneidade sempre imaginada em oposição às outras (principalmente a Sudeste). Segundo Albuquerque Jr.:

encenação no Primeiro Festival de Amadores Nacionais realizado no Rio de Janeiro (1957). A passagem do espetáculo pelo Rio foi, inclusive, considerada um marco para o teatro nacional e popular, pois era uma resposta a demanda do ideário nacional-popular que desejava uma representação com aquelas características para as artes cênicas. Graças ao universo veiculado pelo *Auto*, que resgatou vários tipos de encenações populares e cancioneiros tradicionais nordestinos, Suassuna passou a ser considerado como uma espécie de fundador do teatro nacional e popular do país.

Para além do *Auto*, a obra de Ariano assume o Nordeste como uma região feudal, medieval, contrária aos desenvolvimentismos do Sudeste, visto como a representação capitalista do país. Uma obra – e um Nordeste – cujos cenários são praticamente todos no sertão (paisagem que lhe é bastante conhecida, pois sua família tem origem sertaneja, tendo ele mesmo vivido alguns anos no município de Taperoá, sertão do Estado da Paraíba). Cenários compostos pela caatinga e pelas pequenas cidades empoeiradas, nas quais a única construção de relevo é a igreja e as únicas autoridades são o coronel, o padre, o delegado e o juiz.

O sertão de Ariano é descrito como um espaço sagrado, místico, parecido com a sociedade de corte e cavalaria ibérica. Terra dos profetas, dos peregrinos, das bandeiras, das insígnias e dos brasões (heráldica). Espaço religioso onde todos os homens são iguais perante a Deus. Igualdade não em relação às condições materiais da vida aqui na terra, pois a existência está sempre condenada a ser imperfeita, sendo justamente a igualdade divina o que mantém a esperança e a resignação diante das piores condições: o sertão se apresenta como um local e um povo em busca de misericórdia. É esta visão de um mundo sacralizado que Ariano opõe ao espírito burguês e moderno, que desautoriza Deus da explicação das coisas. Uma visão que bate de frente com a sociedade moderna, na qual, segundo ele, tudo é máscara, interesse, artifício, mentira e tudo é desprovido de verdades eternas. Ariano mitifica a sociedade sertaneja e seus homens, fazendo de sua obra um monumento a dominação e a ordem da sociedade patriarcal da região.

Seu trabalho é montado nas tradições populares e ibéricas, mesclando-as com elementos do teatro clássico grego e romano. Seu grande desafio foi criar um teatro como expressão do “ethos” do povo, do “gênio de sua raça”, distanciando-se das artes

cênicas de perfil mais intimista e do drama psicológico burguês - para ele o teatro moderno pouco tinha a oferecer ao universo barroco do sertão. Na sua visão, era justamente no teatro ibérico e na literatura de cordel que estavam as fontes genuínas para a criação de um Nordeste ingênuo, singelo, de personagens primários com linguagem rude e pitoresca, que debochavam a sociedade moderna. Um Nordeste sertanejo no qual o riso e o ridículo funcionavam como mecanismos de controle social, de moralização e até de educação cristã – o uso da zombaria e do carnavalesco não se dá apenas como inversão da ordem, mas como instante de elaboração de uma certa ordem. Ao comentar a obra do autor, Albuquerque Jr. coloca:

130

3.3. O Nordeste da revolta

Se, como acabamos de ver, as primeiras formações discursivas acerca do Nordeste tomaram a região através do apego ao passado e a tradição, lendo-a como um território da saudade, a partir da década de trinta uma outra perspectiva começa a surgir no ambiente da cultura e das artes nordestinas. Esta nova visão trouxe como diferença primordial uma outra forma de encarar a história: não a ignora nem a bloqueia mais, e sim tem a pretensão de construí-la. E é mediante esta vontade de fazer história que um outro Nordeste passou a ser esboçado:

¹³⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 172.

Além do crescimento urbano (e concomitante a ele) que já se fazia notar em algumas cidades nordestinas e o conseqüente crescimento da classe média, para Durval Albuquerque Jr. um pensamento teve influência crucial na eclosão e no desenvolvimento deste “outro” Nordeste: o pensamento marxista.

O marxismo foi instituído no Brasil por militantes vinculados ao movimento operário e, em seguida, por intelectuais ligados ao Partido Comunista (PCB) – na universidade ele se estabelece tardiamente, e mesmo tendo inspirado já na década de 30 alguns trabalhos na área de história e de sociologia, foi somente nos anos 40 que passou a integrar sistematicamente o universo acadêmico. No Nordeste, o tom messiânico do paradigma marxista respondeu aos anseios ideológicos tanto de uma classe média em formação e insegura, quanto das gerações seguintes da velha elite tradicionalista patriarcal (de grandes latifundiários, donos de engenho e usinas etc), estirpe que já estava sem influência na vida política do país e sendo jogada para esta mesma classe média debutante. Para alguns descendentes desta elite, a opção revolucionária - diferente da negação do presente e da criação de um passado idílico como ocorrera outrora - foi uma maneira de tentar estabelecer um novo território no futuro, um território que pudesse tomar o lugar do desconforto pelo qual passavam naquele momento. Sendo assim, o marxismo surge então como uma doutrina que os salvariam das transformações trazidas pela modernidade, como um messianismo oriundo da vontade de retomar a identidade que se diluía. Sobre isto, Albuquerque Jr. coloca:

¹³¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, págs. 183 e 184.

No ambiente das artes e da cultura, o marxismo (que já dava suas caras no país de forma institucionalizada desde a década de vinte¹³³, sendo divulgado como teoria e método de interpretação da realidade) a partir dos anos 30 passou a influenciar os trabalhos através dos ecos que aqui chegavam do chamado realismo socialista¹³⁴. Em relação à produção cultural e artística nordestina, a influência marxista alterou a interpretação textual e imagética da região, que passou a ser pensada estrategicamente para denunciar a miserável condição de vida das classes populares e as injustiças sociais a que elas estavam sujeitadas. Foi através das sofríveis condições da realidade popular que escritores e artistas se inspiravam para a elaboração de trabalhos que descortinassem um futuro próspero, uma utopia.

Paralelos e interagindo com o advento do pensamento marxista no país, alguns fatores contribuíram para esta nova leitura do Nordeste, tais como: as publicações de obras relevantes de caráter social, a transferência da questão do nacional-popular do Estado para instituições da sociedade civil e também a força de expressão de alguns artistas.

Se para todo Brasil as obras *Evolução Política do Brasil* e *Formação do Brasil Contemporâneo*, ambas de Caio Prado Júnior - intelectual vinculado ao Partido

¹³² ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, págs. 184 e 185.

¹³³ A fundação do PCB data de março de 1922.

¹³⁴ Estabelecido pelo Ministro da Cultura da URSS Zdanov, e pelo escritor Máximo Gorki, o realismo socialista pregava uma arte que se opusesse ao pessimismo e à decadência associados à cultura burguesa. Em seu discurso no I Congresso pan-unionista de escritores, Gorki proclamou que o “realismo socialista afirma a existência como atividade, como criação”, e esta inversão - é a própria existência que cria, não a arte - provavelmente pretende justificar uma arte não-criativa, que se quer fiel à realidade. No plano formal, a regra era a fórmula real-naturalista do século XIX; no plano temático, personagens populares que encarnassem os valores positivos da nova sociedade soviética. In: <http://www.escolanacionaldeteatro.com.br/artigo30.htm>; http://educaterra.terra.com.br/literatura/romancede30/romancede30_3.htm.

Comunista -, tiveram grande repercussão e importância na divulgação de uma interpretação marxista do país, para o Nordeste dois livros, também influenciados pelo mesmo paradigma, foram cruciais na construção de uma nova perspectiva para a região: *O Outro Nordeste* e *Geografia da Fome*. O primeiro, publicado em 1937 pelo polígrafo e professor Djacir Menezes, chama a atenção para a fome e a miséria na região não apenas como tema sociológico, mas também como tema artístico. Na obra o autor além de denunciar as desigualdades existentes entre o Sul-Sudeste e o Nordeste, relata as diferenças internas desta última região, destacando a importância da “civilização do couro” no sertão em detrimento da zona da mata. O segundo, escrito pelo médico pernambucano Josué de Castro¹³⁵ e publicado no ano de 1946, faz um mapeamento do Brasil a partir de suas características alimentares, deixando clara a trágica situação da fome no país. No trabalho, o autor argumenta que a existência desta não poderia mais ser atribuída a fenômenos naturais, mas a sistemas econômicos e sociais que poderiam ser transformados para o benefício da população. Josué apresenta a miséria e o subdesenvolvimento no Nordeste, classificando os tipos de fome existente em suas sub-regiões: o sertão, caracterizado pelas secas periódicas, é marcado pela existência da fome epidêmica que leva os habitantes ao limite da inanição; já a região da zona da mata sofre com a fome endêmica, permanente, cuja responsabilidade, segundo o autor, deve-se muito a monocultura da cana-de-açúcar que impede a disseminação de uma agricultura diversificada.

Em relação à questão do nacional-popular, com o fim do Estado Novo (1937-45) e a conseqüente redemocratização do país, este ideário cultural deixa de ser gerido pelos intelectuais que estavam a serviço da ditadura de Vargas e passa a ser assumido pelos setores da crescente classe média simpatizantes da esquerda. Segundo Albuquerque Jr.:

¹³⁵ Médico e professor universitário, Josué de Castro chegou a ser embaixador do país em Genebra entre os anos 1962-64. Ficou mais conhecido por sua obra de cunho humanista e político, como o próprio *Geografia da Fome* que se tornou um clássico para os estudos sociais. Foi uma referência para o movimento Mangue, conforme veremos adiante.

Para o autor, quando a questão do nacional-popular se encontra com o marxismo no Brasil, ela começa a conviver e a ser refletida a partir do tema da revolução. No entanto, a questão foi pensada dentro de um conceito de revolução um tanto paradoxal ao modelo marxista – que tem como princípio a expansão internacional -, preso nos limites da nação (do nacional) e sem tomar a luta de classes como princípio, mas sim a defesa do espaço nacional contra o imperialismo. Ainda de acordo com Albuquerque Jr., os intelectuais de esquerda não conseguiam conceber a revolução sem a nação e tomavam uma postura justamente contrária, pensando-a como um mecanismo de defesa, de libertação da pátria. Desta forma, a idéia de revolução também passou a ser a de resistência frente às transformações culturais trazidas pela internacionalização dos fluxos do capital e pela cultura de massas, características da sociedade burguesa que vinha se firmando no país (“por estanhos caminhos, os ‘revolucionários’ se encontravam com os ‘tradicionalistas’”¹³⁷).

Diante deste panorama, a própria concepção de cultura popular foi refeita pelo discurso nacional-popular. A idéia passou a ser a de que para que a cultura popular representasse realmente o interesse do povo, ela precisava de uma postura revolucionária frente à condição social desfavorável da grande maioria da população brasileira. Assim sendo, a cultura popular passou a significar cultura não alienada, expressões da criatividade do povo que tinham necessariamente que discutir questões referentes ao poder e a política. No entanto, o que ocorreu mediante esta perspectiva foi que a cultura popular se tornou cada vez mais a cultura das classes médias, estrato social que andava descontente com sua situação no país. Sobre isto, Albuquerque Jr. coloca que:

¹³⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 189.

¹³⁷ Ibid., pág. 189.

¹³⁸ Ibid., pág. 189.

Resultado (também) do desenvolvimento e o estabelecimento das classes médias, a interpretação do Nordeste como o território da revolta recebeu ainda o reforço do crescimento das instituições acadêmicas brasileiras, compostas boa parte por integrantes deste mesmo estrato social. Neste momento, se instituem no país as vozes dos intelectuais urbanos, resultado de um “olhar civilizado”, contrapondo-se a tradição rural e arcaica. Mas é necessário considerar aqui que nem todos estes intelectuais urbanos viam o marxismo como a única saída para o Brasil. Diferente dos que tomavam a revolução como caminho para um novo mundo socialista, alguns enxergavam no “approach” revolucionário a oportunidade do estabelecimento da sociedade burguesa. O que interessava tanto para aqueles de perfil marxista quanto para o que se posicionavam mais à direita, no entanto, era efetivar um país com traços urbanos e industriais, um país civilizado para se sobrepor a histórica barbárie responsável por seu atraso. Uns e outros acreditavam que o desenvolvimento da nação passava pela difusão das relações burguesas, pela integração dos velhos funcionamentos ao mercado e ao poder burguês, seja para conservá-lo ou para revolucioná-lo num instante futuro.

Entre os trabalhos artístico-culturais que ajudaram a constituir esta leitura do Nordeste como espaço da revolução se destacaram os romances de Graciliano Ramos e Jorge Amado, a poesia de João Cabral de Melo Neto, a pintura de cunho social desenvolvida nos anos quarenta (cujos expoentes foram Cândido Portinari e Di Cavalcanti) e o Cinema Novo, que surge entre o final dos anos cinquenta e começo dos sessenta, tendo o cineasta Glauber Rocha como sua grande representação. Veremos adiante, um pouco das características de cada uma destas produções, que foram transformadas em cânones da cultura brasileira e que ajudaram significativamente a estruturar a rede imagético-discursiva da região.

3.3.1. Romance e revolução

Como foi dito acima, essa outra perspectiva de interpretação do Nordeste começou a surgir na década de trinta. E se ela tem um início temporal diagnosticado, o mesmo se pode dizer em relação a sua área: a literatura. Foi com os romances de Jorge Amado e Graciliano Ramos que a visão revolucionária sobre a região começou

a ganhar corpo. Filhos da decadente elite rural nordestina, fato que faz com que, vez ou outra, deixem passar em seus escritos uma certa nostalgia do passado patriarcal, os dois foram militantes do Partido Comunista e fizeram de suas obras instrumentos de crítica da sociedade burguesa e de instauração de uma nova ordem social. Antes de comentar a obra de cada um, é necessário atentar para o momento político do país e perceber como a literatura estava nele inserida. Para Albuquerque Jr.:

139

Desta forma, o romance nordestino de trinta tomou o realismo e a função social como imperativo fazendo da literatura um instrumento de ação política. E isto num instante em que o desenvolvimento da imprensa e o crescimento dos meios de difusão no país aumentavam todos os tipos de publicações (jornais, revistas etc.).

No que se refere às características dos romances que “lêem” o Nordeste “revoltado”, pode-se dizer que eles pretenderam expor a região como a maior vítima da evolução da sociedade capitalista brasileira. Em geral, eles desejavam desmascarar uma realidade que era atenuada pelos discursos da classe dominante. Descreviam as misérias as quais estavam sujeitas as vidas dos pobres nordestinos, a fim de produzir perturbações na cabeça do leitor (para que este pudesse ter acesso à desgraça alheia). Eram retratos respeitáveis dos tormentos que assolavam a região, e que muitas vezes assumiam um teor reivindicatório e panfletário com o intuito de chamar a atenção da nação para sua responsabilidade com o povo daquele lugar¹⁴⁰. Ainda sobre os aspectos destas obras, Albuquerque Jr. coloca que:

¹³⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 208.

¹⁴⁰ No livro de Albuquerque Jr., o autor destaca uma polêmica crítica em torno desses romances e que diz respeito ao jogo de poder entre forças regionais. Para o poeta e crítico paulista Sérgio Milliet, os romances nordestinos transmitiam um olhar parcial da realidade, pelo fato de só exporem morte e desgraça, resultado de um romantismo exagerado. Já para Ademar Vidal e outros críticos nordestinos, a realidade do Nordeste era muito mais dramática do que aquelas retratadas nessas obras.

3.3.1.1. O romance baiano de Jorge Amado

Filho de um fazendeiro plantador de cacau, Jorge Amado nasceu na fazenda Auricídia, localizada no distrito de Ferradas, município de Itabuna na Bahia, no ano de 1912. Dono de uma vasta produção literária – publicou inúmeros títulos e em vários gêneros¹⁴² -, sua obra sofreu mudanças significativas em relação ao seu conteúdo durante o longo período de atividade como escritor – o que torna difícil caracterizar seu trabalho de forma sintética. No entanto, o que vale aqui é destacar aspectos que sejam relevantes a esta tese e, mais pontualmente, a este tópico que se refere à construção de um Nordeste sob a perspectiva da “revolução”. Entre estes aspectos, três se destacam: a questão da identidade nacional (incluindo a questão do nacional-popular e da cultura popular), a tensão entre materialismo e espiritualidade e a inclusão da Bahia no discurso sobre o Nordeste.

Sobre o primeiro aspecto, é necessário atentar para o fato de que a literatura de Jorge Amado começa a ser feita concomitante as discussões modernistas sobre os temas ligados a identidade nacional e cultural do Brasil, a questão racial, a formação do nosso povo, a relação entre nação e o capital estrangeiro, a possibilidade de uma revolução que seria transformadora para o país, entre outros. Já no seu primeiro livro *O país do carnaval*, publicado em 1931, o autor procurou analisar a questão da identidade brasileira, tomando-a por sua característica carnavalizada. Desde esta obra (e em boa parte do seu trabalho), sua intenção foi a de tentar apreender a identidade e

¹⁴¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, págs. 211 e 212.

¹⁴² Só no gênero romance, Jorge Amado publicou 22 títulos.

a cultura nacional, buscando sua singularidade através de um mergulho nas raízes populares e na realidade do povo. Sobre este ponto, Albuquerque Jr. faz o seguinte comentário:

143

A cultura popular esteve presente praticamente em toda literatura de Jorge Amado. Presente tanto nos elementos que compuseram os livros (personagens, cenários etc.), quanto na sua forma de narrar. Propositamente, o autor construiu um discurso simples, próximo da fala popular, com a intenção de se posicionar contra a postura retórica das classes dominantes que, com suas loquacidades, se escondiam no poder, enganando o povo. Para Amado, a fala livre e displicente do povo era a própria representação dos setores mais carentes da população. Neste sentido, a fala popular era o discurso não censurado que fugia da opressão estabelecida pelas regras e códigos burgueses, sendo, por isto, capaz de revelar a verdade da sociedade que ficava oculta sob os discursos acadêmicos e empolados. Na obra do autor, portanto, tem-se sempre a impressão que ele pretende substituir a “falsa palavra” (o discurso, o texto das elites) pela “palavra da verdade” (o discurso, o texto dos setores marginalizados da sociedade). Isto porque, para ele, “o Brasil e o Nordeste se tornariam mais visíveis em sua verdade, por serem falados pelo povo.”¹⁴⁴

Já no seu segundo romance (*Cacau*, publicado em 1933), Jorge Amado combina esta valorização da cultura popular e a preocupação em relação à identidade nacional com traços conceituais e políticos do marxismo. Esta combinação foi bastante evidente em boa parte de sua produção literária, marcando presença até meados dos anos cinquenta com a publicação da trilogia *Subterrâneos da liberdade* (1954). Neste período sua literatura se caracterizou, entre outras coisas, pela tensão entre o materialismo, princípio da filosofia marxista, e a espiritualidade, oriunda das crenças, do misticismo, enfim, da

¹⁴³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 213.

¹⁴⁴ Ibid., pág. 217.

cultura popular em geral. Através deste arranjo, sua escrita estabeleceu os propósitos de denunciar as injustiças sociais as quais o povo brasileiro estava submetido e de anunciar a revolução socialista como a solução para o infortúnio popular.

Com a influência marxista, Jorge Amado, diferentemente dos escritores nordestinos até então, deu uma dimensão universal ao regionalismo ao colocar os elementos culturais e de expressões locais sob o esquema de interpretação internacionalista do marxismo. A respeito deste período da obra do escritor baiano, Albuquerque Jr. coloca que:

145

Com o romance *Gabriela, cravo e canela* (1958), no entanto, o autor muda a inflexão de sua literatura, que abandona o tom político e panfletário para assumir um viés mais sarcástico e de humor corrosivo. A partir de então, seus livros passam a debochar tanto da velha aristocracia decadente como da nova pequena burguesia brasileira (principalmente a baiana), sedenta pela ascensão social. Neste momento de sua literatura, a distinção de classes deixa de ser determinada pelos interesses e posturas ideológicas dos personagens para se basear na percepção dos códigos sociais, nos limites artificiais que as classes dominantes estabelecem entre elas e as classes populares.

Foi neste momento também que Jorge Amado enfatizou mais incisivamente os aspectos místicos e sobrenaturais do povo (como a crença no candomblé, por exemplo), destacando-os como características de personagens individualizados e não

¹⁴⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, págs. 214 e 215.

só de classe. O escritor baiano passou a ressaltar estes aspectos como integrantes de uma cultura insubordinada, rebelde, que funcionava em outra lógica e que, por isso, era resistente as imposições da civilização branca ocidental e seu funcionamento burguês. Esta postura terminou por levá-lo a uma crítica da razão, sob a qual funcionava o próprio marxismo, do qual era defensor. Sendo assim, dividindo-se entre a crença na resistência (mística) popular e a militância marxista como críticas ao mundo capitalista, Amado escreveu uma literatura montada na tensão entre o materialismo e a espiritualidade ou, em outros termos, entre o racionalismo e o irracionalismo.

Outro aspecto importante da literatura de Jorge Amado é o de que ela contribuiu para a inclusão discursiva do Estado da Bahia na região Nordeste¹⁴⁶. No momento em que o autor começou a a ve mr

3.3.1.2. Graciliano Ramos

Diferente de Jorge Amado, que frequentemente transpôs o seu engajamento político para os personagens, Graciliano Ramos fez do estilo de sua escrita a própria militância. Filho primogênito de uma casal sertanejo de classe média, o escritor nasceu em Quebrangulo (município do qual se tornou prefeito), Alagoas, em 1892. Viveu a infância entre as cidades de Viçosa (AL), Palmeira dos Índios (AL) e Buíque (PE) e terminou seus estudos secundários em Maceió, sem ter obtido nenhum título universitário posteriormente.

Influenciado pelo movimento regionalista e tradicionalista encabeçado por Gilberto Freyre, que lhe despertou para a necessidade de pensar e tematizar o Nordeste e os aspectos de sua cultura com intensidade, Graciliano, porém, o toma num sentido oposto em relação aos discursos instituídos pelo movimento para a região. Para Albuquerque Jr.:

Foi, portanto, através desta percepção da eficácia da linguagem e da forma que Graciliano quis fazer de seus romances expressões que escapassem das ciladas do discurso dominante. Com este intuito, o autor construiu uma linguagem própria, sempre atentando para que ela não reproduzisse um discurso sobre a região atrelado e/ou submetido à ideologia dos que estavam no poder. Fez isso se livrando dos enunciados e clichês do discurso oficial, ironizando a língua sonora, pomposa e repleta de adjetivos compostos, cuja ênfase recaía constantemente nas palavras de enfeite ou que estavam em desuso. Usou a linguagem popular de maneira crítica,

¹⁴⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, págs. 228 e 229.

principalmente no que se refere à forma, pois para ele a depreciação das narrativas populares era uma atitude estratégica na reprodução das relações de dominação.

Para Graciliano, o romance regionalista além de expressar um romantismo afetado, exposto pela ênfase nos aspectos exóticos e na pretensa espontaneidade, preocupava-se pouco com a questão da linguagem. Diferentemente, o autor tinha plena consciência de que a literatura se submetia às regras de produção de verdade de acordo com seu período histórico (e este discernimento, principalmente no seu caso, era bastante relevante, já que buscou escrever romances realistas). Sabia que numa sociedade de classes, em que a alienação e a submissão à ideologia dominante são o posicionamento corrente, nem tudo que é verdadeiro é verossímil. E foi justamente neste ponto que atenta para esta característica relativa da verdade - no seu exemplo, em relação à sociedade e a região - que Graciliano orientou todo o seu trabalho. Em seus livros, procurou uma linguagem livre de ideologias, que exprimisse a verdade do Nordeste tal como realmente era, seco, cruel, desumano, descortês: “Nordeste do pobre, do feio, do sujo, do lixo, de natureza e vidas mesquinhas, do silêncio e da sombra, da decomposição individual e social.”¹⁴⁸

De acordo com o próprio autor, para que seus romances parecessem convincentes, eles partiam do estudo das relações de produção na região, excluindo aquilo que existisse de excedente e exagerado, expurgando o que não fosse indispensável, escolhendo temas, imagens e enunciados que revelassem o universo dilacerado e imundo da realidade nordestina. Graciliano procurou não repetir a mesma postura comum entre os intelectuais de esquerda de sua época, que comumente se posicionavam entre o nacionalismo ufanista e os discursos de piedade exagerada do homem miserável e injustiçado da região. Sobre este assunto, Albuquerque Jr. faz a seguinte colocação:

¹⁴⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 241.

De uma forma geral, a obra de Graciliano Ramos revela o olhar de um indivíduo pertencente à classe média cuja realidade, dividida entre a velha ordem social tradicional decadente (da qual ele já não se integra) e ao novo universo burguês no qual não consegue se incluir, o pressiona. Seus personagens, construídos como se fossem uma reprodução do próprio autor, revelam a crueldade da vida dos que estavam colocados naquela situação. Figuras de vidas incertas e instáveis que sonham com uma transformação social que venha lhes possibilitar uma existência mais equilibrada e menos sujeita as oscilações das condições sociais a que estavam submetidos.

3.3.2. A pintura social

No universo das artes plásticas, a mudança em relação ao olhar que se lançava sobre o Nordeste ocorreu também a partir da década de trinta. Influenciados pelo criticismo dos textos (ficcionais ou não) da época e pela própria politização da arte, os artistas plásticos passaram a tomar o social como tema principal. Foi um período marcado pela identificação com o nacionalismo e com o realismo de influência socialista - este último reconhecido pelo fato de que as imagens reproduzidas nas telas passaram a ter a função de tradutoras da realidade - e que teve seu ápice nos anos da Segunda Guerra Mundial, acontecimento que potencializou ainda mais o engajamento político e social da pintura (e não apenas deste campo artístico, mas da humanidade como um todo).

Pode-se dizer que os anos entre 1930 e 1945 as formas coletivistas e socializantes nas artes ganharam força, colocando em quarentena as expressões que priorizavam as posições mais individualistas. Foi neste momento que a pintura mural mexicana passou a influenciar os pintores brasileiros, que a viam como uma grande referência de arte pública, capaz de se comunicar com o povo, de difundir uma mensagem revolucionária e antiimperialista e de reproduzir e divulgar uma imagem

¹⁴⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, págs. 240 e 241.

realista do subdesenvolvimento dos países pobres (especialmente, no caso, os latino-americanos).

Mesmo com o clima do pós-Guerra, que influenciou na redemocratização do Brasil e que trouxe um certo entusiasmo com as liberdades em geral, o muralismo mexicano permaneceu inspirando as criações das artes plásticas no país que continuaram a enfatizar o nacionalismo e o povo brasileiro, numa postura que ia de encontro às tendências internacionalistas e mais cosmopolitas. Para Albuquerque Jr.:

150

É mediante esta circunstância do debate político e artístico que o Nordeste se tornou num tema de destaque para as artes plásticas do país. No caso da pintura, ela tomou a região como local por excelência dos problemas sociais, pois no território brasileiro era o espaço mais marcado pela miséria, pelo atraso e, conseqüentemente, pela necessidade de transformação da sua realidade. Dentre os artistas que interpretaram o Nordeste nesta perspectiva, destacaram-se os trabalhos de dois dos principais expoentes da pintura no Brasil: Di Cavalcanti e Candido Portinari.

Emiliano Di Cavalcanti nasceu em 1897, na Rua do Riachuelo, velho centro da cidade do Rio de Janeiro, na casa do célebre abolicionista José do Patrocínio, que era casado com sua tia. Iniciou sua atividade artística como desenhista em 1914, fazendo ilustrações, charges e caricaturas. Além de uma intensa participação na imprensa, em jornais e revistas diversas, ilustrou inúmeros livros. A simplificação e estilização do seu traço, tornaram-no uma referência na linguagem gráfica moderna.

Figura emblemática do modernismo brasileiro, Di Cavalcanti encarnou o artista boêmio, essencialmente autodidata, apaixonado pelo país, que foi o tema constante de sua obra. Sua pintura foi uma espécie de compêndio cultural do Brasil, exibindo suas

¹⁵⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 244.

cores, formas, símbolos e tipos da cultura popular, cujos destaques foram o carnaval e a mulata. Passou a dar uma conotação mais política ao seu trabalho quando se filiou ao Partido Comunista em 1926, após sua primeira viagem a Europa, e também quando entrou em contato com o muralismo mexicano, que o levou a utilizar procedimentos expressionistas como linguagem capaz de denunciar a sociedade burguesa e de expressar a essência da realidade. Assim, sua perspectiva alegre, colorida e folclórica do país vai sendo trocada pela crítica de costumes e pela criação de símbolos que condensavam a nação e o povo e que também estabeleciam a identidade cultural nacional e regional.¹⁵¹

A leitura que Di Cavalcanti fez do Nordeste se aproximou do viés tradicionalista ao retratar seus espaços habitados por homens simples e aparentemente bem integrados a região, sugerindo uma convivência cordial entre estes com seus semelhantes e também com a natureza. No entanto, seu engajamento político não lhe permitia esta identificação, fazendo-o olhar o Nordeste pelo ângulo social, conforme deixa transparecer em obras cujas representações populares são a própria expressão da miséria.

Filho de imigrantes italianos de origem humilde, nascido no dia 29 de dezembro de 1903, numa fazenda de café em Brodoswki, Estado de São Paulo, Cândido Portinari foi o pintor brasileiro que entre as décadas de trinta e quarenta teve a maior influência na constituição identitária para o Brasil e suas regiões. Sua obra satisfazia tanto aos que politicamente se colocavam à esquerda (foi filiado ao Partido Comunista pelo qual chegou a ser eleito deputado federal em 1946) como aos que eram ligados ao populismo de Getúlio Vargas. Este paradoxo estava refletido no próprio conteúdo do seu trabalho que tomava como temáticas categorias ambíguas como nação e povo, constantemente apoderadas pelo poder (e pelo discurso) oficial. Sobre o encontro de forças contrárias em sua obra, Albuquerque Jr. coloca:

¹⁵¹ No entanto, vale considerar aqui que, embora tivesse sido um militante do Partido Comunista e um dos artistas que apoiavam a arte engajada, sua pintura era concebida mais para dar prazer ao olhar do que para causar impacto, como se sua reação à burguesia fosse estabelecida antes por uma ética da boemia do que pela ética socialista.

Entre os anos trinta e quarenta, com a eclosão da pintura de temática mais social no país, Portinari se desprende do ambiente rural do oeste paulista (seu universo de infância) para apreender o universo imaginário e pictórico nordestino. Com este intuito, recorreu inclusive aos romancistas nordestinos da década de trinta como recurso e pesquisa para construção de imagens que melhor conseguissem revelar as mazelas sociais brasileiras. Foi neste instante de sua obra que as formas arredondadas deram espaço para os membros esquilidos e pontiagudos das figuras fantasmagóricas da região, que a exuberância dos frutos e da fertilidade das terras mais ao sul desaparece para dar lugar a paisagens áridas e tristes.

Foi nesta época que o pintor concebeu, entre outras pinturas no mesmo tema, a série *Os retirantes*, quadros que retrataram uma família nordestina no périplo de sua emigração, seqüência que obteve grande repercussão e que contribuiu para a própria divulgação do romance de trinta, dando-lhe uma materialidade pictórica. Ao comentar sobre estes quadros, Albuquerque Jr. faz a seguinte consideração:

¹⁵² ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 248.

¹⁵³ Ibid., págs. 250 e 251.

3.3.3. Nordeste a palo seco

João Cabral de Melo Neto nasceu na cidade do Recife, no dia 9 de janeiro de 1920, segundo filho de Luiz Antônio Cabral de Melo e de Carmem Carneiro-Leão Cabral de Melo (era primo, pelo lado paterno, de Manuel Bandeira e, pelo lado materno, de Gilberto Freyre). Parte de sua infância foi vivida em engenhos da família nos municípios pernambucanos de São Lourenço da Mata e de Moreno. Aos dez anos, regressou ao Recife, matriculando-se no Colégio de Ponte d’Uchoa, dos Irmãos Maristas, onde permaneceu até concluir o curso secundário – o poeta não chegou a fazer curso superior e considerava o que aprendeu com o crítico literário Willy Lewin e, posteriormente, com o engenheiro calculista e também poeta Joaquim Cardozo o equivalente a uma Faculdade. Mesmo descendente direto de famílias ligadas ao açúcar, Cabral renuncia a herança do universo tradicional nordestino e constrói uma obra crítica que condena a falsa pompa da elite regional e que valoriza a vida humilde e “severina” do homem comum.

João Cabral é considerado a fronteira e também o modelo da chamada geração de 45, espécie de movimento literário surgido num instante em que a literatura nacional havia vencido o academicismo e que o modernismo fazia uma discussão interna de seus pressupostos, realizando um novo exame acerca do afastamento da pesquisa estética e da sujeição do discurso literário e poético ao político, aspecto que tinha marcado a literatura do país na década passada. Sofreu uma forte influência do escritor Graciliano Ramos, único autor ligado ao romance de trinta que desenvolveu uma experimentação em relação à linguagem, a construção formal, traço que caracterizou o modernismo nos seus primeiros anos. Graciliano influenciou João Cabral não só pelo que fala, mas sobretudo pela forma como fala. Estes dois autores mexeram com a linguagem a fim de torná-la uma representação quase corpórea do objeto-tema de suas escritas que era quase sempre o Nordeste. Os dois procuraram uma linguagem entranhada da dureza do ambiente nordestino, que transmitisse aquela realidade em sua secura e que fosse sua expressão mais incisiva. Sobre isto, Albuquerque Jr. coloca:

Cabral revela um Nordeste inventado por uma linguagem que deseja ser como um facho de luz forte e agudo, como um clarão que sirva para iluminar as consciências que também sobreviviam, semelhante a região, em situação de penúria. Ele elabora uma poesia que desconfia da própria linguagem, passível de se prestar à dominação e a alienação, que podia afastar o homem do fundamento da realidade. Procura na linguagem a duplicação do real empobrecido, estabelecendo um realismo semiológico no qual tenta harmonizar forma e conteúdo, com o intuito de poder transmitir uma mensagem política sem que por isso seja necessário desprezar a experimentação formal. Assim, ao expressar o vínculo indissolúvel entre forma e conteúdo, sua poesia desfaz o falso antagonismo criado em torno destas esferas do objeto artístico e literário: “Se quer ferir o leitor com uma mensagem contundente, a forma também deve sê-lo.”¹⁵⁵

Na poesia do autor, a ênfase numa construção rigorosa dos versos escanteia o lirismo e a liberdade formal. O poema, para ele, só aparece e tem vigor através do árduo trabalho de sua construção, jamais através de lampejos de iluminação. Cabral trabalha as palavras como pedras que precisam ganhar formas, serem lapidadas, elaborando um trabalho poético de construção mais cerebral do que inspirado pelos arrebatamentos da emoção.

Ao tomar o Nordeste - com seu calor intenso, suas misérias e adversidades - como objeto principal de sua poesia, João Cabral de Melo Neto transformou a própria região na maior representação do seu antilirismo. O poeta desenvolveu uma leitura sobre o Nordeste completamente oposta a que foi defendida pelos regionalistas tradicionalistas que o interpretavam como o espaço montado sobre um passado idílico. Acerca deste assunto, Albuquerque Jr. relata que para João Cabral:

¹⁵⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 252.

¹⁵⁵ Ibid., pág. 253.

Foi assim, portanto, a contrapelo que Cabral estabeleceu um diálogo crítico com o ideário sociológico de Gilberto Freyre e com os tradicionalistas em geral. Fez isso, entre outras formas, jogando com as imagens antagônicas do seco e do líquido para marcar as diferenças entre a interpretação do Nordeste pelos tradicionalistas, vista por ele como ilusória, e a outra feita por ele, que considerava como a verdadeira representação daquela realidade. Na poesia de João Cabral, a elite da região está constantemente ligada as imagens do volumoso, do gorducho, do adocicado, retratos da própria opulência das vidas que a integravam. No entanto, se para Freyre essas imagens revelavam um sentido positivo, para Cabral mostravam (e ele fazia mostrar) o oposto. Na perspectiva do poeta, elas - juntamente com outras representações que expressavam a nacionalidade brasileira (conforme os valores freyreanos), tais como o sobrado, a casa-grande, o mocambo, entre outras - colocavam em evidência a falta de consciência dos brasileiros no que diz respeito aos verdadeiros problemas do país. É este Nordeste opulento, idílico e que, no fundo, é um lugar desgastado, que a obra de Cabral tenta desfazer para expressar um outro discurso sobre a região.

No entanto, mesmo voltando seus olhos cheios de realismo para o Nordeste, denunciando sua dureza, suas existências amargas, suas paisagens desumanas, no seu ofício poético João Cabral expressa a esperança na vida terrena mesmo quando esta se faz em ambiente de injustiças, mesmo que ela seja “Severina”. Em *Morte e vida Severina*, livro em que o autor narra uma história de retirantes na forma de um auto de natal, esta característica fica explícita. Na obra, ao invés de alimentar uma esperança na vida eterna, na vida após a morte ou no nascimento de um messias como é comum neste tipo de representação dramática, Cabral monta uma narrativa de incentivo a esperança na vida humana, na vida “vivida”, por mais desprezível que ela se apresente ou na condição mais miserável que ela se encontre. Neste aspecto sua

¹⁵⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 255.

poesia também se diferencia do discurso tradicionalista, para o qual as idéias de morte e desesperança foram tomadas como motivos fundamentais (o lamento pelos “fins”: dos engenhos, de um passado melhor, da tradição local etc.).

Como foi visto acima, a poesia de João Cabral questionou a visão harmônica e nostálgica do Nordeste dos tradicionalistas. Por outro lado, ao construir sua crítica aos valores da velha sociedade patriarcal, o poeta fez uma brusca inversão do olhar sobre a região: ao negar a homogeneidade saudosa da perspectiva senhorial, reduz o Nordeste como local por excelência da miséria e da desgraça. De acordo com Durval Albuquerque Jr., tal postura se deveu a propensão totalizadora de um certo olhar marxista de sua obra:

aos jogos e interesses daqueles que o dominam. Sobre a posição do poeta, Albuquerque Jr. coloca que:

158

3.3.4. Fotogramas do Nordeste

Por exigir uma estrutura industrial de produção, o cinema no Brasil demorou a se desenvolver. Até a década de quarenta, a sétima arte ficou praticamente restrita aos ciclos regionais como os de Campinas, Recife e Cataguases, e aos filmes *Limite* (1930) de Mário Peixoto e *Ganga Bruta* (1933) de Humberto Mauro. A partir da referida década, com o crescimento da industrialização e da classe média (aumentando o público consumidor de cultura) no país, surgem as primeiras grandes produtoras cinematográficas brasileiras: a Atlântida, no Rio de Janeiro, e a Vera Cruz, em São Paulo.

As duas produtoras mantinham um padrão parecido de produção, inspirado no modelo hollywoodiano, cujos filmes procuravam copiar a linguagem, a luz, os ambientes cenográficos produzidos no famoso bairro da cidade de Los Angeles. No entanto, diante da enorme diferença técnica e das próprias condições de produção, os filmes brasileiros se transformavam em caricaturas dos filmes americanos. O único gênero do cinema nacional que obteve um certo sucesso nesta época foi a chanchada, pois assumiu de fato esta caricatura como fórmula, sem querer maquiá-la, e também por ter trazido do rádio e do teatro de revista tanto os artistas quanto os textos.

Somente em 1952, na ocasião do I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro, é que se começou a discutir os caminhos para que o cinema no país também se voltasse para temáticas sérias, para o enfoque dos problemas da nação e do povo. No entanto,

¹⁵⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, págs. 262 e 263.

ao se tentar produzir um cinema mais próximo das realidades brasileiras, logo se chegou a conclusão que a dificuldade de se fazer filmes no Brasil não dizia respeito apenas a temática e a sujeição as imagens cinematográficas importadas, mas sim a própria precariedade da produção dessa indústria, que tem de buscar nos trabalhos de outras

anteriores citados, o filme de Duarte, além de repetir imagens- clichês da região, coloca-a como uma área culturalmente atrasada que deveria ser integrada à cultura nacional, através do potencial de sua cultura popular e da “brasilidade” de suas manifestações culturais.

Segundo Durval de Albuquerque Jr., esta mentalidade urbano-industrial sobre o Nordeste só começou a ser refutada com o advento do Cinema

Vidas Secas

160

O Cinema Novo surgiu num momento em que a cultura passou a ser vista como um dos instrumentos de transformação da realidade. Despontou num instante também em que um clima revolucionário se espalhava pelo Terceiro Mundo através da luta pela libertação das colônias européias e, principalmente na América Latina, pela vitória da revolução cubana. Gerado nesse ambiente, o movimento se apresentou como um discurso político com uma estratégia social definida: a defesa do povo.

Suas produções eram realizadas por intelectuais das classes média e alta que assumiram a perspectiva da classe operária, colocando-se junto às forças “progressistas” contra as “reacionárias”, a fim de resgatar o potencial de rebeldia da cultura popular. Assim, de forma um tanto paternalista, o Cinema Novo propôs fazer um cinema para e pelo povo, como uma vanguarda que condena o latifúndio e o imperialismo, identificados como as causas principais que atrapalhavam o desenvolvimento do país. Para os cinemanovistas, a maior representação do conservadorismo na sociedade brasileira estava nas oligarquias nordestinas, nos resquícios do que nelas ainda existiam dos seus “coronéis”. Eram estas oligarquias o exemplo maior do subdesenvolvimento da nação, responsáveis pelo seu sistema social mais primitivo e que, por isso, deveriam ser mostradas em sua verdade para todo Brasil e também para o mundo. Foi por esta razão, por seu exemplo de região quase feudal, que o Cinema Novo virou suas câmeras para o Nordeste.

Nos filmes do movimento a ênfase dada à cultura popular, como forma de resistência à dominação, muitas vezes assumia uma posição ambígua entre a ética burguesa e a da malandragem. Isto porque tal ênfase levava os cineastas a se depararem constantemente com uma aversão à ética do trabalho, repulsão que era

¹⁶⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 273.

contrária a uma postura marxista (doutrina comum para muitos deles), fazendo-os balançar entre exibir uma simpatia pela malandragem (como forma de resistência) ou pela sua condenação em nome de uma nova ética, a revolucionária e socialista. Sobre esta questão, Albuquerque Jr. coloca que:

161

Do ponto de vista estético, o Cinema Novo desejava por abaixo a concepção industrial do cinema americano e europeu (que era assumida pela Atlântida e pela Vera Cruz), para ser a expressão da miséria e do subdesenvolvimento do país. Na sua perspectiva, para ser fiel a realidade da nação, o cinema brasileiro deveria ser artesanal, pobre, com fome de sua própria imagem, pois só assim seria experimental, engajado politicamente e autêntico. Seus cineastas queriam um cinema que tomassem o Brasil a sério, sem ficar restrito aos tipos superficiais e as imagens alienadas do país conforme foi transmitida pelos filmes da chanchada. Defendiam uma *estética da fome*¹⁶², da violência, contra o otimismo desenvolvimentista do cinema nacional feito até então. Desta forma, o Cinema Novo encontrou no Nordeste as imagens que melhor representavam um país no qual facilmente se dava de cara com vidas indigentes e miseráveis. A região era a face cruel e bárbara que mais

¹⁶¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, págs. 274 e 275.

¹⁶² Título do manifesto escrito por Glauber Rocha no ano de 1965.

convincentemente se contrapunha à estética maquiada e civilizada hollywoodiana da Vera Cruz e das chanchadas produzidas pela Atlântida.

Esta postura política, no entanto, foi pouco a pouco sendo minada, pois a realidade do país, que a princípio se mostrava fácil de ser interpretada, passou a ficar cada vez mais complexa na cabeça dos cineastas do movimento a partir do momento que eles abandonaram as construções literárias e ideológicas anteriores e começaram a realizar seus filmes em meio a enorme variedade de universos, de situações sociais, culturais e políticas do território brasileiro. Diante desta “nova” complexidade, os cinemanovistas, como um amparo conceitual, se apoiaram na cultura popular e no folclore que com suas linguagens concediam uma melhor comunicação com o povo e uma melhor expressão da nação. Visto que o Nordeste era tido como a região folclórica por excelência, o Cinema Novo utilizou suas imagens e seu universo como fontes para o estabelecimento de uma linguagem cinematográfica nacional.

Desta forma, o Cinema Novo aspirava interpretar o Brasil a partir não do ponto de vista urbano-industrial, da sociedade burguesa que ele queria sobrepujar, mas sim a partir do Nordeste. Desejava alterar a posição do olhar, virá-lo pelo avesso, através da criação de um cinema tecnicamente imperfeito, dramaticamente desarmônico, sociologicamente torto e politicamente revoltado, mordaz e ao mesmo tempo inseguro. Buscava revelar uma cultura na sua relação com a história, alterando os critérios de produção da imagem no país, ignorando o complexo de inferioridade e o temor desta cultura em se refletir.

Durval Albuquerque Jr. chama a atenção de que os cinemanovistas viam o Nordeste como uma realidade marcada pela ausência de musicalidade, de sons, de linguagem, como um território do desolamento, da tristeza e do lamento (toma como exemplo desta visão o ranger monocórdio da roda do carro de boi do filme *Vidas Secas* de Nelson Pereira dos Santos). Para ele, a região era apresentada por estes cineastas como um mundo em preto e branco, de luz crua e enfadonha, um verdadeiro antiespetáculo do patrimônio cultural da miséria e da tristeza. Segundo o autor:

Para além do puro registro das raízes primitivas da nacionalidade e do povo brasileiro, o que o Cinema Novo pretendia era potencializar o inconsciente de revolta deste mesmo povo contra a dominação, a opressão e a colonização. Tentou fazer isto através do resgate das forças messiânicas e rebeldes adormecidas na história, com o intuito de provocar questionamentos para uma possível transformação da realidade. Como o Nordeste era a representação mais atroz desta realidade, região capaz de abalar as consciências do país, os cinemanovistas o tomaram como contraponto para o que eles desejavam para o Brasil e, num sentido mais largo, para a humanidade.

3.3.4.2. Glauber Rocha

Filho de uma família presbiteriana de classe média, Glauber Rocha nasceu na cidade de Vitória da Conquista, Bahia, no ano de 1939. Conheceu o sertão ainda pequeno acompanhando seu pai, comerciante e engenheiro prático, que constantemente viajava para lá a trabalho. Sertão que, anos depois, serviu de cenário para alguns de seus filmes.

O Nordeste teve maior ênfase como locação e tema na primeira fase da cinematografia glauberiana. É também nesta fase que o diretor tomou a formação discursiva nacional-popular como prisma, conforme deixou perceber nos longas-metragens *Barravento* (1961) e *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964). Neste último, por exemplo, a vida sertaneja representada pela distância de Rosa e pelo delírio de Manuel, personagens da história, é miserável e triste. Vida de pessoas presas a relações de produção primitivas e a uma exploração violenta. Este mundo estático - e clichê sertanejo - é, de repente, movimentado pela revolta de Manuel ao romper a subserviência ao coronel, esfaqueando-o. Tal ato faz Manuel parecer readquirir sua humanidade. O derramamento de sangue traz a história para aquelas vidas que se encontravam num estado que não desejavam. A perda de seu território, a quebra da

¹⁶³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 279.

rotina, leva Manuel a procurar outro sentido para a existência e encontra como primeira opção um lugar entre os seguidores do beato Sebastião. Este se revela também como uma força opressiva, dominadora e alienante. O mundo mítico, o espaço sagrado construído pelo beato, mesmo incomodando os poderosos, não é a solução para Manuel, como desde o início já alertava a companheira Rosa. Aqui, embora tenha reproduzido uma visão tradicional dos movimentos messiânicos, Glauber arrancou deles significados novos ao extrair

Barravento e *Deus e o Diabo na Terra do Sol* aparecem num momento – início da década de sessenta - em que para a esquerda brasileira a revolução social era inevitável. Isto porque as condições objetivas já estavam postas, faltando apenas a condição subjetiva: a tomada de consciência do povo. Para isso, a produção cultural deveria ter um papel fundamental. Diante deste desafio, o cinema mostrou situações sociais de forma esquemática, dando as imagens um tom emblemático e retórico. Foram realizados filmes que partem de mundos desordenados, estáticos, sem linguagens, míticos e que progridem no sentido da conquista da lucidez, da revelação da realidade, pondo em questão a metafísica em nome da libertação do homem, sujeito da história. Com Glauber não ocorreu diferente. As vidas de seus personagens, os universos onde se passam as histórias, enfim, os próprios filmes ficam atrelados a uma dialética evolucionista que os conduz para a convergência da razão e da consciência, que os traz do sertão, local-metáfora da alienação e da injustiça, para o mar, representação da civilização transformada.

De uma forma geral, nos filmes em que retrata o Nordeste, Glauber o coloca entre uma perspectiva de contemplação e de defesa da identidade cultural tradicional (principalmente no que se refere à permanência dos vínculos comunitários) e uma visão crítica diante da necessidade de transformação desta identidade (traduzindo-a para uma instância mais sofisticada de racionalidade). Glauber admira a cultura popular - e nordestina - enquanto ela resiste à invasão dos valores da indústria cultural e do cosmopolitismo e, também, quando ela lhe fornece materiais e formas de expressão diferenciados do padrão industrial do cinema (para ele, a identidade da cultura brasileira estava justamente no seu caráter artesanal).

O cineasta não pensava através da oposição civilização x barbárie, nem valorizava os imperativos da ordem, mas da violência como forma de justiça. Para ele, a rebeldia é que era o imperativo. No seu raciocínio, a maldade também não

¹⁶⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 285.

deveria ser denunciada de maneira abstrata, sendo antes necessário atentar para as condições sociais que a produziram. Ele assumiu a cultura como um importante pilar de resistência política, enfatizando os elementos de revolta da cultura popular em oposição aos elementos de passividade para, nesta dialética, chamar a atenção de que a política entre os setores populares se manifesta mais pelo sentimento e pela moral do que pela razão e pela ética. Segundo Durval de Albuquerque Jr., no pensamento de Glauber:

165

Ao destacar os mitos “revoltosos” populares nordestinos e exaltar a vontade de transformação da realidade do povo, parte importante da obra de Glauber é montada no embate entre o pensamento mágico e o pensamento materialista, no esforço de encontrar uma linguagem que dispusesse o nacional e o popular sob a perspectiva da luta de classes. Em vários momentos, o cineasta enfatiza a subordinação do regional/local ao movimento internacionalizante de transformação revolucionária da sociedade, fazendo do Nordeste uma representação modelar da realidade de todo Terceiro Mundo. Porém, ao valorizar os elementos culturais populares, arredios à internacionalização, como forças contrárias à lógica da modernidade (vista como burguesa), Glauber entra num certo colapso ideológico, tornando-se um tanto

¹⁶⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 289.

contraditório. Assim, divididos entre a potencialização de certos elementos locais e a adesão de uma pretensa revolução global, seus filmes acabam por gerar uma certa confusão de estratégia política.

Ao atualizar os mitos, os temas, os enunciados e as imagens que fundaram o Nordeste, mesmo que através de uma lógica política inversa, tomando-o como espaço-denúncia, espaço-vítima da sociedade capitalista e dominação e alienação burguesas, Glauber não se livrou da imagem do regional, não conseguiu se sobrepor a ela. Terminou por reproduzir uma interpretação da região como território da revolta, leitura já esboçada em muitos momentos das obras de Jorge Amado, Graciliano Ramos, João Cabral, entre outros.

A partir de *Terra em Transe*, os filmes de Glauber Rocha apresentam um crescente dilaceramento espacial e adquirem cada vez mais um caráter abstrato, com uma perda cada vez maior de quaisquer referências e de identidades. A construção de territórios cheios de sentidos e significados, no primeiro momento, deu lugar a territórios em contínua dissolução - em transe - que parecem remeter à própria desterritorialização sofrida pelo autor. Os paralelos entre natureza e personagens, entre meio e ação e o estilo de narração que parecia querer reproduzir a psicologia dos personagens, vão sendo abandonados progressivamente, levando estes a um distanciamento gradual com o meio, em favor de uma maior elaboração de suas interioridades.

IV. A crônica e O Carapuceiro

4.1. literatura e jornalismo: o entre-lugar da crônica

Ao longo do século XX, a revista nova-iorquina *New Yorker* publicou vários textos (reportagens, perfis e mesmo ficções) que alcançaram grandes destaques e que foram bastante importantes para a literatura Ocidental. O princípio de liberdade editorial da revista possibilitou aos seus colaboradores (que eram tratados como escritores na redação) o exercício de uma escrita sem restrições e ousada, razão pela qual o conteúdo da publicação se diferenciava daquele estabelecido pelo padrão industrial do jornalismo corrente. Não foi à toa que por sua redação passaram nomes como J. D. Salinger, Edmund Wilson, John Updike, John Hersey, Truman Capote, entre outros.

A *New Yorker*, no entanto, é “apenas” uma ilustração de um rico debate no campo das letras: a relação entre jornalismo e literatura. Para além da revista (inegavelmente um bom exemplo nesta discussão), o fato é que desde o advento da grande imprensa, essa relação vem sendo constantemente travada de forma muito imbricada. Sobre este assunto, o escritor e jornalista Fagundes de Menezes (usando uma valoração um tanto enigmática), faz a seguinte colocação:

Devemos lembrar que muitos dos grandes escritores em todos os países que possuem uma **literatura válida**, inclusive o Brasil, começaram pelo jornalismo... Se repórter foi Homero, se igualmente foi Xenofonte, repórteres também o foram Curzio Malaparte, Pierre Van Passen, Ilya Eremburg, John dos Passos, Albert Camus, Ernest Hemingway. O jornalismo tem contribuído para que muitos escritores aprimorem seu estilo, adquirindo um aperfeiçoamento artesanal traduzido na contenção, na sobriedade, no equilíbrio.¹⁶⁶

Se, conforme foi dito acima, o jornalismo tem contribuído significativamente para a produção literária¹⁶⁷, um gênero em especial tem tornado esta relação mais híbrida e enriquecida. Sem uma definição de características muito precisas, procurando um lugar no espaço limítrofe entre os campos de estudo da literatura e do

¹⁶⁶ MENEZES, Fagundes. *Jornalismo e Literatura*, págs. 21 e 22 (grifo meu).

¹⁶⁷ Esta relação, na verdade, nem sempre foi vista desta forma. No século XIX no Brasil, a resistência de alguns literatos ao trabalho na imprensa era muito grande. Olavo Bilac, mesmo trabalhando em jornais, afirmava que a presença do escritor na atividade jornalística era uma forma de mercantilização de sua arte: “Se um moço escritor viesse, nesse dia triste, pedir um conselho à minha tristeza e ao meu desconsolado outono, eu lhe diria apenas: Ama a tua arte sobre todas as coisas e tem a coragem, que eu não tive, de morrer de fome para não prostituir o teu talento!” In: RIO, João do. *O Momento Literário*, pág. 8.

jornalismo, a crônica vem construindo um percurso histórico cada vez mais importante no universo das letras. Podemos perceber tal fato diante do crescimento de seu prestígio no espaço diário dos jornais impressos, na televisão, no mercado editorial e, mais recentemente, no ciberespaço.

Com a sua ascensão, fica cada vez mais evidente que a crônica tem permitido ao escritor uma maior penetração como indivíduo privado na esfera pública, que assim desenvolve formas de ação não institucionais: juízos pedagógicos ou de cunho moral, formação de opinião, divulgação de comentários e pareceres críticos sobre questões que mobilizam o interesse social. A sutileza entre os limites do ficcional e do factual desencadeada pelo gênero dilui as fronteiras entre o autor e o narrador e produz, no leitor, a sensação de cumplicidade que dá à crônica um alcance existencial ímpar na prosa literária.

4.1.1. Breve história de um gênero breve

Segundo Ilka Laurito, a origem etimológica da palavra crônica deriva do termo grego “chronos”, que significa “tempo”¹⁶⁸. Já o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* traz a seguinte definição: “lat. *chronica, órum* ‘relato de fatos em ordem temporal, narração de histórias segundo a ordem em que se sucedem no tempo’, substv. do neutro pl. do adj. *chronicus*, a, um ‘relativo a tempo, crônico’”¹⁶⁹.

Como termo que designa um gênero específico de textos, encontram-se entre os estudiosos dois sentidos mais usuais. O primeiro refere-se à narração histórica, aos relatos dos escritores sobre os acontecimentos históricos (guerras, descobertas etc.) que já vinham sendo feito desde a antiguidade – Heródoto é o grande exemplo como autor no gênero – e que tem bastante força no período das grandes conquistas marítimas europeias nos séculos XV e XVI¹⁷⁰. A forma de escritura deste tipo de crônica se estabelece na fronteira entre a Logografia – registro de fatos, misturados com lendas e mitos – e a história narrativa – descrição de fatos extraordinários

¹⁶⁸ BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica – história, teoria e prática*, pág. 10.

¹⁶⁹ *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*.

¹⁷⁰ As cartas dos primeiros viajantes sobre as novas terras descobertas são exemplos clássicos deste formato – a carta de Pero Vaz de Caminha sobre o descobrimento do Brasil é uma boa ilustração.

calcados nos princípios da verificação e da fidelidade. De acordo com José Marques de Mello:

A crônica histórica assume, portanto, o caráter de relato circunstanciado sobre feitos, cenários e personagens, a partir da observação do próprio narrador ou tomando como fonte de referência as informações coligidas junto a protagonistas ou testemunhas oculares. A intenção é explicitamente resgatar episódios da vida social para o uso da posteridade, impedindo, segundo Heródoto, “que as ações realizadas pelos homens se apaguem com o tempo”.¹⁷¹

Na literatura portuguesa, Fernão Lopes foi considerado o maior autor da crônica histórica, sendo nomeado em 1434 guarda-mor da Torre do Tombo (local que ainda hoje funciona como uma espécie de arquivo de documentos do reino de Portugal). Esta nomeação é um marco para o gênero, pois segundo Laurito:

o cronista passa a ser um escritor profissional, pago para trabalhar com a matéria histórica, matéria essa que deverá, de agora em diante, despojar-se do maravilhoso e do lendário, que se imiscuíam nos longos “cronicões” medievais, para ater-se aos fatos e à interpretação desses fatos.¹⁷²

O segundo sentido trata a crônica como ela é mais comumente percebida hoje: texto de características híbridas entre o literário e o jornalístico, que aborda os mais diversos assuntos e publicado, mais freqüentemente, em jornal. Sendo este o sentido que interessa à esta tese, uma breve história dele se faz necessária.

Com o advento e a propagação da imprensa no século XIX, surge originalmente na França o chamado folhetim (do francês *feuilleton*). De início, o folhetim era um espaço livre no rodapé dos jornais, destinado a entreter o leitor e a lhe dar uma pausa de descanso em meio à grande quantidade de notícias graves e pesadas que ocupavam – como sempre ocuparam – as páginas dos periódicos. Com o passar do tempo, a aceitação do público com relação a esse espaço foi aumentando, e o folhetim passou a ser um atrativo significativo na conquista de leitores. Já neste período inicial do gênero, duas espécies diferentes de folhetins se distinguiam em relação aos seus conteúdos: o folhetim-romance e o folhetim-variedades.

Sobre o folhetim-romance cabe aqui apenas informar que eram os textos exclusivamente ficcionais. Constituíram-se nos romances em capítulos. Baseados muitas vezes na estrutura narrativa do melodrama (a luta do bem contra o mal, a saga

¹⁷¹ MELO, José Marques de. *A crônica*. In: *Jornalismo e Literatura – A sedução da palavra*. CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.), pág. 140.

¹⁷² BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica – história, teoria e prática*, pág. 12.

do herói etc.), foi através deste formato que muitos escritores tornaram-se famosos
ta

O mais parecido com as crônicas latinas – da França, Itália ou Espanha – seriam os artigos dos colunistas norte-americanos ou britânicos. Porém as colunas não são gêneros jornalísticos fundamentalmente de comentário, enquanto a crônica latina traz consigo ainda certa dose de carga informativa, de atividade característica de um repórter e não de um editorialista.¹⁷⁵

Ao admitir a latinidade da crônica, José Marques de Melo mostra também a necessidade de se atentar para as particularidades geoculturais do gênero, pois ele é marcado pela subjetividade dos escritores que, em suas atuações públicas, incorporam os traços culturais das sociedades em que vivem. Como ilustração deste fato, o autor discorre sobre a distinção entre a crônica cultivada nos países hispano-americanos e nos de expressão luso-brasileira. Em relação aos primeiros, Melo aponta que a crônica constitui-se como um gênero informativo:

Na literatura hispano-americana do jornalismo, a crônica assume o caráter de um gênero polêmico, cuja configuração varia de autor para autor e de país para país. A discussão se estabelece em torno da sua origem e da articulação que experimenta com os demais gêneros jornalísticos. No entanto, verifica-se que os pesquisadores do jornalismo, quer na Espanha, quer nos países de língua espanhola na América, são unânimes em assinalar a natureza informativa desse gênero e sua íntima vinculação com o noticiário e a reportagem.¹⁷⁶

Sobre a crônica produzida pelo jornalismo luso-brasileiro, ele coloca que o gênero adquire uma fisionomia tipicamente opinativa:

O lugar da crônica no jornalismo luso-brasileiro é o das páginas de opinião. Sua feição assemelha-se ao editorial, ao artigo e ao comentário, distinguindo-se, portanto da notícia e da reportagem.

Isso não significa que a nossa crônica esteja dissociada do cotidiano, do contemporâneo. Ao contrário, sua motivação principal é o conjunto dos fatos que o jornal acolhe em suas páginas e colunas. Só que ela não os reconstitui, sua função é a de apreender-lhes o significado, ironizá-los ou vislumbrar a dimensão poética não explicitada pela teia jornalística convencional.

A crônica, na imprensa brasileira e portuguesa, é um gênero jornalístico opinativo, situado na fronteira entre a informação de atualidades e a narração literária, configurando-se como um relato poético do real.¹⁷⁷

Ao analisar especificamente a trajetória da crônica brasileira, José Marques de Melo afirma que o gênero no país apresenta duas fases bem definidas. A primeira fase foi a da **crônica de costume**, na qual o formato se valia dos acontecimentos cotidianos como matéria de inspiração para uma prosa poética ou uma descrição literária; a

¹⁷⁵ MARTINEZ ALBERTOS, José Luis. *Curso General de Redación Periodística*, p. 359-361. In: *Jornalismo e Literatura – A sedução da palavra*. CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.), pág. 141.

¹⁷⁶ MELO, José Marques de. *A crônica*. In: *Ibid.*, págs. 142 e 143.

¹⁷⁷ *Ibid.*, pág. 147.

segunda, ele intitula de **crônica moderna**, na qual o gênero aparece no corpo do jornal não mais como objeto estranho, e sim como matéria intrinsecamente vinculada “*ao espírito da edição noticiosa*”.¹⁷⁸

Existe - e é importante chamar aqui a atenção - uma diferença entre os textos escritos para o jornal e os textos publicados no jornal (os próprios exemplos do folhetim e da crônica servem como ilustração). O fato de ser comumente publicada neste veículo não significa que a crônica possua todas as características da escrita jornalística. Particularidades como estrutura dialógica, marcas da oralidade, coloquialismo, intimidade retórica, entre outras, colocam o gênero em um lugar singular entre as formas narrativas. Para Júlio César França Pereira:

a crônica propicia uma ação de glosa estética da informação jornalística, em virtude de poder ser matizada por elementos poéticos, ficcionais e humorísticos, normalmente estranhos aos discursos noticiosos ou argumentativos das demais seções do periódico. Prática de escrita que atende uma demanda por vezes diária, é natural que seu *leitmotiv* sejam as infinitas alternativas propiciadas pelos acontecimentos do cotidiano – o particular do cronista ou o veiculado pela imprensa. Sem hierarquizar, entretanto, entre um grave tema de atenção universal e alguma ninharia de sua vida pessoal, o escritor cose uma estrutura temática em *patchwork* que dá à crônica o poder de mimetizar o aspecto fragmentário da informação jornalística e, em última instância, da própria vida moderna. Agregada à autonomia temática, há ainda a liberdade formal de que dispõe o cronista – excetuando-se as restrições de tamanho determinadas pela área em que ocupa na publicação. Conquanto seja a prosa a sua feição habitual, ainda no século XIX, a crônica foi escrita tanto em versos como em diálogos; no século XX, conheceu experimentações gráficas, diagramações exóticas e fez-se acompanhar por charges e desenhos.¹⁷⁹

De acordo com o que foi dito desde o começo deste tópico, as particularidades geoculturais, as características das épocas (momentos históricos diferentes) e as singularidades dos cronistas são aspectos que condicionam a estrutura e as características formais da crônica. Tomando como referência o recorte proposto por José Marques de Melo (das duas fases definidas do gênero no Brasil, a da crônica de costumes e a da crônica moderna), seguiremos no tópico seguinte destacando alguns aspectos da crônica (e dos seus respectivos cronistas) em sua trajetória no país.

¹⁷⁸ MELO, José Marques de. *A crônica*. In: *Jornalismo e Literatura – A sedução da palavra*. CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.), pág. 149.

¹⁷⁹ PEREIRA, Júlio César França. *O Narrador ético: experiência e sabedoria na crônica do século XIX*, págs. 41 e 42.

4.2. As fases da crônica no Brasil: d'O Carapuceiro de Lopes Gama a crônica moderna

Como vimos, a crônica na forma mais próxima daquela que conhecemos hoje surgiu com o advento da imprensa no século XIX. Sua constituição está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento das máquinas destinadas a imprimir os jornais que circulavam naquele período. No Brasil, o momento preciso de seu aparecimento ainda gera controvérsias. No citado livro *Crônica – história, teoria e prática*, Ilka Laurito afirma que:

Estudiosos da crônica literária brasileira assinalam o seu nascimento com o marco de 2 de dezembro de 1852, data em que Francisco Otaviano inaugura, no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, a seção *A semana*, ou seja, os folhetins literários do Romantismo.¹⁸⁰

A autora chama a atenção, no entanto, que entre os anos de 1846 e 1847 o comediógrafo Martins Pena, ao exercer a função de crítico dos espetáculos líricos da Corte em folhetins no mesmo *Jornal do Comércio*, extrapolava a mera apreciação das óperas levadas à cena, colocando digressões pessoais e intervenções hilariantes de fina ironia que, segundo ela, podem ser interpretadas como embriões das crônicas de humor, na linha que posteriormente é desenvolvida ainda no século XIX por França Júnior, e, no século XX, por Millôr Fernandes, Stanislaw Bruliton e a

aristocráticos, um deles suspeitando-se ser o lojista, o *Padre Carapuceiro*. Completava o cabeçalho a divisa em latim e traduzida para o português:

“Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis”
(Marcial. Liv. 1. Epist. 33)¹⁸¹

Em seu primeiro número publicado no dia 7 de abril de 1832, Lopes Gama apresenta *O Carapuceiro*:

Enquanto os outros periódicos d'alto coturno todos se empregam na política, uns explicando direitos e deveres sociais, outros levantando questões sutilíssimas; estes dando alvitre, ora acertados, ora com pequeno defeito de serem impraticáveis... ...eu, que sou um piegas no círculo dos gladiadores periodiqueiros, não me meterei nesses debuchos, nem é minha intenção pôr-me a escarapelas e tracamundanas com o meu próximo, uns porque os respeito por bons, outros porque os temo como Ferrabrazes.¹⁸²

De acordo com o seu responsável, o campo neutro do jornal seria “a Moral, oferecendo árduo combate aos vícios”¹⁸³. Ainda nesta primeira edição o cronista completa a apresentação, revelando sua ironia: “Façam de conta que, assim como há lojas de chapéus, o meu periódico é fábrica de carapuças. As cabeças em que elas assentarem bem, fiquem-se com elas, se quiserem; ou rejeitem-nas, e andaram com a calva às moscas”.¹⁸⁴

Miguel do Sacramento Lopes Gama nasceu em Recife no ano de 1793 e nesta mesma cidade se criou, tornando-se padre, educador, político e escritor-jornalista. Com o fim do primeiro império, por volta dos seus trinta anos, ele assistiu às transformações da sociedade regencial num Estado que, como o Rio de Janeiro e a Bahia, vinha se constituindo desde a abertura dos portos (1808) e a vinda da corte portuguesa num dos principais focos de mudanças sociais no país. Mudanças sociais sobretudo no que diz respeito aos aspectos culturais da sociedade pernambucana e brasileira como um todo, conforme coloca o historiador Evaldo Cabral de Mello:

Mudança social não na acepção, é claro, de modificação da estrutura social e das relações entre classes, mas no sentido menos relevante, e por isso mesmo mais facilmente assimilável, de substituição das maneiras e hábitos herdados da antiga sociedade luso-brasileira pelas maneiras e hábitos que, do exterior, reeuropeizavam a

¹⁸¹ “Guardarei nesta folha as regras boas que é dos vícios falar, não das pessoas”.

¹⁸² GAMA, Miguel do Sacramento Lopes. *O Carapuceiro* nº1 (7/4/1832).

¹⁸³ Ibid.

¹⁸⁴ Ibid.

vida brasileira, até então ciosamente mantida no seu casticismo colonial, duplamente marginalizador vis-à-vis do Ocidente.¹⁸⁵

Diante desta “reeuropeização” da vida social brasileira no período mencionado, o padre-escritor Lopes Gama tomou uma posição ambígua: se comumente escreveu atacando violentamente a importação de modas européias ou a nossa velha mania de macaquear o estrangeiro, desferiu sua tinta também para criticar os abusos e valores da sociedade patriarcal essencialmente rural e escravagista.

Aproveitando-se de um certo clima de liberdade de expressão instaurado com a regência, Lopes Gama gozou, através de suas idéias políticas e sociais, de uma influência considerável. E o veículo para exercer esta influência foi justamente *O Carapuceiro*. O jornal serviu como abrigo e transmissor para as complexas posições do padre. Se, como vimos acima, a ambigüidade do autor esteve presente no que se refere aos valores sociais, em relação à política não vai ser diferente. De acordo com Evaldo Cabral de Mello:

Nas suas opiniões políticas, “O Carapuceiro” é um advogado do meio termo, batendo-se por uma aplicação liberal da Constituição de 1824 que evitasse os escolhos do populismo e do republicanismo, à esquerda, e do reacionarismo caramuru, à direita.¹⁸⁶

Mesmo adotando um “meio termo” em relação aos blocos políticos, Lopes Gama assumiu uma clara e persistente oposição à dominação conservadora em Pernambuco. Foi, como frei Caneca, um adversário declarado da oligarquia local, investindo contra a grande propriedade territorial, que desejava ver submetida a um processo de democratização através do aforamento das terras dos engenhos. No entanto, sendo um homem da cidade e escrevendo para um público basicamente urbano, o padre teve como principal alvo de sua escritura satírica e crítica a burguesia recifense, grupo social que conhecia melhor do que qualquer outro, visto que era dele originário (foi esta mesma burguesia que lhe concedeu os temas para seus melhores textos da vida social).

Entre suas posições, condenou veementemente a escravatura, “que atacou em nome da moralização dos costumes e até devido aos vícios de pronúncia que legara às classes altas da província”¹⁸⁷. Além disso, denunciou o empreguismo, uma herança

¹⁸⁵ MELLO, Evaldo Cabral de (org.). *O Carapuceiro*, págs. 10 e 11.

¹⁸⁶ Ibid., págs. 16 e 17.

¹⁸⁷ Ibid., pág. 25.

própria do regime escravagista e um problema que se arrastou por todo Segundo Reinado (até hoje?).

Enfim, escrevendo num ambiente relativamente permissivo do período regencial, o padre Lopes Gama conseguiu penetrar no âmago da então ascendente burguesia nacional, transformando-se um dos primeiros observadores da vida privada brasileira. Depois de sua morte em 1852, sua obra ficou praticamente esquecida. Coube a Gilberto Freyre nos anos 20, no começo de suas pesquisas para *Casa-grande & senzala* e *Sobrados e mocambos*, sua redescoberta. Encontra-se com bastante frequência depoimentos do padre *Carapuceiro* sobre a vida social e familiar brasileira nos livros do mestre de Apipucos.¹⁸⁸

4.2.1. Primeiros cronistas da grande imprensa nacional

Com o desenvolvimento da grande imprensa no Brasil e o conseqüente aumento da circulação de jornais impressos no início da segunda metade do século XIX, a produção de crônicas começou a ganhar força no país. A partir da década de 1850, vários escritores que posteriormente se firmaram na historiografia literária brasileira passaram a se dedicar ao gênero que servia como meio de ganhar a vida nas redações dos jornais emergentes, além de exercício como um primeiro esboço de reflexão crítica para escritos posteriores. São deste momento as crônicas e os folhetins de José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Aluísio de Azevedo, Raul Pompéia, Machado de Assis, Olavo Bilac, entre outros.

Nesta fase do gênero, como já foi dito acima, os cronistas se aproveitavam dos acontecimentos cotidianos como fonte de inspiração para a elaboração de uma prosa poética ou uma descrição marcadamente literária (conforme já ocorria, vale dizer, com o pioneirismo do padre Lopes Gama). De uma maneira geral, a crônica produzida neste período foi marcada pelo humor e pela ironia, aspectos utilizados como forma de atrair e seduzir o leitor. Ela possuía uma função de entretenimento, não se colocando como séria e centrando seu enfoque nas questões pequenas do dia a dia. Seus temas

¹⁸⁸ Além da obra citada do historiador Evaldo Cabral de Mello, as informações sobre o padre Lopes Gama e *O Carapuceiro* se encontram nas seguintes publicações: *O Carapuceiro*, edição fac-símile dos exemplares do jornal em três volumes com apresentações do jornalista Luiz do Nascimento e do historiador Leonardo Dantas; *O Padre Carapuceiro*, de Waldemar Valente; *O Carapuceiro: o padre Lopes Gama e o Diário de Pernambuco 1840-1845*, do historiador José Antonio Gonsalves de Mello.

enfaticavam principalmente os acontecimentos do cotidiano das pessoas comuns, conforme se pode perceber nos casos de José de Alencar e Machado de Assis.

José de Alencar estreou como cronista em 1854 no jornal *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro através da sua coluna *Ao correr da pena*, na qual o autor discorria sobre os principais acontecimentos sociais, literários e políticos do momento, sempre de forma leve, bem-humorada e, ao mesmo tempo, irônica e crítica. Durante o curto período em que se dedicou ao gênero (1854-55), descreveu os detalhes da vida cotidiana de uma sociedade que começava a sair do obscurantismo colonial em crônicas que apresentavam personagens comuns e eventos da vida fútil da Corte, conforme coloca o jornalista e professor da Faculdade de Comunicação da UFRJ Hérís Arnt:

Suas crônicas versam sobre a sociedade da Corte, com sua mediocridade e preocupações pueris, onde a vida parecia transcorrer entre as apresentações no teatro lírico, os bailes no Cassino, as tardes no Jockey Club e as noites calorentas passadas no Passeio Público, já em processo de urbanização com a recente iluminação a gás.¹⁸⁹

Alencar foi um cronista da cidade que defendia em seus textos a ordem pública, a vinda de colonos imigrantes, a implantação da indústria e que denunciava a especulação e a fraude no mercado financeiro. Retratou também o carnaval, descrevendo desfiles, fantasias, clubes e o folião comum¹⁹⁰. Além desses vários temas, o autor criticava a imitação exacerbada dos modelos europeus pela sociedade carioca com muita ironia e deboche, características correntes em toda sua produção cronística.

Diferentemente de José de Alencar que se dedicou por pouco tempo ao gênero, Machado de Assis escreveu crônicas durante quarenta anos¹⁹¹. Através de uma escrita que juntava humor, ironia e melancolia, foi com este escritor que o formato ganhou amadurecimento no Brasil. Um reflexo disso pode se constatar no fato de que, com o passar do tempo, suas crônicas se tornaram um material importante na observação da sociedade brasileira do período em que escreveu. Em um artigo que analisa a trajetória

¹⁸⁹ ARNT, Hérís. *A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica*, pág. 54.

¹⁹⁰ De acordo com Hérís Arnt, José de Alencar pode ser considerado o primeiro cronista de carnaval no Brasil.

¹⁹¹ Machado de Assis começou a escrever crônicas em 1859 na revista *O espelho* que tratava de literatura, moda, indústria e arte. Segue em ordem cronológica sua trajetória como cronista: *Diário do Rio de Janeiro* e mais tarde na *Semana Ilustrada* (1860-1875); *O futuro* (1862); *Ilustração Brasileira* (1876-78); *O Cruzeiro* (1878); e, a partir de 1883 até 1897, na *Gazeta de Notícias*, aqui inscritas sob vários títulos como *Bala de estalo*, *A+B*, *Gazeta de Holanda*, *Bons dias* e *A semana*.

de Machado como cronista, a professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro Sônia Brayner faz o seguinte comentário acerca do autor na sua relação com o gênero:

Desde o início delineiam-se com clareza seus caminhos narrativos favoritos, em que pese ainda um certo ar de fórmula geral. Interessa-se, particularmente, pela apreensão do fato cotidiano, desimportante enquanto ação, mas capaz de gerar um conteúdo pitoresco, humano e urbano das relações sociais do Rio de Janeiro do final do século, vistos com olhos contrastantes do humor benévolo, zombeteiro mesmo. Hábil em soldar tipos de experiências diversas, recorre a um discurso coloquial, mas culto, aberto às mutações associativas – o colibri... o anão... – cultivando seus queridos “despropósitos”.¹⁹²

O tratamento dado às crônicas por Machado era sempre objetivo e com temas impessoais. Foi um narrador estimulante que se valia do conteúdo vivo dos acontecimentos urbanos, descrevendo-os com um distanciamento intencional e irônico. Conferia um tom grave às situações leves, às ocorrências do dia-a-dia, brincando com as coisas sérias. Seu estilo possuía um senso de humor finíssimo e uma ironia por vezes delirante.

Apesar da descrição da vida social e política do Rio de Janeiro ser a temática mais constante, suas crônicas também denunciaram as vilanias do ambiente parlamentar, as dificuldades para a normalização da situação política da nova República e as feridas sociais do país. Nelas constantemente apareciam suas posições políticas, defendendo um regime parlamentarista para o Brasil, opondo-se a República Federativa (que julgava como fortalecedora das oligarquias regionais) e não distinguindo a Monarquia que se encerrava e a República que nascia (achava que ambas eram dominadas por uma oligarquia absoluta).

Para Sonia Brayner, a obra de Machado de Assis tirou bastante proveito do gênero, tendo em vista que se valeu dele como campo de provas para toda espécie de experimentação dos limites da narração. Segundo ela, através das suas crônicas:

o leitor e o autor são capazes de reescrever, graças aos ardis do texto e de seus novos ritmos, aquela oralidade aparentemente condenada às conversas de confeitaria, esquinas, saraus, teatros. E os assuntos “nobres” – política, administração do Império, fatos internacionais – democratizam-se, agora redistribuídos pela voz do cronista desatento às hierarquias sociais. Ou melhor, reagrupando-se para uma nova leitura, relacional, contrastante e fora da norma prescrita.¹⁹³

¹⁹² BRAYNER, Sonia. *Machado de Assis: um cronista de quatro décadas*. In: CANDIDO, Antônio [et al]. *A Crônica - O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, págs. 411 e 412.

¹⁹³ *Ibid.*, pág. 414.

Antes, porém, de chegarmos na chamada crônica moderna, vale chamar a atenção para o período turbulento pelo qual passava a literatura brasileira que estava começando a ensaiar uma virada estética consolidada pelo nosso Modernismo. Nesse período coexistiram duas correntes literárias opostas: uma, conservadora e passadista, representante dos últimos suspiros do Parnasianismo; e outra, renovadora, germinadora da revolução da linguagem e da temática que mais tarde caracterizou os modernistas. No que diz respeito estritamente à crônica, essas duas correntes são representadas por autores que, de um lado, transmitem o clima de fim de século XIX, como Coelho Neto e Humberto de Campos; e, de outro, que se empolgam com o início do século XX, como João do Rio e Lima Barreto.

Cronologicamente situados neste momento de transição de nossa literatura, as crônicas destes dois últimos escritores são umas das expressões textuais que abrem as portas para a modernidade na literatura no Brasil¹⁹⁴. Ambos contribuíram de forma decisiva para a consolidação do gênero como expressão peculiar no jornalismo – e, porque não, na literatura - brasileiro.

NasO(ua)Tj(No)0150Al 13 0 Tm n (s) Tj 5 50 010 50 99 0 Tm433 p(0) Tj 50 0 0 50 124 0 Tm (t)

entre as ruas e o mundo moderno. Pautado nessa mundanidade, ele fez do gênero um instrumento para dar voz àquilo e àqueles considerados “menores” na sociedade brasileira do início do século XX. Sobre isto, o professor da Universidade Federal de Santa Catarina Raúl Antelo coloca:

Nas mãos de João do Rio, a crônica abandona a moral dos anais, desprovidos de qualquer eixo social e organizados em torno da mera seqüência de fatos (entre os quais as crises são meros acidentes) para pautar-se por uma outra moral, que concebe o social como um sistema organizado por leis que os sujeitos podem até mesmo transgredir, se elas forem obstáculo para novas transformações; leis, portanto, submetidas a uma lei ainda maior: a da crise como valor. O trabalho do cronista aproxima-se, assim, dos movimentos do bailarino. É o próprio João do Rio quem constata, ao ler Luciano de Samosata que “o dançarino deve ser como o Chalcas de Homero: precisa conhecer o presente, o passado, e o futuro para que nada lhe escape”. O discurso da crônica, em João do Rio, é o discurso de uma minoria sem história que tenta contar a História. A dança é história – ela é sempre expressão da verdade – e a verdade da dança é o prazer ameaçado e rebaixado pelas leis da coisa pública. Contra elas insubordina-se o cronista: “a gente grave da terceira República achou que a Dança, sendo secundária como Arte, era, como prazer, uma coisa infe

grande ilustração desse processo de transição da literatura brasileira, aproximando-o dos modernistas.

4.2.2. A moderna crônica brasileira

A eclosão do Modernismo no país, com sua estética literária mais coloquial e humorada, trouxe mudanças importantes para a literatura nacional, afetando também a produção cronística brasileira. Com os cronistas modernistas, o gênero se tornou cada vez mais irreverente, incisivo e despojado dos elementos retóricos da linguagem acadêmica (formal). Segundo Ilka Laurito:

Os cronistas das primeiras horas do Modernismo são, em grande parte, panfletários da nova estética, fazendo uma crônica que se equipara à crítica, ou uma crítica que se equipara à crônica, contaminada de impressões pessoais e do calor das paixões do momento.¹⁹⁷

Conforme foi dito acima, na modernidade brasileira a crônica passou a ocupar o corpo do jornal não mais como objeto estranho, mas como um texto ligado ao conteúdo editorial dos periódicos em que era publicada. De uma forma geral, nossos cronistas passaram a escrever mais focados em torno da atualidade, captando com muito senso de observação e sensibilidade o dinamismo das notícias que permeavam toda a publicação jornalística.

Com a modernidade, aumentou também sensivelmente o número de publicações de jornais no país e, conseqüentemente, o número de jornalistas e escritores (muitas vezes escritores-jornalistas) vinculados a este crescente mercado da imprensa. Em relação a estes autores ligados à mídia impressa, muitos ganharam destaque escrevendo crônicas como foi o caso de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade, Humberto de Campos, Luís Martins, Aníbal Machado, entre outros, apenas para citar os cronistas que produziram ou estavam produzindo até os anos trinta.

Para o crítico e professor da Universidade de São Paulo Antônio Candido, a década de trinta, aliás, foi um marco fundamental na história da crônica no país, pois ela conferiu uma áurea de brasilidade para o gênero e lançou no ambiente do jornalismo e da literatura nacionais aquele que é considerado por muitos o seu grande autor. No artigo intitulado “A vida ao rés-do-chão”, Candido comenta:

¹⁹⁷ BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica – história, teoria e prática*, pág. 36.

Acho que foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, com os seus rotineiros e os seus mestres. Nos anos 30 se afirmaram Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, e apareceu aquele que de certo modo seria o cronista, voltado de maneira praticamente exclusiva para este gênero: Rubem Braga.¹⁹⁸

Natural de Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo, Rubem Braga começou a trabalhar em jornais quando ainda era estudante, assinando uma crônica diária no *Diário da Tarde* de Belo Horizonte, cidade onde morou após uma breve temporada no Rio de Janeiro. Depois dessa experiência, passou a escrever em vários jornais e revistas do país. Com o ofício na imprensa, morou em diversas cidades como São Paulo, Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre e, novamente, no Rio de Janeiro. Sua peregrinação se estendeu também para o exterior, tendo vivido em Paris (1950), Santiago do Chile (1955) e no Marrocos (1961), país onde foi nomeado embaixador, cargo que ocupou até pedir sua exoneração em 1963.

Braga foi o primeiro cronista no país a captar com rara sensibilidade a mudança de ritmo imposta pela sociedade moderna brasileira, transformando em textos os sinais da vida cotidiana que começavam passar despercebidos com a aceleração do dia-a-dia nas grandes cidades do Brasil. Descreveu esse novo ambiente imprimindo uma característica que marcou profundamente suas crônicas: o lirismo. No entanto, o lirismo de Rubem Braga não era a expressão apenas das coisas do amor, mas sim um instante de reflexão, um hiato filosófico em meio aos atropelos da existência que ficava mais rápida.

Já nascido moderno, Braga escreveu com despojamento verbal. Construiu crônicas ágeis, diretas, sem adjetivações e utilizou recursos recorrentes como: o dialogismo com um leitor hipotético; o narrador-repórter, que, por ser ele mesmo, não manipulava os truques da ficção; e a dissimulação temática, recurso pelo qual o cronista começava a falar de um tema (ou subtema) e acabava conduzindo a narrativa para outro assunto mais complexo, num movimento nem sempre percebido de imediato pelo leitor.

Outra característica das crônicas do autor foi a utilização de sua memória da infância como apoio de suas estruturas narrativas. Constantemente o autor

¹⁹⁸ CANDIDO, Antônio. *A vida ao rés-do-chão*. In: CANDIDO, Antônio [et al]. *A Crônica - O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, pág. 17.

transformou o tédio urbano, que determinava a atmosfera melancólica dos seus textos, através da vivacidade do menino da roça (que ele foi) e sua relação com a natureza¹⁹⁹. Neste ponto, o lugar da casa ganha também destaque como local para o qual o homem sempre se volta, onde ele pode andar nu de corpo e alma, falar sozinho, como se fosse o seu próprio espaço interior. A própria crônica enquanto gênero também serviu de analogia para a casa, sendo muitas vezes um refúgio onde o escritor busca a si mesmo, tomada como recanto de prazer.

Entre os escritores (e jornalistas) brasileiros que se dedicaram a escrever crônicas, Rubem Braga foi o único “puro”, ou seja, o único que se dedicou exclusivamente ao gênero. Critérios a parte, é considerado por muitos críticos e leitores o cronista mais importante do país. Não há dúvidas que após o autor, a crônica passou a ter uma voz mais forte na sua trajetória para se (a)firmar como gênero relevante na literatura brasileira. Para o professor da Universidade Federal Fluminense Jorge de Sá:

Com esse poder de nos projetar para além do que está impresso, Rubem Braga reafirma sua condição de artista recriando a vida em seus mínimos detalhes, especialmente aqueles que podem estar camuflados em outros gêneros. Afinal, ele é o espião que nos passa o segredo da existência numa mensagem codificada, que é, sem dúvida alguma, *literatura*.²⁰⁰

Paralelo e em prosseguimento ao estilo de texto imprimido por Braga, outros cronistas ganharam destaque com o gênero no país. Aqui vale a pena chamar a atenção para os nomes dos escritores mineiros Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos, ambos amigos do mestre capixaba. Os três, inclusive, chegaram a trabalhar no mesmo momento publicando crônicas diárias em três jornais diferentes no Rio de Janeiro. Braga

jornalista Humberto Werneck, que organizou uma antologia de 42 cronistas brasileiros de todos os tempos, esse é o momento mais brilhante da crônica no país²⁰¹.

No final dos anos 60, a crônica brasileira ainda ganha o reforço da ficcionista Clarice Lispector que escreveu no *Jornal do Brasil* entre 1967 e 1973²⁰². Nesta época são importantes também as crônicas sobre a boemia carioca escritas por José Carlos de Oliveira, jornalista que já vinha escrevendo no formato a um certo tempo.

Também nos finais da década de sessenta, período de turbulência política decorrente da violenta repressão imposta pela ditadura militar no país (1964-1985), foi lançado *O Pasquim*, jornal satírico idealizado pelo cartunista Jaguar em parceria com os jornalistas Tarso de Castro e Sérgio Cabral. *O Pasquim* foi criado com a intenção de substituir o tablóide humorístico *A carapuça* de Sérgio Porto, outro importante cronista da época que acabara de falecer. Ao trio juntaram-se, já na primeira edição datada do dia 26 de junho de 1969, nomes importantes da imprensa brasileira como Ziraldo, Millôr, Claudius, Prósperi e Fortuna.

Com uma tiragem inicial de 20 mil exemplares, *O Pasquim* atingiu a marca de mais de 200 mil no seu auge (meados dos anos 70), tornando-se um fenômeno no mercado editorial brasileiro. Além do seu quadro fixo de jornalistas, o jornal também passou a contar com as colaborações de nomes como Henfil, Paulo Francis, Ivan Lessa, Ruy Castro e Fausto Wolff. A princípio era para ser um semanário que tratasse nas suas crônicas, entrevistas e ilustrações, temas de comportamento como sexo, drogas, feminismo, divórcio, entre outros. No entanto, o jornal foi se tornando mais politizado a medida que aumentava a repressão da ditadura, principalmente após a promulgação do Ato Institucional nº 5. Com os excessos do regime militar, *O Pasquim* se transformou numa espécie de porta-voz da indignação social brasileira.

Em decorrência de suas críticas políticas, no ano de 1970 toda redação d'O *Pasquim* foi presa depois da publicação de um texto satírico ao célebre quadro de Dom Pedro I às margens do Rio Ipiranga. Millôr, que conseguiu escapar a prisão,

²⁰¹ “A esse quinteto (Rubem Braga, Rachel de Queiroz, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade e Paulo Mendes Campos) se somavam, num abençoado momento, muitos outros grandes (Bandeira, Nelson Rodrigues, Antonio Maria, Vinicius, José Carlos Oliveira), contribuindo para compor o que foi sem dúvida a quadra mais brilhante da crônica no Brasil: os anos 1950 e 1960.” WERNECK, Humberto. *Boa companhia: crônicas*, pág. 11.

²⁰² Estas crônicas estão reunidas no livro *A descoberta do mundo*.

assumiu a editoria do jornal, mantendo-o com colaborações de Chico Buarque, Antônio Callado, Rubem Fonseca, Odete Lara, Glauber Rocha, entre outros. O jornal sobreviveu à abertura política do Brasil e durou até 11 de novembro de 1991, data de sua última edição. Suas crônicas viraram um marco da sátira e da resistência política no país.

No último ano da década de sessenta, atr

ficcionista que escreveu crônicas para os jornais *O Estado de São Paulo* e *Zero Hora*; entre outros.

Na década de noventa, além da chegada de novos cronistas, a crônica brasileira será impulsionada por dois outros fatores: o crescimento do mercado editorial no país e a eclosão da rede mundial de computadores. No que diz respeito ao primeiro, o aumento no número de publicações e de vendas de livros nas livrarias brasileiras saltou aos olhos do leitor e do consumidor em geral. Para o gênero, uma das conseqüências deste fato foi colhida alguns anos mais tarde, sendo sintomática no que se refere a sua vitalidade: a partir do ano 2000, Luís Fernando Veríssimo, cronista por excelência, se torna o escritor mais popular do Brasil²⁰⁵. Afora a popularidade do autor gaúcho, outros escritores (na maioria póstumos) tiveram suas crônicas organizadas e (re)editadas em publicações mais bem cuidadas (como foi o caso de Lima Barreto, Nelson Rodrigues, Antônio Maria, José Carlos de Oliveira, entre outros) e que foram bem aceitas pelo público.

Em relação à Internet, houve uma verdadeira explosão na produção de crônicas com o advento dessa nova tecnologia de comunicação. Esse estouro pode ser atribuído a duas razões básicas: a adequação do gênero as páginas eletrônicas e, principalmente, a liberdade e as facilidades editoriais. A crônica, assim como o conto curto e a poesia em geral, por seu formato breve, cabem perfeitamente numa única página baixada na rede e até mesmo numa única posição da tela do computador, sem a necessidade de rolamentos de barras ou *links* - o que não ocorre com gêneros mais longos como o romance, a novela e mesmo o ensaio. Tal fato facilita a navegação do usuário/leitor que não precisa ficar baixando páginas nem rolando várias interfaces para concluir seu objetivo. Em outras palavras, a brevidade da crônica a torna um gênero de acesso e leitura práticos *on-line*. Nesse mesmo sentido de seu ajustamento ao meio, vale também destacar aqui que sua costumaz instantaneidade, tanto nas formas como nos temas, é uma característica completamente compatível com a velocidade informacional demandada na e pela rede.

A liberdade e as facilidades de publicação foram e continuam sendo aspectos importantíssimos e cruciais no impulso da produção cronística na Internet. Com as

²⁰⁵ Conforme os dados da própria matéria citada da revista *Veja*.

colunas dos jornais e o mercado editorial ocupados por cronistas conhecidos pelo público, a rede se transformou num grande local para publicação de crônicas escritas por toda sorte de autor – para os novos ela foi e continua sendo a oportunidade de tornar público o seu trabalho. Isto porque nela não há limites de espaço (de oportunidades e mesmo físico) e nem os crivos das edições impressas – principalmente sendo o autor dono de seu próprio sítio ou *weblog*²⁰⁶. A facilidade de montagem de páginas eletrônicas, utilizando programas (*softwares*²⁰⁷) de simples operação para um usuário comum, sem dúvida, também motivou os cronistas (e escritores em geral) a lançarem seus textos no ciberespaço. Neste ponto vale dizer ainda que, para além dos sítios (*homepages*), o recente surgimento dos *weblogs* facilitou ainda mais as atividades de editoração e gerenciamento de conteúdos na rede, aumentando consideravelmente o número de endereços eletrônicos, inclusive os dedicados à publicação de crônicas.²⁰⁸

No Brasil, de sítios a *blogs*, várias experiências foram e vêm sendo realizadas por cronistas tanto consagrados como novos e/ou desconhecidos do grande público. Os exemplos dessa relação da crônica brasileira com o ciberespaço são inúmeros, entre os quais – e somente a título de ilustração – podemos destacar: a página

²⁰⁶ De acordo com a Wikipédia: “Um **blog** ou **weblog** é uma página da web cujas atualizações (chamadas *posts*) são organizadas cronologicamente (como um histórico ou um diário). Estes *posts* podem ou não pertencer ao mesmo gênero de escrita, se referir ao mesmo assunto ou a mesma pessoa. A maioria dos blogs são miscelâneas onde os blogueiros escrevem com total liberdade. O weblog conta com algumas ferramentas para classificar informações técnicas a seu respeito, todas elas são disponibilizadas na internet por servidores e/ou usuários comuns. As ferramentas abrangem: registro de informações relativas a um site ou domínio da internet quanto ao número de acessos, páginas visitadas, tempo gasto, de qual site ou página o visitante veio, para onde vai o site ou página atual e uma série de outras informações. Os sistemas de criação e edição de blogs são muito atrativos pelas facilidades que oferecem, pois dispensam o conhecimento de HTML, o que atrai pessoas a criá-los, ao invés de sites pessoais mais elaborados.” In: <http://pt.wikipedia.org/wiki/blog> (negritos do próprio texto).

²⁰⁷ Para uma melhor compreensão do que seja um programa ou software, cito Pierre Lévy: “O ciberespaço não compreende apenas materiais, informações e seres humanos, é também constituído e povoado por seres estranhos, meio textos, meio máquinas, meio atores, meio cenários: os programas. Um programa, ou software, é uma lista bastante organizada de instruções codificadas, destinadas a fazer com que um ou mais processadores executem uma tarefa. Através dos circuitos que comandam, os programas interpretam dados, agem sobre informações, transformam outros programas, fazem funcionar computadores e redes, acionam máquinas físicas, viajam, reproduzem-se, etc.” LÉVY, Pierre. *Cibercultura*, pág. 41.

²⁰⁸ Para se ter uma idéia, no sítio do PACC (Programa Avançado de Cultura Contemporânea), programa ligado a Universidade Federal do Rio de Janeiro e com apoio da Fundação Carlos Chagas de Amparo a Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ), estão dispostos *links* para 90 blogs literários, entre os quais muitos dedicados a crônica (o próprio *O Carapuceiro* se faz presente).

eletrônica do Luís Fernando Veríssimo, na qual o autor disponibiliza

entre o final da década de setenta e a metade da década de noventa em Pernambuco.

Segundo Pereira:

A geração que vai chegando à casa dos 40 anos ainda não legou a Pernambuco um livro que trace um painel do que foram os seus anos de formação e início de maturidade, vividos entre fins de década de 70 até meados da de 90. Nada pelo menos que tenha tido ampla repercussão. É como se faltassem ao jovem escritor pernambucano a coragem e o talento para descrever, retratar, relatar, criar situações e personagens que dessem vida a uma geração que tem se expressado de forma vigorosa na música, nas artes plásticas, no cinema, no teatro, na dança e até mesmo na poesia.²¹³

Logo adiante, na mesma matéria, o jornalista coloca:

Pode-se atribuir o fato à falta de meios – jornais ou suplementos literários, principalmente – para publicação de textos originais, o que dificultaria o encontro com novos leitores e a divulgação dos textos. Na falta de um editor ou de um periódico que os publiquem, alguns autores recorrem à *Internet*. O jornalista Xico Sá, que vem engavetando há duas décadas poemas que o colocariam entre as principais vozes de sua geração, também um exímio domador da prosa ficcional urbana, por exemplo, é um dos poucos a exercer de forma intensa o exercício da escrita, revelando um pouco do que foram os anos vividos no Recife nos anos 80 nos textos bem-humorados do *sítio O Carapuceiro*.²¹⁴

Página eletrônica homônima ao referido jornal de crônicas que circulou no Recife na primeira metade do século XIX, *O Carapuceiro* foi o espaço midiático quase exclusivamente literário (*quase*, pois o sítio apresentava ilustrações em alguns textos) de uma geração que estava no bojo da fertilidade cultural da capital pernambucana, abalada - ou desconstruída – pelas pancadas dos tambores da Nação Zumbi e por toda “Cena Manguê”. Afirmar que o sítio está diretamente ligado à movimentação recifense deflagrada nos anos noventa é estabelecer uma genealogia precisa para tal produção literária. *O Carapuceiro* foi um dos *websites* que integraram a chamada *ManguêNet*, “corporação livre”²¹⁵ de endereços eletrônicos ligados ao Manguê da qual fizeram (e ainda fazem) parte os sítios *Manguetronic* (www.manguetronic.com.br), *Manguebit* (www.manguebit.org.br)²¹⁶, *Re:combo* (www.recombo.art.br) e as páginas das bandas *mundo livre s/a* (www.manguebit.org.br/mlsa) e, mais recentemente, *Mombojó*

²¹³ PEREIRA, Marcelo. *Continente Multicultural* n°24 (Dezembro/2002), pag. 74.

²¹⁴ Ibid., pag. 74.

²¹⁵ Definição do editor Xico Sá encontrada no texto *Censor interrompe o coito do Matala* (09/05/2002), publicado na seção *Carapuça* do próprio *O Carapuceiro* (ver Anexo II).

²¹⁶ Página eletrônica que abrigou as primeiras edições d’*O Carapuceiro* (conforme veremos adiante) através de um link (www.manguebit.org.br/carapuceiro) disposto na interface principal. Atualmente o *Manguebit* abriga o *A maré encheu*, sítio comemorativo aos dez anos do Manguê.

(www.manguebit.org.br/mombojo).

Tomando como referência uma crítica de caráter mais socioistórica, que define o artístico não segundo valores estéticos *a priori*, mas identificando grupos de pessoas que cooperam na produção de bens que ao menos eles chamam de arte ou artísticos, e, nesse mesmo sentido, que considere a literatura (ao lado de outras atividades artísticas) como expressão das interações sócio-simbólicas que ocorrem no ambiente da cultura, creio que uma investigação do novo *O Carapuceiro* reivindica antes uma rápida descrição da atmosfera cultural na qual a cidade do Recife estava envolvida. Portanto, mediante uma perspectiva que considera as forças sociais, culturais e simbólicas como agentes estruturais na formação de um objeto (ou evento/acontecimento) artístico ou cultural, uma breve história da movimentação que ganhou o ecológico nome de Mangue se faz necessária.²¹⁷

4.3.1. Recife anos 1990: a formação da cena Mangue

Podemos classificar a década de noventa em Pernambuco, e mais precisamente no Recife, como a década Mangue. Mas, afinal, o que foi e o que ainda é o Mangue? Uma definição precisa para tal acontecimento cultural é bastante complicada. O termo “movimento” foi de antemão descartado por seus articuladores, tendo em vista que ele pressupõe estatutos estéticos - e premissas estéticas seriam sempre insuficientes diante da diversidade das produções culturais e artísticas que surgiram no Recife a partir da referida década. Talvez a denominação que mais se aproxime de tudo o que ocorreu

²¹⁷ Para mais informações estritamente sobre o Mangue: 1) livros: *Do frevo ao mangubeat*, do jornalista e crítico musical José Teles e *Chico Science – A rapsódia afrociberdelica*, do crítico e diretor teatral Moisés Neto; 2) teses e dissertações: GALINSKI, Philip Andrew. *Maracatu Atômico: Tradition, Modernity and Post-Modernity in the Mangue Movement and a the new music scene of Recife, Pernambuco, Brazil*. Faculty of Wesleyan University-USA (1999); SHARP, Daniel Benson. *A satellite dish in the shantytown swamps: musical hybridity in the new scene of Recife, Pernambuco, Brazil*. University of Texas-USA (2001); DUPUY, Nicki. *Contraditório? - musical style and identity in the contemporary popular music of Pernambuco, Brasil*. The University of Salford-ING (2002); LEAO, Carolina Carneiro. *A maravilha mutante – batuque, sampler e pop no Recife dos anos 90*. Dissertação de Mestrado, Tj 41 0 0 41 20 41 cs 0 0 0 sc (o) Tj 41 0 0 41 1 0 Tm () Tj 41 0 0 41 4978g41 0 0 0 Tm (u) Tj 41 0 00 41 777 0 1

seja a de uma “cooperativa cultural”, como em certo momento o Mangue foi chamado. Mesmo assim, a palavra “cooperativa” deixa uma idéia institucional que não o comporta. Se as definições deixam controvérsias, a existência de uma cena cultural rica e efervescente não. A “Vila Maurícia” transformava seus ares e a percepção de uma nova atmosfera – fértil e inquieta - no mundo da cultura foi bastante sensível. Colhemos seus frutos até os dias que correm.

Conforme defendo na minha dissertação de mestrado, Pernambuco – que já fora palco de movimentos culturais importantes e berço de personagens relevantes para a cultura brasileira -, além do seu histórico calvário econômico, passou durante a década de oitenta um momento de sentida apatia cultural, sem conseguir produzir e/ou revelar nada de muito vigoroso para a cultura nacional²¹⁸. O cantor Alceu Valença relata esta situação numa entrevista “premonitória” publicada no Suplemento Cultural do Diário Oficial de Pernambuco em março de 1992:

Pernambuco está velho. O novo é Jomard Muniz de Britto, Alceu Valença, Flaviola e Ave Sangria²¹⁹. Por que eu falo esses nomes? Eu estou louco que apareça o novo, mas não está aparecendo. O que acontece em Pernambuco é que nós somos extremamente conservadores. A gente quer que o forró seja exatamente do mesmo jeito. Nós amamos Luiz Gonzaga, e nós não temos uma noção de que Gonzaga morreu, que Alceu e Jomard vão morrer. O problema é que Pernambuco não quer a nova ordem, Pernambuco está morrendo de mofo. E nós, os grandes loucos, com tantos anos e cabelos brancos, estamos atrasados. Pernambuco tem que abrir o olho.²²⁰

O abrir dos olhos ocorreu justamente quando chegou ao conhecimento de um grupo de amigos, entre os quais se encontravam os músicos Francisco Assis de França (Chico Science) e Frederico Montenegro (Fred ZeroQuatro), uma pesquisa de um instituto de estudos populacionais de Washington, a qual classificava o Recife como a quarta pior cidade do mundo para se viver em 1991. Neste mesmo ano, segundo os levantamentos mensais do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos), o Recife tinha conseguido manter a impressionante e isolada posição de campeã nacional do desemprego por nada menos que dez anos seguidos (de acordo com o Censo 2000, metade da população da cidade – 1,3 milhões

²¹⁸ Ver: SILVEIRA, Roberto Azoubel da Mota. *Mangue: uma ilustração da grande narrativa pós-moderna*. Dissertação de mestrado da Puc-Rio, 2002.

²¹⁹ Jomard Muniz de Britto é poeta e professor da Universidade Federal da Paraíba, Flaviola é cantor e o Ave Sangria foi um grupo local de música atuante nos anos 1970-80.

²²⁰ In: TELES, José. *Do frevo ao manguebeat*, pág. 254.

de pessoas – vive em favelas e mocambos). Diante desta realidade, Fred ZeroQuatro fez o seguinte depoimento:

Imaginem o efeito devastador que uma situação como essa pode provocar na alma de uma comunidade com mais de 400 anos de história e que só neste século havia gerado nomes da dimensão de Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, Josué de Castro e João Cabral de Melo Neto. Para nós, que mal havíamos saído da adolescência só restavam duas saídas: tentar uma bolsa na Europa ou ganhar as ruas...²²¹

A situação de um quadro social bastante adverso aliado a referida apatia cultural da década anterior, funcionaram como combustíveis para um estopim no mundo da cultura. Uma primeira reação surgiu através de um manifesto, redigido pelo próprio ZeroQuatro em parceria com o jornalista Renato Lins²²², que apontava para a necessidade de se retomar o “espírito” combativo e criativo da cidade, mostrando que uma articulação de pessoas já estava sendo tramada com este objetivo:

Emergência! Um choque rápido, ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico pra saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruir as suas veias. O modo mais rápido também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco da energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife. Em meados de 91 começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de idéias pop. O objetivo é engendrar um ‘circuito energético’, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo, uma ante

na cidade que criasse o maior número possível de produções culturais, gerando trabalhos e formas de sobrevivência no ambiente da cultura.

O processo de criação de tal cena trouxe resultados. No segundo manifesto Manguê, intitulado *Quanto vale uma vida* e escrito por ocasião da morte de Chico Science, Fred ZeroQuatro descreve o ambiente instalado na cidade após os primeiros anos do Manguê:

Depois de vários shows e eventos muito bem sucedidos, e do manifesto “Caranguejos com Cérebro” (que transformou, de uma hora para outra centenas de arruaceiros inocentes em “mangueboys” militantes), parecia que a cidade realmente começava a despertar do coma profundo em que esteve mergulhada desde o início da guerra dos 80... ...Para todos os agentes e operadores culturais que viam seu talento e potencial atrofiados pela desmotivação, era o estímulo concreto que faltava. Afinal, queiram ou não, discos pop lançados por multinacionais movimentam várias áreas de expressão ao mesmo tempo: moda, fotografia, design, produção gráfica, vídeos, relações públicas, assessoria, imprensa, marketing, música, etc.

Daí em diante, pode-se dizer que teve início um efetivo “renascimento” recifense. Todo mundo gritou mãos à obra! E partiu para o ataque. As ruas viraram passarelas de estilistas independentes; bandas pipocaram em cada esquina; palcos foram improvisados em todos os bares; fitas demo e clipes novos eram lançados toda semana, e assim por diante, gerando uma verdadeira cooperativa multimídia autônoma e explosiva, que não parava de crescer e mobilizar toda a cidade. De headbangers a mauricinhos, de punks a líderes comunitários, de surfistas a professores acadêmicos, ninguém ficou de fora.²²⁴

Neste mesmo sentido, numa entrevista concedida no ano de 1996 para a jornalista Adriana Ferreira do jornal *Folha de São Paulo*, o próprio Chico Science relata que o Manguê foi um modo de escapar da estagnação cultural que pairava no Recife. Segundo ele:

Foi um jeito de dar uma partida para uma coisa nova, uma nova atitude e fundar com os amigos um tipo de movimento por meio da diversão... As pessoas que moram em Recife estavam sentindo uma necessidade muito grande de renovar a cultura da cidade. Quando surgiu o manguebeat elas abraçaram a nossa causa. A gente ganhou amigos. Os produtores de vídeo, o pessoal da fotografia, das artes plásticas, do teatro foram aceitando a idéia, trabalhando conosco, isto permitiu que o movimento estourasse fora da cidade.²²⁵

Manguê, Manguêbit ou Manguêbeat. A grafia da movimentação é usada nestas três formas. No livro *Do frevo ao Manguebeat* o jornalista e crítico musical José Teles coloca que o nome “Manguê” era tão óbvio para um movimento cultural no Recife que até se estranha ninguém ter pensado nisso antes. Afinal de contas, a capital

²²⁴ *Quanto vale uma vida*, segundo manifesto do Manguê escrito por Fred 04 com a colaboração de Renato Lins. In: Manguetronic (www.manguetronic.com.br).

²²⁵ In: TELES, José. *Do frevo ao manguebeat*, pág. 329.

pernambucana foi erguida em cima de manguezais, ela é, com efeito, um imenso aterro cruzada pelos rios Capibaribe e Beberibe. A relação da população com o mangue, sua flora e sua fauna, na cidade é de grande intimidade. A denominação “Manguebeat”, com o sufixo inglês que significa “batida”, deve-se ao fato de que ele foi iniciado com a música através de seus dois grupos principais: Chico Science & Nação Zumbi e mundo livre s/a. Já a grafia “Manguebit” vem da música do primeiro disco deste último grupo (o álbum *Samba Esquema Noise*) assim intitulada. “Manguebit”, da unidade cibernética “bit”, faz referência ao uso da tecnologia e da informação, “armas” usadas pelo Mangue através de seus grupos (aparelhos e instrumentos musicais, samplers etc.) e de seus meios de comunicação (páginas eletrônicas, programas de rádio etc.). É desse envolvimento visceral com as atividades informacionais e tecnológicas que surge a imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama.

Como foi dito no parágrafo anterior, o Mangue debutou com a música. No texto *Arqueologia do Mangue*, Renato Lins conta que em 1991, numa noite de semana em um bar freqüentado pelo grupo, Chico Science (na época Chico França) chegou na mesa repleta de amigos e falou algo assim: “mixei uma batida de hip-hop com o groove do maracatu e ficou bem legal. Vou chamar essa mistura de Mangue!”²²⁶. O músico tinha acabado de chegar de mais um ensaio com o pessoal do Lamento Negro, grupo afro ligado ao Centro Comunitário Daruê Malungo (que em iorubá significa “companheiro de luta”), instituição que funciona como um núcleo de apoio à criança e à comunidade carente de Chão de Estrelas, bairro da zona norte do Recife. De imediato surgiu a idéia de transformar essa batida em algo para além de um gênero musical, ou seja, de transformá-la numa “cena” cultural capaz de movimentar a cidade. A proposta foi bem recebida por todos os presentes, mas uma questão se impôs de imediato: como?

A resposta revela talvez a face mais curiosa e menos conhecida do Mangue. A formação da cena partiu de uma idéia ficcional projetada para história em quadrinhos, uma criação gráfica elaborada pelos artistas multimídia Hélder Aragão e Hilton

²²⁶ LINS, Renato. *Arqueologia do Mangue*. In: Manguetronic (www.manguetronic.com.br).

Lacerda²²⁷ que na época formavam a dupla Dolores & Morales. Tal como Kafka em *A metamorfose* ou como o músico integrante da chamada vanguarda paulista Arrigo Barnabé no seu trabalho *Clara Crocodilo*, a trama dos quadrinhos contava uma história de atmosfera fantástica, na qual os indivíduos que habitavam os locais ribeirinhos da *Manguetown* (Recife) estavam se transformando em homens-caranguejos. Os próprios quadrinhos narram a causa da metamorfose:

O relatório da OMS apontou o verdadeiro motivo dessas transformações. Segundo a respeitada instituição, tudo começou quando uma grande fábrica de cerveja resolveu se instalar sobre o aterro de um manguezal. A água utilizada no fabrico da bebida estava contaminada com resíduos tóxicos, provenientes da baba do caranguejo. O referido crustáceo decápode produziu tal substância por ficar exposto aos raios ultra-violeta do sol, sem protetor. Além disso, a afrociberdelia levou a população a movimentar-se de maneira tal, que findou por condensar e dimensionar esses ingredientes.²²⁸

As idéias para alimentar tal delírio partiram de outra ficção que tinha como base uma dura realidade dos manguezais: o ciclo do caranguejo. Este ciclo foi narrado pelo geógrafo Josué de Castro em seu único romance *Homens e Caranguejos* escrito em 1967. Na obra, Castro descreve:

os mangues do Recife são o paraíso do caranguejo. Se a terra foi feita para o homem com tudo para servi-lo, o mangue foi feito essencialmente para o caranguejo. Tudo aí é, ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, excremento e outros e outros resíduos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo vai ser. O caranguejo nasce nela, vive dela, cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fabricando com a lama a carinha branca de suas patas e a geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas. Por outro lado, o povo daí vive de pegar caranguejo, chupar-lhe as patas, comer e lambe seus cascos até que fiquem limpos como um copo e com sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a do corpo de seus filhos. São duzentos mil indivíduos, duzentos mil cidadãos feitos de carne de caranguejos. O que o organismo rejeita volta como um detrito para a lama do mangue para virar caranguejo outra vez.²²⁹

Na leitura deste trecho, percebe-se imediatamente como ele insinua em direção da delirante metamorfose do homem-caranguejo da dupla Dolores & Morales. Por vários aspectos, a obra de Josué de Castro foi referência para o Mangue. A idéia da

²²⁷ Hélder Aragão hoje é conhecido como Dj Dolores e desenvolve um trabalho musical misturando música eletrônica com temas e ritmos tradicionais brasileiros como o maracatu, o carimbó e a guitarrada paraense, entre outros. Hilton Lacerda é atualmente roteirista e diretor de cinema, responsável pelos roteiros dos filmes *Baile Perfumado*, *Amarelo Manga* e *Árido Movie* e pelas direções das curtas-metragens *Simião Matiniano*, *o camelô do cinema* (prêmios da crítica e de melhor contribuição à linguagem no *Festival do Rio* de 1999) e *A Visita* e do documentário longa-metragem *Cartola* (sobre o sambista carioca e que concorreu o prêmio de melhor documentário no *Festival do Rio* em 2006).

²²⁸ Extraído do encarte do disco *Da lama ao caos*, Chico Science & Nação Zumbi.

²²⁹ CASTRO, Josué de. *Homens e Caranguejos*, pág. 28 e 29.

lama como espaço sujo mas, ao mesmo tempo, regenerador que encontramos no texto do geógrafo, por exemplo, serviu de analogia na relação entre o Recife, cidade decadente, e seus novos impulsos criativos²³⁰. Mas enfim, no que a referida transmutação fez sentido para a criação da tão desejada “cena”?

A criação do *Chamagnathus Granulatus Sapiens*, nosso homem-caranguejo dos anos noventa, um ser integrado tanto ao meio ambiente quanto à realidade social do Recife, serviu como um modelo de identificação para os adeptos da nova música que estava sendo feita na capital pernambucana. Logo após os primeiros shows e eventos bem sucedidos dos grupos “antenados” com a idéia e também depois da publicação do primeiro manifesto Mangue - sugestivamente intitulado *Caranguejos com cérebro* -, esses adeptos se espalharam pela cidade. Se em seus corpos não surgiram pêlos, nem seus membros foram transformados em patas, seus comportamentos, porém, apresentaram mudanças que iam desde uma nova forma de cumprimento à utilização de uma nova linguagem verbal (com a criação de um dialeto cujos termos foram retirados do universo dos manguezais), passando por novas maneiras de expressões corporais (principalmente na dança) e artístico-culturais em geral. Ainda no primeiro manifesto, encontra-se o seguinte perfil destes novos tipos urbanos:

Os mangueboys são indivíduos interessados em: quadrinhos, tv interativa, anti-
psiquiatra, Bezerra da Silva, colapso da modernidade, Hip Hop, midiotia, artismo,
c0,5m(p)15 014104m31600mTm(0)Tj4095201W458 0m(20m)4060005133900Tm(00) 503700178500Tf

caranguejos têm “cérebros” e se misturam com os humanos, não fugindo do mundo e sim, integrando-se a ele, exorcizando o caos pela poesia urbana. Usou o maracatu como base, como trampolim, como Alencar usou o Indianismo, retocando-o, readaptando-o às suas necessidades e interesses fundamentais.²³²

A cena, iniciada através da “alquimia” musical de Chico Science, portanto, ganhou dimensão e tomou conta das mais diversas expressões artísticas e culturais. Tomarei aqui, apenas como ilustrações, os exemplos do cinema e da moda.

No cinema houve uma retomada da produção da sétima arte, formando-se quase um movimento paralelo que ganhou o satírico nome de *Árido Movie*²³³, mas que na verdade era mais uma faceta do Mangue, agindo em conjunto com toda a movimentação cultural. Depois de um jejum de 18 anos sem a realização de um longa-metragem em Pernambuco, no ano de 1996 foi produzido *O baile perfumado*. Dirigido pelos cineastas Lírío Ferreira e Paulo Caldas, o filme, premiado no 29º Festival de Cinema de Brasília, ganhou apoio técnico de produção de todas as partes, funcionando como um verdadeiro catalisador de forças no Estado. Das câmeras ao figurino, boa parte da produção foi realizada com mão de obra local. Sua trilha sonora foi elaborada pelas bandas do Mangue que já vinham ganhando espaço com o público. Em 2000 foi a vez do documentário *O rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas* película de Marcelo Luna e Paulo Caldas (um dos dois personagens centrais é o baterista da banda Faces do Subúrbio, também ligada ao Mangue). No ano de 2003 *Amarelo Manga*, filme de Cláudio Assis, entrou em circuito nacional, ganhou o prêmio de melhor filme (júri e popular) do 35º *Festival de Cinema de Brasília* e arrebatou vários prêmios internacionais (possui trilha sonora criada por integrantes da Nação Zumbi). Recentemente, em 2005, ou seja, dez anos após a eclosão da movimentação, mais dois longas-metragens foram lançados: *Árido Movie* de Lírío Ferreira, que ganhou o prêmio de melhor filme no *Festival Cine PE* de 2006; e *Cinema, Aspirinas e os Urubus* de Marcelo Gomes, vencedor do prêmio especial do júri no *Festival do Rio* (2005), considerado melhor filme do *Festival Internacional de Cinema de São Paulo*

²³² NETO, Moisés. *Chico Science – A rapsódia afrociberdélica*, pág. 61. No entanto, vale chamar atenção aqui que, diferente da analogia proposta pela citação, o Mangue não visava a construção de uma cultura nacional (conforme fez Alencar com o indianismo em relação a literatura brasileira) e sim a expressão de uma estética em interação com outras periferias do mundo e com as novas possibilidades tecnológicas para a produção e difusão da cultura.

²³³ *Árido Movie* foi aproveitado como título de filme pelo cineasta Lírío Ferreira no seu último longa-metragem (2005).

(2005) e melhor filme nacional do ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA-2005), além de ter participado da mostra *Un certain regard* no Festival de Cannes (França) em 2006. A produção de curtas-metragens também se fez valer com a realização de vários filmes premiados como *Simião Martiniano – o camelô do cinema* de Hilton Lacerda e Clara Angélica; *Clandestina felicidade* (adaptação do conto *Felicidade clandestina* de Clarice Lispector, onde a autora narra uma passagem de sua infância no Recife) de Marcelo Gomes e Beto Normal; *Texas Hotel*, outra realização de Cláudio Assis; *Recife de dentro para fora*, de Kátia Mesel; *Conceição*, de Heitor Dhalia e Renato Ciasca; *Resgate cultural*, da recente produtora *Telephone Colorido*, entre outros.

A moda também conquistou espaços significativos e é uma das expressões que mais representa tudo o que ocorreu no Recife. Com o apoio de instituições como a embaixada britânica no Brasil, o Instituto C&A, entidades internacionais como a *Save the Children* e a ONG Instituto Vida, várias crianças e adolescentes de bairros carentes da cidade tiveram e continuam tendo a oportunidade de ganhar uma formação, onde aprendem tanto história da moda como conseguem materializar suas criações. Um fruto destes apoios é a grife *Altofalante*, localizada no Alto José do Pinho, bairro que deixou de ser referência pelo alto índice de criminalidade e passou a ser conhecido pelos grupos musicais que lá surgiram na década de noventa. A grife é uma ilustração clássica da integração do Mangue, criando e fornecendo figurinos para as bandas da comunidade. Segundo Eduardo Ferreira, estilista de origem humilde que fez sucesso com suas criações no eixo Rio-São Paulo e tem hoje suas peças disputadas por lojas como a Daslu²³⁴, na *Autofalante* é desenvolvido um modelo de aprendizagem igual ao de qualquer grande escola do mundo. O próprio editor d’*O Carapuceiro* Xico Sá, em matéria para a revista *Elle*, coloca de forma provocativa que é mais fácil você ouvir na sede da grife uma boa conversa sobre moda e realidade social do que durante um ano inteiro de programação *fashion* nos grandes centros urbanos do país.²³⁵

²³⁴ Localizada na capital paulista, a loja é a grande referência da moda da elite brasileira. Sua proprietária, a empresária Eliana Tranchesini foi acusada de sonegação fiscal pela polícia federal em julho de 2005.

²³⁵ Revista *Elle*. Fevereiro, 2001. Pág. 46.

Os exemplos do cinema e da moda poderiam ser estendidos e ilustrados por outras áreas de expressões artístico-culturais como as artes plásticas, o artesanato, a fotografia, o design²³⁶ etc. A articulação de todas essas expressões, portanto, desencadeou um verdadeiro “renascimento recifense”, conforme colocou Fred ZeroQuatro em depoimento visto acima. Um renascimento que conduziu e foi conduzido por jovens urbanos (cosmopolitas e, em geral, provenientes das classes sociais subalternas) oportunamente chamados – em crônica do próprio *O Carapuceiro*²³⁷ – de “senhores de novos engenhos”, na mais bela expressão metafórica que uma geração inquieta, inventiva e criada sob o peso histórico da decadência açucareira pôde ter recebido.

4.3.2. Criadores

O Carapuceiro surgiu intimamente ligado a esta cena cultural que acaba de ser descrita. Sua primeira edição, datada do mês de fevereiro de 1998, foi disponibilizada no ciberespaço através de um *link* no citado *Manguebit*, sítio que o abrigou até o ano seguinte. Seus próprios criadores eram figuras atuantes no chamado *núcleo de pesquisa e produção de idéias pop*, referido na citação do primeiro manifesto do Mangue (pág.137), conforme veremos adiante. Além disso, *O Carapuceiro* recebeu contribuições de textos de personagens importantes da movimentação pernambucana como Fred ZeroQuatro, líder da banda mundo livre s/a, e Renato L., considerado o “Ministro da Informação” do Mangue, que chegou a ser editor de uma das suas seções, a *Aurora Boulevard*.

O sítio foi uma criação do citado Xico Sá em parceria com h.d. Mabuse e Adriana Holanda Vaz. Esta última participou conceitualmente na formação das seções do sítio, trabalhando na organização e editoração das crônicas de acordo com o secionamento montado, além de ter sido autora de vários textos sob o pseudônimo da colaboradora “Miss Soledad” (ver Anexo III). H. d. Mabuse²³⁸, *webdesigner*

²³⁶ As artes gráficas tiveram uma forte presença na produção de capas de discos, camisetas, cartazes e filipetas – *flyers* –, entre outros artefatos.

²³⁷ *Gerúndio com “d” nem fudeno*, crônica da seção *Macumba accidental* escrita por Xico Sá e publicada em 05 de setembro de 2002 (ver a crônica na íntegra e comentário no capítulo IV).

²³⁸ Ou Her Docktor Mabuse, referência explícita ao personagem dos filmes do cineasta alemão Fritz Lang.

pernambucano, foi o seu *webmaster*, ou seja, aquele que operacionalizava o programa que disponibilizava a página eletrônica na Internet. Criador dos *websites* divulgadores do Manguê, os citados *Manguebit* e *Manguetronic* (sítio que foi o primeiro programa de rádio feito exclusivamente para Internet da América Latina²³⁹), Mabuse foi figura importante na relação que se estabeleceu entre o Ma

crônicas sobre futebol todas as sextas-feiras). A partir de 2000 publicou vários livros: *Beato Zé Lourenço* (2000 – Edições Demócrito Rocha), *Modos de macho & modinhas de fêmea* (2003 – Record), *Divina comédia da fama* (2004 – Objetiva), *A nova geografia da fome* (2004 – Tempo d’Imagem), *Se um cão vadio aos pés de uma mulher-abismo* (2004 – Fina Flor); e *Catecismo de devoções, intimidades & pornografias* (2005 – Editora do Bispo).

Os textos de Xico Sá possuem um teor satírico e crítico acentuado - não raramente com incursões líricas -, ao tratar de assuntos que gravitam entre a política, a cultura e a vida privada. Discorrem sobre os hábitos do cotidiano nos mais variados aspectos: do amor conjugal, passando pelas curiosidades do que o próprio autor chama de “Brasil profundo” (uma espécie de etnografia dos costumes inusitados que encontra nas suas viagens pelo interior do país), até as novidades de consumo trazidas pela indústria cultural e pelo mundo globalizado contemporâneo. Seus textos políticos têm como alvo a estratificação do poder brasileiro (políticos e grupos que nunca saem do lugar onde estão), centrando o foco principalmente na tradição oligárquica nordestina. O gênero mais freqüente em que escreve é a crônica que assina sob vários pseudônimos, como se poderá observar nos perfis das seções adiante. Além das crônicas, Xico Sá publicou no próprio sítio novelas, entrevista, matérias jornalísticas, entre outros formatos textuais. Em qualquer dos vieses, seja tratando da política, da cultura ou da vida privada, seja em crônicas ou qualquer outro gênero ou formato, seus textos sempre descarnam tanto a moral rural-patriarcal como a moral burguesa brasileiras, apoiando-se constantemente em referências literárias e filosóficas.

Se o Mangue não gerou um romancista, como cobrou Ariano Suassuna, ou mesmo um poeta no sentido canônico do termo – pois, sem maiores delongas numa possível e anacrônica discussão, considero verdadeiros poemas muitas das letras criadas pelo falecido Chico Science e o atuante Fred ZeroQuatro -, teve em Xico Sá seu maior representante literário. Xico foi (e ainda é) esta representação no largo sentido que o adjetivo “literário” pode oferecer. Através de seus textos, teve atuação considerável na formação da “cena Mangue”. Entre suas atividades como escritor e jornalista ligado a tal movimentação, destaca-se a veiculação de matérias e

informações sobre o assunto em vários órgãos da imprensa brasileira²⁴¹, a composição de letras de músicas (em parceria com o Fred ZeroQuatro²⁴²) e de texto de encarte de disco.²⁴³

4.3.3. Mecanismos

Depois do período hospedado no *Manguebit*, a partir de agosto de 1999 O *Carapuceiro* passou a ser veiculado pelo UOL (*Universe On-Line*), provedor pelo qual chegou a ter um cadastro de 2.000 leitores interativos e, em determinadas ocasiões, a atingir picos de audiência de entre 10.000 a 20.000 visitas²⁴⁴. Segundo seus responsáveis, a variação da audiência se dava muito em decorrência do aparecimento de chamadas com *links* para o sítio no portal da UOL, principalmente se ele apresentava textos com temas ligados a acontecimentos que estavam em pauta pela indústria cultural (como, por exemplo, o *São Paulo Fashion Week*, para o qual o periódico dedicou a crônica *Tendências crônicas*, texto satírico escrito por Xico Sá e publicado em 01 de julho de 2001 na seção *Carapuça* – ver Anexo II).²⁴⁵

O sítio ficou no UOL até o começo de 2004, quando, pelo fato de abordar temas ligados à identidade nordestina, recebeu um convite e se transferiu para o portal *PE 360°*, página do provedor *Globo.com*, espaço onde encerrou suas atividades. Apesar do perfil d'O *Carapuceiro* ser afinado com a proposta mais “regional” do *PE 360°*, com esta mudança a página eletrônica passou a ser mais exigida na regularidade de suas edições, fato que gerou conflitos na relação entre seus responsáveis e os

²⁴¹ Além de ter sido jornalista do jornal *A folha de São Paulo*, Xico Sá escreveu (e ainda escreve) crônicas e matérias para as revistas *Trip*, *Playboy*, *Primeira Leitura*, *Bravo!*, entre outras, veículos nos quais veiculava constantemente pautas de lançamentos de discos e excursões das bandas ligadas ao Mangue, reportagens sobre a produção cultural recifense e suas realizações nas áreas de audiovisual, moda, fotografia etc.

²⁴² Fred 04 é líder da banda mundo livre s/a e parceiro de Xico Sá nas letras das músicas “Bolo de ameixa”, do disco *Carnaval na obra* (1998), e “E a vida se fez de louca” do disco *O outro mundo de Manuela do Rosário* (2003).

²⁴³ Xico Sá escreveu o encarte do *Baião de viramundo* (2000), disco-tributo a Luiz Gonzaga com várias bandas da cena Mangue interpretando suas canções.

²⁴⁴ Audiência contabilizada pelo provedor UOL e disponibilizada em endereço eletrônico, cujo acesso era restrito aos responsáveis pelo sítio através de uma senha.

²⁴⁵ Ainda de acordo com os responsáveis, um pico de visitação considerável ocorreu com a disponibilização em formato mp3 da música “Caiu a ficha” da banda *mundo livre s/a* (apresentação e link para “baixar” a música gratuitamente na página intitulada *Contrainformação S/A*, publicada em 15 de outubro de 2001 na seção *Prosopopéia* – ver Anexo II), ocasião em que o sítio recebeu quase 20.000 visitas.

administradores do portal (vale destacar que *O Carapuceiro*, durante toda sua existência, nunca recebeu qualquer pagamento ou ajuda financeira²⁴⁶). Além disso, a menor audiência do *PE 360º* fez cair o próprio número de visitas do sítio, ocasionando um desestímulo por parte daqueles que o criavam. Com o fim do periódico, em abril de 2005 o editor Xico Sá inaugurou um *blog* homônimo no qual disponibiliza apenas textos de sua autoria – sem colaboradores e com perfil mais confessional – em vários gêneros literários como a crônica, a poesia, a novela, relatos biográficos etc.

Durante sua permanência no ciberespaço, *O Carapuceiro* utilizou páginas eletrônicas em linguagem HTML (*Hypertext Mark up Language*). A marca diferencial da linguagem HTML é justamente seu caráter hipertextual e hipermídia: textos, imagens, vídeos e sons podem compor um único documento – a página da *Web* –, conectável a outros documentos da mesma natureza, armazenados em servidores que integram a rede mundial de computadores (*www – world wild web*).

O programa (*software*) utilizado pelo sítio para compor suas páginas HTML é o *Notitia*, elaborado pela extinta *NEWStorm*, empresa de tecnologia para a Internet que era voltada para o desenvolvimento de soluções na área de gerenciamento de conteúdo na rede. Criada por ex-alunos do *CIn* - Centro de Informática da UFPE, a *NEWStorm* objetivou aliar formação acadêmica ao mercado da informação em rede²⁴⁷. Enquanto durou, ela foi fomentada pelo *Recife BEAT*²⁴⁸ - Base para Empreendimentos de Alta

²⁴⁶ Na crônica *Carta aberta aos Faustos do Silício (1)*, texto assinado conjuntamente pelos três criadores do sítio e que abre a seção *Leilão de Almas*, encontra-se um comentário satírico referente a este fato: “Sem um centavo do cachorrinho de Adam Smith, sem nenhuma esmola da mão invisível das calçadas virtuais ou sequer alguma poeira superestimada do Vale do Silício nos olhos, O Carapuceiro chega ao seu segundo ano. Não foi fácil manter o nosso web-master em regime de trabalho-escravo. Mas que foi divertido, isso foi. A diversão é o xerém de nossas almas engaioladas. Engaioladas, pero nunca loucas. Não rasgamos pesetas nem reais, mas que hay vontade, hay. Durante esta longa jornada, tivemos o privilégio de veicular um único anúncio, uma peça do camarada Marx, que chacoteava a burrice do mercado: ‘Quem entende de Capital, anuncia n’O CARAPUCEIRO’, bradava a figura do barbudo a serviço do banner. Isso não quer dizer que estejamos exibindo as nossas chagas na mendicância ou leilões web-soul. Quem quiser molhar as nossas mãos, vai ter quer agüentar a nossa segura ancestral, a nossa fome de viver.” (Ver texto na íntegra no Anexo II)

²⁴⁷ Informações retiradas do próprio sítio da *Newstorm* (www.newstorm.com.br - atualmente este endereço está fora da rede).

²⁴⁸ O *Recife BEAT* - Base para Empreendimentos de Alta Tecnologia - é a incubadora de empresas do Centro de Informática da Universidade Federal de Pernambuco (*CIn*) e um agente em Recife da Sociedade SOFTEX (Centro SOFTEX Genesis). Criado em 1997, com o objetivo de fomentar o nascimento de novas empresas de informática provenientes do meio acadêmico, o *BEAT* é formado por um consórcio que inclui atualmente sete instituições: o próprio Centro de Informática, o *C.E.S.A.R.*

Tecnologia - e pelo C.E.S.A.R - Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife²⁴⁹. Juntamente com este centro, a empresa se situava no *Porto Digital*, pólo tecnológico localizado na cidade do Recife.²⁵⁰

Principal produto da *NEWStorm*, o *Notitia* é um sistema de gerenciamento de conteúdo de páginas eletrônicas bastante funcional para atender às necessidades de qualquer tipo de publicação, seja um noticiário *online*, uma *intranet*²⁵¹ ou um *site* corporativo. Com o *Notitia* é possível gerenciar usuários, assinantes, textos, imagens, *links* e *layouts* através da *web* (o programa é oferecido em duas versões para diferentes

(Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife), o Centro de Inovações e Negócios, o Centro Integrado de Tecnologia da Informação, o Sebrae Pernambuco, a Incubatep e o Núcleo SOFTEX Recife. Atualmente, o *Recife BEAT* conta com oito empresas incubadas, a maioria formada a partir da disciplina Empreendimentos em Informática do *CIn*. À essas empresas são proporcionados apoio estrutural, técnico, financeiro e gerencial, no sentido de promover o desenvolvimento dos seus produtos e das próprias empresas, a aprimoração dos seus empreendedores, a captação de negócios e a consolidação dos produtos no mercado. (In: www.cin.ufpe.br/~beat/obeat.htm)

²⁴⁹ Criado em maio de 1996, o C.E.S.A.R. é uma evolução das atividades de formação de capital humano, pesquisa e desenvolvimento do Centro de Informática (*CIn*) da Universidade Federal de Pernambuco. Esse trabalho, iniciado em 1974, atingiu alto grau de maturidade gerando a necessidade de uma intervenção mais direta na economia de Informática da região, agindo diretamente na ponta do processo de inovação tecnológica. O C.E.S.A.R. foi criado para incrementar o relacionamento entre a academia e a sociedade, dando clara prioridade às demandas do mercado. Primeira fábrica de *softwares* do Norte-Nordeste, o Centro trabalha para aumentar a quantidade e a qualidade de produtos, serviços e empreendimentos de tecnologia da informação baseados em Pernambuco. Para isso, agrega a capacidade local de formação, pesquisa e desenvolvimento à sua competência de gerenciar e executar projetos, aliado a parceiros estratégicos de tecnologia, serviços, negócios e investimentos, com visão e atuação de classe mundial. Outra contribuição do C.E.S.A.R. tem sido a geração de novos empreendimentos, a partir de um modelo de incubação que estrutura novas empresas de Informática. Exemplos recentes de empresas que emergiram da Fábrica de Empreendimentos do C.E.S.A.R. são o engenho de busca *Radix*, agora parte do Grupo *Ibest*, a empresa *Mobile*, e a *VANguard*, empresa de administração corporativa de sistemas. (In: www.cesar.org.br)

²⁵⁰ Surgido no ano de 2000, o *Porto Digital* é definido no seu próprio endereço eletrônico como “Arranjo Produtivo de Tecnologia da Informação e Comunicação” com foco no desenvolvimento de *software*. Situado na cidade do Recife, ele é um projeto de desenvolvimento econômico que agrega investimentos públicos, iniciativa privada e universidades, compondo um sistema local de inovação que tem atualmente 94 instituições entre empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação, serviços especializados e órgãos de fomento. (In: www.portodigital.org)

²⁵¹ Para uma definição de intranet, cito novamente Pierre Lévy: “Uma intranet é uma rede de acesso restrito que funciona como a Web, mas não está disponível através da Web. Por definição, uma intranet não pode estar física e logicamente conectada à Internet – caso contrário, se torna uma *extranet*. Em geral, as intranets são redes corporativas, permitindo que os empregados de uma companhia compartilhem recursos e projetos sem que as informações confidenciais dessa companhia fiquem disponíveis para todas as pessoas que têm acesso à Internet.” LÉVY, Pierre. *Cibercultura*, pág. 255. Uma intranet pode ser usada por qualquer tipo de organização (empresa, entidade ou órgão público) que deseja compartilhar informações apenas entre seus usuários registrados sem permitir o acesso de outras pessoas. O que o usuário vê é uma interface igual à da internet, com a aplicação da mesma tecnologia, só que numa rede fechada. Os usuários desse tipo de rede contam com serviços similares aos encontrados na Internet, porém, podem ou não ter acesso à rede mundial, dependendo da decisão tomada pela empresa.

necessidades em conteúdo, uma *standard* e outra profissional). Atualmente, empresas e agências importantes utilizam o sistema para disponibilizar suas *homepages*, como por exemplo o *I-Best* (www.ibest.com.br), a revista *Veja* (www.vejaonline.uol.com.br)²⁵², o jornal *NoMínimo* (www.nominimo.com.br), entre outros.

4.3.4. Seções

Embora tenha sido criado e fosse “antenado” com as idéias que motivaram a eclosão da cena cultural do Recife, *O Carapuceiro* não se caracterizou estritamente como um instrumento de divulgação das produções e das informações sobre o Mangue, tal como ocorreu com os já citados *Manguebit* e *Manguetronic*. O sítio foi o veículo encontrado por Xico Sá para publicação de textos tanto de sua autoria como de escritores (na maioria desconhecidos, boa parte, inclusive, incógnitos até mesmo para os próprios responsáveis) espalhados pelo Brasil. Recebeu contribuições dos mais heterogêneos colaboradores (de várias formações e localidades do país) e também compilou textos de alguns escritores renomados como Honoré de Balzac, Nelson Rodrigues, Antônio Maria, Evaldo Cabral de Melo, entre outros. Para se ter uma idéia, na pesquisa realizada para a elaboração desta tese foram catalogados 68 autores (ver Anexo III), entre nomes reais e pseudônimos, distribuídos no total de suas nove seções. Qualquer pessoa podia enviar textos, cujas publicações ficavam sujeitas à edição do responsável²⁵³. A renovação do sítio não possuía uma periodicidade estabelecida e era determinada pelo ritmo de produção (e pela disponibilidade) do editor Xico Sá e dos colaboradores (passou por períodos em que as trocas dos textos eram realizadas semanalmente, no entanto, às vezes elas chegavam a se prolongar por um mês - em geral, não mais que isto).

A crônica foi o formato literário predominante em quase todas as seções d’*O Carapuceiro*. Além do gênero, encontravam-se contos, matérias com teor jornalístico, pequenos tijolos de textos aos moldes das colunas sociais, entrevistas e novelas. Cada

²⁵² O sítio da revista *Veja* utiliza uma versão mais avançada do *Notitia* chamada *NCM news* (*Newstorm Content Manager*) que também é produzido pela *NEWStorm*.

²⁵³ O envio de textos era feito através da caixa eletrônica ocarapuceiro@uol.com.br, desativada com o fim do sítio.

uma de suas seções possuía um perfil determinado, com peculiaridades e características próprias. Na sua última formatação, eram elas: *Prosopopéia*, *Por cima da carne seca*, *Macumba accidental*, *Leilão de almas*, *Carapuça*, *Caritó*, *Macho* e a mais recente *Aurora Boulevard* (que substituiu a antiga *Diário da corrupção*).

Antes de comentar cada uma dessas seções é preciso destacar que nem todo material que foi publicado n'O *Carapuceiro* pôde ser coletado na pesquisa desta tese, isto porque, sendo o próprio sítio anterior a esta, uma parte se perdeu no ciberespaço e o editor não possuía todos os textos em seus arquivos. O conteúdo a001648.00006 cm B90 0 0.2399999

Conjuração Bahiana (*Fraternité, liberté e derieré*, por Emerson de Aquino); a apresentação de *O Carapuceiro*, compilação de crônicas do antigo jornal homônimo que circulou na cidade do Recife na primeira metade do séc. XIX, organizada pelo historiador pernambucano Evaldo Cabral de Mello (*Periódico que teima em ser antigo* e *A arte do mal-dizer*, ambas o mesmo texto escrito pelo referido historiador²⁵⁵); a apresentação do sítio *Jornal de Poesia* (*Sortimento do eu-mesmo*, pelo próprio editor da página eletrônica Soares Feitosa); o relato de um suicida sobre a importância do afago de mão como ante-sala do sexo nas relações entre homens e mulheres (*Da Halobacterium halobium e o vício solitário*, por Cláudio Tognolli); a apresentação e disponibilização em formato mp3 da música *Caiu a ficha* da banda mundo livre s/a (*Contrainformação S/A*, por Xico Sá).

As crônicas tratam dos seguintes temas: as origens da literatura de cordel e a forte ligação entre a região Nordeste e a Europa medieval (*Esse mundo que eu vejo no presente, eu não sei até quando vai durar*, por h.d. Mabuse); a grande enchente que ocorreu no Recife em decorrência do transbordamento da barragem do rio Tapacurá no ano de 1975 (*Apenas uma marca na parede* e *Tapacurá, verdades e mentiras da nossa 'Guerra dos Mundos'*, ambas por Xico Sá); a defesa da volta da prática da dedada (*Manifesto pela prática da dedada*, por João A. Cunha); a arte da conversa e a receita de 15 conselhos para serem aplicados nos diálogos (*Homens que oram*, por Xico Sá); uma recomendação aos foliões carnavalescos para agirem com mais prudência durante o tríduo momesco (*Do amadorismo da fantasia organizada*, por A. Jaccoud); o aluguel de um rádio de pilha em pleno estádio de futebol (*Ao pé das oiças*, por Fábio Victor); as angústias de dois nordestinos em deixar a terra natal mediante as oportunidades de trabalhos na capital paulista (*A querela dos diagnósticos*, por Lourenço Conselheiro); o encantamento da ex-primeira dama dona Ruth Cardoso com o umbuzeiro em viagem pelo sertão nordestino (*A fábula do umbuzeiro*²⁵⁶, por Epaminondas Silva); o lançamento do disco de música popular brasileira *É só alegria* ("*Minha paz será (breque) seu forever*", por Zé Teles); o perfil de "velho safado" do escritor Jorge Amado (*A bunda e a bondade*, por Xico Sá); a (falta de) guerra no

²⁵⁵ Ocorre uma repetição do mesmo texto com títulos diferentes.

²⁵⁶ A mesma crônica encontra-se na seção *Por cima da carne seca*.

Iraque (*Cabras frouxos*, por Ulysses das Capoeiras); o sofrimento do antigo ator que interpretava o Jesus em Nova Jerusalém e os privilégios dos novos globais que passaram a atuar neste espetáculo (*Cristo pregado e as formigas judiando*, por Xico Sá); a repercussão da obra do cineasta Glauber Rocha e a possibilidade dos artistas se transformarem em espectros ou canalhas (*Fantasma & Canalhas*, por Franciel Cruz); a experiência sexual de um homem com uma mulher de vagina avantajada (*Fala Doutor Apocalipse*, por Ronaldo Bressane).

Os contos são curtos (disponibilizados em uma única página) e relatam histórias como o chamado de prisão de um bêbado nas ruas Barbalha, município do Estado do Ceará (*O Barco da Cachaça*, por Wilson Vieira); a passagem de um grupo de rapazes e moças cantando uma modinha erótica no carnaval (*Carnaval de 19*, por Rodrigo Garcia); a saga de um rei africano cuja ossada foi encontrada em frente a uma igreja da cidade do Recife (*O Rei Está Nu*, por André Gallindo); as peculiaridades da vida de um homem que carregava a sua mágoa (*Nele, o oco esbarra no deveras*, por Ronaldo Bressane); o despejo de casa de um homem ao trocar o nome da esposa pelo da atriz Cláudia Cardinale (*“Burti Lancasti”*, por Joca de Oliveira).

4.3.4.2. Macumba Acidental

A seção *Macumba Acidental* tem como eixo temático a cultura brasileira, tratando tanto dos seus aspectos etnográficos e folclóricos - com ênfase nas particularidades da região Nordeste - como do universo da indústria cultural. Recebeu colaborações de 13 autores, entre eles José Teles (jornalista e crítico de música do *Jornal do Commercio* de Recife), Eduardo A. de Ulisses G. Paiva (colaborador do Rio de Janeiro), Wilson Freire (médico e escritor de Pernambuco), Daniel ElPapa (pseudônimo de um colaborador paraibano desconhecido do editor e residente em Brasília), Bob Moustache (pseudônimo do colaborador Beto Azoubel, pernambucano radicado no Rio de Janeiro e doutorando em literatura brasileira pela Puc-Rio), Fred Zeroquatro (compositor e líder da banda mundo livre s/a), Otto Maximiliano (cantor e compositor pernambucano radicado no Rio de Janeiro), Miss Soledad Corações no Ataque (variação de Miss Soledad, colaboradora ficcional de perfil feminista), W.W.

Wanderley (colaborador ficcional), Ivan F.K. (idem), Suavezito (idem) e do próprio editor do sítio Xico Sá que assina 21 dos 35 textos que a compõe.

Entre estas trinta e cinco páginas, apenas cinco não são no gênero crônica: a entrevista – a única no formato tradicional existente em todo o sítio - com a cantadora pernambucana Mocinha de Passira, intitulada “*Bote minha idade que eu como seu figo*”, realizada por Xico Sá; a matéria-entrevista com a cirandeira Lia de Itamaracá, *A rainha do mar*, feita pela dupla Renato L e Fred ZeroQuatro; o cordel *A História do Reino que foi Clonado* do médico e escritor pernambucano Wilson Freire; e as reportagens jornalísticas *O beatnik do Cariri* (sobre o poeta cearense Patativa do Assaré, mostrando suas influências literárias e comentando três livros lançados recentemente sobre o autor) e *Chauvinismo desafinado* (sobre as violeiras do Nordeste e as dificuldades no exercício de seus ofícios), ambas realizadas por Xico Sá.

O texto *Cadê o folgado que estava aqui?* é uma crônica que satiriza a tradição folclórica através da história da modernização de uma banda de pífanos cujos integrantes pertencem a uma mesma família (narrada por W.W. Wanderley – na íntegra no capítulo cinco), aproximando-se bastante do conto. As demais crônicas abordam os seguintes temas e assuntos: o purismo folclórico com que a região Sudeste interpreta o Nordeste (*Síndrome de Mário de Andrade*, por Xico Sá - na íntegra também no capítulo cinco); o Nordeste filmado de forma caricata por uma produtora carioca (*Eu conspiro, tu conspiras, eles vendem*, por Ivan F.K. - na íntegra também no capítulo cinco); o estilo de dançar o forró das novas gerações na região Sudeste (*Quando tu balança, dá um nó na minha pança*, por Xico Sá); as origens dos carnavais fora de época e suas descaracterizações atuais no Brasil (*Da mi-carême aos picaretas*, por Xico Sá); o chamado forró universitário (*Forró universitário x forró Mobral* - com carta-resposta de um adepto do estilo -, por Xico Sá); a exposição *100 anos de Cordel* ocorrida no SESC Pompéia de São Paulo no ano de 2001 (*Museu de tudo de São Saruê*, por Xico Sá); as particularidades da cidade de Exú no sertão pernambucano e o descaso das autoridades públicas com os bens culturais do município (*S.O.S. Exu*, por Eduardo A. de Ulisses G. Paiva); as transformações que a rua Sete de Setembro - centro da cidade do Recife - vem sofrendo nos últimos anos (*São Paulo, meu amor*, por José Teles); a passagem da bailarina alemã Pina Bausch pelo Brasil e sua visão

exótica do país (*A tragédia que precede a janta*, por Xico Sá); a influência da maconha na música popular (*O efeito da Canabis sativa na batida da música popular*, por José Teles); o sotaque regional forçado das novelas da rede Globo (*Coitado dos camelos*, por Xico Sá); a falta de entendimento das mulheres sobre o futebol (*Esse jogo só pode ser 1x1*, por miss Soledad Corações no Ataque); homenagem ao falecido antropólogo e folclorista pernambucano Mário Souto Maior (*Museu de tudo*, por Xico Sá); a grande quantidade de homossexuais durante o desfile da Banda de I

4.3.4.3. Leilão de almas

A seção *Leilão de Almas* foi concebida originalmente para receber textos de colaboradores convidados pelo editor Xico Sá, funcionando como uma espécie de “salão literário” d’O *Carapuceiro*. Como a *Prosopopéia*, é a seção com o maior número de autores: 20 nomes, entre escritores reais e pseudônimos. É composta por 57 textos, na sua grande maioria em forma de crônicas. Fazem exceção ao gênero uma carta-resposta e sua réplica, três contos, uma fábula, um poema, dois trechos de obras literárias e uma página com indicações de livros. A carta-resposta *Como vovó já dizia*, é uma tréplica do professor de História da UFPB João Azevedo Fernandes para a leitora Marina Makyiama que condenou os ataques do autor, em texto anterior desta mesma seção (*Desastre, desastre, desastre*), a astrologia (a crônica também da seção *Qual é o signo da Ku-Klux-Klan*), mostrando-a como um exemplo de crença religiosa contemporânea. O primeiro conto, *Urbanétnicas - nº 2* por Beto Azoubel, relata o drama de uma mulher que vai para sessões de análise tratar do seu problema de abstinência sexual. O segundo, *Lotação* por Zema Ribeiro, narra a ereção de um passageiro em ônibus lotado com a cumplicidade de uma velhinha. O terceiro, *Viúvo de uma loira* por Daniel Albuquerque, retrata um casal em crise no casamento. A fábula, *Mesmo quando o amor não acaba*

responsáveis do sítio (Xico Sá, h.d. Mabuse e Miss Soledad – Adriana Vaz) sobre o segundo ano d'O *Carapuceiro* e as dificuldades de se manter independente no ciberespaço; *Amendoim cozido em águas turvas* sobre as potencialidades da alma feminina (por Miss Soledad Corações da Maldade); *Carta aberta à vitória-régia da hipocrisia*, uma crítica as matérias veiculadas pela imprensa na ocasião da morte da cantora Cássia Eller (por Xico Sá); e *Salve Cláudio Assis e fodam-se os imbecis!*, um manifesto, também escrito por Xico Sá, em defesa do referido cineasta que foi alvo de críticas da imprensa pelos gritos que desferiu no cinema Odeon (Rio de Janeiro) na ocasião de um evento de premiação cinematográfica. Há também uma crônica-obituário, intitulada *Troça e pouco caso*, em memória ao falecido folclorista pernambucano Mario Souto Maior (por Jaci Bezerra). E ainda uma crônica-crítica sobre o livro *O Esqueleto* do escritor também pernambucano Carneiro Vilella (*Carneiro Vilella vive* por Xico Sá).

No que diz respeito aos temas, os assuntos são variados e não estabelecem nenhum eixo temático. As crônicas abordam: memórias da enchente de 1975 no Recife (*A cheia que trouxe o mar vermelho*, por Xico Sá); a impessoalidade das relações que passam a ser estabelecida com o advento da Internet (*As calçadas da Internet*, por Xico Sá); o desaparecimento de um dos responsáveis pelo *O Carapuceiro* (*A desaparecida da lotação*, por Xico Sá); as tarifas cobradas pelo *Napster* aos usuários da Internet (*De incendiário a bombeiro em 15 minutos*, por Xico Sá); a dúvida sobre quem será o próximo homem do século (*Assim falou G. K. Chesterton*, por Xico Sá); uma crítica aos jovens executivos de São Paulo ligados aos negócios da Internet (*Janelas que não abrem*, por Xico Sá); a história de Jonathan Lewis MacGoover, médico pernambucano filho de escoceses que era fascinado por assombrações (*Emparedadas e malassombros*, por Sir Wilson Seymour); a validez do corpo pelos seus defeitos e excreções (*Oboscópios, mondrongos e tamatiás*, por Xico Sá); uma crítica a Astrologia (*Qual é o signo da Ku-Klux-Klan*, por João Azevedo Fernandes); a virgindade feminina como “publicidade” nos dias de hoje (*Hímen anular íntegro*, por Xico Sá); uma descrição nostálgica da cidade do Recife (*Morte em Veneza dos Pobres*²⁵⁷, por Xico Sá); a abundância de homens e mulheres bonitos nos

²⁵⁷ Crônica também publicada no sítio *Falae* (www.falae.com.br).

subúrbios do Brasil (*Sangue de bairro*, por Juracy Comum-de-dois); uma crítica ao funcionamento privatizado da Penitenciária Industrial e Regional do Cariri no Estado do Ceará (*Recordações do inferno*, por Antônio das Mortes); a convocação de mulheres para a realização de atividades sexuais antes de uma possível hecatombe planetária promovida pelo terrorismo (*Daqui ninguém sai vivo*, por Xico Sá); as dificuldades de uma mulher à beira dos trinta anos em encontrar homens ideais (*A seleção natural feminina-darwiniana*, por Fabiana de A. Amorim); as dificuldades de um estudante nordestino na Puc-Rio para se concentrar nos estudos mediante a grande quantidade de mulheres nos corredores da universidade (*Ô burguesia cevada!*, por Beto Azoubel); os conselhos a alma feminina (*Amendoim cozido em águas turvas*, por Miss Soledad Corações da Maldade); o sucesso de uma geração de paraibanos que estão trabalhando na capital federal (*Sofisma e o embrulho do vento*, por DaniEl Papa); os acontecimentos e a decadência da rua Sete de Setembro, via pública localizada no centro do Recife (*Se minha rua falasse*, por José Teles); um questionamento sobre a pesquisa de clonagem de gatos (*Espírito copycat*, por Xico Sá); uma sátira ao casamento, considerando-o como o suicídio altruístico da sociedade ocidental contemporânea (*Sociedade dos Suicidas Anônimos*, por DaniEl Papa); uma situação de perda de objeto ocorrida em noite etílica paulista (*Dá-me Guinness que a vida é nada, nega!!!* por Plínio Fraga); o humor peculiar dos pernambucanos (*O humor sério dos pernambucanos*, por Genaro Lira); um guia classificatório dos banheiros do Brasil (*Guia Uma Roda – Conheça o mundo pelo fundo*²⁵⁸, por Daniel ElPapa); uma sátira as fotografias de pessoas nuas realizadas pelo fotógrafo americano Spencer Tunick (*Picnic nu*, por Xico Sá); uma despedida ao amigo francês (*Au revoir, monsieur Dulac!*, por Bob Moustache); comentários sobre a leitura do livro *Os sofrimentos do jovem Werther* de Goethe pela namorada do autor (*Minha nega lê Goethe*, por Xico Sá); a necessidade do cochilo depois do almoço (*Zé-bodismo, a lição de casa*, por Xico Sá); a defesa da liberdade dos pobres em utilizar como bem entenderem os cupons do programa de combate à fome concedidos pelo governo federal (*A “danada”*, por Xico Sá); uma sátira ao Mercado financeiro com referências aos mercados populares do Brasil (*Bolsa de Mercadorias e Trocas Possíveis*, por

²⁵⁸ Essa mesma crônica também foi publicada na seção *Macumba Acidental*.

Aureliano Cavalgado); a passagem das estudantes da rede estadual de ensino sob os olhares libidinosos de quarto homens na mesa de um bar (*Cuidado: escola*, por Xico Sá); os improvisos realizados pela moda recifense diante da precária situação econômica da cidade (*Contraditório esporte fino*, por Miss Soledad Corações Contraditórios); os apel

Seu principal colaborador é Antônio das Mortes, mais um pseudônimo do editor Xico Sá inspirado no personagem do filme *Deus e o diabo na terra do sol* de Glauber Rocha (28 páginas são escritas por ele). A seção ainda recebe contribuições dos colaboradores A. Jaccourd e Dioclécio Virgílio, ambos pseudônimos também inventados pelo editor; Renato L, jornalista e Dj, considerado “ministro da informação” do movimento Mangue; Ivan Marsiglia, redator-chefe da revista TRIP; Miguel do Sacramento Lopes Gama (o padre Carapuceiro), padre, político, educador e cronista pernambucano do século XIX; e do próprio Xico Sá.

Sete crônicas compõem a seção: *O lambe-nomes*, escrita por Renato L, uma denúncia a bajulação de um chargista pernambucano ao governador de Pernambuco Jarbas Vasconcelos; *1999: o ano em que fomos felizes*, por Ivan Marsiglia, que relata a euforia no mercado do jornalismo em decorrência do boom da Internet no ano de 1999; *Biscoito acadêmico*, por Antônio das Mortes, sátira a nomeação do senador Marco Maciel como membro integrante da Academia Brasileira de Letras; *Statistica dos Casamentos, e do Bello Sexo*, por Miguel do Sacramento Lopes Gama - o padre Carapuceiro -, que apresenta uma pesquisa sobre o casamento realizada na Inglaterra no século XIX; *Modinha sem graça*, por Xico Sá, uma crítica a moda da “depilação artística” dos pelos pubianos femininos; *Etiqueta moderna para captação de recursos*, por Xico Sá, sátira ao esforço da classe artística na captação de recursos financeiros para seus projetos; *Negociando o próprio túmulo*, por Xico Sá, relato sobre o marketing de um cemitério para vender seus jazigos; e *No varal do sol da nega*, também por Xico Sá, sobre a descoberta de um novo amor.

Entre os tijolos de textos encontram-se os seguintes temas: o relatório da ONU que anuncia a existência de 146 milhões de maconheiros em todo o mundo (*Agora é oficial: mundo tem 146 milhões de maconheiros*, por Antônio das Mortes); comentários sobre a política das cidades de Recife e São Paulo e trecho do escritor Honoré de Balzac sobre a imprensa (*Imprensa e mulher se igualam na arte de mentir*, por Antônio das Mortes); a cobrança da Igreja Católica pelo uso da imagem do Cristo Redentor e a postura da elite brasileira que aponta a negligência e a indolência como causa da pobreza do país (*O caixa 2 de Deus*, por Antônio das Mortes); o afastamento da construtora Odebrecht no financiamento de campanhas políticas e a possível

reeleição do prefeito Roberto Magalhães na cidade do Recife (*Distanciamento Odebrechtiano*, por Antônio das Mortes); o número de mortes de militantes das ligas camponesas do MST e os ataques de neonazistas em São Paulo (*Como a cantiga da perua: pió, pió, pió*, por Antônio das MBTc5010 0 50 0 0 j 50 0 0 50 1000.1de s

(*Folk-lore e real-politik*, por Dioclécio Virgílio); o temor das classes alta e média em relação à pobreza e a prática comum da polícia em assassinar pobres (*Sete palmos de terra e muitos caixões*, por Antonio das Mortes); fatos e personagens da vida política brasileira (*Armarinho de carapuças eleitorais*, por Antônio das Mortes); fatos e personagens da vida política e cultural brasileira (*Factóide de pobre é Rôla*, por Antônio das Mortes); a estetização da pobreza pelo cinema nacional, o plágio de Montaigne por Wally Salomão e a dieta dos pobres na rua (*Estética da comilança nacional*, por Antônio das Mortes); as famílias de banqueiros no Brasil (*Morra a banca*, por Antônio das Mortes); o livro *Felicidade* do filósofo e economista Eduardo Gianetti da Fonseca e o programa Fome Zero do governo federal (*Da felicidade e também da merda*, por Antônio das Mortes); o desconhecimento da elite esclarecida brasileira sobre as classes populares (*Vox populi*, por Antônio das Mortes); o elitizado carnaval de camarotes de Salvador, o programa de televisão *Cidade Alerta* e a qualidade da cocaína vendida no Rio de Janeiro (*Poleiros da desgraça*, por Antônio das Mortes).

A seção ainda é composta pelas páginas *Mastro que não sossega*, um anúncio do próprio sítio *O Carapuceiro*; *Ora pombas!*, assinada por Antônio das Mortes, contendo apenas uma frase de Josué de Castro do livro *Geografia da Fome*; e *O poderoso chefão*, também por Antônio das Mortes, texto em três partes que comenta a morte de um “poderoso chefão”, suposto personagem da vida pública nacional.

4.3.4.5. Por Cima da Carne Seca

Por cima da carne seca é a seção gastronômica d’*O Carapuceiro*. Os 35 textos que a compõe são divididos entre receitas de pratos e crônicas cujas temáticas giram em torno da alimentação (estas, algumas vezes, são acompanhadas também por receitas). Recebeu a colaboração de 18 autores, dos quais 8 são pseudônimos: Antônio Sustâncio; Ciço Laurent; Epaminondas Silva; Zildinha de Sertânia; Pedro Domecq (o sobrenome faz referência à marca de um conhaque); Antônio Cavalgado (sobrenome que faz referência ao satírico ditado pernambucano: “em Pernambuco quem não for Cavalcanti, é cavalgado”), todos criados pelo editor Xico Sá; Miss Soledad, autora de perfil feminista criada por Adriana Vaz, uma das responsáveis pelo sítio; e Bob

Moustache, criado por Roberto Azoubel, pernambucano radicado no Rio de Janeiro e doutorando em literatura brasileira pela Puc-Rio. Os colaboradores reais são: h.d. Mabuse, *webdesigner* responsável pela configuração e disposição dos sítios *O Carapuceiro*, *Manguetronic* e *Manguebit* na internet; o próprio Xico Sá (maior colaborador com 13 textos), jornalista, cronista e editor d'O *Carapuceiro*; Claudia Albuquerque, jornalista cearense; Beto Azoubel, doutorando em literatura brasileira pela Puc-Rio; Fernando Menezes, jornalista e cronista esportivo do *Jornal do Commercio* de Recife; Mário Souto Maior, folclorista pernambucano; DaniEl Papa, pseudônimo de um paraibano residente em Brasília; José Botão, Felícia Sampaio e Manuel Costa, portugueses que escrevem para o *Gastronomias* (www.gastronomias.com), sítio de culinária na Internet construído em Portugal.

As receitas trazem pratos exóticos, com ênfase na culinária nordestina. Entre elas se encontram: as dicas para o preparo do teiú (*Teiú moqueado*, página composta por h.d.mabuse que transcreve a receita de teiú de Seu Rufino, amigo do escritor baiano Jorge Amado, retirada do *Livro de Cozinha de Pedro Archanjo*, escrito por Paloma Jorge Amado Costa); a buchada-de-bode (*Buchada-de-bode, faça você mesmo*, por Zildinha de Sertânia); o Mingau-de-Cachorro, também conhecido como Crista-de-Galo, Cabeça-de-Galo ou ainda Levanta-Defunto, prato nordestino aconselhável às pessoas anêmicas, gripadas, aos ressecados e aos momentos de dificuldade financeira, pois trata-se de uma comida barata (*Um mingau para tempos de economia de guerra*, por Antônio Sustância); o bolo perna-de-moça (*Bolo perna-de-moça*, por Ciço Laurent); o prato português Punheta de bacalhau (*Punheta de bacalhau*, por Felícia Sampaio); o prato português Lombo de cervo-galheiro (*Lombo de cervo-galheiro*, por Felícia Sampaio); o prato Ostras Salteadas (*Ostras Salteadas*, por Manuel Costa); o prato português Costeletas de Cabrito à Afrodite (*Costeletas de Cabrito à Afrodite*, por Felícia Sampaio); o Bolo de Mel do Convento de S. Bento da cidade do Porto, Portugal (*Bolo de Mel do Convento de S. Bento - Porto* - Por José Botão); o prato português Pescadinhas de Rabo na Boca (*Pescadinhas de Rabo na Boca*, por Carlos Silva); o Bolo de Rolo, doce típico de Pernambuco (*Bolo de Rolo* por Fernando Menezes); o prato português Sopa de Pedra (*Sopa de pedra*, sem autoria, receita retirado do sítio *Gastronomias*); o prato “Amarra-marido” (*Amarra-marido*, por Mário

Souto Maior); o Espera-marido, comida tradicional do Nordeste (*A arte de esperar marido*, por Pedro Domecq); e o caldo de carne (*Foi a cachaça, meu fio? Peraí que tem jeito!*, por Xico Sá).

As crônicas que trazem receitas são cinco: *O cuscuz contra a burrice* (por Xico Sá), texto - e modo de preparo - sobre o cuscuz nordestino que aconselha a ingestão matinal da iguaria a fim de evitar a burrice dos diálogos entre casais nas primeiras horas do dia; *Bons selvagens que cozinham* (por Claudia Albuquerque), crônica que informa sobre a publicação d' *O Cozinheiro Nacional* - livro de autor anônimo do século 19 que relata receitas culinárias à base de iguarias brasileiras - e ensina a feitura do prato *Cutia Estufada com Carapicus*, incluído na obra; “*De mole aqui só o siri*” (por Beto Azoubel), receita de moqueca de siri mole acompanhada de texto que relata o desconhecimento de alguns nordestinos das iguarias culinárias importadas de outras regiões do país e lamenta a substituição dos pratos locais por estas; *Essa menina mulher da pele preta* (por Miss Soledad), crônica e receita de como preparar tripas assadas, prato que foi aperitivo da autora em noite da cidade do Recife; *Do cuscuz branco e a guerrilha estética* (por Bob Moustache), texto sobre a abundância do cuscuz carioca nas ruas do Rio de Janeiro e sua receita.

As páginas exclusivamente de crônicas da seção abordam assuntos referentes à gastronomia e a digestão. A exceção é o texto *Você sabe lá o que é isso...* (por Xico Sá) que relata a perda da virgindade de um folião durante o carnaval de Olinda (tal tema se deve a expressão “tirar o queijo”, recorrente na crônica e popularmente usada para designar a primeira experiência sexual). As demais tratam dos seguintes assuntos: a carestia em São Paulo narrada através da saudade do autor em comer o prato nordestino baião-de-dois (*O baião-de-dois mais caro do mundo*, por Xico Sá); o encantamento da ex-primeira-dama Dona Ruth Cardoso com o umbuzeiro em viagem pelo sertão nordestino (*A fábula do umbuzeiro*²⁶³, por Epaminondas Silva); as transformações da tapioca, comida típica nordestina, nas calçadas de São Paulo (*Fisiologia do gosto paulistano*, por Xico Sá); o preparo de um bode trazido de Pernambuco por um grupo de nordestinos radicados em São Paulo (*Verdadeira festa do bode*, por Antonio Cavalcado); a troca feita pela mulher desejada por um amigo do

²⁶³ Esta mesma crônica também foi publicada na seção *Prosopopéia*.

autor, que insistia na conversa filosófica, pelo convite para tomar açaí feito por outro homem (*Cozinhando o juízo com açaí*, por DaniEl Papa); uma exaltação as mulheres que freqüentam o bandeirão da Puc-Rio (*Mulher de bandeirão*, por Bob Moustache); a invenção do sorvete de rapadura por cozinheiro cearense (*Rapadura é doce mas não é mole não*, por Xico Sá); o afrancesamento que ocorre atualmente na cozinha típica nordestina (*Nouvelle cuisine? Vôte!*, por Xico Sá); o recente hábito dos bares cariocas em copiar bares paulistas (*Mimetismos alcoólicos*, por Xico Sá); as refeições do autor em restaurantes das proximidades da terra natal do presidente Luis Inácio Lula da Silva (*Consenso de Caetés*, por Xico Sá); histórias sobre o ato de defecar, sobre as fezes e flatulências (*Engenho e arte da cagada*, por Xico Sá); o alto poder da fava em gerar flatulências (*Alta combustão do semi-árido* por Xico Sá); a perda do exemplar do livro de um amigo na noite de autógrafos, por causa de uma farra

*arrependimento*²⁶⁵, por Xico Sá); o falso ataque do ex-presidente Fernando Henrique às oligarquias nordestinas (*O Príncipe desce do jegue*, por Xico Sá); o retorno de Ronald Biggs a Inglaterra por causa da concorrência da ladroagem no Brasil (*Go home, Mr. Biggs*, por Xico Sá); a comparação entre uma condenada que queria terminar de cumprir a sua pena para ter seu nome limpo e a classe política brasileira (*Cadeia já para Maria*, por Xico Sá); as particularidades do cotidiano da vila de Nova York no Maranhão e suas diferenças em relação à metrópole homônima dos Estados Unidos (*NY, Brazil: longe é um lugar que existe*, por Xico Sá); os nomes curiosos dos políticos nas cidades do Nordeste (*Meu voto é na “mulé”*, por Xico Sá); a defesa pela liberdade dos pobres em utilizar seus cupons como desejarem no programa de combate a fome do governo Lula (*A maldição que corrompe*²⁶⁶, por Xico Sá).

Entre os outros textos se encontram:

- Três comentários sobre acontecimentos políticos atuais: o projeto da senadora Maria do Carmo Alves (PFL/SE) para construir viveiros de camarão no lugar dos manguezais (*Diário da corrupção revela a arte de furtar e os desfalques do reino*, por Xico Sá); a prática do nepotismo entre os prefeitos e os juízes do Ceará (*Ciranda cearense na dança do nepotismo*, por Xico Sá); o pedido do político Paulo Maluf para aumentar de 30 para 60 anos o limite máximo de prisão de um criminoso (*Crime & Castigo! Malufgo:*

governo de Fernando Collor (*A peruca e o esquema “Primeiro Mundo”*, por Flávio Almeida);

- Duas pesquisas e o resultado de uma delas: *Quem você gostaria de levar ao xilindró?*, por Corruptograma, Medições da Arte de Furtar LTDA; *Qual o maior bandido vivo do Brasil?*, por Xico Sá; e, o resultado parcial desta última, *Cliente morto não paga*, por A. Jaccourd Pereira da Costa;

- Duas matérias publicadas em jornais: um texto de Aparício Torelly, o Barão de Itararé, que foi publicado no periódico *A Manhã* em defesa do aumento salarial para os deputados (*Mamatas que não cessam*²⁶⁷); e a reprodução de uma matéria publicada originalmente no jornal *Financial Times*, escrita pelo colaborador Thierry Ogier, sobre os faturamentos dos bancos brasileiros (*Todo lucro é um roubo*, por Antônio das Mortes);

- Uma compilação de aforismos atribuídos a Chico Heráclio, conhecido coronel pernambucano de Limoeiro, cidade localizada na região do agreste do Estado (*Assim falava Chico Heráclio*, por Ascenso Cavalcado);

- Uma proposta de criação do “corruptograma”, espécie de medidor da corrupção no país, que seria montado através da listagem de casos denunciados pelos leitores d’O Carapuceiro (*Obra sempre aberta à rapinagem de Pindorama*, J. Bezerra Furtado).

Aurora Boulevard

Substituta da *Diário da Corrupção*, a *Aurora Boulevard* é a seção mais recente d’O Carapuceiro. Foi editada pelo jornalista e Dj Renato Lins, considerado o “Ministro da Informação” do movimento Mangue, que assina 7 dos 8 textos que a compõe (o outro é de autoria de Miss Soledad). Como seu próprio título sugere na referência a rua da Aurora - via pública do Recife localizada no centro da cidade e conhecida por seu preservado casario colonial -, a seção foi criada como um espaço para textos que retratam aspectos históricos e da vida cotidiana da capital pernambucana.

²⁶⁷ Texto publicado no jornal *A Manhã* em 30/12/1926.

Entre seus 8 títulos, 6 são crônicas que tratam dos seguintes temas: a revelação de Maurício de Nassau como personagem histórico que racionalizou as estratégias do exército holandês e trouxe o “espírito do capitalismo” para Pernambuco (*Tão safada quanto o Capital*, por Renato L - na íntegra no capítulo cinco); a especulação sobre uma hipotética conspiração na morte do músico Chico Science tramada pela indústria do Axé music (*Teoria conspiratória*, por Renato L); a situação desesperadora da vida dos brasileiros (*Sem lenço e sem documento*, por Renato L); o desespero do autor para não perder seu último ônibus num domingo a noite no centro da cidade do Recife (*Triathlon*, por Renato L); a irritação do autor com seu vizinho carioca (*Carioca Sangue Bom*, por Renato L); e os segredos de um bom Dj (*Sambo pro seu lado*, por Miss Soledad).

Os outros dois textos que compõem a seção são: um conto cuja personagem é uma mulher assassina (*Verão do amor*, por Renato L); e trechos de letras de músicas da extinta banda punk recifense Textículos de Mary (*Canções para aprender e cantar*, por Renato L).

4.3.4.7. Caritó

Como a *Carapuça*, *Caritó* não é uma seção de crônicas. Ela funciona como uma espécie de consultório sentimental, para o qual os leitores - de todos os sexos, fictícios ou não - mandam cartas (através do correio eletrônico do próprio *O Carapuceiro*) pedindo conselhos para seus problemas amorosos. As cartas são respondidas por Miss Corações Solitários, colaboradora fictícia criada pelo editor Xico Sá. A personagem é uma conselheira das questões do amor e do sexo aos moldes de Myrna, pseudônimo de Nelson Rodrigues de mesmo perfil, cujos textos estão reunidos no livro *Não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo*.

Miss Corações Solitários assina 39 das 40 páginas da seção. A única que não é de sua responsabilidade é justamente a transcrição de uma crônica da referida Myrna intitulado *O caso do pintinho*²⁶⁸, narrativa que conta a história do fim de um noivado por causa do pequeno galináceo.

²⁶⁸ Crônica extraída do livro *Não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo* do jornalista e escritor Nelson Rodrigues.

Os leitores remetentes das cartas são de várias localidades do Brasil e do mundo, de lugares - também fictícios ou não – como Cajueiro (bairro da cidade do Recife, Pernambuco), Roma (Itália), Ipueiras (município do Ceará), Aracaju (capital de Sergipe), Lisboa (Portugal), ladeira do Sumarezinho (local na capital de São Paulo), rua da Ladeira da Ribeira (Natal, Rio Grande do Norte), Vale do Ribeira (São Paulo), Porto Alegre (capital do Rio Grande do Sul), Brasília (Distrito Federal), Serra das Russas (serra no agreste pernambucano), Olinda (município de Pernambuco), Feira de Santana (município da Bahia), bairro da Consolação (bairro na capital de São Paulo), Aflitos (outro bairro da cidade do Recife, Pernambuco), Rua da Farmácia Redonda (Recife, Pernambuco), Patos (município da Paraíba), Recife (capital de Pernambuco), Teresina (capital do Piauí), Capibaribe (município de Pernambuco), Oeiras (município do Piauí) e Belém (capital do Pará).

Os temas das consultas são igualmente v(

procissão religiosa numa tarde de domingo na cidade de São Paulo (*O amor, entre promessas e chilreios*); as experiências sexuais realizadas em viagem para a cidade do Recife (*Milagre e sexo no Capibaribe*); a reclamação da falta de dedicação amorosa do namorado (*O horizonte e os cotovelos da espera*); o interesse de uma mulher casada por outro homem (*Jogos de azar e facadas amorosas*); os desejos de uma mulher por vários homens ao mesmo tempo (*Os zóinhos, a gula e todos os sentidos*); a insegurança feminina após noite de amor com os homens (*O tédio francês de todos eles*); a incapacidade para seduzir um homem comunista pretendido (*O bolchevique que me abalou todinha*); dúvidas em relação a orientação sexual (*Anfíbio em parafuso*); a falta de resposta por e-mail do homem desejado (*A ansiedade nos tempos da net*); as dúvidas de um homem na relação amorosa estabelecida com amiga (*Para estragar uma amizade*); o drama de uma paixão por um Adonis pós-moderno (*Os trabalhos de Hércules e os dias de Isis*); a violência do namorado marxista nas relações sexuais (*Faça amor durante a guerra*); a necessidade das mulheres pela sinceridade (*Dores do mundo*); a procura das mulheres por amantes (*Dores do mundo*); a falta de força para agüentar o fim de um amor (*Dores do mundo*); o drama de um amigo que não consegue ter relações sexuais com as mulheres (*O donzelo e a Penélope*); a impaciência para o retorno do amado (*O donzelo e a Penélope*); a paixão pela cunhada (*À sombra da Borborema*); o pedido de dicas para conseguir homens no verão (*À sombra da Borborema*); a sina da paixão por mulheres cujo nome seja Cibelle ou Sibelle ou Cibelly (*Cibele, rapariga maravilhosa*); a coragem de um homem ao se relacionar com mulher de extrema feiúra (*Como é grande e bonita a natureza*); o medo de uma mulher em ser interesseira (*Maria gasolina e os cavalos*); a paixão por um internauta desconhecido (*Febre da selva*); o sofrimento de um homem pelo antigo amor e sua frustração diante de nova experiência amorosa (*Ah, essa lua, esse Domecq!*); o sofrimento de um homem com a sua canalhice (*Miss Corações Solitários*); a falta de atenção dos homens durante o período da copa do mundo de futebol (*Aplicação tática*); a falta de abordagem sexual dos homens pernambucanos (*Por um amor no Recife*); a incapacidade de se libertar do sofrimento de amor por um homem (*Bálsamos para o amor*); a falta de um antigo amor exímio na arte de fazer cafuné (*Veredas capilares*); a suspeita da masculinidade do namorado (*À sombra de*

um oiti duvidoso); a dúvida sobre a condição homossexual do homem ativo no coito entre o mesmo sexo (*Miss Corações Solitários responde*); a paixão pelo padre da paróquia (*Miss Corações Solitários responde*); a baixa estima feminina (*Miss Corações Solitários responde*); a falta de atenção dos homens sobre o que as mulheres dizem (*Os cosméticos e os remédios para o amor*); a dúvida sobre a melhor forma de acabar um recente namoro antes do carnaval começar (*Os cosméticos e os remédios para o amor*); o pagamento da pensão para ex-mulher (*Crime e Castigo*); o desejo de uma menina de se livrar do apelido (*Essa menina bonita*); a saudade de uma mulher por um homem que deixou em sua cidade de origem (*Carência sob a bica*).

4.3.4.8. Macho

Macho é a seção d'O *Carapuceiro* na qual o editor Xico Sá disponibilizava as crônicas que escrevia para a extinta coluna homônima (dividida com o escritor e roteirista Fernando Bonassi) no jornal *Folha de São Paulo* durante o ano de 1997. A maioria destas crônicas foi incluída no seu livro *Modos de macho & modinhas de fêmea* (o título é uma paródia ao livro de *Modos de homem & modas de mulher* do antropólogo Gilberto Freyre) publicado em 2003.

Como o próprio título já insinua, a seqüência

fantasma de um galanteador, morto numa enchente na cidade do Recife, que assombra as mulheres (*O afogado que dançava gafeira*); a necessidade da brevidade do amor (*Amar é como viver ou morrer no submarino*); o perdão das mulheres com os homens que fazem análise (*O pé-na-bunda e os seus arredores*); a importância de amigo gay para uma relação heterossexual (*Amigo gay pra mim é homem...*); a utilidade de um homem feio para resolver os problemas de algumas mulheres (*As serventias de um homem feio*); a decadência do amor com a ansiedade estabelecida pelo advento do e-mail (*O e-mail como carrasco do amor*); o fim do suspense amoroso com o uso do aparelho bina e o visor dos telefones celulares (*O amor nos tempos do bina*); a extinção das mulheres que espremem cravos e espinhas em seus homens (*Mulheres que espremem*); a obsessão nordestina pelo adultério (*A obsessão pelo chifre*); a perda do costume do ato de cuspir pelos homens (*Não cospem mais os homens*); a procura dos homens por prostitutas (*A graça do sexo pago*); os “apagões” - quedas da rede de energia elétrica em decorrência do racionamento estabelecido pelo governo federal - e suas situações propícias as aventuras amorosas (*É tempo de lobisomens*); as dificuldades dos homens em adivinhar os desejos femininos (*O suspense diante dos hiatos femininos*); o desenvolvimento tecnológico na arte da masturbação masculina (*De Zéfiro à banda larga lá se vai uma eternidade*); a existência de prostíbulos-móveis nas cidades do interior do Ceará (*Educação sentimental - lição de abertura*); o talento dos feirantes em abordar as mulheres nas feiras públicas (*Olha a manga, gostosa*); o fim dos campeonatos estaduais de futebol (*Clássico é clássico e vice-versa*); as dificuldades do encontro amoroso (*Episódio de hoje: A Busca Amorosa*); o drama masculino diante da obrigatoriedade do sexo (*A cisma do cabra diante daquilo*); a defesa dos gemidos ao invés da gritaria feminina na hora do ato sexual (*A asma amorosa*); o desprezo do autor pelas chamadas “lolitas” (*A chatice do desejo*); a defesa do uso da mentira pelo homem feio (*Todo homem feio tem direito a mentir*); a demanda feminina pela massagem (*Arte (ufa!) de apertar a nega*); o reconhecimento das flatulências do homem por sua mulher (*Das ventosidades nem sempre identificadas*); a capacidade de Bin Laden de administrar quatro mulheres diferentes (*Terror e testosterona na veia*); o uso do Prozac como forma de garantir o bom humor feminino (*TOC - Transtornos Obsessivos Compulsivos*); a reivindicação pela volta das

vozes femininas trocadas por gravações nos serviços telefônicos (*Automação da aurora*); o novo hábito sueco do homem urinar sentado (*A derrota do xixi sentado*); o sofrimento dos homens na relação com o futebol (*Como sofrem os homens*); os 30 anos de existência do e-mail e sua capacidade de despertar a ansiedade nos homens (*Email, 30, balzac de resposta*); os homens que moram em prédios antigos e bem decorados (*Homem de predinho antigo*); a saudade do barulho dos pernalongos (*Para animar a vida besta*); o lançamento de um novo modelo de calça masculina (*Homem Santa Efigênia*); os espíritos que ainda ocupam as roupas compradas em brechós (*Homem brechó*); as possibilidades das desavenças amorosas causadas pelas correspondências eletrônicas (*Ninguém resiste à quebra de sigilo do e-mail*); os frios passados pelo autor em seus primeiros invernos na cidade de São Paulo (*Um gelo do cão*); o despertar sexual das mulheres diante dos jogos matinais da copa do mundo de 2002 no Japão (*Bola na rede*); a relação histórica existente entre o futebol e o adultério (*Chifre Futebol Clube*); a iniciação sexual do homem (*Educação sentimental*); a invenção de novas posições sexuais anunciadas em revista feminina (*Papai & mamãe e o soninho dos justos*); a evolução da ortodontia e a extinção das mulheres dentuças (*Maldita ortodontia*); o envolvimento amoroso dos pais do autor no sertão da primeira metade do século XX em contraponto aos relacionamentos modernos que utilizam as novas tecnologias (*Pelo telefone*); o tempo em que os escritores se comunicavam através de cartas postadas nos correios (*Eram tantos cavalos*); a devoção dos pobres pelas mães (*Coração materno*); o poder sentimental do e-mail anônimo (*O denunciismo amoroso*); os “modos de macho” e as “modinhas de fêmea” (*Breve lista para possíveis desentendidos*); a defesa do homem diante da possibilidade de falta de ereção (*De catuaba pra cima é covardia*); a quantidade de mulheres virgens existentes na cidade de Guaribas, município do Estado do Piauí (*Virgens e bulidas*); a passagem do autor pelos seus 40 anos (*De bicicleta*); a queda de latas de cerveja na cabeça do autor (*Latinhas assassinas*); o encontro fictício do autor com o escritor Ernest Hemingway numa pescaria as margens do Rio São Francisco (*Do outro lado do rio, entre as árvores*); o diálogo entre a mulher de um bêbado e uma garrafa de cachaça (*Germana, a marvada*); a masturbação antes do encontro amoroso (*O medo do punheteiro diante do gol*); os homens metrossexuais (*Metrô-o-quê, rapaz?!*); o pedido

público de desculpa amorosa (*Domínio público*); o crescimento do comércio erótico em Bagdá após a guerra (*Guerra & gozo*); as dores do amor (*Via-crucis do corpo é isso aqui, dona Clarice*); o sono da mulher amada (*Nada além...*); uma homenagem a *Muh* e (V(

V. O cosmopolitismo do pobre nas crônicas d'O *Carapuceiro*

5.1. Globalização, multiculturalismo e resistência

O Nordeste, na verdade, está em toda parte desta região, do país, e em lugar nenhum, porque ele é uma cristalização de estereótipos que são subjetivados como característicos do ser nordestino e do Nordeste. Estereótipos que são operativos, positivos, que instituem uma verdade que se impõe de tal forma, que oblitera a multiplicidade das imagens e das falas regionais, em nome de um feixe limitado de imagens e falas-clichês, que são repetidas *ad nauseum*, seja pelos meios de comunicação, pelas artes, seja pelos próprios habitantes de outras áreas do país e da própria região.

²⁶⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 307.

a complexa transnacionalização da produção de mercadorias; a constituição de mercados financeiros que crescentemente escapam à regulação de agências normativas nacionais; a generalização de deslocamentos populacionais de longa distância (associados seja a processos de independência de nações até então sob o jugo colonialista, aos renovados conflitos étnicos que se seguiram ao fim da Guerra Fria ou à busca contínua por postos de trabalhos sempre insuficientes); e, finalmente, a revolução da tecnologia de transmissão de dados por meios eletrônicos, da qual se destaca a constituição e popularização da Internet na década de 1990.

²⁷⁰ ANJOS, Moacir dos. *Local/global: arte em trânsito*, págs. 8 e 9.

É preciso, para isso, se localizar criticamente dentro destes fluxos culturais e não tentar barrá-los. É preciso produzir uma permanente crítica das condições de produção do conhecimento e da cultura no país e em suas diversas áreas. É preciso ter um olhar crítico em relação a este olho grande que nos espia; ter uma voz dissonante em relação a estas grandes vozes que tentam nos dizer. Não se trata, pois, de buscar uma cultura nacional ou regional, uma identidade cultural ou nacional, mas de buscar diferenças culturais, buscar sermos sempre diferentes, dos outros e em nós mesmos.

Pela centralidade que o termo adquire nas formulações que enfatizam apenas os efeitos desarticuladores da globalização em relação às culturas locais, é prudente,

²⁷¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, pág. 310.

inicialmente, proceder ao afastamento de qualquer noção *essencialista* de identidade, a qual se contraporá ao movimento de homogeneização em uma estrutura de confronto binário e fixo entre – para usar termos que claramente expressam relações assimétricas de poder – *periferia* e *centro*. Ao contrário do que aquela noção sugere, identidades culturais não são construções atemporais dotadas de um núcleo imutável de crenças e valores que singularizariam, desde e para sempre, um local entre outros quaisquer; são, antes, como propõe Arjun Appadurai²⁷², resultado de processos de expressão humana (discursiva e performativa) por meio dos quais são estabelecidas e *continuamente* reelaboradas diferenças entre grupos diversos.

A idéia de culturas locais deixa de se referir, portanto, a circunscrições espaciais definidas e finitas onde comunidades se assentam, estendendo suas bordas para os espaços com os quais distintos grupos mantêm e ampliam contato, quer por meio do comércio de bens, da migração de seus habitantes (e pelo acolhimento de imigrantes) ou do fluxo de informações que enviam e recebem por via eletrônica. O que distingue

²⁷² Antropólogo indiano autor do artigo “Disjunção e diferença na economia cultural global”, publicado no Brasil no livro *Cultura Global – nacionalismo, globalização e modernidade* (Editora Vozes, 1999, com organização de Mike Featherstone).

²⁷³ ANJOS, Moacir dos. *Local/global: arte em trânsito*, págs. 11 e 12 (itálicos do autor).

uma cultura local de outras quaisquer não são mais sentimentos de clausura, afastamento ou origem, mas as formas específicas pelas quais uma comunidade se *posiciona* nesse contexto de interconexão e estabelece relações com o *outro*. Por força dessas mudanças, a noção de identidade cultural é instada a mover-se do âmbito do que parece ser espontâneo e territorializado para o campo aberto do que é constante (re)invenção.

O multiculturalismo, enquanto fenômeno ligado à disseminação de massa das culturas locais, não pode ser visto sem reservas: mais do que iniciativas independentes “nacionais & populares” ou do que uma utópica rearticulação do local em escala global, ele também é um jogo de interesses recíprocos por parte de empresas, grupos e indivíduos. Outro receio provocado pela disseminação generalizada de culturas tão

²⁷⁴ ANJOS, Moacir dos. *Local/global: arte em trânsito*, pág. 14 (itálicos do autor).

diversas e peculiares é de que ela tenha um efeito homogeneizador sobre essas culturas. Alguns exemplos rápidos: passa-se cada vez mais a consumir o Realismo Mágico já consagrado – e filtrado – pelas academias européias e norte-americanas (mais escritores seguidores deste “estilo” aparecem e se parecem); a cozinha étnica vem a ser o que o “Ocidente” quer que essa cozinha étnica seja (*sushies*, *curries*, *tacos* de sabor “internacional”...); a principal preocupação de *world musicians* se torna adaptar seu trabalho aos ouvidos norte-americanos dos *big bosses* das gravadoras.

Ao escamotear a natureza conflituosa dos entrecosques culturais, a diluição da diferença no exótico reafirma a hierarquização do mundo entre culturas que se proclamam universais (globais) e outras que seriam, do ponto de vista daquelas, inequivocadamente particulares (locais).

²⁷⁵ PRYSTHON, Ângela Freire. *Cosmopolitismos periféricos: ensaios sobre modernidade, pós-modernidade e Estudos Culturais na América Latina*, págs. 132 e 133 (itálicos da autora).

²⁷⁶ ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais*, pág. 13.

²⁷⁷ ANJOS, Moacir dos. *Local/global: arte em trânsito*, pág. 17.

5.2. Mangue: um cosmopolitismo do pobre

²⁷⁸ ELLA SHOHAT e STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica*, págs. 474 e 475.

²⁷⁹ Calcado na referência retórica da “comunidade imaginada”, segundo o conceito desenvolvido no livro *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a propagação do nacionalismo*, do professor de Estudos Internacionais da Universidade de Cornell (EUA) Benedict Anderson.

²⁸⁰ SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. In: *O cosmopolitismo do pobre*, pág. 54.

Ao perder a condição utópica de nação – imaginada apenas pela sua elite intelectual, política e empresarial, repitamos – o estado nacional passa a exigir uma reconfiguração cosmopolita, que contemple tanto os seus novos moradores quanto os seus velhos habitantes marginalizados pelo processo histórico. Ao ser reconfigurado pragmaticamente pelos atuais economistas e políticos, para que se adéqüe as determinações do fluxo do capital transnacional, que operacionaliza as diversas economias de mercado em confronto no palco do mundo, a cultura nacional estaria (ou deve estar) ganhando uma nova reconfiguração que, por sua vez, levaria (ou está levando) os atores culturais pobres a se manifestarem por uma atitude cosmopolita, até então inédita em termos de grupos carentes e marginalizados em países periféricos.

²⁸¹ SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. In: *O cosmopolitismo do pobre*, págs. 59 e 60.

Houve, certamente uma idéia de Brasil que, formulada a partir do que é definido como região Sudeste - cuja elite manteve o poder (político, econômico, simbólico) de nacionalizar uma fala local -, por várias décadas informou o reconhecimento, de quem vive no país ou fora dele, daquilo que seria especificamente nacional. No campo da visualidade, contribuíram muito para essa construção identitária hegemônica o movimento modernista de São Paulo e, em menor medida, o do Rio de Janeiro, notadamente por meio das obras que, nas décadas de 1910, 1920 e 1930, fizeram Anita Malfatti, Tarsila do Amaral – cuja pintura empregava como modelo de representação, a noção de antropofagia proposta por Oswald de Andrade – e Emiliano Di Cavalcanti. Em uma cronologia esparsa e seletiva, também foram importantes para a fixação de uma idéia do país no campo das artes visuais a constituição dos museus de arte moderna daquelas duas cidades e do Museu de Arte de São Paulo, nos finais da década de 1940; a criação da Bienal de São Paulo, em 1950; e a legitimação crítica, nos dois decênios seguintes, do Concretismo e do Neoconcretismo. Como resultado, a produção artística proveniente da

Embora o contato e a colisão entre discursos e imagens sobre o mundo enfraqueçam a solidez imaginada dos pactos identitários – abranjam essas nações ou espaços subnacionais – e tenham feito emergir conflitos longamente sublimados, eles têm também gerado simultâneas respostas de afirmação ou reconstrução de identidades e desenvolvido um generalizado fascínio pela diferença. O resultado mais paradoxal da intensificação dos fluxos mundiais de informação tem sido, de fato, o de frustrar expectativas de homogeneização de culturas e fraturar a noção, implícita no ideário modernista, de hierarquia rígida entre elas; familiariza o mundo, ao contrário, com um ambiente cultural complexo e diversificado, instituidor de uma nova, conflituosa e ampliada cartografia da produção e circulação simbólicas. E é por ter demonstrado a insustentabilidade da idéia de universalizar uma determinada formação cultural que se pode argumentar que esse processo está intimamente associado ao abandono de uma noção monolítica de Modernismo e ao reconhecimento seja da coexistência de diferentes modernismos, da emergência de contra-modernismos, ou mesmo do surgimento do Pós-Modernismo, o qual teria na crescente horizontalização das trocas culturais uma de suas mais marcantes características.

²⁸³ ANJOS, Moacir dos. *Local/global: arte em trânsito*, págs. 60 e 61 (itálicos do autor).

²⁸⁴ A influência da globalização sobre o Tropicalismo foi destacada pelo crítico Augusto de Campos no artigo *Boa palavra sobre música popular*, no qual ele descreve a forte presença dos meios de comunicação de massa no cotidiano da época: “Os novos meios de comunicação de massa, jornais e revistas, rádio e televisão, têm suas grandes matrizes nas metrópoles, de cujas ‘centrais’ se irradiam informações para milhares de pessoas de regiões cada vez mais numerosas. A intercomunicabilidade universal é cada vez mais intensa e mais difícil de conter, de tal sorte que é literalmente impossível a um cidadão qualquer viver a sua vida diária sem se defrontar a cada passo com o Vietnã, os Beatles, as greves, 007, a Lua, Mao ou o Papa. Por isso mesmo é inútil preconizar uma impermeabilidade nacionalística aos movimentos, modas e manias de massa que fluem e refluem de todas as partes para todas as partes.” CAMPOS, Augusto de. *Boa palavra sobre música popular*. In: *Balanço da bossa e outras bossas*, págs. 59 e 60.

O termo *antropofagia*, tal como apropriado para o âmbito da cultura e operacionalizado pelos modernistas brasileiros na década de 1920, pode, assim, ser associado a uma conceituação e a uma prática sincréticas: em vez de meramente combater a influência da cultura moderna européia ou se submeter por completo a ela, os modernistas reconheciam sua força política e simbólica e propunham a incorporação e a reelaboração, desde uma visada nacional, de alguns de seus pressupostos, desse modo criando uma arte que seria própria do Brasil. Além de enfatizar a idéia da não-neutralidade do campo de construção identitária, o conceito de sincretismo destaca, portanto, a *agência* de grupos subordinados que subvertem os sentidos originais das culturas dominantes a partir de perspectivas locais. O que lhe confere poder explicativo e originalidade, contudo, é igualmente uma das insuficiências do conceito no contexto da globalização, posto que considera a tradução entre culturas como contaminação *unidirecional* – não só imposta, mas também concedida ou mesmo ativamente buscada – da cultura local por uma cultura hegemônica e estrangeira. Privilegiando a transformação daquilo que o *outro* sugere como invenção, o termo não contempla o poder de disrupção que a incorporação de criações sincréticas ao circuito

²⁸⁵ Em artigo publicado no jornal *Folha de São Paulo*, o crítico de arte e curador argentino Carlos Basualdo faz um comentário nesse mesmo sentido: “A solução que Oswald de Andrade apresenta para a questão da identidade nacional é, em certa medida, contraditória. Por um lado, aponta para à formulação de um modelo antieuropeu que admitia a heterogeneidade. A antropofagia não apenas não propõe a unificação das diferenças, mas estrutura-se com base nelas. A variedade estimula o apetite antropófago, que busca na diversidade, mais que uma matéria dócil ao exercício de transformação identitária, o estímulo para a ação e a mudança. Mas, por outro lado, Oswald de Andrade pretende encontrar o modelo de seu modelo identitário aberto e transformador nas culturas indígenas anteriores à colonização, em um rasgo de essencialismo extremamente ingênuo. Essa contradição de base permeará todo o modelo antropofágico e suas releituras dos anos 60. Por um lado, a antropofagia oferecerá a possibilidade de construir formações culturais híbridas, heterogêneas e desinibidas em relação às questões de originalidade e procedência. Mas, por outro, esse esquema aberto será presa fácil de uma tentação claramente nacionalista. O imaginário antropofágico oscilará, portanto, entre a tentação universalista e o nacionalismo exacerbado, sem nunca chegar a um ponto de equilíbrio.” BASUALDO, Carlos. *Tentação nacionalista*. In: *Folha de São Paulo*, 01/11/1998.

global de informações possui, acomodando-se a uma relação de dependência cultural pré-estabelecida.

²⁸⁶ ANJOS, Moacir dos. *Local/global: arte em trânsito*, págs. 23 e 24 (itálicos do autor).

²⁸⁷ Vale considerar aqui, porém, que o livro é a reprodução de sua tese de doutorado defendida em 1994, ano em que este movimento ainda dava seus primeiros passos.

²⁸⁸ Grupo musical alemão considerado o precursor da música eletrônica.

A estratégia do Manguê não é, contudo, uma proposta apenas para a música ou destinada somente à renovação da cultura pernambucana, sendo, antes, uma postura ampla de criação. O manguê é qualquer parte – um *local* -, um ponto de vista ou uma posição a partir da qual artistas fazem e desfazem articulações com outras partes. Articulações que geram os meios para a inserção *global* de uma produção marcada pela diferença frente aos códigos culturais hegemônicos (ressignificando-os de modo original) e que escapa, por isso, a quaisquer identificações com o que é derivativo ou exótico. Se esses artistas são eventualmente incluídos em um sistema de valoração patrimonial que possui amplitude mundial e é controlado por empresas (gravadoras, galerias, editoras) de países centrais, tornam-se também agentes ativos, no Nordeste do Brasil – no caso aqui tratado -, da reconstrução de uma idéia de seu país e, ainda que de forma subordinada, da cultura global, assumindo o papel de protagonista do que Silviano Santiago chamou de “cosmopolitismo do pobre”.

5.3. Se Deus está morto, tudo é permitido: *Manguetronic* e *O Carapuceiro* pedem passagem!

Depois de alguns dias fora do ar, coincidentemente o período de baixa total da bolsa Nasdaq, a rede *MangueNet* corajosamente reapresenta o seu pioneiro *Manguetronic* (www.manguetronic.com.br), o primeiro programa de rádio feito exclusivamente para a Internet na América Latina, e o seu cronista de costumes *O Carapuceiro* (www.carapuceiro.com.br), periódico sempre moral e só *per accidens* político.²⁸⁹

Sem Pátria, sem I-Best e sem padrão, a rede *MangueNet* combate as ciladas da teologia financeira, sempre a bordo dos sermões da saudável paranóia contemporânea que vai de Chomsky a Robert Kurz.

Ainda à moda de Tolstói (quanto mais da aldeia mais universal), os citados sítios apresentam o que há de mais cutucador em simbologia pós-utópica dos Tristes Trópicos. Ora, aceitamos Gilberto Freyre porque já o enforcamos em praça pública, digo, no açude de Apipucos, obras completas amarradas ao pé com todas as garrafas da ficção de pitanga e da picaretagem a afundarem lodo adentro.

Dane-se a burguesia açucarada de todas as nações. Viva o incêndio didático no símbolo máximo da oligarquia canavieira, o Engenho Aliança, cujas terras desapropriadas não passam às mãos dos sem-terra por pura picuinha da Justiça burguesa, guardiã da decadência oligárquica pernambucana.

Espírito livre, *MangueNet*, qual Walt Whitman, in *Folhas das Folhas da Relva*, nosso nervura/rizoma samba-clube, volta para balançar a jaqueira. I. Newton que se cuide com a sua cabeça vulnerável a qualquer lei que despenca dos céus. Recife, São Paulo, rede *MangueNet*, abril, pior dos meses (assim falou T.S.Eliot), de 2001.

²⁸⁹ ANJOS, Moacir dos. *Local/global: arte em trânsito*, pág. 63 (itálicos do autor).

²⁹⁰ Nenhum dos responsáveis pelo *O Carapuceiro* soube localizar a origem deste texto. Ele foi achado por acaso durante a pesquisa para a realização desta tese no seguinte endereço eletrônico: www.amsterdam.nettime.org/lists-archives/nettime-lat-0104/msg00100.html.

²⁹¹ Vimos no capítulo anterior que *O Carapuceiro* surgiu visceralmente ligado ao Manguê – ter suas primeiras edições acessadas exclusivamente através de um *link* disponível no sítio *Manguebit* credencia o uso do advérbio.

Tão safada quanto o Capital

Troca-troca no Carapuceiro! O Diário da Corrupção tira férias não-remuneradas e dá lugar aos passeios de Renato L na AURORA BOULEVARD. Nesse número, putas, travestis e o fantasma de Maurício de Nassau na mais saborosa rua do Recife.

Por Renato L

Se São Petersburgo tem a Perspectiva Nevski e Paris está recheada de míticos bulevares, por que eu, pobre morador da província, devo ser condenado por inventar uma via fictícia por onde possa desfilar personagens e histórias da minha cidade? Afinal, nenhum Haussmann tupiniquim criou obra semelhante sobre os mangues do Recife e o máximo que me sobrou foi uma Avenida Boa Viagem ou uma Conde da Boa Vista, as duas muito distantes do cosmopolitismo moderno que rendeu páginas imortais na literatura do hemisfério norte. Daí o título dessa coluna que me permite adentrar as gloriosas páginas do Carapuceiro: *Aurora Boulevard*, o nome de um prédio comercial transmutado em microcosmo do meu (e do seu) mundo...

Dito isso, acho dispensável avisar aos leitores que esse senhor de quarenta anos, DJ e jornalista, não vai abusar da paciência de ninguém com seus contos, novelas ou outros exemplos de pretensão artística. A essa altura do campeonato, conhecidas todas as limitações, tamanho deslante seria o equivalente ao uso de maquiagem excessiva ou de um biquíni minúsculo por uma sexagenária esclerosada. Vou apenas empregar minha inteligência privilegiada para traçar, em linhas gerais, comentários pertinentes sobre os impasses da civilização ocidental e a saída para a barbárie que nos cerca. Nada muito pretensioso.

O primeiro personagem a desfilar nesta avenida imaginária vem, convenientemente, da Holanda. Pernambuco tem verdadeira paixão por suas conexões históricas com os Países Baixos. Aqui, os melhores esgotos ainda são os da época da ocupação e os edifícios mais sólidos têm pelo menos trezentos e tantos anos. Por isso, foi com enorme prazer que, há poucas semanas, recebemos em nosso solo a visita da rainha Beatriz. Acompanhada por uma princesa argentina(!), esposa de seu filho, ela encantou os populares, fez a alegria dos colunistas sociais (cuidado, um deles avisou, é proibido tocar em sua majestade!) e arrancou, num feito espantoso, um sorriso cavalgar do governador.

Beatriz veio, viu e venceu. Assim como fez outro holandês há coisa de três séculos. Maurício de Nassau é um fantasma presente em cada esquina da minha *Aurora Boulevard*, sempre no papel do invasor que trouxe aos trópicos a Te-45 0 0 41 13 979 08 158.8805 c

ao contrário da lenda de que tudo começou com a expansão pacífica dos mercados e do comércio, a raiz da nossa civilização cheira a pólvora de mosquete. Foi a economia de guerra gerada pelo aumento da competição entre as principais potências da Europa da época que permitiu ao dinheiro e as relações baseadas em mercadorias transformarem-se no grande Deus totalitário da modernidade.

As inovações militares, com o uso maciço das armas de fogo, geraram os exércitos profissionais que geraram, por sua vez, uma demanda insaciável dos príncipes por meios de pagamento na forma de moeda que por sua vez... imaginem, então, minha surpresa quando, lendo um livro no sacolejante ônibus que me levava de volta ao subúrbio onde moro, descobri que o herói estrangeiro da minha terra aparece nessa trama como o pioneiro na modernização das táticas e equipamentos militares! O homem-esclarecido foi aquele, também, que racionalizou as estratégias do exército holandês em termos de custo e benefício e trouxe o “espírito do capitalismo” definitivamente para o campo de batalha. Uma lógica de guerrear que antecipou desenvolvimentos da sociedade pouco recomendáveis para um caráter que se supunha tão nobre...

Registrada a descoberta, as estátuas, retratos e palácios espalhados pelo Recife em sua homenagem ganharam um tom sinistro. E, o que é pior, meu bulevar, como uma Cinderela invertida, transformou-se de linda artéria cortada por rios num decadente ponto onde travestis vendem ilusões aos incautos. Tão safada, essa Aurora, quanto o próprio capital.

²⁹⁵ *Tão safada quanto o capital*, crônica da seção *Aurora Boulevard*.

²⁹⁶ *Assim falava Chico Heráclio*, crônica da seção *Aurora Boulevard* escrita por Ascenso Cavalcado e publicada em 01 de agosto de 2001 (ver Anexo II).

²⁹⁷ Estes representantes são mencionados em vários textos: *Os muros do Brasil e as galáxias dos homens-gabirus*, texto da seção *Carapuça* escrita por Antônio das Mortes e publicada em 04 de outubro de 2000 (ver Anexo II); *Nordeste-gabiru e a rataiada inútil*, texto da seção *Carapuça* escrita por Antônio das Mortes e publicada em 19 de abril de 2001(ver logo adiante no corpo da tese); *Oligarquia S/A*, texto da seção *Carapuça* escrita por Antônio das Mortes e publicada em 19 de abril de 2001(ver logo adiante no corpo da tese); *Biscoito acadêmico*, crônica da seção *Carapuça* escrita por Antônio das Mortes e publicada em 06 de janeiro de 2004 (ver Anexo II); entre outras.

Nordeste-gabiru e a rataiada inútil

O oco, o buraco entre o Nordeste-Gabiru e o já lascado Sudeste revela a inutilidade do poder regional.

Por Antônio das Mortes

"Andei procurando um besta/ Um besta que fosse capaz/ De tanto procurar um besta/
Eu achei esse rapaz/ Que nem serve pra ser besta/ Porque é besta demais." (Do Cego Aderaldo, em desafio com Rogaciano Leite)

Pra que serve Marco Maciel?

Com a divulgação de recente e alentado estudo do IBGE sobre mais uma década perdida, somos obrigados, por dever de ofício, a velha indagação fixa que balança no trapézio do nosso cocuruto: pra que diabo serve Marco Maciel?

Pra que serve...

As tábuas estatísticas expõem as tripas da nossa miséria, que roncam qual motor velho de puxar água em cacimba funda. A desigualdade entre o Nordeste e o Sudeste continua a mesma, ou seja, o homem-gabiru não sai do canto. E não é que o tal sul-maravilha tenha se mexido na era perdida do tucanato, mas concentra mais renda e os paulistas e cariocas continuam ganhando três vezes mais do que os nordestinos.

Pra que servem...

...Marco Maciel, papa-hóstia, situacionista desde Tutacamom. Tasso Jereissati, neo-coroné dos zói azul, engarrafador oficial da Coca-Cola e do suco de caju, aquele que dá isenção aos ricos de fora e tributa os pobres de dentro, aquele que glorifica o xopicenter (é dono, além do Ceará inteiro, do labirinto Iguatemi) e mata de imposto e desgosto o bodegueiro. Antonio Carlos Magalhães, mandatário da capitania do axé e do dendê, senhor dos mares, malagueta dos fiofós baianos...Pra completar a lista de chamada da inutilidade nordestina: Divaldo Suruagy, Collor de Mello, João Alves, Albano Franco, Garibaldi Alves, Lavoisier Maia, Tarcísio Buriti, Hugo Napoleão, José Sarney... e tantos outros senhores nobres e ilustres com os os quais evitamos o gasto inútil de tinta. Reclamações por ausência na lista devem ser encaminhadas à porta restante deste periódico, sito ao fiteiro de Jesus, rua da Aurora, margem do Capibaribe, altura do número 1.071.

Oligarquia S/A

Roseana Sarney pelo menos terá uma explicação à altura sobre a tragédia que é o governo do Maranhão: quem manda no Estado de fato é o primeiro-cavaleiro, Jorge Murad, seu digníssimo.

Por Antonio das Mortes

"Como eles (os jangadeiros e pescadores) são felizes, parecem que levam a vida num spa"
(de Gisele Bündchen, em recente estadia no Cabo de Santo Agostinho, litoral pernambucano)

²⁹⁸ *Nordeste-gabiru e a rataiada inútil*, texto da seção *Carapuça*.

Consenso de Bacabal

Roseana Sarney pelo menos terá uma explicação à altura sobre a tragédia que é o governo do Maranhão: quem manda no Estado de fato é o primeiro-cavalheiro, Jorge Murad, seu digníssimo. Não que a madame, marimbonda-rainha no enxame dos sir Ney, não tivesse condições, mulher moderna que é, de também levar a Jamaica brasileira a se tornar uma grande Guiné-Bissau.

Sem fins lucrativos

O primeiro-cavalheiro do Maranhão teria uma aliança comercial com os Jereissati em pelo menos um xópin-center da praça. Onde conclui-se: oligarquia no Brasil não faz aliança política, abre caixas registradoras.

Consenso de Bacabal II

O clã Sarney não é apenas dono do mar, como lembra o título do romance do beletrista maranhense. Domina também TV, rádio, jornal, posto de gasolina, empreiteira... Até o Marafolia, a micareta ludovicense, é brincadeira da família.

Consenso de Quixeramobim

Se você toma uma coca-cola no Ceará, tilinta a caixa registradora dos Jereissati; se prefere um natural suco de caju, triiimm, a pataca vai para os Jereissati; se liga a TV Globo (Verdes Mares), o lbope soma pontos para os Jereissati; se faz matrícula na maior universidade particular, a bufunfa cai no colo da mulher do Jereissati; se frita um ovo, o dinheiro do gás butano enche as burras do mesmo clã; se vai ao Iguatemi...

Piorcerão

Nem o Piauí, do outsider Mão Santa, tem uma oligarquia tão decente. Nos indicadores sociais, todavia, a tríplice coroa líder muitos números do miserol dos tristes trópicos. Faz jus à velha galhofa: os governos do Piauí, Ceará e Maranhão resolveram juntar os Estados. Como será o nome da nova república? Piorcerão, ora, pois.

Doce nostalgia

Diante de tanta sede oligárquica, Pernambuco é hoje um menino de engenho que não honra mais seu passado de Casa-Grande.

Triste Bahia

A Bahia, bem, cuida de levar o carnaval fora de época para as províncias citadas anteriormente.

²⁹⁹ *Oligarquia S/A*, texto da seção *Carapuça*.

O bom combate de Mamãe Jomard – a patente é do oswaldiano Humberto Varejão - contra o Palhaço Armorial. Mamãe Jomard caminha sobre as águas do açude de Santo Antônio de Apipucos. É o milagre da Tropicologia, estava escrito nas tábuas de Pedramérico (“deixei de ser besta para sebista”). Serei contraditório? O mais contraditório dos mortais. A modéstia freyriana ecoa, sample de Dj Dolores, no Recife mais assombrado.

Mamãe Jomard degola o palhaço, como no seu clássico Super-8, mamãe Jomard roda a baiana, com samba-duro no pé, no Pernambuco de nativismo tão claustrom m

³⁰² Rede de supermercados que, na época desta campanha de marketing, pertencia ao grupo *Paes Mendonça*. Atualmente integra a rede americana *Wal-Mart*.

³⁰³ O tom satírico em relação a Ariano Suassuna e ao movimento Armorial é expresso em passagens de vários textos d'*O Carapuceiro* como nos seguintes exemplos: *Síndrome de Mário de Andrade*, crônica da seção *Macumba Acidental* escrita por Xico Sá e publicada em 30 de junho de 2000 (ver logo adiante no corpo da tese); *Manifesto pela prática da dedada*, crônica da seção *Prosopopéia* escrita por João A. Cunha e publicada em 04 de outubro de 2000 (ver Anexo II); *Eis a verdade ponto com: nada como um século atrás do outro*, crônica da seção *Carapuça* escrita por Antônio das Mortes e publicada em 26 de dezembro de 2000 (ver Anexo II); *“De mole aqui só o siri”*, texto da seção *Carapuça* escrita por Beto Azoubel e publicada em 01 de agosto de 2001 (ver Anexo II); *Estética da comilança nacional*, texto da seção *Carapuça* escrita por Antônio das Mortes e publicada em 23 de setembro de 2002 (ver Anexo II); *Teoria conspiratória*, texto da seção *Aurora Boulevard* escrita por Renato L e publicada em 09 de maio de 2003 (ver Anexo II); *Etiqueta moderna para captação de recursos*, crônica da seção *Carapuça* escrita por Xico Sá e publicada em 08 de setembro de 2004 (ver Anexo II).

³⁰⁴ Gestão exercida durante o terceiro mandato do governador Miguel Arraes entre os anos 1995-98.

Cadê o folguedo que estava aqui?

Seu Ignácio incrementou a sua banda de pífanos, para desespero do secretário de cultura municipal. E os pesquisadores, e a tv, e o que dirá Ariano Suassuna, meu Deus? Haja dismantelo.

Por W.W. Wanderley*

Seu Ignácio botou roupa, camisa volta-ao-mundo verde limão, algo assim bem new-wave, na banda familiar de pífanos. Trocou também os calçados: tênis conga – queria mesmo era uns Adidas - no lugar das alpercatas de couro.

- Seu Ignácio, pelamordedeus, assim vai descaracterizar e os pesquisadores e a TV nunca mais botam os pés aqui – alertou o secretário municipal de Cultura, Esportes, Turismo, Comércio e Lazer.

Seu Ignácio adquiriu, com as facilidades da Feira do Paraguai, um sintetizadorzinho de primeira qualidade. Começou a tirar um som, com pífano, zabumba e tudo. Tocava de tudo, Ray Connif, Roberto Carlos – jovem guarda - inclusive.

- Seu Ignácio, pelamordedeus, assim o senhor vai acabar com a fama do município. Assim o prefeito não libera a verba na festa da padroeira!

Seu Ignácio botou uma guitarrinha paraense, à Pinduca, e pendeu com o som para as tendências do Caribe.

- Seu Ignácio, isso é regional, mas regional da caixa-prega, lá das bandas da Transamazônica.

Seu Ignácio & Filhos, assim era a formação da banda – só de menino fizera dúzia e meia -, admirou-se do modo de chacoalhar do caçula, um caboclinho que imitava Michel Jackson. Escritinho Michel Jackson. Empolgado, seu Ignácio escalou a cria para abrir as apresentações. Thriller na vitrola. Às vezes Bad. Também Beat It.

³⁰⁵ Como foi o caso do movimento Mangue. Aqui vale destacar que os embates entre armoriais e mangueboys foram bastante frequentes ao longo da década de 1990, sendo, inclusive, argumentos para matérias de jornais e discussões nos mais variados níveis. Neste sentido, uma das “estratégias de marketing” do movimento Mangue para ganhar repercussão na mídia local foi justamente a de provocar os armoriais no que diz respeito ao tradicionalismo de suas posições culturais. Sobre estes conflitos ver: SILVA, Anna Paula de Oliveira Mattos. *O encontro do velho do pastoril com Mateus na Manguetown: ou as tradições populares revisitadas por Ariano Suassuna e Chico Science* - dissertação de mestrado em Letras pela PUC-Rio (2005).

³⁰⁶ *Eu conspiro, tu conspiras, eles vendem*, crônica da seção *Macumba acidental* escrita por Ivan F. K. e publicada em 21 de agosto de 2000 (ver logo adiante no corpo da tese).

- Seu Ignácio, por Nossa Senhora, o que é que seu Ariano Suassuna vai dizer disso, homem de Deus!?

Seu Ignácio era um danado. Quando ouvia falar em cultura carregava a sua espingarda soca-soca. Um cabra de tino. As duas filhas gêmeas cresceram. Cada uma mais indiazinha que a outra. Caboclas mesmo. Uns chuchus. Foi no armário ele mesmo. Lá voltou com um Loreal no capricho. Viúvo, seu Ignácio teve que ajudar uma das meninas, Izildinha, a pintar o cabelo. Soletrava a bula, enquanto uma lambuzava a asa da graúna da outra. Um sucesso. Festa da padroeira, ideal para a estréia das dançarinas.

- Seu Ignácio, pelamordedeus, pela alma do meu Frei Damião! Assim os pesquisadores vão embora, a TV não filma nada, o prefeito não libera um tostão furado, Ariano Suassuna fica pretinho de raiva, e essas duas meninas botam a cidade a perder...

- Deus te oiça, seu secretário, Deus te oiça! – disse seu Ignácio, na emenda do desaforo.

Era tarde demais. Seu Ignácio & Filhos já incendiavam a praça da Matriz, seu Michael Jackson arrebatava, a dança da moda tomava conta do povo, o xenhêném das meninas fazia até o padre, vigário safado, comovido como o diabo. Seu Ignácio estava todo pabo e feliz. “Quem gosta de miséria é intelectual”, desabafou, muito antes de Elio Gaspari, então da cozinha de Veja, botar a igual sentença na boca do nobre Joãozinho Trinta.

*W.W.Wanderley é tetraneto do Conde Maurício de Nassau, nascido em Amsterdã, foi criado nos quintais de Olinda, onde vive, gordinho e rosado, de moqueca de siri mole e apanhados folclóricos.

³⁰⁷ *Cadê o folguedo que estava aqui?*, crônica da seção *Macumba accidental* escrita por W.W.Wanderley e publicada em 08 de julho de 2001.

³⁰⁸ Conforme trecho do próprio *O Carapuceiro*: “Mário de Andrade, turista abestalhado, queria o futurismo em SP e temia pelo futuro do coco de embolada em Mossoró (RN)”. *Folk-lore e real-politik* (trecho), texto da seção *Carapuça* escrito por Antônio das Mortes e publicado em 18 de dezembro de 2001 (ver na íntegra nos Anexo II).

Síndrome de Mário de Andrade

Macumba Acidental é o nosso despacho na encruzilhada do folclore. Contra a síndrome de Mário de Andrade e o seu apanhei-te exotique. Nova coluna discute arte & cultura desse mundo grande sem porteira.

Por Xico Sá

(Texto para ser lido antes, depois ou durante “O Fole Roncou” *, versão da Nação Zumbi para o clássico de Luiz Gonzaga, disponível <http://www.uol.com.br/manguetronic/mp3/OFoleRoncou>. aqui e agora em arquivo mp3)

Nosso dever cristão é buscar um culpado. E o culpado é Mário de Andrade. Eu via umas branquinhas paulistanas, até bonitas, e pensava: o culpado de tudo isso foi o desgraçado do Mário de Andrade, aquele turista accidental filho-de-uma-égua. As branquinhas da classe média das Perdizes ou da Granja Viana, ou ainda da Vila Madalena, dançam o xaxado ou coco para expiar a culpa. Tudo por causa do vanguardista folclórico que tirou a macumba da encruzilhada e pôs no Vale do Anhangabaú; embalsamou o groove, fez o diabo no Conservatório Dramático...

Talvez nem saibam mais, as branquinhas de hoje, quem é ou quem foi o Mário. Mas dançam a coreografia da culpa. Índias pelo avesso no ritual metropolitano. As branquinhas procuram uma pureza que nunca houve, mas que foi vendida pela etnografia do dotô Mário. As mocinhas, na pista, bem-intencionadas, querem nordestinos autênticos, sofridos, dóceis, sem mistura, sem “sample”, sem ligar na tomada, como pregou Ariano...

Descanse em paz, dotô Mário, o mundo endoidou de vez: Luiz Gonzaga é puro groove e as caixas das nossas bandas de pífano estão mandando ver no gostoso drum’n'bass. Isso não é globalização, a classe operária é que é internacional.

*Do disco “Baião de Viramundo”, tributo a Luiz Gonzaga comandado pelo selo Candeeiro, do Recife, em parceria com a YB, de São Paulo.

³⁰⁹ De forma resumida, através deste termo o crítico palestino chama a atenção para a forma constantemente equivocada, por um viés ideologicamente hegemônico, de como o Ocidente interpreta o Oriente.

³¹⁰ Ainda outro trecho do mesmo texto que acaba de ser citado: “Folclore é a arte de paulistano dançar ciranda com culpa?”. *Folk-lore e real-politik* (trecho), texto da seção *Carapuça* escrito por Antônio das Mortes e publicado em 18 de dezembro de 2001 (ver na íntegra nos Anexo II).

³¹¹ *Síndrome de Mário de Andrade*, crônica da seção *Macumba accidental* escrita por Xico Sá e publicada em 30 de junho de 2000.

Eu conspiro, tu conspiras, eles vendem

Angustiado, nosso crítico fala sobre o folclore de resultados ou como purgar a culpa e ainda sair ganhando.

Por Ivan F.K.

Tudo bem, vai!, os caras são bonitos e bacanas, e querem mostrar os fundões do Brasil de qualquer jeito. Os caras não têm culpa de terem nascido numa família legal; os caras querem purgar os pecados de qualquer jeito. Pô, é só arrumar uma produça bacana, luz, roupa fashion nos matutos, candeeiro, ação! E os caras além de purgar as cerimônias da classe média urbana ainda ganham uma puta grana com a estética do jegue-paralisado. Tem melhor negócio para a alma e para a carne? Num tem.

(É a Síndrome de Mário de Andrade na cabeça. Mário, apanhador de estribilhos, fez a coisa certa. Sem ter culpa, porém, foi entendido por ouvidos tortos. Resultado: virou emblema da classe média que precisa pagar os seus pecados pela raiz.)

E num digo que ainda dei umas risadas com triste filme. Brasil Legal. Éba! Essa é a outra grande arte: fazer rir donde poderia rolar uma cortina ou horizonte de angústia. Os caras são bons, ricos e sarados. Estas maltraçadas não passam de inveja de pobre mal resolvido; amigo de cineastas de província que não conseguem bancar sequer para o festival do minuto.

Os caras são saudáveis, quase beiram o nacional-popular; os caras entendem a alma brasileira como os Suassunas de Princesa. Os caras fazem macumba para Cannes e Quixeramobim.

Os caras são um bom partido - Consenso do Leblon. Os caras vão longe, caro Richard Bach!

³¹² *O Carapuceiro* faz outra menção a esta forma de filmar o sertão através de um depoimento do fotógrafo Waldemar Lima que ilustra o cabeçalho do texto *Factóide de pobre é Rôla* da seção *Carapuça*: “‘A luz do sertão é dura, com sombras fortes e não suave. Isso que estão fazendo não convence’”. (De Waldemar Lima, fotógrafo de *Deus e o Diabo na Terra do Sol* - é o fraco!!!-, em entrevista a Camilo Soares, na revista *Continente Multicultural*, do Recife, abrindo fogo na direção dos higiênicos meninos da dita ‘cosmética da fome’).” Aqui vale destacar que a expressão “cosmética da fome” (uma paráfrase ao manifesto *Estética da fome* escrito por Glauber Rocha) foi cunhada pela crítica e professora de Comunicação da UFRJ, Ivana Bentes, para designar o modo de fazer cinema no Brasil que estetiza a pobreza. *Factóide de pobre é Rôla*, texto da seção *Carapuça* escrita por Antônio das Mortes e publicada em 05 de setembro de 2002 (ver Anexo II).

I.V.K, Morada Nova, terceira via à direita depois da Miami dos Tristes Trópicos, antiga, brava e guerreira Nossa Senhora de Fortaleza.

³¹³ *Eu conpiro, tu conspiras, eles vendem*, crônica da seção *Macumba accidental* escrita por Ivan F. K. e publicada em 21 de agosto de 2000.

Gerúndio com "d" nem fudeno

Fazeno, gostano, amano, mordenho, jogano, ciscano, molhano, zuano, chupano, triunfano, fracassano, doeno, adoeceno, pervertino, sorrino, aprendeno, nasceno sabeno. É a leseira da língua, massapê amolecido.

Por Xico Sá

Salve o gerúndio sem "d". Agora é assim: fudendo é fudeno, gozando é gozano, vivendo é viveno, sofrendo é sofreno, morrendo é morreno. Pela mudança já, incontinenti, mais ligeiro que mijada de caçote. E revoguem-se as disposições em contrário das donas normas cultas e d'outras forças estranhas do vernáculo.

O profeta glauberiano (freesssco!!!) Lirioboy, flor do asfalto, venceu mais uma.

Fazeno, gostano, amano, mordenho, jogano, ciscano, molhano, zuano, chupano, triunfano, fracassano, doeno, adoeceno, pervertino, sorrino, aprendeno, nasceno sabeno.

³¹⁴ Ver no Anexo I um glossário com o significado destas e outras palavras e expressões e a indicação de suas respectivas crônicas procedentes.

A língua falada dos homens. A língua amolecida dos homens que têm o sol por testemunha sobre a mulêra e o massapê debaixo dos pés. O lundu, o dengo, o cafuné, o derretimento do nosso mundo. Nossa sagrada leseira (preguiçoso uma ova!, senhores de novos engenhos).

A língua dos homens que comem pirão com pimenta. A língua dos homens que comem o tutano dos ossos de todos os mucubucos. E das mulheres que comem bananas amassadas com açúcar e canela. Das mulheres derretidas como o queijo da cartola.

A língua na maciota. Capaz de dizer as maiores violências, mas sempre rezano, orano, louvano Dionísio, rei dos reis, deus que amolece e dança dançano.

A partir desta edição, O Carapuceiro jamais cravará um "d" entre a língua presa e os dentes da sua própria ignorância. Prefere lambe a doçura da fala da rua, do nego bêbado atravessano o léxico com as mãos nas costas. Mas não se zangue, pode ser apenas mais uma promessa.

Gerúndio com "d"?, nem fudeno!

³¹⁶ *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.*

“

O maior passo da humanidade

Nunca houve um passo como moonwalk, nunca houve mais linda invasão à lua dos doidos varridos.

Por Xico Sá

Nascimento do Passo, gênio das 70 e tantas mungangas do frevo, que me desculpe; os velhos e bons b-boys, idem ibidem; os mestres dos baques solto e virado que me perdoem; Elvis, pomba-gira da pele branca, negocie; Fred Astaire, nego, não se revire no desenho pontilhado dos seus respeitáveis sete palmos; funkadelics forever, Chicago e Belém com as suas aparelhagens, samba, samba, samba, candomblé, os deuses que dançam, a todos o meu respeito e o sangue sem mertiolate dos meus joelhos...

Mas, na boa, o maior passo da humanidade se deu quando o primeiro negro pisou na lua: salve Michael Jackson, um, dois, espírito a três passos do chão, me encoxe, wanna take you on a moonwalk...

Ele vai pagar a vida inteira por ter sido maior que Armstrong e sua gangue, por ter fincado a bandeira da sua tara acima de todos os musicais de todas as tendências... Wanna take you on a magic carpet ride...

Salve os bois bumbás, os tchans, o samba duro, as lias de itamaracás, a ciência sob o calçamento do Mangue, a fulerage, a macumba da japonega, mas, perai, ninguém levitou tão bonito quanto esse rapaz!

Forever my love, you'll be mine. A lua, esse conhaque, o passo da humanidade, comovido com alma perra e carapuça de jabá-pop à vera.

Eu sei, ele perdeu o nariz original como o carinha do barbeiro de Gogol, mas pouco importa, não o diminui como o primeiro negro a pisar a areia movediça da lua.

A América nunca vai perdoar o seu primeiro negro mais leve que as folhas das folhas da relva, coitada d'América...

Ninguém, nem o mais mungangueiro dos artistas populares, nem os comedores de vidros, ninguém sob a lona do nosso Soleil, ninguém no farol, ninguém no sinal... Nunca houve um passo tão lindo, ajoelhe e reze sr. Balé clássico, bata palmas, morra de inveja, gaste a arrogância das sapatilhas...

Nunca houve um passo como moonwalk, nunca houve mais linda invasão à lua dos doidos varridos, Michael Jackson nunca caiu nesse agá minúsculo, pra enganar moça, ora direis, de pisar nos astros distraído.

Ele andou palmos acima, seu mar vermelho, tábuas sagradas, Moisés da hora,
por entre as nuvens do auto-engano, por entre os dez mandamentos, a terra é azul....
e ele, marcha à ré, se move.

Estátua.

Stop.

Parou ele ou parou o pop?

³¹⁷ *O maior passo da humanidade*, crônica da seção *Macumba acidental* escrita por Xico Sá e publicada em 17 de outubro de 2004.

³¹⁸ No poema de Carlos Drummond de Andrade os versos originais são:

“Mas essa lua

Mas esse conhaque

Botam a gente comovido como o diabo.”

Andrade, Carlos Drummond de. *Poema de sete faces* (trecho). In: *Alguma poesia*.

³¹⁹ No poema de Carlos Drummond de Andrade os versos originais são:

“Stop.

A vida parou

Ou foi o automóvel?”

Ibid.

³²⁰ O verso no original: “Tu pisavas os astros distraída”. *Chão de estrelas* (Barbosa, Orestes e Caldas, Sílvia).

VI. Conclusão

Vimos no último capítulo a apresentação de algumas crônicas d'*O Carapuceiro* e de suas respectivas características textuais consideradas importantes na discussão sobre a identidade nordestina. Cabe a esta conclusão, como foi dito, discorrer sobre o lugar e a relevância do sítio em relação ao tema em questão. Antes, porém, de adentrar diretamente nesta contenda, creio que alguns pontos

regem estas relações e que por elas são propagadas. Diante da complexidade da discussão, dedico os dois primeiros pontos dos quatro que compõem esta conclusão a questões referentes as novas tecnologias da informação e comunicação e, mais enfaticamente, ao ciberespaço.

Um primeiro ponto diz respeito a relação entre estas novas tecnologias, identidade e democracia. Para discuti-lo, transcrevo um parágrafo (editado), escrito pelos os professores Ella Shohat e Robert em obra aqui já citada, que serve como uma introdução:

Opiniões sobre as origens e a evolução das nações sempre se materializam na forma de narrativas. Na concepção de Hayden White, certos “padrões de tropos” narrativos moldam a nossa concepção de história; o discurso histórico, ao fornecer uma estrutura narrativa para uma seqüência de eventos, revela a natureza de tais acontecimentos como processos compreensíveis, representando-os como uma história de um tipo específico... ...O cinema, haja visto o seu papel – por excelência – de contador de histórias da humanidade, adequou-se perfeitamente à função de retransmissor das narrativas e dos impérios, por meio de projeções... ...Antes do cinema, o livro e o jornal representavam comunidades a partir de relações que integravam tempo e espaço. Os jornais – a exemplo dos atuais noticiários de tv – conscientizaram as pessoas em relação à simultaneidade e interligação dos acontecimentos em diferentes lugares, enquanto os romances proporcionaram um sentimento de movimento intencional, ao longo do tempo, de entidades ficcionais unidas em um todo narrativo. Enquanto “épico da burguesia” (nas palavras de Georg Lukács), o romance herdou e transformou a vocação do épico clássico (por exemplo, a *Eneida*) de tal modo a produzir e elevar a identidade nacional, não somente acompanhando, mas também cristalizando a ascensão das nações pela imposição de um *tópos* unitário à heterogeneidade das línguas e multiplicidade dos desejos.³²²

Tendo em vista que no decorrer do século XX o cinema (ou pelo menos boa parte de suas produções) herdou do romance realista do século XIX esta função de produção e engrandecimento das identidades nacionais, como pensar, mais de cem anos depois do advento da sétima arte, na possibilidade de alguma atividade midiática ocupar este papel no contexto atual marcado por novas combinações de espaço-tempo (com o fluxo inédito de conexões entre comunidades - países, tribos, regiões etc. -, através da transnacionalização e desregulação do mercado mundial, da imigração e ainda das novas tecnologias da informação e comunicação) desencadeadas pela recente globalização?

Para responder a esta pergunta, temos que questioná-la na sua matriz cognitiva. Como vimos, a discussão sobre identidade no panorama multicultural contemporâneo

³²² ELLA SHOHAT e STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica*, págs. 144 e 145.

tem destacado a importância das migrações e mobilidades, redes e fluxos, instantaneidade e fluidez, levando a nos afastar de qualquer concepção essencialista do termo (isso se não optarmos em colocá-lo “ao limbo de uma tradição desconectada das mutações perceptivas e expressivas do presente”³²³). Em outras palavras, diante da “heterogeneidade das línguas e multiplicidade dos desejos” (multiculturalismo), pensar em identidade como categoria fixa (a nacional, é “apenas” uma entre tantas outras), não tem se apresentado como um bom caminho a ser tomado.

Diferentemente da concepção de identidade que vingou até a modernidade - de caráter mais fixo, consolidadora de instituições e estabelecadora de tradições -, a que vem sendo esboçada no ambiente do multiculturalismo atual tem mostrado que estas características se tornaram limitadas para acolher os múltiplos aspectos da diversidade cultural que, costumeiramente, as tencionam e as rompem nas sociedades contemporâneas (aspectos que não cabem na rigidez do institucional e da tradição). Porém, para que estas tensões e rupturas possam ser melhor costuradas, a parte majoritária das realidades sociais do planeta necessita do desenvolvimento de uma política de ampliação dos direitos e valores universais para as populações que têm vivido fora do alcance destes. Sobre isto, Martín-Barbero, no artigo “Técnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século” - parafraseado acima, faz a seguinte colocação:

Estamos em nosso pleno direito ao nos negarmos a ter que escolher entre o universalismo herdado da ilustração, que deixava de lado setores inteiros da população, e um diferencialismo tribal que se afirma na exclusão racista e xenófoba, pois essa disjuntiva é mortal para a democracia (M. Wiewiorka³²⁴). Diante da cidadania dos “modernos”, que se pensava e que se exercia acima das identidades de gênero, de etnia, de raça ou de idade, a democracia está necessitada, hoje, de uma cidadania que se encarregue das identidades e das diferenças. Pois a democracia se transforma hoje em palco da emancipação social e política, quando exige que sustentemos a tensão entre nossa identidade como indivíduos e como cidadãos, pois só a partir dessa tensão será possível sustentar coletivamente a outra, a tensão entre diferença e equivalência (igualdade). E sairemos, assim, da ilusória procura de uma reabsorção da alteridade num todo unificado, seja este a nação, o partido ou a religião.³²⁵

No desenrolar deste mesmo artigo, Martín-Barbero destaca que atualmente as mídias e as redes eletrônicas (enfim, as novas tecnologias da informação e

³²³ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Técnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século*. In: MORAES, Dênis de (org.). *Sociedade midiaticizada*, pág. 61.

³²⁴ Sociólogo, diretor do Centro de Análise e de Intervenção Sociológicas da EHESS (Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, Paris) e autor do livro *Em que mundo viveremos?*, entre outros.

³²⁵ MARTÍN-BARBERO, Jesús. Op. cit., pág. 66.

comunicação) estão se constituindo como mediadoras cruciais da trama de imaginários que moldam as identidades das cidades, das regiões e dos espaços locais, ao promoverem e possibilitarem a expressão do multiculturalismo contemporâneo (“agente” diluidor dos referentes tradicionais identitários). Mesmo chamando a atenção para o acúmulo de utopias enganadoras que surgem decorrentes da disseminação das TICs (utopias que já foram nomeadas de “aldeia global”, “mundo virtual”, “ser digital” e, segundo o autor, a mais capciosa de todas: “democracia direta”³²⁶), ele argumenta que a utilização destas pode ocorrer de modo alternativo, sendo necessárias para isso mudanças nos mapas mentais, nas linguagens e nos desenhos de políticas, que são cobradas pelas (novas) formas de complexidade que emergem nas sociedades multiculturais atuais. Tomando a própria complexidade que a Internet desencadeia como exemplo (“um contato privado entre interlocutores que é, ao mesmo tempo, mediado pelo lugar público que constitui a rede”³²⁷), Martín-Barbero coloca que no ciberespaço pode ocorrer uma explosão do discurso público, através da sua possibilidade de mobilizar uma soma bastante heterogênea de comunidades, associações, tribos etc., que tanto despejam as narrativas do político (“desde as múltiplas lógicas dos mundos de vida”³²⁸), como despotencializam o centralismo burocrático da maioria das instituições, ativando a criatividade social e a participação dos indivíduos. Ainda sobre a relação das TICs e a discussão sobre identidade, ele a sintetiza de forma categórica:

Na assunção de tecnicidade e midiática como dimensão

de profissão quanto com as novas formas de participação cidadã que se abrem especialmente à vida local.”³²⁹

Ao utilizar a Internet como veículo de uma literatura conflituosa com as forças culturais hegemônicas, colocando atores sociais historicamente excluídos como protagonistas na discussão sobre identidade e, assim, questionando de forma criativa padrões culturais (identitários) instituídos referentes ao Nordeste brasileiro (um exemplo de vida local), creio que *O Carapuceiro* nos serve perfeitamente como ilustração política neste jogo e debate que se estabelece entre as novas tecnologias da informação e comunicação e a questão da identidade.

2.

Um outro ponto importante que quero destacar aqui diz respeito à própria expansão física destas novas tecnologias, pois alguns dados recentes têm revelado diferenças consideráveis em relação aos seus acessos, rebatendo a perspectiva de uma maior democratização de conhecimentos e culturas decorrente das evoluções midiáticas. Em livro já citado, Nestor García Canclini mostra que de acordo com Yoshimo Usumi, secretário-geral da reunião de cúpula de governantes e especialistas que ocorreu entre os dias 10 e 12 de dezembro de 2003 em Genebra, 97% dos africanos não têm acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, enquanto Europa e Estados Unidos concentram 67% dos usuários de Internet³³⁰. Numa realidade próxima à brasileira, Canclini aponta na mesma obra que, segundo os dados da Pesquisa Nacional da Juventude do México, 77% dos lares mexicanos com jovens dispõem de televisão (em sinal aberto), enquanto só 6% possuem mecanismos para frequentar o ciberespaço.³³¹

Na presença de tais dados, cabem aqui as perguntas: como considerar popular as produções dos novos meios tecnológicos informacionais e comunicacionais (os sítios da Internet estão entre elas) para as quais o acesso a seus suportes ainda esteja tão restrito? E, mais diretamente no que diz respeito a esta tese, como adjetivar da mesma

³²⁹ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século*. In: MORAES, Dênis de (org.). *Sociedade midiaticizada*, pág. 76.

³³⁰ CANCLINI, Nestor García. *Diferentes, desiguais e desconectados*, pág. 225.

³³¹ Ibid., pág. 212.

forma um objeto cuja audiência esteve longe de se comparar aos índices de produções realizadas por outras mídias?

Em relação à primeira, pode-se argumentar que, mediante a trajetória de crescimento de público consumidor já observada na história de meios massivos anteriores (como, por exemplo, o rádio e a televisão) e o curto período de existência das novas tecnologias de informação e comunicação (como a Internet, caso referido nesta tese), a maior popularidade destas últimas mídias é uma questão de tempo. E, de acordo os números estatísticos atuais, de pouco tempo ou nenhum, conforme se observa em algumas situações nos países de primeiro mundo (os ingleses, por exemplo, atualmente passam mais horas utilizando a Internet do que a televisão, segundo pesquisa da *TNS*³³² encomendada pelo *Google*³³³). Recentemente o instituto de pesquisa *eMarketer*³³⁴ divulgou que pelo menos 1 bilhão de pessoas no mundo têm acesso a Internet, dos quais 845 milhões a utilizam regularmente. Para se ter uma idéia do crescimento do ciberespaço, no relatório trimestral do *State of the Blogosphere*³³⁵, divulgado em novembro de 2006 pela *Technorati*³³⁶, consta que 100.000 novos *blogs* são criados a cada dia, indicando que a “blogosfera” dobra de tamanho a cada 230 dias (com 55% dos endereços ativos ou atualizados pelo menos uma vez nos últimos três meses). No Brasil, o *Ibope*³³⁷ divulgou uma pesquisa na qual mostra que desde setembro de 2000 o número de pessoas com acesso residencial cresceu 113%, o que significa um aumento de 9,8 milhões para 21 milhões de usuários. O *Blog dos Blogs*, coluna do sítio *IDGnow!*³³⁸, ainda aponta números maiores, 32 milhões de internautas brasileiros, cifra que, segundo o referido endereço eletrônico, coloca a nova tecnologia de comunicação como a segunda maior mídia do

³³² Sigla da *Taylor Nelson Sofres*, empresa de pesquisas de mercado e informação sediada em Londres (www.tns-global.com).

³³³ Empresa que criou e mantém o maior sítio de busca da Internet, o *Google Search* (www.google.com).

³³⁴ Dedicado a pesquisas de mercado e análises das tendências dos *e-business*, marketing *on-line*, mídias e tecnologias emergentes (www.emarketer.com).

³³⁵ Coluna publicada no sítio da *Technorati* (ver logo adiante) sobre pesquisa de *blogs*, escrita por David Sifry, especialista em Ciência da Computação e um dos fundadores da referida empresa.

³³⁶ Sítio-empresa de pesquisa que revela e organiza *blogs* e outras formas de utilizações independentes na Internet (www.technorati.com).

³³⁷ Empresa de pesquisa brasileira que há 6 anos mede a audiência da Internet no país.

³³⁸ Sítio da *IDG - International Data Group* no Brasil (www.idgnow.uol.com.br), empresa de comunicação para o mercado de tecnologia da informação.

país, à frente da televisão à cabo (13 milhões de telespectadores), revistas (também 13 milhões de leitores) e jornais (3,1 milhões de leitores).³³⁹

Ainda em relação à primeira questão, o próprio Canclini na obra mencionada acima admite o aumento da utilização de novas tecnologias, mesmo entre aqueles considerados excluídos - social e etnicamente - da “sociedade global”, chamando a atenção de forma positiva para as capacidades de realizações derivadas dos seus usos. No entanto, o antropólogo também alerta acertadamente para as condições nas quais, muitas vezes, as incorporações destes usuários são efetivadas. Segundo o autor:

Nas últimas décadas, multiplicaram-se os usos de tecnologias avançadas (computadores, satélites) por parte de indígenas e pobres suburbanos. O fato de que estes setores excluídos da educação, das línguas hegemônicas e de outros dispositivos modernizadores imediatamente utilizem os computadores para registrar suas lendas orais, comuniquem-se com movimentos equivalentes em zonas distantes e estabelecer solidariedade política – tal fato mostra a potencialidade destes recursos tecnológicos. Da mesma forma, revela a facilidade com que as culturas tradicionais podem passar à “segunda oralidade” dos meios audiovisuais e eletrônicos. Mas é necessário investigar o resultado destas incorporações ocasionais, relativamente isoladas, às redes avançadas de conhecimento. Que impacto têm nos milhares de aldeias e cidades que carecem de equipamentos tecnológicos e até mesmo de eletricidade? No Brasil, por exemplo, o Comitê para a Democratização da Informática começou a instalar em 2003 computadores em três aldeias indígenas (das etnias achaninca, iauanauás e sapucaí), que não dispõem de redes elétricas e telefônicas, e recorrem a placas que captam energia solar. Efetivamente os satélites podem levar à Amazônia informação sobre o que ocorre nos mercados internacionais com os produtores agrícolas destes indígenas, mas a “democratização informática” é só uma parte do conjunto de inserções socioeconômicas, formação de hábitos de conhecimento e processamento crítico dos dados necessários. Na falta destas condições contextuais, a conexão a redes informáticas oferece saberes de baixa ou nenhuma utilização.³⁴⁰

Entre a ausência de tais condições contextuais para a possibilidade efetiva de uma “democratização informática”, o debate em torno da educação (expressa no trecho citado pela necessidade de “formação de hábitos de conhecimento e processamento crítico dos dados necessários”) se mostra como dos mais fundamentais, isto porque, para além das carências de auto-conhecimento e postura crítica, com o advento e disseminação das novas tecnologias de informação e comunicação tem ficado cada vez mais evidente que é preciso uma postura pedagógica que atente para a multiculturalidade, ou melhor, para a interculturalidade

³³⁹ Os dados estatísticos das pesquisas citadas neste parágrafo foram retirados do *Blue Bus* (www.bluebus.com.br), página eletrônica fundada em 1995 que funciona como um guia diário de informações sobre mídias.

³⁴⁰ CANCLINI, Nestor García. *Diferentes, desiguais e desconectados*, págs. 235 e 236.

e o trânsito de conhecimentos, informações, culturas etc., que ela desencadeia. Uma atitude educacional para a interculturalidade que, de acordo com o próprio Canclini, permita a continuidade de pertencimentos étnicos, comunitários e grupais (e mesmo nacionais), junto com o acesso fluido aos repertórios transnacionais difundidos pelos meios de comunicação urbanos e de massa, tendo em vista que:

A conjugação de telas de televisão, computadores e videogames está familiarizando as novas gerações com os modos digitais de experimentar o mundo, com estilos e ritmos de inovação próprios destas redes, bem como com a consciência de pertencer a uma região mais ampla do que o próprio país, a um tempo em que se interconectam mediante histórias distintas. Conhecer implica socializar-se na aprendizagem das diferenças, no discurso e na prática dos direitos humanos interculturais.³⁴¹

Por sua vez, pensar numa “prática dos direitos humanos interculturais” remete a uma outra discussão: a política. Considerando que o auto-conhecimento das sociedades e comunidades e a própria consciência de seus lugares entre as demais vêm sendo constituídos substancialmente nas redes comunicacionais (cada vez mais as ligadas as tecnologias digitais) e nas produções narrativas, musicais e audiovisuais industrializadas, tal fato exige políticas de inclusão digital que possibilitem e assegurem o acesso democrático a diversidade e a interculturalidade nos circuitos (de informações e conhecimentos) transnacionais. Políticas que incentivem a desconcentração de poder e não os monopólios das redes tecnológicas, que promovam o desenvolvimento e a autonomia de países, regiões, localidades, pequenos grupos etc. pobres e não a subordinação às cadeias de marketing geradas no mundo rico. Enfim, políticas que estimulem a liberdade e não o aprisionamento às redes privadas monopolistas.

À primeira vista, as novas tecnologias de comunicação e informação parecem oferecer diversas vantagens sobre os meios de comunicação tradicionais, colocando-se como um ideal para a comunicação democrática, sobretudo porque os seus dispositivos interativos e multifuncionais oferecem novas possibilidades para a participação descentralizada. No entanto, como vimos acima nos números oferecidos por Canclini, tais tecnologias, instaladas em uma ordem mundial excludente, podem reproduzir a lógica de funcionamento desta, gerando um verdadeiro *apartheid* digital. Nos debates em torno das políticas de democratização de acesso e uso destas novas

³⁴¹ CANCLINI, Nestor García. *Diferentes, desiguais e desconectados*, pág. 237.

Uma destas ações diz respeito à participação dos governos (em todas as suas instâncias, principalmente a nacional) na implementação de políticas de inclusão da população nos novos ambientes tecnológicos, tanto através da disponibilização dos suportes materiais de uso e acesso (como computadores, redes de conexão etc.) como também, conforme foi adito acima, na implementação de uma política educacional crítica, atenta para o próprio auto-conhecimento (local, regional, nacional etc.) e para o contexto multi e intercultural do mundo contemporâneo.³⁴²

³⁴² Aqui vale destacar as iniciativas do governo federal brasileiro atual que vem desenvolvendo vários programas de inclusão digital tais como: Casa Brasil – programas de implementação de espaços multifuncionais de conhecimento e cidadania em comunidades de baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), constituídos de um telecentro (com o uso de *software* livre) e pelo menos dois outros módulos que podem ser uma biblioteca popular, um auditório, um estúdio multimídia, uma oficina de produção de rádio, um laboratório de popularização da ciência ou uma oficina de manutenção de equipamentos de informática, e um espaço para atividades comunitárias, além de um módulo de inclusão bancária nas localidades que for possível; Centros Vocacionais tecnológicos – programas de implementação unidades de ensino. Tt4d 0 0 41apCm (n 9 (087440 0 34907879, R (c) Tt4d 0 0 41 Tt21 0 T

intelectualmente mais estimulantes, já que não precisam de muitos trâmites para a própria utilização e/ou para a elaboração de novos *softwares* a partir deles.³⁴³

O espírito colaborativo contido na “filosofia” do *software* livre levou imediatamente a questionamentos sobre o direito de propriedade intelectual, servindo de exemplo e inspiração para que outros bens intelectuais também começassem a evoluir no sentido da produção de trabalhos coletivos e abertos. De acordo com Ronaldo Lemos, diretor do Centro de Tecnologia e Sociedade da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas, “tudo indica que o modelo do software livre não mudou apenas a história do software, mas também criou uma nova forma de organização econômica, com impacto profundo nas formas de produção e organização globais como um todo”³⁴⁴. Mediante os impasses jurídicos em torno dos direitos de autoria criados pelos questionamentos levantados pelo *software* livre, novas formas de licenças de uso e propriedade intelectual foram (e continuam sendo) elaboradas para tentar suprir as lacunas das leis tradicionais que tratam do assunto. Entre estas formas, destaca-se a criação do modelo *Creative Commons*. Segundo Lemos:

o Creative Commons cria instrumentos jurídicos para que um autor, um criador ou uma entidade diga de modo claro e preciso, para as pessoas em geral, que uma determinada obra intelectual sua é livre para distribuição, cópia e utilização. Essas licenças criam uma alternativa ao direito de propriedade intelectual tradicional, fundada de baixo pra cima, isto é, em vez de criadas por lei, elas se fundamentam no exercício das prerrogativas que cada indivíduo tem, como autor, de permitir o acesso às suas obras e a seus trabalhos, autorizando que outros possam utilizá-los e criar sobre eles.³⁴⁵

Neste novo quadro de discussão jurídica em torno do direito de propriedade intelectual, modelos de licenças como o *Criative Commons*, portanto, pretendem desenvolver e estimular formas cooperativas, garantindo-as juridicamente e, sobretudo, dando liberdade aos autores, criadores e detentores de direitos para que

³⁴³ O *Software* Livre como movimento organizado começou em 1983 quando o programador americano Richard Stallman deu início ao projeto *GNU*, fundando, dois anos depois, a *Free Software Foudation* (FSF). Stallman introduziu os conceitos de *software* livre e *copyleft* que foram desenvolvidos como intuito de garantir que a liberdade dos usuários dos programas computacionais fosse preservada. São *softwares* livres conhecidos: os sistemas operacionais *GNU/Linux*, *BSD* e *Darwin*; os navegadores de web *Firefox* e *Konqueror*; o *Media Wiki*, sistema da *Wikipédia*; entre outros. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Software_livre. Informações importantes sobre o tema estão no próprio sítio da *FSF* (www.fsf.org) e também no livro *Software livre e inclusão digital*, organizado por Sérgio Amadeu da Silveira, presidente do Instituto Nacional de Tecnologia da Informação.

³⁴⁴ LEMOS, Ronaldo. *Direito, tecnologia e cultura*, pág. 82.

³⁴⁵ *Ibid.*, pág. 83.

eles mesmos possam gerenciar seus bens, para que possam ter o poder de dizerem que não se importam com a utilização, a distribuição e até a modificação de suas obras por outras pessoas³⁴⁶. Tais modelos, sem dúvida, são avanços no sentido de ampliação do domínio público a favor do estabelecimento de uma universalidade criativa e democrática em relação à informação, conhecimentos e bens culturais. Portanto, tanto a utilização de *softwares* livres como de licenças de uso e propriedade intelectual tem sido caminhos na luta pela democratização do ciberespaço e, de uma forma mais geral, das novas tecnologias de informação e comunicação, afim de torná-los mais populares.

Sobre a segunda pergunta, serei mais breve. Sua resposta se fundamenta na interpretação d'*O Carapuceiro* como expressão da definição preferida por Stuart Hall de cultura popular que foi exposta no segundo capítulo. Nesta definição, como vimos, o essencial para uma categorização de cultura popular não são as questões relativas a sua autenticidade ou a sua

região de forma folclorizada) e aos discursos e/ou interpretações estigmatizados do Nordeste construídos em regiões hegemônicas (mais destacadamente no Sudeste) apresentadas no último capítulo, confirmam a disposição para o conflito ou, ao menos, para questionamentos (posição talvez mais precisa para o caso) d’*O Carapuceiro* frente às forças instauradoras de “sentidos”, colocando-o num lugar de resistência em relação a estas. Desta forma, diante de tais posturas, pode-se dizer que o sítio, durante todo seu período de existência, se apresentou, cumprindo o papel de toda cultura considerada aqui “genuinamente” popular, como palco para a dialética da luta cultural.

3.

Em dois parágrafos bastante semelhantes que pertencem a dois de seus livros, Nestor García Canclini oferece argumentos importantes para questionamentos em torno da questão do popular e da posição assumida por mim nesta tese. Apesar de parecidos, exponho-os aqui, pois cada um merece ser comentado em decorrência das afirmações peculiares que eles sugerem. Comentarei-os após suas reproduções abaixo. Por mera ordem cronológica, transcrevo primeiro o contido na obra *Culturas híbridas*:

Os neogramscianos vêem a cultura, mais que como um espaço de distinção, de conflito político entre as classes, como parte da luta pela hegemonia. Por isso, esse modelo é utilizado por aqueles que destacam a autonomia, a capacidade de iniciativa e oposição dos setores subalternos. Ainda que a complexa concepção gramsciana, enriquecida por antropólogos recentes (Cirese, Lombardi, Satriani, Signorelli), evite os riscos mais ingênuos das tendências e espontaneístas, estimulou visões unilaterais e utópicas como as que criticamos nos movimentos “alternativos”. As dificuldades se acentuam, tanto nessa corrente como na reprodutivista, quando seus modelos são usados como superparadigmas e geram estratégias populares às quais se pretende subordinar a totalidade dos fenômenos: tudo o que não é hegemônico é subalterno ou vice-versa. Omite-se, então, nas descrições, processos ambíguos de interpenetração e mescla, em que os movimentos simbólicos de diversas classes geram outros processos que não se deixam organizar sob as classificações de hegemônico e subalterno, de moderno e tradicional.³⁴⁷

No segundo, do livro *Consumidores e cidadãos*, o mesmo autor escreve:

As obras dos antropólogos neogramscianos, sobretudo na Itália, onde se realizaram as contribuições mais valiosas para o estudo do popular, em geral eludem o risco de maniqueísmo: examinam em profundidade a “rede de intercâmbios, empréstimos, condicionamentos recíprocos” entre as culturas hegemônicas e populares. Não obstante, na caudalosa bibliografia que se formou em torno dessa orientação ao longo

³⁴⁷ CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas*, págs. 274 e 275.

dos anos 1970 e 1980 na América Latina, as complexas relações entre hegemonia e subalternidade costumam ser reduzidas a um simples confronto bipolar. Com base nas vertentes mais políticas e voluntaristas do pensamento gramsciano, proclamou-se uma autonomia e resistência das classes populares dificilmente comprovável. Muitas pesquisas se converteram em registro parcial dos atos por meio dos quais os setores populares davam continuidade a suas tradições, em oposição à ideologia e à política hegemônica.³⁴⁸

Nos dois trechos fica claro o alerta para o risco de se tratar a cultura de forma maniqueísta sob a polaridade do binômio hegemônico/subalterno. Aqui é importante salientar que sendo o pensamento gramsciano um ideário de matriz marxista, tal risco se deve a perspectiva de tomar a noção de hegemonia como instrumento de poder para a conservação do sistema como um todo ou, ao contrário, como força contra-hegemônica a favor de uma futura ordem comunista (comentei sobre o assunto no segundo capítulo). No entanto, conforme o próprio Canclini coloca na seqüência deste último livro citado, sabemos já há algum tempo que:

A partir das contribuições de Michel Foucault e de estudos empíricos sobre os movimentos sociais, deixou-se de perceber o poder apenas como uma ação dominadora exercida verticalmente sobre os dominados e passou-se a considerá-lo como uma prática descentrada e multideterminada das relações políticas, cujos conflitos e assimetrias são moderados pelos compromissos entre os atores colocados em posições desiguais. Nem mesmo nas concentrações monopólicas do poder, acentuadas pelas políticas neoliberais, existe uma manipulação onipotente das relações socioculturais.³⁴⁹

Ao tomar *O Carapuceiro* como objeto para discussão da identidade nordestina, não pretendo muito mais do que, além de primordialmente enriquecer o debate sobre o tema, fazer um registro de uma produção literária popular que durante sua existência se colocou “em oposição à(s) ideologia(s) e à(s) política(s) hegemônica(s)”. Porém, gostaria de chamar a atenção para o valor deste registro (como de outros possíveis), não como mero documento “parcial” no sentido um tanto desqualificador que o adjetivo deixa entender no trecho citado acima. Creio que, diante da descrença reinante nas atitudes e instrumentos que se apresentam como resistentes à lógica neoliberal dominante do mundo contemporâneo que tudo despotencializa, seja através da massificação de produções e realizações culturais monopólicas ou da fragmentação homogeneizadora que os apreende em rótulos “domadamente qualificantes”, o registro de tais iniciativas é de grande valor na

³⁴⁸ CANCLINI, Nestor García. *Consumidores e cidadãos*, pág. 200.

³⁴⁹ Ibid., pág. 201.

Gostaria ainda de destacar um aspecto ressaltado no primeiro trecho que diz respeito à omissão aos processos de hibridização (constantemente exaltados pelo autor) ou, como escrito no trecho, aos “processos ambíguos de interpenetração e mescla, em que os movimentos simbólicos de diversas classes geram outros processos que não se deixam organizar sob as classificações de hegemônico e subalterno”. Para o caso d’*O Carapuceiro*, a acusação de tal omissão, conforme vimos em suas características, não procede. Aliás, o emprego de referências de vários universos culturais, dando uma feição híbrida ao conteúdo do sítio, serviu como estofa na crítica a tradição e as interpretações estigmatizadas dos elementos da cultura nordestina. Como já foi dito acima: expor, ou melhor, reivindicar a heterogeneidade e a possibilidade de hibridações culturais é uma atitude política eficaz para não se submeter à lógica homogeneizadora das identidades interessadas.

[illegible]

reacionarismo estético e cultural (e, em última instância, social), promovendo constantemente, a “uniformização das diferenças”...

4.

As novas abordagens culturais que emergem no Nordeste contemporâneo têm contribuído contra a fossilização que as culturas nordestinas sofreram – e ainda sofrem – ao longo da história no país. Suas provocações nos c e

dos Anjos que no último parágrafo do seu citado livro - outro trabalho de valor inestimável para esta tese - escreve:

No início da década de 1970, Hélio Oiticica disse que o Brasil *não* existia, sugerindo, é provável, a dissolução de uma idéia hegemônica do país, a qual iria efetivamente ocorrer, ainda que de forma gradual e lenta, nas décadas seguintes. Talvez seja possível dizer que o Nordeste do Brasil, como espaço de limites simbólicos definidos, tampouco exista. Permanece, em todo caso, como repositório de símbolos, mitos, técnicas, imagens e procedimentos que o confirmam como um partícipe da diversa, complexa e impura herança cultural do mundo. E se é pouco prudente tentar estabelecer os contornos precisos de uma idéia de Nordeste no mundo contemporâneo, pode-se afirmar, com alguma segurança, que as distinções dicotômicas presentes em debates travados na primeira metade do século XX (tradição *versus* europeização, Regionalismo *versus* Modernismo) não mais fazem sentido. As produções de seus artistas não buscam afirmar a identidade de um território com fronteiras rígidas nem têm pretensões de nacionalizar o que é falado de um lugar do país. Somadas, apenas participam, de uma posição específica, dos embates transculturais que a globalização ativa.³⁵¹

É neste sentido que *O Carapuceiro* – uma página entre outras – tenta fazer com que o Nordeste “não exista” ou, em outras palavras, o reinventa, tomando-o como ponto de partida para a criação de uma região (um lugar, um ponto) de imaginário mais híbrido, de caráter dialogal, distante de uma perspectiva essencialista de identidade com seus discursos interessados. Mas, por meio e para além desta reinvenção híbrida, creio que o seu maior legado foi o de r

VII. Bibliografia:

 *Blônicas*

 *Ariano Suassuna*

 *Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa*

 *O Globo.*

 *Folha de São Paulo* *Tentação nacionalista*

Estudos culturais à brasileira

Maurício Santana Dias

 *Continente Multicultural* °

 *Elle*

 *Veja* °

 *Fronteiras múltiplas, identidades plurais*

 *A invenção do Nordeste e outras*

artes

 *A bagaceira*

 *O país do carnaval*

 *Cacau*

 *Subterrâneos da liberdade*

 *Gabriela, cravo e canela*

 *Seara vermelha*

 *Leituras do Ciclo*

 *Alguma poesia*

 *Local/global: arte em trânsito*

 *Declínio da Arte ascensão da cultura*



A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica



Crônica: história, teoria e prática



Obras Escolhidas – Volume I



Cultura popular na Idade Moderna



História e teoria social



Balanço da bossa e outras bossas



Culturas híbridas



Consumidores e cidadãos



Diferentes, desiguais e desconectados



A Crônica - O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil



Software livre e inclusão digital



Jornalismo e Literatura – A sedução da palavra



Homens e Caranguejos



Geografia da fome



A cultura no plural



Dez lições sobre Estudos Culturais



Para ler Raymond Williams



A dualidade de poderes: introdução à teoria marxista do Estado e da revolução



Teoria literária – Uma introdução



Contraditório? - musical style and identity in the contemporary popular music of Pernambuco, Brasil



Teoria da literatura: uma introdução



Crítica da imagem eurocêntrica



Cultura Global – nacionalismo, globalização e modernidade



Microfísica do poder



O Livro do Nordeste



Manifesto Regionalista



Maracatu Atômico: Tradition, Modernity and Post-Modernity in the Mangue Movement and a the new music scene of Recife, Pernambuco, Brazil



O Carapuceiro



Pequeno dicionário de filosofia contemporânea



Neuromancer



Concepção dialética da história



Cadernos do cárcere vol.1



A identidade cultural na pós-modernidade



Da diáspora



Nações e nacionalismo – desde 1780



O Movimento Modernista em Pernambuco



A cultura da mídia mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno



Integração, região e regionalismo



LEÃO, Carolina Carneiro. *A maravilha mutante – batuque, sampler e pop no Recife dos anos 90*. Dissertação de mestrado em Comunicação Social pela UFPE, 2002.



LEMONS, Ronaldo. *Direito, tecnologia e cultura*.



Cibercultura



Toda Crônica: Lima Barreto



A descoberta do mundo



Introdução aos Estudos Culturais



Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia



Os meios são as massa-gens



O Carapuceiro



O Carapuceiro: o padre Lopes Gama e o Diário de Pernambuco 1840-1845



O outro Nordeste



Jornalismo e Literatura



Folhetim: uma história



Ciberespaço

Literatura em Rede: Tradição e Ruptura no



O Segredo de Joe Gould



Sociedade midiaticizada



Poesias completas (1940-1965)



Chico Science – A rapsódia afrociberdêlica



Rede Imaginária – televisão e democracia



mídia

Literatura e



Mundialização e cultura



*O Narrador ético: experiência e sabedoria na
crônica do século XIX*



Evolução política do Brasil



Formação do Brasil contemporâneo



*Cosmopolitismos periféricos: ensaios sobre
modernidade, pós-modernidade e Estudos Culturais na América Latina*



O Quinze



Vidas secas



São Bernardo



Apontamentos de crítica cultural



O momento literário



A crônica



Beato Zé Lourenço



Modos de macho & modinhas de fêmea



A nova geografia da fome



Divina comédia da fama



Se um cão vadio aos pés de uma mulher-abismo



Catecismo de devoções, intimidades & pornografias.



Cultura e imperialismo



Orientalismo



Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura



O cosmopolitismo do pobre



A satellite dish in the shantytown swamps: musical hybridity in the new scene of Recife, Pernambuco, Brazil



O encontro do velho do pastoril com Mateus na Mangue: ou as tradições populares revisitadas por Ariano Suassuna e Chico Science



Identidade e diferença



O que é, afinal, Estudos Culturais?



Mangue: uma ilustração da grande narrativa pós-moderna



Cinematógrafo das Letras



Um passo à frente e você já não está no mesmo lugar – A geração Mangue e a (re)construção de uma identidade regional



Do frevo ao manguêbeat



O Padre Carapuceiro



A arte de viver para novas gerações



O mistério do samba



Boa companhia: crônicas



Cultura e Sociedade 1780 – 1950

Páginas eletrônicas:





Filmografia:

 *Amarelo Manga*. ASSIS, Cláudio – 2004.

 *Árido Movie*. FERREIRA, Lírío – 2005.

 *Barravento*

 *Cinema, Aspirinas e os Urubus*. GOMES, Marcelo - 2005

 *Clandestina felicidade*. GOMES, Marcelo e NORMAL, Beto - 1998

 *Conceição*. CIASCA, Renato e DHALIA, Heitor – 1999.

■ *Deus e o diabo na terra do sol*

■ *O baile perfumado*. CALDAS, Paulo e FERREIRA, Lírío - 1996.

■ *O cangaceiro*

■ *O canto do mar*

■ *O pagador de promessas*

■ *O palhaço degolado*

■ *O rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas*. CALDAS, Paulo e LUNA, Marcelo – 2000.

■ *Recife de dentro para fora*. MESEL, Kátia – 1997.

■ *Resgate cultural* —

■ *Simião Martiniano – o camelô do cinema*. ANGÉLICA, Clara e LACERDA, Hilton – 1998.

■ *Texas Hotel*. ASSIS, Cláudio – 1999.

Discografia:

⊙ *Da lama ao caos*

⊙ *Carnaval na obra*

⊙ *O outro mundo de Manuela do Rosário*

⊙ *Baião de viramundo*

ANEXOS

ANEXO I - GLOSSÁRIO DE PALAVRAS E EXPRESSÕES REGIONAIS ENCONTRADAS N’O *CARAPUCEIRO*

A.**Aima** – *S.f.*

Alma.

In: *O afogado que dançava gafeira* (Macho 26/07/2000).**Ajuntar** – *V.m.q.*

Juntar, unir.

In: *Museu de tudo* (Macumba Acidental – 27/11/2001).**Alaursa** – *S.f.* (PE)

Figura do folclore pernambucano.

In: *Os cosméticos e os remédios para o amor* (Caritó – 21/02/2003).**Alma sebosa** – *S.f.* (PE)

1. Pessoa chata e escrota;
2. Pessoa do além; gente malassombrada;
3. Criminoso vulgar, cruel e covarde.

In: *Imprensa e mulher se igualam na arte de mentir* (Carapuça – 08/07/2000).**Amarra-marido** – *S.m.*

Prato típico feito a base de ovos e batata-doce.

In: *Amarra-marido* (Por cima da carne seca – 27/11/2001).**Amoitar** – *V.*

Guardar; esconder.

In: *Pelo menos na minha boquinha/ já já um sol danado* (Macho 07/09/2004).**Arre-égua** – Interjeição de espanto (CE).

Geralmente utilizada em momentos de surpresa ou raiva.

In: *Tecnologia de ponta* (Carapuça – 01/08/2001).**Arretadíssimo** – *Superlativo de “arretado”*

1. Coisa boa em geral;
2. A pessoa quando fica muito excitada;
3. Princípio de raiva.

In: *Zé Bodismo, a lição de casa* (Leilão de Almas – 23/09/2002).**Arrochada** – *Adj.*

1. Apertada;
2. Mulher brava, corajosa.

In: *Mulher de bandejão* (Por cima da carne seca – 18/04/2002).**Arrumadinho** – *S.f.*

Prato á base de carne-de-sol ou de charque (carne seca), acompanhada de feijão-verde, farofa amarela e picadinho de tomate, cebola e coentro.

In: *Carta aberta aos Fautos do Silício* (Leilão de Almas – 07/06/2000).

Asa da graúna – Expressão que designa a cor preta (geralmente referente aos cabelos)

In: *Cadê o folgado que estava aqui?* (Macumba Acidental – 08/07/2001).

B.

Bacurinha – S.f.

Órgão sexual feminino; vagina, boceta.

In: *A asma amorosa* (Macho 01/08/2001),

Baião-de-dois – S.m. (CE)

Prato em que o feijão e o arroz são cozinhados na mesma panela; o mesmo que *arrubação*.

In: *Baião-de-dois mais caro do mundo* (Por cima da carne seca – 04/10/2000); *Papangu neles!* (Carapuça – 09/11/2000) e *A querela dos diagnósticos* (Prosopopéia – 04/05/2001).

Baixa da égua – Expressão que designa lugar distante.

In: *Miss Corações Solitários responde* (Caritó – 07/01/2003).

Beiju – S.m.

Espécie de bolo de goma ('polvilho') ou de massa de mandioca assada de que há diversas variedades.

In: *Fisiologia do gosto paulistano* (Por cima da carne seca – 18/04/2001).

Boga – S.m.

Ânus.

In: *Conheça o mundo pelo fundo* (Leilão de Almas – 18/04/2001e Macumba Acidental – 20/05/2002).

Bolo de rolo – S.m.

Tipo de bolo feito de farinha de trigo e goiabada derretida.

In: *Bolo de rolo* (Por cima da carne seca – 03/10/2001).

Bolo perna-de-moça – S.m.

Tipo de bolo feito de mandioca, gemas e leite de coco.

In: *Bolo perna-de-moça* (Por cima da carne seca – 20/06/2001).

Boyzinho(a) – *S.dim.pop.*

1. menino(a) jovem;
2. namorado(a).

In: Todos os capítulos da novela *Boyzinha* (Prosopopéia de 02/11/2001 a 02/03/2004); *É assim que a gente diz: “Meu Boyzinho”* (Leilão de Almas – 11/09/2003); *Virgens e bulidas* (Macho - 17/09/2003).

Bruguelo – *S.m.*

Filho pequeno.

In: *NY, Brasil: longe é um lugar que não existe* (Diário da Corrupção – 25/09/2001).

Buchada-de-bode – *S.f.*

Prato feito a base de vísceras e intestinos de bode.

In: *Buchada-de-bode, faça você mesmo* (Por cima da carne seca – 22/08/2000); *O príncipe desce do jegue* (Diário da Corrupção – 03/05/2001); *Breve lista para possíveis desentendidos* (Macho - 05/03/2003).

Bulida – *S.f.*

Mulher que não é virgem.

In: *Virgens e bulidas* (Macho - 17/09/2003).

Buruçu – *S.m.*

Confusão.

In: *A “danada”* (Leilão de Almas – 01/11/2002); *A maldição que corrompe* (Diário da Corrupção – 07/11/2002).

C.**Cabacinho** – *S.m.*

Diminutivo de cabaço. Moça; vagina virgem.

In: *Virgens e bulidas* (Macho - 17/09/2003).

Caba véi – Expressão que designa homem, sujeito.

Cozinhando o juízo com açaí (Por cima da carne seca – 02/04/2002).

Cabeça-de-galo – *S.f.*

Espécie de mingau feito de ovo, cominho, pimenta-do-reino, alho, farinha de mandioca, cebola, coentro e sal. Também conhecido como Crista-de-galo, Mingau-de-cachoro e Levanta-defunto.

In: *Um mingau para tempos de economia de guerra* (Por cima da carne seca – 04/06/2001); *O donzelo e a Penélope* (Caritó – 15/11/2001); *Miss Corações Solitários* (Caritó – 20/05/2002).

Caboco – S.m.

Caboclo.

In: “*De mole aqui só o siri*” (Por cima da carne seca – 01/08/2001); *Cozinhando o juízo com açaí* (Por cima da carne seca – 02/04/2002); In: *Mulher de bandeirão* (Por cima da carne seca – 18/04/2002).

Cabra – S.m.

Homem; sujeito. Redução das expressões *cabra-da-pesto* ou *cabra macho* que designam homem corajoso, destemido, valentão.

In: *Eis a verdade ponto com: nada como um século atrás do outro* (Carapuça – 26/12/2000); *A cisma do cabra diante daquilo* (Macho 19/07/2001); *A chatice do desejo* (Macho - 20/08/2001); *O donzelo e a Penélope* (Caritó – 15/11/2001); *Homem de predinho antigo* (Macho - 27/02/2002); *A arte de esperar marido* (Por cima da carne seca – 02/07/2002); *Por um amor no Recife* (Caritó – 07/08/2002); *Virgens e bulidas* (Macho - 17/09/2003); *Foi a cachaça, meu fio? Peraí que tem jeito!* (Por cima da carne seca – 04/04/2004); *Carência sob a bica* (Caritó – 22/06/2004).

Cabra macho - Expressão que designa homem corajoso, destemido, valentão.

In: *Amigo gay pra mim é homem* (Macho 04/10/2000); *Miss Corações Solitários responde* (Caritó – 07/01/2003).

Cabra da peste – Expressão que designa homem corajoso, destemido, valentão.

In: *Por um amor no Recife* (Caritó – 07/08/2002).

Cabra de pêia – S.m.

Homem valente ou teimoso.

In: *A ansiedade nos tempos da net* (Caritó – 20/08/2001).

Caixa-prega(o) – Expressão que designa lugar distante.

In: *Cadê o folgado que estava aqui?* (Macumba Acidental – 08/07/2001); *Veredas capilares* (Caritó – 07/11/2002); *Miss Corações Solitários responde* (Caritó – 07/01/2003).

Caritó - S.m.

1. Criatório de guaiamuns;
2. Casa pequena, casebre, mocambo;
3. Situação celibatária persistente.

In: *Receita homérica para curar amor platônico* (Caritó – 16/06/2000); *Miss Corações Solitários responde* (Caritó – 03/11/2000); *A seleção natural feminina-darwiniana* (Leilão de Almas – 25/09/2001); *O donzelo e a Penélope* (Caritó – 15/11/2001); *Maria gasolina e os cavalos* (Caritó – 22/02/2002); *Bálsamos para o amor* (Caritó – 23/09/2002).

Carne Mijada – Expressão que designa órgão sexual feminino; vagina, boceta.

In: *Assim flava Chico Heráclio* (Diário da Corrupção – 01/08/2001).

Certo que nem boca de bode - Expressão que designa precisão, exatidão.
In: *Cabras frouxos* (Prosopopéia – 03/10/2001)

Chambaril – *S.m.* (PE)
Ossobuco preparado com pirão; prato de carne típico de Pernambuco.
In: *Os cosméticos e os remédios para o amor* (Caritó – 21/02/2003).

Chibiu (xibiu) – *S.m./f.*
Órgão sexual feminino; vagina, boceta.
In: *Oboscópios, mondrongos e tamatiás* (Leilão de Almas – 03/05/2001).

Comedor-de-farinha – *S.m.*
Nordestino.
In: *Museu de tudo de São Saruê* (Macumba Acidental – 24/04/2001).

Coroné - *S.m.*
Coronel.
In: *Nordeste-gabiru e a rataiada inútil* (Carapuça – 19/04/2001).

Cour'osso – Corruptela da expressão *couro e osso* que designa magreza.
In: *Cinema é travesseiro* (1998) W n /Cs1 one

Dotô – S.m.

Doutor.

In: *Da humildade do jegue e do cinismo do homem* (Carapuça – 28/05/2001).**E.****Ele-ela – S.m. (PE)**

Expressão da culinária que designa o par cachaça com caldinho.

In: *Ô burguesia cevada* (Leilão de Almas – 16/10/2001).**F.****Figo – S.m.**

Fígado.

In: *Bote minha idade que eu como seu figo* (Macumba Acidental – 20/07/2001); *Pelo telefone* (Macho - 07/12/2002); *Virgens e bulidas* (Macho - 17/09/2003).**Filho-de-quenga - Mesmo que filho-da-puta.***O tédio francês de todos eles* (Caritó – 01/07/2001).**Filho-de-uma-égua (Fi d’uma égua) -** Expressão que designa tanto sujeito sem caráter como audaz. Mesmo que *fi da peste* (CE).In: *Síndrome de Mário de Andrade* (Macumba Acidental – 30/06/2000) e *Presença labial* (Macumba Acidental – 23/09/2002).**Fiofó – S.m.**

Ânus.

In: *Miss Corações Solitários responde* (Caritó – 03/11/2000); *Breve lista para possíveis desentendidos* (Macho - 05/03/2003); *Você sabe lá o que é isso...* (Por cima da carne seca – 02/03/2004).**Fodeu a tabaca de Chola –** Expressão que designa inviabilidade, frustração.In: *Fisiologia do gosto paulistano* (Por cima da carne seca – 18/04/2001) e *Lorotas de um enviado* (Carapuça – 24/04/2001).**Frango - S.m. (PE)**

Homossexual masculino.

In: *Se minha rua falasse* (Leilão de Almas – 21/01/2002).**Fuleragem (Fuleiragem)– S.m. (PE)**

Trapaça, covardia, mau-caratismo.

In: *“Meu voto é na mulé”* (Diário da Corrupção – 23/09/2002); *A sombra de um oiti duvidoso* (Caritó – 02/12/2002); *Pé na estrada Josué!* (Leilão de Almas – 06/01/2004); *Domínio público* (Macho 21/06/2004).

Funaré - S.m.

Confusão, balburdia.

Forró universitário x forró mobral (Macumba Acidental – 29/03/2001).

G.**Goipada – S.f.**

Gole brusco.

In: *Verdadeira festa do bode* (Por cima da carne seca – 21/08/2001); *Cozinhando o juízo com açai* (Por cima da carne seca – 02/04/2002).

Goipéba - S.f.

Espécime cobra não venenosa.

In: *O barco da cachaça* (Prosopopéia 08/05/2001).

Gréia - S.m. (PE)

Diversão, zoação, pilhéria.

In: *Verdadeira festa do bode* (Por cima da carne seca – 21/08/2001); *Cozinhando o juízo com açai* (Por cima da carne seca – 02/04/2002); “*Meu voto é na mulé*” (Diário da Corrupção – 23/09/2002); *Pé na estrada Josué!* (Leilão de Almas – 06/01/2004).

Greeiro – S.m.

Indivíduo gozador.

In: *Verdadeira festa do bode* (Por cima da carne seca – 21/08/2001).

Guentar a ôia – Expressão que designa ganhar a vida, se virar.

In: *Carência sob a bica* (Caritó – 22/06/2004).

H.**Homem-gabiru – S.m. (PE)**

Expressão criada por pesquisadores do Centro Josué de Castro (PE) que designa o homem que, como o gabiru - uma espécie de rato -, vive do lixo que sobra dos consumidores.

In: *Os muros do Brasil e as galáxias dos homens-gabirus* (Carapuça – 04/10/2000) e *Nordeste gabiru e a rataiada inútil* (Carapuça – 19/04/2001); *Como é grande e bonita a natureza* (Caritó – 05/02/2002).

I.**Inguiar – V.**

Rejeitar por enjôo.

In: *A cisma do cabra diante daquilo* (Macho 19/07/2001).

Inhanha – S.f.

Órgão sexual feminino; vagina, boceta.

In: *Oboscópios, mondrongos e tamatiás* (Leilão de Almas – 03/05/2001).

J.**Jebe** – *S.f.*

Órgão sexual masculino, pênis.

In: *Saiba como estragar uma amizade* (Caritó – 23/12/2000).**L.****Laigar** – *V.*

Largar.

In: *Pelo menos na minha boquinha/ já já um sol danado* (Macho 07/09/2004).**M.****Maciota** – *S.f.*

Tranquilidade.

In: *Sete palmos de terra e muitos caixões* (Carapuça – 07/03/2002).**Mais rápido que mijada de caçote** – Expressão comparativa que designa rapidez.In: *Gerúndio com ‘d’ nem fudeno* (Macumba Acidental – 05/09/2002).**Mai-teco** – Interjeição de confirmação (PE).In: *Museu de tudo* (Macumba Acidental – 27/11/2001) e *Destino: Motel Praia Norte* (Prosopopéia – 18/12/2001).**Maria-zabé** – *S.f.*

Arroz de bode, prato típico encontrado nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

In: *Cibele, rapariga maravilhosa* (Caritó – 18/12/2001).**Marvada (o)**– *Adj.*

Malvada (o).

In: *A maldição que corrompe* (Diário da Corrupção – 07/11/2002); *Germana, a marvada* (Macho - 05/04/2004).**Mateus** - *S.m.* (PE)

Figura do folclore pernambucano, personagem do folguedo Cavalo-marinho.

In: *Os cosméticos e os remédios para o amor* (Caritó – 21/02/2003).**Matulão** – *S.m.*

1. Espécie de saco;

2. Provimento.

In: *Mulher de bandeja* (Por cima da carne seca – 18/04/2002).**Mêi** – *S.m.*

Meio.

In: *O barco da cachaça* (Prosopopéia 08/05/2001).

Meia-cuia – *S.f.*

Sem qualidades, razoável.

In: *Aplicação tática* (Caritó – 05/06/2002).

Meizinha – *S.f.*

Remédio.

In: *A “danada”* (Leilão de Almas – 01/11/2002); *A maldição que corrompe* (Diário da Corrupção – 07/11/2002).

Mingau-de-cachorro – *S.m.*

Mesmo que Cabeça-de-galo e Levanta-defunto.

In: *Um mingau para tempos de economia de guerra* (Por cima da carne seca – 04/06/2001).

Mó fi – mesmo que *meu filho*.

In: *A tragédia que precede a janta* (Macumba Acidental – 06/09/2001).

Mocó – *S.m.*

Habitação particular, apartamento; canto.

In: *Negociando o próprio túmulo* (Carapuça – 11/10/2004).

Mocorocó – *S.m.*

Bebida fermentada feita de suco de caju.

In: *Rapadura é doce mas não é mole não* (Por cima da carne seca – 06/08/2002).

Mondrongo – *S.m.*

Órgão sexual masculino, pênis.

In: *Oboscópios, mondrongos e tamatiás* (Leilão de Almas – 03/05/2001).

Moqueado – *Adj.*

1. Assado ou tostado em moquém;

2. Posto para secar em moquém.

In: *Teiú moqueado* (Por cima da carne seca – 20/07/2000).

Mucica – *S.f.*

Falta de atividade sexual; desejo sexual.

In: *Biscoito acadêmico* (Carapuça – 06/01/2004); *Carência sob a bica* (Caritó – 22/06/2004).

Muciça – *Adj.*

Mesmo que maciça.

In: *Olha o pirão, esmorecido!* (Por cima da carne seca – 27/01/2002).

Mulé – *S.f.*

Mulher.

In: *“Meu voto é na mulé”* (Diário da Corrupção – 23/09/2002).

Mulêra - S.f.

Mesmo que moleira; cabeça, cocoruto.

In: *Gerúndio com 'd' nem fudeno* (Macumba Acidental – 05/09/2002).

Muriçoca – S.f.

Pernilongo.

In: *Coração materno* (Macho - 01/12/2002).

Murundu – S.m.

Aglomerado; porção.

In: *Germana, a marvada* (Macho - 05/04/2004).

Mutcho – Adv.

Muito.

In: *Pelo menos na minha boquinha/ já já um sol danado* (Macho 07/09/2004).

N.

Nega véia – Expressão que designa mulher próxima, íntima, muitas vezes a esposa.

In: *Miss Corações Solitários responde* (Caritó – 03/11/2000); *Milagre e sexo no Capibaribe* (Caritó – 04/05/2001); *Consenso de Caetés* (Por cima da carne seca – 07/11/2002).

O.**Oboscópio – S.m.**

Ânus.

In: *Oboscópios, mondrongos e tamatiás* (Leilão de Almas – 03/05/2001).

Oiça – S.f.

Ouvido, orelha.

In: *Ao pé das oiças* (Prosopopéia – 22/04/2001); *Coitado dos camelos* (Macumba Acidental – 03/10/2001) e *Bom suar em Teresina* (Macumba Acidental – 13/02/2005).

Oiti - S.m. (PE)

Ânus.

In: *A sombra de um oiti duvidoso* (Caritó – 02/12/2002); *Miss Corações Solitários responde* (Caritó – 07/01/2003).

Ozolho – S.m.

Olho.

In: *Glândulas amorosas* (Macho 14/01/2005).

P.**Paçoca** – *S.f.*

Prato feito de carne-de-sol ou charque desfiada e farofa.

In: *Baião-de-dois mais caro do mundo* (Por cima da carne seca – 04/10/2000) e *Bons selvagens que cozinham* (Por cima da carne seca – 22/01/2001).

Pai-de-chiqueiro – *S.m.*

Tipo de bode.

In: *Os trabalhos de Hércules e os dias de Isis* (Caritó – 06/09/2001).

Paidégua - Interjeição de espanto (CE).

In: *Papangu neles!* (Carapuça – 09/11/2000).

Papôco – *S.m.*

Mesmo que pipoco; explosão; tiro.

In: *NY, Brasil: longe é um lugar que não existe* (Diário da Corrupção – 25/09/2001); *Salve Cláudio Assis e fodam-se os imbecis* (Leilão de Almas – 14/09/2004).

Pau-de-arara – *S.m.*

Transporte coletivo.

In: *A querela dos diagnósticos* (Prosopopéia – 04/05/2001); *Coração materno* (Macho - 01/12/2002).

Pé das oíças – Mesmo que pé do ouvido, pé da orelha.

In: *Ao pé das oíças* (Prosopopéia – 22/04/2001).

Peba – *S.m./f.*

Coisa ou indivíduo de má qualidade.

In: *Minha paz será (breque) seu forever* (Prosopopéia – 20/07/2001).

Pé-de-lã – *S.m.*

Indivíduo adúltero.

In: *Miss Corações Solitários* (Caritó – 20/05/2002).

Pêia – *S.f.*

Órgão sexual masculino, pênis.

In: *Mulher de bandeirão* (Por cima da carne seca – 18/04/2002); *Uma fábula sobre a velocidade e a vida* (Macumba Acidental – 07/08/2002).

Pequi – *S.m.*

Fruto do pequiizeiro.

In: *Baião-de-dois mais caro do mundo* (Por cima da carne seca – 04/10/2000).

Pereba – *S.f.*

Ferida.

In: *Latinhas assassinas* (Macho - 07/01/2004).

Perobístico – Derivado de perobo (ver abaixo).

In: *Metrô-o-quê, rapaz?! (Macho 21/06/2004).*

Perobo – *S.m.*

Homossexual masculino.

In: *Destino: Motel Praia Norte (Prosopopéia – 18/12/2001); Miss Corações Solitários responde (Caritó – 07/01/2003).*

Piniqueirazinha de ponta-de-rua – Expressão que designa mulher popular que gosta da noite.

In: *Boysinha e o ataque mão cheia (Prosopopéia – 09/05/2003).*

Pirraia (o) – *S.*

Criança.

In: *Virgens e bulidas (Macho - 17/09/2003).*

Q.

Queijudo(a) – *Adj.*

Pessoa virgem.

In: *Ninguém ora melhor por nobis (Macho 29/06/2000).*

Quenga – *S.f.*

Mulher da vida fácil, prostituta.

In: *O barco da cachaça (Prosopopéia)*

Sururuzinho – S.m.

1. Diminutivo de Sururu, espécime de marisco;
2. Confusão.

In: *Verdadeira festa do bode* (Por cima da carne seca – 21/08/2001); *Da catuaba pra cima é covardia* (Macho - 09/05/2003); *Virgens e bulidas* (Macho - 17/09/2003).

T.**Tamatiá – S.f.**

Órgão sexual feminino; vagina, boceta.

In: *Oboscópios, mondrongos e tamatiás* (Leilão de Almas – 03/05/2001).

Tampa de Crush – Expressão que designa sujeito maior.

In: *Miss Corações e o fogo morto* (Caritó – 08/12/2000); *Hímen anular íntegro* (Leilão de Almas – 08/07/2001); *A chatice do desejo* (Macho - 20/08/2001).

Teiú – S.m.

Espécime de lagarto.

In: *Teiú moqueado* (Por cima da carne seca – 20/07/2000).

Toitiço – S.m.

Parte traseira do pescoço.

In: *Carneiro Vilela vive* (Leilão de Almas – 05/09/2002).

Tuia – S.f.

Ajuntamento.

In: *Consenso de Caetés* (Por cima da carne seca – 07/11/2002); *Por um amor no Recife* (Caritó – 07/08/2002).

U.**Umbuzeiro – S.m.**

Árvore do umbu.

In: *A fábula do umbuzeiro* (Por cima da carne seca – 26/12/2000).

Urso - S.m. (PE)

Indivíduo adúltero masculino.

In: *A obsessão pelo chifre* (Macho 19/02/2001); *Modinha sem graça* (Carapuça – 08/09/2004).

V.**Varejeira – S.f.**

Espécime de mosca.

In: *Buchada-de-bode, faça você mesmo* (Por cima da carne seca – 22/08/2000); *Olha o pirão, esmorecido!* (Por cima da carne seca – 27/01/2002).

Véi - *Adj.*

Mesmo que *Véio*.

In: *Virgens e bulidas* (Macho - 17/09/2003).

Véio – *Adj.*

Velho.

In: *A peruca e os esquema 'Primeiro Mundo'* (Diário da Corrupção – 24/06/2001); *Todo homem feio tem direito a mentir* (Macho - 28/08/2001); *Rapadura é doce mas não é mole não* (Por cima da carne seca – 06/08/2002); *Com carinho, ao meu amigo Bressane* (Por cima da carne seca – 05/01/2003).

Virada(o) num mói de coentro – Expressão que designa disposição.

In: “*Meu voto é na mulé*” (Diário da Corrupção – 23/09/2002).

Vôte – Interjeição de espanto, surpresa.

In: *Museu de tudo* (Macumba Acidental – 27/11/2001).

X.**Xenhenhém** – *S.m.*

Sarro, safadeza.

In: *Cadê o folguedo que estava aqui?* (Macumba Acidental – 08/07/2001).

Xêro – *S.m.*

Cheiro carinho, afago.

In: *Miss Corações Solitários* (Caritó – 20/05/2002).

Z.**Zói** – *S.m.*

Olho.

In: *Nordeste gabiru e a rataiada inútil* (Carapuça – 19/04/2001); *Maria gasolina e os cavalos* (Caritó – 22/02/2002).

Zolhinho – *S.m.*

Olhinho, diminutivo de *Zói*.

In: *A chatice do desejo* (Macho - 20/08/2001); *Arte (ufa!) de apertar a nega* (Macho - 06/09/2001); *Carência sob a bica* (Caritó – 22/06/2004).

ANEXO II - CRÔNICAS D' *O CARAPUCEIRO* SEPARADAS POR SEÇÕES

PROSOPOPÉIA

Esse mundo que eu vejo no presente, eu não sei até quando vai durar

20-jul-2000

Interior do Estado de Maceió, na festa conhecida como Cavalhada, entre goles de cachaça e toques de rabeca e zabumba, dois "partidos" tomam seu lugar nos folguedos, à frente do partido encarnado encontra-se Roldão, a frente do Azul, Oliveiros.

Por h.d.mabuse

Contestado, 1912-16, o chefe da revolta camponesa apresenta-se com seu séquito de homens de confiança, 24 pessoas, denominadas os Doze Pares de França, seu lugar-tenente: Roldão.

Final do século XIX, um ex-pedreiro cearense, depois de peregrinar com seu grupo construindo barragens e cemitérios, se instala com outros devotos à espera do milagre que trará o mar para o sertão e a volta de Dom Sebastião, para fundação do Quinto Império do Mundo. Carlos Magno e o Sebastianismo são apenas duas referências medievais encontradas vivas no imaginário do Sertão nordestino em pleno século XX. Arremedos de lendas Arturianas, adaptações de redondilhas do cego português Baltazar Dias, Gestas medievais, reinvenções em forma de sextilhas da Donzela Teodora (por sua vez proveniente das Mil e Uma Noites) são alguns exemplos da proximidade do povo Nordeste com o europeu feudal, pré-industrial.

A sociedade canavieira nordestina permanece até o início do século XX com um parentesco social forte em relação à Europa medieval. Imperam diversas formas de solidariedade patriarcal (o "cumpadi" e mais agressivamente o "coronel" chefe do Clã), continua o isolamento da população que cresce espalhada pelo sertão. Os latifundiários lançam mão de milícias semelhantes às do senhor feudal (papel feito pelos jagunços). Somamos a presença dos primeiros colonos do Sul de Portugal (de forte influência árabe) e encontramos terreno fértil para a disseminação dessa cultura. O veículo primêvo dessa disseminação: O cordel.

A entrada dos primeiros Cordéis (pliegos sueltos) no Brasil datam de 1600, Pierres y Magalona, Doncella Teodor e Fierabrás (que deu origem à História de Carlos Magno) acabaram tendo várias versões lisboetas circulando nas Terras de Santa Cruz. A adaptação dessas histórias pelos Cordelistas à realidade local manteve o mundo carolíngio vivo no Nordeste do Brasil.

A Literatura de Cordel pratica a síntese de três artes: a literatura de tradição oral, a música, e a gravura. Como já falamos da literatura e da persistência do tempo no sertão vamos nos ater às outras duas artes.

A música, quando parte do Cordel, nos leva à tradição do Jogral medieval, das leituras de gestas em praças públicas, utilizando normalmente instrumentos de origem moura (como a rabeca) ou estruturas musicais orientais (como nos violeiros, forte influência dos mouros na Península Ibérica). O cego cantor de Cordel Baltazar Dias, na Lisboa do sec. XVI se perpetua por tantos outros cegos violeiros na feira de Caruaru.

Na gravura de Cordel predomina a Xilogravura, a madeira está à mão do sertanejo, dela se duplica o absurdo da mulher demônio que vira Cobra (semelhante à Melusina de Jean D'Arrais) e o dia à dia à do Cangaceiro (sempre um violento

instrumento da ira divina). A falta absoluta da técnica de perspectiva nos leva mais ainda à gravura medieval, pré-renascentista.

Sendo assim o cordel, em todas as suas formas, é um registro multimídia desse fenômeno que, entre outros fatos, torna o Nordeste do Brasil a segunda maior concentração de Sebastianistas no mundo, logo depois de Portugal.

Apenas uma marca na parede 25-jul-2000

Moça, menino, papagaio e cachorro se afogam, até hoje, num mar de histórias.

Por Xico Sá

Era chegar em qualquer casa, apartamento, arranha-céu do Recife... e ouvir, da madame, do menino, da moça, do velho na espreguiçadeira e até mesmo de recém-nascidos ou papagaios um mar de histórias. Mas o que impressionava mesmo, imberbe mal chegado da Serra do Araripe, era a marca d'água na parede. Mesmo nos lares já pintados com fartas mãos de cal ou Suvinil, a marca estava lá, na lembrança da parede.

“Tás vendo ali”, apontavam madame, moça, menino, papagaio para a cumeeira da casa. “Pois a água bateu lá”, tagarelavam. Tapacurá, a cheia, ainda represava em todos os sonhos.

Vi, juro pela alma de todos os pecadores da Bacia do Pina, anões tocarem telhas de casarões do Recife Velho somente para exibirem a tal marca d'água. O menos imaginoso dos transeuntes, o mais cansado dos estivadores do Porto, a mais velha e sem paciência das putas da Rio Branco, o mais chato dos estudiosos da Fundação Joaquim Nabuco... todos tinham uma história atraente, prólogo, meio e fim, para contar sobre a cheia. Nunca se mentiu tanto na cidade, nunca a cidade esteve tão ao nível do mar de histórias.

Relatavam até visões bíblicas com possíveis arcas de Noé. Conforme o delírio, jogavam nos bichos que avistavam, lentamente, subir a escada antedilúvio. Leões, cobras, timbus...

Até a Emparedada da Rua Nova assombrou mascates do centro com sua mortalha enlameada de remorso.

Tapacurá, verdades e mentiras da nossa “Guerra dos Mundos” 25-jul-2000

Em homenagem aos 25 anos do dilúvio do Recife, uma edição especial sobre o estrago de um boato que superou a arte de Orson Welles .

Por Xico Sá

No início era o verbo e o verbo se fez boato e o boato fez um estrago maior do que na invasão dos marcianos provocada pela transmissão radiofônica de Orson Welles, América, 1938. O homem de “Tudo é Verdade” pôs os EUA em pânico diante da chegada dos pequenos homens verdes.

A nossa “Guerra dos Mundos” ocorreu em julho de 1975. O Recife foi invadido por ondas de até 30 metros de altura. O aguaceiro corria léguas, depois do estouro anunciado da barragem de Tapacurá, o reservatório que abastece esta província. Um rebuliço dos diabos. O dilúvio deixou marcas nas paredes e no imaginário lírico, popular e sentimental da cidade Maurícia.

De lá até hoje, o lendário da cheia só aumenta de tamanho, auxiliado pela fantasia das suas “testemunhas” e pelos sonhos dos que nunca viram enchente tão grande.

Tapacurá, 25 anos, a cheia, está cada vez mais viva e guardada até mesmo na memória de quem apenas engatinhava naquele ano. Para conhecer mais sobre o maior estrago da mídia boca-a-boca do Brasil, recomendamos o livro “Viagem ao Planeta dos Boatos”, do jornalista Homero Fonseca.

Neste número especial de O Carapuceiro, contamos, em várias seções, verdades e mentiras sobre a catástrofe que não houve, mas nem por isso deixou de ter havido.

(Para saber mais sobre a nossa Guerra dos Mundos busque no www.radix.com.br).

Fraternité, liberté e derière 21-ago-2000

Um panfleto para mostrar que os baianos já deram coisa melhor ao Brasil.

Por Emerson de Aquino

É inexplicável o que ocorre com o Estado da Bahia. Os filhos da Conjuração, episódio no qual negros heróis foram enforcados por lutar, mais do que mil Tiradentes, pela liberdade iluminista de inspiração francesa, agora vivem de exhibir o derière, com loiras falsas e morenas de contrabando, para a midiocracia da falsa República Federativa. Triste Bahia!, onde a carne hoje é fraca e o silicone é rei. Tristíssima Bahia, grande Gregório!, cujos filhos poetas se entregaram à aliteração fácil e ao dendê-light para colunas grã-finas peruinhas de todos os naipes.

Em homenagem à velha Bahia, O CARAPUCEIRO publica trechos de um dos boletins de divulgação de idéias da Conjuração Bahiana, datado de 12 de agosto de 1798:

“Aviso ao Povo Bahiense

Ó vós Homens cidadãos; ó vós Povos curvados, e abandonados pelo Rei, pelos seus despotismos, pelos seus Ministros. Ó vós Povo que nasceste para seres livres e para gozardes dos bons efeitos da liberdade, ó vós Povos que viveis flagelados com o pleno poder do indigno coroador, esse mesmo Rei que vós criastes; esse rei tirano é quem se firma no trono para vos vexar, para vos roubar e para vos maltratar. Homens, o tempo é chegado para vossa ressurreição, sim, para ressuscitardes do abismo da escravidão, para levantardes a Sagrada Bandeira da Liberdade.

A liberdade consiste no estado feliz, no estado livre do abatimento; a liberdade é a doçura da vida, o descanso do homem com igual paralelo de uns para outros, finalmente a liberdade é o repouso e a bem-aventurança do mundo.”

(Papel Sedicioso nr. 01, Salvador, Bahia).

Periódico que teima em ser antigo 14-set-2000

O historiador Evaldo Cabral de Mello é o guia neste túnel do tempo.

Por Evaldo Cabral de Mello

No Recife dos anos trinta do século XIX, o padre mestre frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, beneditino secularizado, ocupava-se, paralelamente a suas atividades pedagógicas, com a redação de um jornal, O Carapuceiro, que conheceu enorme sucesso. Embora o cabeçalho o definisse como “periódico sempre moral e só per accidens político”, boa parte dos seus artigos dizia respeito a temas da atualidade política de Pernambuco e do Brasil naquele período de saudável agitação que foi o da Regência (1831-1840). Mas o grande responsável pelo êxito da folha foram as crônicas de críticas de costumes, que reservarão para o seu autor um lugar privilegiado entre as fontes da história social do Império.

Este volume contém o texto completo de 48 artigos de crítica s

Manifesto pela prática da dedada 04-out-2000

Para atender a uma penca de pedidos, republicamos o artigo sobre o temor da extinção de saudável brincadeira infanto-juvenil.

Por João A. Cunha

A quase extinção da dedada como brincadeira, prática lúdica entre os marmanjos d'outrora, é mais do que lamentável.

Eles acham que basta uma papinha qualquer na merenda para animar o ensino público. Recreio sem dedada é como pastel sem carne, arrumadinho sem charque, verão sem cerveja, praia sem ostra, cachaça sem caldinho, Roma sem o papa...
A dedada ~~fez~~ tda a de ~~de~~ de .

Homens que oram 25-jan-2001

Guiado por um chá das cinco com Aristóteles e dicas de Oscar Wilde, apresentamos um breve manual de etiqueta para abrir a matraca com estilo e fazer bonito à mesa.

Por Xico Sá

Ainda comovido com a leitura de “Chá das Cinco com Aristóteles” (Lacerda Editora, Rio, 1999, disponível nas boas casas do ramo), O Carapuceiro deixa as suas dicas sobre a arte da conversa em mesa de bar, tablados praieiros, sombreros praianos e alhures. Sem cerimônia, fizemos um reearanjo para os dias que correm, a levar em conta a realidade dos Tristes Trópicos, das sugestões do velho dândi O.W, o anti-dablió, Oscar Wilde, aquele que nunca perdeu por ausência.

O.W. escreveu artigo sobre o tema em crítica ao livro “The principles of the Art of Conversation: A Social Essay”, de um tal de J.P. Mahaffy, publicado em 1887 na Inglaterra.

Como a arte da boa conversa está cada vez mais em baixa - e é tão necessária como o silêncio elegante em uma pista ou salão de danças -, prometemos, a partir desse número, um madureza ginásial completo sobre o tema. É triste a ausência de prosa ou o bodejar inoportuno de certos senhores - só às grandes mulheres é permitido uma prosódia marcada por elipses preguiçosas (intervalos para cafunés) ou até mesmo o sábio silêncio, quando metidas em náusea ou tédio bem particulares.

“A este falta café”. Assim os espanhóis do tempo de Mariano José de Larra (o maior articulista de costumes de Espanha, escriba do século XIX) reclamavam dos ruins de papo, atribuindo a culpa à ausência do hábito de frequentar rodas de bares e cafés de Madri. É realmente na cachaça, entre os amigos ou adversários cordiais, que adquirimos tal arte. Ao nosso pequeno manual, pois.

1) Um ligeiro gaguejar pode até oferecer um entusiasmo peculiar à conversa, ampliando o suspense nas suas boas palavras.

2) Nada pode ser mais irritante do que um pesquisador que diz o tempo todo: “Exatamente!, exatamente!!”

3) Nunca diga “não tenho nada contra isso, mas...” Adversativa imperdoável.

4) Nunca diga “no meu tempo...”

5) Nunca termine uma sentença com um inescrupuloso “você não acha?”

6) Evite o samba-exaltação na linha “encantador, encantador!”. Murmúrio de pseudo-artista.

7) Nunca seja escrupolosamente sincero ao ponto de questionar cada fato e corrigir qualquer impropriedade.

8) O mentiroso de qualquer espécie sabe que a recreação, e não a instrução, é a alma da conversa e acaba sendo muito mais civilizado do que o cabeça-dura que fica alardeando sua desconfiança em relação a uma história que é contada apenas para entreter a platéia.

9) Nelson Rodrigues e outras usinas de boas frases. Citações ad infinitum, evitemos, pois. Prefira o naturalismo-realista e conte histórias ou situações do seu próprio cunhado safado.

10) Quando o tema for psicodelia, vire a cara para os sebastianistas que indagam algo do gênero: “mas essa droga tem volta?”

11) Ninguém, nem mesmo nas cidadezinhas do interior, tem a permissão de fazer uma pergunta inteligente a respeito de matemática pura na mesa de jantar.

12) Evite excesso de virtude. Sujou.

13) Cuidado: a timidez pode ser uma forma de vaidade, e a reserva o desenvolvimento do orgulho.

14) A simpatia é igualmente dispensável, a não ser em letras de Jorge Ben. O que pode ser mais detestável do que um homem ou uma mulher que insiste em concordar com todo mundo e faz da discussão -patente marxista-, que implica em várias opiniões, algo completamente impossível?

15) Evite perguntas nada edificantes como na linha “você faz o quê?, trabalha com quê?” etc. e derivativas. Principalmente nos tempos que correm, com tanto desemprego. À mesa, vale o dilentantismo, nada de trabalho e os dias.

(Continua.... ninguém sabe quando).

Bar do Jorge, primeiros dias de janeiro 01, Maracáipe, Ipojuca, Pernambuco.

Do amadorismo da fantasia organizada 19-fev-2001

Breve explicação do Carnaval enquanto festa de otário ou rápido ensaio sobre os donzelos na arte de viver.

Por A.Jaccoud

Carnaval é festa para amadores, todo mundo sabe disso, embora tenha ouvido a máxima pela primeira vez da parte do escriba Evaldo Costa, em farta mesa do Robertão 70, no Recife.

Aquelas criaturas que passaram o ano inteiro a apostar fichas na vida propriamente dita e esqueceram a estratosfera do delírio e da fantasia. Outros passaram o ano juntado dinheiro para viajar nas férias, por pura descrença ou ignorância – a viagem é diária. Um punhado de almas que purgou durante as quatro estações, agora se veste de mulher, sai nas Virgens de Olinda, desmunheca no Monobloco do Rio e nos ensaios da Vai-Vai em São Paulo, dá bandeira nos maracatus de classe média de Pernambuco – nos de verdade teriam que beber querosene com cachaça e não são homens para isso.

Na grande folia amadora, os profissionais da gréia cotidiana, os reis da fuleiragem, os eternos gozadores, a turma da Unidos do Refresco Elétrico, têm algumas missões especiais, além de encher a cara na Cachaçaria Apurado, a freguesia da rua da Moeda, Recife, Pernambuco, onde o vento é mais fresco e faz a curva no caralho barroco de Brennand. Aliás, aquele conjunto de obras, 10 em harmonia e safadeza, tem o pra-ti-vai ibérico de Brennand e, logo adiante, o círculo vicioso e cheio de pregas impressionistas da praça desenhada por Cícero Dias – o buraco simbólico do Marco Zero da invicta e gloriosa cidade Maurícia. Aliás, nove fora o possível superfaturamento dos serviços, achamos uma lindeza o tal conjunto. Uma porta para os mares que toda cidade aberta e cosmopolita, viciada em falar para o mundo, deve possuir. Sorry, Barcelona!

Voltemos ao amadorismo do tríduo momesco. Que coisa ordinária. Nego bota para tirar do ramo, se acabar, em pouco menos de uma semana. Como se fosse viver o juízo final, a cinza das horas. Briga com a mulher ou com o bofe, estoura o limite do cheque, cai na malha do SPC, perde a compustura, leva dedada na rua da turma da Brilux (já repararam como as almas mais sebosas saem no carnaval com aquela faixa de água sanitária na cabeça?), vomita o pivô no Capibaribe, e ainda põe à prova a velha lenda do cú de bêbado. Um horror completo. Malassombro generalizado.

Meus filhos, não entrem nessa não!, fiquem nas bordas, no voyeurismo, na safadeza mansa, na maciota, só esperando o navio pegar fogo para comer peixe assado!

Ao pé das oíças 22-abr-2001

Isso é que é negócio de confiança. O sujeito alugou um rádio, em pleno Arruda lotado; 45 do segundo tempo estava lá a criatura, para receber as duas patacas.

Por Fábio Victor

Rádio é coisa séria no futebol.

O rádio tem tanta importância em um estádio quanto a cerveja, embora alguns idiotas da objetividade, como o turco que manda nos campos paulistas, achem que álcool é sinônimo de violência e prefiram o desânimo à cerveja.

Seja pra acompanhar o jogo ao pé das oíças ou pra atirar no campo na hora da cólera, como tanto gostam de fazer os santistas na Vila, o rádio é peça básica do kit-torcedor.

Para não citar o serviço que presta a essa grande massa de brasileiros, pois não há jornal ou televisão que sacie a sede de informação de um fanático como os "latinhas", alcinha às vezes carinhosa às vezes pejorativa dada aos repórteres radiofônicos.

Sei que era uma noite quente na zona norte do Recife, e o Arruda iluminava tudo de Campo Grande a Peixinhos, de Água Fria à Campina do Barreto. Estava feliz, voltando ao estádio do inimigo tricolor depois de tanto tempo de exílio, mas não tinha um rádio. O Gazo também não tinha, e Antônio Almino também não.

E deu-se o acontecido. O mago vinha carregando um tabuleiro sortido: cigarro em maço ou a retalho, confeito, apito, nêgo-bom e pente de dedo.

Mas a mim, agoniado de perdição já aos 20 do primeiro tempo, o que dizia respeito eram os radinhos de pilha que ele mostrava, balançando pelas alças curtas.

Particularmente um modelo, cujo disco para mudar as estações estava no meio do aparelho e era cromado como os raios das bicicletas da minha infância.

Eu já ia na quarta cerveja, e meus olhos brilharam com aquela visão. Pergunto quanto é o rádio.

É quinze", me devolve, seco.

Queixo-me do preço, digo que o primeiro tempo já vai na metade, que eu só precisava do radinho para esse jogo, e finalizo com um "obrigado, quero não".

Foi quando o espírito dos mascates inundou o Arruda, e Bill Gates mais Sílvio Santos também entraram naquele caboclo miserável de sandália havaiana e tabuleiro na mão.

Mas eu alugo", me informa.

Desarmado, atônito, embevecido, lascado, a voz quase não sai quando pergunto o preço do aluguel.

"É dois", vai dizendo ao mesmo tempo em que pega uma pilha, mostrando que é nova, e introduz nos fundos do aparelho.

O contrato é verbal, curto e no fio do bigode. Deixa o rádio comigo e avisa que passa no final do jogo para pegar o dinheiro, dando só uma olhada rápida para gravar na memória a minha localização no estádio de 80 mil lugares.

Passei os minutos finais aperreado, pensando no prejuízo que daria ao locador se ele não conseguisse me encontrar. Olhava para os lados a

procurá-lo, me punia e me martirizava com esses pensamentos, mais do que com a derrota do Sport.

Aos 45 minutos do segundo tempo, ele senta-se ao meu lado e, solidário com a dor de um derrotado, espera o juiz apitar para só então pegar seu dinheiro e guardar na caixa seu rádio, agora com uma pilha seminova.

Agradeço com um obrigado e um sorriso tão verdadeiros como há muito não agradecia e tenho uma vontade imensa de abraçá-lo.

O Santa havia vencido, os tricolores araravam no meu ouvido, teria de esperar mais um bom tempo para voltar a ver meu time ao vivo no Recife, mas nada disso me importava.

Desci a rampa devagar e respirei com vontade o ar da rua das Moças.

A querela dos diagnósticos 04-mai-2001

Assim falou Leonardo Martins, beatnick do sertão dos Inhamuns, sobre a sua vida de andarilho: "É só para provar da maciez do banco".

Por Lourenço Conselheiro

Em visita a São Paulo, convidado que fui para espiar a excelente mostra sobre a cultura nordestina, em cartaz no Sesc Pompéia, encontrei dois conterrâneos jornalistas. Entre um cafezinho e uma bilada na deselegância discreta das brancas carnes paulistanas, emprestei meu ouvido para que os periodistas destilassem seus dilemas que, apesar de enredos diferentes, eram comuns.

Um falava que desde que arribara para São Paulo, há um ano, não tinha uma noite que não fosse dormir sem se questionar do porquê de ter trocado os verdes mares bravios pelas águas fétidas do Tietê. O outro, já chegando à idade do lobo, achava que já tinha experimentado de tudo nessa vida e questionava se valia a pena aceitar o convite para mais um desafio profissional.

Sou daqueles que gostam fazer de mariola intelectual, misturando Patativa com Derrida, Zé Limeira com Deleuze, chiclete-com-banana, arroz com fumo. Há coisa mais nordestina do que o gosto por aforismas alimentado por Nietzsche? Que baião-de-dois filosófico perfeito seria Antônio Conselheiro recitar "Assim falou Zarastustra" em forma de profecias.

Pois bem, agarrado numa tapioca recheada de queijo coalho, disse-lhe que os seus dilemas poderiam ser iluminados com a história do Leonardo Martins, um matuto lá do sertão

gv1d84.95960 0 0 50 1112 0 Tm (i) T070 0t

O Barco da Cachaça 08-mai-2001

A Assembléia Legislativa de Minas vai aprovar o Dia Estadual da Cachaça (21 de maio!). Iniciamos aqui, com um conto de Wilson Vieira, nossa campanha para a implantação do Dia Nacional da Cachaça, que pode ser em qualquer data, já que a gente não vai lembrar mesmo.

Por Wilson Vieira*

Esta ouvi de René. Altas madrugadas, lá vinha Zé Bonzin, bêbado que só a goipéba, do Baixio (antigo cabaré de Barbalha) para a rua da Grotta, onde ficava o lar doce lar do sacripanta. Altas madrugadas e altos escuros no mundo. Um horrível breu! E lá vinha Zé, pé aqui, pé ali, cai, não cai, no rumo de casa.

Foi quando pintou um guarda noturno, lá na esquina de Pedro-de-Véi.

– Quem vem lá? – Gritou o nobre guardião dos sonos alencarinos.

– É um barco de cachaça que o vento vai levando! – Declamou Zé Bonzin a plenos pulmões.

– Então teje preso! – E o guarda, Zé de Jinu, já foi sacando a garrucha e manchando para o vulto trôpego do qual mal vislumbrava os contornos.

Zé não contou conversa:

– O vento deu ao contrário e o barco tá voltando! – E desembestou de volta pro cabaré, pra dormir no mêi das quengas.

Zé de Jinu sacou do apito e acordou o quarteirão inteiro com o labacé. Taí o teu nobre guardião dos sonos alencarinos!...

*Wilson Vieira, caririense de Barbalha, é poeta, escritor, físico, além de - pelo menos no tempo em que andava com o editor deste Carapuceiro - cachaceiro de primeira qualidade. Se mudou, que pelo menos avise aos amigos dos becos e botecos d'outrora.

Carnaval de 19 11-mai-2001

Lenha na racha, pica, fumo, poluições vespertinas, modos de rapazes, modinhas de mulher. O Carapuceiro orgulhosamente apresenta narrativa de Rodrigo Garcia, escriba de mancheia.

Por Rodrigo Garcia*

Evoé! Esta terça está supimpa! O século XX só começa agora!

Findou-se a guerra. Foi-se a espanhola. O hedonismo ressurgiu nas ruas. Serpentinhas caem no chão. Confetes ficam nos cabelos. Onde antes empestava um cheiro enjoado de cal, agora só se sente o odor estonteante dos lança-perfumes e das limas-de-cheiro. Acabou o preto dos lutos, chegando as fantasias coloridas e ousadas da mocidade: arlequinas, bufões, melindrosas e mais algumas inspiradas no teatro italiano. Os jovens abandonaram as luvas (que coragem!). Não temem espirros nem beijos. Nada mais de leitinho quente nem de caldo de galinha. O bom é comer dos picantes: salame, fiambre, presunto, defumados, o que houver na venda. Instantes atrás um bêbado pândego passou berrando: "Chega de mortandade, eu quero é mortadela!".

Fora Tanatos! Vivas a Momo!

Há pouco presenciei uma cena que enrubesceria até meu irmão mais velho. Rapazes e moças, todas de boa família, de mãos dadas, formando uma roda, estavam a cantar uma modinha bastante saliente:

Rapazes: "Na minha casa, não se racha lenha."

Moças: "Na minha, racha; na minha, racha."

Moças: "Na minha casa, não se pica fumo."

Rapazes: "Na minha, pica; na minha, pica."

Fiquei estupefato. E (confesso) apreciei deveras. Excitei-me até, ocorrendo uma poluição vespertina inesperada.

Mal vejo a hora de participar do carnaval pós-tísica.

*Rodrigo Garcia é um escriba pernambucano cujas veias são carregadas de lirismo e devoções afins. É autor de "Xô Darwin, cangaceiro safado!", peça inédita que deixou comovida a redação e arredores deste Carapuceiro.

A fábula do umbuzeiro 26-mai-2001

O Ministério da Esmola volta a distribuir o seu fubá eleitoreiro, para humilhação do velho e sábio homem de linhagem sertaneja. Enquanto a caravana de dona Ruth passa, O Carapuceiro reapresenta a sua fábula nordestina predileta.

Por Epaminondas da Silva, o Esopo da Caatinga

Numa viagem de promoções sociais na caatinga, eis que dona Ruth Cardoso, depois de largar seu ateísmo e empacotar a caridade em forma de cestas básicas, é tomada por uma visão, um alumbramento, um regalo d'olhos nunca dantes experimentado.

A primeira-dama acabara de avistar uma árvore frondosa, demasiadamente verde e encantadora no contraste com a castigada paisagem cinza e sertaneja. "Dona Ruth, trata-se de um umbuzeiro!", gritou o mais avexado dos xeletés da comitiva oficial. "Árvore ímpar, da família das Anacardiáceas, também conhecido por estas plagas como imbuzeiro", emendou o Rui Barbosa local, puxa-saco interestadual, renomado em Juazeiro, Petrolina e região. Um terceiro abestalhado, disputando a oratória no coice, completou o serviço: "Pai e mãe do sertanejo, do umbuzeiro se aproveita tudo: a sombra no mais senegalesco dos verões, o fruto na seca brava e até a raiz quando não há mais nada para se comer".

Ainda abismada, dona Ruth ergueu a voz e disse que queria conhecer de perto, abraçar aquela maravilha, tocar o umbuzeiro. Outros seiscentos abriram caminho. Lá se vai a Comunidade Solidária em passos largos. Mas quando a comitiva estava se aproximando da tal árvore da família das Anacardi

Memórias de um enviado especial ao inferno 07-jun-2001

Nosso elevador para o cadafalso desce com a morfina do repórter "X" - homens de verdade & Livros idem estarão sempre na página Prosopopéia.

Por Pedro Domecq*

Lenda do jornalismo português. Lenda não, um dos maiores repórteres de todos os tempos. Aí incluindo na competição o Normar Mailer dos ringues, o Hemingway das touradas e o Hunter Thompson com Las Vegas, ácido e luz na cabeça. Um monstro, na acepção carinhosa e amiga do termo. Encarnou um personagem chamado Repórter X, o fabuloso Repórter X, e fez dessa letra mais ou menos o que Zorro fez com o seu implacável Z.

Seu nome de batismo era Reinaldo Ferreira. Viveu pouco. Pouco nada. Trinta e sete anos que valeram por dois Matusaléns. Em ``Memórias de um Ex-Morfinómano`` (editora Dantes, Rio de Janeiro, 1999), que este Carapuceiro orgulhosamente apresenta, o estimado leitor já terá boas razões para amá-lo. É um daqueles sujeitos que chamamos vulgarmente de ``figura``. Figura que nada. Ferreira tocou o seu fado na velocidade da morfina e dessa realidade enevoada descreveu como ninguém o quotidiano político e a vida das ruas.

Disfarçado de mendigo, trouxe dos subterrâneos de Lisboa uma reportagem capaz de fazer corar Victor Hugo e os sem-qualquer-coisa. Era o perfeito enviado especial ao inferno. Ponha Leonard Cohen na vitrola e leia correndo as desventuras deste gajo viciado em dor.

*Pedro Domecq, colaborador de O Carapuceiro, é especializado em literatura acerca da tóxico-dependência e tem pesadelos que imitam enredos de Edgar A. Poe.

Sortimento do eu-mesmo 19-jun-2001

É o maior sortimento de poesia do mundo. Tem de tudo que se possa imaginar. Pense num poeta bem difícil! O danado está lá nas prateleiras do Jornal de Poesia, o incomensurável JP.

Por Xico Sá

É a maior bodega de poesia do mundo. Tem de tudo que se possa imaginar. Pense num poeta bem difícil! O danado está lá nas prateleiras do Jornal de Poesia, o incomensurável JP www.secrel.com.br/jpoesia.

O bodegueiro lírico dessa taberna é o cearense Soares Feitosa, também poeta de mancheia. Mas o toucinho gordo, o tutano, o queijo de coalho, a fava com jabá, o pequi cheiroso desse estabelecimento é o próprio expediente escrito pelo bardo-responsável. Reparem na metafísica do homem:

A extraordinária equipe do JP

Tenho muita dificuldade de responder esta pergunta: a equipe, quem é a equipe do JP? Porque no plano real ela é apenas... eu-mesmo. No plano virtual, com toda certeza, os santos do panteão nordestino estão todos presentes, a começar por NSJC. Presentes, cito-os expressamente, de bancada, aqui bem de junto; são eles: São Francisco do Canindé, Santo Antônio Conselheiro, Frei Damião, Frei Álvaro, Padre Cícero, Beato Lourenço, Beata Mocinha e São Sebastião, não aquele das flechadas, mas o verdadeiro, o nosso Rei, o Esperado.

Em meio a tão laboriosa equipe, não poderia deixar de estar presente, sem estar junto porém, mas doido para participar, Dom Capiroto, o popular Coisa-Ruim, o Cabra-Véio, porque sem ele as coisas não teriam a menor graça. Claro que ele, vez por outra, me bota um arquivo a perder, tira um v de Carvalho, coisas assim. Por isto mesmo sempre o estou a espantar às custas de reza-forte e de uma boa moringa de água-benta aqui pendurada no rato-mouse do computador; dela eu bebo. Todos os dias, como se já fizesse parte de um ritual ensaiado, o ameaço de um bom banho da água-santa; ele choraminga um gesto de ir embora, e eu digo: "Vá agora não, mas fique bem de longe, por favor". Ele obedece, aliás, faz de conta que, pois logo está a perturbar, como de sempre.

Nove fudas* 01-jul-2001

Periódico sempre moral, este hebdomadário publica um sermão contra a hipocrisia da batina e a favor das vontades que se escondem por

O Rei Está Nu 08-jul-2001

Se você não confia na sua mulher, não se separe dela. É só o começo de uma aventura que começa com um cano entupido na Rua Larga do Rosário, onde foram encontrados ossos humanos. O resto da narrativa é de arrepiar.

Por André Gallindo*

No dia seis de junho de 2001, uma macabra descoberta agitou o centro do Recife. Durante o corriqueiro conserto de um cano entupido, foram encontrados ossos humanos na Rua Larga do Rosário, mais precisamente nas proximidades da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, construída no século XVII. No belo prédio barroco, "eram coroados os reis do Congo e de Angola, no período compreendido entre 1674 e 1888", como nos conta o pesquisador Leonardo Dantas Silva, no livro "Arruando Pelo Recife".

A ossada pode ter origem no antigo cemitério de escravos que existiu nas redondezas. Num supreendente rasgo intuitivo, o jornalista André Gallindo, que realizou a cobertura desse extraordinário evento arqueológico para uma emissora local de televisão, formulou uma curiosa teoria sobre a história daquele esqueleto:

__"Se você não confia em sua mulher, não se separe dela". A frase foi proferida pelo Rei Zulu de Zoroastro, monarca de Zumba, país agarrado com a linha do Equador, ao Norte da África. Era 1678. Os pronunciamentos do monarca, de apenas 8 anos de idade, que tornou-se rei desde os 3, em virtude da morte do pai, não eram novidade. Todo dia 1º de abril, a população de Zumba - toda formada por negros - se reunia na Praça da Paz Setentrional, em Zumbi Metta, capital de Zumba, para ouvir os conselhos do Rei Zulu. O pequeno Rei, do alto de uma escada rolante, novidade na época, impunha aos servos palavras que eram recebidas como tábua de mandamentos divinos. Até os 16 anos esta rotina se repetiu.

__Aconselhado pela irmã, Rei Zulu decidiu viajar até a Austrália. Iria aprender Zoologia e Cardiologia Vascular na Sidney University. Era preciso adquirir conhecimentos para repassar aos súditos. No dia 1º de abril de 1686, depois de afirmar que "ex-mulher é função de confiança e atual mulher é cargo de carreira", o monarca zarpou da costa oeste africana rumo a terra dos cangurus.

Na tripulação do navio Real, apenas o comandante Joaquim Manuel, um português amigo de infância do Rei e que todos em Zumba acreditavam ser o 'aquece-as-costas' dele. Mas aí de quem contrariasse o Rei.

__A partida foi em clima de festa. Logo os tripulantes enfrentaram as primeiras tormentas. Mas nada que fosse páreo para o Mega Navio Zumbetano. Basta lembrar que a planta do ZumbaSea foi a base da construção anos mais tarde do Titanic. Depois de sete dias e sete noites cruzando os oceanos, Rei Zulu de Zoroastro e Joaquim Manuel aportaram numa praia repleta de frangos. Rei Zulu pensou logo em se tratar de uma das fazendas do curso de Zoologia da Sidney University. Ledo engano, as noites nupciais e a inteligência do comandante havia os levado justamente para lado oposto a Austrália: a praia de Porto de Galinhas, terra da Colônia de Portugal no Brasil. No dia 8 de abril de 1686, o Rei Zulu de Zoroastro se tornava apenas Pelé, um dos milhares de escravos "importados" por

Portugal para o Brasil e Joaquim Manuel recebia suas pratas por mais uma "galinha" e voltava para a África:

"Vá pegar mais", foi a ordem que recebeu do administrador do Porto.

__Zulu, que convivia com Manuel apenas por mímica, sem trocar uma só palavra, não entendia bulhufas daquela língua. O que fez com que não conseguisse dialogar com os portugueses. Logo começou a entender que sua alcunha seria mesmo a de Pelé e que gostoso naquela terra estranha era tomar água de coco. A única refeição do dia. O resto do tempo era dedicado ao trabalho forçado. Capinar, arar a terra, e ajudar na construção de empreendimentos lusitanos em Pernambuco: um hospital e um clube só para patrícios e um gabinete de leitura. Mas Pelé rapidamente demonstrou ser um péssimo trabalhador braçal. Para não ter que executá-lo, o administrador o enviou para a Igreja dos Homens Pretos do Recife. Lá Pelé se encarregava de tarefas simples. Trocar a água do jarro de flores do altar, abrir a porta para as missas diárias - só freqüentada pelos escravos - e limpar os chinelos do pároco. O padre Jacques, um canadense alvo, calvo e altruísta, logo se afeioou de Pelé. As suspeitas surgiram, mas aí de quem contrariasse o Padre Jacques.

__Pelé passou 15 anos como funcionário da Igreja. Aprendeu a falar português, a comer com garfo e a plantar bananeira. Isso até o Padre "bater as botas". Pelé, por razões óbvias, herdou o comando da paróquia. A primeira medida que tomou foi construir um cemitério ao redor da Igreja. Lá Jacques foi enterrado. Todos os escravos que morriam na região tinham o mesmo destino. O agora Padre Pelé decidiu instituir o 1º de abril como o Dia dos Homens Pretos e de Um Branco do Recife. De Rei de Zumba a Rei da paróquia. Pelé era quase um santo para aqueles homens sofridos. Um pedaço de chão para cair eles já tinham. Três anos depois, a parte deste latifúndio também coube a Pelé. Ele morreu ao se engasgar ninguém sabe com o quê. Aí de quem contrariasse o Padre negro.

__Os segundos, minutos e horas se passaram. No dia 1º de abril de 2001, mais de três séculos depois, seu Chico, pedreiro manco, consertava um entupimento de esgoto em frente à Igreja dos Homens Pretos e de Um Branco do Recife. Sete palmos de terra escavados e uma surpresa. Ossos de todos os tamanhos e dentes de todos os esmaltes foram achados. A descoberta virou assunto na cidade. Seu Migué, banguela dos caninos, tratou logo de embolsar os dentes para futura chapa. Dona Maria pediu para que uma missa fosse rezada em prol dos esqueletos. Seu Chico, ao encontrar um corpo negro intacto e totalmente nu, pediu uma veste na loja Esplanada. Deixou no fiado. Cobriu o corpo e disse profeticamente: "Só existe uma coisa pior do que casamento: a separação". Aí de quem contrariasse o pedreiro-arqueólogo.

*André Gallindo não é rei, não é padre e nem pedreiro.

Se o caro leitor tem uma queda pelo sobrenatural e tudo quanto é malassombro, recomendamos um sítio que deixaria até o Padre Brown - criatura do velho G. K. Chesterton - de batina em desalinho: O Recife Assombrado www.orecifeassombrado.com.br

"Minha paz será (breque) seu forever" 20-jul-2001

O ex-papa-figo Zé Teles, hoje regenerado crítico de música, rato de arquivos da Rozenblit e anais do gênero, discorre sobre o fino a arte do peba, o genuíno nacional-popular.

Por Zé Teles*

Todos sofremos de alguma forma de desvio. Uns no septo nasal, outros na visão, e alguns na personalidade. Esse último é o meu problema. Deixem-me antes eu me apresentar, que sou nordestino, e vocês de São Paulo e adjacências só identificam nordestino quando ele é político corruto, ou flagelado da seca que apareceu na Globo comendo calango. Minha graça é Zé Teles (e aproveito para mandar um abraço pra Tom Zé e sua consorte Neuza).

Há uns 15 anos, exerço a função de crítico de música aqui nesta cidade do Recife, também conhecida como a Mauricéia Treloucada, pelos "mudernos", ou Manguê Town, pelo imortal Ariano Suassuna. Como crítico, as gravadoras enviam-me freqüentemente uma tuia de discos, sobre os quais esperam que eu escreva algumas linhas para o jornal que me dá emprego. Recebo coisas legais. Daqui dá pra ver uma coleção de jazz, quase todos os discos ainda com o invólucro, mais adiante uma caixa com quartetos de Mozart. E onde o desvio do início das mal tecladas? Sem vexames, que chego lá, minha virtual senhora.

O desvio, porque com jazz, clássicos, eu estou aqui escutando Só o Ome, página inesquecível do nosso cancionário, com o baixo profundo de Noriel Vilela (Ô mô fio do jeito que suncê tá/Só o ome é que pode te ajudá/ Suncê compre um garrafa de marafo/Marafo queu vai dizê o nome/Meia noite suncê na encruzada destampa a garrafa e chama o ome). Tenho uma inconfessável (agora confessada) queda por música peba (aqui no Norte, sinônimo de "paia", ou que "o boi cagou"). Como não sou doido de resenhar discos assim num jornal sério, feito o em que escrevo (Jornal do Comércio), o lídimo editor deste Carapuceiro, o cearabucano Xico Sá abriu-me seu espaço virtual, para eu dar vazão aos meus baixos instintos, certamente compartilhados por milhares de internautas.

Não creio que seja o único brasileiro com tal idiosincrasia, assim como é matematicamente impossível, que haja vida imbecil unicamente na Terra, com bilhões e bilhões de planetas dando sopa universo afora.

Isto posto, caríssimos leitores (suponho que o texto seja publicado e que alguém o leia), indico-lhes o CD (duplo) É Só Alegria (EMI). Não imaginam a senhora e os senhores, minha satisfação ao compra-lo. Ali estavam jóias raras da música peba brasuca, lançadas em compactos, há anos fora de catálogo. Os CDs são realmente só alegria. A parada começa com a antológica O boi vai atrás, com o poeta João da Praia. Ele utiliza os mesmos acordes perfeitos de Perfídia, para cantar Aonde a vaca vai/ O boi vai atrás. Essa porém é apenas uma entre as pérolas da coletânea. Fica até difícil destacar a mais peba entre as 28 selecionadas. Fico inclinado a apontar o funk Coco só Coco, com o Medida 6070 (30) 31 0060 (119) 1160 (21) 350006601203 02D 0

apenas humor (e datado). Já Zenildo com Linguarada segue a linha evolutiva da putaria trash. Peba mesmo é Ai Meu Calo, cantada por Ivon Curi, uma bossa nova composta por Monsueto Menezes e José Batista, a letra é um mimo: "Aí meu calo/Ai, ai, ai, que calo!/Quem tem calo, unha encravada, não deve sambar.../Estava de sapato de verniz/Fazia um tremendo calor/O samba estava animado/Mas a nega me pisou/Direto no... ai! meu calo".

Os bem humorados Mamonas Assassinas não deviam estar num disco assim, em compensação, foram incluídos hits antológicos da música peba: Capim Gordura, Só Vou Criar Galinha (com Agildo Ribeiro!!! Coisa horrorosa!), Bilu Tetéia, com Mauro Celso (o Tom Jobim do peba), mesmo autor da imortal Farofa-fa. Tem também a estranhíssima Maria Alcina com Bacurinha, que consegue ser ao mesmo tempo trash e peba (tanto a canção quanto a interpretação).

As minhas preferidas, depois de uma audição mais acurada nos dois CDs, são Cinco Anos, com Miguel de Deus, e Apanha Ele e Você (que poderia ser rebatizada de O Melô do Corno Brabo), com Fredson. Cinco Anos já nasceu clássica. Imaginem um Arrigo Barnabé lobotomizado, é por aí, a voz de Miguel de Deus soa igual a Arrigo cantando Sabor de Veneno depois de uma overdose do Santo Daime com conhaque Dreher, tem até aquele corinho feminino, meio histérico. A letra é bem "muderna": "Fazem cinco anos que você saiu de casa/Eu não sei se você está vivo/Fazem cinco anos que você saiu de casa/Eu não sei se você está morto". Esse Miguel de Deus, que o Lá de Cima o conserve, deve ser expert em Sartre, e A Náusea, o livro de cabeceira dele.

Quanto a Fredson, o cara é genial só pelo refrão, que dá um tiro no sabiá, um chute no lirismo, e um chega-para-lá no politicamente correto: "Mas se um dia tudo terminar/E com outro eu lhe encontrar/ Muita coisa pode acontecer/Apanha ele e você". Aí, fera! Dá-lhe, Fredson. Grande música, só comparável àquela cantada pelo saudoso Abdias, Fraguei (sic), que assim versava: "Fraguei, mas não vou lhe fazer nenhum mal/Mas você merecia/ A pior manchete/Do pior jornal".

Recado dado, cacem o É Só Alegria (não sei exatamente onde a alegria do

A arte do mal-dizer 01-ago-2001

Um túnel do tempo para saber o que foi e o que pretende ser O Carapuceiro. O guia nessa empreitada é o historiador Evaldo Cabral de Mello.

Por Evaldo Cabral de Mello

No Recife dos anos trinta do século XIX, o padre mestre frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, beneditino secularizado, ocupava-se, paralelamente a suas atividades pedagógicas, com a redação de um jornal, O Carapuceiro, que conheceu enorme sucesso. Embora o cabeçalho o definisse como “periódico sempre moral e só per accidens político”, boa parte dos seus artigos dizia respeito a temas da atualidade política de Pernambuco e do Brasil naquele período de saudável agitação que foi o da Regência (1831-1840). Mas o grande responsável pelo êxito da folha foram as crônicas de críticas de costumes, que reservarão para o seu autor um lugar privilegiado entre as fontes da história social do Império.

Este volume contém o texto completo de 48 artigos de crítica social que foram cuidadosamente selecionados da edição facsimilar de O Carapuceiro em três volumes, organizada há alguns anos por Leonardo Dantas Silva. O cotidiano, sobretudo o da burguesia recifense da Regência, é aí impiedosamente caricaturado. A prosa de Lopes Gama não poupa nada nem ninguém, nem sequer seus colegas de batina, ou o ingênuo folguedo popular do bumba-meu-boi, de que nos deixou a primeira descrição de cunho etnográfico. Mas sua irreverência e seu talento felizmente impediram que a sua preocupação moralizante descambasse para o moralismo ou para o conservadorismo puro e simples, embora ele não tivesse escapado nem dessa fama nem da de misógino no Recife do seu tempo.

*Texto de apresentação de O Carapuceiro, organizado pelo historiador pernambucano para a coleção “Retratos do Brasil”, da editora Companhia das Letras, São Paulo, disponível nas livrarias.

A bunda e a bondade 07-ago-2001

O que valia em Jorge Amado era a sua capacidade de ser um velho safado, 88, raça em extinção nessa terra triste de povo alegre. Raros mancebos de hoje guardam a vocação do véio safado, véio faceta, mugangueiro, imoral, tirador de onda com tudo quanto é moça...

Por Xico Sá

Nunca fui lá muito chegado a Jorge Amado; li duas, três coisinhas para buscar algum bafo de comunismo e safadeza das morenas do Cacau – todas Sônias Bragas no cinema e na TV e quase todas fudidas e mal-pagas no pisa-o-milho-sacode-o-xerém do trabalho e os dias. Mas o que valia em Jorge Amado era a sua capacidade de ser um velho safado, 88, raça em extinção nessa terra triste de povo alegre. Raros mancebos de hoje guardam a vocação do véio safado, véio faceta, mugangueiro, imoral, tirador de onda com tudo quanto é moça, soprador de loas, um neo-platônico por excelência – salve-se a alma, se puder, foda-se (um) T05Dn005Tj498 0 T50n16980r0 W50/C43 0s23f

Da *Halobacterium halobium* e o vício solitário 20-ago-2001

O primeiro axioma pro bom canalha é esse, portanto: o afago de mão é a ante-sala do sexo, até do sexo sem amor. Lembre-se: errou nisso, errou tudo. Lembre-se, também: a pior das taras é a abstinência (Millôr).

Por Claudio Tognolli

O extrato que se segue foi encontrado pelo repórter Cláudio Tognolli no bolso de um suicida.

"Escrevo nessa noite fria e calculistade chuva horizontal. E, sempre que penso nela, isto é, sempre, eu, bom canalha, sei que no nosso grupo autointitulado *os mal-amados* dispõe como erro justamente esse plural, tão plural: ali eu sou o único mal-amado. Meu coração, minha Benelux (países baixos) são atávicas não-acontecências.

Tudo talvez porque sempre tenha errado aquele velho conselho de meu vizinho, o Jorjão borracheiro, endossado pelas sábias palavras de dona Assunta, aqui debaixo, exatamente no apto. 172 b: "Pega na mão primeiro!!!". Toda a boa cantada, isto é, sexo, é anterior a si mesma. A mina sai com você. Pegou na mão, e sentiu aquele calor aconchegante do debaixo de uma asa de pomba, é batatinha: comeu. O primeiro axioma pro bom canalha é esse, portanto: o afago de mão é a ante-sala do sexo, até do sexo sem amor. Lembre-se: errou nisso, errou tudo. Lembre-se, também: a pior das taras é a abstinência (Millôr). Não entre nessa, que vira doença engordativa do bolso de lacanianos. Errar na mão é querer ficar doente.

Outra dica. Depois de pegar na mão, dê uma ordem. Quem obedece à primeira ordem, é sinal de que não obedece há muito...E nisso nós, canalhas, podemos levar vantagem, ou seja: termos ao nosso dispor um obediência de ordens sucessivas, que também é igual a sexo. Lembre-se: não há gozo no gozo, como disse o Lacan. O gozo do canalha é também anterior a si mesmo. O canalha goza na ante-sala.

Saiba também o que o canalha (o ser lateral, oblíquo e enviesado) deve saber: somos o desejo do outro. Conta-se que um gordo, feio, careca, manco e gago, traçou a melhor mina da cidade. Disse pros amigos "eu sou o máximo!!!!". Ao mesmo tempo, quem sabe na mesma hora, a gostosa de piada referia a uma amiga "realizei o meu sonho de consumo sexual: tracei um cara bizarro!!!!". O canalha deve, portanto, a todo o momento, aceitar o pressuposto de que ele é o desejo dela, antes de mais nada...

A mão é o termômetro do Peru Sadia, tenho dito. Por ela e nela, toda a a acontecência do ser se desmancha em vórtices dáctilos. Deve haver uma química a indicar que, no encontrar de duas mãos suarentas por amor, as portas dos superegos se abram, o que é igual, também, a sexo.

Intuí isso lendo sobre micróbios. Onde há aquele cheiro fedorento de ovo podre, há sulfeto de hidrogênio. E, onde há esse gás, há a bactéria *Thiobacillus concretivorus*, catalogada no mundo de Lineu por C. D. Parker, da Califórnia. Trata-se da bactéria que come concreto. Corroeu 26 milhas de canos em Orange County, na Califórnia e outros tantos inacreditáveis na Cidade do Cabo e Melbourne. Traduzindo: *Thiobacillus concretivorus* é "bastonete de enxofre comedor de concreto".

Olha, nesses meus últimos dias, tentei catalogar a bactéria que nos leva comer as minas pela mão. Talvez seja variante do *Halobacterium halobium*, micróbio

encontrado onde não se supunha existir vida, nas profundezas salinas e salgadíssimas do Mar Morto. E também do Grande Lago Salgado, em Utah, e no Lago Magaldi, no Quênia.

Parto sem saber catalogá-la, a bactéria do amor salgado das mãos que se tocam. Mas ela existe, eu juro. Cria-se no calor das mãos e das horas.

Pessoas inventam razões bem racionais para justificar a libido à deriva. Na Itália, na cidade de Taranto, os que se expunham dançando freneticamente referiam ter sido picados pelas aranhas que habitam a cidade, que não é para menos ganharam o nome de Tarântulas. O inglês rosbife Swift provou que era mentira. Tarântula não faz ninguém dançar.

Pensando bem, partir sem catalogar as bactéria salgada das mãos talvez seja uma boa pedida para o mundo. Racionalizaríamos desculpas. "Amor, não te traí, fui acometido pela tal bactéria".

Meu erro foi um acerto para o mundo e para a improvisação."

Nele, o oco esbarra no deveras. 28-ago-2001

Uma narrativa (poema, será?) de Ronaldo Bressane dá conta de um homem muito desigual.

Bonito: feio, até. Não fazia por mal. Será?

Por Ronaldo Bressane

Era homem muito desigual. Bonito: feio, até. Não fazia por mal. Quando pequeno, usava o ralador de queijo como elmo, a faca de rocambole de espada e por cavalo o rodo, em valente cruzada no graal do chocolate perdido. Tornou-se professor; e como só se vestia de preto, a roupa sempre suja de branco giz. [Meu corpo, um relógio atrasado – no intervalo de dois goles confessava ao garçom mudo, único ombro amigo [até porque o ombro esquerdo o perdera, obra de bala perdida].] Carrega sua mágoa a todos os lugares; refere-se a ela como "minha bichinha": trata-se de animal de pequeno corpo e pescoço muito comprido, os olhos gigantes e sempre abertos, de peixe, pele branca-manchada, feito cor de ovo goro. Um lápis muito bem apontado – ali, para ele, o início de toda alma reta. Mas os lápis viviam caindo de sua mão e se quebrando. Mas a mágoa vivia fugindo de seu bolso sendo quase atropelada pelos carros. Pois ele vagava sempre no lado obscuro das santidades. Assim, só de piada um anti-herético. Roía somente as unhas da mão esquerda porque ambicionava um dia ainda tornar-se puro. [Às vezes, sentia medo – revelava-me –: a sensação como ter no esôfago um helicóptero.] Sua pior lembrança: a professora, no grupo escolar, por castigo bateu a régua em sua palma direita – a régua se quebrou e sua mãe teve de pagar uma nova à escola. [Há muito não o vejo. Mas dizem que ele não morreu. Desencanou.]

"Burti Lancasti" 06-set-2001

Tinha um metro e setenta de altura, por aí, e os cabelos amarelados que o fazia se comparar ao galã. Uma narrativa de pés-de-cana, heróis interioranos e muita brilhantina Glostora.

Por Joca de Oliveira

Prólogo

Não sei realmente dizer qual das duas fabrica mais perturbados: a solidão das grandes cidades ou a solidão das cidades pequenas. Um dia desses, a moça do Manhattan Conexion sapecou uma frase interessante sobre o assunto: “As grandes fantasias nascem da solidão extrema”, mais ou menos assim. Não sei se a frase é dela: Lúcia Guimarães. Mas não é dessa intelectual que quero passar esta narrativa. A pessoa de quem vou comentar uns fatos carregava uma natureza mais simples, porém, nos deixou uma grande certeza: a de que bate solidão e, conseqüentemente, fantasias também em gente casada.

Parte I

Maro Giroldo era exímio jogador de sinuca e um grande admirador de filmes de faroeste. Tinha um metro e setenta de altura, por aí, e os cabelos amarelados que o fazia se comparar ao ator Burt Lancaster. Com um espelhinho daqueles que vem com retrato de mulher nua atrás, ele ficava na janela do bar se admirando: - *Cariolano, pareço ou não pareço com Burti Lancasti?* O bar da sinuca foi onde ele pôde arranjar um “bico” para completar a reza mensal da família por melhores dias. Era casado e possuía dois filhos. Sua mulher trabalhava na fabrica têxtil e não era de reclamar muito. A história se modificava quando Gira começava a falar de sua musa adorada, na frente dela. A musa do galego era – nada mais nada menos – que a Claudia Cardinale.

- *Eu quero saber quem danado é essa tal de Claudia Cardinale quesse home tanto fala! É moça de revista, Cari?* – Ela me perguntava.

- *Isso é brincadeira de Gira, Dona Lena, pra lhe fazer ciúme! Claudia Cardinale é atriz e mora na Itália. Nem por sonho ela vai passar um dia por aqui* – Eu acalmava.

- *Sei não, há dois dias quesse home só fala num filme que vai ter pra semana. Ele diz que não vai me levar porque filmes de briga ninguém vai com a mulher. Só dá home! Aí, me deixa aqui a vida toda cuidando desses minino. É um aperreio!... Essa Claudia vai tá no filme, Cari?*

- *Calma, Dona Lena, é só um filme. Na verdade, Gira gosta mesmo é da senhora!*

- *Sei não, sei não!...*

- Depois de muito parapapá, Dona Lena terminava se acalmando.

Parte II

Num sábado qualquer do milênio passado, aportava no Cine Bandeirante, o segundo cinema da cidade, o cartaz de *Era Uma Vez No Oeste*. Até hoje eu me lembro: o Leone sabia fazer cinema. Cheguei apitando no bar da sinuca para dar a notícia alvissareira:

- *Gira, meu véi, tu visse o filme da bixiga que tá em cartaz no Bandeirante?*

- *E eu durmo, Cari. Só faltou Burti Lancasti, mas tem minha joinha! Vou te dizer uma coisa, se eu ganhasse na loteca, eu ia comprar essa mulher pra mim, hê, hê!*

- *Hoje eu não perco por dinheiro nenhum* - Sapequei.

- *Intão, Cari, passa lá por casa por volta das sete horas da noite, que a gente vai junto!* - Completou, animado, Maro Giroldo.

Um dia como esse na história de Giroldo o deixava alegre. Botava logo uma *cerva* gelada no meu copo e passava a apostar alto na sinuca com o primeiro que aparecesse. Queria com isso juntar dinheiro para dar uma passada no cabaré, depois do filme, que era de lei. Pra entusiasmar ainda mais o galego, a mais antiga pirata de todas as rádios que apareceram no mundo acabava de passar, representada pelo saudoso radialista, Dida Cajueiro (era uma fusca azul desbotado, com um alto-falante em cima). Dida convocava a população: - *Hoje, na tela do Bandeirante, sensacional faroeste com Charles Bronson, Henry Fonda e Cláudia Cardinale... Era... Uma Vez... No Oeste. Você não pode perder!... Às vinte horas...* - E saía por ali, para os preciosos bares da periferia, tomar cachaça com passarinha e lavar com cerveja.

Gira, às vezes, entre uma jogada e outra, tirava o seu espelhinho redondo do bolso, e ficava a ajeitar sua “trunfinha” com uma das mãos: - *Cari, me diga mesmo, eu pareço ou não pareço com Burti Lancasti?*

- *A cara e a careta!* - Eu respondia.

Parte III

A noite da estréia chegou. Quando entrei na sala da casa de Giroldo, ele já estava ensopando o cabelo com brilhantina *Glostora*. Dona Lena, como sempre, nessas horas, estampava uma cara de poucos amigos: - *Eu só não fiz mais confusão, porque ele vai presse bendito filme com você, Cari, que é um rapaz direito!*

- *É só um filme, Dona Lena. Tem mais bala do que tudo, e Cláudia Cardinale só aparece duas vezes* - Tentei justificar o fato do marido dela não querer levá-la.

- *Olhe, nem me fale* - Ela contemporizou.

Foi a primeira vez que vi Gira assistir a um filme calado. Parecia que tava numa Missa. Quando saímos, não estava muito satisfeito: - *A Cardinale tinha que fazer - assim - o papel de uma mulher do xerife. Muito fraco o papel dela.*

- *O gênero do filme não dava pra ela aparecer muito, Gira. O filme é um clássico do bang-bang!*

- *É, deixa pra lá. Vamo ali no Apolo tomar uma!*

Enchemos a cara. Entreguei Gira na entrada da sua casa, às duas da manhã!

Foram muitas as versões do que realmente teria acontecido naquela noite, depois que eu me despedi de Giroldo. A versão mais comentada entre os vizinhos: era a de que Gira, bêbado, entre os lençóis, teria chamado por Cláudia Cardinale. Dona Lena, sem pestanejar, expulsou-o da cama, e botou o nosso mocinho para dormir na rua. Gira foi encontrado, de manhãzinha, por Zé Galinha, um dos primeiros “flanelinhas” do planeta *Brasilis*, dormindo num vagão abandonado da Rede Ferroviária. O ronco de *Burti Lancasti* assustou o *cover* de Frank Sinatra: - *Gira, que diabo tu tá fazendo aqui?* Gira acordou meio baleado. Nisso, Dona Lena, com uma ruma de meninos, já estava à procura do marido. Eu me juntei à procissão. Fomos nos encontrar, todos, na subida do “ajeró”. Gira ainda vinha maltratado, cambaleante, com a camisa aberta, os cabelos assanhados e os olhos bem vermelhos.

-*Vamos pra casa!* – Falou Dona Lena, e saiu arrastando o marido. A vizinhança olhava sem condenação.

Zé Galinha desceu pro rio, cantando sua música preferida: - *Lete me traz alguém! Lete me traz alguém!*

NOTA: Qualquer semelhança entre pessoas vivas ou mortas pode ser verdade. Essa historinha é dedicada às memórias de Amaro Jaime de Araújo e Burt Lancaster, e à eterna beleza de Cláudia Cardinale.

Cabras frouxos 03-out-2001

Que guerra é essa, de que tanto falam e não se ouve o trinado de uma bazuca sequer. É muito gasto de tinta para pouco barulho. Num morre uma nambu, um preá, uma codorniz, um sebito.

Por Ulysses das Capoeiras

Eu quero é ver o navio pegar fogo para comer peixe assado.

Que guerra é essa, de que tanto falam e não se ouve o trinado de uma bazuca sequer. É muito gasto de tinta para pouco barulho. Num morre uma nambu, um preá, uma codorniz, um sebito.

Não é por nada não, mas a pendenga entre os Alencar e os Sampaio, na velho Exú, deixou um rastro de pólvora historicamente muito mais vultoso. Os Novais com os Ferraz idem ibidem, logo ali mais adiante, no Polígono da Maconha. Dizem que tem um arranca-rabo agora pras bandas de Cabrobó que também não faz feio. Nos Inhamuns, valha-me Deus, mata-se mais do que no velho Oeste. Tanto por raiva, como por ciúmes, como por encomenda.

(Falar nisso, certo dia, um pistoleiro renomado recebeu uma missão de um coronel cearense. “Vá lá e dê fim a esse cabra!” Tá certo, dotô. Deixa comigo etc. A autoridade entregou duas fotos ao matador de aluguel – uma era a futura vítima de frente e a outra a mesmíssima futura vítima de perfil. Certo que nem boca de bode; justo que nem boca de padre. O desalmado pegou as duas fotografias e saiu poeira afora. Dois dias depois, pontual, volta ao terreiro da casa-grande, no que estufa o peito: “Vosmecê, mandei pro inferno todos dois”.)

Guerra de araque essa da América. As polícias do evangélico Garotinho e do sonso opus-dei Geraldo Alckmin acabam com muito mais gente num só fim de semana.

Os reis do pó, ainda mais bíblicos, cuidam de despachar o que sobrou em pé depois das rajadas oficiais.

Ora, quem manda pobre se divertir a não ser em frente do Gugu ou do Faustão. Pobre tem de ficar em casa, sob pena da velha da foice cortar-lhe a graça na próxima esquina.

(Lembram da lorota, plantada em bom adubo midiático, d’onde florescem lindos pés de realeses? Dizia a tal lorota que o funk estava engravidando todas as meninas dos morros do Rio. Diversão de pobre é subversiva, sexo de pobre é imoral, pobre não pode nem mesmo foder da maneira que bem achar por bem, ora bolas).

Eu que não perco meu ócio, minha vida de brisa, cá nessa rede, beirada do São Francisco, sem tostão algum, também de fome não morro, com essa briguinha de comadres entre a América e essa onguizinha de nada chamada Taliban.

Cadê as carabinas. Parece a loa de Luiz Gonzaga, calouro do Exército, no seu tributo a Januário, senhor seu pai: “Tiro como o diabo, nunca dei nenhum.” O resto é photoshop e efeito especial.

Santa Maria da Boa Vista, sertão de Pernambuco, margem esquerda do São Francisco, setembro de 2.001.

Contrainformação S/A. 15-out-2001

A ficha caiu na radiola da geopolítica internacional. No baú do mundo livre s/a, ficou a prova da guerra pura e continuada.

Por Xico Sá

"Volte para casa, Samantha Smith", bradava o subcomandante Zero Quatro, nos idos da Guerra Fria, comecinho dos 80, nas ruínas recifenses pré-manguebit. O recado era para uma singela e inocente garotinha norte-americana, lolita-scud do caubói Ronald Reagan, que foi a Moscou entregar flores - sabor artificial - a Andropov - vide ex-URSS.

O Leste desabou com o cimento alemão; outros tantos muros, como o que separa os EUA do México, o Capão Redondo do Morumbi, a ilha sem Deus de Boa Viagem... continuam de pé, firmes, fortes, eletrificados e com dispositivos antipobreza.

A armação nunca cessou; a ficha caiu na radiola da geopolítica internacional. No baú do mundo livre s/a, ficou a prova da guerra pura e continuada. Nos apontamentos musicais de Zero Quatro, a canção-bomba que antecipava, pelo buraco da fechadura do velho e bom Chomsky, a destruição das torres bestiais - repito: somos do tempo da Guerra Fria, bem x mal!, pedagogia do apocalipse, botão vermelho do menu das antigas.

É com satisfação que apresentamos aos nobilíssimos leitores desta resenha de política e de costumes, o projeto "Caiu a Ficha", dos arquivos secretos do mundo livre s/a.

Clique [aqui](#) para fazer o download do arquivo em MP3.

Clique [aqui](#) para conhecer o mecanismo de contra-informação do Mundo Livre S.A. na Internet

Essa menina 02-nov-2001

Xico Sá escreve, sob encomenda, a versão nordestina, nem por isso menos universal, da Lolita de Nabokov. Ajude nosso novelista amador nessa trama de safadeza profissional.

Por Xico Sá

Capítulo I

A boyzinha vendia amendoim na praça do sebo, atrás dos Correios, perto daqueles pontes que aparecem nos cartões postais do Recife. Um docinho de coco. Linda, meu filho, linda demais. Fraca não. Os velhos do INPS faziam arrulhos, sabe a voz pidona dos pombos?, quando avistavam aquele colosso. Safada, como toda menina depois dos dez anos, a boyzinha tirava proveito comercial; ouvia com jeitinho lânguido, toda-toda, as piadas acerca da mercadoria. Lendas sobre amendoim não faltam, mas a danada sabia que o céu mesmo pertence às ostras de Itapissuma, cem vezes mais calóricas, se é que você me entende, do que as herbáceas leguminosas que vendia às pencas, baldinhos a bater nas coxas, na praça do sebo.

Não que eu fosse tão velho. Mas desejava a danada como estivesse para receber a extrema-unção de dom Hélder. Me tremia como vara verde quando a boyzinha despontava na curva. Andava também com uma irmã, feia que doía, embora do mesmo barro e fôrma. Eu deixava o paletó puído sobre os braços da cadeira da repartição, não o INSS, mas o Arquivo Público Estadual, ali nas redondezas, e ia esperar a danada. Dava um tempo no box de Pedramérico ou Melquisedec – sebistas de mancheia. Quatro, cinco espirros da poeira dos livros velhos, lá vinha a mimosa.

Faceira. O baldinho de amendoim dançava de tanta elegância.

Eu corria para a primeira mesa espalhada naquela praça. Mal dava tempo pedir a cerveja e lá estava a formosura, com uma colherinha de amendoim torrado estendida. Estendia a mão e a boyzinha, 11, 12, 14 anos se muito, peitinhos que não lhe conto, despejava lentamente o sagrado conteúdo. Eu apertava a colher com força. Ela só passava a mão, fininha, sobre a veia saltada da minha mão.

“Queres?”

(Continua na próxima semana).

Prazeres, Jaboatão 15-nov-2001

No segundo capítulo da novela "Boyzinha", a lolita de Prazeres, Jaboatão dos Guararapes, a anatomia ficou louca: o narrador é todo coração e febre amorosa. Acompanhe uma emocionante viagem de ônibus atrás da danada.

Por Xico Sá

Capítulo II

Não vou negar que não passava mal. Eu passava. Era mais do que bandeiroso. A pele de galego do sertão, ainda com marca de semi-árido nas olheiras, ruborizava qual a bandeira do Náutico. Ela sabia de tudo isso, perversa que era. A maldade, aliás, além da beleza escandalosamente suburbana – arrastava a sua alminha ninfa de Prazeres, Jaboatão, até o centro do Recife – era o que a distinguia na paisagem tomada por tantas meninas. Todas teimosas demais, com suas ofertas de amendoim, para tanto não.

Mas nenhuma sabia botar a discreta safadeza a serviço do pequeno comércio da sobrevivência. Olhinhos mel; cabelos entre o gráúna e o tingimento amarelado do sol dos tristes trópicos. Uns amigos, mais novos e chegados ao cinema, viam na boyzinha uma Natasha Kinsky melhorada, aquela que virava pantera em um das tantas fitas. Havia comparação com tudo que era deusa e gente bonita distante.

Nos meus 35 verões, não havia avistado beleza mais terrorista. E repare que, na repartição, eu tinha o privilégio de atender a belas pesquisadoras, estudantes de tudo quanto é arte, meninas bem-criadas de Casa Forte, calças eriogurtes desnatados do Poço da Panela. Cada narizinho vermelho, de tanto espirrar com os jornais velhos do Arquivo! Iam pesquisar de tudo: a vida de Carneiro Vilela, nosso Edgard Alan Poe, vide “A Emparedada da Rua Nova”; a crônica de costumes do velho Lopes Gama, “O Carapuceiro”; a crônica de cinema no Recife dos anos 50, o ciclo da produção super-8 – aí a minha especialidade, pois havia tido o prazer de conhecer, em animadas mesas do Rosarinho, a turma do cineasta Amin Steplle, marginal de mancheia.

Não posso dizer que era/sou de todo um bobo. Encoxei, com devido ar de consentim00002 40.080059 576 733 (e) Tj 50 0 0 507258 0 Tm (nt) Tj 50 0 0 20 166 0 Tm (o,) Tj 50 0 0 :

No próximo encontro perguntaria sobre o assunto. Não, não perguntaria – não pergunto idade de mulher, embora hoje em dia esteja na moda enquadrar criminalmente quem cai no conto dessas Carmens suburbanas movidas a safadeza. Que seja pelo instinto de sobrevivência, mas que carregam na safadeza, ah, só carregam.

Mal acabo de pensar sobre a idade da miserável e lá estou eu embasbacado, de novo, por conta da desgraçada. O amor ou a simples febre amorosa que toma conta da caveira e da alma dos tolos é uma assombração permanente. O sujeito vive atormentado pela capacidade de onipresença do objeto de desejo. E vê coincidência em tudo quanto é canto e situação. Entro no ônibus. Sentido Centro/Piedade. Só avisto aquele pescocinho. Levemente curvado para o lado do motorista. Todo motorista é um monstro por excelência e vive a jogar lero para as boyzinhas desacompanhadas.

Nado a braçadas naquela lata de sardinha, escuto uns três, quatro desaforos (“vai-te febre tampão”), até que me instalo a centímetros do cangote que avistara. Tão perto que sinto, nas curvas do Pina, o cheirinho de neutrox do cabelo dela. Adianto um pouco a perna esquerda, enquanto escorrego um palmo no corrimão. Nos catabis do coletivo passo a roçar, educadamente, para testá-la, minha perna na bundinha dela. Tudo com muito zelo e cuidado. A danada, como uma estátua greco-suburbana, mira a paisagem tomada por out-doors das Diretas-Já, sem dar a chance de reconhecê-la. É a cara da minha boyzinha. Procuro o balde de amendoim no colo de alguém no banco da frente e não encontro. Pode estar à paisana. Adianto mais as duas pernas, ajudado por cego gordinho que teima em pedir esmolas com uma cantoria dos diabos. A anatomia ficou louca. Sinto a danada toda coladinha. Minha Nossa Senhora da Conceição. Ela faz um leve movimento, à esquerda, com o pescoço... (continua).

Leia o capítulo anterior na seção Prosopopéia

Camões, frango safado 27-nov-2001

Encostei atrás dela, taquicardia do desejo. "Oxe, seu Zé!", reagiu. Leia o terceiro capítulo da novela movida a flores e baldes de amendoim.

Por Xico Sá

Capítulo III

...e a danada esbarra nas minhas ventas. Eu, cinco de miopia e mais quase meia dúzia de astigmatismo, óculos no bolso – quando quero errar procuro na cegueira proposital o primeiro álibi e escondo os fundos-de-garrafa –, sinto que a minha napa de alcorão toca o narizinho dela. Meus pêlos ridículos e sem cuidado a fazer cócega. Coctiare, do meu pobre latim de seminário, se o espírito não me engana.

Ficar sem óculos é como me pusesse inimputável. Um louco barrido capaz de cometer os melhores crimes. Encostar o pau duro nas sexagenárias prediletas, dar uma dedada na soldado – tem uma mucica a mais nesse “na soldado”, comum de dois, ah português correto pra me deixar de pênis erectum –, perguntar por quanto a caixa do Bompreço vai foder comigo a tarde inteira, entre tantas anomalias.

Pelo cheiro, jurava que era ela. Como se as meninas de Prazeres não cheirassem todas do mesmo jeito. O neutrox, confesso, me botava um monstro de maus pensamentos. Talvez fosse a única vantagem que visse nos pobres – ah o cheiro do cabelos das empregadas, piniqueiras, segundo os monstros preconceituosos do Recife, me deixava feito um jegue coiceiro. E reparem que não tive empregada em casa durante a fase da punheta braba. Quanto vim ter uma, já estava metido com Marx e Engels, que atrapalhavam, luta de classes, minhas fodas mais populistas.

“Oxe, seu Zé!”, espantou-se a lola.

Seu Zé é de uma humilhação sem tamanho. É como se dissesse “sai de mim abacaxi, que’u tomei leite”. Pior. É o que em São Paulo, lembro porque já passei tempos por lá na casa de um tio do Parque São Rafael, Zona Leste, chamam vulgarmente de “tiozinho”. Seu Zé é o mesmo que tiozinho. Sem chances.

Aquele inesperado “seu Zé” me apequenou. Da alma ao pau. Que pau, aliás. Sentia-me um eunuco naquele coletivo da viação Borborema. Era um pesadelo: como se um corredor polônês de rabos femininos me enquadrasse justamente no momento em que buscava correspondência cérebro-cacete e nada encontrava. Auto-castração, diria o sujeito do divã, do cachimbo, digo, que conheço muito, aliás. Não por sabedoria, mas por blefe. É dele, aliás, aquele negócio de entender como putaria o simples ato de uma criança ajeitar, cheia de dedinhos, a calcinha bunda-rica. Cabra safado.

“Seu Zé o quê!, sua malcriada”, rebati, incapaz de mais um vocábulo.

Nisso já encostaram os mais tarados do que eu, para proteger a moçoila. Moçoila esta, aliás, que passava longe da minha boyzinha. Fora o pescoço, não pegava uma letra. Era uma desgraça. Nem mesmo o latifúndio dorsal que se destacara na minha falta de óculos... Uma bizunga. A bunda num dava um pastel de feira. Odeio esqueleto. Mulher é como lançamento imobiliário, tem que ter área útil, varanda, alpendre, vaga na garagem.

O pior é que a desgraçada também era vendedora de amendoim. E flores. A latinha de brasa, morna, ainda encarvouu a minha bem-cortada calça bege.

Cheguei em casa, dúvida alguma. Tinha motivo de sobras para tornar verossímil, pelo menos debaixo daquela água fria do chuveiro fraquinho da pensão, o que quase foi verdade no coletivo. Ônibus, diga-se, que peguei sem motivo algum. Apenas na vã esperança de encontrar a boyzinha. Tudo que fosse para as suas bandas, interessava. Por desejo, velho Tennessee Williams, até bonde errado. Melhor chegar tarde em casa do que cedo no cemitério de DuBois.

Voltei do terminal de Boa Viagem para a pensão. Não havia mais mulher alguma no cabeçote de cima, embora as retinas cuidassem de bombear o cérebro de baixo com o que avistava na orla. As mulheres do nada. Dos travestis novinhos, imaginava-os moços do interior, cabrinhas de pé-de-cerca, agora protegidos do semi-árido pela sombra do edifício Califórnia, praia B de Boa Viagem, onde o sol nasce para todos. Areia democrática um caralho, seu Tancredo Neves filho-da-puta, que por lá fez comício das Diretas, mas com olho no famigerado Colégio Eleitoral – enfrentaria Maluf, barbada.

No ônibus ainda pensava em uma incerta pelo centro. Passar na frente da Livro 7, maior livraria do Brasil, encontrar uns amigos para fumar um e beber de graça. Pensando o quê!? Gente da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, grande merda. João, História, tinha dos bons, além de jogar um lero sobre russo, idioma decente da Guerra Fria; Renato Braga Lins, além de imitar muito bem o velho e bom engenheiro Leonel Brizola, contava histórias de um tal de Ana Gardênia, quer viria a ser namorada de Mister X, mestre do breack por excelência, velho índio urbano capaz de acertar a chegada de um ônibus elétrico apenas pela tremelica dos fios. Mais alguns trocados, comeríamos um cachorro quente com caldo de cana no Cascatinha. O melhor tempero é a larica ou a fome de viver propriamente dita.

Cheguei em casa, que duvida!, descasquei uma qual menino de 12, 13. Taí uma coisa que não se perde o gosto e o jeito é a bronha. Sexo é sexo, não tem nada a ver com o tresloucado vício solitário e burguês. “Assim como a Tv não acabou com o cinema, a punheta não destruiu o acasalamento”, dizia um magrelo do Cariri, também da nossa corja.

Ainda meio leso, depois de meia horinha de sono pós-bronha, Boneco, nego sabido de Juazeiro da Bahia, me chamou pra ver Touro Indomável.

“Porra, galego, Robert de Niro engordou não sei quanto quilos pra fazer essa fita...”

Fomos ao Astor. Passei nem ligando para o Parque 13 de Maio, Central Park do Recife, e não tive dúvidas: era ela. A desgraçada, baldinho de amendoim no chão molhado, sob forte pressão de um jovem. O filho da puta amassava a minha boyzinha contra o tronco de baobá. Baobá nada, isso é coisa do Pequeno Príncipe – “você é eternamente responsável por aquilo que cativa”, era uma aroeira vulgar qualquer.

De Niro me esperava. Minha vontade era de arrancar minha boyzinha das mãos daquele sujeito e daquele tronco que só me fazia lembrar aqueles cartazes ridículos que eu fazia em homenagem ao Dia da Árvore quando era imbecil de tudo. Morram todas as árvores e florestas do mundo. Que virem cadernos para equação de segundo grau. Ou poemas mais ridículos ainda “o amor é fogo que arde e não se sente”. Uhhhh. Bicha esse Camões. Frango safado.

(Continua...)

Destino: motel Praia Norte 18-dez-2001

"Mai-teco", moveram-se seus lábios mais uma vez, na mais sublime das expressões do Recife. Mai-teco é um barulho labial que, nesse caso, significava algo como "claro que era eu, abestalhado!"

Por Xico Sá

Boyzinha, cap IV.

"Essa, Agá-Agá, vá me desculpendo, mas não é para teu bico. Qualquer dia desses um vagabundo graduado aí do INSS arrasta a danada, bota num apartamento em Boa Viagem e comemora o título de dono da melhor amante da Grande Recife", alertava o velho Renato Braga Lins, com a sua já sábia careca precoce, resultado de uns tais pneumococos – ou estafilococos(?).

Agá-Agá era como abreviava o batismo de Humbert Humbert, o velho professor tarado que endoidou o cabeçote no rastro da Lolita de V. Nabokov, coisa que só li depois de conhecer esses jovens e bons maconheiros da respeitável Universidade Federal de Pernambuco.

"Da Grande Recife uma pitomba. Essa é a melhor do Nordeste, quer dizer, do Brasil, quiçá do mundo. Que saúde!", gargalhava um branquelo, meio cego, de Candeias, amigo de Renato, que vivia às voltas com uma banda de rock chamada, se o espírito não me engana, Mundo Livre S/A.

Não conhecia o cara direito, sabia que vivia encucado com o "2455, Cela da Morte", de Caryl Chessman, e repetia trechos da vida do condenado a todo tempo, mesmo depois desse razoável comentário sobre a grandeza da boyzinha.

O rapaz tinha razão e eu dava a minha a ele. Tudo bem que o Recife já é o umbigo do mundo, mas ela era mesmo a maior do planeta.

"Ô barnabé, tira o teu cavalo da chuva que tua bufunfa é muito pouca, quase nada, pra arrastar essa boyzinha prum motel, tomar uma cerveja no Savoy com tira-gosto... E, num sei se tu sabes, mas mulher gosta mesmo é de dinheiro, quem gosta de rola é viado", enxeriu-se Cláudio Cronemberg, um perobo sertanejo da nossa estima, sempre com maldade de sobra e um short de menos no "José do rego maciel".

Mal a querida bicha amiga – no Recife, até por conta da falta de mercado específico sempre houve uma mistura de turmas de viados com machos e fêmeas – silenciou, a danada dos meus sonhos e lençóis de algodão melados deu o seu perturbador "boa noite, vocês querem?"

"Claro que quero, sempre quis e continuarei querendo", saltei a prosódia encachaçada.

"Endoidasse, foi?", balbuciou a vendedora de flores e amendoim.

"Por quê, boyzinha?"

"Ontem, no ônibus... Oxe, oxe! Aquilo é jeito? Bebesse, foi? Batesse na mãe?", disse, num sorriso que cessava o chilreio de todos os bêbados, calava o pentecostes dos evangélicos chatos que chamavam por Jesus ao lado, fazia Pedramérico, sebista de marca maior, errar o troco, parava o comércio.

Até a barulheira das pedras de dominó dos aposentados silenciava para celebrar a sua chegada. Fred Jordão, lambe-lambe que eu conhecera há pouco, sócia de um

roqueiro nacional da época, jogava um agá para uma possível sessão de fotos. Artísticas, lógico.

"E eras tu, criatura?!", soletrei, movido por mais um Ele&Ela – explico: caldinho e caninha, para quem, de besta, não nasceu ou morou por estas bandas.

"Mai-teco", moveram-se seus lábios mais uma vez, na mais sublime das expressões do Recife. Mai-teco é um barulho labial que, nesse caso, significava algo como "claro que era eu, abestalhado!".

"Eu também pensei que era tu, mas fraquejei na hora h", disse, mão trêmula com o copo de cerveja pra disfarçar a dramaticidade.

"O senhor é doido de fazer aquilo, na frente do meu namorado", sapecou, para ativar um botão de ar frio em minh'alma.

Ela sabia que mexia comigo. Tive que aguentar para o resto da noite a mangação geral dos biriteiros da mesa.

"Seus maconheiros safados, vamos mudar de assunto, vamos falar da campanha das diretas, que é muito mais importante para o país", discursei, para ouvir mais merda ainda dos jovens camaradas.

Tentei de tudo, até falar de Caryl Shessman com o galego de Candeias, mas não teve jeito.

Quando estávamos pagando a conta, cujas ordem dos fatores se desmanchava na mesa molhada a ponto de alterar o valor final do prejuízo, testemunhei o pior. Ou terá sido a minha vista traidora no pós-Pitu?

"Agá-Agá, visse?", zombana Renato.

"Num vi porra nenhuma, já num te disse que sou cego para o que não pretendo avistar?", engrossei o caldo.

"Cacildes!", zoneou Claudio Cronemberg.

"Aquilo é motel, caixão e vela preta", deu a sentença o imparcial roqueiro.

Minha vista escureceu. Eu só via aqueles coraçõezinhos de néon do Praia Norte – era esse mesmo o nome do covil? – acendendo e apagando, acendendo e apagando, sístole e diástole de todos os desejos. Era capaz de ouvir o jingle que o rádio toca do referido motel.

Chovia a cântaros no Recife, como diziam os velhos cronistas do rádio. Como chove no Recife. A essa altura, pensava eu, com chifres a furar ainda mais as nuvens carregadas da invicta cidade do Recife, minha boyzinha estaria nos braços de um velho encharcado de whisky de primeira, dinheiro amassado no bolso do terno de linho bege, dois talões de cheque –um de pessoa física outro de pessoa jurídica – e promessas de financiamento de todos os sonhos suburbanos da inocente.

A vida é triste Sizenando, lembrava de uma crônica de desastre amoroso escrita por Rubem Braga e sempre soprada, nas nossas cervejas no Robertão 70, pelo amigo Evaldo Costa.

Molhado, espiando na vitrine da Mesbla, ali na Conde da Boa Vista, para a minha própria miséria – o que não faz o cinema americano? -, falava baixinho: "A vida é triste, Sizenando, a vida é triste."

Como o velho havia se entupido de amendoim, costumava comprar todo o balde da boyzinha, acabaria com a linda bucinha da minha amada. "Tomara Deus ou qualquer pau velho de enchente que o miserável tenha fracassado, com uma diarreia mostra de tanto comer amendoim", desejava eu, descrente na tal profecia.

De velhos esquisitos e taras normais 09-jan-2002

Nossa admirável lolita desvenda os mistérios dos velhos safados, penetra o mundo dos simbolistas abusados da Livro 7, relata as taras que desperta nas calçadas... Enfim, toma a palavra do narrador e vai à guerra.

Por Xico Sá

CapítuloV

Não vou dizer que não aprecio galanteios, nesse tempo em que só escuto desaforo de bêbado. E bêbado que nem sequer compra um pacote de amendoim cozinhado. Três por mil e esses miseráveis não se apresentam para o jogo. Também não vou dizer que não uso o que tenho, que na verdade nem é o que tenho, é o que vou juntando do que dizem esses tarados. Um dia um elogia o pescocinho virgem de sol; noutro dia, um velho diz que nunca viu sobranceiras mais lindas ("você é filha de libaneses do bairro do Pina?"); mais adiante um outro diz que sou o ar que ele respira – bem, aí também é doidice desses velhos do INSS. Já viram o prédio alto que eles trabalham? Tem umas cruzeiras, por dentro de outras cruzeiras, e de lá já despencaram almas que deram adeus à vida (boyzinha se refere a uma foto que a impressou, no Jornal do Commercio, se o espírito não me engana, de uma botas – só apareciam as botas na página – como representação de um adiós a la vida).

Que diabo têm esses homens?, quase todos casados. Quem não é casado é poeta, como Ângelo Monteiro, ó mago que dá trabalho. Outro dia, na frente da Livro 7, ali na Sete de Setembro, viu o coitado levar uns tabefes. A força bruta dum negão cheio de razão, que teve a namorada como alvo dum galanteio do poeta. Só soube que o mago é poeta pelos seus amigos. Uns, como Alberto Cunha Mello, o maior de todos, como dizem no Recife, disse, tão delicado, sobre aquele carne-de-pescoço: "Tenha paciência com esse simbolista!"

Nunca soube de fato o que ele queria dizer do tal simbolista. Como havia presenciado o tabefe do negão no pé-da-orelha do poetinha, entendi, ora, o que seu Alberto queria dizer com o seu alerta.

Aliás, que antro!

O pior é que era a minha freguesia predileta.

Eu vinha de Prazeres. Descia na Conde da Boa Vista. Umas cinco em meia. Já estavam todos lá, na frente da Livro 7, uma livraria. Só homem esquisito, mas com uns coroas direitinhos. Bebiam demais, esqueciam das mulheres em casa, ficavam doidos, recitavam. Só um ia pra casa cedo, Jaci Bezerra, amancebado, na época, com umas 15 daquele pedaço. Como já tinha bom ganho, na afundação –nem sei que diabo de afundação era aquela que os meus cliente falavam – corria pra casa umas dez, dez e pouco. Mas vai saber que casa?!

Tinha também uma meninada nova. Quase da minha idade. Da minha idade não. Povo de vinte e pouco. Estudante de universidade. Uns cheiravam a maconha. Nunca tinha fumado, mas num posso dizer que em Prazeres e na casa de uns amigos de Barra de Jangada esse não fosse o cheirinho que tomava conta do vento.

E tinha mais ainda um enxerido do Arquivo Público. Só sei que era do tal do arquivo, repartição estadual segundo a minha mãe – incentivadora do matrimônio com barnabés de contrato público, dinheirinho pouco, mas garantido.

Que era feio, era. Mas, desde quando, isso foi o principal para mim.

Tive um padraço que repetia uma coisa que nunca entendia completamente, mas pela metade, era mais ou menos assim: o feio bonito lhe parece. Não. Engano. Era um negócio mais complicado: "Por mais feio que seja um homem, uma vez casado com uma mulher bonita, como você, minha enteada, sempre haverá salvação de lindeza para o fruto do vosso amor".

Não é que eu seja metida a besta, mas, de tanto acumular, como se diz, "adjetivos", estou cada vez mais "substantiva". Acho que foi um poeta, no Recife tem mais poeta do que vendedor de milho verde, pitomba ou mesmo amendoim. Acho que foi um poeta chamado... Domingos Alexandre? Bebi na vizinha da Livro 7, quase nenhuma mulher, um tal de Telles que ia de um em um minuto no banheiro. Naquele bar vizinho à Cascatinha.

Sim, o do Arquivo Público (só sei porque seu Alberto Cunha Mello, que manda lá, me disse!) eu via mais na praça do sebo. Meio junto com todo esse povo que falei agora. Um coroa esquisito, mas não posso me queixar do seu tratamento. Só teve um dia de ignorância, quando encostou atrás de mim no ônibus. Achou que era outra, certamente. Um coroa esquisito, mas que me parecia honesto e capaz.

Estranho que não falou mais comigo direito depois que eu sai com Bandeira, fui enrolar Bandeira num hotel ali perto mesmo, como sempre, para engambelar o que valia uns seiscentos baldes de amendoim. Ainda tomei umas sidras, comi aquelas castanhas, dois prestígios, três toddynhos... Ou ela me levava para um apartamento ali na 7 de Setembro mesmo, na frente da Faculdade de Direito, que alugava para as suas safadezas, ou me arrastava para um motel entre o Recife e Olinda. Praia Norte? Pode ser. Uns coraçõezinhos piscavam e ele me levava pela mão.

O velho é o melhor comércio. Fica com o negócio meio bambo, nunca enfia direito, e ainda me dá um dinheirinho quando me deixa em casa, de volta. Evito o ônibus de madrugada, com aquele bocado de marginal. Melhor que minhas amigas, que vão pra Boa Viagem se encontrar com aqueles gazos da Alemanha e da Suíça. Suécia? Dá agonia as sobancelhas brancas demais da conta. Vôte.

Esse enciumado do Arquivo eu não sei não. Só gosto por saber que ele me apreciava mesmo. E quer saber de uma coisa, que só conto pra você, Dolores, minha amiga?, a quem sempre confesso?: Não foi pelas merdas que ele fala nas mesas lá da Praça do Sebo, atrás dos Correios, sabe, que gostei um tantinho dele.

Gostei um pouquinho, sei lá, pelo dia em que ele me levou para um barzinho com música ao vivo ali na rua do Sossego. Um galpãozinho chinês.

E me disse uma coisa tão linda: "Homem que é homem gosta de música ao vivo e reverencia os mortos". Ai me arrepiei quando Agá-Agá, é assim que seus colegas chamam, disse isso. Lindo demais, gente. Até esqueceu que só gostava de rock'n'roll para me agradar. É um doce coroa, eu sei disso, embora não me deixe molhadinha, perdão pelo termo, quase nunca.

Como a gente aprende a ser safada tão cedo em Prazeres. Não que eu tenha exercitado, mas não foi por falta de chance. Só no Amarelinho, fui bolinada umas duzentas vezes. As bicicletas passando, passeio na terra batida de Sábado e Domingo na altura do meu cangote... Detalhes tão pequenos de nós dois, são coisas muito grandes para esquecer. Tudo que eu queria era comer umas três, quatro codornas com meu imaginado futuro esposo. Aqueles ossinhos saindo das nossas bocas, triturados, como a vida que imaginávamos vencida e ganha.

Uma balzaca no meio do caminho 21-jan-2002

É só esperar os velhos da pensão cair nos braços de Morpheu e correr para o sucesso. Ô coroa safada! E gosta duma ganja, legítima Cabrobró, a miserável. Fode que é uma beleza. Adora que eu esfregue gelo, que ela guarda especialmente em um isopor debaixo...

Por Xico Sá

Boyzinha, cap.VI

Que alívio, rapaz. Pensava enquanto umas meninas enchiam o saco para tentar achar, no Arquivo Público, tudo sobre o movimento regionalista promovido no Recife em oposição a tal semana de arte modernista de 22, blablablá. "Bobagem, queridas", balbuciava, sozinho, na preguiça queimada de sol de uma segunda-feira ainda com bafo de Pé-de-Cana.

Assim como a semana paulista não passava de uma tertúlia colonizada de sapos cafeeiros e ressentidos e imitadores das modas européias – como prevalece até hoje nos salões dessa gente- o tal arremedo modernista do Recife não passou de blefe maior ainda. Obra de um esperto "sir" Gilberto Freyre, sábio diluidor da crônica de costumes, capaz de copiar um bocado de receita da gastronomia popular e dizer que aquilo era a sabedoria de ponta de então. "Esse negócio de regionalismo é sacanagem do mestre de Apipucos", ainda alertei as donzelas do saber, com um respeitoso "mestre" só para impressionar, mas pela ironia que por qualquer tinta de bajulação. O "mestre", falar nisso, era nome proibido entre jovens em geral – considerava-se a trajetória direitosa do fidalgo.

Josineide, uma branquinha de resposta que namorou um dos meus chapas da UFPE, costumava dizer, para os reações de plantão: "Se a esquerda chegar ao poder, vou amarrar às tuas pernas um saco com as obras completas do mestre e te jogar no açude de Apipucos".

Mas chega de comunismo.

Que alívio, rapaz, faz mais de uma semana que não vejo a minha boyzinha e passei na maior tranquilidade. Acho que inventei essa paixão desmedida. Como são bem mais interessantes as afilhadas do velho Balzac. Não têm a pressa que aniquila o verso. Ando me dando muitíssimo bem com Marilene, uns trinta e tantos, nega sabida, que vaga por pensões e queixa-se de má sorte no amor, nos bilhetes com os quais se comunica. Marilene é muda. O que faz com que os tiradores de gréia da pensão digam que eu só vivo na calada da noite.

Quem disse que ela carece falar. O peso nos olhos de rapariga interiorana diz de tudo um pouco. Ela tem cara de puta e colo de mãe. Pense numa nega completa! Parece apreciar as dores do mundo - ora por charme esquisito, ora, sei lá, por ser doida mesmo, vai saber.

Ela fica bebendo sozinha, no quarto da pensão. Mora no andar de baixo, o das mulheres e velhos largados pela família. Tinha tudo para gostar de Clarice Lispector, mas não gosta, o que acho vantagem. Clarice Lispector é literatura pra mulher-viada. Ela bebe vinhos baratíssimos como quem bebe a melhor das champanhes, enquanto ouve sambas antigos de puro sofrimento. Não é surda nem tampouco besta. "Eu só errei quando juntei minha alma à tua..."

Aí eu chego cantando, pela janelinha do quarto, meio de longe: "O sol não pode viver perto da lua". E tudo tem ficado só nisso mesmo. Daí chega a hora do almoço.

Dalva (aleijadinha que dá gostoso por gosto a todos estudantes do interior que chegam à pensão) e Valmir, o viado mais bacana do mundo, servem o almoço – é festa na Terça, dobradinha à moda do Porto.

O jogo boyzinha X Marilene é dessas obviedades que servem para entender que a vida não passa obrigatoriamente pelas pregas, rugas, celulites, estrias e pés-de-galinha.

Enquanto não tinha nem a primeira e muito menos a segunda, me acabava na mão, feito colher de pedreiro. Nas punhetas, a balzaca triunfava; talvez por estar tão perto – nalguma vezes, tocava uma enquanto ouvia os seus passos, que conheço de longe, no refeitório. O meu quarto fica em cima. Boyzinha surgia cândida entre os meus cinco dedos, motivo muitas vezes para mudar de musa no meio do caminho. Sabe aquelas punhetas que você começa por uma e vai parar em endereço diferente?

Quando um homem não consegue bater punheta direito para uma nega, pode escrever, o sujeito anda caído, anjo derramado demais. Tento imaginar boyzinha na praia, biquini branco, ali, shortinho jogado na areia, como na música do Mundo Livre S/A, mas não tem jeito. Antes de gozar, surge uma gostosa mais óbvia na frente, rabo miscigenado dos tristes trópicos, e esporro feito menino de 13,14.

Só sei que vou jogar em casa. Por que não beber o meu vinhozinho de terceira, um legítimo Dom Bosco – quando sobra grana, compramos um Chateau du Valier, e até jantamos ali na Cantina Star, na Conde da Boa Vista - com Marilene? É só esperar os velhos da pensão cair nos braços de Morpheu e correr para o sucesso. Ô coroa safada! E gosta duma ganja, legítima Cabrobró, a miserável. Fode que é uma beleza. Adora que eu esfregue gelo, que ela guarda especialmente em um isopor debaixo da cama patente (de solteirona) para o nosso encontro, em suas coxas. Suamos como centroavante grosso que carece molhar a camisa para mostrar à torcida.

E olhe que gosto de mulher, mas sou meio preguiçoso pra sexo cheio de munganga e nove-horas. Sinto câimbra só de ver aquelas dez mil posições do Kama-Sutra. Sexo bom mesmo é de ladinho, de manhã, acordando, com uma preguiça medonha, apenas o cacete duro por conta do tesão do mijo.

Aliás, com a devida licença dos atletas, a foda vale mais pelo que se fala do que pelo que se fode propriamente.

Que vontade de falar umas besteiras no ouvido da minha boyzinha. Nem preciso enfiar. Quero só ver a bucinha, mandar que ela ponha o dedinho lá naquele comecinho, no grau zero da vida, ali antes de qualquer profundidade de fato e de direito.

Mandar também que ela tome banho na minha vista, passei sabonete no rabinho, como ordenava um frade tarado, segundo li dia desses nos jornais. Tarado, não, um doente como quase toda a humanidade. Era uma menina de uns 13 anos, que denunciou, junto com mais seis colegas da rua, como o frade Luís havia as iniciado. Nenhuma com penetração. Só dedos, brincadeiras, colinhos. Era um italiano, bom moço de uns 37 anos, defensor da pobreza como ninguém. Caiu na fraqueza, coitado, diante da miscigenação dos Trópicos Ridentes.

Ah, já sei, vou levar o jornal e perguntar se ela viu aquilo. Falo do caso do frade, coitado. Ou esqueço essa enjoada de vez e gamo na minha mudinha?

(Continua na próxima semana. Leia os capítulos anteriores na seção prosopopéia deste órgão.)

Boyzinha, cap. VII 22-fev-2002

Para quem achava que a balzaca já era uma perdição no caminho do nosso Agá-Agá dos pobres, eis que ele descobre as delícias do sexo sexagenário. Mais um capítulo do nosso humilde, mas nada acanhado, folhetim.

Por Xico Sá

Mal gerencio o meu pendor pró-Marilene, a desgraçada me atalha, depois de mais um peixe escabeche, eu já na saída para bater o ponto no Arquivo:

-Já visse o "Último Tango em Paris?"

-Uhunnr... – ensaiei um grunhido de espanto.

-É que eu peguei na locadora, tenho vídeo no meu quarto. Se você for bem discreto, e a sessão começar depois das dez da noite, pode ser convidado pra ver comigo... na maciota...

-Bem...

Sou bicho do mato para tais ocasiões. Mas juro que ela falava na tal fita e eu só pensava naquelas enormes garrafas de manteiga da terra. Derramando direto da garrafa no reguinho inicial da bundinha, a trocar Paris pela carne-de-sol derretida da subida da Serra das Russas, aquela que liga a frouxidão do homem litorâneo à brabeza agreste.

-Sim, o filme do menino Marlon Brando sobre aquele taco existencialista do apartamento vazio! – tasquei, metido a merda.

-Combinado – disse ela.

Passei o dia pensando nisso. Digo, no cuzinho da Maria Schnaider devorado por Marlon Brando. Marlon Brando c'est moi, pensava mais ainda. Foda-se a família, Deus e a propriedade.

Sabia que dava azar bater uma punheta antes do acontecimento. Mas foi o que cometi num intervalo de aborrecimento do trabalho. Punheta no trabalho, aliás, é um alívio dos diabos. Mais-valia no ralo. Pensava eu enfiado na balzaca da pensão.

Saí da labuta e resisti a uma passada na Praça do Sebo, onde boyzinha devia estar a passeio com amendoins e graça. Filha duma égua, deve cair no colo de um seboso qualquer.

Comprei uma latinha de manteiga Aviação e fui para casa.

Passei no meu quarto, tomei um banho, coisa que faço com algum sacrifício, e bati, discreto como um urso-pé-de-lã, na porta de Marilene.

Mui agradável me recebeu.

-Conheces a Maroly, nossa vizinha?

-Muito prazer – estiquei a mão mais punheteira para a linda pré-sexagenária que acompanha Marilene.

A princípio fiquei puto com a presença da boa velhinha na área. Caralho. Combinamos uma coisa e chego aqui, cheio de amor para dar, e encontro uma assombração.

-Você demorou e já começamos a ver o filme – sapecou a anfitriã.

-Pelo amor de Deus, fiquem à vontade.

Eu via a convidada de Marilene e lembrava ainda mais de boyzinha. Até comparava as feições, parecidas – coisa de neta e avó. Marlon Brando discursava. A velha era de uma beleza estrondosa. Esqueça o assombração. Não sei se por lembrar o

DNA da boyzinha ou se pelo meu teor alcóolico na ocasião. Marilene era uma mulher espremida entre duas gerações de desejo.

É ridículo contar a obviedade dos fatos. O filme já falei qual era. As condições históricas estavam dadas.

Nem precisei usar a minha latinha de manteiga Aviação. A anfitriã, safada e óbvia que era, já deixara a manteiga ao pé da cama. A doce velhinha sugou meu pau como nunca havia experimentado, com uma boca flexível de matar de inveja qualquer menina de 15 primaveras. Marilene, ah, só pretendia a obviedade da fita: queria ser enrabada, em cima do taco, enquanto a boa velhinha me ajudava a amanteigar o seu rabinho.

(Continua na próxima semana. Os capítulos anteriores podem ser lidos na seção Prosopopéia deste órgão.)

Boyzinha, cap. VIII 07-mar-2002

Se Deus está morto, tudo é permitido. Cristão sertanejo, medievo total, nossa herói reflete sobre a imoralidade da vida. Siga o nosso folhetim.

Por Xico Sá

Como todo cristão sertanejo ou russo, fina flor do medievo, achei bom demais da conta a lírica putaria com a sexagenária. Mas fica, além do amor de pica, sempre a ponta de culpa que assenta a esperteza de Deus – uma vez morto, repita comigo, velho Fiódor, tudo é permitido.

Putaria com velhinha é baixo.

O que sobrara daquela tertúlia da moléstia era pouca nódoa. Gasto de duas, três conversas com os amigos tarados para quem eu gostava de contar vantagens. Tarados não, literatos. Gente que aprecia uma esculhambação, como Hilton Lacerda, picado pelos mosquitos da pornografia francesa, Bataille, a mãe, o “carai” e companhia.

E mesmo eu, um pacato barnabé de repartição, era capaz de estranhezas que me incomodavam, rapaz criado no cabo da enxada, temente, rezador por chuva. Não que fosse tão escroto, mas inventava ser, para não ficar por baixo, num mundo tão arriado dos quatro pneus da moralidade.

Diga com quem andas. Lembrava disso. E as leituras também eram ruins. Ruins não. Falsas. Eu gostava mesmo era de Graciliano Ramos. Não de putaria francesa. Além disso, tudome tirava da normalidade bíblica para a qual fui feito por meu pai, minha mãe, noite invernosa, em cima de sacos de milho de um armazém no Sítio das Cobras, em Santana do Cariri – confissão feita por meu pai na primeira cachaça que tomamos juntos depois de conhecermos a televisão colorida em sede de município vizinho.

Enquanto isso, longe das oiças, mas colada no meu juízo, boyzinha latia por dentro. Como as cadelas que acompanhavam meu pai nas caçadas a tatus, depois de passageiras chuvas não para molhar, apenas para trazer seca verde. Acuado estava eu por um derretimento desapropriado para machos daquelas estações.

Tanto que um dia, naqueles porres madalênicos, chorei feito uma cachorra abandonada na frente da piveta. Bêbado faz merda, mas aquela!

- Você vai fuder com aquele Matusalém barrigudo, né, porinha! – berrava este nojento que vos abre o coração.

- Seu Zé, calma! – tentava me amansar a peste, sem sequer saber meu nome.

- Seu Zé um cacete – bodejava este infeliz, revoltado com o codinome que recebe qualquer nordestino acima dos 30 por estas bandas.

- Que diabo eu fiz? – indagava ainda a inocente, já amparada por Pedro Américo, o mais sábio dos sebastas daquela praça.

- Sua interesseira, mal saiu dos coeiros e já não passa de uma mulher – desesperava-me. – Vagabundinha de ponta-de-rua!

E parti para cima do velho que levava boyzinha para o motel Praia Norte.

(Continua na próxima semana. Para ler capítulos anteriores, favor dirigir-se à seção Prosopopéia deste periódico)

Boyzinha, cap. IX 18-abril-2002

Fui lá e passei a mão delicadamente sobre os cabelos dela. Ajeitei também as sobrancelhas da danada com o polegar. Estavam suadas. As bolotas dos olhos amarelos se reviraram para me olhar de baixo para cima.

Por Xico Sá

Qual Trinity, meu herói do Cine Plaza, em Juazeiro do Norte, tirei os óculos e parti para cima do desgraçado. Pouco briguei na rua, mas sabia dois ou três truques que impressionavam.

A merda é que a viciada cordialidade nacional, mais uma vez, impediria a contenda. Nos separaram. Mais puto fiquei ainda com aqueles pingos d'água de ar-condicionado. Um acertou bem no meio da minha careca precoce quando a turma do deixa-disso entrou em ação.

Só vi foi os olhinhos da boyzinha num canto, balde de amendoins apertado sobre os peitinhos.

Tinha medo. Acho que me admirava.

Fui lá e passei a mão delicadamente sobre os cabelos dela. Ajeitei também as sobrancelhas da danada com o polegar. Estavam suadas.

Boyzinha, cap. X 24-mai-2002

- Porra, vai lá e come logo esse anjinho, seu papa-figo de merda. Vê se não enche com essa resenha dos seiscentos, – atalhou um irresponsável.

Por Xico Sá

Aquele “oxe, oxe, oxe” não saía da minha mente queijuda. Minha gala de desejo por boyzinha derretia, coalho do amor guardado. Ou seria paixão? Coisa grande, diria. Um velho ridículo, isso sim.

- E é Nabokov, é? – greiavam os inseparáveis grosseiros que me rodeavam.

- Nabokov de cu é rola – bradava este ignorante que vos sopra a prosa, depois de entornar uma dúzia de Ele & Ela.

- Porra, vai lá e come logo esse anjinho, seu papa-figo de merda. Vê se não enche com essa resenha dos seiscentos, – atalhou um irresponsável.

Os babacas ficaram lá no boteco na frente da Livro 7. Comentavam a ensacada que o Íbis, conhecido como o pior time do mundo, levava do Sport – 11 x 0, se o espírito não me engana. L., mais uma vez, imitava o engenheiro Leonel Brizola, além das considerações sobre o Cabaret Voltaire; Zero Quatro falava das chances da aprovação da emenda das Diretas Já; Luciana Araújo discorria sobre a humilhação amorosa imposta por Ava Gardner a Frank Sinatra; Ana Helena tratava sobre “Cemitério Marinho”, de Valéry, sei lá. Uns trezentos poetas disputavam uma espécie de ginástica “minha redondilha é a maior”, Ana Maria explicava, mais uma vez, como o Capibaribe se juntara ao Beberibe para fundar o oceano Atlântico.

Meninas do amendoim, as tunas, terninhas demais pra tanto não, assediavam os cachaceiros. A província fervia no tédio borbulhante dos bueiros do centro, como me recorda, ao menos depois, uma mestiça que nascera para deusa

Só lembrava, enquanto ouvia a prosódia das meninas, daquele lero do velho Freud. Freud um cacete. Era uma suburbana da minha predileção que teve acesso aos livros. Dizia: “Oxe, dão por vontade essas pivetas, o dólar é só uma desculpa de fora do Brasil.

Andava tão enfechado que, juro, vi a boyzinha enlaçada por um daqueles gazos estrangeiros. Toda entregue, embora soubesse das suas convicções.

Num vou dizer que meu pau não endureceu, embora meu coração falisse, frio polar.

Era ela mesma, a safada, embora fingisse, conversa anterior, a falta de pendor para a putaria bancada pelos estrangeiros. Vai-te. Igual a todas, vítima qualquer da Síndrome de Caramuru. Espelhos por buceta, ora caralho.

A danada veio para o meu lado.

(Continua na próxima semana. Para ler toda a novela, siga até a seção Prosopopéia deste periódico sem arrumação).

Boyzinha XI 06-ago-2002

Na sua sina de humilhação amorosa, nosso herói tenta esquecer a boyzinha numa aventura amorosa na lama do Capibaribe. Acompanhe mais este emocionante capítulo do nosso folhetim.

Por Xico Sá

-Rapaz, tu é cricri mesmo, né? Que vira-lata do cão. Ou é um poodlezinho? Me deixa, seu carente! – disse, trêmula pelo flagrante. – Ganho a minha vida como bem quiser. Alias nem entro nessa fuleiragem de verdade, só faço uns cafunés nesses otários e ganho o meu, e priu! – desabafou.

-É...

Como sempre, embasbacado, babaquara diante da minha coisinha, capinzinho de meio-fio, pardalzinho de fio de poste, carrapichozinho na bainha de todas as minhas calças, nesguinha final de lua nova entre os edifícios da 7 de Setembro, erva daninha de beira de BR, papelzinho de presente, cai cai balão de Manuel Bandeira, beirinha de buceta amada, ah, s'eu pudesse e meu dinheiro desse, nem tirava a calcinha, ia só pela beiradinha e soprava todos os diminutivos e lambia a cerinha dos ouvidos, comia e cagava seus brincos mais lindos, me aviadava de tanto amor para dar.

-É o quê?, tu nem consegue falar miserave, diz, diz, me diz o que tu quer, vai, esfola esse bolso de barnabé, vai, vê se tu vale o que tu queres de mim, fulêro...

Arregacei os bolsos como um idiota, como um sócio do Bompreço –cujo slogan nativista para engambelar os bestas era “orgulho de ser nordestino-, um dono do Banorte, um desses vermes de Casa Forte ou Boa Viagem que vêem cifrão nas retinas das melhores meninas.

-Eu não acredito! Tu passa o tempo todo me atanzando, derretido que nem mel de engenho, e agora tem a cara de pau de contar dinheiro diante de mim? Cabra safado. Honra tuas calças disgramado! Cadê o amor que tava aqui, seu cachorro?

Ainda tentei uma ternura atrasada. Esperta, ela me humilhava mais uma vez. Voltei para casa a chupar o frio chicabon da decepção.

Peguei um táxi. O bacurau já havia partido. E descí nas redondezas da Casa de Cultura, antigo presídio que já abrigou, entre outras almas sebosas, o velho e bom Lúcio Flávio, o passageiro da agonia.

Área florida de putas e travestis. E ali deve ter até outras variações: operadas, aleijados que nasceram com bucetas nos sovacos ou nas dobras internas dos joelhos, o caralho a quatro.

Travestis e putas baratos que nem bolo de milho, casca de bananeira assada, em fim de feira. Num sou muito chegado nesse negócio de submundo e putaria por causa da prosa vagabunda de Sexus, Plexus e Nexus. Coisa ridícula essa aura. Buceta pra cá, buceta pra lá. Os escritores fodões são ridículos como os canalhas caricatos. “Oh, minha querida...”. Sempre

Entrei num copo-sujo daquelas bandas, inferninho às claras, fluorescente.

E dei de cara com o que procurava. Galeguinho, 14 anos, segundo relato de Xico Sá que lera n'“O Rei da Notícia”, periódico recifense comandado pelos anarco-armoriais Clériston, Lailson e Paulo Santos.

Recém-chegado de Picos, Piauí, onde trabalhava na roça. O pai o forçava na enxada. O danado do galeguinho só sabia ser espantalho, vestido de sol para afugentar pássaros no arroz. Fugiu da família para exercer a sua verdadeira vocação. Uma menina. Ninguém provava o contrário. O próprio Xico, repórter amador, funcionário bissexto da Livro 7 e cachaceiro da Praça do Sebo, me contou:

- Rapaz...

Subi a escadaria de um hotelzinho levando (a levar, velho Graça!) o bichinho pela crina. Aos solavancos de macho.

-Quer me comer ou quer que eu chupe? – indagou. Fiquei com vergonha daquele eco no hotelzinho quase todo de escandalosa madeira.

-Qual a especialidade? – tive espírito para retrucar.

-Oxe, arromba como quiser!

-Então chupa, vai! – pronunciei, já na tremelica. –Mas não aqui.

Arrastei o mancebo para a frente da Assembléia Legislativa de Pernambuco, casa de Joaquim Nabuco, onde um dia, priscas eras, havia pago R\$ 5 (pelo câmbio da época devia ser bem menos!, idos dos 80) pr'uma suburbanazinha, coisa-d'outro mundo, carne que a burguesia não gera, me chupar na lama do Capibaribe. Ela era pequenininha e se afundava no mangue. Quando dava fé, a danada rastejava aos meus pés, quase toda enfiada na merda do rio.

-Cachorro, vagabundo – ela dizia, dentões brancos que sobravam, caninos de boca banguela.

-Por favor, cãozinho sem plumas –brincava eu, já com o menino, boquinha de Brigitte Bardot saltada. –Ao serviço, pirraia.

E num é que o menino(a), aos 14, disse que entrara na viadagem por conta e obra de Torquato Neto, poeta da sua província. Entendia. E num é que gostava também de Mário Faustino, da mesma misteriosa Teresina.

Cuspi na cabeça e tentei enfiar no labirinto possível.

O(a) danado(a) se arquiou um tiquinho para trás. Uma viatura da “cana” botou os faróis em cima da nossa arte. Sirene e tudo...

(Continua na próxima semana. Os capítulos anteriores estão na seção Prosopopéia deste bravo periódico).

Boyzinha, a safadeza continua 05-set-2002

A pirraia, nossa Lolita dos pobres, revela: "Aquele infeliz daquele delegado me come, quer dizer, enrabo o desgraçado vez por outra também. E agora deu pra me perseguir, um ciúme dos seiscentos diabos!"

Por Xico Sá

Capítulo XII

Cadeia foi pouco.

Tomei umas coronhadas no toitiço e uns chutes no rabo. Um aperreio da goitana. E dormi no chiqueiro com mais uns quarenta, sei lá. Mas pelo menos ninguém fez comigo o que eu estava por fazer com o travequinho de primeira qualidade. Os outros presos andavam tão entediados com aquele entra-e-sai que nem se buliram com a minha presença.

O galeguinho ficou noutra sela.

Isso é o que eu pensava até reencontrá-lo por acaso no Beco do Vento.

"Aquele infeliz daquele delegado me come, quer dizer, enrabo o desgraçado vez por outra também. E agora deu pra me perseguir, um ciúme dos seiscentos diabos!"

"É nada!?"

"Pedi pelo menos pra não judiar de você. Judiam?"

"Nada, esquece".

Odiava essas obviedades de delega enrabar travesti. Saco. Parecia livro policial brasileiro.

Para desanuviar, passei na casa de Lacerda, ali na Aurora. Subiram Hélder e Mônica. Subiram também doctor Mabuse e sua Iracema. Conhaques e putaria à Bataille. Coisa fina, menino. E um ventinho de graça. Fui embora quando começaram falar de música nova. E um debate dos diabos. O velho dilema do regional/universal. Saco.

Cheguei na pensão desordenado do juízo. Meio torto dos enredos. Sequer uma narrativa organizada para uma punheta tinha no juízo. Tentei dormir, mas uma febre me rondou. O caos local também contribuía: Paranóia pulava lá de cima da janela e quase morre no calçamento da rua do Progresso. Boneco, com seu risinho de cabra safado se abria todo. Paranóia era toda obviedade desse mundo, a começar do apelido mais besta, por conta dos seus delírios de maconheiro/cogumeleiro temente a qualquer zoada da polícia. Sonhava com o aperto, corria para a janela e timbugava no vazio.

Nada pior do que tentar se masturbar e não ter novo enredo possível. A morena, aquela branquinha do elevador, a saia quadriculada de Denise, a sabedoria de Ana Helena tantas vezes alvejada. Dalva, a cozinheira da outra pensão da Bispo Cardoso Ayres. Os peitos de Moema na peça de Alberto, a delicadeza de Laila, a voz de aeroporto de Simone, a musa de Casa Caiada. Pau duro, pau mole. Um desgosto.

Desço para as proximidade dos jardins, onde dormem os tantos gatos. E bato levemente na porta da minha adorável sexagenária, eterno retorno. Que me recebe como careço.

Nada pergunta, tão-somente me acolhe no seu colo quentinho. Sabe que desabo. Nem desce a mão até meu pau, como tempos atrás. Adormeço com seus cafunés.

Mas sonho uma tremenda besteira que mudaria minha vida.

(Continua na próxima edição d'O Carapuceiro, mais ou menos de dez em dez dias, ou sabe-se lá quando, dependendo das arruaças etílicas e/ou amorosas dos seus membros. Para ler os capítulos anteriores do folhetim, dirija-se até a seção Prosopopéia deste periódico).

Boyzinha sobe aos céus 17-setembro-2003

Não se falava em outra coisa no

Boyzinha, cap. XIII 23-set-2002

Finalmente, nossa Lola suspira diante de um encanto do velho Agá. Ele conta um sonho, matéria do seu mundo, e ela se derrete toda...

Por Xico Sá

De conchinha, tento dormir sobre o cangote dela. Me impressiona a calma da pele, confortável, sem o viço banal da pouca idade. Aperto seus ossos. Sobretudo o ossinho da bacia, que costumo apertar também nas meninas em flor. São iguais. Esse ossinho é a melhor coisa em uma mulher. Todas possuem. Magras, botterinhas, esqueléticas, sob regime.

Ensaio o pesadelo de quase sempre – uma onça sertaneja, daquelas comedoras de bode e cabras, sinal de perigo da aurora dos 8 anos, me persegue. Mas numa metrópole, como a que vivo agora. Me escondo no beco. Ela revira os olhos para se transformar em mulher. Talvez influência do filme no qual Natasha Kinsky vira pantera. Natasha Kinsky que por sua vez é sócia de boyzinha, se é que você me entende.

Se fosse ao analista, talvez me dissesse coisa, mas caguei para a ditadura do inconsciente.

A velha me aperta gostoso e doce. Uma espécie de dupla maternidade, mãe e avó. Nunca vivi nada igual. Sai cedo de casa. Pior é a nostalgia. Lembro que minha avó gastava a sua aposentadoria em pequenas viagens e eu a acompanhava. Chegávamos muito cedo nas rodoviárias, medo de perder a hora.

Não é noite de pesadelo.

A matéria é sonho puro.

Uma cabritinha com feições cândidas ao pé da cerca, enrosca-se em mim. Coça-se antes na goiabeira, adianta-se, roça nas minhas pernas magras, fuça, lambe meus pés descalços, e baba.

Tem olhos caídos, como os das cabras que imaginávamos meninas feitas. Meus primos mais radicais preferiam as porcas, pela dificuldade, pelo aperto do cuzinho enlameado, por rolarem na lama, pela estranheza, sei lá.

Adorava as cabras, eram ternas.

E no sonho, talvez melhorado aqui nessa narrativa depois de tapiocas com nata, cheiro daquele mundo, a minha cabra predileta era a cara de boyzinha. Como não havia pensado nisso antes? Como não havia resolvido essa dívida tão óbvia?

Na mesma semana, movido a Ele & Ela –caldinho com caninha–, e umas passadas de olhos em “Sete Noites”, uma brochura de palestras do cego J.L. Borges que roubei na Livro 7, peguei boyzinha pelo braço e expliquei tudo.

Nunca me dera tanta atenção –essa mercadoria cara às mulheres, mas da qual eu era que estava precisado.

“Meu pai me dei um carneiro chamado Nero, quando eu era mais pequena”, contou.

Ih, já me senti dentro de um curral moralista do velho Esopo.

“Mas como pode uma cabrita parecer com uma mulher?”, perguntou boyzinha, zolhinhos brilhando –gerúndio sem “d”, como ela falava.

“Podendo”.

“Como podeno?”

“Num é tudo reino animal?”, cutuquei a danada.

“Eu sei”, disse, sem animosidades.

“As feições, o jeitinho...”

Ela adiantou o pescoço em minha direção.

“Mas eu só tenho dois pés!”, resmungou, maldosa.

“Será?”

“Olhe aí pra baixo, conte, num sabe contar não, é?”

Boyzinha esqueceu de vender seus amendoins e ficou jogando conversa fora comigo. Nem me importava com aqueles pingos d’água que caíam no meu cocuruto dos ar-condicionados da praça do Sebo.

“Mas o que você fazia com essas cabritas?”

“Num é da sua conta”, fingi abuso.

“A que parecia comigo como se chamava?”

“Tinha batismo não, ora”.

“Era magrinha?”

“Do seu naipe.”

“Safado!”.

“Oxe!”.

“Mas fazia o quê, vai, pensa que num tenho tudo que é parente no interior, é? Pensa que só conheço a raça humana daqui da praia? Pensa que num conheço as cabras?”

“Fazia nada não, só dengo”.

“Conta, vai!”, ela colou em mim com nunca.

“Tá bom, tá bom, eu te conto...”

(Continua na próxima edição d’O Carapuceiro, mais ou menos de dez em dez dias, ou sabe-se lá quando, dependendo das arruaças éticas e/ou amorosas dos seus membros. Para ler os capítulos anteriores do folhetim, dirija-se até a seção Prosopopéia deste periódico).

Safadeza possível 07-nov-2002

Desci a calcinha de algodão de boyzinha até o meio das coxas. Antes, fiz, de propósito, aquele barulho do elástico contra o ossinho. Szrpresxxxx, algo assim.

Por Xico Sá

Capítulo XIV

Funguei no cangote dela, com uma sequência de cheiros. O cabelinho cheirava a Neutrox, como o das empregadas no fim de tarde das padarias.

-Conta, vai, deixa de lero.

Era assim, ó, voltei a me enroscar no cangote da danada. Queria, mas não queria.

-Conta, se não vou embora...

-Só se deixar contar em você! – atirei-me, como o poodlezinho de sempre.

Distraímos por um segundo a atenção, embora por uma coisa mais que banal, um rato gabiru em correria por debaixo das mesas da praça do Sebo.

-Ai, que nojo – ela me agarrou.

-Ouvi o que propus?

-Tás com onda, rapaz, desembucha o diabo desse sonho. Deixa de ser muquirana de sonho, gasta esse diabo.

-Só conto se for em você – ai reforcei o ataque, com uma sequência mais apressada de cheiros, sequência alternada com levíssimas mordidas no musculozinho do ombro.

-Aqui não, já visse alguma cabrita por aqui, no centro da cidade? –ela me animou.

-Então vamos comigo!

-Pra onde?

-Prum hotelzinho que conheço, ali na Manuel Borba, lindo, asseado, antigão.

-Já visse cabrita em quarto de hotel?

Catei a boyzinha pelo braço, que anunciava nos zolhinhos revirados uma certa queda, e zarpamos dali. Pegamos um daqueles táxis cujas portas são amarradas de cordas de agave.

-Várzea, mago, por favor!

Paramos ali perto do sítio das marmotas, falos gigantes, do artista Francisco Brennand. A mucica era tão grande que esqueci o balde de amendoim de boyzinha dentro do carro. Dane-se.

-Eu te pago, sua besta, vamos – afobava-me.

-Pra onde o senhor pensa que tá me levano? -disse a nega no seu gerúndio sem "d".

Ignorei os apelos.

-Pra contar o sonho, meu docinho de coco – arrisquei uma ironia melosa, melosa.

Ela arriou no cantinho da cerca. Sentou e fez cara de braba. Alisei seus cabelos, mas não me fiz de idiota. Não arredei um palmo do meu desejo.

-Ai eu alisava os pelinhos da cabrita, tinha uma preferida, zolhinhos caídos como os de Sophia Loren. Já vi uma foto de Sophia Loren? Alisava os pelinhos, ela ia se enroscando nas minhas pernas...

Boyzinha riu, demonstrando baixa resistência à saga da minha súplica.

Boyzinha foi curvando as pernas para cima das minhas. Estávamos sentados ao pé da cerca, lembro.

-Não tinha beijinhos – assanhou-se.

-Assim, ó – beijei nas suas costas, ali onde o cabelo longo impede que o sol queime.

Ela ensaiou uma rápida fuga, mas com as mãos no capim, de quatro.

Apertei com força as suas coxas. Colei no seu rabinho. Mas de roupa e tudo.

-Mais devagar, não me machuca – advertiu.

As formigas de roça me atacavam, mas aquilo só ampliava meu desejo. Estourava as calças.

Passou um rapaz de bicicleta, com um rádio enorme. Ouvia uma resenha de futebol. Assobiava.

-Aqui não...

Desci a calcinha de algodão de boyzinha até o meio das coxas. Antes, fiz, de propósito, aquele barulho do elástico contra o ossinho. Szrpresexxxx, algo assim.

-Só brincar, sem gozar dentro –ela disse.

Para quem não imaginava nada daquilo tão cedo, baixei no Nivana.

Detinha-me tanto a apalpar sua bundinha redonda que esquecia do próprio pau.

-Vai, conta, não disse que ia contar – insistiu boyzinha.

-Ai eu pegava a cabrita, assim, assim, nessa posição que estamos, segurava no ossinho dos quadris dela... passava a mão na sua bucatinha, bem delicado, e...

-Vai, vai, bota, mas tira logo, não goza...

-Pode ficar tranquila que tenho diploma em segurar o gozo.

Eu alternava medidas mais fortes com beijinhos leves, quase não-beijos, nas suas costas.

-Tira, tira, tira, não pode gozar.

O mesmo animal da bicicleta, de volta, rádio mais alto ainda, apontou na curva.

Ouvia o programa só com músicas do Rei Roberto, tocava “Detalhes”.

(Atenção leitorado: agora é para valer, animado com o coito ao pé da cerca, nosso folhetinista vai fazer atualizar diária da novela. Sempre às madrugadas.)

Ainda ao pé da cerca 02-dez-2002

Ela, então, passa a alternar pequenas lambidas com o manuseio para lá de correto. Eu fico com a sensação mais primária dos homens desacreditados: acho que é sonho.

Por Xico Sá

Capítulo XV

Tirei o pau na hora h, segundos antes de gozar dentro, educação da necessidade assimilada há décadas. Como sou arrimo de família, sempre fui muito controlado nesse sentido.

Medo de mais um filho, legado da minha miséria, aquelas babaquices de Brás Cubas, lembra? Porque ninguém morre de fome nesse mundo. Reparem nos desalmados debaixo das pontes. É um egoísmo da moléstia economizar na gala sob este aspecto. Onde come um, como mais um e mais um, seu Malthus filhadaputa.

Boyzinha aproveitou que saia um caldinho, aquele primeiro jato, do meu cacete, e ensaiou uma punhetinha.

-Uma coisa que mulher não sabe é bater punheta em homem! –provoquei.

-Sabe não, é?...

O pior é que a danada tinha ritmo e pegava com a força correta.

-Caralho, onde aprendeu isso, menina?

- Só tu acha que sou santa...

- Se não é, parece...

- Dá essa pica, safado!

Ela, então, passa a alternar pequenas lambidas com o manuseio para lá de correto. Eu fico com a sensação mais primária dos homens desacreditados: acho que é sonho.

- Goza, velho mal-comportado... –ela cresce.

- Mais lambida e menos munheca –tendo adverti-la.

- Quem disse que o sr. está sem situação de poder ordenar qualquer coisa?

- Ai, vou gozar...

- O prazer será todo seu...

Tento empurrar a cabeça dela pra ampliar a lambida. Um estampido de gala já voa longe. O primeiro jato foi na sombrancelha dela, descaindo lindamente sobre o olho direito.

-Era isso que o sr. queria? –diz, com olho de cabra morta, enquanto ajeita o elástico da calcinha. Com aquele barulho do elástico da calcinha meu pau rejuvenesce.

-Ih, má teco, vê o que vem ali...

Era uma cabritinha de verdade. Pastava a uns cinco metros de nós.

(Continua na proxima semana... para ler capítulos anteriores, dirija-se à seção Prosopopéia, no menu deste periódico).

Ou a cabrita ou eu! 06-jan-2003

Quando já tentava endurecer meu pau pra enfiar na cabritinha, devidamente já entregue à situação –devia ter antecedentes do gênero, claro - eis que avisto as barbas do velho Francisco Brennand atrás da moita.

Por Xico Sá

Capítulo XVI

E não é que a cabritinha era uma galega linda! Holandesa de interior. Tirei onda, só para arrancar algum naco de ciúme do coração animal que batia colado ao meu.

-Oxe, se liga, deixa de onda...

-Deu pra ter ciúme de cabra agora, foi?

-Duvido que seja mais quentinha que eu – amansou.

-Olhe que eu pego a galega aqui na tua frente!

-Endoidasse o cabeçote, foi?

Aí sai a berrar aquelas onomatopéias de chamar cabritas. Mas havia perdido a manha. Quando encostei no rabo dela, foi uma pernada só. Bem nos meus óculos. Cai feito um idiota, um abest0 50240 0 Tm (o)90 Tm (r) Tj 41 0 041 941 1T Q Q q 18.000002 52Og.036 0 Tr

-Vem gente ali na vereda...

-E eu com isso!

Quando já tentava endurecer meu pau pra enfiar na cabritinha, devidamente já entregue à situação –devia ter antecedentes do gênero, claro- eis que avisto as barbas do velho Francisco Brennand atrás da moita.

Cheguei a maldar, por causa do conjunto da obra de putaria barroca do velho e bom artista da Várzea, que a cabritinha fosse cria dele, lolita do homem.

Ele chegou mais perto, nos cumprimentou gentilmente. Eu tentava disfarçar a paudrecência. O barba botou os olhos em cima da minha boyzinha. Velho tarado. Nos convidou para adentrar o sítio-exposição que tem ali na área.

Senti que a desgraça se aproximava. Boyzinha não suportou tanta gentileza. Entramos, fazer o quê?. Mas sabia que ia dar merda...

(Continua no próximo capítulo. Para ler a novela inteira, dirija-se à seção Prosopopéia deste periódico.)

Boyzinha, novo capítulo 05-mar-2003

O safado do velho Brennand arrasta a lolita do amendoim para o seu labirinto de picas barrocas...

Aí é que mora o perigo. Nosso folhetim, mais quente ainda, está de volta.

Por Xico Sá

Capítulo XVII

-Sabe aquela pica iluminada lá do Porto do Recife, que dá boas vindas aos estrangeiros que chegam pelo mar? – perguntei á boyzinha.

-Que diabo é isso, doido?

-Pica não, rapaz... –aliviou Brennand, riso de velho tarado. Falava de uma obra que ergueria muito tempo depois.

Eu havia sonhado com o monumento. Lembro que, no sonho, a mulher do futuro prefeito Bob Magal havia recomendado que capasse aquele cacete barroco, que era uma pouca vergonha.

-No seu sonho a escultura de boas-vindas, do Recife de frente para as portas do mundo, tem mesmo a forma de caralho? –indagou o artista barbudo com ares daquele Deus pintado nos livros do primário.

-Tem sim senhor!

-Então vou fazer justamente dessa maneira. No meu sonho, não havia tanto erotismo.

-E quem disse que vi erotismo? –questionei.

-Não?

-Vi apenas um jeito do Recife, sempre arredio aos de fora, nunca uma dócil Salvador ou uma sorridente Fortaleza, de mandar todo mundo tomar no cu! Inclusive os que tentaram fazer disso aqui a Nova Holanda.

-Inclusive os turistas!

-Os turistas são tão bonzinhos, gosta tanto dos galegos de longe e de língua embolada –peneirou a safada da boyzinha, ao avistar, ali mesmo no terreiro barroco da Várzea, um bando desses imbecis.

-Mas que coisa interessante essa nossa coincidência de sonhos – retomou Brennand, com os zolhões, com jeito de olho de vidro azulado, no rabicó empinadinho de boyzinha.

-Acontece – desconversei. Logo eu que odiava aquela coisa de um sonho dentro do sonho de Jorge Luis Borges.

-É puro Borges – claro que disse Brennand.

-Que cliclê da porra – parecia berrar a cabrita.

Borges de cu é rola. O que o velho imoral queria mesmo era ganhar uns cafunés dessa pequena.

-Você não quer trabalhar comigo, aqui na lida da cerâmica! – dirigiu-se a ela. Ih, fodeu.

-Ela já tem ocupação – interrompi.

-Mas se compensar eu venho sim...

-Te pago o merecido...

-Boyzinha não tem preço –atalhei de novo.

E o velho mostrava as suas peças com uma safadeza dos diabos. Fazia boyzinha tocar, pegar, correr as mãos levemente, como numa educação dos sentidos rápida, as protuberâncias barrocas.

Boyzinha de deliciava com aquele exercício.

Também não posso negar que estourava a velha calça de tergal com o espetáculo.

O velho babava.

Na segunda-feira seguinte, boyzinha começou a trabalhar naquele ambiente.

O primeiro emprego de boyzinha 14-abr-2003

O sr. Francisco Brennand, que tem orgulho de se intitular feudal, supersticioso e pornográfico, sentia-se um merda diante da bárbarie que redimia a sua crença safada e burguesa. Mas que diabo acontecerá?

Por Xico Sá

Capítulo XVIII

Boyzinha acordou foi cedo, depois de um final de semana dividida entre o comércio de amendoim e uma saída com as amigas para Candeias, barraca de Sérgio Praia, onde tomou umas, inclusive Pitú com tira-gosto de cajá. Também gostava de cachaça com pitomba. E as ostras foram pagas pelos boyzinhos da área. Apareceu Neginho, um carteiro generoso que lembrava o Bukowski de Cartas na Rua, Fábio Goró e Jean-Paul, pasmem!, que tinha essa alcunha justamente em homenagem ao filósofo, que pouco lera, mas sabia o essencial: vida = a nada.

Boyzinha não tinha ilusões financeiras do próprio emprego. Mas pensou: “Ora, além do velho, todo aquele mundo ao redor, esse povo que gosta da tal da arte, tem dinheiro”.

Pegou uma carona até o terminal do Candeias-Dois Irmãos e se foi. Desceu nas cercanias da Várzea e caminhou até o sítio de Brennand, propriedade Santos Cosme & Damião. Porra, passe D, pensou nas economias. E fez as contas de baldes de amendoins vendidos X ganhos na firma barroca.

-E quanto o sr. vai me pagar? Naquele dia nem perguntei, de tão entertida!

-Você merece muito – disse Brennand, olhão azul perdido no terreiro.

-Mas quanto?

-Uns trezentos – disse, o que era mais que o salário mínimo de então, mas na verdade nem lembrava que havia prometido emprego para a criatura. O enfado burguês da segunda.

Boyzinha fez as contas de cabeça, ligeirinha, e gostou.

Também tinha outros interesses.

-O senhor pode me ensinar então o serviço?

O sr. Francisco Brennand, que tem orgulho de se intitular feudal, supersticioso e pornográfico, sentia-se diante da bárbarie que redimia a sua crença safada e burguesa.

-Vamos mergulhar na vida do velho Gauguin! –disse, num entusiasmo que saiu por invenção mas era verdadeiro.

-Gô-o-quê! –assustou-se boyzinha.

-Gauguin, grande pintor. Te explicarei. É importante, nestes primeiros dias, uma lição sobre os homens que me influenciaram.

Influência para boyzinha, como dizia a educação paterna, era levar para o mau caminho.

-Abandonar a vida burguesa e viver a barbárie!- exaltou-se o senhor feudal.

-Oxe, o senhor bebeu a essa hora!

-Arte, minha filha, arte, grande arte!

Boyzinha era acostumada a um mundo mais direto. Apreciou um pouco apenas o que simbolizava a putaria do lugar. Estava achando muito chato aquela prosódia burguesa.

-Gauguin conheceu a barbárie, a selvageria, o Haiti...

-E Barra de Jangada, será que ele sabe que diabo é? Ele comeu baldes de ostras, baratinho, de Itapissuma, em Candeias?.. Achei que o senhor, que faz tanta safadeza nessas coisas aí fora, gostasse pelo menos de ostra!

Boyzinha ria com a perdição burguesa do suposto artista erótico. Erótico é Pitú com um umbu, menos de um real, em qualquer boa freguesia. E sair dali para a safadeza-mor.

Boyzinha achava que enfrentaria safadeza maior. Até, pensava na viagem de ônibus, num ataque de primeira hora. Criou as manhas da defesa, que nem foram necessárias.

Pegou um espanador, coisa de empregado sem ter o que fazer, e saiu abanando tudo. Vestia um shortinho vermelho, desgastado, quase cor do barro do artista local. E quando achava que tudo estava perdido, sentiu uma protuberância por trás, e uma barba a roçar-lhe a nunca...

(Continua na próxima semana... Capítulos anteriores na seção Prosopopéia)

Boyzinha e o ataque de mão cheia 09-mai-2003

A pirraia de shortinho vermelho-cor-de-barro enfia a mão no bolso de F.B. O artista não sabia decifrar o ato. A danada chamou para a moita, enquanto ele, abestalhado, precisa tanger os gringos do terreiro. Nosso folhetim continua...

Por Xico Sá

Capítulo XIX

-Oxe, oxe, oxe... Ô servicinho bom esse, hein, véi safado!

Boyzinha disse. Mas era tão enigmática a repreensão. Que o homem das picas barrocas ficou abestalhado. Decifrar Gauguin é fácil, quero ver é entender uma pirraia com a sola do pé encasquetado de tanto chão quente.

-Como eu ia te explicando... –disfarçou o artista.

-Nhô sim –assentiu boyzinha, mangano do véi, mas se fazeno de escrava diante do herdeiro de sangue açucarado.

F.B. para boyzinha eram apenas iniciais de cerâmica de banheiro de madame.

-Bem, como eu ia te dizeno, o grande valor da arte...

A pirraia de pés-duros e afeita, desde muito cedo, aos ataques bêbados do pai, tios e cabras safados de todos as barracas de Jaboatão, enfiou com manha a esquerda –era canhota, mas na escola a diretora obrigara a escrever com a “mão certa”- no bolso direito de F.B.

-Que que tem tanto nesse bolso, uma garrafa de Crush, é? –a danada encheu a mão.

Por cerimônia estou a perder minha vida. Também nunca fui mesmo de delicadeza. Pensava Boyzinha. Pra quê esse véi safado me quer aqui? Como escrava de forno e fogão é que não é. Pra saber de cozinha os barões gostam mesmo é de nega redonda de gorda, como aquela do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Boyzinha sabia que era gostosa demais apenas para espanar os falos simbólicos.

A danada apertou com jeito.

F.B. gostano e se agoniano. Valha-me Deus.

-Ramo?

-Pra onde?

-Pra moita onde me conheceu!

-Melhor parar com isso...

-Agora é que melhorou...

-Tá cheio de turistas, visitantes lá fora...

-Num tô deveno a nenhum desses galegos!

-E além do mais, a sua função aqui não é essa.

-Só vim por que chamou com safadeza, que eu vi, pensa que só qualquer peniqueirazinha de ponta-de-rua, é? Eu gosto mesmo é de luxar.

-....

-E só faço isso com véi. E rico. Tá cheio de boyzinho querendo me pegar e eu nem aí pra Hora do Brasil.

-Deixe eu ir aqui dentro...

-Cadê a Crush que tava aqui? – Boyzinha provocou, diante do esmorecimento do barroquismo de F.B.

O artista sentiu-se ferido pela pirraia. E reagiu:

-Ô, sua miserável, me espera na moita que vou mandar esses filhos-da-puta desses estrangeiros todos para as pátrias de merdas deles!

Boyzinha ajeitou o shortinho, arrumou os cabelos, meteu a mão nos pêlos dos peitos de F.B. Ele riu, de tanta leveza repentina. Ela ainda teve tempo de puxar a alça da calcinha e fazer aquele barulhinho do elástico contra o corpo.

(Continua no próximo capítulo.... Para ler toda a novela, dirija-se à seção Prosopopéia deste órgão).

Boyzinha desiste da arte burguesa 08-out-2003

De volta a Prazeres, Jaboatão, a menina enlouquece ainda mais o cabeçote local.

Por Xico Sá

Capítulo XX

Boyzinha nem sabe como saiu do sítio barroco da Várzea, reduto das iniciais F.B -as mesmas que aparecem nas cerâmicas dos banheiros metidos de Casa Forte e Apipucos.

Só acordou no terreiro de casa, já em Prazeres, depois de um longo expresso Borborema matinal. O velho artista talvez tenha sido escroto. “Foi não”.

É que ela se enfezou mesmo. Com a vida. Com o sol na cara, com as desvantagens tantas do mundo. Sobrou nada de erotismo para o dedo na bucetinha. Nem mesmo depois de se estirar de novo nas praias de Candeias ou Barra de Jangada com o seu biquíni rosa endoidante. Todos os homens-goró loucos. Juízo, pedia ela.

Se esforçava para tirar a areia, depois do caldo, sem chamar a atenção. Impossível. A barraca de Sergio Praia lotada. Peixe barato, homens a preço de peixes-banana.

Eu não vou sair daqui enquanto ela não sair da água. Um assobio distante lembrava uma futura música do mundo livre s/a.

Outras gostosas passavam. Outras nem tanto. O cálcio das ostras baratas no juízo baldeado. Dez por um tostão.

A pelada.

O ataque rasante, sem tática alguma, afunilamento, canelada e gol. Briga mais na frente, por que não?

Ela pega jacarés, répteis elegantes.

Ela tem fome.

Zolinhos pidões. Ah um camarão alho e óleo. Gosta de coisa boa, espírito da ganância feminina. Um homem que pague, um engano a mais na carteira, um telefone, o orelhão ao longe, sonho comunitário, Prazeres, Jaboatão, terra ainda batida, ela de bicicleta emprestada, roçando no compasso dos buracos municipais, catabios, quebra-molas, ela na ponta dos pés, nos pedais, quase no alto, lá no céu de nós, pobres rapazes.

Ela voltou ao seu mundo. Quem segura? Nem o Deus da Universal, templo novinho em folha do bairro. Só com muito dinheiro, amor e paciência. Ou talvez os três, ela merece e sabe viver aos sábados. Como ninguém nunca soube.

Boyzinha nem lembra mais de passado, tempo como remédio na farmácia, remate de males.

Boyzinha quer uma vida simples, sangue de bairro, como na música dos ônibus. Longe do balde de amendoins e dos sonhos dos barnabés do centro, velhos babões. Boyzinha volta a se enxerir para os rapazes locais, chance dos deuses. Ou será pura fraude?

Boyzinha nunca foi confiável.

O dono do fiteiro da esquina se candidata pra valer. Quer. Baba, nem tão velho assim. Gasto pela maresia, ferrugem do mundo. Ela chega de bicicleta e pega fiado o

que bem deseja, pipoca, chiclete, guaraná, sorvete Kibon, Serra Grande para o pai, a cerveja pra trocar por maconha...

Mas o dono do fiteiro finge que anota na caderneta do fiado. Boyzinha finge que deve na bacia das almas. Ninguém sabe quem é mais besta, ninguém sabe quem é mais sabido. Bactéria, maestro do mundo livre s/a, originalmente de Barra de Jangada, também frequenta as redondezas, também esbugalha os olhos com a nega. “É nada!”, é o que diz. Para não carecer mais no dialeto praieiro local. E quem não quer a danada? Até os crentes afrouxam a gravata no final de tarde domingueiro. Ela conseguiu rasgar uma página dos Salmos para fumar um!

Adonde vai parar essa menina? Nem o pai dela, pobre coitado, resiste mais a tanto clamor.

(Continua na próxima edição.)

Deus te oiça, meu pai! 05-jan-2004

“Essa muniça só num fala mais da vida alheia porque vive comendo... O gentinha pra comer”, diz boyzinha, moça simples, nem tão indignada.

Por Xico Sá

Capítulo XXI

Agora não adianta mais se bolir contra vento e maré. O jornal falado do bairro: boyzinha tá com safadeza de fiado com o dono do fiteiro. Pra se aproveitar.

Como se o dono do fiteiro fosse um leso de tudo. É o besta! Quem não quer aquele jeito de menina e aquele corpo de mulher?!

Boyzinha nem deu pro velho. Mas já está dado e consentido na boca suja e carriada do povo.

“Essa muniça só num fala mais da vida alheia porque vive comendo... O gentinha pra comer”, diz boyzinha, citando seu amigo Zé Telles.

O povo mastiga espiga de milho, pipoca doce e salgada, manga, coxinha, comeu-morreu, picolé, batata frita cheia de óleo, churrasquinho de gato na porta do Arruda, na Ilha, nos Aflitos, na parada do bacurau da Dantas Barreto, no terminal de Boa Viagem, nos pontos de Barra de Jangada, ô povo sem dente pra comer!

“Por isso que tá tudo gordo, deselegante, cada pança!”.

O velho do fiteiro tá doido. Os pirralhos de Barra de Jangada aproveitam. Ele dá tudo de graça. Boyzinha ainda com pena do seduzido. Sempre foi caridosa.

“Pois agora que tão falando eu vou...”

“Vai o quê, safada!”, chega a mãe, que foi das mesmas artes, foder é destino.

Mais tarde. De noite. O pai é quem chama:

“Entra pra dentro, menina!”

Boyzinha escuta música ao longe.

“Do jeito que tu vai, minha filha, tu termina rapariga!”

“Deus te oiça, meu pai, Deus te oiça”, responde boyzinha, quilômetros mais adiante, no colo de um turista alemão lá no terminal de Boa Viagem.

O povo come, o povo fala; a mulher do dono do fiteiro aperta o velho. Confere a caderneta do fiado. Fiado só a amanhã, diz a plaquinha em vão. Fiado só para maiores de 90 acompanhado dos pais, diz a outra placa que faz sucesso no fiteiro. Mas o coração do homem é que faz de fato todas as leis da econômica. Seu Fulgêncio é coração-mole. Boyzinha tem levado tudo o que quer. De barbie falsificada –o velho tem um braço no comércio exterior da Ponte da Amizade- à bolsinha LV.

“Se fosse depender de homem novo e bonito tava era lascada!”, ela prega para as boyzinhas mirins.

Seu Fulgêncio gosta quando ela passa a mão no seu peito. Um dia deu uma mordiscadinha. Seu Fulgêncio armou o circo-tergal. Ela não deu mesmo ainda para o dono do fiteiro.

Por causa de boyzinha, o velho-ferrolho, que sempre entrou no mesmo buraco quase toda a vida, animou-se para o mundo. Tem fé, acende vela, elogia o governo. Ele sabe é valorizar essa renascença dos países baixos.

Boyzinha é alegria. Desde que voltou a reinar em BJ, até os crimes despencaram.

“Em compensação... todo mundo tá na base do matá-la na mão!”, gréia Bactéria.

Ô menina disposta pra alegrar a vida alheia.

A merda é que os coroas da Praça do Sebo, os classe média ou metido a, os letrados inconformados, montaram um CCB, Comando de Caça à Boyzinha. Eles são muitos, não dependem de ônibus, e estão chegando...

(CONTINUA...)

O bonde perdido e o motel Seicheles 15-jan-2004

A sorte, sorte o quê?, é que a infeliz havia sido vista ainda depois do jogo do Sport, umas dez, dentro do fusca do velho do fiteiro. Não havia voltado até alta madrugada.

Por Xico Sá

Capítulo XXII

Parecia uma excursão montada pelos coroas. Partiu o bode chamado desejo.

Para quase todos era apenas uma gréia localizar boyzinha. Ou apenas tomar “umas” no caminho. Para Agá-Agá, não. Depois de muitas noites no Aritana, onde sempre reanimava os fracassados planos intelectuais em conversas com o professor Roberto Martins, seu quase amigo, sentia a falta da boyzinha dos sonhos.

Martins sempre dava a mesma desculpa ao tomar um uísque –sabe, professor universitário tem bufunfa pra tomar do bom e do melhor- de que estava ali por questões antropológicas. As mestiças passavam, peitos de fora, e ele dizia, sempre rotineiro, sem nenhuma aventura:

“Tá vendo tu, o mestre de Apipucos é que estava certo, salve a mestiçagem!”.

Um brinde. Muitos uísques, infinitos brindes.

“Como tiraram onda da minha presença no bonde, saltei fora. Nem fudeno.”

Palhaçada.

Tomei o rumo da pensão. Ali na esquina dos Correios, antes de atravessar a ponte para a Boa Vista, debreei. Lembrei de uma menina, que tinha dúvida que poderia ser uma menino, ou algum ensaio de travesti dali, você, sabe, dos postes na frente da Casa de Cultura –sabe, onde Lucio Flavio, passageiro da agonia, chegou a ser preso.

Sei que os palhaços, ah, esses poetas do Recife, viúvas do lirismo de Carlos Pena Filho, soneto do dismantelo blues...

Sei que os palhaços seguiram.

Erraram o caminho, mesmo acompanhados de uma outra vendedora de amendoins que caiu na onda de ensinar a rota.

“Tô perdida, nunca vim de carro, só de ônibus”, dizia a danada, já no colo de um anormal daqueles.

Foram parar no Amarelinho, em Prazeres. Só lamentei não comer aquelas codornas, tira-gosto de primeira. Ali, você na cerveja na calçada, e as jambo-girls deslizando nas suas bicicletas. Mas prefiro as caldo-de-feijão.

Depois seguiram viagem e acertaram o caminho.

Barra de Jangada dormia, soube depois por Bactéria, quando aportaram. Bando de fela da puta. A guia, já doidinha do cabeçote e se esfregando até em poste, levou os poetas irresponsáveis bem pra frente da casa de boyzinha.

A sorte, sorte o quê?, é que a infeliz havia sido vista ainda depois do jogo do Sport, umas dez, dentro do fusca do velho do fiteiro. Não havia voltado até alta madrugada.

“Rapaz, né por nada não, mas acho que o velho fez uma presença com ela no Seicheles”, contou Bactéria.

Donde Seicheles vem a ser o motel mais grã-fino de todo o Nordeste. Coisa fina, teto para o céu de estrelas, diz o jingle.

Os palhaços acordaram todo mundo, mijaram nas florzinhas onze-horas na frente da casa dela. Mas também, bem feito, saíram de lá debaixo de bala... (CONTINUA...)

Butano areia 02-mar-2004

O folhetim "Boyzinha", que se arrastava não sei pra d'onde, adormece sob o céu de pitus...

Enquanto isso, o irresponsável do folhetinista enrola com uma coisinha qualquer.

Por Xico Sá

Capítulo XXIII

Nunca bata punheta antes de um sonhado encontro. Dá um azar danado. Como se Deus castigasse pelo excesso de confiança. E Deus, você sabe, é chegado em uma sacanagem com os punheteiros. A tal mão divina, aquela mesma que empurra a bola, aos 49 do segundo tempo, contra o gol do nosso time do coração. Em sexo e futebol, nunca conte com o Barbudo, Ele só joga contra.

Mas é difícil controlar a ansiedade quando a areia renderia umas dez viagens. Começamos a carregar aquele Saara sempre na véspera.

(FIM DA *BOYZINHA* ATÉ ENTÃO)

Cristo pregado, e as formigas judiando 05-abril-2004

No início era Zé Pimentel, o Jesus oficial e vitalício do coração do povo pernambucano... Ele reinou até o período a.C.C, antes dos Cristos de Caras.

Por Xico Sá

Que Jesus de Mel Gibson que nada, que Je vous salue Marie que nada, Franco Zefirelli também num pegava uma letra. O clássico dos clássicos mesmo é José Pimentel, que fazia o Jesus de Nova Jerusalém a.C.C. (antes dos Cristos de Caras).

Preterido pelos Cristos de novela, mudou-se de mala e cuia para o estádio Arruda, onde continua a levar no lombo durante a Semana Santa. Professor de-não-sei-o-quê deste escriba, na várzea da UFPE, ele contava que o pior momento do drama, o mais bíblico, o mais sofrido, era quando as formigas de Fazenda Nova s

Fantasmas & Canalhas 26-abril-2004

22 de agosto de 1981, o dia que nunca acabou... Haja choro e ranger de dentes.

Por Franciel Cruz

Um espectro ronda de forma indelével a inteligentzia tropical - o espectro de Glauber Rocha. Desde que Dona Lúcia o pariu em Vitória da Conquista há exatos 65 anos, no 14 de março de 1939, ele não pára de assombrar. Mas, sua figura fantasmagórica tornou-se mesmo insuportável depois de 22 de agosto de 1981, quando ele bateu as botas em um hospital do Rio de Janeiro.

Definitivamente, este é um dia que nunca termina. A partir de então, é só choro e ranger de dentes. Viúvas verdadeiras, falsas e outras maizomenos protagonizam uma ladainha sem fim. Agora mesmo o cineasta entrou novamente na roda pelas mãos de Silvio Tendler com Glauber O Filme, Labirinto do Brasil.

Tento até ser compreensivo, mas meu maltratado saco transborda quando se descamba para o inevitável: "o que Glauber faria se estivesse vivo diante de...?". Caralho. Mandaria às favas os problemas de consciência, os culhões de Cristo, estas indagações impertinentes e continuaria com sua trajetória de loucas profecias e incoerências, ora...ou não? como diria a vedete santamarense.

Por falar nela, outro dia, em uma de suas chatas, inúteis e intermináveis polêmicas, contou que Glauber lhe confessara: "meu candidato a presidente é ACM". Eta carai de asa. Viva a macumba transcendental! Aliás, nos apaixonados debates sobre arte, política, revolução e outros bichos afins, tão comuns em sua época, o conquistense guiava-se pela máxima do lírico Mário Quintana: "Que fique mal explicado. Não faço força para ser entendido. Quem faz sentido é o soldado".

E já que estamos no campo dos devaneios, Terra em Transe. O filme é, com perdão da má palavra, um oxímoro. Nele, Glauber expõe todas as suas dores, contradições e esperanças a partir de uma representação atemporal dos dismantelos e (im)possibilidades de grandezas de Pindorama. À parte eu apreciar muito os gritos lancinantes das óperas místicas de literatura de cordel e faroeste que são Deus e o Diabo e o Santo Guerreiro, acho Terra em Transe superior. E nem vou entrar nesta polêmica específica. É apenas minha mísera opinião.

Aliás, nem era só de Glauber que eu queria tratar quando comecei a digitar estas mal traçadas. Desejava também falar sobre o retrato do artista quando (se transforma em) canalha. Não, cambada, não é Glauber, mas sim Fagner. E onde é que a Bahia faz fronteira com o Ceará? Seguinte. Outro dia um amigo me contou que o Raimundo, nome que serviria para a rima drumondiana, transava nas escadarias do hospital em que o filho de Dona Lúcia padecia. Pensei: taí um cabra que era, novamente com o perdão da má palavra, tão iconoclasta quanto o Dragão da Maldade. Um homem que botava pra fuder, literalmente. Estreou em LP já furtando Cecília Meireles.

Porém, para além do amor ao alheio, Manera Fru Fru, Manera ou o Último Pau-de-Arara é uma pequena obra-prima. Entre outras malcriações, cometeu Orós, um disco absurdamente inquietante, com o auxílio luxuoso do bruxo Hermeto; no intermezzo, ainda gravou o bolachão que contém o biscoito finíssimo Sinal Fechado; produziu e incentivou artistas novos; apoiou talentos; jogou bola com Chico Buarque e... comeu gente na escada de hospital. Enfim, fez misera.

Depois, todo o mundo já sabe o processo de vergonhosa patifaria a que este se submeteu. Abstenho-me de comentar. Só uma surra de cansação e urtiga neste moleque, que hoje é filiado ao PSDB do Ceará e faz canções mela-cueca. Tá tudo bem, tudo muito certo, mas cadê a moral da história? Sim, porque toda a fábula tem que ter uma. Se todos assim o fazem, não seria eu que desta lei da natureza deveria ter isenção. Vamos lá.

FANTASMAS: Gênios que morrem antes do tempo, como convém aos de boa cepa, e ficam perturbando mentes, corações e provocando desmantelos nos intestinos.

CANALHAS: Nós outros, gênios ou imbecis, que permanecemos vivos.

Big-Jato, parte I 18-agosto-2004

Depois da novela "Boyzinha", paralisada por fraqueza sexual do autor, um novo folhetim estréia no Carapuceiro.

Por Xico Sá

Meus colegas de escola zombavam, embora muitos deles fossem tão fudidos quanto eu:

- Tudo que ele come, tudo que ele vive, vem da merda!

Meus colegas tinham razão.

Meu pai, Francisco, era o dono do Big-Jato.

O caminhão mais famoso da cidade, um Crevrollet, ano 60 e tantos, que arrastava um depósito de merda, bosta mesmo, resultado do desentupimento das fossas de muitos lares.

Meu pai ganhava a vida com a merda.

Eu saía na boléia do caminhão, depois da escola, orgulhoso. Ao lado dele. Ele limpava os subterrâneos da cidade.

Uma fossa estourava, cheia de merda, lá estava o Big-Jato e o suas grossas mangueiras sugadoras.

Um bocado de meninos, com inveja porque eu era filho do dono do caminhão, assistiam paralisados aos desentupimentos. Meu pai chegava com a sua equipe, ele e mais dois caboclos dispostos, adentravam as casas com a velocidade de bombeiro de filme americano, esticavam as mangueiras fossas adentro, ligavam o motor do carro, a merda voava. O velho Francisco vibrava com aquela zoadada da merda nas mangueiras. Os mais metidos tampavam as ventas.

Duas, três horas depois, dependendo da fundura da privada, o serviço estava feito. Os donos das casas ficavam mortos de felizes. Podiam cagar de novo à vontade. Meu pai embolsava uma boa grana e partia para despejar a bosta alheia em algum aterro para as bandas da Boca das Cobras, sítio próximo.

A cidade de Juazeiro ainda era pequena. Não chegava a 100 mil habitantes. E meu pai também não tinha o monopólio da merda. Havia concorrentes.

Mas era o melhor negócio do mundo para a pouca sabedoria dele. Um amigo da família tinha visto algo semelhante em um bairro do Recife. E aconselhou o velho: "Merda dá dinheiro, a cidade cresce assustadoramente, o futuro daqui está na merda, é muita gente cagando ao mesmo tempo, agora mesmo, enquanto a gente prosea, tem uma porção de cu trabalhando por aí".

Um caminhão caindo aos pedaços, um motor, uma bombinha de sucção...

Meu pai entrou no negócio com o preço lá embaixo. Todo dia tinha serviço. Até mesmo as casas cujas fossas ainda não estavam para estourar, chamavam o Big-Jato para fazer um trabalho preventivo.

Eu gostava mesmo, no entanto, era quando a merda já invadia as casas. Um fedor danado. Fossas estouradas. Nesse tempo ninguém tinha essas frescuras todas com higiene.

- Pai, quanto tempo eles levaram para cagar tudo aquilo?

O velho frescava, às gargalhadas.

E passava a fazer cálculos malucos que me divertiam:

- Vamos supor que era uma família de dez pessoas e pelo menos os homens cagavam duas vezes por dia...

Eu morria de rir com as equações.

- Onde se conclui que cinco marmanjos, em um clã bem alimentado, despejem pelo menos 2,5 kg de detritos diários...

Eu viajava nas contas.

- Vamos supor que uma fossa, em média, tenha 15 metros de profundidade...

Voltávamos eu e o meu pai felizes. Na esquina de casa, ele freava o velho Crevollet. Pedia duas cachaças.

Cresci adorando aquele ritual: com o primeiro copo ele lavava as mãos supostamente sujas de merda; o segundo entornava.

- É, meu filho, no meio de tanta safadeza dessa cidade, ninguém pode nos acusar de fazer um serviço sujo!- dizia, às gargalhadas de novo com o dono do bar, lugar freqüentado por ourives ladrões de romeiros do padre Cícero e traficantes de fósseis da Chapada do Araripe, uma das maiores reservas do gênero no mundo.

Duas, três cachaças depois, o motor do caminhão ensurdecia as redondezas. Meu pai estava feliz. Voltávamos para casa. Meu bucho estourava de Cajuína São Geraldo ou guaraná. Cacique, nosso cachorro, nos sorria latindo, como na canção de Roberto.

(Continua na próxima semana).

Big-Jato, Capítulo II 12-setembro-2004

A mãe do nosso herói tinha uma razão especial para não gostar da atividade do pai: a sua implacável prisão de ventre.

Por Xico Sá

Minha mãe odiava quando eu e o meu pai, durante o jantar, comentávamos sobre aqueles dias de merda. Meus seis irmãos, todos novinhos, riam.

“Passa o feijão e cala a boca, isso é assunto que se fale em uma hora sagrada dessas”, dizia minha mãe.

Eu ria sozinho, sem falar mais nada. Ria só em pensar que tudo aquilo, uma farta refeição com um ovinho por cima –daqueles que a gente só come na casa materna_ viraria merda também.

Adorava observar como cada alimento se apresentava enquanto fezes. O milagre do feijão que saía às vezes inteiro, a pele resistente do tomate, a linda merda quando comíamos abóbora.

Desculpem a sinceridade, mas a minha vida era uma merda só. Mirar o próprio cocô, diziam os mais antigos, era qualidade de quem não tem lá uma grande queda pela inveja. O invejoso de mancheia jamais terá esse ato de generosidade.

Minha mãe, confessara meu pai durante a parada na bodega para a cachaça, tinha uma razão especial para não gostar do assunto e das atividades em torno do Big-Jato. Minha mãe sofria de uma terrível e permanente prisão de ventre.

“Quando ela consegue fazer o serviço é uma festa, noto que ela fica muito feliz...”, contou o velho Francisco. “As mulheres geralmente, pelo menos as que eu conheço, têm mais dificuldades do que os homens nesse sentido...”

Fiquei morrendo de pena da minha mãe.

Coitada, não podia exercer um dos maiores prazeres da humanidade, uma boa e feliz cagada. Ainda mais ela que fumava. Para os fumantes, o cigarro durante ou depois é um gozo a mais.

Ela adorava quando o meu pai era um simples bodegueiro. Depois que passamos a ganhar a vida com a merda alheia, o sofrimento dela se ampliou, mesmo tendo uma vida mais confortável, podendo comprar inclusive um vestido novo por mês nas Casas Pernambucanas. Várias vezes testemunhei quando ela chamava ele de “porco imundo que chafurda na sujeira dos outros”. Minha mãe, bem educada, nunca falou a palavra merda na frente das suas crias.

“Meus filhos, triste do homem ou da mulher que não caga bem!”, dizia meu pai, enquanto derramava um golinho da cachaça para o santo. “Eu conheço de longe a criatura que não caga bem... é uma criatura infeliz.”

Fora minha mãe, todos cagavam bem lá em casa. Meu pai passava horas na privada, ainda aquelas chamadas latrinas, no tempo em que ainda não cagávamos sentados –somente mais tarde viríamos a conhecer o luxo do vaso, do trono de louça.

Como era triste a vida da minha mãe, eu pensava. Depois que fiquei sabendo dessa sua intimidade, a mim confessada pelo amor da sua vida, tornei-me um filho bem melhor, procurando dar o mínimo trabalho possível. Olhava para ela e imaginava a coitada se espremendo toda no banheiro, sem conseguir o seu intento.

Um dia convoquei os meus irmãos para uma assembléia no quintal só para pedir que entendessem nossa mãe, uma infeliz. contei sobre o seu problema. Os meninos riram, não compreendiam a profundidade do problema. Uns lesos.

Minha irmã mais velha disse que eu estava enlouquecendo com essa obsessão pela merda. Meus amigos também. Eu grafitei, no banheiro da escola, que já possuía vaso sanitário, um famoso hai-cai de domínio público:

“Cagar é uma coisa profunda

A bosta bate na água

E a água bate na bunda”.

MACUMBA ACIDENTAL

Síndrome de Mário de Andrade 30-junho-2000

Macumba Acidental é o nosso despacho na encruzilhada do folclore. Contra a síndrome de Mário de Andrade e o seu apanhei-te exotique. Nova coluna discute arte & cultura desse mundo grande sem porteira.

Por Xico Sá

(Texto para ser lido antes, depois ou durante “O Fole Roncou”, versão da Nação Zumbi para o clássico de Luiz Gonzaga, disponível [http://www.uol.com.br/manguetronic/mp3/OFoleRoncou\(Nação Zumbi\)](http://www.uol.com.br/manguetronic/mp3/OFoleRoncou(Nação_Zumbi).). aqui e agora em arquivo mp3*)

Nosso dever cristão é buscar um culpado. E o culpado é Mário de Andrade. Eu via umas branquinhas paulistanas, até bonitas, e pensava: o culpado de tudo isso foi o desgraçado do Mário de Andrade, aquele turista acidental filho-de-uma-égua. As branquinhas da classe média das Perdizes ou da Granja Viana, ou ainda da Vila Madalena, dançam o xaxado ou coco para expiar a culpa. Tudo por causa do vanguardista folclórico que tirou a macumba da encruzilhada e pôs no Vale do Anhangabaú; embalsamou o groove, fez o diabo no Conservatório Dramático...de

Eu conspiro, tu conspiras, eles vendem 21-ago-2000

Angustiado, nosso crítico fala sobre o folclore de resultados ou como purgar a culpa e ainda sair ganhando.

Por Ivan F.K.

Tudo bem, vai!, os caras são bonitos e bacanas, e querem mostrar os fundões do Brasil de qualquer jeito. Os caras não têm culpa de terem nascido numa família legal; os caras querem purgar os pecados de qualquer jeito. Pô, é só arrumar uma produção bacana, luz, roupa fashion nos matutos, candeeiro, ação! E os caras além de purgar as cerimônias da classe média urbana ainda ganham uma puta grana com a estética do jegue-paralisado. Tem melhor negócio para a alma e para a carne? Num tem.

(É a Síndrome de Mário de Andrade na cabeça. Mário, apanhador de estribilhos, fez a coisa certa. Sem ter culpa, porém, foi entendido por ouvidos tortos. Resultado: virou emblema da classe média que precisa pagar os seus pecados pela raiz.)

E num digo que ainda dei umas risadas com triste filme. Brasil Legal. Êba! Essa é a outra grande arte: fazer rir donde poderia rolar uma cortina ou horizonte (responda-me rápido ó Rosselini-Araújo que não tenho tempo pra acessar tantos bancos de dados!) de angústia. Os caras são bons, ricos e sarados. Estas maltraçadas não passam de inveja de pobre mal resolvido; amigo de cineastas de província que não conseguem bancar sequer para o festival do minuto.

Os caras são saudáveis, quase beiram o nacional-popular; os caras entendem a alma brasileira como os Suassunas de Princesa. Os caras fazem macumba para Cannes e Quixeramobim.

Os caras são um bom partido -Consenso do Leblon. Os caras vão longe, caro Richard Bach!

I.V.K, Morada Nova, terceira via à direita depois da Miami dos Tristes Trópicos, antiga, brava e guerreira Nossa Senhora de Fortaleza.

Quando tu balança, dá um nó na minha pança 14-set-2000

Como paulistas, cariocas e as casas de turismo do Nordeste não entendem do riscado e do for all.

Por Xico Sá

(D'aprés comentário sábio do jovem Marcus - Marquinho - Figueiroa, futuro pai-de-família, testemunha ocular de arrasta-pés em terras nordestinas, cariocas e paulistas)

A boa propagação do forró no dito eixo Rio-São Paulo e até mesmo n'alguns redutos turísticos das Capitais nordestinas parece esquecer o velho ensinamento do for-all de Luiz Gonzaga. Como cantou o mestre dos oito baixos e referendou a banda Eddie, no disco "Baião de Viramundo", tributo produzido recentemente pelo selo Candeeiro e estúdio YB, isso é um negócio de pança.

O que os negos estão a dançar por aí não passa de um arremedo de lambada. O filho-da-mãe pega a mulher e joga para um canto e para outro, sacode a nega como se fosse um tronco de bananeira. A nega mostra os trajes íntimos sem necessidade, um deus-nos-acuda sem precisão alguma.

Dia desses, na espera de um show do Mundo Livre S/A em São Cristóvão, reduto nordestino ali pertinho da gol dos fundos de São Januário, fiquei pasmo como as novas gerações acham que o for all é o que vêem no Gugu ou no Faustão. Se os pais deles vissem aquela presepada. A sorte é que as caboclas, mais para as Jesualdas do lirismo de Jorge Bem, seriam formosas até nas coreografias de Ana Botafogo.

Dias desses também no Blen-Blen... a decepção foi a mesma. Até mesmo no Patativa, em Santo Amaro, lá no caminho da represa, os mais novos teimam em dançar como se o mundo fosse se acabar na aurora boreal seguinte...

Forró é miudinho. Só não é minimal porque esse palavra é abominável e hoje serve para explicar qualquer coisa de caderno A, B ou C.. Mas é coisa de pança mesmo. É lindo porque é dos tempos em que os homens de verdade e as mulheres idem tinham uma pancinha mínima para remexer juntos. Tinha tesão, o suor escorria pelo pescoço, tinha gemedeira baixinho, o diabo-a-quatro. Só não tinha aquela apresentação toda que mais parece o Gipsy King's coreografado pelo diretor de "Eu, Tu, Eles".

Calma, meninos. Forró é como se fosse alguém recebendo alguém que ele gosta. É uma dança para dentro, consumo interno. Não é o que vocês vêem na TV, que precisa exhibir calcinhas ridículas. Forró é caracol, ensimesmamento, paudurescência, é quase aquele fogo que arde e não se sente do lirismo camoniano.

O beatnik do Cariri 04-out-2000

Muitos antes da prosódia beat de Ginsberg cair na estrada, Patativa do Assaré corria mundo com a sua poesia.

Por Xico Sá

Com pouco mais de 1 metro e meio de altura, o que o inscreve na patente dos homens-gabirus - vítimas da desnutrição brasileira -, o cego cearense Antônio Gonçalves da Silva, 91, Patativa do Assaré, pai de 14 filhos, conseguiu como poeta um índice de popularidade só alcançado no Nordeste por astros da música ou da TV. Antes mesmo do primeiro beatnik cair na estrada, o bravo caririense já rodava mundo, a pé, lombo de jegue, boléia de mistos, rural ou carrocerias, de feira em feira, com loas na ponta-da-língua sobre tudo que se bulia na sua frente.

“Meu filho, o meu fraco é fazer versos, qualquer outra coisa que afirmarem a meu respeito é besteira”, diz. Sem esperar a morte, mais ciente da sua sombra, cutuca: “Vou ficando por aqui, sem confusão ou maiores sabedorias, à espera da velha da foice”.

Reconhecido em três novos livros como o maior poeta popular do país, diplomado como doutor “Honoris Causa” pela Universidade Federal do Ceará, sua terra, nome de rodovia, rua, museu e posto telefônico, Patativa é capaz de encher praças interioranas com cerca de 5 mil pessoas para os seus recitais, fenômeno nunca alcançado por uma leitura do gênero no Brasil. Louvado em múltiplas cerimônias oficiais de governos, prefeituras, Câmaras Municipais e faculdades, o trovador corre o risco de “morrer de tanta homenagem” - expressão utilizada por João Cabral de Melo Neto para ironizar as repetidas louvações e eventos que os pernambucanos promoviam para o amigo Manuel Bandeira, no seu apagar das luzes.

Patativa sabe do risco de morrer de tanta homenagem. “Não tenho mais saúde, nem vista, para sair daqui da minha casinha, mas mesmo assim todo dia tem um convite”, lembra. “É um vai-vem dos diabos”.

O autor de “A Triste Partida”, saga gravada por Luiz Gonzaga em disco de 1964, é quase um santo na região do Cariri, onde as pessoas o veneram, festejam e pedem chuvas. Seus discos de poesia - um conjunto de seis LPs - e os recitais ao vivo têm tanta audiência, embora menos direitos autorais, do que sucessos do axé baiano e coisas do gênero. Pelo menos 40 programas de rádios “tocam” os seus versos nas emissoras que abarcam do Maranhão a Sergipe.

Brasil de cima e Brasil de baixo

Autodidata, numa região onde o analfabetismo a partir dos 15 anos beira os 60%, Patativa é autor do conceito de “Brasil de cima e Brasil de baixo”, que demarcou, antes de qualquer jornalista, o conceito entre o Brasil real e o país real da fantasia brasiliense:

“No Brasil de cima anda
As trombetas em arto som
Ispaiando as propaganda
de tudo aquilo que é bom

No Brasil de baxo a fome

Matrata, fere e consome
 Sem ninguém lhe defendê;
 O desgraçado operaro
 Ganha um pequeno salaro
 Que não dá para vivê.

No Brasil de baxo eu
 Nas pontas das pobre rua
 O descontente cortejo
 De criança quage nua
 Vai um grupo de garoto
 Faminto, doente e roto
 Mode caça o que comê
 Onde os carro põe o lixo
 Como se eles fosse bicho
 Sem direito de vivê”

“O conceito dos dois Brasis é uma das grandes descobertas de Patativa”, diz o pesquisador de cultura popular Assis Ângelo, autor de “O Poeta e o Povo -Vida e Obra de Patativa do Assaré”, um luxuoso volume editado pelo CPC/Umes, de São Paulo.

Em “Patativa do Assaré”, de Gilmar de Carvalho (Editora Fundação Demócrito Rocha, Coleção Terra Bárbara, 80 páginas, R\$ 5), o leitor tem um livro bastante didático, uma espécie de guia para entender o fenômeno. Doutor em semiótica pela PUC de São Paulo e professor de Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Carvalho traçou também uma mapa da simbologia embutida nos poemas do autor.

“Poderíamos dizer que Patativa seria a síntese de todos os poetas tidos como populares. E a expressão ‘popular’ deve ser usada com muita parcimônia, para satisfazer, talvez, à necessidade que algumas pessoas têm de rótulos”, anota Carvalho.

Lançado no início deste ano, “Cordel”, de Sylvie Debs (Editora Hedra, 130 páginas, R\$ 10) completa a trilogia sobre Patativa. O livro fornece as informações necessárias para quem deseja conhecer o autor e apresenta uma boa amostra das suas atividades.

Camões, a influência

Patativa (batismo de uma avezinha azulada, comedora de arroz ainda na casca) do Assaré (nome da cidade cearense que significa atalho em tupy-guarani e se encontra a 600 km de Fortaleza) frequentou poucos meses de escola, não chegou a um ano, mas leu tudo, e sabe “de cabeça”, quase todos os versos de Camões. Começou a fazer poesia aos 16 anos, quando vendeu uma cabra para comprar uma viola e cair na vida de repentista - depois abandonada pelo verso à palo seco, sem acompanhamento de cordas.

Para o poeta paulistano Mario Chamie, autor da “Poesia Práxis”, Patativa torna culto o improviso popular. “Nesse sentido, ele é a afiada ‘faca só lâmina’ cabralina que trafega de um gênero a outro, como se fosse um trovador medieval temperado ao molho de Gil Vicente, Berceo ou Gergório de Matos”, diz Chamie. “O João Cabral, de ‘Morte e Vida Severina’, não provou também o mesmo tempero, sob o amparo da

norma literária. Comparem-se os usos de versos de sete e oito sílabas entre Patativa do Assaré e João Cabral. Nos dois, o tempero das construções, ao mesmo tempo barroco-populares e cultas, trazem o travo cortante e saboroso de um paladar variado e imagens, conceitos e descobertas significativas”.

“Estudioso de tudo quanto é canto, da França e da Inglaterra, dizem um bocado de coisas sobre o que eu faço. O que eu faço é tão simples que num precisa dessas explicações todas não”, anota Patativa, com o seu minimalismo sertão-veredas.

*Estas maltraçadas, com algumas modificações e idêntica autoria, foram publicadas também pelo sítio No. (www.no.com.br).

Da mi-carême aos picaretas 19-fev-2001

Fomos buscar a origem dos carnavais fora de época nos Tristes Trópicos e deparamos com festas populares, longe dos mauricinhos das micaretas brasileiras.

Por Xico Sá

No início eram as micaretas, do francês, pasmem!, mi-carême (meia quaresma) festa popular francesa comandada nas ruas de Paris pelas lavadeiras, açougueiros, estudantes e outros atrevidos populares. Também já foi conhecida no Brasil, tal festa, digo, como Serração da Velha. Coisa dos ibéricos, mas chegada nestas plagas no século XVIII pelos portugueses afrancesados.

A velha, nesse caso, representava uma senhora feia, magra, comprida, um verdadeiro malassombro, toda desconjuntada, malhamanhada, queijuda ao extremo, numa secura e abstinências miseráveis. Para completar, a desgraçada, reza a simbologia, tinha sete pés, representação das sete semanas da quaresma.

Daí que vem a tal micareta. O carnaval fora de época que virou Micarande, quando acontece em Campina Grande; Micandanga, em Brasília; Fortal, em Fortaleza; Recifolia, na terra do frevo... e por aí segue a picaretagem. Dominada pela sociedade entre prefeituras e o axé, a velha mi-carême virou uma folia comercial – se a cidade é pequena ainda mantém o fuzuê popular – carregada de atrizes, modelos e mauricinhos os mais vagabundos possíveis. No lugar das lavadeiras, como sugeria a brincadeira francesa, agora temos Luciano Huck e congêneres.

Um bom ensaio sobre as mi-carêmes, vosmecê pode encontrar no volume 12 – creio que a última à disposição na praça - , da Tempo Social, a revista de sociologia da USP. E num tem nada chato o ensaio de autoria do professor Benoit Gaudin. É diversão levada a sério para tempos de tríduo-momesco.

Forró universitário x forró Mobral 29-mar-2001

Artigo de O Carapuço, contra vento e maré do novo rótulo do for all, provoca rebu entre os supostos donos e adeptos da dança da moda. O editor desse periódico escapou fedendo da polêmica movida a balas de carabina.

Por Xico Sá

Nós, os amantes do pernambucano Luiz Gonzaga e do seu parceiro cearense Humberto Teixeira, temos que estar prontos para tudo nesse mundo desalmado. Depois de suportar a zoadada do forrozinho safado cuja matriz-mor foi o Mastruz com Leite, agora temos que aguentar um tal barulho que chega vestido com a saia rotulal de “forró universitário”. Que diabo é isso, minha gente? Quanto preconceito em um só rótulo turbinado pelas chaminés das corporações metidas a besta e seus filiados – aqui incluídos os inocentes e os aproveitadores da boa fé dos forrozeiros de verdade.

Trata-se de um for-all nascido em São Paulo, feito por nordestinos e paulistas, com o propósito de fazer os bacanas, digo universitários - motivo do batismo industrial - chacoalharem as bacias. Tá vendo tu? Pensaram que iam morrer sem ver nada nesse mundo? Os analfabetos dançaram forró a vida inteira e nem por isso se arvoraram em reivindicar a alcunha de forró de analfabetos. As boas almas acadêmicas também não devem reivindicar o batismo. O mal é o que sai da boca do marketeiros, que acordam cedo, embora estejam sem Deus. O mais é dança com culpa. Para resolver o preconceito contra o próprio ritmo, tascaram o remédio certo, segundo os laboratórios do sucesso-sucessivamente-sem-cessar, como dizia a resistente Rádio Salamanca de Barbalha, no verde vale do Cariri.

O símbolo da categoria é um tal de conjunto Falamansa, de plagas bandeirantes, da Abril Music. Ainda dizem que fazem forró pé-de-serra. Mas eu num digo! Dizem que o rapaz da sanfona, um pernambucano, até toca direitinho. Mas, vem cá, basta ver a cara dos maurícios da banda para passar longe desse funaré urbano playb-back de auditório futebol clube. (Mas se o rádio toca, dancem na boa, isso é a mínima moralia da nossa jabacracia!)

Olha, meninos, a última coisa que presta nesse ramo, porque sabe fazer o antigo em compasso esquema novo, é o Mestre Ambrósio. Os meninos conseguiram até superar Luiz Gonzaga, e aqui não vai nenhum

O Carapuceiro não entende nada

Sou o dono do site www.forrozeiros.com.br e agora do portal www.forrobrasil.com, um dos maiores símbolos do "forró universitário". Percebi no seu e-mail que vc não tem muita noção do que fala quando se refere a esse forró, portanto gostaria de convidá-lo para ir na nossa festa de lançamento do portal dia 7/4 com Dominginhos, Virgulino, Peixelétrico e Forroçacana. Se tiver uma mente aberta e disposto a conhecer o outro lado melhor me escreva que te coloco na lista vip.

Leandro Melchiori.

Museu de tudo de São Saruê 24-abr-2001

Exposição conta os 100 anos do folheto de feira no Brasil. Um século de romances de donzelas, Teodoros & Teodoras, sagas de todos os cornos, sermões de larápios, vidas secas, assombrações, sebastianistas, cangaceiros, moças perdidas, marmotas tantas.

Por Xico Sá

Se acaso fosse um bardo/ E tivesse uma platéia/ Passaria a vida inteira/ No lombo da odisséia/ E mesmo assim não cantava/ O que vi lá na Pompéia!

É coisa, nego. Museu de tudo. Um balseiro do mundo nordestino e os seus arredores ibéricos, com a curadoria do alagoano velho-de-guerra Audálio Dantas, cabra bom que quebra, mas não enverga. A exposição "100 Anos de Cordel" é pra deixar de queixo caído e promover abestalhamentos outros. A festa é no Sesc Pompéia, na rua Clélia, 93, em São Paulo (www.sescsp.com.br). Começou no dia 17 de abril e vai até 27 de maio. Quem quiser vir, venha. Pois é coisa fina.

Um pavão misterioso, protagonista do clássico homônimo do paraibano José Camelo de Melo Rezende, morto em 1964, enfeita o telhado da mostra. "Eu vou contar a história/ dum Pavão Misterioso, / Que levantou vôo na Grécia, / Com um rapaz corajoso, Raptando uma condessa, /Filha dum conde orgulhoso``.

Clássico é o que não falta na feira do Sesc. Além da exposição, você pode adquirir os folhetos por apenas R\$ 1. Xilogravuras de mestres como José Lourenço, da Lira Nordestina, oficina de Juazeiro do Norte, e de J.Borges, guia da estampa deste Carapuceiro - os diabinhos e a concepção das gravuras da página é do homem de Bezerros, Pernambuco.

Tem ainda o banzo, puro lirismo caboclo, de "Suspiros de um Sertanejo", de João Martins de Athayde; tem a "Vida e Obra de Galileu Galilei", de Gonçalo Ferreira da Silva; tem "A Volta de Lampião ao Inferno", também obra-prima, de Manoel D'Almeida Filho; tem, do mesmo autor, "A Luta de Zé do Caixão com o Diabo"; tem um balaio de cordéis sobre cornos – uma das obsessões dessa literatura -; tem a peleja de Maluf X Tancredo; as mil faces do Padre Cícero e até cordel proibido para menores de 21 anos – caso de "A mulher que queria ser égua", assinado por um rapaz chamado Giovanni Boccaccio.

Só não encontrei por lá um folheto precioso que já tive, porém perdi, que conta a história real de um homem que trocou a mulher por uma jumenta, na Paraíba.

Sem falar nas aventuras de Camões, ou Comonge, que no Nordeste esqueceu as armas e os barões assinalados e caiu na boca do povo como um cabra desmantelado, capaz de qualquer presepada contra reis e rainhas imaginários.

A exposição, pra nossa sorte, ainda tem "Benditos", uma mostra fotográfica do caririense Tiago Santana sobre a doideira religiosa da Meca do Cariri, como Juazeiro é tido e havido para os romeiros do Padre Cícero Romão Baptista.

Este comedor de farinha que vos fala ainda deu sorte e pegou por lá uma cantoria com Oliveira de Panelas, um dos maiores repentistas desse São Saruê, que baixava a lenha no caso Alca. Horas depois, quando o homem se transformou numa jaguatirica sertaneja, dividimos bistecas e costelas de carneiro do Sujinho, ali na Consolação. "Ô homem pra comer carne, minha Nossa Senhora", espantava-se Assis Ângelo, que acabara de apresentar mais um "São Paulo Capital Nordeste" (Rádio Capital, AM, 1040, sábados, 21h).

E o menestrel de Panelas ainda deu a explicação, emprestada de um amigo que não lembro o nome, sobre o apetite de onça: "Passei um tempo vegetariano, sem comer carne, para ver se via Deus... mas como não vi nada, voltei a ser carnívoro". Posso até não ter sido fiel à frase, dado o alto teor alcóolico da mesa, mas que foi por aí, isso foi.

Sujinho, Consolação com Matias Aires, São Paulo, 21 de abril do ano da graça de 2001.

S.O.S. Exú 18-mai-2001

Memória de Luiz Gonzaga corre risco de virar pó no sertão do Araripe. Um filho de Exú escreve ao Carapuço e apela às ditas "otoridades" competentes

Por *Eduardo A. de Ulisses G. Paiva

Exú teria tudo para ser mais uma típica cidadezinha de interior, não fosse o fato de lá ter nascido o Rei do Baião e Pernambuco do Século - Luiz Gonzaga.

Localizada na Chapada do Araripe, na fronteira com o Ceará, a 700 km da Capital Recife, Exú fez parte de minha infância e continua fazendo parte de minha vida.

Mas nesses últimos anos a cidade vem sendo esquecida, principalmente após a morte de Gonzagão (que era o principal incentivador político-financeiro da região). A verdade é que não estão cuidando do que Luiz Gonzaga deixou para nós, a começar da famosa barraca "Verifique" cantada numa de suas músicas, passando pelo rio Brígida, que "nasce lá no pé da serra na fazenda Gameleira de seu Chico Alencar", hoje o rio serve de depósito de lixo e esgoto. Outro exemplo de desrespeito ao Lula é o açude Itamaragi, que Gonzaguinha cantou: "Meus amor deixa não, esse espelho se quebrar, meus amor deixa não, essa história se acabar, deixa não, cuida aí do espelho das águas do Itamaragi..."

O açude Itamaragi era o local onde o Rei Gonzagasentava com seus amigos e contava histórias, mas não era só ele que usufruía daquele espelho; recordo-me bem das aulas de natação que meu "Ti toim" (tio Antônio) dava para as "mocinhas da cidade". Lembro-me das mulheres que ali iam lavar roupas, e do pessoal que ia lá pescar. Era um tempo bom, onde se podia tomar banho no rio e depois ir pegar peixe com a peneira da minha vó, no sangrador do açude. Nem sequer a casa onde o velho Lula nasceu, lá no povoado do Araripe, está mais de pé.

Famosa por suas grandes vaquejadas (cerca de três ou quatro por ano) e suas festas, hoje Exú é uma cidade que parou no tempo, sua atividade resume-se à feira no sábado e a algumas festas realizadas pela igreja, salvando-se apenas um lugar muito aconchegante, o "Caricatura's Bar" ou o bar do Oswaldo, que é um ambiente bastante agradável, com caricaturas (Gonzagão, Gonzaguinha, etc.) desenhadas nas paredes. Lá pode-se ouvir uma boa música e se encontrar com os artistas que com muita dificuldade lutam para manter de pé o forró tradicional, chega a saudosa "Soparia" do Rogê.

É triste falar isso, mas se você for hoje ao Éxu a fim de conhecer a vida de Luiz Gonzaga, vai voltar de lá do mesmo jeito que chegou, sem aprender nada ou quase nada, pois dará para fazer uma visitinha ao Museu do Gonzagão, trata-se de um belo parque onde se encontra entre outras coisas sua sanfona, o seu gibão e seu chapéu de couro, traje que se tornara marca registrada do cantor; alguns discos (alguns mesmos), pois meu pai deve ter mais do dobro dos discos, que o acervo do museu. Lá também se encontra o mausoléu onde estão depositados os restos mortais de Luiz Gonzaga, enfim, vale a pena gastar um pedacinho da tarde lá.

Posso está enganado, mas ao meu ver, acho que a Secretaria de Cultura do Estado não ajuda muito o museu, o que sei é que era mantido financeiramente por ajuda de particulares.

Sem falar num grave problema, e aposto com qualquer um que for lá, que não escutará músicas do Gonzagão pelas ruas ou nos carros que desfilam pela praça com o som nas alturas. O som que escuta por lá não é diferente dos que se ouvem nas rádios, axé music, forró enlatado do Ceará e a nova onda do momento, o funk carioca.

Portanto fica aqui o meu apelo aos senhores secretário de Cultura e governador do estado de Pernambuco, para darem uma olhadinha naquela região, que sem dúvida tem todo o potencial para se tornar mais um pólo turístico de Pernambuco, bastam alguns investimentos e uma pequena vontade política.

Eduardo A. de Ulisses G. Paiva é filho de e mora atualmente no Rio de Janeiro, RJ.

Cadê o folguedo que estava aqui? 08-jul-2001

Seu Ignácio incrementou a sua banda de pífanos, para desespero do secretário de cultura municipal. E os pesquisadores, e a tv, e o que dirá Ariano Suassuna, meu Deus? Haja dismantelo.

Por W.W. Wanderley*

Seu Ignácio botou roupa, camisa volta-ao-mundo verde limão, algo assim bem new-wave, na banda familiar de pífanos. Trocou também os calçados: tênis conga – queria mesmo era uns Adidas - no lugar das alpercatas de couro.

- Seu Ignácio, pelamordedeus, assim vai descaracterizar e os pesquisadores e a TV nunca mais botam os pés aqui – alertou o secretário municipal de Cultura, Esportes, Turismo, Comércio e Lazer.

Seu Ignácio adquiriu, com as facilidades da Feira do Paraguai, um sintetizadorzinho de primeira qualidade. Começou a tirar um som, com pífano, zabumba e tudo. Tocava de tudo, Ray Connif, Roberto Carlos – jovem guarda - inclusive.

- Seu Ignácio, pelamordedeus, assim o senhor vai acabar com a fama do município. Assim o prefeito não libera a verba na festa da padroeira!

Seu Ignácio botou uma guitarrinha paraense, à Pinduca, e pendeu com o som para as tendências do Caribe.

- Seu Ignácio, isso é regional, mas regional da caixa-prega, lá das bandas da Transamazônica.

Seu Ignácio & Filhos, assim era a formação da banda – só de menino fizera dúzia e meia -, admirou-se do modo de chacoalhar do caçula, um caboclinho que imitava Michel Jackson. Escritinho Michel Jackson. Empolgado, seu Ignácio escalou a cria para abrir as apresentações. Thriller na vitrola. Às vezes Bad. Também Beat It.

- Seu Ignácio, por Nossa Senhora, o que é que seu Ariano Suassuna vai dizer disso, homem de Deus!?

Seu Ignácio era um danado. Quando ouvia falar em cultura carregava a sua espingarda soca-soca. Um cabra de tino. As duas filhas gêmeas cresceram. Cada uma mais indiazinha que a outra. Caboclas mesmo. Uns chuchus. Foi no armarinho ele mesmo. Lá voltou com um Loreal no capricho. Viúvo, seu Ignácio teve que ajudar uma das meninas, Izildinha, a pintar o cabelo. Soletrava a bula, enquanto uma lambuzava a asa da graúna da outra. Um sucesso. Festa da padroeira, ideal para a estréia das dançarinas.

- Seu Ignácio, pelamordedeus, pela alma do meu Frei Damião! Assim os pesquisadores vão embora, a TV não filma nada, o prefeito não libera um tostão furado, Ariano Suassuna fica pretinho de raiva, e essas duas meninas botam a cidade a perder...

- Deus te oiça, seu secretário, Deus te oiça! – disse seu Ignácio, na emenda do desaforo.

Era tarde demais. Seu Ignácio & Filhos já incendiavam a praça da Matriz, seu Michael Jackson arrebetava, a dança da moda tomava conta do povo, o xenhenhém das meninas fazia até o padre, vigário safado, comovido como o diabo. Seu Ignácio estava todo pabo e feliz. “Quem gosta de miséria é intelectual”, desabafou, muito antes de Elio Gaspari, então da cozinha de Veja, botar a igual sentença na boca do nobre Joãozinho Trinta.

*W.W. Wanderley é tetraneto do Conde Maurício de Nassau, nascido em Amsterdã, foi criado nos quintais de Olinda, onde vive, gordinho e rosado, de moqueca de siri mole e apanhados folclóricos.

"Bote minha idade que eu como seu figo" 20-jul-2001

A maioria dos cabras machos do ramo da viola morre de medo de esbarrar com essa mulher. Muitos tremem, amarelam, amofinam, gemem baixinho ao simples anúncio da sua presença em um salão de cantorias e desafios.

Por Xico Sá

A maioria dos cabras machos do ramo da viola morre de medo de esbarrar com essa mulher. Muitos tremem, amarelam, amofinam, gemem baixinho ao simples anúncio da sua presença em um salão de cantorias e desafios.

Mocinha de Passira ("bote minha idade que como seu figo!") assombra os homens desde os 12 anos, quando pegou a viola pela primeira vez. Ela prefere não dizer quanto anos tem de estrada, pois gosta de fazer um mistério danado da sua idade –mistério pelo mistério. “Outro dia, um cabra de uma rádio vem com esse arrodeio, para ver se eu me entregava, mas eu não me entrego não”, conta, com uma gargalhada de quem não tem uma ruga por causa desse tipo de preocupação.

Há duas décadas, no entanto, vive apenas das suas rimas e imagens genuínas. É a única repentista profissional do País. Só não falem de uma coisa para ela. O tal do casamento. “Rapaz, nasci sozinha. Esse negócio de precisar de alguém para assinar por mim não é comigo não”, diz, sobre o mundo dos papéis passados. Solta no mundo desde o primeiro lombo de burro que o levou a cantorias na vizinhança de Passira, sua cidade-sobrenome, Mocinha tem mais horas de estrada do que qualquer beatnick americano. Mora debaixo de um chapéu, como costuma dizer a amiga Minervina Ferreira, outra violeira, sobre a danada.

Mas não troca nada desse mundo pela casinha, sede-mor de todas as campinas, lar doce lar, no sítio Várzea de Passira – “lá eu durmo de porta aberta e isso não tem preço” -, nos arredores da cidade pernambucana do mesmo nome. Longe dali, na grosseria de São Paulo – “parece que todo mundo aqui também virou pedra, como na selva que vive, ninguém acode

50 0 0 50 544 0 50 967 0 862.0 1

Mocinha – Peraí... Pai disse: ‘Agora vou chamar o moço para cantar com você.’ Aí chamou Zé Monteiro, que mora hoje na cidade de Gravatá, Pernambuco. Meu pai botou sela no burro e foi buscar o homem.

Carapuceiro – Não ficou com medo de não corresponder?

Mocinha – Deixa eu te contar, rapaz. Aí meu pai combinou o dia e a hora com Zé Monteiro. ‘Cantar com quem?’, perguntou Zé Monteiro. Pai disse: ‘Com uma menina minha.’ Pai então comprou os foguetes da região inteira. Assim, uma girândola, um foguetório danado, a coisa mais linda desse mundo. Era para quando o carro com o violeiro chegasse. O aviso para os convidados seria o barulho dos foguetes. O cantador chegou, foi pra-pru-prum-pra-prum-pei-bum. Nesse momento, quando o cantador chegou, eu estava lá para um canto, vestido azul com um tampo vermelho, ajeitando as minhas bonecas. Aí mãe disse: ‘O carro parou ali e lá vem o seu cantador, viu?’ Aí eu empurrei a caixa com as bonecas pra lá e parti para a calçada. Chego na calçada e lá vem aquele moreno, moreno alto, alto, simpático, bem vestido, todo no paletó de linho, o linho todo tremendo, uma bolsa de uma banda, uma viola vestida e uma galega com ele, que era a mulher dele. Aí ele vai e fala com todo mundo, dá uma tapinha assim em mim, e tudo o mais, aí vira para a minha irmã, que era mais velha do que eu, e diz: ‘É essa aí que vai cantar? A

Mocinha -Uma semana depois (da noite inaugural da primeira cantoria), eu já estava cantando em Feira Nova e Lagoa do Itanhém (municípios vizinhos de Passira), fazendo cantoria com Severino Moreira, com Zé Monteiro, fui logo botando o pé na estrada e viajando, que é o que eu mais gosto de fazer até hoje em dia.

Carapuceiro – Aí não parou até agora...

Mocinha – Não, eu dei umas paradas. Sabe, a gente é meio imaturo, não é? Sabe o lado sentimental, não é? Atrasa a vida, a gente entra numas bocadas aí. Depois teve o preconceito dos homens, grande demais. Era difícil aceitar que uma mulher, num meio tão machista e dominado pelos cabras machos, pudesse mostrar seu valor. Mas fui em frente. Saí logo de casa, um tempinho depois, e fui morar na casa de Pinto do Monteiro (um dos maiores cantadores do Nordeste de todos os tempos), em Caruaru, que era como se fosse um avô pra mim. Alias tem uma história engraçada. Pinto, com medo que eu desviasse do caminho da viola e deixasse a casa dele, mandava uns índios velhos, uns cartomantes, uns ciganos, uns botocudos, traçar o meu destino. Era danado, mas todas os conselhos eram para que eu tivesse cuidado na vida, não perdesse tempo com rapaz, pois tem muito cabra safado e por aí vai. Era tudo pra me deixar sossegada lá no canto, para não se atrever a sair dali. Tempos depois é que eu fui descobrir que esses índios velhos e cartomantes vinham ali encomendados por Pinto, tudo combinado. Vê se pode um negócio desses? Tudo para evitar que eu saísse de casa e do rumo da viola.

Carapuceiro - Mas por que ele (Pinto) tinha esse medo todo?

Mocinha - Ora, era tanto cabra querendo namorar. Era tanto namoro atrás de mim. Ele tava vendo a hora de eu ir embora.

Carapuceiro – Voltando a fita. E o teu irmão, aquele que sumiu no dia da tua primeira cantoria, hoje aceita a sua profissão?

Mocinha - Nossa Senhora, tem a maior admiração por mim. Acha um coisa sobrenatural a minha capacidade de fazer repente., pois não é nada hereditária, não tínhamos ninguém na família nesse ramo. Só eu meti a cara.

Carapuceiro – E tu continuas caminhadeira, como diz a fama?

Mocinha - Ah, hoje é bom demais. Viajo até de avião pra cima e pra baixo. Quando comecei era em lombo de burro, cavalo. Ou carro de feira naqueles caminhões velhos carregados de tudo quanto é troço; bode, cavalo, porco, porco cagado, onça, gato maracajá, cobra, cachorro doido, tudo, saca de carvão, uma bagaceira danada, de um tudo nessa vida em cima de uma carroceria.

Carapuceiro – Mas se tivesse que fazer um balanço rápido sobre os homens e o machismo que encontrou pelo caminho, o que dirias?

Mocinha - Foram dois lados, sabe?. Eu comecei, como um passarinho que dá um vôo do ninho e não volta mais. Logo na saída tive a aprovação do meu pai, que muitas mulheres que se metem nesse ramo não têm até hoje. Lá em casa virou um celeiro de cantadores; saía um cantador de manhã e chegava outro de tarde. Todo mundo queria cantar comigo, pois era uma atração uma menina daquela idade no repente. Todo mundo queria acertar uma cantoria. Virou comércio, a menina começou agora e todo mundo quer ver, então eles (os cantadores) se aproveitavam dessa situação.

Carapuceiro – E depois?

Mocinha - Aí depois usaram a viola do jeito que eles queriam. Começaram a formar as barreiras. Se você pegar as minhas primeiras gravações, como o vinil de 77, vai ver que eu canto subtonado, tinha que cantar do jeito e com a afinação que eles queriam.

Por que tinha que cantar na deles. E eu por estar num mundo tão machista, fiquei obrigada a inventar músicas para cantar no tom deles, para poder sobreviver da viola. Pois se eu fosse cantar como eu queria, não dava nunca.

Carapuceiro – Qual era o problema da afinação da viola?

Mocinha – Afinavam a viola em tom muito baixo. Depois eles botaram no tom médio. Mas depois eles chegaram em fá, um pouquinho mais adiante, aí nós começamos a se soltar mais.

Hoje vou do jeito que eles quiserem. Não tem isso não, pois minha goela está pronta e calejada para qualquer guerra. Mas que há essa barreira da afinação isso há. Ora, como a gente canta em dupla, é preciso existir uma combinação de tons, e , claro, prevaleceu a que favorecia esses infelizes, esses machos da gota serena.

Carapuceiro – E as mulheres que se atreveram ao repente tinha essa consciência das barreiras, afinação etc?

Mocinha - As mulheres também foram muito preconceituosas com elas mesmas. Tinham vontade de ser independentes e não conseguiram ser, devido ao domínio dos machistas. Aí começaram a pregar contra elas mesmas. Dizer que correr vaquejadas é coisa para homem; cair na estrada é coisa de homem; cantar repentes é coisa de homem. Naquelas frustrações, elas viraram preconceituosas.

Carapuceiro – As violeiras se queixam muito da pressão dos namorados, dos maridos...

Mocinha – Sempre me perguntam por aí: ‘E seu namorado, marido, deixa você viver nessa vida?’ . Ah, meu filho, que porra de namorado. Eu eu nasci só. Ninguém nasce agarrado, pode ser trigêmio, mas nasce cada um num momento diferente.

Carapuceiro – Nunca quis casar?

Mocinha - Meu documento é de solteiríssima. Esse negócio de precisar de alguém para assinar outro papel junto comigo? De jeito nenhum. Eu quero minha independência para andar por aí. Quando dois precisam assinar o mesmo papel para fazer qualquer negócio... é sinal que as coisas andam erradas, tronchas.

Carapuceiro – O povo se espanta com essa sua independência?

Mocinha - Muita gente pergunta: ‘Você tem família?’ Outro dia, respondi: ‘Adão foi feito de barro e teve família, quanto mais eu, que sou de carne osso’. Outra, dia desses, saltou de lá: ‘Não sei como seu marido deixa você cantar por aí ?’ Nem pensei, já respondi: ‘Minha filha, o mundo está cheio é de corno batendo as pontas, não é de violeira não, visse?’ Eu tenho que ser grossa, porque as perguntas são. As crianças nascem chorando e mocinha nasceu cantando.

*No mesmo embalo, o repórter que subscreve esta entrevista realizou encomenda sobre as violeiras que cantam de galo para a revista Única/ julho. Em caso de eventual interesse por parte do nobilíssimo leitor, o texto está disponível apenas na versão impressa da referida publicação.

São Paulo, meu amor 28-ago-2001

Em São Paulo, no máximo, corre-se o perigo de encarar um Maluf ou um Supla, não sei qual o pior. E olhe que não falo do sotaque...

Por José Teles

Amigo Xico, cordiais saudações.

Semana que passou, estive aí em São Paulo. Vou logo dizendo que nunca fui com a cara de São Paulo. Pra mim São Paulo é uma Nova Iorque feia. Os prédios de São Paulo, cada um me parece ter sido feito dois dias atrás, por engenheiro e arquitetos diferentes, e intrigados um do outro. Em Nova Iorque você parece estar num filme. O cristão vai por aquelas ruas e avenidas esperando que, a qualquer instante, Humphrey Bogart, Marilyn, Audrey Hepburn, Jack Lemmon, Lou Reed dobrem a esquina.

Em São Paulo, no máximo, corre-se o perigo de encarar um Maluf ou um Supla, não sei qual o pior.

Não me refiro a caráter, claro. Falo de sotaque. Não há nada mais estranho do que sotaque de paulista. O do nordestino, vocês aí tiram a maior chinfra, mas é só meio engraçado. O de vocês paulistas, é muito estranho. Aliás os paulistas são muitos estranhos. Dá impressão de que saíram todos de uma mesma forma. Cabelos, roupas, jeito de andar, idênticos. O japonês é parecido um com o outro, o paulista é igual. A mesma coisa é um caminhão cheio de paulistas.

Essas mal tecladas, porque eu andava assim meio desgostoso aqui com a minha rua. Minha só não. Minha e de um magote de boêmios vespertinos, que entornamos o precioso líquido nessa rua do Recife, desde os primórdios dos anos 80. A rua de que falo, amigo Xico, tu sabe muito bem, é a Sete de Setembro. Essa rua já foi o centro intelectual da Capital cultural do Nordeste, o Recife (Salvador é a capital hit parade da região, se bem que soteropolitano não se considera nordestino). Tu trabalhou nessa rua, na Livro Sete, e deve tá muito bem lembrado dela, se é que o sucesso não te subiu à cabeça (capaz de ter, porque tu, Xico, tá com o maior jeitão de paulista. Te vi outro dia na Emetiví, num desses programas em que se ensina adolescente a tocar bronha, botar camisinha, essas coisas).

Pois onde tu trabalhou lá, na Livro Sete, a maior livraria do País (entrou no Guinness, e tudo). A livraria faliu e no local vai rolar uma igreja, acho que Universal do Queijo do Reino, ou coisa que o valha. Ao lado da ex-Livro Sete, há um bar, enorme, o maior templo do brega da América Latina, o 100% Brasil.

O dia quente desse bar é a quinta-feira. Na última quinta, anunciavam um show com Walter dos Afogados (o do Moranguinho do Nordeste, aquela do "Aí, é o amor, aí ,aí, aí, é amor", o melô do descabaçamento). O nome da festa: A NOITE DOS RAPARIGUEIROS. Deu gente de trouxa nessa festa. E rapariga a dar com o pau.

Então eu fiquei assim meio cabreiro com a minha rua (nossa rua). Ali Evetuschenko deu um recital, em russo, que todo mundo achou do caralho (se bem que depois de ter entornado tanta cana feito o poeta russo entornou, até tu, amigo Xico, também dava um recital do caralho). Ali o grande Sidney Sheldon (cada país tem o paulo coelho que merece), fez um lançamento prestigiado por mais de mil leitores de livro na mão. João Cabral, Mestre Giba de Apipucos, todos baixavam

nessa rua. Dizem até que Sartre e dona Simone, a patroa dele, também tomaram umas e outra na Sete.

Então numa rua cheia de história, onde um sujeito mordeu um cobra (morreram ambos), onde, no ano que passou, Gretchen e a filha, com 18 anos e com selo inviolado (ela que diz, não eu), balançaram os respectivos bagageiros calipígijs para a plebe ignara e câmeras da TV Jornal, essa coisa do brega me deixou desgostoso. Isso até voltar à São Paulo.

Sampa, me desculpe, amigo Xico, é mais brega que a minha rua. Fui aí, pra uma premiação de clipe pela Emetiví, cobrir pro jornal, esses troços que nós, profissionais da imprensa, somos obrigados a fazer pra sustentar garçom.

A fachada do Credicard Hall, onde rolou a tal premiação, é mais brega do que a fachada do 100% Brasil. O sotaque do paulista é muito mais brega do que o da moça suburbana do Córrego do Abacaxi, aqui no Recife, que diz "A gente gostamos muitcho da musga do Labaredas (a banda brega da hora, na Mauricéia Tresloucada). E por São Paulo ser assim, essa coisa brega, que nem a rua Sete virou, voltei pro norte, pela primeira vez, simpatizando com São Paulo, não obstante esse sotaque estranhíssimo dos paulistanos.

A tragédia que precede a janta 06-set-2001

Ah maldito exotique ao qual os Tristes Trópicos estarão submetidos até o final das Eras. Agora foi a hora e a vez da cinzenta Pina Bausch revelar o Brasil para a elite do eixo.

Por Xico Sá

Ah maldito exotique ao qual os Tristes Trópicos estarão submetidos até o final das Eras. Agora foi a hora e a vez da cinzenta Pina Bausch revelar o Brasil para a elite do eixo. Esteve a dama anfíbia, que junta dança e drama com paisagem, por estas plagas. Onde tem dinheiro, claro. Espetáculos que precedem a janta de cariocas da ilha global e paulistanos leiloados pelos Faustos do Bovespa.

A nega pescou na seara brazuca, apanhei-te exotique, com direito a acarajés e candeiais africanamente corretos... Bossinhas novas também rolaram, passarim, solfejos da classe média cu-trancado. E aí, mó fi, vomitou, a módicos 150 caraminguás, o seu blefe, para os afilhados de Oswald – num queriam antropofagia, pois tomem, agora de lá pra cá. Bausch é a Marinetti, enfant-terrible da vanguarda do café, de sapatilhas.

Os devotos da tal da arte merecem. Arte, eterno feitiço, trabalho de terreiro para as mentalidades burguesas.

É a lenda da alemoa. Cosmética do miserê. Na verdade, nem isso. A própria companhia, em aspas tantas dos nossos pasquins, tratam de dizer que tudo é fragmento, ilusão, idéia aqui, outra ali, apanhado, ilusionismo, geografia do fetiche, sei lá, o caralho a quatro da picaretagem que importa para a balança comercial provinciana. Eu mesmo, arrimo de família, num gasto um centavo com essa troça, nem que vá com a melhor das moças, na primeira semana de colóquio horizontal.

O efeito da Canabis sativa na batida da música popular 25-set-2001

Aonde quero chegar? Decerto indaga-se o leitor deste Carapuceiro, achando que eu andei dando meus tapinhas também. Menas a verdade. Bem vamos ao que interessa (interessa? Sei não).

Por José Teles

Caro Xico, nunca mais que eu vou falar de paulista, nem contra nem a favor, porque aquelas minhas mal tecladas que tu publicou na última edição de O Carapuceiro me renderam uma tuia de i-mêius desaforados de uns paulistas aí.

Um deles inclusive me xingou de boiola, um termo que escutei pela primeira vez no Ceará e que se disseminou pelo Brasil afora, inclusi

Aonde quero chegar? decerto indaga-se o leitor deste Carapuceiro, achando que eu andei dando meus tapinhas também. Menas a verdade. Bem vamos ao que interessa (interessa? sei não). João Gilberto começou cantando e tocando samba com aquela batida tradicional, inclusive com um vozeirão meio Orlando Silva (em algum lugar dos meus arquivos implacáveis – implacavelmente desorganizados - tenho uma cópia de uma fita do antigo João Gilberto, que me foi dada por Jonas Silva, a quem João substituiu no conjunto Os Garotos da Lua.

Pois bem, João Gilberto tocava aqueles sambas, na batida normal, com as devidas síncopas, aí entra a erva maldita. Sob efeito da bicha (da erva, cara leitora, da erva), ele, feito os regueiros da Jamaica, foi desacelerando o samba e acabou inventando a bossa nova. Tanto é assim, que Tom Jobim, que era do uísque e do chopinho, até 59 continuava a compor sambas, e só virou o compositor de bossa nova depois de João Gilberto, isso é um fato.

Eu sei que vocês vão dizer, que é tudo mentira, que não pode ser (versos de Molambo, do pernambucano Meira), mas vigiem direitinho se a teoria não se encaixa, tanto no reggae, quanto na bossa nova, e indo mais para trás no tempo, no cool jazz. Quem sabe também na valsa de Johan Strauss? Um sujeito pra chamar o cinzento Danúbio de azul havia de tá com alguma na cabeça, e com certeza não seria sauerkrautz.

Coitado dos camelos 03-out-2001

Os árabes agora vão sentir na pele e nas oíças o que os baianos e nordestinos em geral padeceram ao longo da interminável série de novelas, tietas mil, que dominaram, nestes últimos séculos, o curral eletrônico do coronelismo do dr. Roberto.

Por Xico Sá

Os árabes agora vão sentir na pele e nas oíças o que os baianos e nordestinos em geral padeceram ao longo da interminável série de novelas, tietas mil, que dominaram, nestes últimos séculos, o curral eletrônico do coronelismo carioca. O sotaque de Glorinha Buetmiller, Buethimuler, Buthimuller, digo, Glorinha Biutimüller, quer dizer, Glorinha Burtmanmiller... Para quem estava em viagem, essa senhora era a responsável por padronizar as goelas do dr. Roberto.

Agora a merda vai virar quibe. Ou o contrário. Mais fácil um camelo passar por um buraco de uma agulha do que a Globo temperar a dicção.

Sai a lua sem racionamento de Porto dos Milagres e entra o neon da 25 de Março, terreiro de seu Nassif e panos para tantas mangas e bromocões.

Capitu toma porre de araque e confessa tudo. Para acabar de vez com o ensaísmo de delegacia que tenta punir a coitada por enfeitar, bela do tílbur, a frente do artista machadiano. Ora, quem manda se chamar Bentinho. (Mas essa é outra trama, caralho!).

Os árabes, coitados, ganhariam mais com ataques de scuds do que com a citada homenagem global. Não vai sobrar um dublê de camelo para contar o final.

Chauvinismo desafinado 10-out-2001

A saga das violeiras que sobreviveram ao massacre é sempre a mesma: para os pais, era como uma muçulmana jogar o véu no chão; para o povo, coisa de moça perdida e rapariga sem futuro.

Por Xico Sá

Em nenhuma outra atividade, talvez, a mulher tenha enfrentado tanto machismo e apereio quanto na viola e no repente, ramo de “cabra macho” por excelência.

“Talvez nada, com toda a certeza desse mundo”, rebate, na bucha, Francisca Maria da Silva, 41 anos, uma das poucas e resistentes representantes femininas da poesia cantada de improviso. “Quero ver ter caminho mais pedregoso que o nosso, ave!, já me desiludi tanto com isso... a gente só segue porque não tem jeito, muitas vezes tive vontade de quebrar a viola e parar com esse ramo de cantoria. Mas, fazer o quê, parece que é uma sina da gota serena, vem no sangue. Pior é que não dá dinheiro nenhum, é um pingadinho aqui, um pingadinho ali, só dá ferveção no juízo, tem dia que eu só falto é correr doida por aí”.

A história das violeiras que sobreviveram ao massacre e se firmaram na praça é sempre a mesma. Começaram a cantar sob o olho grande e censor dos pais, que viam naquela atitude uma rebuliço de “moça perdida” (como são denominadas as meninas que não são mais virgens) ou atitude de “rapariga” (puta, no dizer malcriado do nordestino). Os namorados, vixe!, nem pensar em consentir tamanha aventura; os vizinhos, um Deus nos acuda, falavam até não querer mais; o povoado, a cidade inteira a dar conta da novidade, “a filha de fulaninho deu pra violeira”, caiu na vida.

Recurso do método

Para completar, os homens estenderam o machismo até o método para a afinação das violas. O segredo sempre foi deixar o tom o mais alto possível, o que é quase incompatível com a voz das mulheres. Como o repente é cantando em dupla, o mais sensato é que a afinação de ambos esteja no mesmo ponto.

Francisca Maria mesmo teve o estalo para a viola ainda mocinha, pouco antes dos 18. Mas quem disse que pode desembestar a fazer versos. “Meu pai já olhou com aquela cara”, lembra. Parou. Quando casou, aos vinte e pouquinho, pior ainda. O ramo da viola exige muitas viagens. Sobe numa carroceria de caminhão aqui, pega outro carro acolá. Dorme aqui, acorda mais adiante. “Quem disse que os homens aceitam uma coisa assim?”

Em Cuité também encontramos a brava Minervina Ferreira, 51 anos, mãe de seis filhos, professora primária, líder comunitária, daquelas que brigam, “com devoção”, por melhores dias para os seus. “Meu filho, essa história de cantoria e viola é muito ingrata com a gente”, dá o prefixo, mal o repórter invade o seu lar. “Mas viver sem ela, a gente também não vive”. Pega a viola no quarto, rodeada de troféus conquistados em disputadas com os “cabras machos” da região, e senta a pua.

Assombrações para machos

Na companhia da pernambucana Mocinha de Passira, 53, sua amiga, parceira de cantorias, Minervina forma a linha de frente das mais experientes e temidas violeiras do Nordeste. “Ave Maria, para enfrentar essas mulheres o cabra tem que ser bom, não é para qualquer um não”, atesta Diniz Vitorino, considerado um dos maiores cantadores do Brasil, paraibano de Monteiro, hoje habitante de Caruaru. “Tem preconceito sim, mas mulheres como estas mostraram a sua força, na rima e na coragem, e hoje assombram muitos machos por aqui”, conta.

As mulheres sempre viveram tão à margem nesse ramo que somente em 99, uma dupla feminina gravou o primeiro disco. Justamente Minervina e Mocinha, em gravação bancada pelo Centro Popular de Cultura da UMES – União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas, de São Paulo.

Minervina não é nada otimista quando fala do futuro das violeiras e repentistas. “Hoje vencemos um tanto o machismo, temos algum espaço, inclusive contamos com a compreensão de muitos violeiros amigos, mas não há renovação entre as cantadoras, conheço, uma, duas meninas novas que se empenham na atividade, e nada mais”, diz a paraibana. “Os jovens – e estou falando dos sertanejos mesmos - têm um preconceito danado com a nossa cultura. Uma mocinha vai pegar uma viola nada. Ih, isso é coisa de velhos, falam. O negócio agora é axé, tapinha não dói e por aí vai”, presta a queixa.

No momento em que Minervina era entrevistada por Única, um grupo de jovens mirava espantado para a violeira. O comentário era um só: como esse povo vem de tão longe para “filmar” –durante a sessão de fotografias – uma violeira? “Cantei aqui uma vez perdida, pois ninguém gosta de ouvir nada da gente”, responde a repentista de Cuité.

Renovação da espécie

As A 2.500 km daquela mansa serra da Paraíba, na barulhenta Vila Mariana, em São Paulo, encontramos Luzivan Matias, que aos 29 anos é um raro exemplo de renovação no elenco do repente feminino. Sobrinha de Minervina, ela nasceu em Cuité, passou um tempo em Natal e está há três anos em terras paulistanas. Só aqui, longe dos sertões presentes nos seus martelos e sextilhas, conseguiu fazer cantorias – como são chamados os shows de repentistas e violeiros. “No Nordeste eu praticamente parei, além do meu pai não gostar, não tinha força de ninguém”, conta.

Incentivada por violeiros como Téo Azevedo e Sebastião Marinho, que sentaram praça há muitos anos em São Paulo, Luzivan retomou a vida de viola. Com Lucinha Saraiva, cearense de Juazeiro do Norte, também da sua idade, gravou um disco no ano passado, por um selo independente, mais o CD ainda não tem data para lançamento. Depois das duas, tem-se notícia apenas de mais uma jovem do ramo, Neuma da Silva, de Conceição do Piancó, na Paraíba, com 24 anos.

Segundo relato de Luzivan, a viola é motivo até de riso para algumas amigas e colegas. “Os mais novos acham que isso é uma coisa muito ‘maracatu’, entendeu? Acho difícil que surjam novas cantadoras nessa situação”. Maracatu aqui vai no sentido de demodê, antigo, coisa velha, “sem futuro”.

O pesquisador de cultura popular Assis Ângelo, paraibano que apresenta o programa “São Paulo Capital Nordeste” (Sábado, 21h, na Rádio Capital AM, 1040 khz) confirma a fala de Luzivan. “Tem uma geração danada de novos repentistas homens, o que não ocorre com as mulheres, mesmo levando em conta a proporção tradicional da pequena quantidade de representantes femininas entre os cantadores”, relata.

Sobreviventes das cantorias

Como não dá pra viver de viola, Luzivan trabalha como doméstica. À noite, tenta completar os estudos, no sacrifício. Cursa a 7ª série. Não larga a escola, diz, por nada nesse mundo.

Para manter viva a “ilusão da viola”, como batizaram a relação com a arte do repente, estas mulheres enfrentam vida dura e longas jornadas de trabalho. Apenas Mocinha de Passira, segundo as próprias violeiras entrevistadas por Única, consegue viver apenas do que ganha com a sua arte. “No aperreio, mas vivo da viola. Isso é possível porque tenho uma vida humilde, morando aqui em um sítio no interior de Pernambuco”, conta ela. “No reino dos homens, muitos conseguem viver só da cantoria. Não dá para contar nos dedos. E tem nego que até juntou um certo dinheiro”.

Para sobreviver, outra brava repentista, Santinha Maurício, de 51 anos, enfrenta uma máquina de costura da fábrica da Vicunha, no município do Paulista, na região metropolitana do Recife. Chega a virar a noite na labuta.

Ao contrário das colegas de viola, Santinha deu sorte no casamento. Nunca enfrentou oposição alguma dentro de casa. “Comecei a namorar esse cabra em uma cantoria (evento que reúne os violeiros)”, lembrou. “Meu pai não gostava que eu cantasse, mas graças a Deus encontrei um homem que é doido por poesia e viola, nunca me reprimou”. No seu canto, Severino Felix, confirma tudo com a cabeça. O casal mora em Abreu e Lima, município do Grande Recife, e tem dois filhos.

De volta à Paraíba, outra mulher já foi muitas vezes obrigada a trocar a viola pela foice ou enxada para garantir o sustento. É Maria Soledade, líder camponesa em Alagoa Grande, município que tem tradição em sindicatos rurais fortes. Neste mesmo pedaço de chão foi assassinada por um jagunço, em 1983, a líder camponesa Margarida Maria Alves, amiga e companheira de Soledade e símbolo da luta pela reforma agrária no Nordeste.

As mulheres repentistas sabem, como na lição de coisas de “Grande Sertão: Veredas”, que só um bom tocador de viola é que pode remir as injustiças, os rebuliços do coração, a “vivez” de tudo.

Por miss Soledad Corações no Ataque (sem medo do goleiro diante do pênalti)

Tenho uma amiga que diz que torce pelo time do pai. Eu na minha terra recifense, torço pelo Sport, time do meu irmão, para quem lancei os mais puros desejos quando criança! Quem nunca se apaixonou um pouco pelo irmão mais velho? Hoje o mais prudente é gostar do mesmo time do amado e acreditar em todos os palpites de sorte que ele venha a dar sobre o

Museu de tudo 27-nov-2001

A velha da foice levou o maior apanhador de coisas e costumes do país. O autor do "Dicionário do Palavrão" morreu no último final de semana, no Recife, sem nunca ter dito sequer um puta-que-o-pariu.

Por Xico Sá

Quem disse que somos um povo chegado à putaria e á esculhambação verbal?! Mas que nada, um austero alemão tem mais palavrões ao alcance da língua que todos nós. Por lá, existem pelo menos 9 mil impropriedades retóricas. Aqui, dispomos de uns 3 mil catalogados, graças ao catador de coisas Mário Souto Maior, incapaz de soltar um inocente puta-que-o-pariu até mesmo nas topadas mais absurdas.

Eta home pra ajuntar cacos, costumes, nomes feios – de batismo e de esculhambação propriamente dita, vide Dicionário do Palavrão (editora Record), mói de esculhambação ao alcance de todos. Vôte! O apanhador de tudo, museu da fala, guardador de esconsentimentos verbais. Mário Souto Maior, 81, filho de Bom Jardim, cafundó pernambucano, com cinco dúzias de livros publicados, falava de um tudo, sobre tudo, balaio de contradições, dialéticas tantas para um homem só. Mas não é que a velha da foice, a corcunda de Notredame, a safada dos becos mais escuros, do beco da facada e do beco da foice, a besta-fubana, o pegou no último domingo.

Pegou nada. MSM nunca estava distraído para a morte, como canta o galego do agreste, Otto Maximiliano. É pau, é cu, é buceta, como canta o próprio no seu condom black. Só foi porque era o jeito. Pois tinha ainda uma serra-da-russa de coisas para ajuntar. Catava costumes como quem cata cavaco.

Adiós, cabra bom. Numa missiva dos anos 70, Luís da Câmara Cascudo, mandava um recado para o camarada Souto Maior, cabra bom da avenida Getúlio Vargas, Olinda, Pernambuco: “O essencial é armazenar a documentação existente, para o século cinquenta e tantos”.

MSM, o etnólogo mais gabaritado para honrar a faixa de sucessor de Cascudo (1896-86), não parava um instante quieto, de tanta impaciência em recolher o que se pode chamar de um museu de tudo, balseiro generalizado da sabedoria popular – sem populismo, pois. Algo se mexeu, povo falou, o danado registrava, armazenava, software dos seiscentos diabos.

“Tem faro teimoso, comunicação clara e ágil, sabendo excelente ler e ver. É uma roseira credenciando a própria floração”, adivinhou o mesmo Cascudo, em carta de dezembro de 78 endereçada ao discípulo, para carimbar as afinidades eletivas e reconhecer o herdeiro do método.

Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco, do Recife, onde trabalhou muito para Gilberto Freyre em muitos dos seus achados, o etnólogo levou tão a sério o apontamento futurista do amigo potiguar que preparava, meses antes de sair desta para uma melhor, o seu livro mais radical: “Informática: antologia da modernidade”.

O livro, cujos apontamentos estão em poder da família, que tem no filho Jan um danado na rede (www.soutomaior.eti.br/mario), deve ser lançado brevemente. Armarinho de miudezas para o século, digo, para o século cinquenta e tantos.

“Rapaz, é tanta coisa engraçada. Essas correntes, frases, aforismos anônimos que lembram tanto a filosofia grega quanto os pára-choques de caminhão, o diabo-a-

quatro. O que acontece é que a Internet já tem o seu folclore”, contou Souto Maior a este escriba, num fim de tarde olindense do verão passado. Na ocasião, acabara de voltar do médico. Tuia

A História do Reino que foi Clonado 16-dez-2001

Bardo de mancheia, o pernambucano Wilson Freire pendura na feira invocada deste Carapuceiro um cordel de primeira qualistria.

Por Wilson Freire

Se assente aqui minha musa
Ao lado deste poeta
E me dê a inspiração
Pra eu de forma direta
Contar tudo o que eu vi
Sem fugir da minha meta

Essa história se passa
No Reino do Sol a Pino
Reino que Cabral um dia
Enterrou o seu destino
De ser o Reino-da-Luz
Reino-do-Sempre-Menino

Ela começa um dia
Quando eu era criança
Foi quando sai de casa
Procurando a Esperança
Pois a morte e o flagelo
Tinham sido minha herança

No lugar que eu nasci
Vi menino barrigudo
Vi muita gente sem terra
E pouca gente com tudo
Vi doutor de anel no dedo
Muita gente sem estudo

Muitas famílias sem teto
E mansões desabitadas
Nestas se tinha de um tudo
Naquelas não tinha nada
As mansões tinham esperanças
As outras desesperadas

Eu vi a morte matada
E vi a morte morrida
A primeira obra dos homens
A segunda é conhecida
Como a obra de Deus
Quando põe um fim na vida

Morte matada por tiro
De revólver, de garrucha
De facada, de paulada
De espingarda de bucha
Aquele que quando acerta
O cabra nem estribucha

Morte morrida de fome
De aperreio, de agonia,
De caganeira e de parto
Tristeza, pneumonia,
Um tributo que Deus cobra
A quem cá nasceu um dia

Eu pensava que essas coisas
Somente ali encontrava
Ouvia belas histórias
De quem muito viajava
De encontrar um paraíso
Eu todo dia sonhava

Então peguei a estrada
No sol no vento e no sal
Nos quatro cantos do Reino
Encontrei o Bem e o Mal
Deles vi cara e coroa
Do sertão ao litoral

E o que era ilusão
Meu olhar foi desvendando
Vi tudo da minha terra
Em outras terras morando
Quanto mais eu caminhava
Mais assim ia pensando

Isso é obra de cientistas
Da política social
Usaram suas ciências
Pra propagarem o mal
Clonaram sim, a miséria,
Dos grotões à capital

As crianças que eu vi
De fome se acabando
No lugar que eu nasci
Por onde eu fui passando

Vi muitos iguais a elas
Por esse Reino penando

Os latifúndios imensos
Que eu vi lá no sertão
Não produzir um só grama
De comida pra nação
Vi também lá em São Paulo
Paraná e Maranhão

As nossas casas de taipas
Favelizam as capitais
Nos morros viram barracos
Palafita em lamaçais
De norte a sul as misérias
Até nisso são iguais

Então eu fui percebendo
Que a morte que mata lá
É a mesma que mata aqui
É a que mata acolá
E do jeito que ela come
Vai matar muitos por cá

Voltei então para casa
Cansado e com esperança
Que apareça um cientista
Que nos deixe como herança
O clone de uma nação
Cheia de paz e bonança

Um passeio no mundo livre da Banda de Ipanema 22-fev-2002

Mas descoberta mesmo fiz neste verão, ou mais precisamente, nesse carnaval. Antes de contá-la, aviso logo que, apesar de minha descendência francesa e do bigode estilo platino, sou bofe.

Por Bob Moustache

O Rio de Janeiro é realmente um lugar impressionante. Afora suas belezas naturais – cabrochas aqui, por favor –, símbolos pra lá de vendidos que já encheram cofres e cofres de governos e agênc

Pois bem, a Banda foi um deslumbre de cores e alegria (oxe, oxe, ox... tome tento digitador!). Safadeza pouca era bobagem! Era a viadagem se divertindo muito mais que os héteros cariocas que, mesmo durante o carnaval e com uma inspiração dessas, funcionam como uma sorte de vitrine, ou seja, só desfilam seus corpos sarados e não fazem porra nenhuma com ninguém, nem “ofendem” nem saem de cima.

No fim do cortejo, uma formosa gazelinha pernambucana que me acompanhava na função, olhou pra mim e mandou o distinto comentário: “e o povo aqui pensa que putaria é coisa só de frango, é?” “Nêga, deve ser, pois em três anos de Guanabara nunca vi uma devassidão tão desencanada como essa”, emendei.

Deixa de arte, menino! 26-mar-2002

Duas coisas que o Carapuceiro nunca frequentou, mas vai quem quer, afinal, tem quem goste: bienal de arte de SP e desfile do Galo da Madrugada no Recife. O risco de ser pisoteado pelos inteligentes (atrás deles somos uns jumentos!) é o mesmo.

Por Xico Sá

Caos da metrópole e angústia do homem atual. Eis o propósito, reza a curadoria, da bienal em curso na Província de Piratininga, a metida, porém sem muito gozo, SP. Que diabo é isso? Tudo e nada. Na dúvida, marque a segunda opção oferecida.

Caos da metrópole é uma greve de ônibus colada num protesto de perueiros/kombeiros, quarta-feira à noite, chovendo pra caralho, rebelião no Carandiru, na dita província cotidiana, corpos boiando no Tamanduateí uma vez que do Tietê nem se fala, Corinthians e Palmeiras enganando no Morumbi. Isso aí.

Angústia do homem. Bem, isso é perobagem, pois, pois. Angústia do homem nasceu no dia em que o desgraçado, todo enrolado, membro em riste, tesão-do-mijo, foi enxotado gentilmente pela digníssima esposa, cinco da matina:

- Levanta, miserável!, vai pegar lenha no quintal, paralítico dos seiscentos diabos! Tu num faz nada nessa casa, só faz menino!!!

O fresco ainda teve tempo de enrolar um cachecol em volta do pescoço. Estava patenteada a viadagem universal.

Na boa, caos da metrópole e angústia do homem é, para ser humilde no parecer, para economizar na escolástica, uma jumentice sem tamanho. Não é à toa que tem neguinho sacando seu trezoitão quando escuta falar em arte e jóia de madame. Mais demodê que esses parangolés de família só o mijador do menino enfant Duchamp. Aquele cujo vasilhame foi preenchido por um velhinho francês metido a literal, que saltou, na sua defesa: “Oxe, oxe, oxe, oxe, oxe, num é pra mijar não, é? Então posso mijar no senhor, seu guarda?” Processo sobre a inocente mijada artaudiana tramita na Justiça de França - falo serio.

Tempos modernos: mijem nos guardas e poupem os mictórios. E isso era antigamente. Justo, justíssimo. Sursis, mon amour. É tudo que careço nesse mundo tão prafrentex.

Macaxeira absoluta 18-abril-2002

Dias depois saí de Portugal, passei pela Espanha, entrei na França e, em questão de segundos...voltei novamente a Portugal. Finalmente tinha descoberto o que sentia o capitão Kirk ao ser teletransportado em Jornada nas Estrelas.

Por Genaro Lira

Estava tocando em Portugal 6 anos atrás quando fui convidado por uma senhora lusofrancesa a me apresentar em Paris. Fiquei deslumbradíssimo. Tinha vindo do interior de Pernambuco e achava que até cantar em banheiro francês dava currículo.

Dias depois saí de Portugal, passei pela Espanha, entrei na França e, em questão de segundos...voltei novamente a Portugal. Finalmente tinha descoberto o que sentia o capitão Kirk ao ser teletransportado em Jornada nas Estrelas. É que o boteco parisiense se chamava "Canto de Saudades", onde rolava bacalhau, fado, vinho, bigodes, raparigas e ai-Jesus: era mais português que qualquer bar de Portugal.

Veio o dilema: nas futuras entrevistas, quando algum dia ficasse famoso, como explicaria a reação dos franceses ao meu som? E quando os amigos que ficaram em Portugal me perguntassem o nome do estabelecimento? Diria La Chanson, Le Bistrô ou qualquer outro nome menos português? Toquei conforme o combinado, voltei a Portugal e felizmente(?) não tive nenhum que enfraquecesse minhas entrevistas futuras.

Falei a verdade. Tempos depois,

Então, esvaíram-se as

Guia Uma Roda - Conheça o Mundo Pelo Fundo 20-maio-2002

Em outras palavras, trata-se de um guia de rodagem e conhecimento do Brasil através dos banheiros.

Entenda-se o termo "rodagem" a

- A – Os Uma Roda (Classificação Máxima)
- B – Os Uma Rodinha (Qualidade Média)
- C – Os Utilizáveis (Qualidade Identificável)
- D – Os Imundos (Qualidade Suspeita)
- E – Os Antagônicos (Sem Qualidade Alguma, também conhecido como Banheiro Puta Que Pariu – BPQP, bem como outros adjetivos não menos elucidativos).

É impossível um ser humano não ter adentrado em recintos como esses, nem o mais pio e devotado seguidor da cátedra do francês afrescalhado “toilette”. Se a vida é adjetivosa eu não sei! Só sei que o mundo pode ser conhecido através do ofício bogal. É na estupenda arte de exorcizar um cabôco, no momento de homenagear uma gazela ou no singelo ato de mijar que descobrimos o quanto conhecemos o mundo.

Para outras informações sobre o tema, visite o site:

<http://www.decorei.com.br/aguias/>

Uma fábula sobre a velocidade da vida 07-ago-2002

A francesinha lá, todo entregue ao exotico, benza-te Deus. Escanchada no jegue. E o diabo do jumento, desobediente aos ditames e da ética da Embratur, de peia dura. Meio metro de fumo.

Por Xico Sá

Uma francesinha morta de tédio montada num jegue naquele areião. Que coisa mais linda. Solzão da moléstia a fechar os olhinhos –por muito menos o estrangeiro de Cami botou as tripas dum árabe de fora. O jegue devagar, meu Deus. Ô bicho lesado de aluguel (“Oxe, não ganho comissão e a comida é só o mi!”), cochichou o nosso irmão ao meu ouvido).

Um passeio na contramão da velocidade da vida besta dita civilizada, meu Deus, custa de R\$ 5 a 10. A francesinha no jegue desmente o mundo globalizado. Enquanto isso os paulistas preferem os bugres na areia, no ritmo de aventura que não encontram mais por lá. O contraditório. “Engarrafamento é progresso”, bradou, ouviram lá do Ipiranga, Paulo Maluf.

A francesinha lá, todo entregue ao exotico, benza-te Deus. Escanchada no jegue. E o diabo do jumento, desobediente aos ditames e da ética da Embratur, de peia dura. Meio metro de fumo. Nem Brigitte Bardot, que de uns anos para cá deu para solidarizar-se com animais do gênero, aguentaria.

A vida devagar numa fuga para Cumbuco, tão perto e tão longe de Fortaleza. Mas os bugres, que praga. Um zunzum dos seiscentos. É mais fácil ser atropelado em Cumbuco do que em Nova York. Deveria ser proibido esses animais! Ou sacrificados pelo inocente jeguinho, quem sabe!

É mais fácil morrer na areia de Cumbuco ou dos arredores de Natal do que nas ruas de São Paulo, Cidade do México, Bancoc e outros desastres metropolitanos. Você bota a cara fora da água e lá vem um bugre voador. Estica a toalha na areia, e lá fica a marca do Firestone do bugre.

Coisa idiota essa de ter que voltar de férias e contar que pintou misérias em um bugre, vôo sobre as dunas, rasgou o cu na dureza do bugre!

Mirem-se no exemplo da francesinha. Ali, bem devagar, a 0,1 por hora, numa velocidade capaz de render bíblias de Paul Virilio e outros contrerrâneos ensaiosos da bichinha. O jegue com a peia dura, lesado, talvez a sentir aquela bucinha ruiva a suar sobre o seu lombo. Tristes trópicos de cú é rola, velho e Levis Strauss.

A francesinha, tão devagar, não sai de foco.

Gerúndio com "d" nem fudeno 05-set-2002

Fazeno, gostano, amano, mordenho, jogano, ciscano, molhano, zuano, chupano, triunfano, fracassano, doeno, adoeceno, pervertino, sorrino, aprendeno, nasceno sabeno. É a leseira da língua, massapê amolecido.

Por Xico Sá

Salve o gerúndio sem "d". Agora é assim: fudendo é fudeno, gozando é gozano, vivendo é viveno, sofrendo é sofreno, morrendo é morreno. Pela mudança já, incontinenti, mais ligeiro que mijada de caçote. E revoguem-se as disposições em contrário das donas normas cultas e d'outras forças estranhas do vernáculo.

O profeta glauberiano (freesssco!!!) Lirioboy, flor do asfalto, venceu mais uma.

Fazeno, gostano, amano, mordenho, jogano, ciscano, molhano, zuano, chupano, triunfano, fracassano, doeno, adoeceno, pervertino, sorrino, aprendeno, nasceno sabeno.

A língua falada dos homens. A língua amolecida dos homens que têm o sol por testemunha sobre a mulêra e o massapê debaixo dos pés. O lundu, o denço, o cafuné, o derretimento do nosso mundo. Nossa sagrada leseira (preguiçoso uma ova!, senhores de novos engenhos).

A língua dos homens que comem pirão com pimenta. A língua dos homens que comem o tutano dos ossos de todos os mucubucos. E das mulheres que comem bananas amassadas com açúcar e canela. Das mulheres derretidas como o queijo da cartola.

A língua na maciota. Capaz de dizer as maiores violências, mas sempre rezano, orano, louvano Dionísio, rei dos reis, deus que amolece e dança dançano.

A partir desta edição, O Carapuceiro jamais cravará um "d" entre a língua presa e os dentes da sua própria ignorância. Prefere lambe a doçura da fala da rua, do nego bêbado atravessano o léxico com as mãos nas costas. Mas não se zangue, pode ser apenas mais uma promessa.

Gerúndio com "d"?, nem fudeno!

Presença labial 23-set-2002

Edmilson fala uma espécie de barroco-gréia, desconstruindo o sr. Beletismo e a dona Norma Culta por dentro. “Queira incorporar a sua pessoa a galinha indexada com arroz anexado, só para análise, não é culinária vigente””.

Por Xico Sá

Deciframo (gerúndio nordestino é sem “d”, como diz a poeira, como prega este Carapuzeiro) Edmilson, filho de dona Mira, pernambucano de origem baiana, garçom de mancheia. Onde dona Mira vem a ser a mulher-cozinha, umas das melhores casas de comida do Brasil, assentada no bairro de Casa Amarela, nas encostas do Recife, nas beiradas da avenida Norte, do lado de dentro, enfiado, é só perguntar, qualquer ônibus que passa, passa, qualquer táxi, vai bem mais perto.

Edmilson fala uma espécie de barroco-gréia, desconstruindo o sr. Beletismo e a dona Norma Culta por dentro. “Queira incorporar a sua pessoa a galinha indexada com arroz anexado, só para análise, não é culinária vigente”, salta.

Leia-se: “taí, bocado de fi d’uma égua de classe média, uma penosa com farofa pra abrir os trabalhos, enxugar a primeira, não tamo falano ainda de encher a pança com comida de verdade, aquela que faz merda, ou encher o cu de cana”.

Melhor pegar o recipiente de assepsia facial, como o rapaz tucanou o guardanapo, e entornar a Pitu abridora de caminho. “Glacial ou equatoriana”, como o gelado e o quente foram batizados naquela bendita casa.

Edmilson chama buchada de bode de “coreografia ecológica”. C’est bon. O Carapuzeiro deixa uma sugestão para incrementar o batismo: miudeza caprina pret-à-porter. Ou será alta costura? Por que buchada de bode, com aqueles saquinhos de bucho costurados à mão –envolvem miúdos em geral - é mais que John Galliano, mais que alta costura, maison dos deuses!

Talvez seja o prato mais sofisticado da nossa culinária. Nossa, vírgula, pois origem de verdade nunca li em nenhum lugar. Nem Câmara Cascudo explicou o bicho. O mestre Mário Souto Maior também encucava com a origem. Um amigo com matriz inglesa, Andrew, em SP, me contou que viu coisa parecida pro lado da Escocesa. (Buchada com malte escocês, como a classe média nordestina faz hoje, Johnny a R\$ 3 a dose, diga-se).

À guisa de laboratório palativo, nada mal.

Desce uns miúdos metafísicos, Edmilson, para o nosso amigo Dapieve!

Desce uma presença labial, digo língua portuguesa ao molho da leseira possível, três da tarde, calor senegalês, uma rede de sobremesa, cafunés de minha morena a um real a dúzia (sem bandeira 2), please, peido para engordar nuvens.

Debaixo dos cabelos dos homens (os) 30-0-500247 0 Tm (be) Tj 50 0 0 502391 0 Tm (Q) Tj 50 0

As mulheres e os cabelos, os homens e suas obviedades pentelhas nos encontros de supermercados, botecos, praças, campos de algodão ou de centeio...

Por Daniel ElPapa

Fui ao supermercado com a minha amásia recentemente e tive a oportunidade de descobrir que as diferenças entre o gênero masculino e feminino vão muito além do velho conceito de peloca e pepeca, lúdica referência que os nossos pais diziam a respeito dos órgãos genitais do ser humano.

Em meio de códigos de barra, carrinhos de compra e aquela gente mal educada, encontramos um casal amigo nosso que não víamos há algum tempo. A sudação foi a de praxe e as velhas perguntas também.

As mulheres, nessas ocasiões, criam uma espécie de campo de força invisível, ficando isoladas em um interminável bate-papo e com um dialeto especifico::

“- Querida, quanto tempo! Você está tão linda, o que você fez? Já sei, o seu cabelo está totalmente diferente com esse novo corte. Quem fez essa maravilha? Só pode ter sido o super Marivaldo!”

A outra responde:

“- Pois é querida, foi ele mesmo. Ele é o mago dos cabelos. E você, não mudou muito, não é?”.

A réplica:

“- Não mudei mesmo, continuo com o rostinho dos 18. Mas, acho que vou querer o endereço do Marivaldo, porque gostei muito do seu corte e vou querer fazer no meu também!”

Enquanto isso, o macharal enceta o velho e reservado diálogo de arquibancada de futebol.

“- Fala, fela da puta! Que cabelinho de viado é esse, heim?”

“- É o mesmo que a sua irmã gostava, Seu Comê! Por falar em irmã, onde anda a sua gostosa da sua irmãzinha? Uhuhuh.....”

“- Casou com um baitolinha! Mas ele é menos baitola que você, que ainda não

estava imaginando o quanto o cara era gente fina e que, apesar da escrotagem filosófica recíproca, éramos grandes amigos.

Já a minha amásia, que depois de um tempo se tornou ex, me ensinou o quanto a falsidade pode ser elegante, fazendo com que um elogio seja ao mesmo tempo um escárnio, como se o sinônimo de “querida” fosse “filha da puta”. Portanto, quando uma mulher encontrar outra e disser:

“- Querida, como você está?”

Entenda:

“- Filha da puta, vá se ferrar!”

Vai-se lá entender...

Uma vida sem catabios 02-dez-2002

E teve a morte feliz, ambulância novinha, com cheiro de banco novo, a caminho da estrada definitiva. Era a inauguração do veículo oficial. Foi todo pabo, nem aí para a dor que deveras sentia.

Por Xico Sá

“Rapaz, [REDACTED] hoje a notícia de que nosso existencialista do sertão morreu do coração: Leonardo Martins_ adoece que gosta de provar a maciez do banco. Dizem que seu último pedido foi que fosse transportado para o hospital numa ambulanciazinha nova, recém comprada em Sucesso. Ficamos desfalcados de mais um sartreano”.

Quem passa o telegrama é o nobilíssimo cearense Paulo Mota, ali mesmo de uma moita no terreiro da casa da mãe, onde foi retomar as forças para agüentar a fumaça e a estranheza do sul. Leonardo Martins passou a vida de cima para baixo, de Rural em Rural, boléia em boléia, jipe em jipe, e agora, mais recentemente, nos chamados carros de passeio. Ainda mais do que má notícia.

E o melhor disso tudo: sem destino nem objetivo.

Quando indagavam o cabaleiro sobre os motivos de tanta viagem de automóvel, ele sorria:

- É assim, prima. Tm (pr) Tj 50 1618 0 Tm (,) 9a8 () TjET Q Q q 18.000006b0 50 50 0 0 50236 0 Tm (

Louvação pra Mamãe Jomard 06-jan-2003

Nosso herói degola o palhaço no Pernambuco de nativismo tão claustrofóbico -o orgulho de ser marqueteiro e o dom de iludir as massas tanto nos caixas do Bompreço (agora holandês!) quanto nas lavaredas do jarbismo.

Por Xico Sá

O bom combate de Mamãe Jomard – a patente é do oswaldiano Humberto Varejão - contra o Palhaço Armorial. Mamãe Jomard caminha sobre as águas do açude de Santo Antônio de Apipucos. É o milagre da tropicologia, estava escrito nas tábuas de Pedramérico (“deixei de ser besta para sebista”). Serei eu contraditório? O mais contraditório dos mortais. A modéstia freyriana ecoa, sample de Dj Dolores, no Recife mais assombrado.

Mamãe Jomard degola o palhaço, como no seu clássico Super-8, mamãe Jomard roda a baiana, com samba-duro no pé, no Pernambuco de nativismo tão claustrofóbico - o orgulho de ser marqueteiro e o dom de iludir as massas tanto nos caixas do Bompreço (agora holandês!) quanto nas lavaredas do simbolismo jarbista.

Da importância de ser Mamãe Jomard, caboclo de lança contra os folclorismos bestiais. Muso do Vivencial Diversiones, viva Pernalonga e a sua capoeira à Madame Satã. Jomard Muniz de Britto contra os atravessadores da cultura popular, flerte com o subcomandante Zero Quatro.

Coalho no leite de cabra das unanimidades pernambucanas. Salve Mamãe Jomard, que anda cada vez mais parecido com Boal, mas com chassis e alma de Zé Celso. Dionísio neles!

E foi uma noite inteira no Baixo Leblon em homenagem a Mamãe Jomard. O menino Beto Azoubel o viu na tevê a cabo. Lirioboy disse que o seu coração se dividia entre Jomard e Amin Steaple. Discursos passionais. Os cariocas não entendiam o enredo de tal frevo distorcido, amor. Lembrei que nunca entreguei “O grau zero da escritura”, empréstimo de generosa Mamãe Jomard. Devolva o Barthes que você me tomou, e nunca leu... Lirioboy recitou Pop Filosofia.

Na mesma pisada, o menino Azoubel convocou assembléia extraordinária para a residência do Largo dos Leões. Agora com o afilhado pernambucano de Bataille, Hilton Lacerda, descaminhador de noviços e virtuosos em geral. Cachaças adiante, lá estávamos mais uma vez a desfiar nosso edipianismo exilado de primeira: salve Mamãe Jomard!

Chora menino! 13-abr-2003

Madrugada fria em SP. E a vontade danada, desejo de grávida, de chacoalhar uma Eugenia luschuattiana na boca... É o Carapuceiro e suas madeleines sertanejas, velho Graça!

Por Xico Sá

E não é que me veio uma vontade lascada de roer umas pitombas? Só que o meu juízo esqueceu de me avisar que eu estava em São Paulo, bairro da Consolação, lá por volta das duas da manhã. Mas bateu água na boca. Desejo de grávida. Grávida de barrigona de trigêmeos. Chega senti a bichinha redonda, distr 588.24005 cm BT550 0 0 50 1201 0 TS60

Bonito pra chover 02-mar-2003

O foi-não-foi dos sapos toma conta do Cariri. Meu pai toma todas. E mal-diz o aguaceiro, sempre com seu discurso do contra vento e maré: “Bom mesmo é seca braba, passo o ano sem melar os pés de barro.”

Por Xico Sá

“O Penedo tá sangrando!”, diz minha mãe no telefone. “O Tatajuba também tá um marzão”. Ela lembra que nasci em ano de cheia. “É água, meu filho, num é brincadeira não”.

O foi-não-foi dos sapos toma conta do Cariri. Meu pai toma todas. E mal-diz o aguaceiro, sempre com seu discurso do contra vento e maré: “Bom mesmo é seca braba, passo o ano sem melar os pés de barro.”

Zé Humberto foi embora de São Paulo e chegou bem dentro das enchentes. Era gerente no Brás e depois no Largo 13. Dison, meu tio, tem graúnas que cantam no dedo. Lembro do nascente bonito pra chover. E dos banhos no terreiro, escorregando no barro feito Tostão de carrinho na Copa de 70.

Se o Tatajuba estourar, alerta minha mãe, vai é morrer gente. “E tua tia Neide não arreda lá no Tabuleiro, no meio do baixio...” Os engenheiros do governo já alertaram: a parede pode romper. Aí até Nova Olinda corre perigo.

(Lembro da cheia de Tapacurá, a barragem que abastece o Recife. Em 1975 correu um boato que “meu Deus se acaba tudo” e morreu gente na capital só de medo e boato, como na transmissão radiofônica de agá de Orson Welles, a dos marcianos invadindo a terra. Homero Fonseca fez um livro bom demais sobre o correr do caos da boca do povo).

O açude do Assaré também esborrota. O do Saquinho, de tia Neuzinha, segura a onda: faz tempo que o aguaceiro lava a parede e ele não quebra. Cheio de pés de caju por ali. Lembro as nambus que toreí a asa de baladeira e espingarda soca-soca. Meu primo Tontôin, mas certo, só na cabeça das perdizes, cordonizes, rolinhas... Sequinhas na caçarola, meu Deus, coitado do Fasano e suas gororobas de grife!!!

(Falar em comida, Cláudio Assis outro dia fez um bode, rapazes, que só vendo. O bicho sabe a arte de mexer um pirão. E ainda dizem que é um ignorante! Nenhum cabra violento de verdade é capaz da delicadeza de mexer um pirão, sob pena da farinha embolorar. Um bode com feijão verde e pirão... que Julinha, buchuda, merece).

Todo dia ligo pra minha mãe contar da chuva. “Ligue mais tarde, meu filho, que não caiu ainda a de hoje”, ela adverte. É mesmo que eu tá vendo, narrativa de confiança. “Tá dando peixe demais, meu filho”, ela multiplica.

Entro no chuveiro, fecho os olhos, aquela chuva toda também cai sobre mim.

Além do bem e do mal 06-jun-2003

O nosso “sabroso” colunista visita nosso sitio e manda suaves noticias curiosas sobre: por onde anda a filosofia.

Por Suavezito

Essa semana veio à
minha província um amigo que trouxe notícias da metrópole e
também carregava dentro de seu mafuá uma dessas revistas mensais
que tudo quer informar e que, ao fim das contas, só faz amontoar e virar isca de traça.
O caso é que li uma coluna que me deixou curioso sobre certo assunto;
dizia estar em moda uns cursos livres de Nietzsche. Depois de alguns segundos de
sorrisinhos leves, fui tomado por uma tont

conversa eram Foucault e Sade Masoch, que ele ainda não tinha lido. Toda leitura em suas muitas escolhas leva sempre a vários “mundos”, promovendo muitas vezes obscurantismo e incompreensão (o que deve causar grande mágoa ao leitor ao final de um bom livro); emoções latentes e vulneráveis aos que sofrem; comparação com as situações e as pessoas do mundo imaginário, Dom Quixotes errantes; remédios como cura para os desmandos dos céus com os sofrendores da terra – é sempre bom lembrar Os Remédios do Amor e Os cosméticos para o rosto da mulher, de Ovídio; e outras tantas tormentas. Mas duas são as avalanches no coração de um leitor atento: a estupidez seguida da vaidade e o ócio - *“detesto todos os ociosos que lêem”*, assim falava Zaratustra...

O cuidado com o hábito da leitura é para mim feito o trato com uma bela moça: não se pode tomar pela cintura nos passeios pelas ruas do primeiro ao último encontro; amão é lugar mais seguro e com ela se consegue passos mais constantes; os carinhos em excesso causam náuseas e fazem esquecer o aroma do perfume natural da pele. Tudo em demasia causa enjoão até mesmo quando proporciona prazer. A leitura na intenção de se sentir “sabido demais” em muitos momentos nos leva a tolice. Os Budas dizem: “coma pouco, durma pouco, leia menos ainda e medite mais”.

O maior passo da humanidade 17-outubro-2004

Nunca houve um passo como moonwalk, nunca houve mais linda invasão à lua dos doidos varridos.

Por Xico Sá

Nascimento do Passo, gênio das 70 e tantas mungangas do frevo, que me desculpe; os velhos e bons b-boys, idem ibidem; os mestre dos baques solto e virado que me perdoem; Elvis, pomba-gira da pele branca, negocie; Fred Astaire, nego, não se revire no desenho pontilhado dos seus respeitáveis sete palmos; funkadeliks forever, Chicago e Belém com as suas aparelhagens, samba, samba, samba, candomblé, os deuses que dançam, a todos o meu respeito e o sangue sem mertiolate dos meus joelhos...

Mas, na boa, o maior passo da humanidade se deu quando o primeiro negro pisou na lua: salve Michael Jackson, um, dois, espírito a três passos do chão, me encoxe, wanna take you on a moonwalk...

Ele vai pagar a vida inteira por ter sido maior que Armstrong e sua gangue, por ter fincado a bandeira da sua tara acima de todos os musicais de todas as tendências... Wanna take you on a magic carpet ride...

Salve os bois bumbás, os tchans, o samba duro, as lias de itamaracás, a ciência sob o calçamento do mangue, a fulerage, a macumba da japonega, mas, perai, ninguém levitou tão bonito quanto esse rapaz!

Forever my love, you'll be mine. A lua, esse conhaque, o passo da humanidade, comovido com alma perra e carapuça de jabá-pop à vera.

Eu sei, ele perdeu o nariz original como o carinha do barbeiro de Gogol, mas pouco importa, não o diminui como o primeiro negro a pisar a areia movediça da lua.

A América nunca vai perdoar o seu primeiro negro mais leve que as folhas das folhas da relva, coitada d'América...

Ninguém, nem o mais mungangueiro dos artistas populares, nem os comedores de vidros, ninguém sob a lona do nosso Soleil, ninguém no farol, ninguém no sinal... Nunca houve um passo tão lindo, ajoelhe e reze sr. Balé clássico, bata palmas, morra de inveja, gaste a arrogância das sapatilhas...

Nunca houve um passo como moonwalk, nunca houve mais linda invasão à lua dos doidos varridos, Michael Jackson nunca caiu nesse agá minúsculo, pra enganar moça, ora direis, de pisar nos astros distraído.

Ele andou palmos acima, seu mar vermelho, tábuas sagradas, Moisés da hora, por entre as nuvens do auto-engano, por entre os dez mandamentos, a terra é azul... e ele, marcha à ré, se move.

Estátua.

Stop.

Parou ele ou parou o pop?

Bem que Cícero Dias avisou 28-out-2004

Massacrada, a praia de Boa Viagem recorre aos tubarões para fazer a sua vingança.

Por Otto Maximiliano

Eu já sabia, antes de titio Fantoni morar na casa navio eu já nadava nesta praia e isto foi em 74, e olhe quantas copas passaram, e boa viagem lá com suas águas verde-esmeralda, que de um dia para o outro todos quiseram morar lá, implodiram as casas e o velho calçamento fizeram uma pista dupla e não sei porque os belos pés de coco foram desaparecendo, construíram arranha-céus padronizaram as barracas de coco, e as inofensivas marinha farinha tão graciosa e abundantes também foram embora, e eu adolescente não sentia a mudança, continuava a frequentar ,pois ainda era bela, foi lá em frente ao Acaica que comecei meus grandes prazeres da vida de rapaz fumei e namorei muito naquelas águas quentes sem falar no futebol jogávamos vinte contra vinte com barrinha pequena, saíamos da praia sete horas da noite, pra quem chegou as 9hs, tomávamos cachaça com ananais e comíamos a salada de fruta do Beleza, a especial vinha com um baseado. Beleza foi o cara que mais morreu no mundo, e sempre ressuscitava, era um misto de malandro e surfista, merecia uma estátua em frente ao Acaica.

Escrevo isto com muita tristeza, pois alguns anos atrás fui me afastando, pois começaram a realizar naquele paraíso os carnavais fora de época e eu graças a Deus estava no centro junto com Fred , Chico, Renato L, Pupilo , Lúcio , Bactéria estávamos no embalo do mangue e éramos contra todo aquele descarrego de música baiana, verdadeiro massacre em ondas musicais. Pensante que sou comecei a imaginar a quantidade de mijo despejado a beira mar, mijo esse da cerveja patrocinadora do evento, e eram milhares de pessoas e eu não podia fazer nada, mais sabia, e alertei, mais ninguém me ouviu, e pra piorar vieram os tubarões, esses capetas dos mares com uma fome de leão, aterrorizando na beirinha, em qualquer lugar. Coitados dos surfistas, alguns até viraram alcoólatras, comerciantezinhos de nada, tendo que colocar camisa de botão e pegar o setúbal pro centro num calor de doer. Tudo isto foi progresso no berço do neoliberalismo, o divertimento final da usina, o tiro prometido da velha garrucha enferrujada no velho e manso leão do norte, dominado de oligarquia. E ao povo: o azar. Escrevo por indignação, por raiva, vi tudo desmoronar em absoluto. A minha praia querida! Com raiva de tudo isto recorreste aos tubarões, quem mandou aterrar tudo, e agora, vendendo todos os prédios não paga a natureza em fúria, décadas de prestação... Não é por nada não, mais um dia em sonho vi toda beira mar se afundar, e como CICERO DIAS já disse :DIQUE NÃO ADIANTA, não é BRENAND!!?

OTTO MAXIMILIANO

Rio de Janeiro

Bom suar em Teresina 13-fevereiro-2005

Pensa que eu sou loki, bicho? Sou velho mas gosto de viajar

Por Xico Sá

Eu sou como eu sou, velho Torquato Neto, pronome pessoal intransferível, aqui diretamente de Teresina, reparo o homem que iniciei na medida do impossível, como é bom suar e evaporar-se em Teresina, capote com cerveja e as moças com a Torquatália na ponta da língua.

Eu sou como eu sou agora, sem grandes segredos dantes sem novos secretos dentes, nesta hora, ao morder essa menina, desato o nó da angústia, nesse exato canino, filezinho, baby, bife, ainda cheirando a leite, bom suar, bom suar, falo francês em Teresina...

Transmito a vida, narrador ambulante, falando diretamente de Teresina, Eu eu sou como eu sou, desferrolhado indecente, e hoje estou ótimo e dormido, alguma garganta por aqui vai sempre correr certo perigo, essa menina, jambo-girl lá na esquina, valha-me Deus, o poeta está solto nas ruas, foi descuido do seu domador, e os camelôs tocam zouk zouk zouk love, preciso encontrar o meu amor...

Como é bom suar em Teresina, aqui falando diretamente das margens do Poti _ou seria o Parnaíba?_ que centrão mais Bombaim, me sopra o amigo Maurício Lima, e nem bolimos com as meninas de Bete Cuscuz, as mais decentes raparigas, as mais sinceras das mulheres, putas vocacionadas, não são como essas neoliberais garotas de programa, que ligam o taxímetro e cobram os olhos da cara.

Diretamente de Teresina, nas oíças Lado2Estéreo, com o disco SambaqueTorto e Outros Ritmos, dois meninos, botano pra tirar do ramo, é possível sim filosofar com os miolos quentes, lirismo aos potes, Respiro o teu café... o teu açúcar, Samba de Lounge, das beiras do rio nada, adonde nem o vento é fresco, meu nego.

Adonde os poetas morrem mais cedo, Torquato, Faustino _”quanta violência, quanta ternura”_, tudo se foi sem mal do século ou feições de tísicos... “Sociedade dos Poetas Trágicos”, livro do jornalista Zózimo Tavares, lista outros tantos que se foram, da mesma terra, jovens com arcos & liras: Alcides Freitas, José Newton, Licurgo de Paiva, Lucídio, Nogueira, Paulo Vêras, Ramsés Ramos e Zito Batista.

Morte por lirismo ou gás antes dos trinta.

Uma palavra é mais que uma palavra, além de uma cilada, cutuca Feliciano Bezerra com a sábia Escritura, verve, verve de epígrafes e tragédias...

Arte longa, diz a puta com engenho, vida tão mínima, essa pequena, uma boneca essa menina.

Eu sou como eu sou e encarno o locutor desse jogo, missa de corpo presente, termino mandando um forte abraço para os amigos, um beijo para as delícias, amplexos para os leitores desse comício, e fiquem com Torquato que já cansei de tudo isso: Eu sou como eu sou, vidente, e vivo tranquilamente todas as horas do fim.

LEILÃO DE ALMAS

Carta aberta aos Faustos do Silício (1) 07-junho-2000

Nessa bacia das almas perdidas, não é o leilão de Fausto nem muito menos a quebradeira da tal Bolsa Nasdaq que vai nos tirar do prumo ou fazer com que deixemos de tomar a nossa cerveja gelada com arrumadinho, moela ou calabresa.

Por Xico Sá, h.d. mabuse e Miss Soledad Corações Derivativos dos Campos de Silício

Nessa bacia das almas perdidas, não é o leilão de Fausto nem muito menos a quebradeira da tal Bolsa Nasdaq que vai nos tirar do prumo ou fazer com que deixemos de tomar a nossa cerveja gelada com arrumadinho, moela ou calabresa. Seja no Beco do Vento, no fiteiro da rua da Aurora, no Apurado, no Sujinho da Consolação, no My Love ou no Aqui Tem da Augusta - para citar nossas preferências no Recife e São Paulo - continuamos fiéis à nossa embriaguez de citações e aos “artículos de costumes”, para lembrar os irmãos espanhóis e tortos lusitanos, línguas fiéis do mal-dizer.

Sem um centavo do cachorrinho de Adam Smith, sem nenhuma esmola da mão invisível das calçadas virtuais ou sequer alguma poeira superestimada do Vale do Silício nos olhos, O Carapuceiro chega ao seu segundo ano. Não foi fácil manter o nosso web-master em regime de trabalho-escravo. Mas que foi divertido, isso foi. A diversão é o xerém de nossas almas engaioladas. Engaioladas, pero nunca loucas. Não rasgamos pesetas nem reais, mas que hay vontade, hay.

Durante esta longa jornada, tivemos o privilégio de veicular um único anúncio, uma peça do camarada Marx, que chacoteava a burrice do mercado: “Quem entende de Capital, anuncia n'O CARAPUCEIRO”, bradava a figura do barbudo a serviço do banner.

Isso não quer dizer que estejamos exibindo as nossas chagas na mendicância ou leilões web-soul. Quem quiser molhar as nossas mãos, vai ter que aguentar a nossa secura ancestral, a nossa fome de viver.

Primeiro periódico a ressuscitar graças às facilidades técnicas da web (O Carapuceiro original nasceu nos anos 30 do século passado e aqui tentamos manter a sua maldade, veja histórico ao clicar “Expediente”), nossa casa impressora promete manter-se fiel aos seus princípios de mal-estar e mal-dizer da civilização. Mas sem precisar ser chato, claro, pois enquanto houver burros com poder não poderemos deixar de rir dos seus pequenos cérebros enfeitados por enormes orelhas virtuais.

Para os visitantes de sempre, a nossa casa oferece café quente. E a embalagem ainda vale dinheiro.

Atenciosamente, Xico Sá, h.d. mabuse e Miss Soledad Corações Derivativos dos Campos de Silício

A cheia que trouxe o mar vermelho 25-julho-2000

Conheça a menina que virou moça por causa dos paus-de-enchente.

Por Xico Sá

Não tenho memória para falar sobre ondas que invadiram ontem minh'alma. Não vou ter também muitas lembranças sobre o que alagou meus sonhos infantis; assim foi o ano de 75. Meu quarto... e os olhos cheios de água de minhas bonecas. Vestir bonecas de papel nem pensar!, calçar o salto alto de minha mãe era o mesmo que calçar pés de patos!, um dilúvio num pobre coraçãozinho de menina-moça.

Isso foi naquela época em que a enchente levava para fora de meu quarto, e de minha vida, a infância, e trazia umas breves dores abdominais; talvez acertando em cheio na minha meninice. Travessia para o mar vermelho?

Sair de casa, andando por várzeas e alagados, restos de enchente. Andar com os meus amigos de rua, pra cima e pra baixo, no canal do Aeroporto, nossos olhos voltados para as séries de “Betas” –peixinhos de colorações mais douradas, mais reluzentes, essas competições de meninos.

E assim as brincadeiras de quarto, de menina, foram até a esquina, atravessaram a rua e, mal a enchente fez boiar os brinquedos, eu comecei a pisar com saltos “francesinha” nas poças breves da minha mocidade.

Mesmo quando o amor não acaba... 21-agosto-2000

Miss Soledad, na margem esquerda do Capibaribe, conta uma fábula que vale para o mundo inteiro.

Por Miss Soledad

Miss Soledad coração à margem esquerda do rio... oferece para todos os amores distantes e naturalmente impossíveis esta Fábula de Amor e Escárnio, de Alberto Moravia.

Cher Na e Ja Vali, Amor Mentiroso

Há algumas dúzias de bilhões de anos, um Ja Vali enamorou-se perdidamente de Cher Na. É necessário saber que nesses tempos não havia nada de extraordinário em amores como estes. Todos os animais viviam em paz e eram amigos. Podia até acontecer, suponhamos, que Ele fante, bem conhecido pela sua corpulência, fizesse a corte a Pul Ga, não menos conhecida pela sua pequenez. Em suma, reinava o amor. Não se sabia que coisas eram a antipatia, a hostilidade, o ódio. No entanto, o amor também tinha limites. Por exemplo, já havia o mar e a terra: e os animais do mar estavam no seu ambiente, assim como os da terra. De facto, remota a essa época de provérbio que diz: "Entre o dizer e o fazer há o mar de permeio". Ora, Cher Na e Ja Vali quiseram transgredir esta regra, condensada por sua vez por outro provérbio bem conhecido: "Malhas e cabedal só na terra natal". Esta é a implacável história das graves conseqüências desta transgressão.

Cher Na vivia numa tranqüila baía de águas límpidas e azuis. Ja Vali, por sua vez, vivia numa profunda caverna, no extremo da floresta. Mas ambos gostavam de passear: Cher Na no mar e ao longo da praia; Ja Vali em terra, igualmente ao longo da praia. Acabaram por se encontrar e, naturalmente, começaram a falar:

- Tu chamas-te Cher Na, não é verdade?

- E tu Ja Vali, não é verdade? 0 Tm (-) Tj 50 0 0 50 303 sc q 0.23999999 0 0 0.2091998 re 50 000 50 412 0 Tm

-Como são lindas as tuas barbatanas!

-Também as tuas defesas!

Em resumo, gostavam mesmo um do outro. Infelizmente, porém, entre eles continuava a haver o mar. E tanto é assim que, nessa época, começou a circular outro provérbio: “Um mar lava o outro, e os dois lavam o rosto”.

Por fim, a primeira a aborrecer-se foi Cher Na, que tinha no fundo do mar, numa grande concha, uma graciosa casita de três divisões e gostaria que Ja Vali fosse viver com ela.

-Ouve lá, porque não vens para o mar, para a minha casa, apenas a três mil quilômetros de profundidade? Se soubesses como a minha casa é bonita...

Ja Vali, que não sabia nadar, mas se envergonhava de o confessar, respondeu:

-Logo acontece que hoje, justamente, tenho reumatismo na pata direita e a humildade far-me-ia mal. Porque é que não saís tu antes da água e não me vens fazer uma visita a minha casa, numa bela gruta com todas as comodidades, apenas a vinte mil quilômetros de distância?

Ora, Cher Na, como todos os peixes, não tinha pés, mas envergonhava-se de o dizer. E, por isso respondeu:

-Logo acontece que tenho um calo no mindinho do pé direito.

Hoje, na verdade, não tenho disposição para fazer uma caminhada tão longa.

Em suma, mentiam um ao outro. E, entretanto, o seu amor não andava nem para a frente nem para trás.

As coisas continuavam assim, digamos, por um par de milhões de anos. Depois, Cher Na e Ja Vali, cada um por iniciativa sua, decidiram recorrer à ajuda da família Dor, gente ociosa e mandriona, que, precisamente por andar sempre desocupada, podia encarregar-se de tais problemas. O pai chamava-se Bebe Dor, a mãe Come Dor, e os filhos Caça Dor e Pesca Dor. Parece que o avô se chamava Cultiva Dor e a avó Mungi Dor, mas não há certeza. Era uma família famosa pela sua estupidez. Basta de dizer que, não obstante terem quatro patas como de todos animais, se obstinavam em caminhar apenas com duas, não sabendo o que fazer das outras.

Em resumo, Cher Na foi ter com Caça Dor e disse-lhe:

-Gosto muito do Ja Vali, mas ele não quer vir ter comigo no fundo do mar. Vê lá se encontras modo de o apanhar e de obrigares a viver comigo.

E Ja Vali disse a Pesca Dor: “gosto muito de Cher Na, mas ela não quer casar comigo. Vê lá se és capaz de a raptar e de a levar para a caverna”.

Caça Dor e Pesca Dor disseram que iriam pensar no assunto. Mas só para pesarem como eram muito estúpidos, levaram um bilhão de anos. Por fim, contudo, conseguiram fabricar duas geringonças que podiam servir para o efeito: Caça Dor, uma ratoeira; Pesca Dor, uma rede.

Caça Dor escondeu a ratoeira numa moita pela qual Ja Vali passava todos os dias quando se dirigia para a praia. Por seu turno, Pesca Dor deitou no ponto exacto da baía onde sabia que Cher Na apareceria. E foi assim que Ja Vali foi apanhado e ficou a puxar a pata sem se poder libertar e Cher Na foi envolvida na rede e arrastada para a praia, não obstante os seus esguichos impotentes. Chegou então a hora da verdade para os dois namorados mentirosos: Cher Na teve que confessar que não tinha pés e Ja Vali que não sabia nadar. Foi uma cena penosa.

Cher Na disse a Ja Vali:

- Mentiroso, não me apareças mais.

Já Vali disse a Cher Na:

- Mentirosa, não te quero ver mais.

Depois, Cher Na, com um salto, mergulhou no mar e Ja Vali, galopando, foi esconder-se na floresta. O seu amor havia acabado.

E a ratoeira e a rede? – perguntaram vocês. Os dois irmãos Caça Dor e Pesca Dor, não sabendo o que fazer-lhes, Visto que Cher Na e Ja Vali já não precisava mais daquilo, puseram as geringonças no sótão e não pensaram mais nelas. Mas, com o passar do tempo, ao menos podiam utilizar as suas invenções para aquilo que hoje se chama a caça e a pesca.

Passaram mais não sei de quantos milhões de anos, e tantas voltas dá o mundo que, Cher Na e Ja Vali encontram-se um ao lado do outro sobre a mesa da família Dor: Cher Na numa bandeja comprida, cozida, com contorno de batatas e cenouras e um limão na boca; Ja Vali numa bandeja redonda, assado na brasa, com contorno de castanhas e de marmelada de mirtos. Ja Vali disse então, em voz baixa, a Cher Na:

- É melhor estar calados... do que cozidos e assados.

E Cher Na por sua vez, respondeu:

- É melhor amar à distância... chega mais abundância.

As calçadas da Internet 17-setembro-2000

Ou o fim dos provedores do amor.

Por Xico Sá

“Um só me importuna (assim julga o solitário). Um sempre acaba por fazer dois!”

Vamos lá... Pensando bem, essa “cadeira na calçada” que é a Internet, onde se vende até a mãe e a cunhada, pobre desalmada, é seduzida em plena luz dos escritórios, está acabando de vez com aquela coisa de ter um “painho” _que era como as teúdas-e-manteúdas chamavam seus provedores de bem estar e amor.

Sim! Amor de verdade: casa, comida e dinheiro debaixo das camisolas!

Agora, na surdina dos chats, vale qualquer coisa: homem, mulher, boneco inflável, passarinho (que come pouco) e sei lá mais o quê...

Enquanto isso, os bancos de praça estão cada vez menos habitados. Nem mais os pipoqueiros e o vendedor de qualquer coisa estão lá. É o fim do saudável e romântico comércio em torno dos periquitos.

Na praça, sobraram apenas os monumentos de bronze e pedra; eles não se mexem nem possuem emails gratuitos.

Bons tempos aqueles! Falava-se em arranjar um namorado com devoção e brilhos nos olhos. Saíamos de casa com aquele olharzinho apaixonado... E tudo era para sempre.

Agora, no calor dos chats, nem amor de verdade nem traição de verdade. Tempos em que se ler menos Spinoza, Céline, e ninguém nem mata mais ninguém como “Um Apanhador no Campo de Centeio”; nem pensa mais em sexo como Lewis Carrol. Mais céticos, existencialistas e distante do amor verdadeiro. Antes suspirava-se com os poemas de amor e dor, sentia até o gosto do açúcar dos ‘Canaviais’ de João Cabral.

Agora, os namoros que balançam na rede do ciberespaço cada vez mais completam menos as frases, ou se perdem em alguma consoante.

Mas como diz a minha imitação de Frank Capra, “da vida nada se leva a não ser o amor dos amigos”. Nessa levada é bem capaz que sirva de algum efeito. Nessa contabilidade “um milhão de amigos” vejo mais graça, vou dizer, nos frugais e temporais amores que não acabam, mesmo que seja com um mutante miserável, farrapo humano, sentado no meio-fio das calçadas da realidade.

A desaparecida da lotação 04-outubro-2000

Melindrada com o escrevente deste periódico, nossa colunista pegou uma Kombi no Parque 13 de Maio e deu um ninja, escafedeu-se. Soube-se que estaria nos braços do Hemingway do Janga. Ou seria em Maracaibo?

Por Xico Sá

Ainda revoltada porque mexi, na qualidade de amanuense deste periódico, na sua prosódia beat-capiparibe, a morena que zela por esta coluna se recusou a mandá-la ao forno da nossa padaria espiritual. Largou tudo, pegou uma Kombi rumo a Maranguape II e nunca mais deu notícia. A última que soube é que estava de andada pelo Janga, a enlouquecer um velho barbudo que se acha o Hemingway do pedaço, embora só fique nos pesque-e-pague da vida, sem uma linha de borrão para mostrar.

Também me deram notícia da nega entre os remadores do Barroso, ou será do Náutico, ali na rua da Aurora. Há quem diga que foi vista no Buraco de Otília, aquela casa gastronômica que por pouco não matou o marido de Simone de Beauvoir, em antiga visita ao Recife, de caganeira. O inferno é a comida dos outros – as delicadas tripas do Quartier Latin não resistiram. Quem viu, conta que a nega sumida ingeria uma deliciosa observação vascular, como ela mesma batizou aquele punhado de coração, moela e fígado de galinha –a melhor entrada de refeição dos Tristes Tropiques ontem, hoje e sempre.

Outras línguas dão conta da morena na Tamarineira. O que eu duvido. De doida aquilo não tem é nada. Caso fosse, que hospício iria aceitá-la? Os pregoeiros mais vagabundos, à guisa de susto ou insinuação de chifre, dão conta da morena em Maracaibo, com um tal de Manu Chao _será primo terceiro de Jorge Chao, o inesquecível apresentador da TV Jornal? Vai saber! A essa altura, só resta o consolo do rei: “Quem sabe menos das coisas, sabe muito mais que eu.”

Complexo de Édipo com mãe alheia 03-novembro-2000

Nossa homenagem ao centenário do homem que transformou a safadeza em ciência.

Por Xico Sá

O Carapuceiro homenageia o homem que botou a putaria pra virar ciência com um antigo haikai de autoria do amanuense deste periódico - escrito originalmente no banheiro do Bar do Bigode, na Várzea, cercanias da Universidade Federal de Pernambuco, onde fizemos cara de inteligente para enganar a pobre cátedra.

Que coisa feia:
Complexo de Édipo
Com a mãe alheia!

Recife, 1982

De incendiário a bombeiro em 15 minutos 21-novembro-2000

Antigamente, a utopia, entre os panfletos e os lucros das Ilusões Perdidas S/A, durava pelo menos 15 anos. Hoje, os meninos do Napster mostram que tudo se desmancha no ar qual uma bolha de sabão ou da Nasdaq.

Por Xico Sá

Deu em tudo quanto é pergaminho desse mundo sem porteira: o Napster vai cobrar tarifas dos usuários e pagar royalties. Foi mais ou menos lá pelo Dia de Finados. Morria assim mais uma utopia do mundo do Silício. Ilusões Perdidas S/A. Sem ao menos o direito a um Balzac como escriba do epitáfio. Sem entrar no julgamento do mérito, O Carapuceiro, consternado, joga aqui a sua pá de terra, como aquele parente distante que acreditava no seu Tio Vania.

Non nova, sed nove: Não uma nova coisa, mas de um modo novo. Assim deixamos as nossas saudações aos meninos do Napster. Mal sabemos se foram heróis ou aventureiros de um troco mais graúdo. O certo é que só acreditamos nos Direitos dos Humanos, jamais no Direito dos Artistas Diluidores do Nada.

Viva a violação dos Direitos Autorais. Somos do tempo em que apenas a Chantecler cantava de galo. Morra a BMG e tantas outras mariolas.

Somos do tempo, caros meninos do Napster - toda revolução digital tem o seu preço - em que um homem precisava pelo menos 15 anos para sair das barricadas para a gerência da firma do pai. Hoje, os boys do Silício carecem apenas de 15 dias ou minutos para sair da Primavera de Praga ao formol do mercado. Nunca foi tão breve a distância entre incendiário e bombeiro. Mortui non mordent: Os mortos não mordem.

Assim falou G.K. Chesterton 26-dezembro-2000

S. Francisco foi o santo do século XIX, na opinião do considerado “homem que era quinta-feira”. S. Tomás de Aquino, reza o criador de Padre Brown, foi o “aima” deste que se vai. Quem será o iluminado que vem por aí?

Por Xico Sá

“Assim como S. Francisco se pode considerar o protótipo dos aspectos romanescos e emotivos da vida, assim S. Tomás é o protótipo do seu aspecto racional, pelo que, sob muitos aspectos, estes dois santos se completam. Um dos paradoxos da história é que cada geração é convertida pelo santo que se encontra mais em contradição com ela. E assim como S. Francisco se dirigia ao século XIX prosaico, assim S. Tomás tem mensagem especial a dirigir à nossa geração, um pouco inclinada a descrer do valor da razão.”

Assim falou e disse o velho e bom G.K. Chesterton, aquele de “O Homem que Era Quinta-feira” (no Brasil pela ediouro - www.ediouro.com.br), no seu “S. Tomás de Aquino”, ediçãozinha velha da Livraria Cruz, de Braga, Portugal, ano de 1947, encontrada pelo redator deste periódico, a custo de oito patacas, na Praça Benedito Calixto, província de São Paulo, no sábado pré-Natal.

A propósito, nem ensaio de discurso ou tese, apenas uma indagação para o pulo do milênio: se S. Francisco, como prega Chesterton, foi o alma do XIX, S. Tomás do XX, quem seria o guia do XXI que abre as portas desse mundão perdido?

Ao contrário dos jesuítas, corrente da qual salvamos apenas o Vieira dos Sermões, nos levamos perguntas, jamais respostas prontas.

Bar sem nome, calçada da Benedito Calixto, São Paulo, 23 de dezembro de 2000.

Janelas que não abrem 22-janeiro-2001

De como os wwweboys acreditam na vida digital e discursam para o nada. Nossa reflexão sobre os 447 da Província de São Paulo.

Por Xico Sá

Escuta-se besteiras por todas as partes desse mundo, inclusive nos sonhos e nos mais absolutos solilóquios. Os homens são possíveis de besteiras, mas os lugares reservam-se a operar o monopólio em alguns momentos. Diríamos, sem sombra de dúvidas, que São Paulo, Capital, interior não, pela vantagem mercantil de abarcar, no momento, as commodities novidadeiras e digitais, é o traçado do mapa que mais pronuncia impropriedades e repete as últimas da internacional futurista.

Socorro, chamem o Paul Virilio para dar um jeito nessa bazófia!

No tempo do turista acidental e de Oswald (pronuncia-se Oswalde), os moços bem nascidos destas plagas estavam a repetir, nos seus cadilacs verdes pelas alamedas, um futurismo tardio, mas com charme, encanto e distinção. Hoje, Marinetti não passa de uma copeira, a qual os weboys humilham, no confinamento das suas novas economias.

Agora chegou a hora, reza o pagode Tristes Trópicos, da web-piada, a vingança nerd do Silício e da Berrine – “não há saídas, só ruas e avenidas”. Meninos que ainda nem sabem dizer bom dia a uma dama, sofrem com a broxada da Nasdaq. Eles acreditaram, água Perrier e motorista na porta, que Windons significava janelas. Esses moços, pobres moços.

Estação Guilhermina-Esperança, ZL paulistana, 17 de janeiro de 01

Romeu, Julieta e a droga do amor* 18-abril-2001

"Devo convir que a mais bela moça de Verona não representaria nada para um haxixin". Leia mais na nossa seção de devoções avulsas.

Por Tehéophile Gautier

Compreendi, então, o grande prazer que experimentam, segundo seu grau de perfeição, os espíritos e os anjos que atravessam o éter e os céus, e como se podia gozar a eternidade no paraíso.

Nada material se misturava a este êxtase; nenhum desejo terrestre alterava a sua pureza. Aliás, nem mesmo o amor teria conseguido aumentá-lo. Se Romeu tivesse sido um haxixin, teria esquecido Julieta. A pobre menina inclinada sobre os jasmims teria estendido em vão, na noite, do alto do balcão, seus belos braços de alabastro. Romeu teria ficado ao pé da escada de seda, e embora eu seja perdidamente apaixonado pelo anjo de juventude e beleza criado por Shakespeare, devo convir que a mais bela moça de Verona não representaria nada para um haxixin.

*Texto do livro "O Clube dos Haxixins", de Tehéophile Gautier (1811-1872), publicado em 1986 pela L&PM, de Porto Alegre, mas no momento fora de catálogo. Amigo de Baudelaire (diz-me com quem anda...), o francês amava o ópio, desenhava belas nuvens de haxixe e escrevia para caralho.

Oboscópios, mondrongos e tamatiás* 03-maio-2001

O corpo só vale pelos seus buracos e desacertos. Pelo lirismo da celulite e o grafismo demasiadamente humano das estrias. Falível morada d'alma vale pelos oitis, quo-vadis, olhos cegos, olho-da-goiaba e outros apanhados do gênero.

Por Xico Sá

O corpo só vale pelos seus buracos e desacertos. Buraco das oiças, da venta, da boca, do umbigo, da inhanha, do chibiu ("Ardia logo, e à custa da boceta/ por dois bolos que dava é que fodia", soneto CXXXVII, Lobo de Carvalho, Portugal, 1730-1787), do oiti, olho cego, olho-da-goiaba, quo-vadis, furico, fiofó, última Flor do Lácio, inculta e bela. O corpo só vale pelo que fede e exala a nossa data de validade. Pelo lirismo da celulite e o grafismo demasiadamente humano das estrias.

O corpo vale pelos sons do Dicionário do Palavrão, verbetes para cada orifício e cada piroca, pica, pomba-rola, pra-te-vai, frango-assado, pinguelo, piscante, perequeté. Vale pela pulha: "jacaré no seco anda". E pela putaria propriamente dita. Ainda vale um tanto pela poesia de terceira - carne de terceira, como na loa de Alberto Cunha Melo, maior poeta do Brasil nos dias que correm - que abriga e fornece: corpo, oh!, falível morada d'alma.

Vale também pela enquete: o que você menos gosto no seu corpo? A modelo-atriz responde: "Ah... veja bem..." Veja bem, um caralho. O corpo só vale pelo que rola de olhos bem fechados.

*ânus, pênis e clitóris. Fonte: Dicionário do Palavrão, Mário Souto Maior (ed. Guararapes, Recife).

Qual é o signo da Ku-Klux-Klan 10-junho-2001

Tese na Sorbonne, a astrologia é a cereja do bolo do pós-modernismo e d'outras picaretantes afins. A convite d'O Carapeiro, o historiador João Azevedo Fernandes vê o fenômeno. E diz, de cara: "Acho que as mulheres gostam da astrologia porque esta se propõe a ajudá-las a realizar seu principal objetivo desde que nossos ancestrais brigavam com as hienas lá na África: ARRANJAR UM MARIDO."

Por João Azevedo Fernandes

Dizem as lendas do cinema que, certa vez, uma estrelinha americana fez a seguinte pergunta ao irascível cineasta austríaco Otto Preminger: "Th, sr. Preminger, de que signo o senhor é?", recebendo no ato a resposta "Sou do signo Não Perrturrbe!!". É de se louvar a coragem do diretor, já que a descrença na astrologia é um caminho certo para o insucesso sexual, embora ele certamente dispusesse de outros argumentos bastante poderosos. Quantas vezes já não percebi olhares femininos de desapontamento e decidida reprovação quando ouvi a mesma pergunta e respondi "Nenhum minha filha, não acredito nessa picaretagem". Jamais me vi tentado a fazer como certo amigo meu (serei bonzinho e não o denunciarei), que morreria antes de se declarar um descrente no "poder dos astros", já que tenho o péssimo hábito de preservar minha honestidade intelectual às custas dos alívios ejaculatórios.

Como já estou no inferno mesmo, não custa nada pavimentar o caminho mais um pouco. Afinal, por quê diabos as mulheres gostam tanto da astrologia? Acho que a decadência das grandes religiões (com exceção do budismo, novo abre-te sésamo da mulherada), e do feminismo, deixou nossas amigas sem um chão seguro aonde pisar e, sendo assim, porquê não apelar para aquelas luzinhas engraçadas lá no céu? Nem a academia está livre (aliás, porque estaria?) desta muleta espiritual: agora mesmo, na antes prestigiosa Sorbonne, uma tal de Élizabéth Teissier – espécie de Omar Cardoso da França – apresentou uma tese (?) sociológica (?), defendendo a astrologia contra a ditadura da ciência "burguesa" (será que o Walter Mercado fez parte da banca?). O autor da proeza (leia-se orientador da tese) é o "dr" Michel Maffesoli, figurinha carimbada dos meios pós-modernos, e emérito combatente da ciência ocidental e falocêntrica. Aquela mesma ciência que inventou a pílula anticoncepcional e salvou milhões de mulheres da morte pela febre puerperal: para quem não sabe, antes do Dr. (esse com D maiúsculo), Semmelweiss, em meados do séc. XIX, a maioria das mulheres morria no primeiro parto, pelo simples fato de que não se fazia qualquer assepsia. Nosso falocrático doutor – que acabou no hospício por causa disso – aplicou o bom e velho método científico e descobriu que era suficiente lavar as mãos para extinguir a maior causa de morte feminina na história. Não é engraçado que os astrólogos e monges budistas não tenham percebido isso? Talvez eles não se importassem muito...

Vou me dispensar, e aos leitores, de falar das barbaridades cometidas pelos astrólogos. Afinal, qualquer lançador de sorvetes à testa (embora tenha dúvidas quanto a presidentes texanos) não teria dificuldades em perceber que as constelações não existem como entidades reais, sendo grupos de estrelas muito separadas entre si que apenas parecem formar imagens conhecidas por mesopotâmicos e gregos (outras culturas e civilizações criaram constelações completamente diferentes, e "zodíacos" mais diferentes ainda). Nosso lançador de sorvetes poderia também questionar os

astrólogos sobre os milhares de asteróides que pululam próximos a terra, e que eram desconhecidos dos antigos. Será que eles não interferem na nossa vida? (opa, foi mal, eles agora vão saber que existem asteróides e vão aumentar o faturamento...).

Bom, tudo isso não responde à pergunta que fiz lá na frente. Acho que as mulheres gostam da astrologia porque esta se propõe a ajuda-las a realizar seu principal objetivo desde que nossos ancestrais brigavam com as hienas lá na África: ARRANJAR UM MARIDO. Afinal, a astrologia fornece um roteiro seguro para isso: se você é pisciana é o suficiente arranjar um geminiano (ou aquariano, sei lá) e fugir dos taurinos (capricornianos?) e tudo estará resolvido. Por que se dar ao trabalho de considerar cada pessoa como um universo complexo em si mesmo quando podemos dividir todo mundo em doze grupos? E antes que alguém pule da cadeira: sim, eu já ouvi falar dos “ascendentes”, embora não tenha percebido em quê este malabarismo tenha diminuído a estupidez da astrologia.

É claro que eu sei que é bobagem cobrar das pessoas um mínimo de conhecimento científico. A eleição de George W. Bush mostrou cabalmente a total inutilidade da inteligência, e as enormes vantagens da redução cerebral. O mais chocante é a semelhança entre as classificações astrológicas e os velhíssimos e manjados preconceitos raciais e regionais. Existe alguma diferença entre se afirmar “ele é taurino, portanto é forte e determinado” (são? Não sei...) e “ela é negra, então é boa de cama”. Eu sou “pisciano” (NÃO PERRTURRBE!!!!) e, portanto, “sensível e criativo” (quá, quá, quá), mas também sou carioca, logo “malandro e divertido” (quá, quá de novo). Claro, todos os baianos gostam do ACM e do Caê, e todos os japoneses são trabalhadores e tem o pinto pequeno, como todo mundo sabe. Já existem recados de solitários e candidatos ao casamento que dizem “nada de librianos” ou “somente aquarianos, por favor”. Qual a diferença entre isso e o motorista de táxi (oops!) que diz para você, minha cara, “ah, só podia ser mulher...”.

Bom, é melhor parar por aqui, já que as chamas do inferno estão queimando. Não é que eu tenha medo da solidão, absolutamente: estou casado, e bem casado, e com uma “ariana” (ué, não era para ter dado errado...?).

*João Azevedo Fernandes é historiador, professor da UFPB, signo "Não Perrturrbe!", ascendente "Não Perrturrbe!", com Vênus sempre na casa do "Não Perrturrbe!"

Desastre, desastre, desastre 19-junho-2001

Dezenas de mulheres se dirigiram a este periódico para protestar contra a manchete "A ciência de encontrar marido", ainda disponível na seção Leilão de Almas. Em resposta ao texto do professor João Azevedo Fernandes, publicamos a carta da leitora e escriba M.M.

Por M.M.

Prof. Azevedo Fernandes, seu texto "Qual é signo da Ku-Klux-Klan", na seção Leilão de Almas deste periódico, é como o fim da carreira de Otto Preminger: um desastre. Não só um "des-astre", porque contraria as estrelas, mas principalmente porque é preconceituoso exatamente ao criticar a credence, no caso, do discurso da astrologia. Primeiro, creio que não sejam só as mulheres que "gostam da astrologia". Segundo, não são somente elas que buscam "arranjar marido". E, terceiro, o que vem a ser o cúmulo do preconceito, é tentar fazer humor, para desqualificar um gênero de discurso (ou picaretagem, como queira), ridicularizando as que esperam marido.

Outra coisa: seu texto é desastroso também porque critica a crítica à "ditadura da ciência" sem considerar (ops!, desculpe o trocadilho etimológico!) que esta crítica foi feita com alguma ciência. Até ao contrário: insinua a validade do bordão latino "asinus asinum fricat", quando sugere que só um "Walter Mercado" teria condições de argüir aquela tese.

A crítica ao "falocentrismo" da ciência, parece-me, tem gênese muito diversa da de grupos que tenham rejeitado ou que rejeitem as grandes benesses da pílula anticoncepcional e da higiene na hora do parto. Mas, se o senhor, professor, não acredita que exista uma "ditadura da ciência" contra outros saberes ditos não científicos, deveria ler (ou reler, talvez seja o caso), "A feiticeira", de Michelet.

Sabe, professor, não acho engraçado que "astrólogos e monges budistas" nunca tenham percebido que lavar as mãos antes de ajudar no trabalho de parto serve para poupar a vida das mulheres. Mas acho engraçado o senhor "esquecer" que o mundo microbiano só muito recentemente tenha sido descoberto e que, além de astrólogos e monges budistas, outras tantas milhões de alma nem sequer saibam das implicações de sua existência.

O pior é a desgraça de o senhor misturar alho com bugalho e, incitando certa animosidade contra astrólogos e monges budistas, metê-los no mesmo balaio, nestes tempos em que talebans queimam templos e ainda caçam bruxas.

Por fim, professor, acho que o senhor deveria saber que astrologia e astronomia nasceram juntas e conviveram como se fossem a mesma coisa por muito tempo, mas hoje são bem distintas uma da outra.

Kepler fazia mapas astrais para pagar as contas de casa. E acho que essa serventia ainda permanece: mapas astrais servem para o astrólogo pagar as contas de casa. Até porque permanece intacto o céu da astrologia: ele não muda há uns milhares de anos, assim como não muda o desejo do homem de se conhecer e de saber do seu destino.

A cosmovisão da astrologia é de um universo ptolomaico, geocêntrico, de quem acredita que as coisas estão escritas na estrela. Esse discurso influenciava (ops! outro trocadilho astrológico!) reis e era mais poderoso quando essa cosmovisão justificava ideologicamente o sistema político. "Assim na terra como céu, amém!", era o mandamento. Então, não há "asteróides que pululam". Isso não significa que os

antigos não vissem coisas que pululam no céu ou não fizessem questão de buscar significados astrológicos para tais fenômenos. Não foram poucos os astrólogos chineses que perderam a vida porque erraram a data de aparecimento de um cometa ou de um eclipse. Desastres, enfim.

Não me desculpo por incomodá-lo com tanta verborragia porque, entendi, que, embora o senhor seja do signo "não perrturrbe", o senhor não acredita nesta bobagem de signos. Logo, perturbá-lo é o de menos.

Atenciosamente M.M.

Como vovó já dizia 24-jun-2001

A polêmica sobre astros, ciência e mulheres continua. Em novo artigo, a tréplica de João Azevedo Fernandes, do signo “Não Perturrrbe”. Todos os textos do debate estão na seção Leilão de Almas.

Por João Azevedo Fernandes

Pois é pessoal, eu deveria ter ouvido os conselhos de minha avó. Ela - e muitas outras avós - sempre dizia: “com religião não se mexe!”. Fui mexer, e deu no que deu. A caixa postal deste periódico está lotada de furibundas mensagens pedindo a minha cabeça em uma bandeja. Que as Salomés de plantão, porém, baixem a bola, pois meu ditado favorito é aquele que trata de cães e caravanas. Não poderia, contudo, deixar de fazer um comentário sobre o verborrágico (veredicto dela, com o qual concordo) artigo da Sr^a Marina Makyiama, no qual ela, muito delicadamente, chama minha modesta digressão de “des-astre” (a propósito: que raio de separação silábica é essa?).

Não que seja difícil responder à argumentação da Sr^a Makyiama. Trata-se de um amálgama dos mais manjados clichês pós-modernistas, vazados em uma linguagem pra lá de nebulosa. Quanto a este último ponto, aliás, a senhora pode ficar

terrestre, e foi ridicularizado pela ciência dominante. Hoje as placas tectônicas estão nas provas do vestibular, e ninguém se lembra dos rivais de Wegener. A competição entre os cientistas e suas teorias faz com que a verdade (sempre provisória) sobre a natureza acabe prevalecendo, e é isso que torna a ciência algo absolutamente fascinante, e profundamente humano, embora muito mais difícil e potencialmente frustrante do que aderir a um dogma religioso imutável.

Notei uma certa insatisfação por parte da Sr^a Makyiama a respeito de minha menção ao budismo (será a religião dela?). Apenas usei o budismo porquê é uma religião que está na moda entre os bem pensantes, como poderia ter usado o candomblé ou o hare-krishna. Na verdade tenho até simpatia por esta religião, e a considero um excelente guia para a vida prática. Aliás, se não fosse a tolice das reencarnações, eu não teria objeções a fazer ao budismo original (que era virtualmente ateu, aliás). Talvez até raspasse a cabeça. A menção ao Taleban foi ridícula: ora, se estou levando na cabeça justamente por ser contra o tipo de fundamentalismo e estupidez religiosa que, entre outras coisas, levou à destruição daquelas estátuas!

Não sou contra as religiões, as pessoas precisam delas: afinal se elas cometem as barbaridades que vemos na tv e nos jornais acreditando na punição divina, imaginem o que fariam se não houvesse esta espada sobre suas cabeças. Meu problema é com as religiões que se pretendem científicas, como a astrologia e o criacionismo, e que querem, de forma fraudulenta, o melhor dos dois mundos: a facilidade na obtenção de adeptos (e contribuições financeiras voluntárias) das religiões, e a respeitabilidade laica conquistada a duras penas pela ciência.

Vou me abster, e poupar os leitores, de comentar a confusa defesa da astrologia feita pela Sr^a Makyiama. Ela apenas confere validade aos meus argumentos acerca da ignorância científica. Remeto-os aos livros de Carl Sagan, Richard Dawkins e Rogério Mourão. Mas uma menção dela sobre a descoberta dos micróbios me fez lembrar de uma história lapidar, reveladora dos fundamentos da fraude pós-moderna. Alguns cientistas ingleses examinaram, a partir das modernas técnicas de antropologia forense e paleopatologia, uma determinada múmia egípcia, e constataram de forma cabal que aquele indivíduo havia morrido de tuberculose. O famoso sociólogo francês Bruno Latour, autor de *Ciência em Ação*, e prócer da visão desconstrucionista da ciência, afirmou, sem nem corar, que isso era impossível, já que o bacilo da tuberculose só foi descoberto no século XIX e que, portanto, não poderia ter matado um egípcio de milhares de anos! Dispensam-se maiores comentários.

Vou parar por aqui, o *Carapuceiro* não merece um assunto tão árido. Estou tomando uma bela cerveja, o Offspring está com a gota nas caixas de som, e esse tema já deu o que tinha que dar. Peço desculpas a Xico Sá por ter entupido sua caixa postal (que certamente voltará a ser entupida depois deste artigo), e garanto que não me darei ao trabalho de responder a novas críticas, cada um pensa o que quiser, embora eu acredite que quando a mente fique aberta demais o cérebro corra o risco de cair. Não vou ganhar nenhuma eleição junto às mulheres, mas estou em muito boa companhia de algumas mulheres notáveis, como Bárbara Epstein, que detonou a desastrosa opção esquerdista pela ideologia pós-moderna, e Meera Nanda, uma corajosa indiana que batalha contra a ignorância científica e suas desastrosas conseqüências para a saúde das mulheres daquele país, e de outros, como a África do Sul, que vive uma explosão da epidemia da AIDS porquê seu governo, apoiado por

um punhado de “intelectuais” pós-modernos, não acredita na existência do HIV. Procurem os artigos delas na internet. Um abraço, e vão pela sombra.

Hímen anular íntegro 08-jul-2001

Eu só sei que quem é donzela de fato e de direito não precisa anunciar. Como aquelas Vitalinas encruadas de cidadezinhas do interior, que têm um chamego platônico apenas com o homem lá de cima, que até filho de virgem é, reparem só, e nunca foi lá chegado.

Por Xico Sá

- Meu filho, essa moça já é furada, você vai casar mesmo assim?
- Oxe, pai, e eu quero ela é pra carregar água, é? Que que tem? E é lata d'água, é?

Sempre lembro dessa lorota sertaneja, lá de onde a água barrenta é carregada em ancoretas ou reluzentes latas de querosene Jacaré, quando me deparo com essa onda de virgindade que assola a Nação. É virgem pra cá, virgem pra lá, virgem do mundo sertanejo, virgem do funk, virgem que engravida em novela, virgem de Cristo, virgem do pau oco, virgem sonsa, virgem com culpa a dar, virgem zen, meia virgem – só indo, porque voltando já foi...

Ecœté rapari

Urbanétnicas - n 2 20-jul-2001

Já ha alguns meses, o assunto das consultas estava girando quase sempre sobre o mesmo tema: sua falta de apetite sexual. A agonia era maior ainda quando ouvia o Xote das Meninas, a dança da moda. Por Beto Azoubel, convidado do nosso salão literário.

Por Beto Azoubel

A situação se passa num tempo futuro. Tempo no qual o Recife já tinha se desenvolvido a ponto de que boa parte da sua população já havia sentado, pelo menos uma vez, no divã de um analista. Carmem era uma mulher bonita, de físico privilegiado, classe média alta e muito interessante. Interessante ao ponto de fazer com que todos os seus dotes e faculdades não servissem como alívio para os seus intermináveis conflitos.

O dia era sexta-feira, que como as demais sextas-feiras passadas durante os dois últimos anos, era o dia da semana mais aguardado por nossa distinta dama. O motivo da ansiosa espera se dava por ser o dia de sua análise. Já ha alguns meses, o assunto das consultas estava girando quase sempre sobre o mesmo tema: sua falta de apetite sexual. Certa vez, num de seus relatos, ela confidenciou ao analista que suas angústias aumentavam compulsivamente em ocasiões de festas, onde os dj's (como se eles soubessem da sua ferida) disparavam uma versão sampleada do "Xote das meninas", o sucesso do momento. Ao som dos primeiros acordes, sentia como se uma faca adentrasse em seu coração. E, por mais que já começasse a se sentir distante da adolescência, como invejava a personagem da música do Rei do Baião... Achava que para o seu caso sim, não haveria um só remédio em toda medicina!

Num velho relógio depositado na parede de uma clínica localizada num bairro tranquilo da capital pernambucana, os ponteiros marcavam 18:00 horas. Como sempre, Carmem tinha chegado pontualíssima para mais uma sessão. O consultório era simples, mas de bom gosto. Quadros em tons pastéis criavam um clima introspectivo no local. Uma secretária bastante educada que lhe atendeu no hall de entrada ajudava a compor o sóbrio ambiente.

Os minutos se passavam, mas a porta da sala do seu aguardado médico não dava o menor sinal de movimento. Mais um pouco, o telefone toca e a secretária vem trazer-lhe a seguinte notícia:

- Sra. Carmem...

- Pois não?

- O Dr. Cláudio acabou de ligar pedindo para avisar-lhe que não poderá atendê-la porque está de cama com uma forte gripe. Ele pede mil desculpas à senhora.

Uma face triste desenhou-lhe o rosto. Sexta-feira sem sessão era pior do que chegar na livraria e perceber que o único exemplar do livro reservado tinha sido vendido a outro comprador. Ainda mais naquela sexta, por azar do destino, véspera de São João. Carmem não tinha como escapar: o Recife ia ferver em festas que tocariam, repetidas vezes, a música da moda...

Morte em Veneza dos Pobres 01-ago-2001

A vida é adjetivosa, meu filho!, molhada, sebenta, suada, correia do chinelo entre os dedos lamacentos, a vida brega e suja e pegajosa como s

Sangue de bairro 21-ago-2001

Quer casar ou amancebar-se decentemente? Chega de reclamação. A resposta está em Prazeres, no Conjunto Ceará, no Grajaú, na Pavuna...

Por Juracy Comum-de-dois

Falta de homens? Coitado de tal discurso das gazelas burguesas! Faltando homem na classe média descolada, na classe média ou alta artística, nas rodinhas das nossas cansadas metrópoles. Vai lá nos subúrbios pra tu ver. É homem saindo pelo ladrão. Mulher bonita também. Dezesete tipos de morena. E virgens a dar com o pau. Podem até não ser no sentido clínico, mas no regulamento alma, que é o que importa, pois. É homem de verdade que num se acaba mais. E fêmea, meu filho, a perder de vista.

Ficamos eu e o meu consorte – ou sei lá o quê! – no Amarelinho, ali em Prazeres, na fronteira entre o canela litoral de Candeias, Jabotatão do Guararapes, e o urucum agrestino. Pense nas morenas, rapaz! Pense nos cubanos, meninas!

Mas como estas maltraçadas saltam do juízo voltadas para as moças, resta-nos exaltar a tuia de machos espalhados pelos subúrbios. Seja no Grajaú, em São Paulo, seja no Conjunto Ceará, em Fortaleza. Seja na Federação, em Salvador, seja nas lagoas suburbanas de Maceió. Tem também no mais distante maria-isabel de Teresina, nos salões de reggae de São Luís, na beira do açude de Campina Grande, e até na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Só não tem no pensamento pequeno aburguesado, que quer um homem metido artista, um produtor do nonada midiático, sei lá, um bofe da Trama, um web-não-sei-lá-o-quê, um cyber-doador-de-cu, um aleijo sub-cult qualquer... Mas que tá sobrando homem de verdade, isso tá. Basta sair do circuitoquinho, dos bons vinhos, dos bons patês, das instalações de cu-é-rola, dos Free-zones (Geraldinho, rapá!), da turminha de todas as conspirações a favor.

Homem que é homem tá lá no Amarelinho de Prazeres, Jabotatão dos Guararapes, por onde andou, com testemunho deste Carapuceiro, o groove do “Acorda Povo”, também chamado, por zona, off course, de Acorda Corno, caravana que roda, só pra fazer inveja à Bahia hit-pared, em trio elétrico pelo(a) Grande Recife. Neste dia, ó Maria!, o Nação Zumbi botou pra arrombar naquelas redondezas.

E haja morenidade – sempre montada em duas rodas -, pois, como dizia o velho Maiakóvski, patrono deste periódico, pra fazer poesia são necessários apenas um lápis, um pedaço de papel e uma bicicleta.

Bar Amarelinho, Prazeres, agosto de 2001, Jabotatão dos Guararapes, berço da civilização, terra do Mundo Livre S/A e de Alberto Cunha Mello, maior poeta brasileiro muito vivo.

Recordações do inferno 28-ago-2001

A moral mínima é do velho Dostoiévski: o presidiário, seja no Carandiru, em Itamaracá, ou qualquer nação do sol quadrado, não quer liberdade, quer solidão.

Por Antônio das Mortes

Não tem jeito: Dostoiévski é o único Deus que merece respeito, pela escrita sem vanguardismos (quem inventa muito esquece a alma!, virtuose é coisa de escritor babaca, só quem enfrenta os catabios da estrada sabe o que põe na página, xô neoconcretistas em geral).

Lembramos do moço da URRS (ex- URSS para os filhos ingratos!) em recente visita às páginas do Jornal do Cariri, terra onde não chove e o mato é verde. Dita modelo, com apenas metade das vagas preenchidas, a penitenciária de Juazeiro do Norte, terra que adotou o Padre Cícero (filho do arquiinimigo Crato), foi palco – vida é sempre grega e teatral – de um rebelião dos diabos nos últimos dias.

No local, dito modelo (modelo de quê, meus filhos?!), estão confinados 209 almas sebosas, para uma capacidade de 550 condenados pela “justa” sociedade. Como tem administração privatizada, a pomposa Penitenciária Industrial e Regional do Cariri (não tem nada de industrial e só é regional por força das circunstâncias, uma vez que todo crime é universal), precisa acumular mais e mais almas penadas vindas de outras penitenciárias cearenses. O sistema ganha por número de presos, sir Adam Smith.

Logo, logo, a tal pocilga vai virar um dos tantos campos de concentração – a moral da guerra é imitar os EUA, onde o sistema privatizado vai deixar, já, já, mais gente por trás das grades do que fora delas.

Sabedoria. O grifo é de Dostoiévski, não desse jumento que vos fala: a gente da cadeia sofre mais pela falta de solidão do que por qualquer outro desejo ou pelo excesso de colegas do crime. É a falta do direito de ficar sozinho, masturbar-se ou pensar em paz, mijar de porta aberta na moral. O homem, repito o velho Fiodor - disse a tal sabedoria em “Recordação da Casa dos Mortos” -, o homem só sente falta dele mesmo.

Daqui ninguém sai vivo 17-set-2001

Com a queda nostradâmica das torres americanas, resgatamos o discurso amoroso da Guerra Fria, arma fatal na destruição do platonismo.

Por Xico Sá

Noves fora o terror, o sururu na América nos devolve um velho discurso amoroso que, em muitas e muitas oportunidades, dava certo. Tiro e queda.

Como lembra Jota Barrol, amigo deste beligerante que vos fala, uma velha cantada dos tempos da Guerra Fria está de volta. O texto básico era mais ou menos assim: “Já que o mundo pode acabar de uma hora para outra, por que não vamos para a cama, antes que seja tarde demais?”

Tinha variantes menos educadas o tal discurso. Terrorismo do xaveco, Taleban do sexo, a marcha da história a serviço do indivíduo e do prazer.

A queda nostradâmica das torres de Manhathan – província financeira fundada, aliás, por judeus que saíram do Recife com a expulsão dos holandeses – deixou muitas gazelas em pânico, à mercê de nossas habilidades retóricas.

O discurso dos tempos de guerra pode começar assim: um pouco de Noam Chomsky aqui, um blefe de Jean Baudrillard mais adiante - autor do colossal “América”, capaz de fazer virar pó a babaquice dos afilhados de Bush...

Contra-informação e bafo no cangote da nega. Daqui ninguém sai vivo.

É um dedinho só no botão e a merda vira boné. Sobrarão apenas as baratas – está provado cientificamente que apenas estas misteriosas criaturas sobrevivem às armas químicas. O pior é que mulher morre de medo também do citado inseto – vide esclarecimentos nos compêndios do velho Sigmund. Sem saída, sobrevida é negócio sem interesse nessa encruzilhada.

Já que o mundo vai mesmo acabar, o que custa, jovem gazela, destruir esse platonismo desgraçado com uma trepada homérica? Pense nisso.

A seleção natural feminina-darwiniana 25-set-2001

Encontro-me esmagada na interfase dos meus vinte e muitos anos, indecisa se devo investir na fórmula financeira inteligente+bem-sucedida ou na amorosa bonita+ordinária.

Por Fabiana de A. Amorim

Acendeu-se uma luz no recanto mais obscuro do caritó em que me encontro, descobro-me na TPB: tensão Pré-Balzaquiana, em que a mulher não é mais nenhuma lolita nabokoviana, tampouco uma bem resolvida mulher de 30.

Encontro-me esmagada na interfase dos meus vinte e muitos anos, indecisa se devo investir na fórmula financeira inteligente+bem-sucedida ou na amorosa bonita+ordinária. Questão de prioridade... A mistura das duas fórmulas é mais explosiva que qualquer bomba que o EUA venha a produzir para detonar o inimigo. Um antídoto eficaz anti-homem medíocre, de ação imediata.

Mas nove-fora a mediocridade, resta-nos conviver com a insegurança e a pusilanimidade que permeia o mundo masculino. Como sobreviver a estes poderosos fantasmas que assombram as expectativas femininas em manter um relaci

Ô burguesia cevada! 16-out-2001

Uma coisa linda, aquelas coisinhas cevadas a Danoninho, com foto de algum barbudo estampado nas camisas, lutando por uma vida melhor. Nosso colaborador na Guanabara descreve a tática carioca de frear a revolução.

Por Beto Azoubel

Amigo Xico, depois de um ano de estudos aqui na Guanabara descobri o projeto mais bem realizado pela elite nacional: a fabricação das herdeiras que circulam nos corredores da Puc. Rapaz, desculpe-me a burguesia paulista, mas é coisa muito melhor do que a Semana de Arte Moderna de 22! Coisa de tirar a concentração do cabôco!

O camarada que, teoricamente, deveria ingressar na referida instituição acadêmica com o intuito de desenvolver seus conhecimentos, fazer pesquisa, e tantos outros afazeres do mundo do saber, termina atordoadado com um mar de coxas, minissaias, peitinhos, trancinhas up-to-date, enfim, todas essas delícias do universo feminino abonado. Aí fica mais fácil o cabra aprender a distinguir aspectos da composição genética dessas criaturas do que qualquer teoria sobre tradução poética desenvolvida por Ezra Pound! Pois é, já sugeri no departamento de Letras o método Paulo Freire para ser aplicado nos estudos de literatura, ou seja, acunha Nabokov e Mário Donato pra cima da moçada! Imagine a mente desse escriba aqui, cuja maior concentração de moças que já tinha registrado se dera num ensaio de pastoril que ocorria a duas quadras de sua casa localizada no bairro de Água Fria (bairro famoso no Recife pelo alto nível do “ele-ela” servido por aquelas bandas).

Cheguei a pensar se isso não faria parte de uma estratégia da elite carioca para bloquear os ideais revolucionários capazes de congregiar os estudantes sempre ávidos pelas boas causas (o cabôco ludibriado vai pensar em mudar o quê?!). Mas não, as ninfas fazem até movimento estudantil! Uma coisa linda, aquelas coisinhas cevadas a Danoninho, com foto de algum barbudo estampado nas camisas, lutando por uma vida melhor. Uma vida não, mas pelo menos uma noite, se elas soubessem, meu velho, do que um mago afoito é capaz...

Xico, já foi massa cefálica demais dedicada ao assunto. Mas gostaria de acrescentar que, como a vida de um “Paraíba” nesta plaga é bastante dura (faça o uso que quiser dessa palavra, meu bom) e no caô o cabra não possui o “c-h” antes de “t-i”, resta-me desenvolver a imaginação, pensando no funcionamento dessas “xotas Chanel 5”, assim ao vivo. Em outras palavras, mais do que nunca faço valer o velho e bom - e tão apregoado por este sítio – vício solitário!

Amendoim cozido em águas turvas 15-nov-2001

Quando uma deusa qualquer, e de qualquer tempo... de idade pouca ou muita, tem o equilíbrio de se mover em cima das calçadas recifenses, e ainda ganhar o pão de cada dia apenas sorrindo sem mostrar os dentes, ou atravessando os gelos baianos na posição horizontal.

Por Miss Soledad Corações da Maldade

Lolita, lolitas... para o precipício, para a boyzinha ela já estava no alto do mesmo! ladeira da má sorte das ruas, a salvo da juventude na qual tudo é lindo! E não há pureza em nada na alma feminina, nem quando nasce, nem quando cresce nem mesmo quando padece! Quando uma deusa qualquer, e de qualquer tempo... De idade pouca ou muita, tem o equilíbrio de se mover em cima das calçadas recifenses, e ainda ganhar o pão de cada dia apenas sorrindo sem mostrar os dentes, ou atravessando os gelos baianos na posição horizontal (por descuido do Detran na pobre Recife) e ainda com um olhar de amendoim, cozido na água sabe Deus donde! Torrado nas beiradas das ultimas gotas de gás (bujão do sacrifício), bem mais do que flores coloridas resplandecentes ou não, jovens ou murchas, do amor ou da dor! Carregadas no peito ou na mão mesmo, de uma jovem, de costumes onde tudo que é pouco já é bastante! Qualquer motivo para não amar é uma bela sorte na juventude ou nos últimos anos da vida, um financiador para motivos práticos: para sempre pele sedosa, olhos brilhantes e voltar para casa, é a fortuna! Se Carmem a mais insuportável alma feminina, a mais lolita das mulheres crescidas, a mais infernal, e com prontidão nos olhos negros para a desgraça masculina, avassaladora! A mulher sem 15, 16 17 anos, capaz de nunca ter tido essa idade! Carmem, Carmem... o ouro da vida é Carmem!, a mais linda criatura! Que exista sempre, pois a coragem de uma mulher intensa, sim, pois uma bela mulher só presta se for assim: intensa, é AMAR e nada mais, é só para isso que foi feita a doce maldade de ser uma mulher! Amar, estragar e morrer! A juventude precisa da vida tanto quanto as bicicletas precisam de bons pneus, sabe bem como andar no acostamento, mas nem imagina que tem que se manter na linha, como num fio, e que os carros passam ao lado. Lolita, a imaculada pureza de Lolita, dos descompassos da menina das mãos de vento... vendendo leques de opção! O tempero para vida é a juventude! Onde nunca se vende a alma, principalmente se é uma mulher, pois feito faz de contas das estórias de quando ainda uma menina - sempre traz um efeito eterno, tudo “faz de conta” na vida! Assim como pirlimpimpim! Tudo aparece e desaparece! Lolita, Lola... Boyzinha, boyzinha, menina do amendoim! Que a cor da pele escureça! Que não leve a pureza fantasiada demaldade para um marido, ou para um jarro enfeitando o centro da mesa! As ciganas, as Carmens nascem impuras, condenam sua sorte em paixões, juntam moedas para dançar e chorar, no descanso da beleza morrem por AMOR!

Troça e pouco caso 27-nov-2001

Mário Souto Maior mostrou como o povo zombava da própria morte, com expressões e plihérias sobre a velha da foice. O poeta Jaci Bezerra dá o seu testemunho.

Por Jaci Bezerra

As locuções de Mário Souto Maior sugerem as mais diversificadas interpretações. Se existem locuções onde pode ser rastreado um certo sentimento de religiosidade, de respeito e temor diante do mistério que é a morte, prevalecem, no entanto, as locuções debochadas, de troça e pouco caso. *Abotoar-o-palitó, espichar-a-canela, fechar-o furico*.

São exemplos desse deboche e desse pouco caso. Parece, até, que o povo, dessa maneira, quer vingar-se de ter, apelavelmente, de deixar os doces ou amargos arranjos da vida para *falar-com-Pedro* ou *animar-festa-no-Céu*. Na verdade, o que se nota é que a morte tem as botas enfiadas nos estribos da vida de cada um, causando maior ou menor temor, e originando, conforme seja encarada e, digamos também, dependendo da vida que se leve, essas locuções que passam de boca a boca. De geração a geração, eternizando-se na memória do povo como a própria eternidade da morte.

Sofisma e o embrulho do vento 18-dez-2001

Pois é amigos, fomos criados escutando Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga, lendo literatura de cordel e misturando com Nietzsche, comendo fava na Feira da Prata em Campina Grande e tomando caldinho no Pólo Pina em Recife, por isso estamos hoje aqui em um lugar chamado "Adega da Pedra", 410, Asa Norte...

Por DaniEl Papa

Memorial de Uns Cargas Tortas

Axioma do povo nordestino é viver em um eterno êxodo rural, mesmo que não seja assim tão próprio do campo. É nesse meio termo que surge o memorial de uns cargas tortas da Paraíba. Trata-se do êxodo de uns paraibas para a capital do país, com o intento exclusivamente dirigido à labuta. Eles foram labutar, não sei em que ou em quem!

Todos os paraibas são formados em espertezologia, raparigagenharia, destilaria mecânica e um outro curso qualquer mais sério, como ciência da computação e direito. Eles se conheceram em Campina Grande - PB, bebendo após as aulas em um barzinho chamado de Cantinho Universitário, a abreviação do bar é muito sugestiva: "E aí turma, vamos tomar no Cantinho Universitário?" O trocadilho também servia para designar o Coeficiente de Rendimento e Avaliação na Universidade dos paraibas em epígrafe.

Depois de tantas cadeiras, tamboretas, disciplinas, CRE's, centros acadêmicos, calouradas e cachaçadas esses cargas tortas se formaram há cerca de um ano e meio. Ufa, antes tarde do que mais tarde! E, como todo rio corre para o mar, foram tentar a sorte em outros ares. Pois bem, a partir daí é que começa a epopéia Águia, em analogia à "Águia e a Galinha", de Leonard Boff. Como deu para notar somos Águias, é claro.

Os Águias pousaram em Brasília com toda sorte de retirantes, se é que se pode dizer que retirante tem sorte. Enfim, não importa, o que interessa é que esses cargas tortas da Paraíba estão conseguindo dar nó em pingo d'água na capital, com vitórias diárias na profissão e, principalmente, no preconceito que surge em relação aos nordestinos. Os Águias, como a própria etimologia conota, estão galgando patamares cada vez mais elevados, superando as dificuldades e pilhérias diárias com a presença de espírito cearense, a austeridade paraibana, a alegria pernambucana e a gaiatice potiguar, a exemplo do seguinte colóquio que aconteceu no início de novembro corrente em um mercadinho de Brasília:

(Águia Papafigo) – Por favor, a senhora tem penico? (não convém explicar para que o Águia queria um penico);

(Paulista metida a besta) – O que é penico? Ah..... já sei! Mas aqui a gente não chama isso de penico, chama de paraibinha!

(Águia Papafigo) – Ah é? Então me dá um paraibinha para eu fazer um paulistinha!

Pois é amigos, fomos criados escutando Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga, lendo literatura de cordel e misturando com Nietzsche, comendo fava na Feira da Prata em Campina Grande e tomando caldinho no Pólo Pina em Recife, por isso estamos hoje aqui em um lugar chamado "Adega da Pedra", 410, Asa Norte, tomando

Lambrusco, degustando um ótimo founde e rindo das adversidades que vencemos diariamente, lembrando que os cargos tortos de outrora são uns caba-da-pestes abnegados que hoje assombram o sono do mais incrédulo paulistinha, carioquinha e afins. Somos os Virgulinos da era moderna no âmbito de um mundo presunçoso, o qual fazemos questão de mostrar de onde nós viemos.

Um Etilico Abraço Saudosista,
DaniEl Papa

P.S.: Os Águias estão embriagados e reunidos no Bar Adega da Pedra, sábado, 24.11.2001, 23:34 h, escrevendo em um Palm III e filosofando acerca da escola filosófica sofista aplicada à venda de algodão doce na feira de Caruaru.....aquele que o vendedor assopra o saquinho, coloca o algodão dentro e vende. Como ele faz para vender? Só sofismando mesmo...

O site dos águias é: <http://site.uol.com.br/roldaomn>

Carta aberta à vitória-régia da hipocrisia 03-jan-2002

O ópio, aí vale do rabo-de-galo do desempregado ao sofisticado espelho da burguesia, é substância imperiosa que permite a recuperação da alma para os que desgraçadamente perderam a vida. Dos que experimentaram a angústia que laqueia, diz aí Antonin!!!

Por Xico Sá

Quando ouvi, por uma dessas redes babacas de televisão, que a cantora Cássia Eller havia chegado a tal clínica com tremelicas e outros sintomas da doença infantil do sensacionalismo, meu juízo foi direto para o velho e bom Antonin Artaud, combatente homem de letras francês (1896-1948).

Corri para a velha estante sem nenhuma ordem e, ainda zozinho pelos porres de "feliz ano novo!", reachei o livresco azulzinho, adquirido em sebo lisboeta: estava lá a magnífica carta sobre o ópio e o direito universal à angústia ao uso da bula que o portador muito bem imaginar.

"Estremecimentos do corpo ou da alma, não existe sismógrafo humano que permita a quem me observe chegar a uma aferição mais precisa da minha dor do que, fulminante, o meu espírito!". Assim bradou Antonin, em carta aos legisladores e enquadreadores em geral, que ensaiavam intervenções pesadas no mundo dos dependentes químicos.

Condenado à vida, dizia Antonin, numa espécie de código próprio: Artigo 4º: "O número de toxicômanos doentes é ínfimo comparado ao dos toxicômanos voluptuosos".

Haverá sempre quem procure a vodka ou qualquer heroína por vício de forma, por paixão à lama; elogio das dores do mundo.

O ópio, aí vale do rabo-de-galo do desempregado ao sofisticado espelho da burguesia, é substância imperiosa que permite a recuperação da alma para os que desgraçadamente perderam a vida. Dos que experimentaram a angústia que laqueia, diz aí Antonin!!!, o cordão umbilical da vida.

Nunca tive grande amor por Cássia Eller, embora goste de "Paranóia Delirante" e desgoste da sublírica brazuca à Renato Russo e Cazuza. Mas sua atitude foi digna e não interrompe uma grande trajetória ou carreira, como disse o "Fantástico", na cola de uma velha e infeliz "Veja", sempre uma revista, que fez chalaça da dor verdadeira de Elis Regina.

Interrompe uma angústia que médico nenhum escuta. A angústia que faz os danados. Que lesa a vida. Que faz os loucos. Que abençoa os suicidas. A angústia que o jornalismo, vitória-régia hipócrita de todas as banalidades, ignora. Droga não mata. Só o amor, diga aí, jovem Werther, aniquila e maltrata. Nem a "falta de" faz tão falta.

Se minha rua falasse 21-jan-2002

A rua Sete não é mais a mesma. Quem diria que por ela já transitaram Jean Paul Sartre e a patroa dele dona Simone de Beauvoir, o Mestre Gilberto Freyre, Evetuschenko (que tomou umas e outras nesse boteco onde a gente todos dias molha a goela), e até o grande Sidney Sheldon?!

Por José Teles

A rua onde eu bebo e falo mal do próximo não é tão chique nem tão badalada quanto a Avenida Paulista. Mas a avenida Paulista não é a rua onde eu bebo e falo mal do próximo. Perdoando a paráfrase a Fernando Pessoa, vou escrever sobre a rua onde bebo e falo mal da vida do próximo. Essa rua chama-se Sete de Setembro, uma rua cuja existência daria um romance.

São Paulo é possui ruas mais famosas, porém duvido que alguma delas tenha testemunhado um homem morder uma cobra. Cobra, mesmo, o ofídio, e não a safadeza que talvez alguns dos leitores tenham imaginado. Foi num dia chuvoso, o cara, um flanelinha, encheu o quengo de quequéu (a popular cachaça), uma cobra achou de aparecer no meio da água. Pois o indivíduo pegou a bicha com as duas mãos e aplicou-lhe a maior dentada. Morreram tanto ele quanto a cobra, mas que foi uma façanha, lá isso foi.

Essa do homem que mordeu a cobra, nem chamou essas atenções todas, aliás, poucos lembram desse sucesso inusitado. Não se esquecem é do dia em que As Gretchen, mãe e filha, rebolaram os prestigiados e rechonchudos traseiros no meio da rua, no finalzinho da tarde, com transmissão direta para a TV Jornal. Thammy, virgem, como ainda hoje o é, provocou alguns comentários da malta, tipo “Comia todinha e nem palitava os dentes depois”. Já a Gretchen mãe suscitou algumas observações não tão explícitas, mas sugestivas, feito esta: “A coroa aí ainda dá um caldo”.

Essa, rua, que o editor Xico Sá tão bem conhece, já abrigou a maior livraria do Brasil, a Livro Sete, de saudosa memória, que fechou as portas no ano passado, ou foi em 1999? No lugar onde funcionou tem agora uma Assembléia de Deus. Possível castigo, pelo fato de o dono da livraria, Tarcísio, nos anos 70, os tais de chumbo, ser dado a comercializar livros subversivos, e a vende-los pelo crediário a jovens igualmente subversivos. Essa igreja fica ao lado de um bar o 100% Brasil, que é o templo do new-brega.

Outro dia, tocou lá a Labaredas, banda famosíssima, inclusive bem sucedida financeiramente, porque tem até um portentoso ônibus próprio, batizado de Carruagem de Fogo. Pois essa festa com o Labaredas recebeu o nome de I Noite do Raparigueiro. Foi gente saindo pelo ladrão, presumo que muitos dos raparigueiros presentes tenham excedido-se na cana e adentrado por engano a Assembléia vizinha. Talvez tenham até alguns se convertido.

A Sete não é mais a mesma. Quem diria que por ela já transitaram Jean Paul Sartre e a patroa dele dona Simone de Beauvoir, o Mestre Gilberto Freyre, Evetuschenko (que tomou umas e outras nesse boteco onde a gente todos dias molha a goela), e até o grande Sidney Sheldon?! O magistral escritor americano deu uma noite de autógrafos digna do Guinness (tanto a cerveja quanto o livro), lascou a assinatura dele em bem mil livros. Mas não impressionou a malta com quem entorne o precioso líquido na supracitada rua. Porque quando Sidney Sheldon passou ao

nosso lado, acompanhado de um moço louro e bem apessoado, aventou-se logo a possibilidade de ser o rapaz o bofe do escritor. Sidney Sheldon só não ficou para a posteridade pernambucana como frango (que é como aqui se chama o boiola, o baitola, ou o viado propriamente dito), porque Tarcísio Sete esclareceu que o “bofe” não era “bofe”, mas o filho do beletrista norte-americano.

A decadência da rua tem a ver com a decadência da civilização ocidental como a conhecemos, se bem que a decadência aqui se dê em beat acelerado. Umas três semanas atrás, a gente, apesar de incrêus, fazíamos o que fazemos religiosamente toda noitinha: enchíamos a caveira. Nisso aparece uma adolescente, com um bebê nos braços, pedindo um óbolo. Sentimos-nos condoídos pela triste sina daquela menina e do seu filhote, envolto num pedaço de pano sujo e roto. Eu caçava a moeda no bolso, quando o pintor Félix Farfan, que faz parte da confraria dos boêmios vespertinos, alertou: “Ei, e o menino é lourinho?” Resumindo. Não era um menino lourinho, mas um cachorrinho branquinho, que colocou a cabeça pra fora do pano e nos olhava com um jeito meio maroto, tal e qual a menina, dona dele. Ela colocou o filhote no chão e foram-se, enquanto nós nos quedamos ali, copos na mão, olhando um para o outro, meio abestalhados. Fosse no tempo de Sartre talvez ele, ou a dona Simone, que também era boa nas letras, escrevesse algum artigo sobre a menina e seu cachorro, um par chapliniano.

Espírito copycat 22-fev-2002

Sei. A ciência carece de tais obsessões. Ora, mas se fizeram gente, que avanço terá em reproduzir um quadrúpede, mesmo que o desgraçado tenha feições pidonas de humanos safados? Logo agora, que a tecnologia resolveu o problema dos tamborins e os bichanos.

Por Xico Sá

Quem mata um gato tem sete anos de atraso. E quem clona um bichano? Besteira responder. Quem sou eu para botar na roda tal fenomenologia animal!?

Mas, peraí, cá entre nós, para que reproduzir – a um módico custo de US\$ 3,5 milhões - um danado que dá às pencas em todas as esquinas, que reproduz, naturalmente, às ninhadas, sempre a deixar um trabalho medonho para quem possui tais parideiras no lar? “Doa-se gatos”. Haja aviso do gênero nas repartições, faixas de rua, cartazes. Tem até ONG responsável por distribuição das adoráveis e carentes criaturas.

Sei. A ciência carece de tais obsessões. Ora, mas se fizeram gente, que avanço terá em reproduzir um quadrúpede, mesmo que o desgraçado tenha feições pidonas de humanos safados? Logo agora, que a tecnologia resolveu o problema dos tamborins e os bichanos.

Sociedade dos Suicidas Anônimos 07-mar-2002

No Brasil também temos os nossos próprios suicidas anônimos que, em um ato desesperado, buscam a outra vida pelas próprias mãos. Trata-se de um suicídio altruístico e institucionalizado pela alcunha de casamento.

Por DaniEl Papa

Na história mundial, inúmero são os casos de indivíduos que procuram voluntariamente a morte, como Adolf Hitler e Eva Braun, Getúlio Vargas, Santos Dumont e tantos outros que se perderam nas brumas do próprio tempo.

Segundo o sociólogo Émile Durkheim, os tipos mais característicos de suicídios foram classificados em egoísticos (desajustamento), na moderna sociedade, e os altruísticos, nas sociedades primitivas e tradicionais.

O suicídio egoístico resulta-se da não integração do indivíduo à sociedade e do desajustamento, que é a ausência de padrões sociais que regulam o comportamento do indivíduo. O indivíduo altruista, integrado na sociedade, utiliza a sua vida em obediência aos costumes sociais e o suicídio será uma obrigação, um ato relevante, como o dos brâmanes, gregos, japoneses hara-kiri e, atualmente, os monges budistas do Sudoeste Asiático.

No Brasil também temos os nossos próprios suicidas anônimos que, em um ato desesperado, buscam a outra vida pelas próprias mãos. Trata-se de um suicídio altruístico e institucionalizado pela alcunha de casamento.

O casamento parece uma doença que, quando não mata, deixa aleijado. Teorias sociológicas, baseadas nas idéias de Freud, ligam as causas desse suicídio matrimonial ao estudo da auto-acusação, ressentimento e frustração.

O suicídio começa na simples afirmação: “aceito!” Pronto, o suicídio se concretizou pelas próprias mãos que assinaram os proclamas e colocaram o anel-enforcamento. Nada mais de cerveja depois do serviço, futebol com os amigos só depois de ir ao supermercado, shows só os que não fizerem barulho, cinema com filme de fresco e, para rimar, sinuca nunca.

O sujeito começa a observar os amigos com aquele ar de nostalgia: “Ah, os meus tempos de solteiro; Tempos que não voltam; Tempos em que a aurora da minha vida era Aurora (ádua trabalhadora de empreitada no Strip Night Cl

Mas, a partir do momento em que o suicida instiga ou induz para que outros possam se suicidar também, aí o problema passa a ser de ordem pública, incidindo no que preceitua o art. 122 do Código Penal, que dispõe como crime o ato de induzir ou instigar alguém a suicidar-se ou prestar-lhe auxílio para que o faça. Agora chame os amigos pra casar, chame?!

O suicídio-altruístico-matrimonial, como obra divina, é o único que tem testemunha, e logo duas no mínimo. É a própria morte assistida e comemorada, uma espécie de eutanásia da piroca. Como ser complacente com tamanho infortúnio pós-moderno? Ora, não sendo. Irresignado com essa barbárie recente do caro colega Pboy, através da mídia virtual, sinto-me na obrigação moral de afirmar:

“- Pboy, seja o Senhor dos Anéis (Aliança) que eu continuarei a ser o Senhor dos Bordéis.”

Parabéns pelo casamento e que o seu suicídio altruístico não se transforme em egoístico, pois, como disse o sábio Pranchú na invasão de São José da Lagoa Tapada pelos Fenícios: “- Casar é bom, mas vôte!!!!”

Dá-me Guinness que a vida é nada, nega!!! 27-mar-2002

Coppola, protagonista de inúmeras lendas urbanas, perdeu as chaves do seu carro na rua da Consolação, SP. Coincidentemente, ao lado de um bar, que, comedido e esporadicamente, frequentava. A partir daí começava mais uma bela fábula sobre o sentido da vida.

Por Plínio Fraga

Srs., os que estão acomodados em seus lares, seguros das inconstâncias da vida em sua muralha familiar, pouco atenção devem ter dado a uma velha canção americana que diz: "A house is not a home".

Marcelo Coppola, protagonista de inúmeras lendas urbanas, perdeu as chaves do seu carro na rua da Consolação. Coincidentemente, ao lado de um bar, que, comedido e esporadicamente, frequentava. Devido a compromissos externos respeitáveis, a perda da chave ocorreu no avançar das horas. Como pessoa equilibrada que é, Coppola sobriamente decidiu ir buscar seu carro somente na manhã seguinte, quando, depois de uma repousante noite de sono, estaria em melhores condições físico-biológicas, indispensáveis a um motorista consciente de suas obrigações para com a sociedade. Quando voltou na manhã de hoje, com a chave reserva, para buscar o carro, surpreendeu-se com a lacuna que preenchia sua vaga. Emersoniano que é, nosso herói não desesperou-se. Recorreu ao maior patrimônio de um homem – seus amigos. Estes, figuras da mais alta estirpe e cômicos do seu papel social, sabedores que são de que a célula-mater da sociedade é a amizade, não mediram esforços para ajudá-lo, acionando os devidos canais legais. Eis que a suprema grandiosidade dos homens interpõe-se à intempérie dos desafortunados. O bar, ao qual Coppola, por sua resignada obediência aos ditames do trabalho, pouco dedicava-se, surpreendeu-o. Seus diletos funcionários não só tinham encontrado a chave, como havia deslocado o veículo para um estacionamento, seguro e assombreado, garantindo o frescor da pintura do lendário DET-9338. Ao ser sabedor de tal providência, deveras emocionado, o indigitado jornalista aboletou-se aos pés da gerente do estabelecimento lúdico-alcoólico e disse:

- Dá-me Guinness que a vida é nada, nega!!!

* Divulguem esta profissão de fé!

O humor sério dos pernambucanos 02-abril-2002

É um humor que a gente não sabe de onde vem, mas que não respeita ninguém. É um humor de blefe, de enrolação, de enganar incautos, um humor às vezes perigoso, explosivo. Como se diz por lá, "ninguém sabe não".

Por Genaro Lira

O brasileiro é um sujeito gozador. Gosta de “tirar sarro”, “gozar”, “zoar”, “grear” – como dizem os pernambucanos –, entre outros verbos referentes à mesma coisa. O carioca, como se sabe, é o gozador maior. Tira sarro de tudo e de todos. Uma senhora voltando do trabalho indagou, no Castelo, a um trocador de uma linha de ônibus de Niterói: “Trocador, a ponte tá boa?”. Reportava-se, obviamente, ao trânsito na Rio-Niterói.

O desgraçado – ou engraçadinho, como queiram – respondeu: “Tá boa, minha senhora, teve meio gripada mas já está curada!” – para delírio dos demais passageiros. Em Salvador, o baiano segue na mesma linha. Partindo dali de avião, me perguntaram: “Você vai para o A.L.É.M.?” Respondi que não, Deus me livre e guarde. Disseram que eu estava estressado: A.L.É.M. era apenas a sigla do Aeroporto Luiz Eduardo Magalhães! Valha-me Deus!

Já o pernambucano é um caso sério! Gosta de fazer um tipo de humor que só ele, e na mais completa solidão, acha graça. É um humor que a gente não sabe de onde vem, mas que não respeita ninguém. É um humor de blefe, de enrolação, de enganar incautos, um humor às vezes perigoso, explosivo. No Recife, na década de 70, inventaram que a barragem de Tapacurá havia estourado. Para quem não sabe, o Recife fica numa planície: sua altitude é negativa. Fica, como Joinville, em S. Catarina, abaixo do nível do mar. Tapacurá era a maior barragem da região metropolitana. Seu estouro significaria, simplesmente, o desaparecimento de boa parte da cidade. Com a notícia, pais se despediram de seus filhos, amigos trocaram um último adeus, fortunas foram sacadas em poucas horas. Carolas correram para as igrejas, e promessas as mais exóticas foram feitas. Houve quem pensasse em brincar o último carnavalzinho, dançar o último frevo. Era tudo mentira. Como se pode brincar com uma coisa dessas?

Em 1980, quando Frank Sinatra se dispôs a tirar os pés da América e colocá-los por apenas alguns dias em terra tapuia, inventaram outra, um pouco mais inocente: a de que ele havia nascido em Garanhuns e, com dois anos, havia sido levado aos EUA. Para quem também não sabe, Garanhuns é a “Suiça Brasileira”. Não só porque é fria – vá lá, uns 15 graus no inverno – mas também porque é uma terra de brancos de olhos azuis no meio do Agreste pernambucano. A notícia-se espalhou rapidamente e a “pernambucanidade” de Sinatra virou motivo de tabefes e bofetões pelo meio da rua. Uns diziam o que o mundo todo sabia: Sinatra era americano, descendente de italianos, ligado à Máfia e ao presidente Kennedy. Os pernambucanos mais exaltados apenas não concordavam com uma coisa: Sinatra não era americano coisa nenhuma, ele dizia isso por que era metido a besta. ~~Sinatra era, na Verdade~~ . fua

Sabia-se que, em vida, Marley ia sempre à chácara do Chico Buarque, na Barra, quando aportava por essas bandas. Lá ele batia peladas, regadas à cerveja “y otras cositas más”, com artistas e intelectuais cariocas. Um fax chegado às mãos do Juca naquele programa informou uma coisa fantástica: “Bob Marley não apenas foi um grande meio-campista, como jogou pelo Náutico, do Recife, durante os anos 60” – anunciou, solenemente, o comentarista. O pior, para minha surpresa, é que o Juca acreditou! Na poltrona, não pude deixar de soltar minha gargalhada. É claro que era mais um gozador pernambucano enganando um incauto. Domingo seguinte, sorriso amarelo nos lábios, o Juca retificava: “A informação sobre Bob Marley foi pura gozação de um telespectador pernambucano”.

Guia Uma Roda - Conheça o Mundo Pelo Fundo 18-abril-2002
Parafraseando o Código dos

- A – Os Uma Roda (Classificação Máxima);
- B – Os Uma Rodinha (Qualidade Média);
- C – Os Utilizáveis (Qualidade Identificável);
- D – Os Imundos (Qualidade Suspeita);
- E – Os Antagônicos (Sem Qualidade Alguma, também conhecido como Banheiro Puta Que Pariu – BPQP, bem como outros adjetivos não menos elucidativos).

É impossível um ser humano não ter adentrado em recintos como esses, nem o mais pio e devotado seguidor da cátedra do francês afrescalhado “toilette”.

Se a vida é adjetivosa eu não sei! Só sei que o mundo pode ser conhecido através do ofício bogal. É na estupenda arte de exorcizar um cabôco, no momento de homenagear uma gazela ou no singelo ato de mijar que descobrimos o quanto conhecemos o mundo.

Para outras informações sobre o tema, visite o site <http://www.decerei.com.br/aguias>

Picnic nu 25-abril-2002

Homem que é homem só faz sexo sem camiseta depois de seis meses de intimidade(leia-se pornografia). Imagine tirar a roupa com o sol por testemunha. Como a classe média cai no conto do folclorismo artístico.

Por Xico Sá

Caboclo encalacrado, puro sertão-veredas, meu pai num tirava a camisa na frente dos filhos. Nem a pau. Moral pura, crítica da razão semi-árida. Sem balneário e com o sol como razão para a morte incandescente nos olhos.

Daí devo ter herdado a cerimônia. Só foi.

Quebrei um tanto esse rigor nas praias do Recife, outro Nordeste, aurora do pomo-de-Adão, donde Pina, Boa Viagem -e deixa a tanga voar-, eram alumbramento esquisito: num conseguia autosexo, cosmonauta da areia.

Admira-me, pois, como a equipe de produção do fotógrafo americano Spencer Tunick recebeu, do dia pra noite, e numa cidade guardada como SP, a inscrição de 720 pessoas para posar nuas na série "Nude Adrift", que se realizará no parque Ibirapuera, neste sábado, 27.

Como essa gente acredita na tal da arte.

Que valor, hein?, mais alto se alevanta!, nesse povo louco para mostrar o rabo, sol por testemunha. Contribuição do caralho.

O pior é que num deve ter um pobre ou sequer um exibicionista de fato. Só danoninhos e danoninhas corados tentando mostrar o seu futebol. Nem um travesti para desorganizar a fantasia. Pode parecer propaganda de academia de ginástica e demandas afins.

Ai que falta de uma fêmea farta.

Mulher que é mulher tem de ter área útil, como lançamento imobiliário de antigamente – tem de ter donde se pegar, garagem, alpendre, varanda, dependências...

Mas, que fazer contra o folclore internacional? Só me resta torcer para que o cenário do rapaz seja tomado por felizes botterinhas. O resto é arte, intriga e osso, causas mais do que suficientes que me fizeram deixar, no primeiro pau-de-arara, o velho Cariri.

Au revoir, monsieur Dulac! 20-maio-2002

Com os baianos delirava com a coisa preta deles (*au chocolat*, dizia). Mas, devo mesmo ele era dos pernambucanos, dos quais gostava tanto da cabeça como da rola toda.

Por Bob Moustache

Sadia, Perdigão, Avipal e a conterrânea Mafisa. Esqueçam todas as marcas. Frango mesmo era Jean Jacques Dulac! Frango não, aquele era um chester! Era não, é, pois a biba não morreu. Apenas mudou de ares. No último dia 19 de abril, trocou os trópicos, agora mais tristes do que nunca, por sua eterna Paris.

O bretão, uma espécie de Bruce Willis com alergia a mulher, aportou em terras brasileiras no ano de 1998. Porta de entrada: a acolhedora Mangue-town (melhor que a capital francesa, segundo o escritor Mário Hélio). Teve como *dame d'honneur* a incansável Flávia Lacerda, grande responsável pela alegria dos que desfrutaram do convívio agradabilíssimo com o francês.

Jean Jacques era um desbravador destemido, terminou a pesquisa antropológica iniciada - e não assumida - por Gilberto Freyre e deve publicar no seu livro de memórias e viagens (calhamaço pra mais de 800 páginas, conforme ele mesmo informa). Em "off" confidenciava suas teorias etnogeográficas sobre os tipos brasileiros, das quais trago uma palhinha em primeira mão. Começando pelos cariocas, adorava o povo do samba e ficava excitadíssimo ao ver na avenida a mangueira entrar. Com os baianos delirava com a coisa preta deles.

Minha nega lê Goethe 07-ago-2002

Meu bom amigo, o que é o coração do homem? Conheci um jovem Werther da Várzea, freguesia de grandes homens do Recife, batismo será destino? Só o bafo da cachaça sopra a resposta.

Por Xico Sá

Minha nega leu “Os Sofrimentos do jovem Werther” e ficou passada. Um tanto pela mendicância amorosa, um tanto pelos vícios da sedutora.

Meu bom amigo, o que é o coração do homem!

Atormentados corações. O homem-queixa. “Me deixa!”, dizia a alma da danada, Bahia, Frankfurt, Berlim.

Os males do destino, ora pois.

Minha nega deixou anotações nas folhas finais do jovem Werther. E não é que conheci um amigo de uma ex de Cláudio Assis que se chamava Werther. Explicou o cabra, habitante do bairro da Várzea, onde moram as melhores almas do Recife, cervejas tantas na parte oriental do Recife Antigo, que o pai apreciava o tal livro.

Batismo é destino, soprei eu, com o bafo de cachaça da rua da Moeda, para o jovem mancebo xará da tragédia.

Daqui desse cantinho vejo a Ursa Maior e a merda do amor sem prumo ou tamanho. Que fazer? Suicidas corações.

“Esse amor, essa fidelidade, essa paixão não é, portanto, nenhuma invenção poética. Vive em sua mais absoluta pureza nessa classe de pessoas que chamamos de rudes e ignorantes”.

Devoção, faz favor. Acossado por todas os ventos dos becos que sopram brisa e a maresia da saudade, indago, forças não tenho: por que sofrer de amor?

Minha nega lê Goethe e me deixa lindos bilhetes. Analfabetos corações!

Carneiro Vilella vive 05-set-2002

O Carapuceiro revela as assombrações de um velho livro do autor de "A Emparedada da Rua Nova". Prepare-se para o encontro sinistro na Cruz do Patrão.

Por Xico Sá

E não é que me caiu às mãos “O Esqueleto”, livro de Carneiro Vilella (1846-1913), obra editada em 2.000, malassombradamente esquecida em Pernambuco e alhures, graças ao seu neto e devoto-mor Carmélio, com quem encontrei, igualmente malassombrado, no que sobrou da velha Livro 7, obra e graça –o encontro e a livraria- de Tarcísio 7.

Para os esquecidos, Carneiro Vilella é o célebre autor d’“A Emperada da Rua Nova”, o primeiro folhetim regular brasileiro, ainda no século XIX. O tal volume lido agora pelo Carapuceiro inscreve-se nestas proximidades históricas. Dormia, porém, nas gavetas malassombradas da velha Olinda.

-Rapaz, sabe “A Emparedada”- arredou Tarcísio, atalhando uma briga entre os poetas viciados tais pintassilgos na sua doce batida de sábado.

-Sei!...

-Pois precisas levar “O Esqueleto”!

Sai dali feito um besta. E entornei logo tantas cervejas no “Beco do Vento”, aquele entre-coisas que dá para a Aurora & Capibaribes sem fim.

-Só tem Kaiser- balbuciou uma moreninha atrás do balcão.

-Vem tu e ela.

-O quê?

-Brincadeira, esquece.

Os pingos dos arcondicionados do edifício Ébano, donde habita o nobre Claudio Cruz, caíam dos céus do Recife sobre o livro e eu. Bem no toitiço.

E aqueles desenhos de Carneiro Vilella já me intrigavam. “Vista da Rua do Bispo Coutinho tirada da Porta da Sé de Olinda”, 1889. Por aí vai.

“O Esqueleto”.

Pena que o Recife não o leu.

Mais ou menos assim o enredo, eu entendi: Rapaz do Ceará, Felipe, sábio, vem aos estudos de Pernambuco. Noiva desesperada. Família tradicional cariense. Cana-de-açúcar na paisagem à Cícero Dias. Passa boi, anos, boiadas. O danado cai na cachaça e na boemia pernambucana, versos de mancheia, sente-se flanando qual Baudelaire dos pobres, ora, ora!

A danada é esquecida no Ceará e morre de desgosto.

Mas não fica por isso mesmo.

O esqueleto, ah, o esqueleto do tal desgosto.

“E quem ainda hoje, desprezando os cômodos e a rapidez da via férrea que do Recife conduz a velha capital de Pernambuco, a ela se dirige, por fantasia romântica, pelo rio Beberibe, não raras vezes, ao confrontar com a Cruz do Patrão, há de ouvir o canoeiro lhe dizer:

- Foi ali que embarcou o esqueleto.

E mais adiante:

- Foi neste lugar que ele abraçou o estudante e lhe tirou o juízo.

O mais mistério é, será? Tomara que dêem sorte e Tarcísio, agora livraria bem instalada na antiga Casa de Manuel Bandeira, ofereçam-lhes, vós, todos nós, tal exemplar de graça ímpar. Malassombro por malassombro, fui.

Para quem aprecia um arrepio fora de hora, O Carapuceiro recomenda o sítio www.orecifeassombrado.com.br

Zé-bodismo, a lição de casa 23-set-2002

Quando deixei o Sítio das Cobras, município de Santana, rumo à pequena Nova Olinda, no Cariri, minha mãe falava: “Meu filho, vê se não esquece de dormir pelo menos uma meia horinha depois do almoço. Sem isso, um homem não é nada.

Por Xico Sá

Estava eu a matar um tempinho do serviço na livraria Duas Cidades, ali pertinho do Largo do Arouche, no centro de São Paulo, quando escuto uma senhora magrinha, que eu julgava curada dos males da modernidade, a mal-dizer o interlocutor telefônico:

“Mas como?!, que absurdo, fechar para o almoço!”, bafejou.

Ela, que julgo tão civilizada, imagino-a amiga do professor Antonio Candido, a enervar-se com este costume que herdados de Portugal e Espanha e, infelizmente, sepultamos pouco a pouco.

Para quê?

A própria Duas Cidades, bela livraria e ensaio de editora, não tinha viv’alma naquela terça-feira, 18 de setembro, quando ouvi tal impropério. Apenas este mal-assombro que vos sopra a nuca, a folhear “Superstição no Brasil”, de Camara Cascudo. Também comprei o arretadíssimo Edson Nery da Fonseca, que nos deu “Alumbramentos e Perplexidades”, um ensaio da intimidade de Manuel Bandeira, seu dileto amigo.

Aí me lembro de uma nota fiscal que trouxe para a tesouraria da firma, depois de viagem de serviço ao interior de Alagoas, com o fotógrafo Antonio Gaudério: “Despesas com refeição e uma dormida”. Para a dona da pensão onde comemos um bodinho (cabrito para os de fora), era obrigatório o visitante arriar o cabeçote na rede da varanda, nem que fosse por cinco minutinhos de sonho.

O amigo e conselheiro Paulo Mota, alencarino em terras bandeirantes, teve os seus melhores delírios nas redes de Sucesso(CE), torrão de origem. No Acre, por onde andou, viveu boas febres da selva nestes saudáveis expedientes.

Quando deixei o Sítio das Cobras. município de Santana,

A "danada" 01-nov-2002

A negação da cachaça é o novo vício moral que toma conta desta zona federativa. Agora mesmo, quando se fala em um novo programa social, Consenso de Garanhuns, a maldita fica no centro do buruçu. Vôte!

Por Xico Sá

i

~~A negação da cachaça é o novo vício moral que toma conta desta zona federativa. Agora mesmo, e~~
~~u 0 Tm (m) Tj 50 087 50 985 0 Tm () Tj 50 0 0 41 1501 0 Tm (~~

Bolsa de Mercadorias e Trocas Possíveis 07-nov-2002

São José do Recife mais antigo, Municipal de Juazeiro, Municipal de São Paulo, Cantareira de SP, Ver-o-Peso de Belém, Encruzilhada do Recife, Vasco da Gama idem, Feira de São Cristovão ali do Rio, Municipal coisa linda de tantos bons quiosques de Porto Alegre...

Por Aureliano Cavalgado

Os mercados estão nelvosos.

“E tem diabo que acalme esse frege?”

“Tem não”.

Os mercados estão nervozinhos, minha Nossa Senhora dos Remédios.

São José do Recife mais antigo, Municipal de Juazeiro, Municipal de São Paulo, Cantareira de SP, Ver-o-Peso de Belém, Encruzilhada do Recife, Vasco da Gama idem, Feira de São Cristovão ali do Rio, Municipal coisa linda de tantos bons quiosques de Porto Alegre... (Aliás, uma terra cuja revolução começou por conta do aumento do imposto da carne de charque, a gloriosa Farroupilha, tem seu grande valor!)

Aliás ainda, abrimos aqui um breve intervalo para que imaginemos esses dois cortes na história do Brasil: a Revolta da Cachaça, no Rio de 1.660-61, por conta do aumento dos tributos sobre a água que canário não bebe, e a Guerra dos Farrapos. A cachaça e a charque. Juntinhas, como de costumbre.

Mas os mercados estão nelvosos, lá na Válzea, no Bar do Gelson, uma celva, bode com fava, vilge!

Os boxs de macumba, mais sábios, mais ainda fracos dos nelvos. Os alforges, as bolsas, tudo subindo debaixo das taras.

E o PIB se achando.

Os mercados estressados de tanto verdura.

E adonde as muié dos pequi tão? No mercado do Crato? No Mercado de Goiás Velho?

Pequi a dez centavos a dúzia. Mais dois mói de feijão verde a vinte centavos. Uma xícara de arroz pelamordedeus. Amigo é pra acudir outro. E o dólar véio quase de quatro. Quem liga? Num vejo nem a cor. Tudo por lá cheira a baião de dois.

Cuidado: escola 01-dez-2002

As gazelas chilreiam sobre a faixa de pedestre que dá justamente na direção da nossa mesa. Correm atrás dos ônibus, suburbaníssimos corações. Moreninhas, branquinhas, cafuzinhas, pretinhas... Abençoada mestiçagem brasileira.

Por Xico Sá

Esse Paulo Caldas, paraibano de Baieux, com longa e bem-sucedida passagem por Recife, sabe ver a vida. Desde “Morte no Capibaribe”, seu curta-metragem dos 80, que é assim.

Dia desses, depois de me oferecer o frescor do seu gabinete de trabalho e um feijãozinho preto com farofa mais do que decente, o generoso galalau me conduziu ao boteco Jóia, sob os ares do Jardim Botânico, ali na sua cercania carioca.

Juntaram-se à comitiva o jovem mancebo João Vicente de Castro, no viço dos seus 19 janeiros, e mais o nosso Lírio Ferreira, também alcunhado, por gosto próprio, de Lirioboy, o homem, o mito, a lenda viva do Baixo Gávea.

“Menino, peguei você no colo – saltou o garçom, olhos marejados, ao avistar o rebento do inimitável homem de imprensa Tarso de Castro.

João Vicente tem sede. Em vez do velho gagau, como na anedota de um amigo de alta patente pernambucana, o danado entorna umas cervas entremeadas pela maldita branquinha.

“O menino tem a quem puxar”, dá a nota o garçom. “Só que o pai dele já entrava direto no uiscão, ou na vodka”.

O pequeno João sente o bafo freudiano do pai no cangote.

E passa a primeira leva. Raparigas em flor. Esse Paulo Caldas sabe ver a vida. E já foste faroleiro, esse menino?

As gazelas chilreiam sobre a faixa de pedestre que dá justamente na direção da nossa mesa. Correm atrás dos ônibus, suburbaníssimos corações. Moreninhas, branquinhas, cafuzinhas, pretinhas.

As saias são plissadas, plissadíssimas; as meias, a não ser das desleixadas, sobem até àquela pequena cicatriz logo colada no joelho. Os sapatos imitam também os antigos. Nem a mais competente das figurinistas seria capaz de botar ali na nossa frente, crepúsculo de segunda-feira, fetiche tão arrumadinho.

Algumas mais metidas fogem aos costumes. Usam calças compridas, estranhamente aceitas pela escola estadual da vizinhança. Ô Benedita, ô Rosinha, vamos acabar com essa pouca vergonha!

Esse Paulo Caldas sabe ver a vida, esse Lirioboy aprecia, esse João Vicente vê ao longe.

Bar Jóia - Rua Jardim Botânico, 594, Jardim Botânico – Rio- Tel: 2539-5613

Contraditório esporte fino 21-fev-2003

É muito comum vê por aqui nos dias mais quentes as moças escaldando dentro de uma calça comprida de jeans; é uma coisa de cortar o coração, não entendo o que aconteceu com os vestidos de algodão de gabrielas e todos as musas do brejo.

Por Miss Soledad Corações Contraditórios

Aqui em Recife é assim: som do apito de navio chegando e partindo, uma vontade de sair da ilha e ao mesmo tempo uma baita vontade de num sair nunquinha! Que "contraditório" mais Gilberto Freire!

Recife não recicla a "fedentina do dia anterior" como dizia meu compadre Francisco de Assis França, o velho Chico Science que Deus o tenha. Mas está sempre colocando em voga quase todas as coisas antigas, seja para o uso ou como homenagem à memória da cidade.

Sempre que desembarco num daqueles programas sobre as "semanas da moda", aqui e acolá, vejo roupas de todo tipo, novidade que não acaba mais! Um deus nos acuda de tanto esporte fino e arte na ponta da agulha, mandando vê em tantas referências para todos os gostos e, é claro, só para contas bancárias recheadas; então vejo o quanto é bom morar em Recife.

A preguiça das modas e tendências e, mais ainda, da arrumação para ir tomar um café na esquina de casa ou pagar uma conta na lotérica num calor miserável é que faz dessa moda simples da província uma delícia de convivência. Numa dessas agradáveis conversas com meu sempre companheiro Renato L encontramos os pontos altos da moda pernambucana nos periféricos corações!

É muito comum vê por aqui nos dias mais quentes as moças escaldando dentro de uma calça comprida de jeans; é uma coisa de cortar o coração, não entendo o que aconteceu com os vestidos de algodão, de Gabriela Cravo e Canela. Talvez seja porque agora sejam mais baratas as coisas de magazines compradas a crédito é quase uma ida pro céu! Uma vez pago o mínimo, fica um crédito para a eternidade, sempre tem roupa nova, sempre "dentro da moda" e sempre devendo.

Antes, comprar em loja era coisa de luxo. Mandar fazer os cortes nas costureiras vizinhas saía muito mais em conta e, apesar dos desajustes daqui e dali, ainda assim tinha um efeito mais compatível com o clima da cidade e as pessoas nunca ficavam com a roupa igual pelas ruas. Era raro emprestar os feitiços para as amigas e ainda se mantinha um certo sigilo no molde e estilo do corte de tecido. Era onde estava a graça das aparições em festas.

Fico pensando cá com meus botões o que faria o bandido "Lampião" e sua consorte se não tivessem dominado a arte da costura e do bordado, tudo com bom gosto e ainda, principalmente, pensando no seu "habitat natural". Isto é que é "prova" sob a medida da vaidade: uma bando que andava pra todo canto e entre uma degolada e colarinho bem bordado se mantinham no luxo e nos trinquês e ainda recebia exemplares de revista de moda vindas do "sul". Coisa que tenho pra mim que sempre extraviava o endereço, pois se era um povo que não parava em canto nenhum... E pelo jeito, a moda, a costura e encantos vinham mesmo sempre das bandas de cá do nordeste e de idéias das mulheres e do próprio bandido, o estilista do tempo em que no nordeste não passava nenhuma estrada.

O subúrbio do meu tempo adorava os shortinhos e as mini-blusas de cambraia e de algodão. No meu caso, por exemplo, eu contava com a minha avó que trançava

desde rede de tucum até bordados de meus vestidinhos feitos à mão, e, balançando com o pé aquelas antigas máquinas de costura Singer, chegava a suar no calor do Ipu, Ceará. E, pra completar o charme e empinar ainda mais a bundinha, tinha a moda do “saltinho Francesinha”, uso a contragosto dos pais, que achavam uma imoralidade, até porque deviam gostar e muito!

A moda em Recife é um pouco produto da reciclagem das coisas, do jeito mascate de trocar as novidades de acordo com a normalidade e o marasmo da cidade. E, muitas vezes, da falta do que fazer e de não ter muito pra onde ir, um jeito de combinar as coisas entre o simples e o quase roupa nenhuma. Existe uma certa graça em sempre estar arranjando um jeito de chamar atenção com novidades baratas e que parecem só surtir efeito usadas por aqui. Coisas que têm um certo charme e causam curiosidade, feito a nova sensação que eu amo usar, o antigo “Kichute“, chuteirinha preta com aquela bandeirinha do Brasil de lado (coisa bem tipo exportação caramuru!) amarrando o cadarço nos tornozelos. Todos os varredores de rua daqui de Recife e acho que do Brasil usam e detestam, talvez com um pouco de razão. Afinal os Nikes e Adidas são bem mais estimulantes.

E também tem a nova sensação de adereços da “Festa do Morro”, que este ano foi um estouro: o uso exagerado das fitinhas de três pedidos de nossa Senhora da Conceição, “nossa mãe, nossa rainha, que dá toda proteção” e é a padroeira destas pontes, encostas e morros! E, claro, não pode faltar a proteção divina dos escapulários! Por aí vão as tendências da normalidade, simplicidade das periferias que nunca estão mortas neste Recife e periferias de mundo afora.

Salve! meu grande amigo L, que passou tantos anos vestido numa calça de tergal azul anil de segunda mão, presentinho de um velho sueco beatnik, e que vai morrer de bonezinho preto. E se um dia ele realizar o sonho de ir à Londres, provavelmente será o sujeito mais diferente e atual deste mundo. É a coisa mais adorável!

As vantagens de não ter dinheiro pra gastar com moda e novidades das passarelas de tendências programadas, agendadas para as estações, é que salvam a gente do ano inteiro com o mesmo clima, as mesmas angustias e tédio com a cidade. E o que pode mudar no tempo de chuva (o que se pode chamar de inverno para nós) é o acessório mais comum: os guarda-chuvas mais feios do mundo! Espero que a entrada massiva dos coreanos e chineses no comércio traga alguns guarda-chuvas mais bonitinhos. Mesmo que custem mais de cinco reais do que o valor padrão para os desesperados de última hora debaixo do toró. Afinal, não se sabe como, aparece sempre um camelô vindo num sei lá de onde para vender um triste daqueles! Recife, como muitos lugares simples e pobres (de dinheiro, claro! porque de alma é grande até demais!) sempre acha um glamour no momento de se vestir, mesmo que seja simplesmente para o passeio de bicicleta, dar uma volta pelas pontes, passar pelo porto e vê os navios partirem para qualquer parte e aproveitar o que nos resta de eterno: o orgulho de sentir que não precisamos de nada diferente do que temos, o Recife que não muda quase nada.

É assim que a gente diz: "Meu Boyzinho!". 11-abr-2003

Nossa cigana nas Kombis que levam dos subúrbios aos desejos escuta o jeito carinhoso de chamar pra junto o seu benzinho.

Por Miss Soledad

"Vou ficar por aí de andada com meu boyzinho! ".Tem coisa mais mimosa do que arranjar um tratamento carinhoso para o nosso amado(a)? Uma coisa que se aprende, até bem antes de sentir o amor de verdade, é arranjar logo um jeito dengoso, carinhoso, para substituir o nome do moço(a). Até mesmo porque fica mais conquistador e acaba por ajudar a se desejar a criatura com mais boa vontade; é até uma

“patroa”. O homem não falou nada, mudo do outro lado, e ela já atendeu com o nominho carinhoso da rotina dos anos, o vínculo eterno da relação. “Alô Gordo! Gordo, é você Gorrrrdo!” E nada do outro lado! Amores Perros pra valer!

Aí é que está a vantagem de arranjar esses nomes, que aproximam e tornam a relação mais íntima e mais doce e até sustentam uma relação por mais tempo. Dá uma preguiça de trocar de romance e pensar em como chamar o novo possível amor! Até porque o nome não pode ser igual ao do que se foi, senão podem retornar as lembranças ou coisa assim.

Até que chega um momento em que é bom acreditar numa forma mais geral de chamar qualquer enlace amoroso com certo distanciamento. É bom não ter nenhuma forma especial para o queridinho do momento e dar aquele afastamento necessário para não se afogar em paixões e fiebre! Aqui mesmo no Recife voltou a moda chamar carinhosamente “meu boyzinho!”, coisa que serve também pra todos os apelos dos cobradores de Kombi de Barra de Jangada à Casa Caiada.

Não acredito que exista nenhum manual de conduta para afastar o amor quando ele chega pra valer. Nem mesmo acreditei nisto quando li o manual de Sun Tzu, “A Arte da Guerra”. Gengis Khan não estava com cabeça no lugar quando tomou como regra “aquilo que desconheço eu destruo”! Eu realmente não conheço as facetas do adorável patrimônio de todas as almas, “o Amor”. Então, das coisas que sabemos e que acreditamos, isso é que assunto pra toda hora, é ponto de cruz pra toda vida!

Arranjar lavagem de roupa é difícil, mas arranjar um jeito de falar sobre o amor é como quem vai ali e volta! É a labuta diária de muita gente e como disse o machine love Mario Gildo, “eu estou pronto para o amor!”

A sedução das coisas 06-jun-2003

A bolsa ou a vida: o império dos efêmeros não está pra brincadeira...

Por Miss Soledad

“Não temos alegria, se está descontente a vaidade; da mesma sorte que a desgraça não aflige tanto, quando se acha a vaidade satisfeita”

A moda mais cara é a vontade de consumir. Comprar uma “roupa nova” apenas para agradar o espírito vaidoso e alegrar o guarda-roupa (ainda que esteja abarrotado de coisas em uso) e, mesmo que seja numa “promoção relâmpago”, comprar um objeto de agrado, por simples que seja, quando o dinheiro está curto se transforma na impossibilidade de um *Galiano*.

Um dia desses experimentei desse amargo desejo. Por pouco dinheiro

A moda do Biquíni 15-setembro-2003

Miss Soledad abre o verão com o maior dos dilemas feminino - A prova do biquíni.

Por Miss Soledad

As aventuras de “Alice através do Espelho” podem ser comparadas a uma prova de biquíni - só que, neste caso, o espelho vai sempre discordar aqui e acolá de tudo que a gente pode desejar numa aventura não menos desbravadora que a de Alice.

Essas cabines de provar biquíni sempre me recordam aqueles jogos de espelhos de parque de diversão sofisticado, que só vi em desenho animado e filme americano. Esses que a pessoa fica de várias formas: gorda, magra, alta, baixa... Mesmo quando as lojas se esforçam para criar um ambiente de luz e espelho que pode conquistar os clientes, ainda assim a insatisfação eterna da alma feminina impera com o luxo natural de experimentar pelo menos toda a coleção de verão e ainda não comprar na primeira loja que entra.

O caminho para a moda do biquíni deve ser uma corrida árdua para quem desenha e confecciona estas roupas minúsculas, caras e difíceis de agradar; não é fácil vestir um biquíni e ainda se sentir completamente confortável numa areia quente e naquele processo de bronzeamento que vira de um lado e de outro. Lembro de um dia

Meu amor é um Cafuçu 06-out-2003

Miss Soledad desconstrói o amor moderno.

Por Miss Soledad Coração em Construção.

Esta noite os meus sonhos foram invadidos por pingos d'água saídos de uma torneira quebrada, um verdadeiro martírio. Levantei umas duas vezes para apertar ainda mais a torneira, mas nada forçado se ajusta, acabou quebrando de vez.

A pior coisa do mundo é acordar com uma coisa quebrada para resolver. Passei um mês com um encanamento quebrado e, depois que um amigo adepto do santo daime disse que coisas quebradas dentro de casa atravancam o curso da vida, nunca mais que deixei as coisas pra depois. Ainda mais desastroso é não ter grana para chamar um encanador e, hoje em dia, não tem mais aquele serviço informal de chamar um curioso no assunto e dá um trocado para a cachaça e tava tudo certo - o negócio ficou mesmo empresarial e o jeito é morrer numa grana.

Mas como é bom e divertido ter um amor que chega de manhã cedo com um embrulho de padaria amarrado com barbante (à moda antiga) para o café da manhã, junto com pães doces, beijinhos suados e uma caixa de ferramenta para os reparos e consertos. Tem coisa mais gostosa do que ver tudo funcionando em harmonia, sexo, amor, as torneiras de casa e nenhum tostão gasto?

Esses rapazes mais modernos só têm interesse em máquinas avançadas. Pilotam carros, mixes, picapes e computadores, mas não sobem numa escada para trocar uma lâmpada. Eita coisa difícil de encontrar hoje, é homem caprichoso com os consertos internos e que realmente sabem colocar a mão na massa! Os homens andam cada vez mais desatentos aos pequenos reparos na vida de uma mulher e nem mesmo prestam atenção quando é preciso renovar a nuance de cor para observar melhor as falsas estrelas no teto do quarto de dormir.

Por isso meu amor é um cafuçu que faz amor suando a pele preta e, desmanchando as pintinhas de tinta branco-gelo, colore ainda mais o amor e satisfaz o coração simples de uma mulher.

Pé na estrada, Josué 06-jan-2004

“Todo trabalho do homem é para a sua boca”, Eclesiastes, VI, 7º, citado por Câmara Cascudo.

Por Xico Sá

Foram quase 60 mil quilômetros de chão, entre vôos, rodovias, caminhos de terra e veredas que pediam o couro cru de alpercatas. Uma viagem chamada “Nova Geografia da Fome”, batismo explícito em homenagem ao livro clás

Resignadas, dizem: “Deus dá, Deus tira”. Muitas não conseguem contar nos dedos quantos perderam. Até estranham a importância que damos a tal estatística. Pode ser apenas compaixão diante da dor dos outros, como diz a ensaísta e escritora Susan Sontag sobre fotografos que retratam guerras e demais misérias humanas. Que seja louvada a bendita alteridade, amém.

Pé na estrada. Buracos de um abandono histórico. E haja criança nas margens, tentando tapá-los, tentando uma moeda dos caminhoneiros. Aquelas besteirinhas de gente, 6, 7 anos, com os irmãos maiores, 12, 13 anos, cavoucando, feito tatus, para mostrar serviço aos motoristas. Nem podem direito com a pá de terra com a qual tentam remendar a rodagem que já era. De Brejo Santo, Ceará, até Icó, a mesma paisagem.

“Seu dotô, uma esmola
para um homem que é são
ou lhe mata de vergonha
ou vicia o cidadão”.

Gonzaga ecoa na Serra Talhada ao longe. Ali, reza a fábula contemporânea, um abastado visconde, que vive da boa vontade cívica de fiapos de gente, perfurou lindos poços, graças às benesses e à modernidade republicanas. O povo se reuniu para assistir, maravilhado, ao precioso jorro que refrescava o rebanho do todo-poderoso. Com seus olhos grandes e famintos, o povo, voyeur daquela fartura pública do visconde, acabou por engordar ainda mais o distinto gado do nobre dono da aldeia.

* “*Nova Geografia da Fome*”, projeto que teve a chancela do Banco do Nordeste, foi publicado em mais de 30 veículos do Brasil. Do *Seridó on line (RN)* ao jornal *Zero Hora (RS)*, para mostrar as distâncias do mapa; do *Diário Vermelho (PC do B)* à *Época on line*, para se exhibir outras diferenças.

Só para segundas e sextas 15-jan-2004

O Soldado Jogador – cordel clássico do paraibano Leandro Gomes de Barros(1865-1918), agora reeditado pela Tupynanquim editora, de Fortaleza. Trata-se do maior do gênero, e num precisa dizer mais.

Por Xico Sá

Nenhum livro, por melhor que seja, merece tirar um homem da rua e da cachaça. A não ser nas segundas e sextas, quando o cabra não deve mesmo sair de casa, não deve tomar banho e nem raparigar, muito menos beber além da conta, como diz a tábua sagrada dos 12 mandamentos dos cangaceiros de todos os bandos – consenso do Raso da Catarina e outras léguas sem dono.

Para estes dias proibidões, O Carapuceiro recomenda:

Balé Ralé, contos de Marcelino Freire, rapaz de Sertânia que casa e batiza em SP, prosa de arrombar, tirar do ramo e do prumo, ruindades de gente, pai, mãe, picolé com sabor de cu das antigas. Dá pra tu, com gelo e tudo? Editora Ateliê, SP. falar com o menino é só escrever para o monstro de angu de sangue, arrochando o nó ai adiante eraodito@uol.com.br

O Soldado Jogador – cordel clássico do paraibano Leandro Gomes de Barros(1865-1918), agora reeditado pela Tupynanquim editora, de Fortaleza. Trata-se do maior do gênero, e num precisa dizer mais. Pedidos aqui tupynanquim@ibeuce.net

De Cunhã a Mameluca – a mulher tupinambá do Brasil, de João Azevedo Fernandes, editora da UFPB. De como as velhas feiticeiras assombravam os filhos da puta dos jesuítas, com seus porres de cauim e os banquetes nada platônicos. O autor atende no cunhamameluca@yahoo.com.br

Contos Cruéis, de Villiers de L'Isle-Adam, daquela coleçãozinha Livro B, da Estampa portuguesa. Aqui, o autor de “A Eva Futura” bota pra fuder na narrativa “dois augúrios”, sobre um jovem que tenta convencer um editor que é o único na França sem talento algum. Sofre para demonstrar que não tem jeito pra coisa. Ótima leitura pros tempos em quem todo mundo se acha o fodão de Tacaimbó. Como o autor morreu no começo do século passado, os contatos se tornaram remotos ultimamente.

Lotação 02-mar-2004

Ônibus lotado; ninguém cede o lugar. Ele, sentado numa das cadeiras reservadas a idosos, gestantes e deficientes físicos. O conto, próximo do fim, dois parágrafos apenas. Precisa refrear a ereção, ou fazer uma manobra, um malabarismo a fim de que ninguém a perceba.

Por Zema Ribeiro*

Manhã lotada. Agenda mental. É um rapaz muito bagunçado para controlar sua vida em folhas de papel reunidas sob uma brochura.

Ônibus lotado. O rotineiro percurso de ida ao trabalho. Nas mãos, apenas um livro de contos eróticos, sem figuras, por respeito a outros passageiros.

Ruas lotadas. Trânsito lento. Numa esquina, o ônibus para, atrapalhando a entrada de um carro dirigido por uma mulher. Ninguém dá atenção ao fato, nem mesmo ele.

Mente lotada. Pensamentos maliciosos. Não que seja tarado, mas não consegue repreender uma ereção que tem, de repente, a certa altura, e que iria se manter ainda por um bom período.

Um ponto mais, uma velhinha sobe.

Ônibus lotado; ninguém cede o lugar. Ele, sentado numa das cadeiras reservadas a idosos, gestantes e deficientes físicos. O conto, próximo do fim, dois parágrafos apenas. Precisa refrear a ereção, ou fazer uma manobra, um malabarismo a fim de que ninguém a perceba. Resolve tentar a manobra.

Chama a velhinha e, fechando o livro, convida-a a sentar-se no lugar que ocupava.

Ônibus lotado. Sem querer, esfrega de leve o pau na bunda da velhinha. Ela dá uma risada e agradece.

Ele, faces coradas, crê que ela agradeça pelo lugar. Ela, viúva, ri, contente da vida, por sentir aquele membro vigoroso, ainda que por cima das vestes e num lugar público e lotado, tocar-lhe, leve e docemente por trás.

Ele, alguns pontos adiante, salta, sem ter conseguido outro lugar para sentar e tentar continuar a leitura; ela o vê pela janela, caminhando a passos rápidos, atrasado, como sempre, indo trabalhar.

*Colaborador de São Luis do Maranhão, 22, articulista cultural do projeto Olho de Boi.

Das infelicidades da alma doméstica 04-abril-2004

Rainha ou escrava do lar? Eis a questão... Com a ajuda dos manuais de Xenofonte tentamos dar um jeito no dilema.

Por Miss Soledad

Quanto tempo se leva para concluir o curso prático de dona de casa? Uma vida inteira.

Que vida? Inteira? Se isso é vida, só pode ser pela metade. De inteiro ficam as dores nas costas e o Kit de limpeza: multiuso, corrosivos...

Pela metade fica: a remuneração, coisa mais sem cabimento! Uma dona de casa deveria ser tratada como artigo de luxo! Espécie quase inexistente nos lares... Mas ainda existe uma pequena classe operante na ativa. Sem sindicato, sem direitos: décimo- terceiro, gozar férias, feriados nacionais ou dias santos. Nem mesmo existe o dia da Dona de casa!

A imagem da Rainha do Lar, mofada, hoje motivo de desprezo e abandono. Tratada como um ser estranho, ocioso e sem noção do mundo moderno! Que engano...

Sempre tem alguém pra fazer aquela pergunta fora de hora - O que você faz? Pra responder isso só uma vontade repentina de ir ao toalete retocar o “creme das mãos”. Em consultórios médicos é quase a mesma coisa - Qual a sua profissão? A resposta vem numa espécie de murmuro, do lar, dito bem baixinho. Diferente da resposta colada numa profissão estudada, que vem alto e com orgulho!

Pra quê não foi estudar? Só pensou em namorar, ficar lendo romance, que só serviu pro currículo da vida! Mas pro MEC não valeu de nada! Na hora de esvaziar a pia, 0 Tm /F2.0 1 Tf (a) Tj 500 0 0 50 239 0 Tm (ur) 788 0 Tm (pos) Tj 50 0 0 50(a) Tj 50m () Tj 0 0 50 2

Ardendo no fogo do anonimato 22-abril-2004

Pequena amostra do ciclo do inferno da "Divina Comédia da Fama" (ed. Objetiva), nas livrarias em maio.

Por Xico Sá

Você repassa, um a um, os pecados que podem levar alguém ao inferno. Nunca ligou muito para a "Divina Comédia", mas, por causa da sua boa formação cristã, sabe que há um esquema de pecados que arrastam qualquer um, mesmo o maior dos artistas, para a selva escura do infortúnio e do anonimato.

Falou demais, abriu o coração em excesso com pessoas erradas, deu entrevistas espalhafatosas demais para todas as publicações... Você descobre, de cara, ter cometido o pecado da incontinência, um dos caminhos mais fáceis para chegar ao inferno. E não somente a incontinência verbal, pois trata-se de um pecado típico também dos luxuriosos, gulosos, avaros e pródigos, iracundos e rancorosos, heréticos. Enfim, o excesso que derruba monstros sagrados dos altares da glória. Até mesmo a gula passou a ser problema, confesse, o que obrigou a regimes duros e intervenções cirúrgicas.

O mesmo que estupidez. Terá sido estúpida, bestial? Você reflete, resignada, cristã. A maior estupidez cometida, você recorda, foi a gastança desordenada, o consumo louco, o que a fez tornar-se uma vítima da moda e dos fetiches do mundo fashion. Você reconhece. E sabe que os gastadores, pela lei divina, às vezes merecem o inferno.

Esse ciclo cristão é composto por sedutores, aduladores, simoniácos (aqueles que negociam com crenças espirituais ou vendem a alma ao diabo, por exemplo), magos e adivinhos, traficantes, hipócritas, ladrões, maus conselheiros, intrigantes e falsários.

Você repassa a lista e fica passada. Como se envolveu com gente dessa natureza no meio do caminho da fama. Pecou, no mínimo por convivência com os sedutores baratos de festas VIPS, acreditou em falsos gurus, caiu no conto de hipócritas –principalmente aqueles que usam camisetas com as inscrições "Sinceridade", "Verdade" etc – ouviu péssimos conselheiros, incluindo a sua agente e o seu assessor de imprensa, e apostou no "bom coração" de muitos falsários.

Um pecado, segundo Dante Alighieri, o poeta cristão que nos guia nessa narrativa, que pode ser cometido contra parentes, Pátria, hóspedes e benfeitores. Você pensa, pensa, e conclui. Além dos velhos amigos, os parentes também foram desprezados quando atingiu o auge. Chegava a encontrá-los nas ruas, portas de lojas e restaurantes e fingia não reconhecê-los. Até a sua pobre mãe foi muitas vezes traída pelas suas mentiras.

Considerações sobre o sono 01 de agosto-2004

É quando a gente se parece menos com os mortos... é quando se está dormindo.

Por Antônio Maria

A pessoa que dorme está sozinha e só.

Quando o homem dorme, seu rosto se desmarca de todas as tramas e de todos os desgostos.

Nada entenece mais uma pessoa que o rosto do amante, dormindo.

Ela se debruça sobre a pessoa adormecida e descobre que eram simples palavras todas as valentias que ele lhe via dizer ou dando a entender.

É quando a gente se parece menos com os mortos... é quando se está dormindo.

Quanto mais pobre mais evidente o ser humano que dorme. No sono, a imobilidade das pessoas boas e ruins é sempre desarrumada.

Gente não dorme em posição de sentido.

Cada travesseiro tem um lugar e uma importância definidos na vigência do sono.

Não há ne

e

Viúvo de uma loira 07-setembro-2004

O bonitão veio ao seu socorro e disse para não se preocupar. (Nunca entendi as taras). Maria se deixou
Por Daniel Albuquerque

No meio da noite senta-se na cama e acende um cigarro. A mulher dorme profundamente. No escuro o único ponto luminoso é a do cigarro. Pela manhã a mulher bondosa lhe prepara café preto com pão com manteiga. Augusto diz que ficara até mais tarde no trabalho para colocar alguns papéis em ordem.

Na volta para casa exausto, a mulher lhe faz uma massagem e lhe prepara uma sopa intragável, não tinha talento para a culinária. Augusto só tinha tempo para o trabalho era ele o provedor da casa, a mulher cuidava com esmero dos afazeres domésticos e dos filhos com dedicação. Tinham dois filhos um casal de gêmeos, quando soubera da notícia Augusto costumava gabar-se de haver feito dois numa única tacada.

As noites em claro eram cada vez mais freqüentes e como companheiro de insônia tinha os cigarros e vez ou outra costumava dar-se um prazer solitário, já que a sua mulher não o procurava mais e quando ele o fazia recebia sempre uma desculpa. No escuro beijou com delicadeza a fronte da mulher. Os grandes sentimentos não têm nome.

Num domingo de sol foram todos a um piquenique, escolheram um parque próximo a mulher estendeu a toalha xadrez como de praxe dispôs a comida. Augusto era pura felicidade, dado a pequenas coisas. As crianças corriam atrás da bola os pássaros enfeitavam a tarde. Já no final da tarde os sapos coaxavam, Maria disse que precisava ir a banheiro. O homem ficará tomando conta das crianças. Foi aí que virá ela o bonitão de olheiras fatais. Foi tão grande o susto que fez xixi ali mesmo.

Meu Deus que desastre! Soluçava a mulher. O bonitão veio ao seu socorro e disse para não se preocupar. (Nunca entendi as taras). Maria se deixou levar, o homem a deitou na grama e ali mesmo pornograficamente fornicavam.

Augusto preocupado com a demora da mulher disse às crianças que ficassem onde estavam pois iria ao encontro da mamãe. Sem acreditar, viu os dois, a mulher e o bonitão um ao lado do outro, exaustos do gozo, a calcinha dela nos joelhos. Augusto sentia o coração aflito a boca seca, decidiu não fazer nada. Pelas crianças-pensou.

A volta para casa foi silenciosa, o homem trancou-se no banheiro e pela primeira vez chorou. Já no quarto, as crianças dormindo. Augusto deu-lhe uma bofetada. A mulher assustada perguntava pq.

-Cubra a cabeça - ordenou o marido. Pôs o sexo para fora e mijou na cabeça da mulher. Maria se pôs aos pés do marido e rogou-lhe perdão. Disse que o homem a havia tentado e por medo cedeu. Augusto perdoou. Era boa mulher e lhe devia uma chance. Pouco tempo depois Maria diz estar grávida. Como era homem bom aceitou a criança como sua. Nascido o terceiro "filho" do casal de nome Victor. Maria não parava em casa. Deixava os gêmeos tomando conta do pimpolho, Augusto saía pela porta, ela pela janela. Quando retornará do trabalho nem sequer o cheiro da mulher e da sopa intragável. Logo depois Maria chegava com os lábios encarnados, logo ela que jamais usara maquiagem. Dava sempre a desculpa de estar na missa. Augusto que já não era bobo deu-lhe outra surra pra que dessa vez tomasse tento.

Os teus filhos cadela tu os deixa sozinhos?

A pobre chorava cheia de placas roxas.

Dias depois voltando pra casa podia sentir os olhares interrogativos. Você é um fiasco. Pensou. Chegando em casa aflito encontrou a miserável com os cabelos tingidos de loiro.

Ficou viúvo.

Salve Claudio Assis e fodam-se os imbecis! 14-setembro-2004

E toda a escrotice burguesa ainda acha que o grito é ignorância, sem fazer as contas do passado, como se tudo fosse ignorado... Rua do Ouvidor versus a Caatinga, pergunte ao velho Euclides (da Cunha) que ele ensina....

Por Xico Sá

Da necessidade de ser honesto, Ernest, como na peça antiga, até inglesa, irlandesa, da necessidade de ser Cláudio Assis, dizer o que eu sempre quis, dizer o que todos nós queremos, todos os “perdedores “ sempre quiseram, dizer o que eu, tu, nós, o grito da margem, caraio, sertão, agreste, litoral, cais, ouviram do Ipiranga ao Leblon, grito nobre do cine Odeon!

Dizer o verbo dos que perderam os dentes cedos, como eu, como ele, dentes arrancados em cadeiras nas feiras, e só agora repostos por ortodontoamigos de primeira.

Dizer o que a prensa burguesa escrota sempre folcloriza, transforma, esvazia, a favor dos de sempre, a favor da lei, a favor de quase nada... A favor do institucional, minta você mesmo, não compre jornal!

A favor do patrocínio, a favor do roubo na Lei Rouanet, a favor do deságio pesado, a favor da mentira, da arte burguesa como intriga, a favor dos captadores e seus esquisitos embornais!

E toda a escrotice burguesa ainda acha que o grito é ignorância, sem fazer as contas do passado, como se tudo fosse ignorado... Rua do Ouvidor versus a Caatinga, pergunte ao velho Euclides (da Cunha) que ele ensina....

É fácil e escroto folclorizar o grito, abafar nos jornais bajuladores graças a repórteres submissos... É moleza para o colunismo social, sem apurar nada, sempre a favor de quem legitime, Caetano Veloso e a fonte suprema da imbecilidade Lavigne...

Impressionante a falta de reportagem...

Jornalismo??? Não. VADIAGEM.

Consenso do Leblon, ah, tá bom...

Cláudio Assis, nego, tu já é um milagre por conseguir fazer cinema, de onde tu veio o Brasil só vê pobreza...

Cláudio Assis, rapaz, vê os índices sociais do Alto do Moura, Caruaru, carniça, ignorância...

Claudão, menino, tu fez foi pouco, era melhor um estrondo, um papôco...

Nego, larga de vez esse povo!

Nego, eles não valem o teu verbo, a tua peleja, não pegam uma letra -avec Hilton Lacerda- do enigmático Baixio das Bestas!!!

A dor na coleira 19-setembro-2004

Levante sempre os cobertores de 3.000 fios, mire bem o rosto, não precisa ter certeza, mas aperte firme o dedão do ódio-mor, mesmo errando não matará ninguém tão certo, tão preciso.

Por Xico Sá

Ah, es quente sim o cocoruto, tome uma cachaça, outra pro santo, mate algum safado(a). Faça alguma poesia enquanto você passeia com a sua dor, senão, se não, pra quê? Mas levante sempre os cobertores Paraíba, para ver quem está por baixo e para ver quem vive sempre por cima!

Levante sempre os cobertores de 3.000 fios, mire bem o rosto, não precisa ter certeza, mas aperte firme o dedão do ódio-mor, mesmo errando não matará ninguém tão certo, tão preciso.

Ah, leve sempre a sua dor no bolso do capote, por mais que seja puído o capote, por mais que seja nova a sua dor. Junte copeques, pratos, moedas do seu país imaginário, e compre um capote novo, meu amigo, um capote que caiba bem a sua dor, mesmo que seja furado no peito esquerdo e exponha seu álibi tingido, tingido... aí, quanta elegância, um homem sem dor não merece o nome, o batismo, o apelido, a vontade de puxar o gatilho...

Sua dor não é um cachorro-de-madame para somente cagar nas calçadas, sua dor tem o direito ao passeio público, elegante?, sim, decente, justa, até maior do que você imaginava, um número abaixo, mas nunca tamanho médio, sempre uma dor exata, maiúscula, medida pela sua capacidade de violência... ou agora você deu para só se foder e acreditar nos códigos???

Vamos passear no parque, deixe o menino brincar com a sua dor, sua dor-pipa, sua distraída dor que escorre com a água da mangueira que banha o pezinho da menina, ah, o feliz pai-de-família que passeia, tentando distrair a sua dor, mas olha bem na pupila _está nervosa, rizomas de sangue novo incomodam, tudo pode acontecer, melhor afastar as crianças, caralho, fodeu, é agora!

Um sabiá bebeu ácido na minha janela 27-setembro-2004

Ao ouvir Arnaldo Baptista -Letitbed*

Por Xico Sá

LSDeus, sempre, vide bula, remate de males, expansão de mares nunca dantes, avalovaras, gullivers, conrads... a volta ao nada em oitenta parafusos (frouxos!). um gato que anda na ponta dos pés, viagem ao redor do rabo, e que eu penso o gato sê-la, a bailarina fantasma de arnaldo baptista -seu corpo decente quanto nu chega enfim aos braços meus.

“só pode ser amor o que eu estou sentido”, faixa cinco no windows media player, a mesma bolacha, o velho choro da carnaúba sob a agulha, 45 rotações nostálgicas... e a mágoa entre o pote e o scratch.

Nobody knows. sai chão, sai medo. quem estará na garupa? a vida engana na curva do velho Chico ao rio Terron, não havia nada lá, jacarés nas nuvens nadam.

LSDeus, o gato de novo se arrasta tão elegante sobre o taco que eu penso na linda ninfa que me vem de lambuja, promoção de outros deuses, miss vagaba, corações sem vulvas, promoção para os que acreditam nos sabiás que madrugam acordando os despertadores baratos dos pobres dessa floresta negra –Nel mezzo del camim de nostra vita – doravante denominada são Paulo.

(Louvado seja Deus/ que nos deus o rock’n’roll/ clonando Cristo/ através do sangue do Santo Sudário/ Ciclone...”)

LSDeus rogai por nós que recorremos a vós nesse vale de lágrimas, onde só as carcaças a nadarem bovinamente são vistas aqui dos meus óculos mentirosos. Um jovem cão arranha o teto ou terá tocado outra vez “the end” do doors? É só uma sobrinha de nada de ácido no juízo nostálgica de outra sobrinha de nada que persegue o outro quartinho (se muito) que corre atrás daquela “presa” do zaca no sonar que remete aos quadradrinhos com desenhos druidas que já viraram estrume no juízo e lá eu planto lindos cogumelos onde meu novo amor irá brincar no meu coco quente.

Cinema é travesseiro 11-outubro-2004

Sesta: modo de usar. Quanto dura uma sesta? O ideal é que não se faça o uso do despertador, que não seja um curta-metragem, que seja um filme que se durma nele inteirinho, que se beije o olho de quem dormir primeiro.

Por Xico Sá

Como é bom tirar uma sesta, abaixar a cortina e dar um risinho safado para o capital que se esborracha lá fora; como é bom, mesmo para um falido, ajeitar os travesseiros –de palha ou de pena de ganso- e cerrar os olhos para sonhos pequenos. Uma sesta à sombra da toda-poderosa Fiesp, aqui na Bela Cintra; uma sesta com os macaquinhos lá fora nos fios, como a minha sesta carioca; uma sesta com as janelas abertas na rua da Aurora, a rua mais linda do mundo, de onde avista-se Beberibes, Capibaribes, Áfricas, Tongas e Polinésias...

A minha sesta ibérica, como na origem do costume, lá no Juazeiro e Crato. Como é bom tirar uma sesta com uma nega enroscada aos pés, sono leve de conchinha, colherzinha e quetais. Mas os dois precisam estar no espírito da sesta. Uma alma em desassossego acaba com qualquer sesta, sesta-de-favor não vale, cesta carece de *savoir faire*... Um gato ali pelas nossas costelas –opa!, um felino de carne e osso, um bichano- que delícia. Como o Menezes é bom de sesta!

Numa sesta não vale sonhos épicos, apenas sonhos pequenos, daqueles que a gente realiza num piscar de olhos. Ou simplesmente deixa para lá. Ridículo correr desembestadamente atrás de sonhos. Sonhos são filmes grátis, que vemos deitadinhos, sem o barulho ridículo de pipoca ou de gente.

“Ei, morena linda que passa, vamos ao cinema?” Ai trago ela para a sesta. Cinema é travesseiro e pezinho colado.

Os sonhos são feitos pelos Buñuels & Passolinis mortos, jeito de ocupar-lhes no purgatório. Coisa da aliança espúria do Diabo e de Deus.

Sesta: modo de usar. Quanto dura uma sesta? O ideal é que não se faça o uso do despertador, que não seja um curta-metragem, que seja um filme que se durma nele inteirinho, que se beije o olho de quem dormir primeiro, como sempre guardo as minhas mulheres, até com uma rezinha baixinho para nunca acorda-las e sempre protegê-las, ô Deus guarde essa costela de Antonia colada à minha e que esse suorzinho seja o superbonder possível até o amor passar, até o fim dos nossos tempos, que chegar, que fazer, velho Lênin?, elas passarão...

“Meu filho, durma pelo menos uma meia horinha depois do almoço”. Minha mãe chorava, mas no dia em que fui embora, era só o que ela falava. Mulher de coragem: deixar aquele graveto, cour’osso, ganhar a estrada só com uma rede que ela botou no fundo da mala...

Como eu queria achar de novo essa rede e tirar a maior das sestas, mas troquei por alguma coisa, vício, comida, sei lá, entre uns desalmados de um cortiço recifense, num sótão ali na Barão de São Borja. Até quando a usei, era uma rede que balançava lágrimas e meus chinelos sempre boiavam de manhã.

Ainda ontem... 19-janeiro-2005

Miss Soledade, em lembranças impressas...

Por Miss Soledad

Dentro das caixinhas de papelão ficam as lembranças amareladas de meninice, com a família bem postada vestida para o domingo, o cachorro “pretinho” desfocado no clarão do flash, o papel fosco contando uma história quase esquecida: assim são os retratos em preto e branco.

Já o emaranhado dos papéis brilhantes de fotografias coloridas revelam um amostramento, um albinho de desejos de contar coisas fresquinhas da memória.

Aquela paradinha para bater o retrato se desmancha nos movimentos captados para as lembranças digitais. A imagem acontece, não se prepara, a pessoa não se ajeita para o momento, as coisas se ajeitam por si só...

Mas com os retratos dos amores em polaroide que aparecem com um simples abanar do papel ou com um soprinho melado, e com o tempo se desmancham, embaçam, não se entende o que se tem revelado, uma miopia colorida, verdadeiras amostras instantâneas de um amor eterno que nunca acaba, apenas envelhece.

CARAPUÇA

Agora é oficial: mundo tem 146 milhões de maconheiros 28-junho-2000

Formigueiro da larica é quase do tamanho da população brasileira. Erva poderia mudar o sertão.

Por Antônio das Mortes

“Façam de conta que, assim como há lojas de chapéus, o meu periódico é fábrica de carapuças. As cabeças em que elas assentarem bem, fiquem-se com elas, se quiserem; ou rejeitem-nas, e andarão com a calva às moscas”.

(*O Carapuceiro*, Recife, ano da graça de 1832)

OURO DO SERTÃO

Relatório alarmista e oficial sobre narcotráfico protocolado pela ONU em Genebra dá conta da existência de 146 milhões de maconheiros em todo o mundo. Mais uma justa razão estatística e econômica que justificaria um investimento pesado do Brasil no Polígono da Maconha, no sertão nordestino, onde se plantando tudo dá mais gostoso.

OPERAÇÃO MANDACARU

Ao invés de pôr o Exército no calcanhar dos agricultores da região do velho Chico, o governo do general Cardoso poderia incentivar a criação de um pólo hemp internacional no tal Polígono. Faz-se de tudo com as fibras da Cannabys hoje em dia. Os tênis Adidas e Puma, para citar apenas duas marcas badalês, são exemplos da utilidade da velha “erva maldita”.

QUEIMANDO MENTIRAS

Viciado em mentiras, o governo do general Cardoso prometeu, no momento da Operação Mandacaru, crédito oficial para os agricultores trocarem as roças de maconha por culturas tradicionais. Até agora ninguém viu sequer a fumaça dessa promessa.

APURADO (1)

A continuar aberta a Cachaçaria Apurado, na rua da Moeda, na parte oriental do Recife Velho, não vai sobrar o fígado de nenhum artista recifense para o Museu do Ego, da Angústia e da Culpa (o Mea-culpa).

APURADO (2)

Há quem diga que ACM e o governo baiano estejam por trás dos barris de carvalho comandados por Bidu e Tibério. Teriam financiado a operação, via BNDES, para eliminar o baque solto pernambucano e beneficiar o tabuleiro axé da onça caetana.

Imprensa e mulher se igualam na arte de mentir 08-julho-2000

Nosso conselheiro-mor, Honoré de Balzac, deixa mais uma lição de coisas. Na ilustração, nossa loja de carapuças. Escolha a sua.

Por Antônio das Mortes

"Hunc servare modum nostri novere libelis

Parcere versionis, dicere de vitilis" (Marcial Liv. 10. Epist.33)

("Guardarei nesta folha as regras boas,

Que he dos vícios fallar, não das pessoas").

Alma sebosa

Roberto Magalhães, alcaide da cidade Maurícia e representante da maior aliança eleitoreira do Ocidente, prometeu aos seus pares e negas bom comportamento na via-crucis que desemboca na tentativa de manter a bunda no trono de então. Quem promete boas maneiras embute a pior das almas sebosas.

De Balzac sobre os jornalistas

“A Imprensa, como a mulher, é admirável e sublime quando conta uma mentira. Não o deixa em paz até tê-lo forçado a acreditar nela, e emprega as melhores qualidades nesta luta na qual o público, tão tolo quanto um marido, sucumbe sempre.”

Marta X Erundina

Uma traja John Galliano; outra Lojão do Brás. Uma batom vermelho e bolsinha-onça; outra pochete-preta-cobrador. Entre a educação sexual e a merenda escolar, pairam as dúvidas de todas as mulheres e homens de boa vontade da Província de São Paulo.

O caixa 2 de Deus 25-julho-2000

Mesmo sem ter provado a existência do pai, a Igreja já quer lucrar com o filho do homem por Antônio das Mortes

“Guardarei nesta folha as regras boas
Que é dos vícios falar, não das pessoas.”
(Marcial Liv. 10, Epist.33)

Caixa 2 de Deus

A Igreja Católica quer cobrar pelo uso da imagem do Cristo Redentor. A contar pela proteção que ele tem dado à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, paróquia que ele espia do além-Santa-Tereza, o bispo não tem muito a lucrar com esse negócio.

Casa Grande

Os ricos, o 1% que caga na cabeça dos 99% do andar de baixo, apontam (vide ultrapassado número do hebdomadário Veja) a negligência e a indolência como causa da pobreza de Pindorama. É gente que torra R\$ 70 mil em uma roupa da Daslu (São Paulo), loja onde até a rima é rica e mais que merecida.

& Senzala

Essa mesma elite alma-sebosa, com mãozinha de jesuítas, queria rebocar os índios para a escravidão nos canaviais da terra de Santa Cruz. O projeto fracassou. Essa mesmíssima gente, que naquela época torrava ouro e pau-brasil em Lisboa e Paris, fez diagnóstico semelhante, com discursos barrocos sobre a “preguiça” indígena.

Investigação sobre natureza e causa

No Brasil, ao contrário do que licenciou Max Weber sobre o acúmulo de bufunfa dos protestantes alemães, a riqueza não é moralmente permissível. E muito menos recomendada a essa altura.

Filosofia a golpes de martelo

“O desiludido fala. - Procurei sempre grandes homens e sempre encontrei somente os macacos do ideal deles.” (Nietzsche, em Crepúsculo dos Ídolos).

Distanciamento Odebrechtiano 21-agosto-2000

A empreiteira esquiva-se da boca do caixa, mas o passado a condena. Furo político d'O CARAPUCEIRO.

Por Antônio das Mortes

“Guardarei nesta folha as regras boas, que é dos vícios falar, não das pessoas”.
(Marcial Liv. 10. Epist.33)

Homens privados, vícios públicos

A empreiteira Odebrecht, sempre uma das mais generosas no franciscanismo de campanhas eleitorais - é dando que se recebe - está com um pé atrás neste pleito. Assim como a técnica do velho Bertolt, os homens querem é distância do que são ou foram. Claro que o cacau vai rolar, mas com parcimônia. A firma avalia que não é mais um bom negócio investir em homens públicos; em tempos de privatizações, melhor mesmo é comprar homens privados.

Sossego

O jóquei Luis Duarte, recente campeão do Grande Prêmio Brasil, deu uma lição que vale para patrões, mulheres, amestradores e chefes em geral: “Tentei deixar o cavalo tranqüilo; o resto ele fez sozinho”.

Lapsus calami

Em bom latim, lapso de pena. Quando alguém escorrega na escrita, se arrepende ou não reconhece o que escreveu.

Causa mortis

Claro que Roberto Magalhães vai ser reeleito alcaide da cidade Maurícia. Ele é mesmo grandioso: sob as suas vistas ou dos seus rebeldes jovens auxiliares despencou desta vida para outra melhor o maior número de pobres das encostas e barreiras da cidade, na recente inundação mais do que anunciada. Castigo dos céus, diria o “outro lado”, instituição não contemplada por este periódico.

Das antigas

“Quando for para Pernambuco
Leve contas pra rezar.
Pernambuco é um purgatório
Onde gente vai penar”.

(Quadrinha popular e anônima de 1848, de pouco antes da Revolução Praieira, revelava as condições de miséria que se perpetuam até os tempos que correm)

Como a cantiga da perua: pió, pió, pió - 14-setembro-2000

Nos nossos panfletos avulsos, a disputa da Ditadura com a “Democracia”, para saber quem mata mais na cidade e no campo.

Por Antônio das Mortes

“Onde tudo é mau, deve ser bom conhecer o pior”, F.H. Bradley, epígrafe da segunda parte da Mínima Moral, de Theodor Adorno.

Assim na terra como no céu I

Deu no Jornal no Brasil, no Pharol de Petrolina, n’A Vanguarda de Caruaru e até Trombeta de Tacaimbó, mas foi preciso uma manchete do El Pais, matutino madrileno, para que as nossas Otoridades se manifestassem. O número de mortes de militantes das ligas camponesas do MST já supera o horror da Ditadura Militar.

Assim na terra como no céu II

O ministro Jungmann, ex-comunista pernambucano alçado ao poder graças as asas emprestadas do tucanato cearense, prefere contra-atacar o MST com relatórios vazados –esse verbo é tão imoral quanto Brasília_ para comitês de imprensa da UDR brasiliense.

Outro lado, o Inferno

Mortes estão caindo, diz Jungmann. Digo, mortos estão caindo.

Coisa de profissional

Fita com entrevista do juiz foragido, meretíssimo Nicolau dos Santos Neto, custa US\$ 300 mil no mercado dos cinegrafistas amadores de São Paulo.

Anistia Internacional I

Em vez de apurar para valer a autoria dos novos ataques de neonazistas em São Paulo, a Polícia Civil tenta plantar - agrometáfora que presssupõe a existência de muito esterco nas redações de jornais - que as bombas-postais foram obra do representante da Anistia Internacional em terras bandeirantes, sr. José Eduardo Bernardes da Silva.

Anistia Internacional II

Ora, se acham que foi o Zé da Silva, primeira pessoa a receber o pacote-bomba endereçado a pretos, nordestinos, judeus, gays... que tenham peito de interrogá-lo e assumir o “rigoroso trabalho de investigação”.

Anistia Internacional III

Segundo altas fontes da Polícia Civil sopraram para os jornais, da Silva teria um motivo para mandar bombas para si mesmo: queria chamar a atenção para o deslocamento da sede nacional da AI de São Paulo para Porto Alegre.

Nação Cariri de luto

Assassinaram covardemente em Juazeiro do Norte, o travesti Jonhantan Kiss, que havia conquistado na região do Cariri o legítimo direito de andar nas ruas e ter o

respeito da grande maioria da população. Decente, trabalhador, sustentava pai e mãe, para quem conseguiu mostrar, como dizia, que ele não era diferente, os outros é que eram iguais.

Os Muros do Brasil e as galáxias dos homens-gabirus - 04-outubro-2000

Os herdeiros das Capitánias tentam ressuscitar, à guisa de terrorismo eleitoreiro, os fantasmas de Berlim. Tijolo por tijolo, a dívida com os nossos arraiais, como Sky Lab e Planeta dos Macacos, é a vergonha que afilhados da Casa Grande tentam esconder.

Por Antônio das Mortes

“Assaz prova é essa de bom céu de que goza este novo mundo, pois doença tão contagiosa por outras partes, nele se diminui e abranda logo” (Fala do personagem Alviano, nos “Diálogos das Grandezas do Brasil”, de 1560, reeditado pela Editora Massangana em 1997).

Pedreiros da história

Os herdeiros da Capitania tentam ressuscitar, à guisa de safadeza eleit

militância pefelista, caso o PT ganhe a eleição, todo mundo vai cortar cana na Zona da Mata.

Fogo Morto

Dona Jane esquece que a Casa Grande que a sustenta já pediu arrego há muito tempo. Decretou falência e transferiu os bens, muitos deles subsidiados pela rafaméia, para os herdeiros. O pior é que nem mandou os meninos se educarem em Paris, como antigamente. Pelo menos voltavam com um Baudelairezinho na ponta-da-língua açucarada.

Papangu neles! 09-novembro-2000

Com relho de couro cru e muito mela-mela, O Carapuceiro entra em campanha contra a privatização das folias de rua e outras malandragens fora de época. Conheça ainda o Krisis paidégua e o rebuliço de dona Jane na terra de Cavalcantis e Cavalgados.

Por Antônio das mortes

“Numa terra radiosa, vive um povo triste.”

(Paulo Prado, in Retrato do Brasil, ensaio sobre a tristeza brasileira).

Deus te oiça, dona Jane

Quando ~~do~~ ~~Jane Magalhães~~, cos

O Príncipe e a ditadura loreal 06-dezembro-2000

Além do tingimento generalizado que varre o território nacional, o Príncipe da Dependência, que jura ter um pé na cozinha, também entra na luta contra a mestiçagem. Saiba mais sobre o lobby das galegas na nossa seção política e de acidentes sociológicos.

Por Antônio das Mortes

“Hanc servare modum nostri novere libelli

Percere personis, dicere de vitiis” (Marcial Liv. 10 Epis.33)

“Guardarei nesta folha regras boas

Que é dos vícios falar, não das pessoas”.

Lobby das galegas

O Príncipe da Moeda - o grifo é do xará de Apipucos Gilberto Felisberto Vasconcelos - recebeu na segura brasiliense Vera Fischer e Gisele Bündchen. Pelo menos por um gesto de respeito à mestiçagem, poderia ter aberto uma vaga na agenda para uma Camila Pitanga ou para a diva negra Lia de Itamaracá, uma das fêmeas mais perfeitas de Pindorama, conforme conferência recente, in loco, do editor deste periódico - testemunhamos show da diva na Torre de Malakoff, Praça do Arsenal, porto velho da invicta e briosa cidade do Recife.

Cafetões de causas suspeitosas

Como se não bastasse a ausência de democracia racial, como xingaria um Gilberto Freyre antiuspiiano, o Príncipe da Dependência, um grande femeeiro juramentado, foi alvo dos cafetões da indústria do lobby, sempre capazes de ofertar mimos, vulvas e cafunés por suas causas suspeitosas. Vera foi a na condição de objeto da causa do dr.Roberto e o seu núcleo das 8; Bündchen (pronuncia-se com biquinho, enquanto coça-se o saco, como nas suas plagas pampas) levou o pleito dos barões dos teares fashion. Não se fazem mais machos de verdade da indústria têxtil, como Delmiro Gouveia e outros destemidos e pioneiros.

Ainda no mundo têxtil

O Carapuceiro, um órgão só comoção, indaga: onde andam as belas herdeiras de F. Pessoa de Queiroz, que, em Paris, satélite ultramar de Pernambuco, levam qualquer Marat ao precipício? Cartas sobre G. e S. para a porta restante deste periódico sempre moral e, só per accidens, político.

Guerra dos mundos

A velha lenda do dilúvio do Cariri volta a assombrar os habitantes do Crato, Juazeiro e Barbalha. O temor, tão bíblico como a praga dos gafanhotos para os devotos da região, é que a Pedra da Batateira desabe Serra do Araripe abaixo. Feito isto, o vale viraria mar, como firmam as profecias dos penitentes do lugar.

Registro do ludopédico

Fundado em Lisboa, obra de periodistas da cidade negra, agremiação futebolística batizada Íbis. Homenagem justa ao pássaro preto do Recife, tido e havido como o pior clube do gênero no mundo.

De tudo se sabe

Ainda inconsolável, por ausência entre os verbetes do clássico “Sociedade Pernambucana”, do grão-mestre João Alberto, colunista do diário mais antigo em circulação na América Latina, a doida-barrida Caranguejo procura consolo no Armazém 14, d’onde encontra o denego do Homero local - o conde Roger de Renor - e suas sereias azuis e manhosas.

Eis a verdade ponto com: nada como

dezembro-2000

Criado em 1832, quando fez fama e inimigos na política francesa no Nordeste, O Carapuceiro ressurgiu em 1998, o seu segundo milênio. Para celebrar, seção especial sobre
Por Antônio das Mortes

“Les optimistes écrivent mal”

(Os otimistas escrevem mal), Paul Valéry em “Pens

Homem do século

A Rede Globo Nordeste promove a eleição para saber o século. Os candidatos: Gilberto Freyre - favorecido pela efeméride do seu centenário -, Luiz Gonzaga, Francisco Austragésilo de Athayde, Barbosa Lima Sobrinho, João Caranguejo), Manuel Bandeira e João Cabral de Mello Neto

Cliente morto não reclama

Sabemos que esse tipo de gincana não costuma agradar os mortos (partiu para uma melhor), mas registramos apenas a ausência

O abolicionista e o abolidor (I)

Pela primeira vez o batismo Caetano Veloso é grafado nos nossos alfarrábios - e esperamos que seja a primeira e solitária vez. É que o divino passou da conta e enxovalhou o nome do anglo-pernambucano Joaquim Nabuco na sua nova bolacha. Durou meio século para achar o ilustre escriba; quando achou...

(II)

Vanguardista do atraso, o homem-da-cobra (para os mais jovens a expressão designa aquela criatura que fala muito, qual o propagandista de remédio do meio da rua) só não fez o velho Nabuco revirar no túmulo simplesmente por uma coisinha de nada: Nabuco não daria ouvidos para tal bardo.

(III)

O bom combate do bom burguês Nabuco, homem-panfleto contra a escravidão, nada tem a ver com a festiva alma da onça Caetana, que, nos seus delírios de febres tropicais, sempre viu algo lindo e lúdico na negritude aprisionada, na favela e outros arraiais urbanos. Como disse Luis Antonio Giron, tomara que o danado não resolva descobrir agora Gilberto Freyre. Aí, já viu, coitada da Tropicologia, a ciência, vai virar massa de vatapá - com o nosso perdão às boas quituteiras da Bahia de Todos os Santos.

Mastro que não sossega 22-janeiro-2001

De como a cidade maurícia não dá tregua ao pra-te-vai barroco do ceramista-mor. Ou o incômodo de um pau gigante.

Criado em 1832, quando fez fama e inimigos na política e entre os macaqueadores da moda francesa no Nordeste, O Carapuceiro ressurgiu em 1998, em versão digital. Raro exemplo, alcança o seu segundo milênio. Para celebrar, seção especial sobre o tema.

Ataque aos caralhinhos barrocos 19-fevereiro-2001

Pois não é que os deuses castigaram de novo o pra-te-vai gigante de Brennand e os seus arredores?

Por Antônio das Mortes

Pra-te-vai barroco I

De novo. Não é possível. Pois não é que mexeram mais uma vez nos caralhinhos barrocos da linha auxiliar do pra-te-vai gigante do artista Brennand. Pois é, aquele conjunto de esculturas do Marco Zero - com a qual o Recife, cidade aberta, lambe o mar de todas as nações atlânticas -, foi vítima de depredação e gatunagem.

Pra-te-vai barroco II

É, praga de dona Jane Magalhães é pior que praga de mãe, rastro de corno, nódoa de caju, caganeira de chicotinho, nó nas tripas e. Um dia, reza a lenda da margem direita do Capibaribe, queixosa da falta de atenção do consorte, jurou que ele nunca mais ganharia para prefeito do Recife. Só João Paulo, ninguém mais, acreditava na lenda. Se deu bem.

Pra-te-vai barroco III

Tudo bem, tudo bem. Para não nos acusarem de periódico que não preza pelo didatismo, explicamos. Pra-te-vai é substantivo que designa as partes pudendas do macho, segundo o clássico Dicionário do Palavrão (editora Record), obra-prima pautada por Gilberto Freyre e escrita por Mário Souto Maior, o novo Câmara Cascudo - já que amamos tanto as comparações de todos os gêneros.

O estado da coisa

Notável o esforço da Folha de S.Paulo em negar que apoiou de fato – os jornais só apóiam de fato - a ditadura militar. Vide caderno 80 anos da FSP, domingueira 18 de fevereiro do corrente. Se foi por gosto, que mal terá feito?

Mestiçagem I

Sentença recuperada entre as traças de estimação de Pereira, guarda-livro, amanuense deste periódico: “Seria uma reaproximação honrosa entre o estadista insigne e perfeito brasileiro, que é o presidente Geisel, e aquela considerável parte da população brasileira que se definiu de modo tão veemente, como em São Paulo e no rio Grande do sul, por candidatos oposicionistas. Arremedo de parlamentarismo? De modo algum”. O autor? Gilberto Freyre. O contexto? Defendia, depois da eleição de 1974, a participação de representantes do MDB no governo dito da abertura.

Mestiçagem II

Para o bem ou para o mal, o mui amigo Geisel não atendeu ao conselho soprado pelo inventor do conhaque de pitanga. A fonte: revista Realidade, janeiro de 1975.

A propósito I

Por que todo dito gênio nacional, vide a loa de Glauber Rocha pelo próprio Geisel e por Sarney, adora posar de reacionário. Como bons cristãos, sabemos a fonte da

culpa: o amor de Enza Pound pelo fascismo, que sempre explicou o perdão universal aos gênios, aos subgênios ou aos que levam apenas jeito para a coisa e acham que isso já é estilo.

A propósito II

Como adoramos os gênios humanistas, deixamos a nossa claque a gastar as digitais em aplausos que não cessam para o velho Graça, maior escritor brasileiro de todos os quadrantes.

Agora falando sério...

Excedam-se neste carnaval. A lição vem de longe, do velho John Donne, se os neurônios resistem à citação correta: "Só o caminho do excesso conduz ao palácio da sabedoria". Pereira, nosso amanuense, teima que o verso é de W. Blake. Não é.

Nordeste-gabiru e a rataiada inútil 19-abril-2001

O oco, o buraco entre o Nordeste-Gabiru e o já lascado Sudeste revela a inutilidade do poder regional.

Por Antônio das Mortes

“Andei procurando um besta/ Um besta que fosse capaz/ De tanto procurar um besta/ Eu achei esse rapaz/ Que nem serve pra ser besta/ Porque é besta demais.” (Do Cego Aderaldo, em desafio com Rogaciano Leite)

Pra que serve Marco Maciel?

Com a divulgação de recente e alentado estudo do IBGE sobre mais uma década perdida, somos obrigados, por dever de ofício, a velha indagação fixa que balança no trapézio do nosso cocuruto: pra que diabo serve Marco Maciel?

Pra que serve...

As tábuas estatísticas expõem as tripas da nossa miséria, que roncam qual motor velho de puxar água em cacimba funda. A desigualdade entre o Nordeste e o Sudeste continua a mesma, ou seja, o homem-gabiru não sai do canto. E não é que o tal sul-maravilha tenha se mexido na era perdida do tucanato, mas concentra mais renda e os paulistas e cariocas continuam ganhando três vezes mais do que os nordestinos.

Pra que servem...

...Marco Maciel, papa-hóstia, situacionista desde Tutacamom. Tasso Jereissati, neo-coroné dos zói azul, engarrafador oficial da Coca-Cola e do suco de caju, aquele que dá isenção aos ricos de fora e tributa os pobres de dentro, aquele que glorifica o xopicenter (é dono, além do Ceará inteiro, do labirinto Iguatemi) e mata de imposto e desgosto o bodegueiro. Antonio Carlos Magalhães, mandatário da capitania do axé e do dendê, senhor dos mares, malagueta dos fiofôs baianos...Pra completar a lista de chamada da inutilidade nordestina: Divaldo Suruagy, Collor de Mello, João Alves, Albano Franco, Garibaldi Alves, Lavoisier Maia, Tarcísio Buriti, Hugo Napoleão, José Sarney... e tantos outros senhores nobres e ilustres com os os quais evitamos o gasto inútil de tinta. Reclamações por ausência na lista devem ser encaminhadas à porta restante deste periódico, sito ao fiteiro de Jesus, rua da Aurora, margem do Capibaribe, altura do número 1.071.

Lorotas de um enviado 24-abril-2001

Das maltraçadas de um visitante americano que não viu beleza alguma no Capibaribe e muito menos em nossa aldeia.

Por Antônio das Mortes

“Que cheiro gostoso é este/ que na minha venta passa/ Enchendo-me a boca d’água?/ Lampião disse: - É cachaça!/ Quer tomar uma golada/ Para esquentar a carcaça?” (Diálogo de Virgulino Ferreira com o demônio, no cordel “A Volta de Lampião ao Inferno” de Manoel D’Almeida Filho, 87 anos, dono de banca de folhetos no Mercado Municipal em Aracaju, Sergipe).

O rapaz do NYT

Bastante simpático nas suas maltraçadas linhas sobre a utopia mangue bit, um rapazinho do New York Times, pasquim que não tem idade sequer para ser filho do Diário de Pernambuco, andava tão abestalhado com a morenice caldo-de-feijão das gazelas da Nova Holanda que cometeu besteira imperdoável.

O rapaz do NYT II

Reparem o que escreveu: "Recife, a capital do estado de Pernambuco, é uma das cidades mais antigas do Brasil, e como cidade da indústria açucareira, já foi uma das mais ricas. A cidade foi construída sobre mangues e rios, e não é particularmente bonita. No verão, um cheiro característico exala dos canais secos. A cidade teve que proteger sua própria cultura desde pelo menos o final dos anos 1960, quando a importância de seu carnaval começou a perder terreno para o bacanal de rua superagitado de Salvador e o espetáculo televisionado do Rio de Janeiro

Ainda o rapazinho Americano

Como ousa dizer que a cidade não é particularmente bonita? Pode ser injusta, maltratada pelos sucessivos alcaides, sombreada ainda pela decadente Casa-Grande etc., mas talvez não encontre similar nem mesmo em Florença, apontada por Camus, no seu Diário de Viagem (Ed. Record) como a Recife da Europa.

Na mesma pisada

Ô, esse menino de nome enrolado!, sei que papel aceita tudo, mas vê se abre o olho da próxima. Devias saber, pelo menos, que NY só existe graças a judeus holandeses que partiram do Recife e criaram Manhantan. (Tivesse o acaso posto o infeliz na frente do professor Anco Márcio Tenório, sairia da cidade com melhor feitio de oração).

Aí fodeu a tabaca de Chola*

Tem mais. O enviado especial ao Abril Pro Rock fala que Recife teve que proteger sua cultura, por conta de Salvador e Rio. Onde tirou isso, meu Severino do RamDeus. Cultura de peso, como a do Recife e Havana, por exemplo, não carecem de protecionismos, a danada embola com as outras e rende mais ainda. Vide o hip hop na Ilha de Fidel; vide o mangue bit pernambucano. Quem clama por proteção são os atravessadores, que vivem, sanguessugas, da alma popular de sertões, morros e veredas outras.

Falar em Abril Pro Rock

A pergunta que não quer calar é das calungas do Textículo de Mary – espécie de Oscar Wilde em três acordes -, banda que incorpora definitivamente o lado mais gay do matriarcado pernambucano. A indagação, depois: Onde deve ser presa uma bicha operada - no Bom Pastor ou no Aníbal? Donde, para os forasteiros, o primeiro é presídio feminino; o outro, sol-quadrado para a bofelândia.

*Chola era uma cachorra popular no Recife dos anos 60 e 70. "Fudeu a tabaca de Chola", em bom dialeto do Capibaribe, significa o mesmo que "agora, pronto, fudeu de vez, não tem jeito, é o fim do mundo etc".

Censor interrompe o coito do Matala 09-maio-2001

Putaria pode, mas apenas com o filtro publicitário e o modelito masturbatório "classe média".
Clipe "Peitinhos", do Matalanamão, manifesto contra o silicone - com direito a sample da voz de Nelson Rodrigues - é tesourado pela tevê dita moderninha.

Por Antônio das Mortes

“Hoje em dia, no Brasil, só há um extremismo: é o dos sujeitos extremamente conservadores”, Millôr Fernandes, n’A Bíblia do Caos.

Censura I

Madonna e os seus golpes de marketing? Pode, pode, pode; a putaria nacional, mas com filtro publicitário, também pode, pode, pode. Agora Matalanamão, banda de punk-rock cujo repertório mostra que até mesmo o acesso ao sexo depende de condicionantes sociais, não. A banda do Alto Zé do Pinho, zona norte do Recife, Pernambuco, teve o seu clipe vetado pela MTV.

Censura II

Ora, passam tanta porcaria. E “Peitinhos”, manifesto contra o silicone e pela justiça com as próprias mãos, fica na gaveta, na tesoura, como nos tempos da dona Solange. O clipe, com direção de Bidu Queiroz, o mesmo autor do inédito “O Mundo é uma Cabeça”, filme-documentário sobre os bastidores do mangue bit, foi limado sob a alegação de que era “baixo”.

Censura III

Baixo é o salário da rapaziada do Alto Zé do Pinho e arredores. Alegaram ainda que a letra de “Peitinhos” não dizia nada com nada. Ora, quem é a MTV para fazer tais leituras estéticas metidas a merda? Até parece que só veiculam decassílabos de lirismo inglês!

Censura IV

Ora, não querem exibir o clipe, por razões e cifrões morais, que sejam claros. Mas sem agamenon de lição de estética.

Censura V

Outra pisada é o pré-julgamento moral. Açam pesado? Que deixe, pelo menos, o que também é um absurdo, a coisa nas mãos do Ministério Público e da Justiça, como ocorreu no proibido clipe do Facção Central, grupo de rap das quebradas da zona sul paulistana.

Censura VI

É um papo de juventude, descontração, revival punk aqui, tributo a Ramones acolá, mas na hora da onça beber água, cai a carapuça.

Censura VII

Veja agora o clipe proibido no manguetronic

“<http://www.manguetronic.com.br/>”>www.manguetronic.com.br - sítio da rede mangueNet, a mesma corporação livre que comanda este periódico.

Da humildade do jegue e do cinismo do homem - 28-maio-2001

Finalmente o The New York Times deu algo que presta: reportagem sobre a vida dos jegues brasileiros. Como não somos preconceituosos, tratamos também, na nossa seção de real-politik, sobre os sabidos que nos governam.

Por Antônio das Mortes

“Atrás de um intelectual, eu não passo de um jumento”, do “Livro dos Pensamentos em Rede”, de Epaminondas da Silva, o Esopo da Caatinga”.

Jumento no NYT (I)

The New York Times (<http://www.newyorktimes.com>), espécie de Diário de Pernambuco de Mahanthan, finalmente fez uma boa reportagem sobre o Brasil. Tratou, na edição do dia 26 de maio, do estado de penúria que vive o jegue brasileiro, substituído pela agricultura mecanizada e desprezado nos grotões. A situação é tão miserável que algumas prefeituras criaram um novo cargo nos seus quadros de barnabés – o tangedor de jericos. Um cabra pago para evitar que os desgraçados freqüentem as feiras semanais ou simplesmente passem nas zonas urbanas.

Jumento no NYT (II)

Só tem uma frase da reportagem que é um tanto complicada, digamos assim, pra gente que conhece a fama e modo avantajado de ser destes generosos e fraternos quadrúpedes. “Pense no humilde jumento”, clama o autor do texto, um tal de Larry Rohter. “Humilde?”, comentou Pereira, nosso guarda-livros, almocreve, rábula e ombudsman da vida alheia. “Se o jegue é humilde eu não passo de um eunuco de meia-tigela!”

Síndrome do “dotô” (I)

FH, o Príncipe da Moeda, como saliva o “xará de Apipucos”, o sociólogo de mancheia Gilberto Felisberto Vasconcellos, pode deixar pelo menos uma boa obra: servir, com o seu desastre – faz um governo mais feio que briga de foice no escuro – para enterrar a síndrome do “dotô”, esse fanatismo e devoção que o povo tem pelos doutores aqui sob o sol dos Tristes Trópicos.

Síndrome do “dotô” (II)

Antes um alfabetizado pelo indecente Mobral (“você também é responsável, ensine a ler e a escrever”, bradava o coro dos contestes puxado pela dupla Dom & Ravel, o Chitãozinho & Xororó da Ditadura) do que um uspiano que hoje representa, como avisou o sábio megafone do filósofo Paulo Arantes, “a bancarrota do modo paulista de pensar”.

Síndrome do “dotô” (III)

Um alfabetizado pelo Mobral pelo menos tem a capacidade de trocar lâmpadas.

Etiqueta zoológica e virgindade 20-junho-2001

Matar bicho pode; comer não. A sururu está formado nos periódicos da Corte, que discutem, em alentadas reportagens, o tabu do sexo com animais. Afinal, o querem as ovelhinhas?

Por Antônio das Mortes

“A minha antiga tarefa de talhar carapuças e não só estas, senão bonés, toucas, chapéus, gorros, barretas e até mitras e coroas” - Padre Lopes Gama, O Carapuceiro, Recife, 1847.

Não se e fala n’outra coisa na Corte

O New York Times, espécie de Diário de Pernambuco de Manhathan, publicou, em 10 do corrente: “Tempestade em torno do último tabu: sexo com animais”. Mas o filé mesmo ficou com a revista The New Republic. Repare o que os filhos-d’uma-égua batucaram sobre o assunto: “Se os animais merecem a proteção do que chamamos hoje de direitos humanos, o sexo com eles, sem consentimento, não seria estupro?”

Quem começou o cu-de-boi todo foi o biólogo holandês Midas Dekkers, que não vê nada de anormal na prática do barranquismo. Pereira, guarda-livros, amanuense, e fazendeiro do ar deste periódico, indaga: “Ora, matar pode, mas comer não?” A propósito O Carapuceiro indica um sítio do ramo, o co-irmão O Barranqueador, <http://www.barranqueador.com>.

Que mania, essa das pregoeiras da virgindade.

Tem donzela que anda até com o laudo do IML carimbado na bolsa. “Hímeme anular íntegro”, assim rezam os atestados dessa natureza. Como disse Sandy, 0,5 neurônio, na Istoé Gente, “brincar com virgindade é sacanagem”. Pereira, bilaquiano-mor, aproveita a ocasião para recitar, comovido como o diabo: “Quando uma virgem morre/ uma estrela surge nos céus”.

O Carapuceiro, sempre preocupado com a saúde da família, faz uma alerta aos pais: “A virgindade só é curável se detectada cedo”, como dizia o velho Nenny Youngman.

Tendências crônicas 01-jul-2001, 02:27

Basta de copiar os Gallianos da vida. Chique no último, O Carapuceiro relaciona as mais importantes e arrochadas tendências nacionais-populares do momento. É moda! Tudo para você ficar mais alinhado do que meio-fio de calçamento.

Por Xico Sá*

“(...) que sendo-lhe presente o demasiado luxo de usado no vestuário as escravas de todo o Estado do Brasil em nenhuma das capitâneas dele possam usar de vestido algum de seda, nem se sirvam das cambraias ou hollandas, com rendas ou sem elas, para nenhum uso, nem também de guarnição de ouro ou prata nos vestidos”. (Carta régia da Corte Portuguesa, em de fevereiro de 1696)

Chique no último

Aproveitamos o calendário do Brasil Victim Fashion, evento dos quintais bandeirantes, para listar, uma vez que nas passarelas não passamos de encurtadores e encumpridores de biquínis – vocação única de Pindorama – a verdadeira moda nacional-popular válida para as nossas quatro estações, que são duas, inverno e verão.

Calango-styling – Tendência que vem do sertão de Tauá (CE), obra da nossa próspera indústria da seca. É o must pós-bicudo (a praga que destruiu, com a ajuda da elite cearense pró-Vicunha) os nossos apanhadores de campos de algodão. Modelos vestem o próprio couro e o osso, com destaque para o caimento sado-masoch e os órgãos sexuais avantajados, off course, o que empresta aos machos, ao contrário dos Quereles do SP Fashion Week, feição de João Teimoso – questão de física: os membros dos mancebos pesam mais do que os próprios esqueletos. Entendido?

Funai-world – Um babado assim meio Benneton-engajé, meio Comme des Garçons. Como diz a minha amiga colunista social do Acre, “chique perde!”

Urucum-ethnic – como soem desvestir-se os bárbaros da floresta quando a Funai não fornece o calção. Uma gracinha aquele bando de peito e pinto balançando cheio de listras coloridinhas...

Cetrem-básico – Minimalismo neles! Sorry, periferia! Aqui o efeito cinza-fim-de-linha, com calças secas ou megaoversized, tanto faz como tanto fez. O que importa é que os cobertores Parayba seguram o tranco e o sopão do voluntariado completa o tino street-wear do abrigo pós-Minhocão. Em tempo, se der, pois somos didáticos e paulofreyrianos: Cetrem é o centro da prefeitura paulistana que acolhe moradores de rua durante o inverno.

Demo-body – Nesse império do efêmero, esta é a tendência com maior fôlego. Já vem com garantia de quatro anos, de uma eleição a outra.. Look básico para Kenzo nenhum botar olho grande: calça jeans clarinha e camiseta de candidato. Unissex por natureza. A com os cinco dedos da campanha de Efe-Agá é o hit da estação. Demo de democracia, vade retro. Chique no último.

Bege is beautiful – também conhecido como Carandiru-Styling, usado comumente durante o banho de sol em outras plagas, como o Aníbal Bruno (Recife), Paulo Sarasate (Fortaleza), Papuda (Brasília), Bangu I (São Sebastião do Rio de Janeiro), entre outras recordações de casas dos mortos.

Febem-look-sexy – O booker da agência Victor Hugo, chegada num look miséria-três-chiq, recomenda os moletons dos reeducandos da Fundação para o Bem-Estar do Menor, como o fino da estação de rebeliões e fugas. Na parte de cima, membros superiores, diga-se, uma camiseta alvinegra do time do Parque São Jorge. Tudo, bi!!!

Body-bode – Desde que o bravo Delmiro Gouveia saiu do Recife para vender a primeira pele de bode (um pai-de-chiqueiro de gala grossa!) em Nova York, nos finalmente do séc. XIX, que esta República Federativa dos Victmis Fashion não via tamanha repercussão no estrangeiro. Vocês pensam que babado é bico. Pois babado não é bico não. Nesse look, algo cyber-folk, gibões unissex de couro de bode recebem adornos de barbas de bode, com detalhes feito a partir de rabo de bode. Colares de pílulas de bode acompanham o desfile. Que veio para ficar, every body.

*Com a colaboração de Lylia Galetti

Até a virtude prevarica 08-julho-2001

No Brasil, ninguém, nem o mais sonso dos cardeais da Santa Madre Igreja, resiste a cinco minutos de grampo telefônico: ou cai por corrupção ou cai por putaria, a safadeza propriamente dita.

Por Antônio das Mortes

“A imprensa, como a mulher, é admirável e sublime quando conta uma mentira. Não o deixa em paz até tê-lo forçado a acreditar nela, e emprega as melhores qualidades nesta luta na qual o público, tão tolo quanto um marido, sucumbe sempre”.(Honoré de Balzac, *1799 +1850, Paris)

Pindorama, jardim dos contrastes

Nestas plagas, como observaram os cronistas e turistas de tantas macumbas acidentais, traficante é viciado, puta goza, cafetão se apaixona, corno é manso, o dólar oficial é mais alto do que o paralelo, rico faz regime, pobre adora uma comilança, ladrão de galinha ri à toa e Lalau, que é Lalau, está deprimido. Não há sermão de Padre Vieira ou dialética da malandragem que explique a nossa vocação pelo paradoxo.

Clube da Supressão da Virtude

No Brasil, ninguém, nem o mais sonso dos cardeais da Santa Madre Igreja, resiste a cinco minutos de grampo telefônico: ou cai por corrupção ou cai por putaria, a safadeza propriamente dita. Aqui, como berrou a cabra vadia, até a virtude prevarica.

Know-how de capoeira

Uma “bomba de fedor” está sendo desenvolvida pelo Pentágono, informa nota da UPI. O objetivo da danada, segundo os telegramas internacionais, é conter multidões violentas em tempos de protestos antiglobalização. Pesquisas americanas concluíram que o cérebro humano liga o mau cheiro ao medo. Pereira, guarda-livros e amanuense deste periódico, comenta o caso: “Tanto gasto com tecnologia de ponta, mas nada ainda supera a nossa combustão de Terceiro Mundo, nosso gás sorin à base de ovo de galinha de capoeira, batata doce, repolho e uma sopinha de feijão para dilatar”.

Diálogo das antigas

Um rápido túnel do tempo, ainda sobre a causa anterior. Diógenes, o filósofo que patenteou o cinismo, certo dia, em diálogo com o desaparecido Platão, passou a responder o nobre interlocutor - em quem enxergava um homérico mala sem alça - com pomposas flatulências. Platão questionava e Diógenes sapecava sonoros mísseis de sabedoria.

Brennand, o homem, o mito, o tarado

Pois não é que a revista pernambucana Continente resolveu estampar um pernambucano de Pernambuco na capa. Lá está o maior tarado do Brasil, o artista Francisco Brennand, cuja obra monumental está dividida entre o santuário da Várzea, o caralho barroco do velho porto do Recife e as firulas dos banheiros das madames de Parnamirim, Casa Forte e Alhures.



Tecnologia de ponta 01-ago-2001, 11:32

Herdeiros da arte de falar difícil do cabeçudo Rui Barbosa, os tucanos tentam engambelar os beradeiros com suas mugangas retóricas.

sempre com um bafo de marxismo envelhecido em barris de carvalho, acabou limada, sem maiores explicações, da edição do dia 20 de julho do Diário Popular, centenário matutino paulista fundado pelo digníssimo J. Maria Lisboa e recentemente incorporado ao patrimônio do dr. Roberto, nosso velho companheiro de linotipia.

Sermões degenerados 21-ago-2001, 03:49

Conheça a pedagogia oficial e aprenda a conviver com a seca, com a merda, com a chacina sob a lua na sarjeta, com tudo que não presta.

Por A. Jaccourd

“Os ladrões de galinha sempre olham os arrombadores com um certo respeito. Se os ladrões simples são os bacharéis dessa faculdade, e os escroques os licenciados, estes serão ou doutores, ou eméritos professores”. (Honoré de Balzac, in “Código dos Homens Honestos” ou “A arte de não se deixar enganar pelos larápios”).

Pedagogia do caralho I

Os sertanejos precisam aprender a conviver com o semi-árido, reza o sermão fernandohenriquista, repassado pelo regente da seca Raul Jungmann.

Pedagogia do caralho II

A periferia paulistana precisa aprender a conviver com o sopão do voluntariado cristão cheio de culpa a dar.

Pedagogia do caralho III

Os pobres, esses glutões incorrigíveis, carecem aprender a conviver com menos de 1.600 calorias/dia, quase uma sopinha da vagabunda milionária Adriane Galisteu.

Pedagogia do caralho IV

Os cearenses precisam ser honestos com os tributos, tão-somente para honrar a política de arrocho do neo-coroné Jereissati, que encheu as suas garrafas de Coca-cola e molhou seus cajueiros com o precioso líquido dos subsídios ou isenções.

Pedagogia do caralho V

O ônus da prova está invertido: os brasileiros agora é que têm de provar que Ciro Gomes não é o neo-Collor. Mas a suposta primeira-dama, apresso-me, é muito melhor: antes o lirismo noveloso de Patrícia Pillar aos pinotes de Cláudia Raia nos jardins babilônicos da Casa da Dinda.

Pedagogia do caralho VI

Querido Santo Agostinho, uma respeitosa indagação neoliberal: para que serve Marco Maciel?

Pedagogia do caralho VII

Que governador seria mais casto que José Ignácio, do Espírito Santo, à beira do precipício do impiximen? O Católico Alkmin, dos pedágios e do super Rodoanel?, o Jarbas Galvão?, o little-chopp da Guanabara?, o Jereissatti que emprestou dinheiro fácil do BEC tanto quanto a bufunfa que alimentaram as rãs de Barbalho? Num escapa quase nenhum.

Oligarquia S/A 02-nov-2001, 03:24

Roseana Sarney pelo menos terá uma explicação à altura sobre a tragédia que é o governo do Maranhão: quem manda no Estado de fato é o primeiro-cavalheiro, Jorge Murad, seu digníssimo.

Por Antonio das Mortes

“Como eles (os jangadeiros e pescadores) são felizes, parecem que levam a vida num spa.”

(de Gisele Bündchen, em recente estadia no Cabo de Santo Agostinho, litoral pernambucano)

Consenso de Bacabal

Roseana Sarney pelo menos terá uma explicação à altura sobre a tragédia que é o governo do Maranhão: quem manda no Estado de fato é o primeiro-cavalheiro, Jorge Murad, seu digníssimo. Não que a madame, marimbonda-rainha no enxame dos sir Ney, não tivesse condições, mulher moderna que é, de também levar a Jamaica brasileira a se tornar uma grande Guiné-Bissau.

Sem fins lucrativos

O primeiro-cavalheiro do Maranhão teria uma aliança comercial com os Jereissati em pelo menos um xópin-center da praça. Donde conclui-se: oligarquia no Brasil não faz aliança política, abre caixas registradoras.

Consenso de Bacabal II

O clã Sarney não é apenas dono do mar, como lembra o título do romance do beletrista maranhense. Domina também TV, rádio, jornal, posto de gasolina, empreiteira... Até o Marafolia, a micareta ludovicense, é brincadeira da família.

Consenso de Quixeramobim

Se você toma uma coca-cola no Ceará, tilinta a caixa registradora dos Jereissati; se prefere um natural suco de caju, triiimm, a pataca vai para os Jereissati; se liga a TV Globo (Verdes Mares), o Ibope soma pontos para os Jereissati; se faz matrícula na maior universidade particular, a bufunfa cai no colo da mulher do Jereissati; se frita um ovo, o dinheiro do gás butano enche as burras do mesmo clã; se vai ao Iguatemi...

Piorcerão

Nem o Piauí, do outsider Mão Santa, tem uma oligarquia tão decente. Nos indicadores sociais, todavia, a tríplice coroa líder muitos números do miserol dos tristes trópicos. Faz jus à velha galhofa: os governos do Piauí, Ceará e Maranhão resolveram juntar os Estados. Como será o nome da nova república? Piorcerão, ora pois.

Doce nostalgia

Diante de tanta sede oligárquica, Pernambuco é hoje um menino de engenho que não honra mais seu passado de Casa-Grande.

Triste Bahia

A Bahia, bem, cuida de levar o carnaval fora de época para as províncias citadas anteriormente.

Folk-lore e real-politik 18-dez-2001, 01:52

Folclore é a arte de paulistano dançar com culpa? Michel Foucault dirige o caminhão; Nietzsche assina o pára-choque; Jesus Cristo está na contra-mão

Por Dioclecio Virgilio (interino)

“Onde tem merda, eu não fico!” (do conto homônimo do cearense Pedro Rodrigues Salgueiro, autor de “O peso do morto”)

Vingança de Desvalidos

Já que tudo é discurso e invenção, o escritor pernambucano Gilvan Lemos desinventa a idéia de Nordeste folk-lórico no romance cujo título serve de chapéu para esta nota.

Vingança dos Desvalidos II

“A mim, particularmente, causam pena, me deprimem. Não me entusiasma ver um povo tão miserável a macaquear para um grupo de esnobes, hipócritas, fingindo extasiar-se com essas figurações, apenas porque estão na moda”. De Jorge Marques, personagem do referido Lemos.

Vingança de Desvalidos III

O padre Lopes Gama, que escrevia a versão original deste Carapuceiro, no Pernambuco de 1830 e poucos, já dizia, sobre o bumba-meu-boi, “De quantos recreios, folganças e desenfados populares, eu não conheço um tão tolo, tão estúpido e destituído de graça como o bem conhecido bumba-meu-boi”.

Vingança de Desvalidos IV

Folclore é a arte de paulistano dançar ciranda com culpa?

Vingança de Desvalidos V

Mário de Andrade, turista abestalhado, queria o futurismo em SP e temia pelo futuro do coco de embolada em Mossoró (RN).

Vingança de Desvalidos VI

Michel Foucault dirige o caminhão; Nietzsche assina o pára-choque; Jesus Cristo está na contra-mão.

Ora pombas! 27-jan-2002, 02:15

"Chegará um tempo em que uns não dormirão por estar com fome; outros por temer os que estão com fome". Visite o nosso departamento de carapuças

Por Antônio das Mortes

"Chegará um tempo em que uns não dormirão por estar com fome; outros por temer os que estão com fome".

Sete palmos de terra e muitos caixões 07-mar-2002, 03:49

O furor legisferante e a esquizofrenia pequeno-burguesa em torno da barbárie dos Tristes Trópicos tem, essencialmente, fundo freudiano: as classes alta e média-metida-a-besta descobriram uma coisa que o pobre sabia havia séculos. Falo do popular “quem tem

Por Antonio das Mortes

“Se Deus está morto, tudo é permitido” (Fiodor Dostoievski)

Quem tem cu

O furor legisferante e a esquizofrenia pequeno-burguesa em torno da barbárie dos Tristes Trópicos tem, essencialmente, fundo freudiano: as classes alta e média-metida-a-besta descobriram uma coisa que o pobre sabia havia séculos. Falo do popular “quem tem cu tem medo”.

Tem medo

O que ocorre nada mais é do que a descoberta do cu, 502 anos depois, por parte dessas gentes que sempre viveram na maciota. Ora, até por razões meteorológicas, o morro desce. Seja com carimbo de PCC, superfaturado pelas casas impressoras, CV, ADC, ou que diabo for.

Tempo de marqueteiros

A onda agora é fuzilar pobres, feios, sujos e malvados. Como aconselhariam os Nizan Guanaes da vida aos governantes que tremem de medo do belzebu Paulo Maluf, este sim, dono da patente beligerante então usada por alquimistas e genóios – tratamos da defesa da Rota, mais assassina que todos os mosquitos tropicais juntos.

Bis, bis

E a patuléia aplaude. Tempos de assassinos, como sopraria do fundo da sepultura, mas do alto da sabedoria, o velho Arthur Rimbaud. A patuléia aplaude até chegar no DNA. E chega rápido. Primeiro é o filho do vizinho da esquina, depois é o tio do lado, depois... a chacina bate à porta.

Direitos, direitos, humanos à parte

Aqui jaz e só resta choro de mãe. O resto é barbárie.

Armarinho de carapuças eleitorais 07-ago-2002, 02:31

O homem que fez um rio, mas não sabe andar sobre as águas; o mago que não serve; o vampiro sistêmico do sangue brasileiro; o marqueteiro Maurício de Nassau; a virgindade da buchada...

Por Antonio das Mortes

“Fertilíssima deve ser a terra que dá duas novidades no ano” (Alviano para Brandônio, in “Diálogo das Grandezas do Brasil”, Ambrósio Fernandes Brandão, 1630).

Milagre eleitoral

Ele só falta andar sobre as águas, poi

Factóide de pobre é Rôla 05-set-2002, 00:04

Nosso armarinho de carapuças tem para todos os gostos e fingimentos. Nessa edição, a xilogravura de seu Waldemar, a inutilidade de Marco Maciel, o ser, o nada, e um filezinho por 100 patacas

Por Antônio das Mortes

"A luz do sertão é dura, com sombras fortes e não suave. Isso que estão fazendo não convence." (De Waldemar Lima, fotógrafo de "Deus e o Diabo na Terra do Sol -é o fraco!!!-, em entrevista a Camilo Soares, na revista Continente Multicultural, do Recife, abrindo fogo na direção dos higiênicos meninos da dita "cosmética da fome").

Comissão de frente

Na boa e sensata "Carta Capital" de um dia desses, Carlos Leonan e Ana Maria Badaró, que escrevem telegramas da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, me saem com uma pilhéria de fazer corar o maestro do Febeapá: Maria Paula é a nova Leila Diniz. D'onde Maria Paula, cuja carreira está nas mãos de Marlene Mattos, vem a ser a dona do mais confortável air-bag da TV do dr. Roberto. Fala sério, Ponte Preta!

Da importância de ser honesto

Finalmente um cínico à Diógenes, o da lanterna na braguilha: Rôla, candidato a deputado estadual em Sergipe. Slogan, aforismo, axioma: "Rôla neles!". Tem mais o "Rôla tem cabeça". E por aí segue em busca do sufrágio universal. Brasília também tem um Rola, mas sem acento. Ora, lá num tem graça. No planalto central, Rola nunca foi tão-somente sobrenome ou promessa eleitoral. Rola é fato, levar rola é factóide para animar existência de pobre.

Pra que serve Marco Maciel?

Me diga uma razão para votar no homem que direi quem tu és, seu xeleléu!!

Rito de passagem

Moral do fim da história de FHC: É dever d'O Príncipe bancar o elegante na transição, mesmo que a mercadoria a ser entregue não passe da mais decantada merda. Revoguem os coliformes na corrente contrária.

Sartre & o encanador

Bem previu a dona Ruth Escobar, aquela fingida que mamou nas tetas culturais do quercismo e do tucanismo, ao trombetear que o a eleição de 94 era um beco-sem-saída entre Jean-Paul Sartre (FHC) e o encanador (Luiz Inácio Duda Mendonça da Silva). A gestão do rapaz foi mesmo uma coisa assim meio "o ser e o nada"!

Filezinho

"18 anos, 1.65. morena clara. filé. R\$ 100. Hotel/motel. 919.2700". É o classificado do mês. Garimpado pelo editor d'O Carapuceiro em viagem de negócios eleitorais em Campo Grande. Fonte: Correio do Estado.

Estética da comilança nacional 23-setembro-2002

Os milionários só filmam a vida dos pobres, os pobres comem demais nas ruas, o poeta baiano plagia Montaigne, Montaigne sacaneia os canibais...

Por Antônio das Mortes

“Todo velho é profeta. Em Paris e Taperoá, Roma e Cabrobó, Lisboa e Parelhas, ouviremos a entonação agoureira, cansada e lenta na vida longa”. (Luís da Câmara Cascudo, 1898-1986, in “Superstições do Brasil”).

Síndrome de Victor Hugo

É chegada a hora dos diretores milionários do cinema brasileiro esquecerem um pouco os miseráveis e molambudos em geral. Não se filma outra coisa por estas plagas. Que mostrem a saga violenta da comilança burguesa da Mãe Gentil.

Roteiros, roteiros, roteiros

Deixamos, por enquanto, duas sugestões de dramalhões aos senhores: Distanciamento Odebrectiano, sobre fraudes em licitações públicas; Banqueiros em Transe, acerca do escândalo do Proer e quejandos.

Nome em vão

O centro de estudos do PFL (imaginem o que devem aprender por lá) chama-se, pasmem!, Frei Caneca. O último dos shoppings centers de SP, também tem o mesmo batismo. Coitado do grande mártir da Confederação do Equador.

Que idade teria hoje “A Mulher de Trinta Anos”, do sr. Honoré de Balzac?

Pergunta enviada a este Carapuceiro por Etelvina Sampaio, de Belém do Pará.

Angústia da influência I

“Sou réu-confesso, sou um mosaico de citações”. De Waly Salomão, diante de um flagrante dado pelo pesquisador paraibano José Alexandrino de Souza Filho, no plágio de “Canção da Serpente”, de Montaigne, musicado por Caetano Veloso in “Noites do Norte”.

Angústia da influência II

Alexandrino pesquisa, na França, a relação entre Montaigne, pai do mito do “bom selvagem” entre os franceses, e os índios canibais do Brasil.

Campanha da dedada

Que merenda escolar que nada! O que as nossas escolas carecem é da volta da saudável prática da dedada, brincadeira lúdico-armorial que animava todos os recreios.

Só é gordo quem pode

Falar em merenda, lembro-me de velha crônica do Papa-Figo, hebdomadário pernambucano do século passado, que dava conta de como pobre come nas ruas. É rolete de cana, é pipoca doce, é biscoito, é milho cozido, é batata frita, é abacaxi, é comeu-morreu na Pracinha do Diário... Rico não, é só na fibra e na dieta.

Morra a banca 07-nov-2002, 01:38

A Terra em Transe e a evocação permanente do velho Bertolt Brecht. Pelo menos fica aqui uma vaia das grandes aos banqueiros dessa e d'outras plagas.

Por Antonio das Mortes

“O que é roubar um banco diante de fundá-lo”. (Bertolt Brecht, só para lembrar que os homens da lei têm prendido os semelhantes errados).

Folclore I

Os bons burgueses amam os pretos e pobres em geral. Oba!, é nós!

Folclore II

Mas os seus pais, barões da indústria ou banqueiros, ceifam cabeças de pretos e pobres em geral, coitadinhos. Demitiram mais de cem mil nos últimos dos anos. Ohhh! Guilhotinabrás.

Folclore III

E todos juntos ainda pegam dinheiro de isenção (alô Vale do Jequitinhonha!) para dourar seus egos com a mais pura arte, iluminismos do velho Roaunet. E só tem vinho branco safado na vernissage dos caras, carai! A vida tá difícil, Moreiras, Setubals, Amadores...

Folclore IV

E o Consenso de Garanhuns ainda considera essa gente, rapaz! Que fazer?

Folclore V

Em sendo assim, eu salto um viva!!! pra Câmara Cascudo, que visava o obscuro folclore de fato e de direito!

Da felicidade e também da merda 02-dez-2002, 00:18

Não é por nada não, seu Luiz Inácio, mas o populacho das cidades anda muito roliço. Cada botijãozinho. Repare só nas paradas dos ônibus suburbanos, repare só nas festas populares, na Pracinha do Diário(PE), nos morros cariocas, no Largo 13.

Por Antônio das Mortes

“É fazendo muita merda que se aduba a vida”.

(Aforismo português soprado a Beto Azoubel pela sua dileta costela, dona Norma Culta”).

Tem jeito não, dotô

É terra grande e sem futuro. Mas tão desgraçada, tão desgraçada de um modo, que atende por “Felicidade” o livro mais chato do ano. Não revelamos o autor tão-somente para manter antigo preceito deste periódico, que é dos atos falar, não das pessoas.

Tem jeito não, dotô II

E de dá nó nas tripas, congestão, passamento, piloro, esmorecimento, queima, pedra nos rins. Isso se a criatura só bulir com o bicho, não ultrapassar as 20 e poucas folhas.

Tem jeito não dotô, III

Trata de um novo banquete de Platão –mas sem a sacanagem grega, que os caras são mauriçolas!- com um grupo de pernósticos da classe média Lacoste, aquela mesma turma que preza pelos bons vinhos – ah, o bouquet - e ri dos tempos em que era marxista. Muito engraçado.

Fome zero

Não é por nada não, seu Luiz Inácio Lula da Silva, mas o populacho das cidades anda muito roliço. Cada botijãozinho. Repare só nas paradas dos ôniussuburbanos, repare só nas festas populares, na Pracinha do Diário(PE), nos morros cariocas, no Largo 13 (SP), na Praça Castro Alves(BA)...

Geografia da fome

Magro, desnutrido, de titela de fora mesmo, anda a gente dos sertões. Mas o sertanejo, cá entre nós, sempre esteve mais para feições à Quixote do que Sancho Pança.

Me dá um dinheiro aí

Seu Luiz Inácio, comer o povo come – porcaria, mas come! - o que há de grande é necessidade. Mas de dinheiro e livre arbítrio para comprar o que bem entender. Inclusive a danada, que embebeda e faz esquecer que a vida não vale um pequi furado.

Vox populi 06-jan-2003, 23:40

"Mas, doutor, uma esmola/ a um homem que é são/ ou lhe mata de vergonha/ ou vicia o cidadão". Assim bradava Luiz Gonzaga sertões afora. Outras cantadas populistas na seção de real-politik
Por Antônio das Mortes

“Mas, doutor, uma esmola a um homem que é são
Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão”
(assim falou Luiz Gonzaga)

Todo poder (cognitivo) ao povo

O bravo escriba Zuenir Ventura, um dos mais honrados das nossas suspeitas casas impressoras, declarou-se, em coluna recente d'O Globo, de queixo caído ao observar, em rasante periférico pelo Rio de Lima Barreto, como o povo sabia cantar músicas do ministro Gil, Caetano, Adriana Calcanhoto... Assistira a um show dos ditos cujos lá para as bandas do Jardim América -assento territorial da heroína baiana Edna, que cozinha o melhor feijão do Brasil.

Calorias & poder cognitivo

Ora, o povo, tão ignorante, tão sem estudo e sem comida, consegue decifrar esses gênios da MPB!!! Ô povinho maravilhoso! Noves fora algumas das músicas tocarem nas mais chulas das novelas, o mestre Zuenir, em um momento de populismo à moda Charles Dickens, ficou passado com o QI dos miseráveis do Jardim América e alhures.

Decifra-me ou te devoro

"Se liga", querido Zuenir!, cochicha a voz do morro.

Fome zero, diversão 100

Esse negócio de empanurrar o povo de comida pode até ser bom, mas os pernambucanos de Manari (pior lugar para se viver no Brasil, rezam as estatísticas) ou os piauienses de Guaribas (vitrine da fome zero petista) carecem mesmo é de diversão. Festeiros, nietzschianos por excelência, adoram comprar uma roupinha nova para ir ao samba (sinônimo de festa nos grotões).

“Dogma Feijoadá”

Esse negócio de prestar atenção demais na vida privada dos pobres, invadir a privacidade da miséria, como fazem os ricos do cinema e folclóricos em geral, poderia já ter o seu equivalente nos salões da burguesia. Carecemos de um Altman pra revelar onde sobra, não onde falta. O crime está na outra ponta da história.

Poleiros da desgraça 06-mar-2003, 00:40

Evoé, Baco! O carnaval se foi, mas Antônio das Mortes não perdoa na cinza das horas da sua quaresma particular. Ele acha que os tropicalistas estão no alto dos camarotes, mas não estão por cima...

Por Antônio das Mortes

“Por causa de uma gentileza que minha mãe fez ao meu pai é que eu tô aqui penando no mundo”. (Paulo Bodinho, melhor contínuo do Brasil, Recife, Pernambuco , sobre os bons modos de certos mancebos de hoje e as consequências existenciais das maneiras modernas).

Para cima e para o alto

Uma loucura essa história desses poleiros de artistas e célebres anônimos que tomaram conta do tríduo momesco. Os tais dos camarotes das cervejarias e congêneres – dizem que até a Jurubeba Leão do Norte tinha um na Sapucaí outro ao lado do 2222 do ministro Gil, na Triste Bahia o quão dessemelhante.

Sobre a cabeça os camarotes

Para cima e para o alto, como dizia o velho slogan de João Cleofas em Pernambuco, esses poleiros reproduzem o que de mais escroto existe na lama dos tristes trópicos. Na cidade de São Salvador, terreiro dos paulistas ainda empregados e com abadás, a trindade decente do “P” - preto, pobre e puta- fica com a corda no pescoço, tentando furar o esquema para ver o tropicalismo no poder e os tribalistas no seu tchunrururu-tchurunru gostoso...

Fissura anal

O ex-juiz Oscar Roberto de Godoy apresentando o “Cidade Alerta” da Record. A pregação é algo pré-Idade Média, com um slogan que se denuncia: “Pau, pau, pau”. É a sua ordem contra os “bandidos”. Adonde diabo está a polícia que não vê uma coisa dessas?!

Delegacias trocadas

Os narcotraficantes cariocas não são caso de polícia. São caso de Procon. Vendem um pó ruim miserável, reclama a camada média da cidade de São Sebastião. Como se dizia em tempos outros, mercadoria pior do que farinha de Araripina.

O lambe-nomes 06-jun-2003, 21:06

Crônica moral e edificante sobre um vício mil vezes pior que a heroína.

Por Renato L

O ilustre editor deste periódico, injustamente atacado na última edição por uma acadêmica do sul maravilha, implora-me uma colaboração para a seção Carapuça. Embrenhado pelos interiores do Brasil, falta-lhe tempo para apontar o dedo certo e a língua ferina a um personagem ou fato merecedor do repúdio público. Tal prazer ele generosamente me reserva e, agora, trato de saboreá-lo sem pressa, curtindo vagarosamente cada momento à frente do teclado.

Vou aproveitar o espaço para tratar de um espécime dos mais repugnantes que qualquer humano pode encontrar na vida. Estou falando do baba-ovo, do puxa-saco, do xeleléu, ou qualquer outro nome que se queira dar. Aquele cidadão ou cidadã com o repulsivo hábito de querer sempre agradar a alguém da forma mais abjeta. Um vício pior que o da heroína, capaz de moldar o corpo e a alma de quem o exercita.

O xeleléu, ser repulsivo, pode ser detectado à distância. Suas características principais são a acentuada flexibilidade da coluna, pronta para desprender com rapidez espantosa dezenas de salamaleques diários, e a salivagem intensa e volumosa, que o permite inundar de compreensão, elogios, sugestões, sorrisos e ternura o grande nome que cai sob sua língua.

Evidentemente, e não vamos ser puristas a essa altura do campeonato, todos nós, pobres mortais, temos nossos rompantes de puxa-saquismo, às vezes involuntário (produto da educação, dos condicionamentos sócio-econômicos e de outras explicações da Psicologia e da História moderna), às vezes por fraqueza de caráter, safadeza mesmo. Mas o autêntico xeleléu tem com a bajulação uma relação atávica, de caráter quase genético. Ele define-se pela bajulação, vive para ela, o puxa-saquismo é seu universo.

Pacífico e carinhoso com o ser idolatrado, por vezes nada monogâmico na sua paixão, estendida generosamente para muitos, ele, no entanto, transforma-se em fera quando se trata de defender o (s) objeto(s) de adoração. Aí, sai de baixo: o lambe-nomes vira bicho, morde com força, é mais sanguinário que lobisomem em noite de lua cheia. O meu sangue ferve por você, ele avisa, e, então, trata-se de uma questão de correr ou morrer e salve-se quem puder!

Para ajudar o leitor a visualizar o personagem de nossa crônica, vou, com todo o cuidado da ética jornalística, sem citar nomes e endereços, coisa que não faria nem mesmo com um pedófilo (ainda mais eu, incapaz de não me arrepiar com o jeito inadvertidamente sensual de um corpinho de treze anos), trazer um perfeito representante dessa classe, ele também morador da minha querida Recife.

Chargista de profissão, renomado na sua atividade, bom pai de família, ele desenvolveu nos últimos anos uma propensão espantosa para reconhecer os esforços, compreender os equívocos, comemorar os triunfos, confortar as derrotas, enfim, puxar o saco do governador Jarbas Vasconcelos. É incrível: até mesmo o mau-humor, as olheiras de ressaca e a careta contrariada, marcas características do primeiro mandatário do estado, desaparecem na mirada cheia de paixão que o nosso espécime nunca cansa de firmar.

Manhã após manhã, logo após a ida ao banheiro para me aliviar, abro os jornais com a esperança de estar equivocado, de sentir uma certa precipitação no meu julgamento. Mas ele nunca me surpreende e, melada de saliva, gosmenta, sua charge fica a minha espera, imutável como uma categoria metafísica. Sorridente, poderoso, perspicaz, lá está o governador. Monstruosos e obtusos são os adversários. E assim começo meu dia já deprimido com a raça humana, porque, sim, não existe nada mais detestável que o puxa-saco.

O poderoso chefão 15-setembro-2003

Agora no Carapuceiro a versão completa, sem cortes, do grande clássico do cinema...

Por Antônio das Mortes

Parte 1:

Quando o mais poderoso dos chefões morre é assim: o presidente comparece ao enterro compungido, apesar do defunto ter feito de tudo para atrapalhar sua vida; a viúva recebe os cumprimentos até daquele adversário de quem o marido roubou os votos numa eleição perdida no tempo; filhos postam-se tristes, mas orgulhosos ao lado do caixão, um olho para a lágrima indispensável, o outro nos presentes, checando algum faltoso destemido; atrizes desempenham seu melhor papel; atores conferem o sucesso da aplicação de Botox nas fotos depois publicadas na imprensa... À distância, o populacho acompanha tudo pela TV. Passaram a vida assim e não será agora que vão mudar de canal. Poucos se postam nas avenidas para ver o fêetro passar. Calor humano mesmo, o morto recebe apenas de seus velhos empregados do Partidão. Esses derramam recordações da proteção recebida do chefe durante a ditadura militar. “Dos meus comunistas cuido eu”. O resto, pode matar e esfolar.

Parte 2:

“Não derramo uma lágrima!”, exclamei vendo o noticiário da TV. As imagens mostravam um monte de escombros e o locutor falava em dezenas de mortos, entre eles o auxiliar do simplório e poderoso chefão. Era ele quem, interessado em ascender na carreira, partiu para aquele inferno devastado pela liberdade. Seu papel era tirar o chefão de uma enrascada, arrumar um jeito de diminuir o prejuízo das mortes diárias, trazer cadáveres de outras nacionalidades ao campo de batalha. Tudo, claro, com a melhor das intenções, em nome da humanidade...Depois de morto, funcionário exemplar, ainda serviu outra vez ao patrão, que nem licença pediu para usar suas últimas palavras em benefício próprio. “Tenho sede!!”, berrou sob as ruínas. “A missão deve continuar!” apressou-se em escutar o chefão, sem derramar uma lágrima. Nisso somos iguais.

Parte 3:

Mesmo contrariado, o poderoso chefão teve de escolher seu candidato a poderoso chefão municipal. Longa vida aos trios elétricos, à especulação imobiliária e ao mau-humor!

1999: o ano em que fomos felizes 07-outubro-2003

Que jornalista não se lembra das baladas em banda larga da época da internet?

Por Ivan Marsiglia*

Contando as penas do último passaralho do Valor, que remexeu traumas recentes como a bancarrota da Gazeta Mercantil, o desfolhamento da árvore da Abril e o mau estado do Estadão, dou-me conta mais uma vez de que nós, jornalistas, vivemos dias mais felizes. E, e

Biscoito acadêmico 06-jan-2004, 01:49

Mas que apareça, pois, um leitor do homem. Vale parente até o grau de primo legítimo. Não carece comprovação cartorial.

Por Antonio das Mortes

Bom mesmo era aquele tempo de “Maribondos de Fogo”... Ou de “Ardência no Regaço”, o “Em Busca do Tempo Perdido” do Planeta Diário, assinado pela saudosa Prima Roxana.

Mas nostalgia de cu é rola....

Talvez e por isso mesmo é que o Carapuceiro procura, desesperadamente, um possível leitor de uma obra do senador pernambucano Marco Maciel, novo beletrista a molhar o biscoito liberal no chazinho da ABL.

Quem encontrar a tresloucada e rara criatura, favor não encaminhá-la à Tamarineira, freguesia de supostos desajustados do bairro dos Aflitos (Recife), sítio muito mais à Artaud do que ao moleque de recados dos corredores da ditadura.

Para os ratos de sebos e estantes oficiais que se candidatam à procura, algumas publicações do nosso imortal, imortal, favor anotar: "Debates, Volume I" (1997), "Vocação e Compromisso" (1982), "Educação e Liberalismo" (1987), "Liberalismo e Justiça Social" (1987), "Idéias Liberais e Realidade Brasileira" (1984).

Correi. Não tem para quem quer. Se brincar, a rede pública pernambucana atocha os pirralhos com tais obras. Já apareceu um magote de barnabé baba-ovo a celebrar a conquista.

A nação de Bandeira, Joaquim Cardozo, Nelson Rodrigues, João Cabral, Sebastião Uchoa Leite, Gilberto Freyre, Carneiro Vilela, Ariano Suassuna (Paraibano adotado), Raimundo Carrero, Ronaldo Correia de Brito (cearense adotado), Antonia Maria, Jaci Bezerra, Alberto da Cunha Mello, Severino Filgueiras, Gilvan Lemos, José Carlos Targino, Zizo & cia arreia bandeira a meio pau... Pernambuco, terra da mucica, brocha ao molhar lesadamente esse biscoito acadêmico.

Mas que apareça, pois, um leitor do homem. Vale parente até o grau de primo legítimo. Não carece comprovação cartorial. Os primeiros dez leitores que aparecerem terão as obras completas do senador risca-de-giz amarradas aos pés, dentro de um saco de estopa, e serão atirados animadamente dentro do açude de Apipucos. Quem boiar terá direito a uma passagem de ida para assistir, no Rio de Janeiro, à posse de MM na vaga do dotô Roberto Marinho.

Statística dos Casamentos, e do Bello sexo* 03-08-2004

Um arrazoado sobre as mulheres da primeira metade do século XIX. Teriam elas mudado alguma coisa?

Por Miguel do Sacramento Lopes Gama, o padre Carapuceiro

Um curioso observador fez a seguinte lista do estado dos casamentos na Inglaterra, e há quem afirme a sua exatidão em todos os países:

Mulheres que fugiram dos maridos.....	1.362
Maridos que deixaram as mulheres, por não aturá-las.....	3.600
Casados que se separaram de comum acordo.....	5.230
Casados vivendo dentro de casa em constante guerra.....	280.000
Casados que vivem mal, mas que, perante a sociedade, aparentam harmonia..	240.340
Casados que vivem indiferentes.....	880.560
Casados que ostentam para o mundo aparente felicidade.....	4.225
Casados felizes, comparados com outros mais desgraçados.....	346
Casados verdadeiramente felizes.....	9
Senhoras enganjentas de seus maridos ou amantes.....	1.670.400
Senhoras vadias e desleixadas.....	820
Senhoras tagarelas, teimosas e briguentas.....	5.538
Senhoras viúvas, que com um olho choram a falta de seus defuntos e com outro requebram a vários pretendentes.....	68.330
Senhoras que se queixam de gastrites e vivem espartilhadas.....	79.400
Senhoras que padecem de hemorróidas e dizem que têm defluxo de constipação.....	898.520

A vista desta estatística, que não é obra minha, já sei que as senhoras terão de zangar-se contra o Carapuceiro, dizendo, que não poupo ocasião de falar delas. Qu'injustiça! Como são mal agradecidas! Por ventura existe no Brasil um escriptor que mais tenha defendido o Belo Sexo? Tenho sim notado alguns defeitozinhos (bagatelas) com o fito em que se corrijam: mas nunca aventurei-me a dizer o que muitos filósofos tem dito em desabono das mulheres. Digo, por ex., que em geral são

muito flexíveis de língua, que menina há, fala mais em uma hora, do que muitos homens em um mês inteiro; mas se assim falam desinteiramente, é por causa da vivacidade da imaginação, e porque não são mudas. Acaso já me abalancei a chamá-las inconstantes e volúveis, como as tem caracterizado inúmeros sábios d'Antiguidade, e ainda dos tempos modernos? Fora disto a consciência não me argua de ter chamado a nenhuma nem velha, nem feia, dois epítetos os mais injuriosos que se pode dar a uma filha de Eva. Muitas vezes ouço uma senhorita queixar-se d'enfermidades, e com todos os sintomas de afecção hemorroidal; mas ela diz, que o que padece é uma gastrenterite, ou hepatite, ou colites, ou que está atacada da gripe; e eu sou tão dócil e tão avexado a julgar sempre bem delas, que acredito sinceramente, apesar de haver aprendido de uma tia minha (que viveu cento e tantos anos) que as hemorróidas acomete todo o corpo; e certo cônego asseverou-me que a teve encausada em um dente por espaço de 12 anos. Não tem portanto as senhoras razão alguma de apostemar-se contra o Carapuceiro, que não diz o dízimo do que se faz por aí. Finalmente advirtam, que a estatística supra é de Inglaterra, onde as mulheres são muito diferentes das nossas. Ali é rara a que não morre por casar: entre nós não sucede assim, as meninas só casam para ter quem tome conta do que é seu, e sempre porque o Sr. Cazuza, Sr. Totônio, Sr. Manezinho, Sr. Chiquinho, etc. entram a atormentá-las, a insistir, a teimar, e elas sujeitam-se a casar só para verem acabada tanta importunação. Até nisto mostram bondade no coração!

* publicado originalmente n' O Carapuceiro de 29 de janeiro de 1840.

Modinha sem graça 08-09-2004

Chamam a tal modinha até de "depilação artística", reparem só no descalabro. Prefiro recorrer ao Ministério Público e denunciar esse vergonhoso crime ecológico-pubiano.

Por Xico Sá

Que modinha de fêmea mais sem graça essa das bucetas diagramadas, desenhadinhas, parecendo aquelas firulas de estádio em dia de jogo-festa da seleção brasileira! Parecendo os desenhos na grama do Serra Dourada, coisa mais parnasiana e danada. Ai que saudade da velha Playboy de Sônia Braga, e mais ainda da classe de Claudia Ohana, aquela linda mata atlântica dos tempos coloniais, floresta negra, dantesca, amazônica, labiríntica, amém!.

Chamam a tal modinha até de "depilação artística", reparem só no descalabro. Prefiro recorrer ao Ministério Público e denunciar esse vergonhoso crime de desmatamento pubiano. É o maior desastre ecológico do país desde que os franceses e portugueses começaram a roubar toras de pau-brasil -aliás, crime com pau no meio não desperta o menor interesse deste Carapuceiro.

Estão acabando com as nossas matas mais nobres. Em nome de diagramações ridículas, muitas vezes só um tufo de nada de pêlo, espécie de buceta-Cebolinha... buceta-reco, um absurdo qualquer assim. As depiladoras que inventam moda vibram nas revistas do gênero. As clientes pedem coraçõezinhos, letras iniciais do namorado ou do urso, um anti-mimo sem menor apelo erótico, morte do lirismo, fim do mais lindo rebuceteio.

Toda essa onda começou com as irmãs J., brasileiras com salão da vanguarda depilatória em Nova Iorque. Estão fazendo as bucetas das celebridades e endinheiradas americanas. Virilhas de grife. Todas lisinhas e sem graça... e norte-americanas, pra

a cl e

Etiqueta moderna para captação de recursos 08-09-2004

Breve manual para lavar a água com as leis de isenção fiscal da República.

Por Xico Sá

Somos a Pátria dos projetos. Encadernadíssimos, justificativas e argumentos azeitadíssimos... Ah, tantos egos estralados ao óleo e alho dos superlativos, todos ao dendê fervente da glória publicitária, aos loiros aromáticos de um cozido de plágios, "samplers" e mimetismos geniais. Sim, mas temos também o pipocar do milho mais quixotesco, da buchada-de-bode mais hermética, do angu mais roseano, do pirão sebastianista mais armorial...

Projetos, projetos, projetos. Em uma boa noite no Baixo Gávea (Rio) circulam mais roteiros e filmes falados do que em toda a história de Hollywood. Na Vila Madalena (SP), há mais candidatos a Antunes e Zé Celsos do que todo o contingente dos coros gregos de Atenas. Fora do eixo, idem ibidem, embora empresas e governantes de lá prefiram lavar a água forasteira montada por galãs globais.

Roteiros, roteiros, roteiros. Os editais de certames artísticos são disputados a tapa, como na recente edição de concurso da Petrobrás. Mas não é nada fácil descolar um bom convite para esse baile de debutantes da isenção fiscal. Preocupado com a isonomia na disputa por estas verbas e renúncias, este colunista ouviu gente do ramo - de velhos coronéis áudio-visuais da Vieira Souto a descoladérrimas sinhazinhas do lobby - e deixa aqui seus modestos acepipes à guisa de contribuição ao patrimônio imemorial brasileiro:

Galã a tiracolo – Nada contra José Dumont, afinal de contas este colunista também pertence à grande galeria dos mal-diagramados, mas a mulher e a filha dondoca do empresário financiador preferem um jantar na companhia de Rodrigo Santoro. É assim que funciona. A refeição em família com atração global é tiro-e-queda. Alguns políticos, no entanto, que abrem as portas em empresas e estatais, preferem o talento e a volúpia _sem essa de distanciamento brechtiano, faz favor!_ das gazelas de dramas televisivos.

Chame a telefônica – Festa em casa? Ah, você não pode deixar de convidar o pessoal de marketing das empresas de telefonia, principalmente a turma do celular. Essa gente tem invadido as tertúlias dos célebres. Nunca se esqueça: nos salões de Rio e SP, a figura do executivo da banda B é tão festejada quanto Malu Mader.

Desconto ao pé do balcão – Se você, querido produtor, não tem lá essas armas quentes todas, pode oferecer um deságio camarada na isenção fiscal. Tipo o que os próprios executivos oferecem por aí: 90%. Tá bom pra você? Emite uma nota de R\$ 10 mil e recebe apenas uma milha na boca do caixa. O velho Brás, tesoureiro do grande baile, que se vire para fazer o acerto final.

Show do maridão – Caro (a) produtor(a), se o seu conjugue tem dotes artísticos, nada como uma canja no jantar na casa daquele senhor de muita grana. Pega bem, é simpático, mesmo que ele não seja assim um... Caetano Veloso.

Esquema pastinha – Nunca se esqueça, em nenhum segundo, de levar a pastinha com "aquele projeto" sonhado debaixo do braço. Mas entregá-lo somente depois do café, depois do licor, como quem não quer nada, assim meio desligado(a). É de bom-tom.

Sinais exteriores de riqueza – Conselho de uma ambiciosa mulher de negócios culturais: ao visitar um executivo para pedir recursos para um show, filme, peça etc, apresente-se, além de bem vestida, claro, portando muitas jóias, jóias finas de preferência. Uma Serra Pelada de saias. Você mostrará a ele que não precisa tirar proveito pessoal daquele patrocínio, que o seu interesse é cívico-cultural, totalmente voltado para enriquecer a cultura do país.

Negociando o próprio túmulo 11-10-2004

Que lindas aquelas viúvas, velando o coração de um cão vadio!

Por Xico Sá

O pombo-correio - ou será o corvo postal de Edgar Allan Poe? – insiste em deixar na minha casa o diabo de um envelope mal-assombrado. Sempre a mesma mensagem, mala direta do outro mundo, marketing da velha corcunda da foíce: “Venda de jazigos. Promoção por tempo limitado. Invista na sua tranquilidade.”

Basta pegar o envelope que já começo a sentir dores estranhas e palpitações, ainda mais quando a correspondência chega junto com o aviso de atraso no pagamento do plano de saúde. “Deixar tudo para a última hora sempre significa pagar mais”, alardeia o folder do terror. “O Cemitério do Morumby fica em uma das áreas mais nobres da cidade, com excelente localização e fácil acesso, integrado de forma harmoniosa ao lado de prédios e construções sofisticadas”.

Ah, bom, que alívio, que maravilha ser engavetado em uma das áreas “mais nobres” de SP! Nascer lá na miséria do Cariri e ser enterrado em terreno de luxo, cercado de VIPs, é mesmo uma saga e tanto! Luxo e riqueza em um ambiente cinco estrelas. Com direito a um lindo epitáfio tirado do “Dicionário de Citações” do Paulo Ronái ou de “Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei”.

Mas de tanto insistirem com a mala direta do além, decidi procurar aquele “investimento diferenciado”, como dizia o folder. Saí em busca dos corretores de plantão no “stand de venda”. Planos facilitadíssimos. Até dez vezes para pagar. Jazigos a partir de R\$ 9.500,00, fora as gavetas, fora a taxa de manutenção anual. “Ótima localização, bairro chique”, dizia uma vendedora. Só faltou dizer que me daria o céu, meu bem, como na canção do Rei e no ótimo livro de Ivana Arruda Leite. “Um investimento que só valoriza”, insistia, como estivesse vendendo um terreno na frente para o mar. Logo eu, que nunca investi nem mesmo no “over-nigh” – lembram?- no tempo da inflaçãozona a 120 por hora.

Uma prosa pra lá macabra. Uma moça tão linda e negociando com uma “commoditie” dessas, pensei. Vai chegar em casa e dizer ao namorado: “Benhô, vendi doze túmulos hoje, veja que maravilha!” Papo mais excitante, não?

Mas para que eu fechasse o negócio, naquele momento já havia me conformado com o destino, fiz uma última pergunta:

“Escuta, meu amor, esse plano funerário tem alguma carência?”

A musa gótica sorriu da minha inocente indagação e respondeu:

“Imagina, querido, você pode usar o jazigo assim que fechar o contrato. A partir de amanhã cedo...”

Cliente morto não paga. Me vi ali, tristão no ataúde. Lembrei de uma velha reportagem, em parceria com o fotógrafo Fred Jordão, assombrações do Recife Velho, quando me fiz de morto, dentro de um caixão e tudo, para denunciar a máfia dos “papa-defuntos” e das funerárias. Deu n`O Rei da Notícia”, peroódico anarco-armorial da cidade.

Retornei ao mocó na dúvida se fechava ou não o negócio. Debaixo da porta, mais uma mala direta do além. Lembrava da corretora e seu olhar de Tanatos. Tão bela e tão sem Eros. Ah, só compraria se ela me garantisse um velório igual ao do Bertrand, o sujeito do filme “O homem que amava as mulheres”. Que lindas aquelas viúvas, velando o coração de um cão vadio!

No varal do sol da nega 22-novembro-2004

Eu me abaixei e bebi aqueles pingos. Caiam lentamente com gosto de confusão e precipício.

Por Xico Sá

Foi lindo o dia em que a Cachorra pendurou a primeira calcinha na torneira do chuveiro lá do meu mocó-saló, pé-direito-baixo, quase ninho de cobra, réptil-fulô. Toda grande merda linda começa nesse ato. Pelo jeito que a calcinha fica pendurada a gente sabe se o amor vai ser fodido ou se apenas mais um que passa. A calcinha pingando lentos gerúndios sem “d”, como na minha terra, ino, fazeno, sentino, fodeno, morreno...

Eu me abaixei e bebi aqueles pingos. Caiam lentamente com gosto de confusão e precipício.

Sempre acho que a imagem da primeira calcinha pendurada equivale a bandeira que o primeiro homem a pisar a lua enfiou por lá. A terra amorosa por si mueve. É momento muito importante no Gênesis do amor. Ela também cantava, Fêmea-passarinho. Feliz sim. Nossos corpos não se entendiam, nossas almas nem sei. Ela pôs uma música daquele filme que faríamos depois...

Amores perros guardado nas gavetas, amores perros no varal do sol da nega, a desalmada quarando na espera, a desalmada e o marzão das nossas mágoas, a desalmada roendo as feridas, roupa velha no sabão de nossas pedras.

Envolvidos em delicada ruína cinzenta, como nos versos do alma sebosa, sebosa soul, Gregory Corso, começamos a nossa vida de cada um.

“Chinelos ossos-de-cisne conservam seus passos intactos; ela desliza suave por uma sala externa... despeja leite dormido para o gato dormido.” Ela dizia na janela, como se nunca fosse comigo.

Seus pés cada dia ficavam mais lindos.

O buraco lá embaixo.

O Japão dos encontros & desencontros do amor.

Ela sentou a bundinha morena na bacia de leite, do gato, como naquele Bataille. Subiu ao meu pau pingando.

Ela passeava na bicicleta dos meus óculos, lá em cima, na testa, sobre os aros.

O cachecol dela, colorido, voava por trás do pescoço ao vento.

Passeava nas rodas dos meus óculos e me deixava a esperar, cego.

POR CIMA DA CARNE SECA

Teiú moqueado 20-jul-2000

Das páginas de Tiêta do Agreste às caminhadas no meio do sertão bahiano na infância do DJ Pingo(hoje residente em São Paulo) com sua Avó, o Teiú (lagarto gordo, naturalmente cevado) é um dos pratos de Caça mais finos da culinária nordestina.

Por h.d.mabuse

Das páginas de Tiêta do Agreste às caminhadas no meio do sertão bahiano na infância do DJ Pingo(hoje residente em São Paulo) com sua Avó, o Teiú (lagarto gordo, naturalmente cevado) é um dos pra
t

Buchada-de-bode, faça você mesmo 22-ago-2000

Enquanto os tucanos tentam cuspir no prato populista que comeram, fornecemos a receita original.

Por Zildinha de Sertânia

Nestes tempos eleitorais, a buchada-de-bode é o cardápio dos grotões nordestinos, da Penha, em São Paulo, e de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, entre outras praças do ramo. Sempre foi um prato de banquetes da esquerda e da direita, mas com dom Fernando Henrique, que lambeu os beiços em 1994 e bisou quatro anos depois, a iguaria ganhou notoriedade e símbolo de populismo nunca dantes experimentado. Era a Usp se lambuzando (perdão pelo gerúndio, mestre Graciliano!) sobre a mosca azul, a varejeira que senta na manta de carne de bode do dr. Inocêncio.

Em memória da aliança Cebrap/Grotões, apresentamos uma receita de buchada-light, só para lembrar aos tucanos que nunca se deve cuspir no prato que comeram:

- 1) Limpa-se o fato do carneiro, do bode ou do cabrito. Bem limpo, utilizando-se água e limão.
- 2) Leva-se ao fogo até aferventar bastante; até perder o cheiro ruim, diríamos.
- 3) Escorre-se a água e lava-se novamente com água, limão e sal, que é para perder realmente o cheiro.
- 4) Cortam-se bem miúdas as tripas, o fígado e o sangue coalhado. Deixa-se inteiro o bucho propriamente dito.
- 5) Faz-se o tempero dos miúdos com hortelã, bastante pimenta-do-reino, alho, sal, salva ou coentro, cebola roxa. Tudo bem ralado e com um pouco de vinagre.
- 6) Misturam-se bem esses temperos aos miúdos.
- 7) Coloca-se tudo no bucho, depois deste aberto estendido sobre a mesa, e junta-se a cabeça do carneiro, do bode ou do cabrito (que haviam sido cozidos à parte e com os mesmos temperos) e mais um pouquinho de arroz.
- 8) Costura-se o bucho como se fosse uma trouxa, contendo todos os ingredientes citados acima, ensacando tudo.
- 9) A panela tem que ferver por um mínimo de cinco horas; lembre-se: você não está sob a melancolia dos fast-foods.
- 10) À parte, faz-se um bom pirão e mais arroz, com o qual a buchada será servida.
- 11) Para o acompanhamento, cachaça para os homens e cerveja ou genebra para as mulheres.

Como lembra o mestre Mário Souto Maior, 80, sucessor de Câmara Cascudo no Nordeste, em algumas regiões serve-se a cabeça do carneiro, cabrito ou bode à parte. Bom apetite, candidatos e eleitores!

O baião-de-dois mais caro do mundo 04-out-2000

Na crônica gastronômica, a saudade e a carestia de SP.

Por Xico Sá

Ainda repecurte nas minhas hostes caririenses, com demasiado espanto e assombro, o fato do filho de Socorro e Demar ter ingerido, em São Paulo, terra tida e havida para todos eles como demais generosa, um prato de baião-de-dois com carne de sol por trinta e tantos reais. A notícia se espalhou. Subiu a Serra do Araripe, Batateiras arriba, e foi parar nas bandas de Pernambuco, onde vivem outros entes queridos deste nordestino cujos olhos são maiores do que a barriga e encher a pança ainda é o mais sagrado dos prazeres.

Quando é vendido, a iguaria referida não passa de dois, três minreis no Crato, Juazeiro, Nova Olinda e rendondezas. No interior da Paraíba, onde o prato tem o batismo trocado para rubação, a despesa é mais em conta ainda. Até mesmo em Fortaleza, para o lombo dos turistas, o arroz cozido na mesma panela que o feijão (louve-se o queijo de qualho derretido por cima!) num chega à metade do que paguei em plagas bandeirantes. E com direito a paçoca, é bom que se diga.

“Meu filho, não diga uma coisas dessas não!”, saltou minha velha, ao ser propositadamente assustada com a notícia.

“Pois foi”, disse.

“Com esse dinheiro eu faço baião-de-dois pra um ajuntamento de cem
hom ba oœle 4

O cuscuz contra a burrice 07-dez-2000

A noitada foi proveitosa, mas a aurora revelou um ser tapado e incapaz de meia dúzia de bons vocábulos. Não tem problema. Nossa seção de gastronomia tem a receita certa para ea

A fábula do umbuzeiro 26-dez-2000

Em protesto contra o corte das cestas básicas pelo governo FHC, nossa seção de gastronomia republica, a pedidos, as maltraçadas do nosso Esopo social. Nelas, dona Ruth faz embaixada antropológica no Nordeste.

Por Epaminondas Silva, o Esopo da Caatinga

Numa viagem de promoções sociais na caatinga, eis que dona Ruth Cardoso, depois de largar seu ateísmo e empacotar a caridade em forma de cestas básicas, é tomada por uma visão, um alumbramento, um regalo d'olhos nunca dantes experimentado. A primeira-dama acabara de avistar uma árvore frondosa, demasiadamente verde e encantadora no contraste com a castigada paisagem cinza e sertaneja. "Dona Ruth, trata-se de um umbuzeiro!", gritou o mais avexado dos xelexus da comitiva oficial. "Árvore ímpar, da família das Anacardiáceas, também conhecido por estas plagas como imbuzeiro", emendou o Rui Barbosa local, puxa-saco interestadual, renomado em Juazeiro, Petrolina e região. Um terceiro abestalhado, disputando a oratória no coice, completou o serviço: "Pai e mãe do sertanejo, do umbuzeiro se aproveita tudo: a sombra no mais senegalesco dos verões, o fruto na seca brava e até a raiz quando não há mais nada para se comer".

Ainda abismada, dona Ruth ergueu a voz e disse que queria conhecer de perto, abraçar aquela maravilha, tocar o umbuzeiro. Outros seiscentos abriram caminho. Lá se vai a Comunidade Solidária em passos largos. Mas quando a comitiva estava se aproximando da tal árvore da família das Anacardiáceas, eis que um segurança avista um pacato sertanejo agachado ao pé do tronco.

Peraí. Corre apressado para tentar retirar a pobre criatura que usa a frondosa sombra como banheiro. Mais que isso. Como refrigerio d'alma, quase um exercício zen, uma honesta e merecida pausa na peleja severina. Ríspido, grosso que só papel de embrulhar prego, o segurança parte para tirar na marra o tranquilo sertanejo da paz do umbuzeiro:

- Levanta daí, condenado, não tá vendo que dona Ruth vem chegando?! miserável - bodeja.

Calça arriada, cigarrinho no canto esquerdo da boca quase banguela, o sertanejo desabafa:

- Agora lascou de vez!, o marido dela não deixa a gente comer e ela não deixa nem a gente nem cagar!

Bons selvagens que cozinham 22-jan-2001

Guia clássico do apetite mestiço revela as vantagens de um vatapá de porco sobre um coq-au-vin e demais ganhos da cozinha nacional. Prove também nossa receita de cutia estufada com carapicus.

Por Claudia Albuquerque*

O mormaço que bafeja as tardes nordestinas não nasceu para tolerar o salteado de faisões, nem a quentura do sertão suportaria folhas de darjeeling e delicadezas afins. Geografia é destino. Foi o que gritou contra todos um autor anônimo do século 19, que veio a incluir assertivas e truísmos do gênero no livro *O Cozinheiro Nacional*.

Entusiasta declarado das muquecas de carne de anta, do pastel de capivara, do tatu com feijão e do ensopado de seriema, o autor sem nome reduziu a picadinho o consumo lusitanizado e a procura então dificultosa de ervas e carnes alheias, evitando uma queda livre no precipício da macaqueação gastronômica e seus pífios fins. Ao colher com os dedos os frutos do quintal, esse cozinheiro perdido, sem querer ou saber, opôs a insurreição culinária à barbárie da mesmice.

Guia clássico do apetite mestiço, o *Cozinheiro Nacional* e suas 1.790 receitas (Câmara Cascudo diz que são 1.492) é o tema central do recém-lançado *A Descoberta do Sabor Selvagem* (Edições UFC/ Casa José de Alencar, 187 p. Ano 2000. Tel: (85) 281.3721), do pesquisador cearense Eduardo Campos, que tenta requeutar para estômagos apressados um guisado fino e hoje raro do comer patricio.

Exortando a perseguição a um caráter natural, livre e independente de imposições estrangeiras, o *Cozinheiro Nacional* saiu mais crocante que outros guias brasileiros do século 19, porque se aviou em sugerir que um coq-au-vin não é melhor do que um vatapá de porco à baiana salpicado de fubá mimoso. Nem mais nobre que uma galinha com renova de samambaia ou um tatu ensopado com guandus ou mangalôs. Longe de amotinar-se contra o bourguignon e o demi-glacé, o chefe vem atentar, movido da dona-de-casa, sua amiga, ao invés de alcachofra, use um bigo de bananeira e substitua os cogumelos por carapicus (vulgo orelha de pão). Pregoeiro de novidades, talvez deva ser louvado mais pelas intenções que pelos resultados.

O viajante Karl von Stein, num ataque de fastio mau-humorado, achou algo de ridículo nesta defesa gulosa do mutum com quiabo, como se a intenção do abnegado cozinheiro anônimo fosse eliminar o molho béchamel da mesa nacional. Era não. Sem perder o latim em gestos canônicos ou excludentes, o homem só queria mesmo mexer bem as pane

cataloga algumas caças como “carne de cabelo”, incluindo aí o filho da anta, tido como o mais saboroso dentre todos os animais silvestres e domésticos. E lamenta que as pessoas comprem remédios catigueiros ao invés de simplesmente servirem bifes de capivara. A delicada iguaria é indicada para criaturas escrofulosas, sífilíticas, reumáticas e tuberculosas, assim como as vítimas de moléstias escorbúticas encontram na carne de teiú uma esperança de cura rápida.

E os nomes dos pratos, estes são puro delírio extemporâneo, doces canções para almoços azuis, acenos de sabores cediços e vagos: Sopa de Ovos Atolados, Lingüiça à Maneira de Sonhos, Empada de Pássaros Miúdos, Torta de Beijo de Fada, Sonhos Fritos com Queijo... Vãos altos demais para a dietética self service dos shoppings que freqüentamos, por obrigação ou prazer, numa desafeição prática e melancólica pelos rituais da mesa posta.

RECEITA DE ÉPOCA: É sugestivo pensar que por esse Brasilzão afora, antes de se apurarem em mesas com elaborações mais complicadas, indivíduos de diferentes classes dividiam suas esteiras sem rapapés de fidalguia, os dedos melados no pirão de caldo grosso, acorados todos, triturando talvez juritis de “canto estirado, soturno, melancólico mesmo”, muito difíceis de serem pegadas mas superiormente apetitosas. É a fome que mostra a nossa cara, como sabe E. Campos. Nesta época de globalização e outras bazófilas, O Cozinheiro Nacional traz receitas para se comer com os olhos, pensando nas moças que peneiravam fubá enquanto cantavam fino “eu quisera ser tucano/ passarinho araçary/ para entrar no seu peito/ para nunca mais sair...”

Cutia Estufada com Carapicus – Depois da cutia esfolada, e alimpada, enche-se-a com um recheio da maneira seguinte: uma mão cheia de carapicus, quatro onças de toucinho, meia dúzia de tomates, sal, salsa, pimentas cumaris, dois ovos cozidos duros, um dente de alho, uma cebola, um pouco de gengibre rapado, e uma colher de açúcar umedecendo com um pouco de sumo de limão; deita-se depois numa panela guarnecida com lascas de toucinho, uma xícara d’água, uma porção de carapicus, sal, pimenta; depois de bem tapado, cozinha-se sobre brasas durante duas a três horas, e serve-se.

*Claudia Albuquerque é jornalista em Fortaleza, Ceará, e publicou recentemente o seu “Adolfo Caminha”, biografia do primeiro escritor brasileiro a criar um personagem homossexual. O livro saiu pelas Edições Demócrito Rocha (pedidos pelo edr@opovo.com.br).

Fisiologia do gosto paulistano 18-abr-2001

Nosso cozinheiro d'almas cutuca o modo paulistano de mexer com o pão do Brasil.

Por Xico Sá

Pois não é que a tapioca tem vez nas calçadas de São Paulo. Está em tudo quanto é esquina do Centro, da Consolação e da Bela Vista. Pena que, em mãos descuidadas, esteja se afastando cada vez mais do parentesco com o beiju, o verdadeiro pão do Brasil, para incorporar feições de pizza.

A fisiologia do gosto paulistano começou a mudar a tapioca. Em vez simplesmente do coco –aceita-se, quando muito, um queijinho- a nossa redonda de goma passou a engolir recheios de presunto, mussarela e, pasme dona Maria do Socorro!, leite condensado. Pois é: tapioca com Leite Moça. Agora fudeu a tabaca de Chola.

"Meu filho, eu não sei onde diacho vai parar o que a gente chamava de tapioca!", diz, passada, dona Matilde, enquanto vira lindamente uma branquinha no ar. A moça, paraibana decente das bandas de Cajazeiras, vende a sua obra aberta ali nas imediações da Biblioteca Mário de Andrade, centrão de Sunpaulo.

Aliás, que coisa mais linda é aquela viradinha na tapioca. Dá vontade de casar na hora com a danada. Se isso não for arte, não sei mais o que possa ser.

Como macaxeira, coma tapioca, coma inhame, coma inhame, coma inhame, coma inhame a vida inteira.

Um mingau para tempos de economia de guerra 04-jun-2001

Uma receita nordestina para os tempos que correm. É o Mingau-de-Cachorro, Crista-de-Galo ou ainda Levanta-Defunto, lição básica de sustança para os fracos de todas as naturezas e calibres.

Por Antônio Sustâncio

A nossa eterna economia de guerra, agora em tempos de lampiões, carece igualmente de uma cozinha de guerra. Ainda comovidos com a leitura de “Como Cozinhar um Lobo” (Companhia das Letras, em promoção nas livrarias de SP por R\$ 10), de MFK Fisher, nossa seção de gastronomia e laricas registra mais uma lição da culinária do aperreio. É a salvação para aqueles momentos em que até a geladeira está desligada, mas as tripas roncam numa guerra interna miserável.

Com vocês, o Mingau-de-Cachorro, também conhecido como Crista-de-Galo, Cabeça-de-Galo ou ainda Levanta-Defunto. A lição vem aqui numa receita colhida pelo mestre Mário Souto Maior, nosso apanhador de causos e sabedorias, autor de “Comes & Bebes do Nordeste” (Edições Bagaço, Recife, 1995).

Este prato é aconselhável às pessoas anêmicas, gripadas, aos bêbados durante a ressaca, para levantar as forças. Também se come quando as coisas estão difíceis em casa, isto é, quando falta dinheiro para comprar outros alimentos. Segundo Dona Suzeli de Almeida, de Triunfo, Pernambuco, o prato é feito assim:

Ingredientes: água, um ovo, cominho, pimenta-do-reino, alho, farinha de mandioca, cebola, coentro e sal.

Modo de fazer: bota-se a água para ferver, com todos os temperos. Quando a água levantar a fervura, quebra-se o ovo dentro, sem mexer.

Pronto. Ai está o mingau do pau-d’água. Que deve ser tomado muito quente, com a boca queimando. Melhor ainda com pimenta malagueta.

Bolo perna-de-moça 20-jun-2001

Embora o Carapuceiro acredite que doce seja coisa para mulher, gay e formiga, não poderíamos nos furtar das celebrações juninas e fornecer uma receita para acompanhar o forrobodó.

Por Ciço Laurent

Embora acreditemos que doce seja coisa para mulher, gay e formiga, aproveitamos a farra junina, no embalo de “Tem mulher, tô lá” (forró de Zé Catraca na voz do inimitável Jackson do Pandeiro), para recomendar uma iguaria de primeira. É o bolo perna-de-moça, receita colhida do caderno de Arte Culinária de Alda Mota Barbosa de Arruda – da turma de 1938 da Academia Santa Gertrudes de Olinda - pelo nobilíssimo apanhador de causos e costumes Mário Souto Maior*.

Ingredientes: meio quilo de massa de mandioca, quatro gemas, leite de dois cocos, meio quilo de açúcar feito mel, duas colheres de sopa de manteiga e uma colherinha de sal.

Modo de fazer: misture a massa com as gemas, a manteiga e o sal; junte o leite dos cocos e o mel morno. Misture bem e leve ao forno. A polpa do coco deve ser lavada em três copos d’água. Pronto. É só botar o bicho na roda e se lambuzar.

*Do livro “Comes e Bebes do Nordeste”, de Mário Souto Maior, publicado em 1995 pelas Edições Bagaço, do Recife.

Punheta de bacalhau 01-julho-2001

Na cozinha deste periódico, um ótimo prato português, a "punheta de bacalhau" - na terrinha, o vocábulo não tem nada a ver com a justiça pelas próprias mãos, como nestas plagas sofridas e maldosas.

Por Felícia Sampaio

Ingredientes:

2 ovos cozidos;
1 pimento grande verde;
2 postas de bacalhau;
1 cebola media;
2 dentes de alho;
pimenta q.b.;
1 colher de sobremesa de salsa picada;
6 colheres de sopa de azeite +-;
2 colheres de sopa de vinagre +-.

Confecção:

Retira-se a pele e as espinhas e desfia-se o bacalhau à mão. Lava-se depois o bacalhau em várias águas frias até perder o sal. Escorre-se bem o bacalhau. Entretanto asse o pimento, limpe-o e corte-o em tiras. Em uma taça de vidro, disponha em camadas alternadas as tiras de pimentos, o bacalhau e os ovos cortados às rodela. Misture o azeite, o vinagre e a pimenta. Ligue bem. Regue tudo com o vinagrete e polvilhe com a cebola, o alhos e a salsa previamente picados.

*editora do ótimo sítio português <http://www.gastronomias.com>

Lombo de cervo-galheiro 08-jul-2001

O prato da vez é um dos mais cultuados nos sertões do Brasil e nas beiras portuguesas, embora não seja tão fácil assim capturar estas animadas criaturas. Faça você mesmo com a nossa receita para cozinheiros d'alma e amadores em geral.

Por Felícia Sampaio*

Ingredientes:

1 kg de lombo de veado;
1 colher de chá de gengibre fresco ralado;
piripiri q.b.;
2 dl de vinho branco;
2 ou 3 dentes de alho;
1 cebola;
2 colheres de sopa de banha;
manjerona fresca q.b.;
sal q.b.;
200 g de toucinho cortado em fatias finas;
pimenta q.b.;
água q.b.

Confecção:

Depois da carne limpa, tempera-se com sal, pimenta, gengibre, vinho, piripiri, manjerona e os alhos pisados.

Deixa-se ficar neste tempero de um dia para o outro.

No dia, retira-se da marinada e envolve-se o lombo em fatias de toucinho amarrando-as com o fio de cozinha.

Leva-se um tacho ao lume com a banha e aloura-se de ambos os lados a carne. Depois de frita adiciona-se a cebola picada, um pouco de água e o líquido da marinada coado.

Tapa-se o tacho e deixa-se a carne estufar em lume brando verificando de vez em quando se é necessário uns goles de água.

Depois de estufado serve-se fatiado e acompanhe com grelos salteados ou couve- flor gratinada.

*Editora Culinária do Roteiro Gastronômico de Portugal www.gastronomias.com .

Ostras Salteadas 20-jul-2001

Nosso cozinheiro d'almas não resiste ao mais infame dos trocadilhos enquanto bota a colher de pau nas caçarolas. Esta semana, fugiu para Itapissuma (PE), terra das melhores ostras de Pindorama, e disse que tudo não passava de uma tentativa de sair do ostracismo.

Por Manuel Costa*

Ingredientes:

1 ovo batido;
2 colheres de sopa de margarina;
12 ostras;
1 dente de alho picado;
pimenta preta q.b.;
1 colher de sopa de óleo;
1 cebola picada;
2 dl de vinho branco;
tostas cortadas em triângulos q.b.;
1 colher de sopa de salsa picada.

Confecção:

Num tachinho, refogar a cebola picada e o alho em óleo misturado 1 colher e meia de margarina.

Adicionar o vinho e, deixar ferver até reduzir para metade.

Acrescentar a meia colher de margarina e a pimenta preta moída.

Introduzir as ostras previamente passadas no ovo batido.

Juntar a salsa picada e deixar cozinhar um pouco.

Colocar sobre tostas e servir imediatamente.

*Do sítio português, excelência da lusofonia da comida, Gastronomias www.gastronomias.com.

"De mole aqui só o siri" 01-ago-2001

O cabra entrou abaixadinho no mói de tomate seco. Pensava que era um prato do nosso famoso crustáceo da espécie dos braquiúros. Lascou-se.

Por Beto Azoubel

Uma dupla gastronômica que logo se apresenta aos imigrantes nordestinos que tentam ganhar a vida nas bandas d'além Bahia é a hortaliça rúcula e o tomate seco. Num é que agora essa dupla virou "arroz-de-festa" em reuniões nas casas das madames recifenses! A falta de um deles nas saladas de entrada dos jantares e saraus pode dar como certa a ausência da anfitriã na coluna do Orismar!

Pois é, mas não é todo cabôco que conhece essas iguarias não.

Veja o caso que se desenrola aqui, tendo como protagonistas Tiago Songo, mais conhecido como Tiaguinho da Rabeca, e o nosso representante da raça, Gustavo Peixoto, famoso nas praias de Pau-Amarelo por sua habilidade em subir coqueiro e por seu talento como luthier de bombos de macaíba. Desacostumados a andar pelas áreas nobres do Recife, lá iam nossos dois ilustres rumo a uma festança de reveillon numa casa localizada no abastado bairro do Parnamirim. Chegando no divertimento, Gustavo Peixoto, o nosso Guga, se deparou com uma farta mesa de frios e sem nenhuma hesitação começou a "calibrar" seu prato com uma quantidade "razoável" de tomates secos (o cabra emburacou no manjar!). Tiaguinho, um pouco mais rodado pois já tinha tentado a sorte na capital paulista, se aproximou do companheiro e alertou:

- Guga véi, tem muito aí! Tu não sabe o que é isso não é?!

- Ôi, e num é siri mole não é?!

Foi-se o tempo em que nosso aclamado siri mole tinha vez nas mesas da sociedade pernambucana.

Em memória do prato esquecido, uma receita de moqueca com o crustáceo saída das páginas do livro de cozinha de Zélia Suassuna, fiel escudeira do nosso escritor Ariano, que mantém a tradição culinária de pé ("de mole aqui só o siri", costuma ameaçar o ilustre paraibano aqueles mais modernos):

MOQUECA DE SIRI MOLE

INGREDIENTES:

500g de siri mole

3 tomates grandes picados

2 cebolas grandes picadas

1 pimentão médio picado

1 molho de coentro

3 galhos de cebolinha

Leite grosso de 3 cocos

Suco de limão

4 colheres de sopa de azeite de oliva

2 colheres de sopa de azeite de dendê

Sal a gosto

MODO DE PREPARAR:

Machuque o alho, o sal e o coentro e misture ao siri mole. Deixe descansar. Machuque o restante dos temperos, adicione o suco de limão e divida em duas partes. Numa panela aberta, coloque o siri mole com uma parte dos temperos e leve ao fogo para refogar durante 3 minutos. Em seguida acrescente o leite de coco, mexendo. Junte a segunda parte do tempero, o azeite de oliva e deixe no fogo por mais 15 minutos. Antes de retirar do fogo, adicione o azeite de dendê. Decore com tomate, cebola, pimentão em rodela e folhas de coentro. Sirva com arroz branco e farofa.

Verdadeira festa do bode 21-ago-2001

A saga e a gréia de um bode trazido de Pernambuco - vivo ou morto? - para uma farra de nostalgia gastronômica em São Paulo.

Por Antonio Cavalgado

O cabra trouxe um bode de Pernambuco para matar e comer em São Paulo. Com alguns amigos bons, como reza a loa cerebral do compositor Júnior Barreto, ombudsman das meninas da Augusta, rapaz direito que compõe andando e assobiando, embora seja, na vida real, contra os gerúndios tantos. E o bode engordou. Não com capim gordura, mas com a prosa do botadentes Halley-Bó – era tanta prosa ao pe’-do-ouvido que o bicho ficou roliço.

Chegou a hora de matar o bode. Bode morto, quarto pra cá, quarto pra lá. O bode quase se perde, já morto, mas não besta de tudo, numa guarita da Barata Ribeiro, rua nas redondezas da citada Augusta. Lá estaria o cozinheiro Ortinho, de passagem, para apanhar o falecido, uma vez que caberia ao dito cujo batizá-lo de véspera, benzer a carne para tornar mucicha, e levá-la à panela no dia posterior. Cozinheiro de almas que é, Ortinho gosta de carne dormida. E dormida junto dele, só pelo direito de contar as costelas antes da imersão panelal propriamente dita.

Achado o bode, o mesmo Ortinho, agora já diante dos amigos bons, iniciou a mágica. “E sôis francês, é?”, saltou o primeiro greeiro, diante de uma goipada de vinho tinto que o cozinheiro jogou em cima do caprino. “E é nouvelle cousine, é?”, maltratou o segundo. O cozinheiro devolveu com uma aliteração bilíngue mais do que educada para o desaforo. E haja azeite (“e sôis do mediterrâneo, é?”, largou outro feladaputa). E o rock seguiu. O das panelas não tinha sossego. Halley-Bó, que engordara o bode com sua verve, agora tratava de agoniar o juízo do chapa Ortinho, enquanto o nobilíssimo Bombig, representante passional do caipirismo de verdade, pitava um imaginário cigarro de palha dos seus mais exaltados sentimentos do interior paulista.

A gréia tomava conta do ambiente, do dono da casa e do dono do bode - batismo omitido até agora tão-somente por raiva da objetividade que entrega os nomes e os milagres nas primeiras linhas. Fábio Victor, rapaz, era o anfitrião da festa do bode. Acabara de voltar da Colômbia, onde futucou umas galeguinhas irlandesas doidas pelo melhor dos mundos: sexo e comunismo.

E Ortinho, sério que só rapariga do interior na sexta-feira da paixão, cozinhou o caprino. Uma muganga danada. (“E sôis aquele francês que engana no GNT, é?”) Mais uma goipada de vinho tinto (“E é só o bode que bebe nessa casa, é?”). Mói de coentro, fogo baixo pra tirar o sumo do bode, cheiro subindo, num pergunte a receita não. Só sei, meus queridos, que até Mané Soró ficou quieto (nada doidim) diante da iguaria. Pra quem não sabe, isso é quase como um novo milagre de Fátima.

Mas é bom que se explique: antes do dadivoso bode, os meninos se distraíram com um sururuzinho na área. Igualmente turbinado pela nouvelle cuisine de Ortinho. Para o museu das graxas divinas restaram duas panelas sujas, e preservadas assim até hoje, na geladeira do curador Fábio Victor.

Lado oriental da Bela Cintra, São Paulo, 2001.

Costeletas de Cabrito à Afrodite 28-ago-2001

Sempre a favor da larica de viver, nossa seção gastronômica recorre à antiga Corte, jamais à do Consenso de Washington, para celebrar a sagrada comilança.

Por Felícia Sampaio*

Ingredientes:

8 costeletas tenras de cabrito;
4 fatias de presunto sem sal;
4 fatias de queijo mozzarella;
1 chávena de (chá) de pão ralado;
2 dentes de alho picados;
1 ovo batido;
manteiga (quantidade suficiente);
piri-piri q.b.

Confeção:

Colocar uma fatia de presunto sem sal e outra de queijo sobre uma costoletas pôr a segunda costoletas em cima, aparar se for preciso.

Segurar as costoletas com 1 palito em cada ponta; passá-las pelo pão ralado, alho picado e piri-piri.

Com cuidado passar por ovo batido e novamente por pão ralado e fritá-las em manteiga de ambos os lados para que fiquem douradas.

*Editora culinária do Roteiro Gastronômico de Portugal - www.gastronomias.com, a quem O Carapuceiro se associa nos momentos de larica de viver.

Bolo de Mel do Convento de S. Bento - Porto 06-setembro-2001

Embora acredite que doce é coisa pra mulher, viado e formiga, O Carapuceiro revela uma receita sagrada dos alegres e castos discípulos de S.Bento.

Por José Botão*

Ingredientes:

500 grs de açúcar

15 gemas

15 claras

2,5 dl de azeite

250 grs de mel

550 grs de farinha c/fermento

5 grs de canela +-

raspa de 1 limão

Confecção:

Bater as gemas com o açúcar, junte o mel e o azeite volte a bater até obter uma massa homogênea, junte a raspa do limão e a canela. Bata as claras em castelo e junte alternadamente com a farinha á mistura envolvendo bem sem bater. Cozer em forma untada e polvilhada com farinha ou forrada com papel de manteiga á temperatura de 180º +-.

*José Botão, sem nenhuma sacanagem, é técnico de pastelaria e colaborador do sítio português <http://www.gastronomias.com>, associado em laricas e fome de viver a este Carapuceiro.

Pescadinhas de Rabo na Boca 25-setembro-2001

Nossa sina é a de escarafunchar receitas do mundo português, o que nos obriga, nesta lição, a exhibir um naco peixeiro de Moçambique, panelas d' além mar.

Por Carlos Silva

Ingredientes:

2 pescadinhas;
farinha q.b.;
óleo q.b.;
1 limão;
2,5 dl de leite;
sal;
salsa q.b.;
pimenta;
200 g de batatas.

Confecção:

Arranjar e lavar as pescadinhas, mergulhando-as em seguida no leite durante 10 minutos. Retirá-las e esfregá-las com sal e pimenta, passando-as em seguida por farinha. Colocar o rabo na boca das pescadinhas. Lavar e descascar as batatas, cortá-las ao meio e cozer em água a ferver com um pouco de sal, durante +- 20 minutos. Retirá-las, pondo-as numa travessa aquecida, polvilhadas de salsa. Aquecer o óleo numa fritadeira e frigar as pescadinhas de ambos os lados, durante 10 minutos. Colocá-las em papel absorvente, passando-as depois para a travessa onde estão as batatas. Decorar com pés de salsa e quartos de limão.

*O glorioso Carlos Silva é colaborador do sítio <http://www.gastronomias.com> , o melhor apanhado da cozinha portuguesa no mundo
<http://www.gastronomias.com/afrodisiacas/index.htm>

Bolo de Rolo 03-out-2001

A maior invenção do homem, depois da sopa de feijão, segundo o comandante Zero Quatro, esta sobremesa, manjar de todas as laricas, justifica nossa fome de viver.

Por Fernando Menezes

Ingredientes:

250g de açúcar

250g de manteiga

5 ovos

250g de farinha de trigo

½ lata de goiabada derretida

Preparo:

Bata bem o açúcar com a manteiga.

Depois de bem batidos juntos os ovos um a um, primeiro as gemas, depois as claras em neve, e por último, acrescente a farinha de trigo.

Continue a bater bem.

Divida a massa em sete assadeiras fartamente untadas com manteiga e próprias para bolo de rolo.

Leve a massa de cada assadeira ao forno pré-aquecido, quente.

Deixe assar rapidamente.

Retire do forno a primeira camada e vire numa toalha polvilhada com açúcar.

Passe a goiabada e enrole com presteza.

Retire do forno a segunda camada e vire numa toalha polvilhada com açúcar, passe goiabada e enrole, começando bem na ponta, na primeira camada.

Siga o mesmo processo até a última camada.

Fonte: Coisas do Recife, livro-devoção de Fernando Menezes, nosso confrade.

Sopa de pedra 15-nov-2001

Essa história de "sopa de pedra" não é tão-somente uma lorota dos tempos difíceis. Fomos buscar no Ribatejo, em Portugal, uma receita da dita cuja. À cozinha, pois!

Por Gastronomias.com

Ingredientes para 8 a 10 pessoas:

1 litro de feijão encarnado ;
1 orelha de porco ;
1 chouriço negro (de sangue da região) ;
1 chouriço de carne ;
150 g de toucinho entremeado ;
750 g de batatas ;
2 cebolas ;
2 dentes de alho ;
1 folha de louro ;
1 molho de coentros ;
sal e pimenta

Confecção:

Se o feijão for do ano, não necessita ser demolhado. Se for duro, põe-se de molho durante algumas horas.

Escalda-se e raspa-se a orelha de porco.

Leva-se o feijão a cozer em bastante água juntamente com a orelha, os chouriços, o toucinho, as cebolas, os alhos e o louro. Tempera-se com sal e pimenta. Se for necessário juntar mais água, deve ser sempre a ferver.

Quando a carne estiver cozida, retira-se e introduzem-se na panela as batatas cortadas aos quadrinhos e os coentros picados. Deixa-se cozer a batata.

Assim que se retirar a panela do lume, introduzem-se as carnes previamente cortadas aos bocadinhos e uma pedra bem lavada, que deve ir na terrina.

Esta receita foi especialmente cedida por José Manuel Toucinho, proprietário do célebre restaurante Toucinho de Almeirim.

*Para enfiar-se no mundo da culinária portuguesa corra ao www.gastronomias.com - periódico ao qual este Carapuceiro é sentimentalmente associado

Amarra-marido 27-nov-2001

Uma mulher que, além das qualidades próprias de seu sexo, soubesse fazer pratos gostosos tinha maiores possibilidades de segurar seu marido. Mesmo porque era voz corrente de que os homens e os peixes tinham uma coisa em comum: ambos morriam pela boca.

Por Mário Souto Maior

"Batem-se as claras de seis ovos até o ponto de suspiro. Juntam-se, então, as gemas, dois pires de batata doce cozidas e machucadas, um pires raso de farinha de trigo, uma colher de sopa de manteiga, um copo de leite de vaca, uma pitada de canela em pó e açúcar até adoçar. A forma, que deve ser de ágata que é para o doce não ficar preto. deve ser untada com manteiga e levada ao forno regular, Isto é, nem quente e nem frio", do Caderno de Arte Culinária de Alda Mota Barbosa de Arruda, quando aluna da Academia Santa Gertrudes, Olinda, Pernambuco, em 1938.

A denominação desta receita diz respeito ao tempo em que as mulheres tentavam conquistar os homens pela boca, isto é, pelo paladar. Uma mulher que, além das qualidades próprias de seu sexo, soubesse fazer pratos gostosos tinha maiores possibilidades de segurar seu marido. Mesmo porque era voz corrente de que os homens e os peixes tinham uma coisa em comum: ambos morriam pela boca. Hoje...

Fonte: Comes e Bebes do Nordeste, edições Bagaço, Recife, 1995.

Olha o pirão, esmorecido! 27-jan-2002

Uma viagem caprina de Juazeiro a Recife, do sertão ao cais, até puxar a cadeira para a dama lá em seu Evaldo, na Encruzilhada, o jardim dos caminhos que se bifurcam.

Por Xico Sá

Gosta de mulher?

É, gosto, né!

E de carne de bode mucíça?

Vixe!

Tem bode de primeira qualidade em tudo quanto é canto do Nordeste. Em Dona Maria da Cabeça de Bode, em Juazeiro do Norte, especializada em tutanos e sabedorias afins, pirões quentes e suadores. Olha o pirão, esmorecido!, gregaria o velho Ascenso Ferreira. Tem bode bom no sertão de Pernambuco. Naquele ponto de Cruzeiro do Nordeste onde pára o ônibus da Princesa. Assado e cozido. Pra aumentar o sono na viagem, madrugada de trepidações. Cabrito ou um pai-de-chiqueiro, o Matusalém dos bodes, que demora três gerações pra cozinhar.

Tem bode mauricinho, em arremedos de botecos de paquera das capitais nordestinas. Tem McBode, com hambúrgueres do gênero, aquele de Parnamirim, Recife, antes de entrar na Estrada do Encanamento. Tem McXeira, invenção de uma dona Maria de Campina Grande, que enricou com a invenção – vende um creme de macaxeira com bode que é um estouro!

Tem promessa de bode para o povo, como fez Jarbas Vasconcelos na campanha eleitoral – prometeu financiar criatórios de bodes para o povo, espécie de bodebrás. A exemplo do gado da canção de Gonzaga – "eu sou do banco, do banco, do banco..." - os cabritinhos iriam berrar "Jaaarrrrbass"... ou "Finooooorrrr..." A merda era se, por pura esquisitice sertaneja, os inocentes largassem um "Arraaaaaeess".

Tem bode bom e tem cabra que inicia muito nego na safadeza de beira de cerca ou de parede de açude. Ternas criaturas. Mansinhas, meu Deus!

Tem bode bom até naqueles postos de gasolina de Salgueiro e Bodocó. E cobertos por nuvens de moscas. Chega fica preto, ao sol. As varejeiras fazem aquele chiado, onomatopéia de fim do mundo. Mas bote na brasa, peça uma cana para abrir os trabalhos, e uma cerveja no rebate. Pronto.

Certo dia, em Juazeiro, um primo sapecou, em momento caprino-mor:

Tu prefere um priquito ou uma carinha mucíça de bode?

Num respondi até hoje, com vergonha de cravar a opção de baixo.

Tem bode bom em tudo que é canto. Em São Paulo tem bode bom. Em casa de parente da Zona Leste e no Recanto Nordestino, na Bela Vista – ô fava boa medonha! Com Pitu ouro ou Ypióca idem é uma perdição – e tu ainda diz que esta última não embebeda, Mariana Lacerda?! É que esse marroquinho com quem divides o lar é uma esponja amestrada na Maciel Pinheiro e antros alhures!

Tem bode bom, mas também tem bode sentimental. Como aprecio aquela calçada de seu Evaldo, ali na Encruzilhada, sem ser no mercado propriamente dito, na calçada mesmo, já chegando na avenida Norte, Recife, Pernambuco (-Brasil?)

A morena chega e seu Evaldo já arreia um Cavalo Branco com água de coco. "Esse era o preferido de Lampião", solta o inxirimento.

Olha o pirão, esmorecido. Ganho a sustança que me falta em terra alheia. A nega pede mais um. Seu Evaldo já vem com o terceiro pangaré engarrafado.

Ai só resta derrubar de amor o Alfredo Bandeira, que dá vista para a África, ali na frente do Capibaribe. O navio apita.

- Chegou navio – ela diz, enquanto gasto o pirão da saudade.

Cozinhando o juízo com açaí 02-abr-2002

Um crônica filosófico-gastronômica. Mas, esbarraí, perai, não se engane: a fuleirage permanente é a nossa meta maoista. Tá ligado, doido?

Por DaniEl Papa

- Sócrates?
- Não! É de Toín de Irauçuba mesmo!
- Ufa, ainda bem, eu não agüento mais maiêutica!
- Tia de Toín?
- Não, é de Sócrates!!!

É impressionante como tudo na vida tem filosofia, até mesmo no açaí, espinafre pós-moderno. A receita de um bom açaí rebateu o mais exímio filósofo no intento de morder uma bela gazela, uma galega de olhos verdes que, como diz o sábio Babão-Lemos de Campina Grande - PB, “êta invenção do diacho!” Em meio de uma goipada e outra do vinho Carreteiro no bar “Joaquim e Manuel” (em Brasília), surge a resenha do filósofo para com a sua diva, a qual era carinhosamente chamada de “Bracinho Pixototinho de Lavadeira”, apelido que diziam ter alguma veia poética (ainda não descobri qual). Mano (do latim manus, que significa “mão”), alcunha romana do laborioso Don Juan que ora se cuida, começou a técnica da aproximação da fêmea em epígrafe utilizando-se de uma filosofia até concatenada. Era dialética pra cá, retórica pra lá, sofisma pra tapear, maiêutica pra complicar, até mesmo o amor platônico foi invocado e, depois de cinco longos meses, nada de morder a menina.

A gazela até parecia interessada e trocava as idéias na base da refutação interrogativa:

- E é, é?

Este questionamento instigava o esforçado Mano a continuar com as suas divagações filosóficas. Estudou tanto o assunto que chegou até esquecer verdadeiramente o seu objetivo principal: morder a menina! A gréia já rondava o nosso espirituoso filósofo da Paraíba.

Nesse meio tempo a galega conheceu outra filosofia, conhecida no âmbito da putaria como “a arte obstétrica do açaí”, uma prodigiosa técnica que abre os caminhos para a conquista de território.

Trata-se de uma filosofia baseada na conversa mole de um marombado, uma retórica materializada da seguinte forma:

- E aí! Um açaí com uns pedaços de banana é da hora! E aí, vamos sair e tomar um açaí?

A resposta foi imediata:

- Ô, demorou! Mas, nada de maiêutica! (diálogo inicial) Filosofia aplicada, processada e concretizada. Não é que o marombado mordeu a galega em menos de meia hora de conversa mole!!!!

Quando Mano soube da resenha lembrou imediatamente do raciocínio indutivo de Sócrates, fazendo uma referência ao seu caso em particular: “Bem, se eu resenhei, resenhei e neco-nause é porque tem alguma coisa de errado comigo!” Dizia, ainda filosofando, que havia aprendido muito com o acontecido, mas não por não ter mordido a galega e sim por ter aprendido filosofia: “É, pelo menos aprendi filosofia!”

Com licença dos termos e parafraseando as raparigas plantonistas de Coxixola: “Isso é consolo de rôla murcha!” Ora, era uma munganga danada para morder a galega e uma divagação tão devagar que a galega preferiu cair de boca no dadivoso açai.

É sugestivo refletir o motivo pelo qual a galega rejeitou o nosso filósofo e aceitou de bom grado o açai. Entretanto, essa é uma tarefa difícil de se traduzir, pois não é em todo cabôco que se incute a idéia de que é bom o encanto bizarro e o gosto de merda que vem do açai, assim, só podemos nos referenciar à este fruto através de um velho ditado popular: “Dizes o que comes que eu te direi o quadrúpede que és.”

Ironicamente, Mano, ombudsman das meretrizes da Av. Índios Cariris em Campina Grande, ficou na manus, no velho cinco contra um (descascando a macaxeira). Surge, então, uma pergunta que não quer calar: por que o cozinhar com filosofia não deu certo? A resposta é simples, eis que os comensais urbanos de hoje ao invés de cozinhareem com filosofia preferem ser o próprio açai, o que em longo prazo quer dizer “bolo fecal”.

Nesse exato momento, entretanto, só tem uma teoria filosófico-gastronômica que poderá tornar Mano um homem melhor e livre do estigma do filósofo-frôxo (FF), é encher o rabo de cachaça até esquecer a galega, afinal, como diz o próprio Sócrates: “Os maus homens vivem para comer e beber, porém os bons comem e bebem para viver”. Por outro lado, em uma posologia não menos elucidativa, estão os antigos pergaminhos escritos pelo filósofo Pranchu que exprimem a cura do sentimento não orrespondido, verbis:

“Para curar um amor platônico só mesmo uma trepada homérica!”

Então, Caba Véi, encha a lata e caia na gandaia!!!!

Mulher de bandejão 18-abril-2002

Como tudo que presta vem de baixo, é no underground da PUC que fica localizado seu prestimoso (e não tão prestigiado) bandejão. E é lá, lá mesmo do porão que, diferentemente dos pátios e corredores, encontramos as mulheres de verdade.

Por Bob Moustache

Amigo Xico, aqui estou de volta e trago no meu matulão prosaico (eita porra!) um assunto sobre o qual já discorri outrora neste mesmo respeitável e indefectível sítio: as meninas da PUC-Rio - instituição fictícia-cristã localizada no bairro da Gávea, coração da zona sul carioca.

A pontifícia universidade, como se pode logo perceber, dispõe de uma caralhada de serviços sempre prontos a atender seus estudantes em suas mais inusitadas necessidades (desde que disponham de uma certa quantidade do “l’argent”, utensílio que não parece ser objeto em escassez para grande parte do alunado da entidade). É livraria, copiadora, estacionamento, pizzaria, japonês, enfim, restaurante das mais variadas nacionalidades, para atender as demandas dos bem-criados deste canto da terra de São Sebastião. Tem até psicólogos de plantão para atender aqueles e aquelas com dores na alma de toda sorte, sofrimento causado seja pela falta do modelito novo ou pela carência monetária de mais uma onerosa mensalidade.

Mas, é lá no subsolo, ali escondidinho, que se esconde o grande tesouro. Como tudo que presta vem de baixo, é no underground da PUC que fica localizado seu prestimoso (e não tão prestigiado) bandejão. E é lá, lá mesmo do porão que, diferentemente dos pátios e corredores, encontramos as mulheres de verdade.

Pense numas cabrochas sem a menor cerimônia, pagando quatro módicas realezas por um rodízio de arroz com feijão a ser devorado num lugar semelhante a um estábulo. Só pra dar o tom do negócio, outro dia, um cabôco amigo meu encontrou uma rosca (eu tô falando da peça espiral do parafuso mesmo) no meio do seu prato. Luxo? Tirou férias dali a muito tempo, nego! Tudo bem que a pessoa pode dispor de um Q-suco (lembra que era assim a grafia?) e uma sobremesa que varia entre uma cocada e um mamão cortado. No entanto, vamos combinar que pra uma gazela encarar uma parada dessa todo dia, ou a danada é arrochada ou se faz de.

E tão lá meu velho, bolsistas e trabalhadoras, batalhadoras batendo ponto, pois já decorei algumas beldades. Eu e o camarada Marcelo Magalhães, cearense de sobrenome homônimo ao ex-governador de Pernambuco – só que este de besta só tem a peia, segundo o próprio -, cabra bom perdido por estas plagas e defensor do mesmo argumento: com mulher do bandejão, assino a escritura matrimonial! Coisas lindas, lindas, lindas, como diria uma amiga nossa paulistana agora radicada no Rio. Negas sem pantins nem firulas, comendo com a graça de quem estivesse nos mais afrescalhados dos bistrôs, para depois limparem seus dentes com palitos saídos de paliteiros plásticos coloridos (freqüentadores de pés-sujos sabem muito bem do que estou falando). Estas sim, verdadeiras versões modernas daquelas mulheres de Atenas.

A arte de esperar marido 02-jul-2002

Conheça os macetes para manter para sempre o seu cobertor de orelhas. Receita completa na nossa seção de gastronomia.

Por Pedro Domecq

Foi-se o tempo em que as mulheres esperavam os seus maridos com uma quartinha de água bem fria, chá de boldo e Alka-Seltzer, e até uma toalhinha branca, sob o oratório da sala, para o cabra se limpar em caso de vômito na chegada ao lar. A mulher de Câmara Cascudo, na cidade de Natal, era um desses exemplos dadivosos. O etnólogo chegava do cabaré, onde ia buscar denço e sabedoria, e era recebido com honras caseiras, sempre ao amanhecer. E nunca largou a sua amada.

Em busca da delicadeza feminina, engolida pelo conto do vigário do feminismo ianque e enterrada pelo recrutamento neoliberal para tarefas indignas e mal-pagas, O Carapuceiro deixa uma receita retirada do livro “Comes e Bebes do Nordeste” (Edições Bagaço, Recife, Pernambuco), do insigne pesquisador Mário Souto Maior.

Hildegardes Viana - estupenda especialista em culinária nordestina - explica como as baianas fazem o espera-marido: “Faz-se uma calda grossa com uma libra de açúcar. Quando estiver fria, adicionam-se seis ovos bem batidos. Volta ao fogo para cozinhar, mexendo sempre até engrossar. Serve-se polvilhado com canela em pó”.

Rapadura é doce mas não é mole não 06-ago-2002

Um sorvete inventado no Ceará sepulta um ditado de priscas eras e põe à mesa nacional uma excelência, um primor de sobremesa.

Por Xico Sá

Sabe o velho ditado “rapadura é doce mas não é mole não?”

Eis um ditado morto e enterrado. Graças ao Cantinho do Faustino, nobre freguesia da culinária cearense, está inventado o sorvete de rapadura. Um primor. Um negócio d’outro mundo. Nirvana céu da boca adentro. Pense numa sobremesa alentadora!

É de lamber os beijos. Até mesmo para os cabras que acreditam que doce é coisa para mulher, viado e formiga.

Chega de quebrar a chapa, a ponte ou aquele velho canino, véio, com dentadas na rapadura propriamente dita. E o sorvete ainda vem com uma fruta flambada da estação. Epa! Tudo bem, as moças apreciam.

Faustino é um caboclo que não fica atrás de nenhum baitola da Cordon Bleu e quejandos. Bota para arrombar. Perambulou por cozinhas francesas mundo afora. Ao repertório, juntou coentro e o universo mocorocó (cajus e arredores). Prove a galinha do homem! Tem aquele sal com mel que faz babar a mulher e prostar o homem.

O carneiro é outra prova dos nove da cozinha cuja sabedoria começa pelo endereço: rua Delmiro Gouveia (bravo homem de Ipu que vendeu couro de bode para o mundo fashion de Nova York ainda no começo do século passado!), 1.520, Fortaleza de Nossa Senhora de Assumpção, Siará.

O carneiro é de primeira qualidade. Só falta berrar a milhar da sorte cantada por Ednardo em tempos outros.

Mas tudo antes do sorvete de rapadura. Não é todo dia que uma iguaria destrói a fisiologia do gosto e um ditado popular duma colherada só. Isso é que é novidade, o resto é morango com creme.

Nouvelle cuisine? Vôte! 05-set-2002

O coisa pr'eu não simpatizar é o tal do afrancesamento da nossa comida. O pior é que virou moda nos ditos restaurantes frescos da região. Dia desses, no 1º Festival Gastronômico de Pernambuco, só se viu o foguetório em torno de tal mistura.

Por Xico Sá

Coisa mais modê!

Coisa mais Síndrome de Caramuru.

Olha, pode misturar de um tudo. House com maracatu, drum'n'bass com baião. Acho lindo e nem creio que sejam misturas, uma vez que a caixa da banda cabaçal já nasceu no compasso do d'n'b. Música é música.

Morra o falso dilema do regional/mundo todo, como apregoava Gilberto Freyre e como acaba de reverberar o DJ Dolores, homem da terra de Tobias Barreto (vide polemista da "Escola do Recife), Sergipe, cuja obra inicial atende pelo batismo de "Contraditório?" Só para ninguém se areiar pelo caminho, Barreto e Dolores são do mesmo torrão natal e ambos se pronunciaram na ventania malassombrada do Capibaribe.

Morra o falso dilema, mas respeitem a nossa cozinha.

O coisa pr'eu não simpatizar é o tal do afrancesamento da nossa comida. O pior é que virou moda nos ditos restaurantes frescos do Nordeste. Dia desses, no 1º Festival Gastronômico de Pernambuco, só se viu o foguetório em torno de tal mistura.

Tem um tal de "Oficina do Sabor", em Olinda, que é um vexame. O "chef" de tal cozinha, um rapaz chamado César Santos, em festas maltraçadas da revista "Época", tem a petulância de dizer que o seu cardápio mais leve caiu nas graças de turistas, intelectuais, artistas e celebridades.

Pode uma imbecilidade dessas!

Turistas, intelectuais, artistas e celebridades! Que balaio de bom gosto, hein? Frango de macumba de "Caras". Que enganação, esse menino. Ora, vai pegar os bestas noutro lugar.

Cozinha "fusion" são as raparigas que os pariu, seus feiticeiros de araque. A última vez que avistei um dos comensais de vocês, o desgraçado estava com as calças arriadas, pálido, se acabando pelo fundo feito balaio velho. Só no chicotinho, ôô.

Ora, ora, seu "Chez Georges", que agamenon é esse de cozinha franco-pernambucana!

Uma pitanguinha aqui, um tamarindo ali... Tá dado o golpe da macumba chique. O pior é que o fetiche funciona também para os locais metidos a finos. Ou "artistas", como disse o outro. Ô raça!

E tem até um tal de gratinado de fruta-pão com carne-de-sol e molho afrancesado. Vôte! Aviadaram, tucanaram a carne-de-sol, ó velho macaco de Darwin. Eis a verdadeira cosmética da fome, dona Ivana Bentes!

Carne-de-sol é carne-de-sol, manteiga de garrafa é manteiga de garrafa (capaz de qualquer requinte e último tango!), farofa de jerimum ou de ovo é farofa do mesmo jeito. E priu! Esqueçam Paris!

Mimetismos alcólicos 23-set-2002

E não é que os cariocas deram para imitar deploráveis hábitos paulistas! Nada contra as mudanças de costumes, desde que sejam

Consenso de Caetés 07-nov-2002

A sobremesa devia ser uma rede boa. E tinha, mas a pressa que aniquila o verso nos botou outra vez na estrada. Rumo a Garanhuns. Logo depois, Caetés, a terra do homem! Sítio Várzea Comprida. É bom ver os pobres podendo, podendo, podendo...

Por Xico Sá

Pra quem vai subindo pras bandas de Garanhuns, como fiz na semana eleitoral. É só esbarrar no Chalé do Bode. Fica no município de Lajedo, Pernambuco. Já chegando no friozinho da terra da brava guerreira Cristina Tavares, nega vieja que deixou Jean-Paul Sartre, criador do lundum enquanto filosofia, caído –o mundo era tão bom que o Jornal do Comercio mandava uma repórter para ficar colado no marido de comadre Beauvoir o tempo inteiro, quando da visita do entojo ao Brasil, em 1960.

O Chalé tem bode assado, guisado, peba, tatu, galinhas de capoeira de verdade ciscando gerúndios pros nossos lados...

Um ceuzão azul, meu Deus. Alguma melancolia? Sei não.

O cachorro magro. A nossa vida besta na vista. Gilvanzinho, Gilvan Barreto, lambe-lambe de primeira que me acompanha, pede mais uma. Ô bicho que apreceia. A gente discute teorias de ressaca. Pense numa!

Uma família agreste feliz chega e pede num sei quantos quilos de carne. Roupas novas e encarnadas. Acabaram de votar no conterrâneo Lula. Eu nem perguntei.

Como gosto de famílias que comem até virarem tristes sucurs. Derrubaram uns dois quilos de bode assado, mais bode guisado, bode a boiar na macaxeira derretida – versão agreste da vaca atolada de Minas. Comemos?

A sobremesa devia ser uma rede boa. E tinha, mas a pressa que aniquila o verso nos botou outra vez na estrada. Rumo a Garanhuns. Logo depois, Caetés, a terra do homem! Sítio Várzea Comprida. É bom ver os pobres podendo, podendo, podendo... Quer dizer, na norma do gerúndio sem "d" deste Carapuceiro: podeno, podeno, podeno. A trepada é o lirismo dos pobres, alardeia do seu megafone o velho Baudelaire reverberado pela nega que aprecio! (in Obras Completas da Nova Aguilar, pág. 545).

Uma faixa de morim avisa: “Entrada para o Sítio onde nasceu Lula da Silva, futuro presidente do Brasil!”. Gilvanzinho ainda falou do bar da Perua, ali na saída de Garanhuns. Pena que estávamos tão responsáveis e ressacados ao mesmo tempo.

Mas como são lindas as morenas do Agreste. Dancan, nascido por lá, já catalogou: são 17 tipos: caldo de feijão, Águas Belas (terra da minha vó Merandolina), jambo, feijão vermelho... “Viva Caetés, terra do novo presidente do Brasil”. Foi tanto fogo, que mais parecia um São João de verdade, nem lembrava aquele filmezinho dos conspiradores do Rio, deslocados, desajeitados corações. Seis tonéis de cachaça em cima duma caçamba. Pense na tua de bêbado estirada nas calçadas altas!

Engenho e arte da cagada 01-dez-2002

Como já dizia o velho Gabriel García Márquez, os homens se dividem entre os que cagam bem e os que cagam mal. Na mesa de jantar, o arrazoado de Kiko Goifman sobre o mesmo tema.

Por Xico Sá

Embora esta seja uma seção de comida, pedimos a licença das damas e dos nobres cavalheiros para tratar justamente do seu inverso –a merda, com a devida vênica, repiso, dos mesmos diletos leitores.

Como já dizia o velho Gabriel García Márquez, os homens se dividem entre os que cagam bem e os que cagam mal. O cabra de “Ninguém escreve ao Coronel” estava entre os de segunda categoria e morria de inveja dos primeiros. Confessou a angústia da merda em conversa com Hélio Pellegrino, na Cuba de 1985. Assim relata Paulo Roberto Pires (no “Perfis do Rio”, da editora Relume Dumará).

O mesmo Pellegrino terminou a conversa desta maneira, no que deixou o amigo pasmo: “Alguém deveria fazer um estudo comparativo sobre a consistência do cocô. Há bostas piramidais, como as dos bois, bostas compridas como as dos cães, bostas aguadas e disformes, como quem está sempre de caganeira”.

Não menos entendido no assunto, outro mineiro, o multiuso Kiko Goifman, tabulou com este flatulento que vos sopra diálogo não menos impertinente, guardadas as devidas proporções das celebridades, num refeitório paulistano, noite dessas.

Como debatedores, a seguinte mesa: a jovem grávida Claudinha, que vem a ser digníssima costela do mineiro acima, Luciana Corrêa de Araújo, de tradicionalíssima família “quinhentona” – sorry, paulistas, mas a tradição do velho Pernambuco é de 500 anos pra riba -, o distinto casal Hilton Lacerda e o professor César, além da bel’ Antonia, parelha deste felizardo narrador.

“Todo homem simpático já cagou nas calças antes de chegar em casa”, propus. “Corre para o lar, apertado, mas sempre lhe sobra um cumprimento, um amigo no portão, um vizinho que lhe tem apreço; aí já era, a sofisticada nouvelle cuisine já escorre pela antecoxa esquerda...”

“É, o inferno são os outros...”, galhofou Lacerda.

“Esse gerenciamento de cu é um problema sério”, mandou Kiko, antes de relatar desastrosas idas do colégio para casa, em BH. “É engenho e arte”.

As meninas, ao que parecem, não sofrem do mesmo drama. Ou fizeram cerimônias para não desembuchar crônicas do mesmo naipe, finas que são.

“O problema é quando era feijão, e chegava a sujar o Conga, lá embaixo”, prosseguiu o famigerado Kiko.

Com a palavra o professor César: “Eu era controlado”.

Hilton: “Logo se vê...”

Antonia: “Gente, chegou a comida”.

Claudinha: “E vai comer logo um Guanabara, Kiko, com esse feijão, a essa hora...”

Luciana: “Te prepara!”

Lembrei daqueles peidos capazes de acabar com um casamento, como ocorreu com Leninha, uma ex-cunhada. E ainda tem gente que abafa o gás sarin –lembra, aquele que matou gente no metrô de Tóquio?- debaixo dos lençóis. Humano, demasiadamente humano.

Aliás, nada mais lindo que o reconhecimento imediato da flatulência do(a) amado(a). E aquele silêncio cúmplice na reunião social. Só uma olhadinha de recriminação, nada mais apaixonante.

Em tempo: Todos os homens da mesa eram felizes. Estavam no primeiro grupo ao qual se referia García Márquez.

Alta combustão do semi-árido 06-jan-2003

E fava com cachaça, meus amigos, é de explodir quarteirão. Uma desgraça. Pensa que é essa flatulenciazinha civilizada e conhecida de vossos maridos? Uma égua. É podreira, negas, punk-rock de verdade. O horror, o horror, o horror...

Por Xico Sá

Eis um conselho ao velho Lula e ao seu fiel escudeiro José Graziano, o homem do Fome Zero, botem tudo na panela do programa para a miséria, menos uma coisa: a tal da fava!

De alto poder de combustão, espécie de bomba H do semi-árido, esse feijão branco e turbinado é um perigo. Capaz de incendiar um país caso faça parte de qualquer cesta básica. A combustão dura dias. Se acompanhada de ovo caipira (não esses ovinhos descorados que têm ajudado a androginar a meninada urbana por aí!) e batata doce... Nossa Senhora do Ó (padroeira ali das bandas de Porto de Galinhas) nos defenda!

Mas que é uma delícia, isso é.

O problema é a fedentina cívica que vai subir sertões e arrabaldes acima. Fava não é brincadeira, Graziano. Outro dia comi um prato desses, preparado pelo gourmet do ramo Cláudio Assis (nas horas vagas diretor de “Amarelo Manga”), e passei umas duas semanas com uma nuvem de urubus sobre a cabeça. Adonde eu ia, os bichos iam atrás. Um verdadeiro rastro de merda mundo afora.

Todos os comensais experimentaram a mesma história. Até as moças mais delicadas da sociedade carioca.

E fava com cachaça, meus amigos, é de explodir quarteirão. Uma desgraça. Pensa que é essa flatulenciazinha civilizada e conhecida de vossos maridos? Uma égua. É podreira, negas, punk-rock de verdade. O horror, o horror, o horror, senhores do apocalipse.

Nossa liberdade acaba quando começa a combustão de fava do vizinho. Fome zero sim, mas sem esse feijãozinho metido a bomba H, faz favor!

Essa menina mulher da pele preta 06-jun-2003

Receita para fazer a alegria dos santos e das mocinhas nas terças nobres dessa vida.

Por Miss Soledad

Terça nobre e negra. O aperitivo é “tripa”; o desejo é embalado em vidro: é “cachaça”; e o santo é “Pedro”. No Pátio de São Pedro, na pobre e linda Recife, depois de terminada a missa das oito é hora de “bater tambô”. As luzes acendem e os bares botam as mesinhas para “começar os trabalhos”. O Buraco do Sargento comanda os tira-gostos da melhor qualidade para acompanhar a “cachaça”. E, claro, é sempre bom alguém à altura pra acompanhar a danada, mas serve também um solitário “umbu-cajá” que custa 0,10 centavos, se não tiver muita escolha - duvido que alguém fique só depois dessa combinação de sair fogo pelos olhos.

A minha amiga Joana (coisa mais linda dessa vida!) é que é boa nos dois, cachaça e tripa, e, depois da terceira virada de copo, faz a alegria do santo, joga cachaça até pros outros santos dos pátios vizinhos.

Não pode ter cerimônia pra entrar na cachaça, tem que ter coragem e desobediência. Mas assumir um pratinho de “tripa” pra tirar o gosto da “cana” é coisa pra moça? Menino, não é que é mesmo! Eu pensei que coisa de moça era comer um saquinho de pipoca no cinema, mas não é que as moças tão afoitas na cachaça e na tripa, e ainda sabem decorado a receita! E tem lá que aprender a fritar essa coisa? Tem. E é assim

A receita:

Comprar a tripa não tem mistério não, serve qualquer uma. Pra lavar e dá o ponto tem que ser no olho do dono mesmo. Lave bem em água corrente e depois esprema um limão bem graúdo. Deixe ficar ali por alguns minutinhos e, enquanto isso, pode botar fogo no fogão. Deixe o óleo bem quente, depois pode mandar as danadas pra panela - escolha uma panela funda que é pra não salpicar óleo pra tudo que é lado. Depois de douradinhas e já no ponto de escorrer o óleo, coloque sal a gosto e um limão ao lado para ir espremendo aos poucos, que já é hora de servir.

A aparência:

as tripas fritas têm que chegar ao ponto de “estalar” de tão douradinhas, com umas bolhinhas que indicam o exato momento de escorrer da panela. Se passar disso, ela vai ficar com uma aparência feia, escura e nada crocante, e pode amargar e ficar feito borracha. Isso quer dizer que tem que estar sempre mexendo a panela e nunca abandonar as “tripinhas” antes de tirar da fritura.

Com carinho, ao meu amigo Bressane 05-jan-2004

Dias depois da ressaca, chegaria pelas mãos do homem da pólo amarela o motivo do porre: azulzinho, bom de carregar no bolso de bermuda solar, capa de Eduardo Kerges, “Céu de Lúcifer” , editora Azougue, serviço completo, faz favor.

Por Xico Sá

Menino, a cachaca foi tão grande que perdi o livro logo no dia do lançamento, na Merceria São Pedro, lá no murundu da Vila Madalena, na non-stop e altaneira província de Piratininga.

Dias depois da ressaca, chegaria pelas mãos do homem da pólo amarela o motivo do porre: azulzinho, bom de carregar no bolso de bermuda solar, capa de Eduardo Kerges, “Céu de Lúcifer” , editora Azougue, serviço completo, faz favor. O autor, zeloso pai de Lorenzo (enfim enfant um chute na cartilha do mão-de-vaca Brás Cubas), tivera o cuidado de me enviar o danado, o mesmíssimo da noite de autógrafos. Que falta de consideração com a crítica da fuleiragem pura, com o rapaz, o amigo, o escriba em si e sua aura dantesca e fluorescente!, culpei-me qual um narcótico anônimo. Ei de espernear nos ciclos da trilogia.

Mas também pensei: que comoção, num ano em que larguei de ser arroz-de-festa e gastei sola de sapato semi-árido adentro, reencontrar os bons litero-cachaceiros em SP - Marçal Aquino (é coisa nossa!), Marcelino Freire (é coisa nossa!), Daniel Benevides (é coisa nossa!), Bruno Zeni (é coisa nossa!), Cadão Volpato (é coisa nossa!), Fábio Victor (é coisa nossa!), Joca R. Terron (é coisa nossa!), Halley-bó (é coisa nossa!), Heitor Ferraz (é coisa nossa!), Mané Soró (é coisa nossa!), Ivana Arruda Leite (é coisa nossa!), Sizenando (é coisa nossa!)...

Antes da distinta prosa devolvida alcançar o meu alpendre paulistano - bom que se protocole -, na mesma sortida bodega da cumeeira da Vila – Terron por testemunha -, readquiri outro volume ibidem. Deu tempo só de ler o “olhodrops!” de Fortunádio, o preferido mascate come-sílaba, rei do apostrofe e alhures. “Mulher dele, nega distinta, mina de resposta, ajuda em casa, cria os pirralho, lava roupa, num zoa com os malaco da área, na delíssima, véio. Eu é que queria descolar uma nega boa assim, mas só cato é as perversa.” Aprecio esse Fortunádio!

Deu tempo só de mais umas quatro ressacas e meia e lá vem o mr. Postman com o novo livro de Ronaldo Bressane [o mesmo cabrón de 10 presídios de bolso e infernos possíveis], meus queridos. Mais autografado que camisa 10 da Gávea nos idos dos 80. 30 mil palavras depois, nessa terra de Paulos Prados tristes e gentinha comovida que só o diabo, os “psicotrópicos” nas caixas d’água e chafarizes da Sé, Maciel Pinheiro, Praça do Ferreira e Cinelândia... seriam uma comédia-flúor para todas as cáries, todos os tártaros, todos os dentes que não fazem falta.

Você sabe lá o que é isso... 02-mar-2004

Vai num canto do muro mais mijado do carnaval e confere se ela deixou marcas. Nenhuma. Terá sido uma alienígena? Uma coisa meio dr. Fritz do sexo, Arigó do sexo, como aquelas cirurgias espíritas?

Por Xico Sá

O amigo O. acordou naquela quarta-feira de cinzas, em uma ladeira de Olinda, aliviado, aliviadíssimo, mas com uma indagação pertinente: “Quem tirou o meu queijo?”

Mal percebia que acabara de trocadilhar o seu estado de espírito com o título de um grande best-seller da auto-ajuda, mais vendido do que sulanca na feira de Caruaru ou pequi na feira do Crato, o tal do “Quem mexeu no meu queijo?”. O trocadilho não-intencional do amigo, diga-se, só tem sentido no Recife e arredores, d’onde queijo vem a ser o desejo sexual envelhecido e qualhado no cérebro.

Bela metáfora-lactícinica que mostra como o conteúdo do saco escrotal pode virar queijo no juízo, no cocoruto, no toitiço. Você, amigo(a) de outras plagas, não carece rir forçado... Esta crônica tem graça geograficamente delimitada... e olhe lá. Dou-me por contente se arrancar-lhe um riso amarelo -daqueles de repartição!-, um rápido frangir no lado esquerdo dos beijos, um muxoxo, um grunhidozinho quaisquer.

“Quem tirou o meu queijo?”, perguntava O. para ele mesmo, enquanto era atropelado pelos cachaceiros do Bacalhau do Batata, bloco formado originalmente por garçons que não tinham como brincar o tríduo momesco e invadiam assim a quarta cinzenta.

“Quem tirou o meu queijo???” , gritava mais alto ainda.

Você sabe lá o que é isso: depois de meses sem foder acordar com a bela sensação de alívio? Terá sido uma amiga envergonhada com medo de estragar a amizade? Ou uma francesa-roquefort tarada, linda e fedida, como reza a obviedade clicherosa? Uma paulista gorda, linda e rosada de tanta pizza? Uma gostosa qualquer? Uma jambo-girl de Rio Doce? Aquelas ex-namoradas de Fabinho que a humanidade Olinda Style platonicamente deseja?

“Quem tirou o meu queijo?????”

Ele gritava, abafado pelos metais e peidos cachaçais do Batata.

Vai num canto do muro mais mijado do carnaval e confere se ela deixou marcas. Nenhuma. Terá sido uma alienígena? Uma coisa meio dr. Fritz do sexo, Arigó do sexo, como aquelas cirurgias espíritas? Terá sido marcha à ré? Nossa Senhora o defenda de uma má hora dessas. Por via das dúvidas, o amigo confere com o fura-bolo o fiofô. Lembra que brincou no “Segura o Cu”, tradicional agremiação do carnaval olindense. Mas também não encontra sinais de entrega do papeiro a seu-ninguem.

“Quem tirou o meu queijo?????”

O cabra endoida na praça do Jacaré. Vai a um espelho e confere: o sorriso é de felicidade de quem gozou muito, mesmo sem saber com quem e como. Fudeu.

Foi a cachaça, meu fio? Peraí que tem jeito! 04-abril-2004

Receita pra levantar defunto...

Por XicoSá

Esse negócio de cuidar apenas da ressaca é remate de males para amador. Pra turma do sorrisal.

Se a cachaça vai ser mesmo pra derrubar (de outro jeito não tem graça nem quixotismo) num tem receita melhor do que um Caldo de Carne.

Na casa de uma tia lá do Ceará, é assim: juntou mais de três cabras pra beber, ela dá aquela olhadinha da porta e já acende o fogo e coloca o caldeirão pra ferver!

Dentro: um caldo de carne de levantar defunto de Chave de Ouro (cachaça mais popular no Ceará, aquela cuja propriedade é fazer o bebum cair, preventivamente, de cu trancado).

Primeiro passo é fazer uma carne moída bem temperada com tomate, cebola e bastante “tempero verde”, como a gente chama aqui no nordeste o famoso coentro e cebolinho. Alho e sal é sempre bom também. Depois de cozinhada a carne moída, coloca-se a panela com água para ferver com um pouco sal e meia colher de margarina. Quando subir a fervura, joga-se a carne dentro e abaixa-se o fogo. Então, é pegar uma vasilha, colocar água fria e desmanchar farinha de mandioca dentro e aos poucos ir colocando na água fervente da panela com a carne moída até engrossar o caldo. E aí continua mexendo, tendo o maior cuidado para não embolar a farinha no caldo.

Depois de ferver mais um pouco, quebre um ovo inteiro numa concha e lentamente vá mexendo na panela do caldo. Ai é só desligar o fogareiro e servir pra cambada. Quero ver ressaca. O danado acorda disposto que só viúvo de mulher ruim.

Do cuscuz branco e a guerrilha estética 22-junho-2004

Sibito é bom... mas é tira-gosto. Uma receita para tirar o papeiro da miséria.

Por Bob Moustache

O cuscuz já deu sua cara em outra ocasião neste sítio. O nordestino, amarelado, de farinha de milho, origem marroquina (salve menino Azoba!), comum nas feiras e mercados da Vila Maurícia (“sou do Recife com orgulho e com saudade”). Com estas mal-traçadas trago de volta a iguaria. Ao menos sua alcunha, pois aquele que se vende na Guanabara em nada parece com o de cima - de semelhança apenas o grau do leite. Refiro-me ao branco, doce, feito de mandioca (tapioca, nas bandas do sudeste), encontrado em tabuleiros das ruas de São Sebastião. Ô negócio bom, rapaz! Invenção dos diabos. Que o diga as gazelas sempre plugadas com as balanças, medidoras dos pesos e das almas. Tudo o que faz engordar ali tem. Farinha de tapioca, tem. Coco, tem. Leite moça - por cima – se quiser, tem. Plus de obrigação. Calorias? Vixe...!

Mas é esse danado o responsável pela salvaguarda do patrimônio nacional. Explico-me. Alguém já deu uma volta pelas ruas históricas do centro do Rio? Se deu o trabalho de contar com quantos tabuleiros de tal guloseima deparou? É de perder a soma. Mudo a pergunta: e mulheres bonitas, viu muitas? Falo daquelas, dos tempos da liberdade do gosto, de quadril largo, carne farta, papeiro sem miséria... aí é de perder os dedos e o juízo! São muitas, nêgo! Verdadeiras representações dignas da raça! Tal proporção de tabuleiros de cuscuz e femeaça (Houaiss: mulher grande, forte ou gorda; mulheraça) levou-me a indutiva conclusão de que o cuscuz carioca é o grande mantenedor das princesas das carnes generosas. Salvem o cuscuz e nossas musas!

Militando na contra-informação, abalando os armazéns-estéticos e a preferência planejada, O Carapuceiro traz (mais pra você leitora) a receita deste manjar das deusas. Afinal, como reza a cartilha dos sábios malungos: sibito é bom, mas é tira-gosto!

Cuscuz carioca

Ingredientes:

250 g de farinha de tapioca;

1l de Leite

3 cocos ralados;

1/ kg de açúcar.

Modo de preparo:

Misturar os cocos com o açúcar e a farinha de tapioca até formar uma massa. Ferver o leite e jogar por cima da massa. Depois, é só tampar a mistura e deixar dormir por uma noite. Trankilo...

DIÁRIO DA CORRUPÇÃO / AURORA BOULEVARD

Diário da Corrupção revela a arte de furtar e remates do desengano nacional

13-Junho-2000

Xico Sá

Nesta nova seção, este periódico tenta acompanhar a gatunagem do reino, das Capitanias e das províncias que dizem respeito à nossa geografia do desfalque. Veja como querem subtrair mangues em nome da nova usina do camarão.

Diário da Corrupção revela a arte de furtar e os desfalques do reino

13-Junho-2000

Em nova seção, este periódico mostra o quotidiano da camarilha e da rapinagem tupiniquim.

Xico Sá

Como o gato que os padres da Companhia de Jesus criavam em Coimbra, espertos senadores desta República se lambuzam de lama, colam farelos de pão ao corpo e deitam na terra, fingindo-se de mortos, para atrair inocentes pardais para as suas afiadas unhas postiças.

É o caso do projeto de lei que tenta subtrair cerca de 30 mil hectares do manguezal brasileiro. A autora da brincadeira é a senadora pefelista Maria do Carmo Alves, que vem a ser mulher de João Alves, ministro-raposa do governo Sarney e um dos donos da Capitania de Sergipe.

A idéia da senhora Alves é ganhar a licença oficial para destruir o já arrebetado mangue, pondo no seu lugar viveiros de camarão _nova diversão liberal dos decadentes barões da Casa-Grande nordestina.

Pelo tamanho do negócio sabe-se a possibilidade de rapinagem. Os reis do crustáceo alegam que com os 30 mil hectares gerariam US\$ 7 bilhões em renda. O CARAPUCEIRO não duvida desta cifra, assim como sabe que não sobrá sequer uma cabeça de camarão para os buchudinhos da Senzala.

Vamos entupir a caixa postal do Senado (senado@gov.br) e breçar a esperteza dos gatunos enlameados.

Ciranda cearense na dança do nepotismo 25-junho-2000

A brincadeira começa com o rodízio de parentes, mas já tem hora para acabar.

Por Xico Sá

Mancomunados, como mandam os princípios solidários da arte de furtar flagrada pelo virtuoso Padre Vieira, prefeitos e juizes do Ceará descobriram uma forma revolucionária para não deixar morrer o velho e bom nepotismo.

Eu contrato tua mulher, tu contratas a minha, eu contrato teu filho, tu assinas com o meu. E por aí vai o rodízio de sobrenomes. No final das contas, fazemos um troca-troca e cada parente estará perto do seu respectivo ente querido... Essa era a moral da ciranda cearense.

Nesse roda-e-avisa, sete políticos e um juiz engordaram os bolsos de 26 herdeiros. O Ministério Público Federal flagrou a brincadeira, mas, na distribuição, a denúncia acabou indo parar na mesa do juiz implicado, Meretíssimo Sr. Napoleão Nunes Maia Filho (8a Vara Federal de Fortaleza), a quem caberia o auto-julgamento. Inabilitado para resolver a parada, o caso foi julgado por amigos e substitutos de Napoleão. Carece dizer o resultado da peleja jurídica? Carece não.

Nomes aos bois - Prefeitos e ex-prefeitos implicados: José Vandervelder (município de Farias Brito), Maria Eliomar (Aurora), Francisco Farias Neto (ex de Guaramiranga), Dráulio de Holanda (atual de Guramiranga), Julio Cesar Lima (Maracanaú), Sergio Aguiar (Camocim), Antonio de Souza (ex de Pereiro), José Irineu de Carvalho (atual de Pereiro), José Rubens (ex de Tejuçuoca), João da Silva Mota Filho (atual de Tejuçuoca).

*Fontes: Ministério Público Federal e Consultor Jurídico (www.uol.com.br/consultor)

Quem você gostaria de levar ao xilindró? 28-junho-2000

Leia o Diário da Corrupção, nova coluna deste periódico, a sua agenda cotidiana da gatunagem nacional.

Por Corruptograma, Medições da Arte de Furtar LTDA

- 1) Fernando Collor, que teima em ser candidato a alcaide da Capital paulista
- 2) Rosane Collor, sua mulher, recentemente condenada pela pilhagem na LBA. Um habeas

Crime & Castigo: Maluf quer prisão perpétua 01-julho-2000

Leia o Diário da Corrupção, coluna espelhada nos sermões do padre Vieira sobre a Arte de Furtar.

Por Ana Grigórievna

Pela primeira vez na história da arte de furtar, como observaria o padre Antônio Vieira, alguém recorre à uma casa de leis para pedir o esticamento do seu próprio possível castigo.

O autor de inusitado pedido é o ex-alcaide da Província de São Paulo, Paulo Maluf, que roga ao Congresso o aumento de 30 para 60 anos no limite máximo de prisão de um criminoso.

Pela vontade do requerente, toda prisão deveria ser perpétua, mas o seu desejo encontra uma causa pétrea e constitucional no caminho.

A julgar pelo conjunto da obra malufista, uma temporada de 60 anos no inferno não é nada. Está certo quando pede autopunição eterna. Que seja feita a sua vontade.

O ladrão de galinha, esse incompetente 22-agosto-2000

Em plena era dos furtos competentes, do tráfico de influência e dos roubos dos homens-anfíbios, membros superiores privados e membros inferiores públicos, lembramos da mais antigas das artes de furtar.

Por Honoré de Balzac

O ladrão de galinha, entre os profissionais, é o homem consagrado por um hábito imemorial, pra designar esses infelizes prestidigitadores que só exercem sua habilidade sobre objetos de pouco valor.

Em todos os ofícios há uma aprendizagem; aos aprendizes só são confiadas as tarefas mais fáceis, para que não ponha tudo a perder; depois, segundo o mérito, sobem gradativamente de posto. Os ladrões de galinha são os aprendizes da corporação a que pertencem e fazem suas experiências in anima vili.

Da mesma maneira que o abade Faria iniciava o treinamento de seus discípulos na arte de hipnotizar utilizando uma cabeça falsa coberta por uma peruca, antigamente os ladrões de galinha treinavam num manequim pendurado por um fio. Se o homem de vime fizesse um movimento, uma campainha soava; o professor imediatamente lhe administrava um saudável corretivo, depois ensinava o aluno a subtrair o lenço sutilmente e sem ruído.

Mas, esta idade de ouro dos ladrões de galinha não existe mais; a arte desses senhores, digna de Esparta, está em decadência: passou por várias revoluções, várias fases, e eis a situação atual daqueles que a exercem:

O pequeno roubo é, mais exatamente, o seminário onde se recruta para o crime, e os ladrões de galinha, como vemos, não passam de maus atiradores do grande exército dos profissionais sem patente.

Se o ladrão de galinha é um homem já de certa idade, nunca será grande coisa: é uma inteligência inferior, e nunca irá além de relógios, sinetes, lenços, bolsas, xales, e só terá problemas com a polícia correccional.

*Trecho do “Código dos Homens Honestos ou a arte de se deixar enganar pelos laráprios”, tradução de Léa Novaes, Editora Nova Fronteira, 1995.

Código de conduta para amigos do alheio 14-setembro-2000

Até o dia das eleições municipais, publicaremos o exemplo de Graciliano Ramos, o alcaide mais que perfeito.

Por Mariano José de Larra, guarda-livros e contador deste Carapuceiro

Em tempos de fatigadas eleições municipais, O Carapuceiro mira-se no exemplo do ex-prefeito de Palmeiras dos Índios Graciliano Ramos (1929-30). Neste município alagoano, o autor de Angústia foi tão zeloso com o cacau público quanto era com a sua escrita. Um furto, por menor que fosse, era tão ofensivo para o velho Graça quanto um gerúndio ou um adjetivo frouxo no seu texto movido a olho seco.

O alagoano, comunista perseguido e levado ao cárcere pelo getulismo panaca, deixou, nos seus ``Relatórios'', um código de ética para quem pretende governar para os munícipes e não para a botija particular. A seguir, pequenas mostras de prestações de conta de G.R. ao governador Álvaro Paes:

GRATIFICAÇÕES - 1:560\$000

Estão reduzidas.

ILUMINAÇÃO

A Prefeitura foi intrujada quando, em 1920, aqui se firmou um contrato para o fornecimento de luz. Apesar de ser o negócio referente à claridade, julgo que assinaram aquilo às escuras. É um bluff. Pagamos até a luz que a lua nos dá.

CEMITÉRIO

No cemitério enterrei 189\$000 - pagamento ao coveiro e conservação.

(Até o dia das eleições, primeiro de outubro, continuaremos a publicar os relatórios do velho Graça).

LEIA MUITO MAIS

Relatórios, livro de Graciliano Ramos, foi publicado em 1994, graças a uma co-edição da Fundação de Cultura Cidade do Recife com a editora Record, do Rio de Janeiro. O exemplar foi organizado por Mário Hélio, com apresentações de José Paulo Cavalcanti Filho e Joel Silveira.

A arte de não se deixar enganar pelos escroques 04-outubro-2000

O Carapuceiro apresenta mais uma dose preventiva contra a rapinagem, a corrupção e desvios gerais de conduta.

Por Honoré de Balzac

A escroqueria pressupõe uma inteligência aguda, uma sutileza de espírito, uma certa habilidade. É necessário fazer um plano, ter recursos. Chega a ser interessante.

Os escroques são as pessoas feitas sob medida para o mundo dos ladrões de salão; não causam repulsa ao olhar; adotam a maneira de vestir do homem honrado, têm boas maneiras, um linguajar estudado. Costumam introduzir-se nas casas de várias formas, estão sempre nos cafés, têm um apartamento e raramente usam os dez dedos a não ser para assinar. Há alguns que se aposentam e se transformam em pessoas honestas, quando ficam ricos.

Um homem de bom senso terá medo dos mil perigos que corre em Paris. Calculou-se que havia na cidade cerca de vinte mil indivíduos que, pela manhã, ignoram como vão jantar. Isto não é nada. O fato é que jantam e jantam bem.

A classe dos escroques é numerosa, como se pode ver, e apresenta curiosas singularidades.

Na verdade, esse homem feito sob medida para o mundo dos ladrões de salão nasce e morre a cada 24 horas, como aqueles insetos do rio Hypanis de que fala Aristóteles. Para ele, o problema foi resolvido se fez a refeição da noite.

LEIA MUITO MAIS

*Para inteirar-se sobre os escroques, públicos e privados, busque “Código dos Homens Honestos”, de Honoré de Balzac, da coleção Clássicos da Nova Fronteira, tradução de Léa Novaes.

A moda dos amigos do alheio 03-novembro-2000

Não foi à toa que Lalau foi visto em Milão. Nossos procurados ou depoentes estão cada vez mais fashion.

Por Xico Sá

Lalau foi visto em Milão a fazer compras. Taí, de uma coisa não podemos nos queixar: os corruptus brasiliensis vestem-se cada vez melhor. Depois de virar moda entre os capos italianos flagrados pela Operações Mãos Limpas, os ternos Armani viraram o traje oficial da pilantragem.

Da tunga fiscal do nosso melhor estrategista do esporte bretão, Wanderley Luxemburgo, à rapinagem de um Luiz Estevão ou Eduardo Jorge. Pois tanto faz quando o escândalo é o da mesma faixa horária. Novela é novela, só muda o fuso em relação ao relógio do jantar.

Já repararam como só dá Armani nas nas CPIs? Essa história, aliás, começou com o próprio dono da grife, quando foi chamado à resposta pelos promotores italianos da brigada Mãos Limpas.

Até na CPI da Nike, que poderia ser mais informal, tipo esporte fino, os ternos bem cortados ditam o jogo.

No Collorgate, imperava a deselegância. PC Farias contrariava porque era mais brega. Tinha bom gosto apenas para o uísque, nunca abaixo dos 20 e poucos anos. Descontrol-hepatológico, como cunhariam as finas do 02 (www.uol.com.br/02neuronio).

As CPIs enriquecem também a Daslu, loja dos afortunados de São Paulo. Depoimento de perua é Daslu na certa. Ex-mulher que acusa marido? Ih, tailleurzinho fino na certa.

A rapinagem nacional, de um modo ou de outro, sustenta o superfaturamento das vitrines dos Jardins de São Paulo. Desde as priscas eras das amantes de Adhemar de Barros - não adiante tentar o furto de patentes que o copyright do “rouba, mas faz” é dele!, ninguém tasca, viu primeiro – até as vergonhas mais descobertas e anatômicas de hoje.

Só resta saber, do Baile da Ilha Fiscal ao début do mais recente mão-boba, se são os corruptos que estão na moda ou é a corrupção que já nasceu sob medida.

Ladrões de galinha pedem direitos iguais 26-dezembro-2000

Em carta enviada ao Carapuceiro, romântico amigo do alheio reivindica isonomia entre os crimes de bagatela e os delitos do colarinho branco. Tudo na nossa coluna dostoevskiana.

Por F. D.

Em nome dos românticos ladrões de galinha dos quintais de Pindorama e de outros tantos gatunos que roubavam sem machucar nem deixar rombo no Erário, venho, oportunamente, reivindicar diferenciação de estudo dos crimes e, por conseguinte, alívio nos castigos para os delitos de bagatelas. Como pode, por um desfalque de três chupetas, como foi o caso de uma mãe de família de Campinas, São Paulo, na véspera do Natal, ser punida incontinenti, enquanto corruptos e corruptores de mancheia -ver listas de episódios Collorgate, Anões do Orçamento, TRT paulista et caetera - soltam bufas com gases champanhosos ao ar livre?

A arte de roubar galinhas, monopólio dos famintos ou antiheróis da resistência dos pequenos crimes sem vítimas, não pode ser pisoteada por tantas injustiças. Queremos, sem nenhuma falsa modéstia, o isonomia, essa palavra tão balbuciada pelos meretíssimos na ocasião de solicitações de fermentos que inchem os seus salários. Isonomia já com os ladrões de colarinho branco, embora saibamos que a nossa honra, orgulho e autoestima são infinitamente superiores a qualquer Luis Estevão, da primeira geração de gatunos nascidos na nova capital de Pindorama, flor do cerrado, embora esteja mais para pântano.

Aprendi, no castigo, com o Dostoevski de Memória da Casa dos Mortos, que o pior da cadeia é a falta de solidão. Estava na hora de fazer estes senhores experimentarem, quadrado por quadrado, num desenho lógico, a disputa por uma nesga de sol, que nasce com cheiro de mijo, merda e tudo aquilo que sobra do nosso caráter demasiadamente humano.

Pelo direito dos ladrões de galinha, subscrevo-me.

Atenciosamente,

F.D., Instituto Paulo Sarasate, Fortaleza, Ceará, Terra da Luz, 20 de dezembro de 2000.

Mamatas que não cessam 23-janeiro-2001

Em tempos de subsídios parlamentares e descobertas de ninhos de ratos nas casas legislativas, O Carapuceiro resgata um texto exemplar de Aparício Torelly, o Barão de Itararé, nosso companheiro de redação de A Manhã.

Por Aparício Torelly, Barão de Itararé

Convidado para relator das emendas do Senado, elevando para 200\$000 o subsídio dos dos congressistas, aceitei o encargo porque é preciso lembrar, de vez em quando, que sou um homem de coragem.

O Tavares Cavalcanti, comedor inveterado, convidado, ficou com medo diante da atitude hostil da bancada mineira. O Bianor de Medeiros, outra garganta de ouro, da mesma forma, empalideceu e não quis assumir a responsabilidade. Todos queriam o aumento, mas ninguém era capaz de justificá-lo. Houve, então, um momento crítico em que estiveram em perigo, por falta de relator, as inteligentes medidas propostas pelo Senado. Foi então que abotoei o casaco, apertei o chapéu na cabeça e resolvi comprar a parada, porque eu também tinha parte no bolo.

A

eu tar



Qual o maior bandido vivo do Brasil? 19-fevereiro-2001

O Carapuceiro resgata concurso do co-irmão gutenberguiano O Homem do Povo. Mande o seu voto para porta restante deste periódico.

Por Xico Sá

Irmanado com as melhores idéias dos co-irmãos antigos que fizeram época no gutenberguismo militante, O Carapuceiro relança um concurso do velho O Homem do Povo, periódico editado no começo do século passado por Oswald de Andrade e a sua brava e linda, linda, linda Patrícia Galvão, a gloriosa Pagu, admirável mulher que, apesar do rápido aburguesamento ao lado do consorte do cadilac verde, não faria feio em Tejuco-papo

O mote do concurso, pois: Quem, na sua opinião, é o maior bandido vivo do Brasil?

Vale qualquer um, mesmo aqueles que, perante a convivência da Santa Madre Igreja, puderam ser batizados como Inocências. Vale inclusive a bandidagem platônica, arte daqueles que agem na sombra, igualmente católicos, papa-hóstias de primeira qualidade – não, não estou a falar de Marco Antonio Maciel e suas utilidades, pois o dever, rezava o manual espiritual da nossa versão impressa (salve o anarco-cristão Lopes Gama, vigário fundador desta folha!) mandava dos defeitos falar, não das pessoas (Marcial Liv 10. Espit.33).

Escrevam, escrevam, escrevam para a porta restante deste periódico (ocarapuceiro@uol.com.br) . Votem, votem, votem. Como o inferno são os outros, só não vale sufragar o próprio nome. O resto vale.

Cliente morto não paga 18-abril-2001

Veja os resultados parciais do concurso que une O Carapuceiro e o Homem do Povo.

Por A. Jaccourd Pereira da Costa

Há um mês, O Carapuceiro, inspirado em concurso do co-irmão O Homem do Povo, periódico sob a batuta de Oswald de Andrade e sua vaporosa Pagu, resgatou o concurso O Maior Bandido Vivo do Brasil, gincana ocorrida em São Paulo no final dos anos 20. Eis o resultado parcial da enquete:

- 1 lugar: sr. Fernando Henrique Cardoso – 35% dos votos
- 2 lugar: Nicolau dos Santos Neto, -20%
- 3 lugar: Sua excelência, o senador Antonio Carlos Magalhães – 15%
- 4 lugar: Sua excelência, o senador Jader Barbalho – 10%
- 5 lugar: Sua ex-exconc

Sermão do arrependimento* 25-abril-2001

De como agem os senadores de Pindorama e de onde nascem as suas lágrimas amargas de ocasião.

Por Xico Sá

Os políticos de hoje são tão governados pelo marketing e pela estratégia que até o choro sai da prancheta do publicitário. Mas chega de maldade e ceticismo. Vamos acreditar que as lágrimas do senador José Roberto Arruda, réu confesso na fraude do painel eletrônico, tenham vindo mesmo do fundo da nascente da consciência enlameada. Vamos supor que sejam humanas, demasiadamente humanas, as tais gotas de mea culpa. Nessa hipótese, as lágrimas de arrependimento até merecem o elogio da grandeza patrocinado oportunamente pelo Príncipe da Moeda (o grifo é do xará de Apipucos) e ex-ateu promovido a cristão novo, sir Efe-Agá.

Ao despertar a compaixão publicamente, o pecador, concluem os sermões do Padre Antônio Vieira, parece limpar os desvios e rapinagens incrustados em corpo e alma. Nem precisa ler os sermões sobre a arte de furtar para ter ciência de tal efeito. Ainda mais num País cuja herança jesuíta está em todas as partes, as lágrimas e o arrependimento do tucano José Roberto Arruda podem até salvá-lo do fogo da cassação.

Cada povo, reza a antropologia mais óbvia e rasteira, com a sua herança cultural. Caso fosse um senador japonês, por exemplo, o episódio geraria uma tragédia – cruz credo! O costume daquele País, em ocasiões semelhantes, é o maldito haraquiri, que consiste no suicídio, maneira de castigar-se pela vergonha provocada à Nação.

Mas nossos japoneses são melhores do que os outros, como rezava o reclame. Voltemos a Brasília, pois. E às lágrimas amargas do sr. J. R. Arruda. O pior nisso tudo é que a "verdade" narrada pelo ex-líder de Efe-Ága não parece inteira. Foi apenas a verdade possível, para usar uma expressão cara aos tucanos fãs do otimista Cândido ou da inocente Pollyana, a Moça, digo. Segundo informes da família de Regina Borges, ex-diretora do Prodasen, o escaninho digital do Senado, responsável pela denúncia da fraude, o papel do sr. Arruda teria ido além da sua confissão de arrependimento.

Estaria apenas a caminho da verdade bíblica, mas não teria chegado ainda lá o nobre senhor. Não deixa de ter sido, mesmo pela metade, um "belo gesto", como vibrou o líder do governo no Congresso, o peixe-graúdo e amazônico Arthur Virgílio, do PSDB dos igarapés mais enrolados.

Espetacular e histórico, o mea culpa – culpa pela metade, aqui no nosso novo dicionário tupy-or-no-tupy - na verdade não acrescenta nada à credence popular, que, embora cristã, já não gasta mais reza nem confia em bons ladrões.

Como bom cristão, todavia, o arrependimento do sr. Arruda só se completa com a entrega da doce rapadura da renúncia. Nem carece contar o resto da verdade, que cuida, sozinha, de tomar corpo e autopromover-se, stripper profissional que vaga nesse mundo perdido de meu Deus.

Quanto ao senador Antonio Carlos Magalhães, da Bahia de Todos os Santos, são outras mandingas. Não é qualquer dogma cristão, mesmo o que reina no momento entre as almas penadas do Cerrado, que vai arrastá-lo para o sepúlcro. Esse, só com reza braba.

*Esse texto, com algumas outras convenções, também está no Diário Popular, edição de 25.04.2001

O Príncipe desce do jegue 03-maio-2001

Depois de mandar esquecer o que escreveu, o Príncipe da Moeda cospe no prato que comeu no alpendre e no curral eleitoral dos coronéis.

Por Xico Sá

No seu discurso de enterro da Sudene e da Sudam, o Príncipe da Moeda, velho Efe-Agá, do alto da sua modernidade e cinismo ilustrado, sentou a pua nas "oligarquias arcaicas" do Nordeste. Seria um ótimo sermão, caso guardasse pelo menos uma gota de coerência e um molhadinho que fosse de mínima moralia. Não é o caso. Se existe alguém que cuidou em dar sanguinho novo ao que há de mais atrasado na região este agente foi o marido de dona Ruth.

A aliança eleitoreira entre o PFL dos velhos coronéis e o PSDB dos neocoronéis nordestinos começou na buchada de bode, iguaria que selou o acordo entre a dita modernidade do Cebrap (o centro de estudo que gorou os intelectuais tucanos), e se sustenta até hoje na rede de apoio parlamentar tanto da concha pra baixo quanto da concha pra cima.

Ao lambar os beijos populistas com a buchada dos grotões pefelistas, o moderno professor Efe-Agá rejeitou qualquer ruptura ou quebra de balcões viciados como a Sudene – órgão, aliás, criado com a melhor das intenções pelo economista paraibano Celso Furtado, que pretendia reduzir a desigualdade entre as regiões. Anotem aí: cada assalariado nordestino vale apenas um terço, no leilão da mais-valia de Pindorama.

Ao atacar as "oligarquias arcaicas", o presidente também esquece vários estudos feitos pelo seu próprio governo, na primeira gestão, que mostravam o proveito de moderníssimas empresas e escritórios da avenida Paulista com subsídios e isenções da Sudene e da Sudam.

O vírus da corrupção, pelo que sabemos, não é privilégio do velho coronelismo sertanejo. O mal também não tem escolha estética. Ataca tanto os que vestem os inseparáveis ternos de linho branco e alpercatas de couro como os elegantírrimos senhores protegidos por impecáveis Armanis. A corrupta é fashion – repare nos desfiles que se tornaram as CPIs.

Ao se referir às oligarquias arcaicas, o Príncipe da Moeda (o batismo é do confrade Gilberto Felisberto Vasconcelos, vulgo xará de Apipucos!) talvez não tenha lembrado de políticos tidos como modernos, caso do mandatário cearense Tasso Jereissati. A CPI do Finor – o fundo de inventimentos da Sudene – tem farta papelada sobre negócios fraudulentos do empresário tucano com projetos da autarquia extinta nestes dias pela canetada presidencial.

Tivesse disposição para enfrentar as oligarquias, o Príncipe do Agá não tinha montado uma estrutura de apoio no Nordeste mais reacionária e à direita do Fernando I que o antecedeu. Inspirado talvez no político e estrategista do mal Floro Bartolomeu, espécie de Golbery do Couto e Silva do Padre Cícero, o presidente conseguiu fazer a segunda versão do "Pacto dos Coronéis", acordo da elite nordestina do começo do século passado.

Agora é fácil, em mais uma tentativa de maquiar a cara lavada e repleta dos pés-de-galinha de náusea sartreana e ladroagem, descer do jegue eleitoral – lembrem-

se do então candidato tucano no lombo de um destes animais, em Delmiro Gouveia, Alagoas?

Depois de mandar esquecer o que escreveu, o PhD da Dependência cospe no prato que comeu. Viva a buchada de bode! Ou buchadá de bodê, na pronúncia Quartier Latin do infeliz.

Go home, Mr. Biggs 06-maio-2001

A concorrência nacional é de lascar. Por isso, o simpático larápio inglês tomou o caminho de casa, com saudade dos ares do Tâmis e da cerveja preta dos pubs de lá.

Por Xico Sá

O lendário Ronald Biggs, um dos assaltantes do trem pagador inglês, vai voltar para Londres, onde deseja viver os últimos anos da sua vida. Embora alegue saudades da cerveja preta inglesa e dos ares londrinos, vejo outra razão, de ordem irônica, na nova fuga do famoso larápio. O que Biggs não suporta mais no Brasil é o tamanho a que foi reduzido, diante de uma concorrência nacional insuportável. Apenas na última década já surgiram tantos PCs e Lalaus capazes de deixá-lo humilhado e ofendido.

Noves fora a roubalheira, a ética, por si só, é outro problema para Mr. Biggs. O que é um roubo de um trem diante de painéis violados por senhores da dita Câmara Alta de um País? É mesmo humilhante, nobre senhor inglês. Nada tens mesmo a fazer, senão voltar correndo para a beira do Tâmis.

Nos primeiros anos no Brasil, ainda eras atrativo para visitantes e nativos. Ah, vamos conhecer o assaltante do trem pagador! Hoje, qualquer ranário da família do senador Jader Barbalho (PMDB-PA), obra da dinheirama da Sudam, é muito mais singular. Lá estão as rãs mais caras do mundo.

Os negócios legais do Brasil das privatizações, então, deixaram Mr. Biggs ruborizado. Se tivesse guardado algumas libras, certamente entraria em algum consórcio para ficar com uma banda da telefonia. Pobre, assistiu a tudo com o travo da inveja na boca.

No capítulo dos crimes comuns, qualquer Marcelo Borelli, aquele do sequestro do Boeing da Vasp, fez do homem do trem pagador um trombadinha. E a quadrilha de Fernandinho Beira-Mar? Humilhante, caro senhor inglês.

Melhor mesmo, Mr. Biggs, o sossego e o respeito de uma prisão inglesa, do que o perigo das ruas do Rio ou de São Paulo. Isso aqui está um horror. Soube até que tinhas sido assaltado – é verdade? -, conferindo ao atrevido amigo do alheio os clássicos cem anos de perdão!

Não dá mais, velho Biggs. Go home, mr. Biggs. Isso aqui é para profissionais. Por falar em ladrões...

Perdida no meio do noticiário sobre a solidariedade dos artistas baianos ao senador Antonio Carlos Magalhães, cujo mito está em apuros no Senado, chama a atenção uma frase de dona Canô, mãe de Caetano Veloso e Maria Bethânia.. Disse ela, em manifestação pró-ACM, no dia da acareação: "Devemos lutar pelos nossos amigos, sejam eles como forem: generosos ou não, honestos ou não, ladrões ou não".

Como diria o velho Gregório de Mattos, o "Boca Maldita", Triste Bahia, o quão dessemelhante!

Cadeia já para Maria 11-maio-2001

Essa é uma história para ser lida depois que a última pá de terra esfarelar sobre o cadáver da CPI da Corrupção, vítima prematura da doença infantil do tucanismo, o sufocamento ou abafa - mal-estar da modernidade dos tempos que correm em Pindorama.

Por Xico Sá

Essa é uma história para ser lida depois que a última pá de terra esfarelar sobre o cadáver da CPI da Corrupção, vítima prematura da doença infantil do tucanismo, o sufocamento ou abafa - mal-estar da modernidade dos tempos que correm em Pindorama. É a história e Maria, não a cheia de graças, tampouco a imaculada. Aqui tudo é verdade. A história real da babá desempregada Maria Alves dos Santos é simples e cruel, só não é kafkiana por despeito deste que vos narra com tal adjetivo.

Maria foi condenada à revelia por um pequeno roubo de objetos de uma residência – nem foi autora direta, mas acompanhou um ex-namorado, “mancebo do mal”, no momento desse crime de bagatela. A desempregada quer se entregar para cumprir, resignada, o resto do seu castigo, mas a Justiça bandeirante e o Estado não têm facilitado as coisas nesse processo.

Maria tem perambulado por tudo quanto é penitenciária, com um pedaço do Diário Oficial no bolso. O recorte diz que ela pode se apresentar em qualquer presídio, para ser devolvida às grades. Ela cometeu o crime em 1989, foi presa por uma semana, e liberada em seguida para responder em liberdade. O tempo passou. Em 97, foi tirar uma segunda via da carteira de identidade em uma delegacia e descobriu que havia sido condenada.

“Teje presa”.

Recolhida incontinenti às grades, teria que cumprir cinco anos de pena. Há dois anos, aproveitou uma saída, para tratamento de saúde, descuido da prisão do Butantã – tinha regime semi-aberto- e deu no pé, escafedeu-se, chá de sumiço. Que ninguém é tão besta assim nesse mudo de sabidos.

Agora resolveu se entregar, com um único objetivo: limpar o nome, cãndida, q-boua, detergente barato sobre as iniciais do batismo. Como não consegue trabalho, labore, por causa da condenação, deseja liquidar a pena e voltar bem(?) para a vida. Até o momento em que perpetrava estas maltraçadas, Maria não havia conseguido seu objetivo, depois de ciganear em presídios femininos em busca do sol quadrado. As autoridades de plantão alegam que ela carece de uma autorização expressa da Justiça, o extrato do Diário Oficial não basta.

Enquanto o ataúde da CPI some debaixo das últimas pás de cal e terra, só nos resta apelar para que prendam logo essa criminosa. Cadeia já para Maria e todos os seus párias.

Obra sempre aberta sobre a rapinagem de Pindorama 02-junho-2001

Ajude o Carapuceiro a montar o index da corrupção e da rapinagem de Pindorama. Uma advertência: não vale crime de bagatela ou ladrão de galinha.

Por J. Bezerra Furtado

O Carapuceiro inicia aqui a sua obra aberta, o seu corruptograma, o medidor nacional da rapinagem de Pindorama. O objetivo é montar, com a ajuda dos nobilíssimos leitores, um tratado geral da roubalheira, com uma lista de escândalos e os seus respectivos prejuízos. Para começo de história, alguns número recentes da nossa crônica de inviabilidades:

Rombo da Sudene – R\$ 2 bilhões*

Rombo da Sudam – R\$ 1,7 bilhão

Mãozinha para Cacciola (casos Marka/FonteCindam) – R\$ 1,6 bilhão

Sociedade PC Farias/Collor – R\$ 1 bilhão**

Episódio Lalau - R\$ 169 milhões

*Cálculo sujeito a revisão

**Estimativa do delegado Paulo Lacerda, da Polícia Federal

A peruca e o esquema “Primeiro Mundo” 24-junho-2001

Até nos momentos de maior aperto, quando estava escondido no sertão de Pernambuco, PC Farias não largava a obsessão

- Você não tem jeito Toinho.

Tio Tonho:

- E Tu Flávio, vai nessa, todo fudido?

PC:

- Claro que não Toinho, Flávio não tem problema nenhum e preciso dele aqui, você sabe muito bem porquê.

Degustaram mais uns Whisky's, ao longo da noite, entre conjunturas, riscos e decisões. (Tempos depois PC deixaria o sertão de Pernambuco graças ao dito esquema de Primeiro Mundo).

*Do livro "PC e Eu", com lançamento previsto para agosto deste ano

Sermão do usufruto 08-julho-2001

O ex-meretíssimo condena a prisão domiciliar e explica as razões da sua depressão. Revela também uma ponta de inveja da arte de roubar galinha.

Por Lalau

Assim falava Chico Heráclio 01-ago-2001

Um apanhado dos aforismos do coronel Chico Heráclio, que reinou em Limoeiro e alhures. Homem que é homem, segundo o tal, só briga por três coisas nesse mundo: terra, política e rapariga.

Por Ascenso Cavalgado

Ternão todo branco, de longe parecia uma visagem; de perto, valha-me Deus, uma assombração de poder sem fim. Um mito a cavalo, esporas no vazio do bicho e sova no lombo de quem desobedecesse aos seus brados. Reinou em Limoeiro e freguesias alhures do Pernambuco. Francisco Heráclio do Rêgo, o coronel Chico Heráclio, de quem O Carapuceiro empresta estas sentenças sobre corrupção, política e boceta, não necessariamente nessa ordem.

“Não existe cabeça dura para pancada e dinheiro. Depende da quantidade”

“O ladrão é feito peixe, só vive de olho aberto”.

“Favor só se faz cem por cento. Ou não se faz.” (Sobre aquelas criaturas que costumam dar carona somente até o meio do caminho).

“Só tem duas doenças que não pegam: gravidez e osso quebrado”.

Sabedoria demais espanta a felicidade”

“Merda, quanto mais mexida mais fede” (Sobre escândalos políticos)

“Orgulhosa é a cabra, que come capim e caga azeitona”.

“Briga só em três causas: questão de terra, política e carne mijada”.

“Coração de rola é mão de moça” (Resposta a um amigo sobre a sua atividade sexual na velhice)

“Político é como feijão na água, só sobem os podres”.

“Liso que só rapariga de cidade do interior na semana santa”.

“Cagar no abafado é muito ruim” (O coronel era contra banheiro dentro de casa, defendia que o tresloucado gesto sempre fosse cometido a céu aberto).

*Fontes: Coronel, Coronéis, de Marcos Vinícius Vilaça e Roberto Cavalcanti de Alubquerque – Edição Tempo Brasileiro, Rio, 1988;

“Breviário do Coronel Francisco Heráclio do Rêgo”, de André Heráclio do Rêgo, 20-20 Comunicação e Editora, Recife, 1999.

NY, Brazil: longe é um lugar que existe 25-set-2001

Com apenas uma torre, a da igreja de Santo Antônio, novaiorquinos da Chapada do Alto Itapecuru rezam para que caia alguma coisa sobre a aldeia, única forma de ter sua existência registrada.

Por Xico Sá

Enquanto isso, longe das torres babilônicas do capital-belzebu, “seu” Raimundo Batista Ferreira, lavrador, pai de oito bugrelos, meninos só-olhos de tantas tripas e pouco de-comer, exclama, depois de ouvir o enunciado deste repórter, que ligou, aleatoriamente, para um telefone público de Nova York, Maranhão: “Tomara que caia algum troço por aqui, um avião velho, um teco-teco de político, seja que diabo for... Só assim vão se lembrar da gente por essas bandas”.

Nietzscheanos por excelência, os caboclos do norte-nordeste riem, banguelas ou com rosadas dentaduras de campanhas eleitorais, da própria desgraça e isolamento do mundo. “Mas quem vai saber se isso aqui existe?”, cutuca, de novo, Raimundo.

Foi um gringo, da NY matriz, que batizou a Nova York maranhense. A aldeia de 4.713 almas penadas fica lá na chapada do Alto Itapecuru, a uns 500 km de São Luís e a léguas perdidas da civilização do capital propriamente dito.

Tão miserável que até a prefeitura está com o telefone cortado. Tevê? Poucas para tantas vistas – aglomerados nas janelas alheias. Fala outro Raimundo da cidade-xará, Raimundo Pereira, soldado PM: “A gente viu o papoco pela televisão. Eta, Nova York se acabou, gritaram. É o fim do mundo, esse menino!”.

Internet? Tem não sinhô.

Prossegue o segundo Raimundo: “Quero ver esses barbudos (Taleban e aliados) encostarem por aqui. Aqui tem lei, rapaz: faz muito tempo que num se mata ninguém aqui em Nova York”.

Uma das aldeias mais miseráveis do Maranhão dos Sarney, NY é administrada pelo PFL do clã, uma vez que elegeu João Luis Freire Guimarães para tomar conta da Manhattan dos pobres. O lugar é tão desprezado que até mesmo o alcaide esquentava o menos possível a cadeira da prefeitura. Só vive no mundo.

“Faz tempo que num vejo esse homem”, disse o Raimundo lavrador. “Mas também a gente não pode exigir que fique num lugar desses, né?”

Ele deve ter pensado que a guerra foi aqui na nossa Nova York, por isso tá demorando tanto a voltar”, envenena o mesmo Raimundo. “Falta é o que não faz”.

E nada despenca dos céus sobre a NY maranhense. Nem um lasca da lataria do sky-lab, aquele engenho norte-americano que se espatifou no mar, na era de 80. Nem mesmo o rei dom Sebastião, tão apreciado nos lençóis da região. A terra pode esperar.

Todo lucro é um roubo 07-mar-2002, 03:44

"O que é roubar um banco diante de fundá-lo?" Assim falou Bertolt Brecht, cada vez mais próximo da realidade dos nossos Bradescos, Itaús, Santanders e o escambau.

Por Antonio das Mortes

“O que é roubar um banco diante de fundá-lo???” (Velho e bom Brecht, Bertolt)

Sem mais delongas ou cortes de arrodeio, vamos aos números, em texto sampleado do Financial Times, embasbacados Caramurus que somos:

Bancos brasileiros sobrevivem à crise e batem recorde de faturamento

Por Thierry Ogier

São Paulo, Brasil - Mais do que outros, o setor bancário aprendeu a atravessar os ciclos econômicos de euforia e depressão. E o último ano não foi uma exceção. Diante da agonia da vizinha Argentina e de um modesto crescimento (o Produto Interno Bruto brasileiro cresceu apenas 1,5%, em contraponto a uma taxa de 4,4% em 2000), os grandes bancos nacionais como Bradesco e Itaú registraram receitas recordes, graças a uma combinação de largas margens de lucro bruto e uma eficiente proteção de dólares.

Cinco entre os dez maiores bancos registraram lucros expressivos no ano passado. No fim de março, a Itaú batia recorde de faturamento.

Embora o volume de crédito tenha permanecido relativamente baixo, ele deu provas de ser extremamente lucrativo. "As margens de lucro bruto são maiores aqui do que no restante da América Latina. E o hedge (proteção) beneficiou todas estas empresas com um alto grau de capitalização", afirma Álvaro de Souza, ex-executivo do Citibank que preside a Câmara Americana de Comércio em São Paulo.

Mesmo assim, alguns analistas acreditam que esta euforia talvez tenha atingido seu limite. o Banco Central brasileiro já anunciou a nova taxa básica de juros com viés de baixa, e espera-se uma redução de 2 pontos percentuais para este ano. "Os bancos poderão manter taxas razoavelmente atraentes de lucratividade, mas isso provavelmente não irá durar a partir do momento em que as margens de lucro bruto comecem a declinar", afirma Awad, do BBA.

De qualquer modo, os banqueiros parecem estar certos de que podem reagir bem a uma queda das taxas a partir do momento em que as perspectivas da economia brasileira se tornem mais animadoras.

"Ainda não esgotamos todo o nosso potencial", afirma Gustavo Marin, presidente do Citibank em São Paulo.

Tradução - André Medina Carone

"Meu voto é na mulé" 23-set-2002

Que Duda Mendonça que nada, que Nizan que nada. Em São José da Coroa Grande, aprazível estância praiera de Pernambuco, Seu Gima, conta a orelha do livro, arranjou um slogan quase inocente para a sua mulher, candidata: "Vote na bucetuda".

Por Xico Sá

Uma gréia o livro "Política de Pé de Muro – o Comitê do Povão", do poeta e apanhador de fulerage Jessier Quirino. O bicho recolheu uma penca de inscrições de candidatos em muros de cidades da Paraíba e Pernambuco.

Bastou assentar nas páginas as fotos dos muros, com breves legendas para segurá-las. Em tempos de eleições presidenciais marcadas pela chatice de potocas como balança comercial e substituição de importações, a brochura que ora apresentamos é um estouro.

Corrigit ridendo mores. Corrigir a esculhambação pelo riso. Se não ajeitar nada, já basta o riso, que é coisa demais em tempos tão bicudos.

Que Duda Mendonça ou Nizan Guanaes que nada. Os marqueteiros de muro são muito mais arrochados.

Didi, candidata a prefeita de Mogeiro (PB) em 2000, foi direto ao carço do abacate no seu slogan: "Meu voto é da *mulé*", apurou o pincel na parede.

Os batismos eleitoral bodejam por si: Vêi Macho, candidato a vereador pelo PSDB de Píripituba(PB).

Mas político bom mesmo já tem a promessa no nome: João da Cachaça, pefelista de Sapé (PB); Peba, do PMDB de Campina Grande; Biú das Camas, peemedebista de Bayeux, cidade franco-paraibana ali das redondezas de João Pessoa; Marcelo da Vaca, PSDC, de Abreu e Lima (PE); Mauro da Sucata, PPB de Bayeux; Gordo da Batucada, PFL de Areia (PB); Maria da Verdura, uma candidata virada num "mói de coentro", do PPS também de Bayeux.

Tem casos de total romantismo, o muro como declaração de amor, como o de "Biú da Ana", de Abreu e Lima. Fica a dúvida se à mãe –pois é comum o nome da genitora virar sobrenome no sertão- ou ao xodó propriamente dito. Tem mais: Ana de Miné, Pilar(PB); Dedé de Nô (PB); Valdeci de Jacó, João de Peba, Socorro de Betão e Biú de Nega, todos da Paraíba.

Este outro, anunciou nos muros, sem modéstia, as qualidades da costela com quem divide o mesmo teto: Galego do Jaburu, ali de Pontezinha, Cabo, Pernambuco.

Nó Cego, do PFL de Jaripiranga (PB), já mostra que é enjoada de nascença. Mesmo caso de Biú Cri-Cri, pepebista de Abreu e Lima. Zé da Banana, do PMDB de Sapé, também já vem com a promessa embutida.

Com esse ninguém pode: "O povo pediu e Deus confirmou: Maribondo, 45100", vereador de Nazaré da Mata(PE).

A exaltação à feiúra, mesmo em tempos de botox e perucas eleitorais, não faz mal a ninguém. É no que apostaram "Zeca Boca de Bacia", candidato a vereador em Campina Grande, e "Cara Larga", de Carpina (PE).

Em São José da Coroa Grande, aprazível estância praiera de Pernambuco, Seu Gima, conta a orelha do livro, arranjou um slogan quase inocente para a sua mulher, candidata: "Vote na bucetuda".

Com toda essa fulerage correndo solta no mundo, os meretíssimos do TRE de Sergipe ainda me vêm com a empáfia de tentar impedir a candidatura de Rolla, que concorre a deputado estadual pelo PMDB. Ora, deixem o coitado do Rolla em paz!

Para ter uma volume de "Política de Pé de Muro" nas mãos, escrevam para a editora Bagaço, do Recife, no bagaço1@uol.com.br

A maldição que corrompe 07-nov-2002

A negação da cachaça é o novo vício moral que toma conta desta zona federativa. Agora mesmo, quando se fala em um novo programa social, Consenso de Garanhuns, a danada fica no centro do buruçu.

Por Xico Sá

A negação da cachaça é o novo vício moral que toma conta desta zona federativa. Agora mesmo, quando se fala em um novo programa social, Consenso de Garanhuns, a “danada” fica no centro do buruçu.

“Se der um cupom, neguinho troca por cachaça”, gritam uns. “Tem que entregar em comida”, berram outros. “Mas o sujeito pode trocar os gêneros alimentícios por cachaça, com deságio...” E a “danada” a reinar no debate. “Melhor entregar o benefício sob o controle da mulher...” Como se as negas não fossem também chegadas!, marvada caricatura.

Na velha e gloriosa URSS, nunca ex, o governo tratou um tempo de fazer as pagas às Ludmilas. Pra evitar o envodkamento do mundo, como desde os tempos dos czares.

Enfim, um moralismo dos seiscentos.

Dá pra comer e molhar a goela, lírica irrigação das palavras, ao mesmo tempo. E aguentar o trabalho e os dias.

É patético ver esses burgueses de terceira, dopados de Prozac e outros risos (do gato de Alice!) artificiais, a condenar a cachaça, delírio do lumpezinato. A mesma classe média que enche o cu de drogas refinadas lamenta a incapacidade do populacho viver sóbrio e limpinho!

Como reza um dos padroeiros deste periódico, messiê Charles Baudelaire, embriaguemo-nos, seja de álcool ou de poesia. O delírio não é propriedade dos donos de qualquer poder. O desandar-se é obra das calçadas, farrapos humanos sob cobertores Paraíba, avulsas criaturas (“o bicho era um homem, meu Deus!”), “são tartarugas ninjas, mãe?”, como disse um dia Yuri sobre os viventes das locas do Beberibe.

Ora, senhores, basta de hipocrisia. As mulheres não são tão inimigas assim da cachaça. Minha vó mesmo, Iaiá, tinha sempre uma garrafa de meizinha debaixo da cama de vara naquele Sítio das Cobras (Santana do Cariri) delirando para o mundo. Assim aguenta-se as dores terrenas, seus desalmados entregues aos ISOS não-sei-quantos.

Vamos dar um porre na hipocrisia. Os usineiros, na maioria das vezes fabricantes da “danada”, viveram 1502 anos de subsídios oficiais para seus engenhos de fogo morto. Haja bufunfa do Banco do Brasil.

Ora, ora, por que não uma ajudazinha para a cachaça do lumpezinato? Que custa! A do santo eu pago!

Tão safada quanto o Capital 11-abr-2003

Troca-troca no Carapuceiro! O Diário da Corrupção tira férias não-remuneradas e dá lug

potências da Europa da época que permitiu ao dinheiro e as relações baseadas em mercadorias transformarem-se no grande Deus totalitário da modernidade.

As inovações militares, com o uso maciço das armas de fogo, geraram os exércitos profissionais que geraram, por sua vez, uma demanda insaciável dos príncipes por meios de pagamento na forma de moeda que por sua vez...imaginem, então, minha surpresa quando, lendo um livro no sacolejante ônibus que me levava de volta ao subúrbio onde moro, descobri que o herói estrangeiro da minha terra aparece nessa trama como o pioneiro na modernização das táticas e equipamentos militares! O homem-esclarecido foi aquele, também, que racionalizou as estratégias do exército holandês em termos de custo e benefício e trouxe o “espírito do capitalismo” definitivamente para o campo de batalha. Uma lógica de guerrear que antecipou desenvolvimentos da sociedade pouco recomendáveis para um caráter que se supunha tão nobre...

Registrada a descoberta, as estátuas, retratos e palácios espalhados pelo Recife em sua homenagem ganharam um tom sinistro. E, o que é pior, meu boulevard, como uma Cinderela invertida, transformou-se de linda artéria cortada por rios num decadente ponto onde travestis vendem ilusões aos incautos. Tão safada, essa Aurora, quanto o próprio capital.

Teoria conspiratória 09-mai-2003

Não existe crime perfeito, ainda mais de baiano contra pernambucano...quem desvende o mistério é Renato L, nosso Padre Brown da Aurora Boulevard.

Por Renato L

É sempre assim quando estou sem grana: dou uma espiada nas várias pilhas de Cds que lotam um móvel do meu quarto, seleciono os que não quero mais e rumo até a Aurora Boulevard para vendê-los na loja de um conhecido de muitos e muitos carnavais. É um bom negócio, ~~porque os discos~~ quase não me custaram nada, boa parte deles refugio do material que as gravadoras enviam, e dá para passá-los adiante por um preço em torno dos cinco reais. Se você leva uns vinte, dá pra sair com cem pratas, o que em época de vacas magras é uma verdadeira fortuna.

Pois bem, há coisa de três semanas lá estava eu novamente à caça dos trocados que aliviarão as contas atrasadas. Tinha reservado uma boa meia hora para a transação, porque não se tratava de simplesmente entrar e pegar a grana, seria preciso conversar um pouco com o dono, trocar um abraço cordial, essas coisas, afinal o conheço desde o pré-histórico ano de 1982, quando ia com Zero Quatro garimpar discos de David Bowie e do Clash no sebo onde ele trabalhava.

Entrei na lojinha e de cara percebi o acréscimo na variedade de mercadorias à disposição do freguês. Agora, as roupas e acessórios de skate dividiam quase meio a meio o espaço exíguo com os discos propriamente ditos, um claro sinal dos problemas do show business

a

um

Fiat no poste, que tudo foi uma armação dos baianos para evitar que o Manguê Beat destronasse o Axé!!”.

“Mas o velho Science virou mesmo um mito!”, pensei com meus botões. Do outro lado do balcão um olhar desafiador checava minha reação. “É, talvez você tenha razão”, afirmei para evitar discussões. Peguei, então, a grana, me despedi do conhecido e mergulhei no caos da Aurora Boulevard para resolver as broncas que me esperavam sedentas. Mais tarde, na noite daquele mesmo dia, sonhei com carros, conspirações e a Princesa Diana.

Sem Lenço e Sem Documento 06-jun-2003

Cruz-credo! Um homem-bomba nas páginas do

Triatlon 18-set-2003

Gastando sola em busca de um ônibus chamado desejo...

Por Renato L

Há qualquer coisa de épico em percorrer o Aurora Boulevard num domingo à noite com apenas quinze minutos para chegar a tempo de pegar o último ônibus pra casa. Ainda mais quando se está chapado, com os lábios cheios de Gloss e os olhos escurecidos por um delineador.

É preciso firmar bem as pernas e se preparar para a longa reta que vai até a ponte do Palácio do Governador. Não há ninguém na rua a essa hora, ainda mais num dia chuvoso, nem mesmo os travestis que fazem ponto nos mangues do Capibaribe. Você sente-se um Ulisses, percorrendo as esquinas de uma Grécia mitológica de volta ao lar. Mas sem sereias, monstros fantásticos e Penélopes. Só você, o Gloss e uma dor no pé direito que insiste em lhe acompanhar. Coisa da idade, diriam os simpáticos amigos...

Depois da atravessar a ponte, com uma vista maravilhosa da cidade, de um lado Olinda, do outro mais pontes e águas, é preciso descer até o Palácio da Justiça e então esticar rápido em direção ao terminal. Sempre em marcha acelerada, de olho no relógio mental e ciente do risco de chegar atrasado. A essa altura, você é pura concentração, só músculos e fôlego, desviando automaticamente dos buracos das calçadas e ignorando as putas decadentes da Pracinha do Diário. É preciso pegar esse ônibus custe o que custar, porque o próximo parte duas horas depois e aí com certeza uma crise existencial vai acompanhar o cansaço. Qual o sentido da vida, dessa vida de usuário de ônibus?

Mas desvie esses pensamentos da cabeça, cara! Firmeza e passos rápidos! Quando o terminal aparece no campo de visão, os carros estão prestes a sair, já acelerando os motores. Estão todos lá, misturados como uma irmandade lasciva. É a hora do caçador urbano que mora em você, experiente, com os sentidos em alerta.

Quase sessenta veículos estacionados em fila dupla disputam seu amor. Guabiraba, Alto do Mandu, Rio Doce, Águas Compridas, Aeronáutica...roçando as carrocerias, você redobra a atenção e mantém a calma, até que, pronto!, lá está ele à espera, as portas e janelas escancaradas pra lhe receber.

Carinhosamente, você penetra a traseira, vai fundo pelo corredor, músculos rijos, e só relaxa bem no final. Um longo suspiro encerra a maratona e ajuda o passageiro a encerrar também a coluna.

Verão do Amor 06-outubro-2003

Um raio de sol e o Recife acordou contrariado...

Por Renato L

Eu e você brincávamos de SWAT/seu corpo uma misteriosa mansão/meus lábios um delicado sensor/em busca das provas do crime”. VERÃO 78 era o título do poema e

Carioca Sangue Bom 12-04-2004

Como é "bacana" esse franguinho!

Por Renato L

O primeiro vizinho carioca que eu tive era, a bem da verdade, uma vizinha. Nise Dantas, uma estonteante morena de olhos verdes, ocupava uma cadeira colada a minha nos tempos da faculdade. Casada com um major, era por ela que sonhávamos todas as noites, sonhos eróticos e sonhos de vingança, porque ao prazer de suas coxas grossas se misturava o de ultrajar a ditadura militar – no caso, encarnada naquele cismado marido, um claro candidato a chifrudo.

Passaram-se os anos, a ditadura caiu, veio a Nova República, as eleições diretas e pronto! Cá estou às voltas com outro habitante do Rio de Janeiro, dessa vez um ilustre representante do sexo masculino. Não, aviso logo, o sujeito não me desperta a carne. Já os desejos de vingança...

Meu amigo carioca mora no décimo andar do meu prédio, em um apartamento de três quartos com vista para o Capibaribe. Vez ou outra vou visitá-lo, porque ele tem uma boa biblioteca e uma coleção de discos melhor ainda e eu, por essas coisas, me faço sonso, esqueço até as maiores besteiras, mesmo aquelas da mulher amada. Vou, curto a vista do *Aurora Boulevard* que o janelão da sala proporciona, pego um livro ou dois e me mando.

O caso é que esse vizinho carioca é também um sociólogo importante da UFPE, com livros publicados e coisa e tal. Às vezes, bato à sua porta só para descobrir que ele anda viajando, certamente para dar palestras nas universidades de todo o país. Muita gente gosta dos seus comentários lúcidos, do jeito como mistura erudição e uma certeza leveza pop. Muitos adoram, também, seus modos gentis, a presteza como se dispões a espalhar o conhecimento. É um cara legal, tão legal que às vezes sinto vontade de esganá-lo.

Sim, me irrita como tudo “é bacana” para esse carioca. Cada coisa parece encontrar um lugar no seu coração, tanto faz se é produto da genialidade erudita ou popular, se veio do morro ou do asfalto. Nada se perde para meu Lavoisier – qualquer coisa, no fundo, está disponível para ser empacotada à disposição do consumidor. É uma visão de mundo que parece mixar Gilberto Freyre com François Lyotard e eu, como uma espécie de Frankfurtiano radical, um fundamentalista adorniano enlouquecido, me sinto irritado, pronto para jogar (literalmente) um pouco de sangue, de conflito, de porrada, nesse mar de rosas.

Para evitar besteira, é que desço rápido os oito andares de escada e vou passear no calçadão até o ponto onde as putas e os travestis circulam. Como quem não quer nada, vou seguindo para as moitas escuras dos manguezais. É lá que Paulinho, ou Klebinho, ou outra bicha qualquer me faz um gostoso boquete. Enquanto o leite escorre, lembro de Nise e do seu major. Bato continência para ele. Bato continência para o carioca. Bato continência para Adorno e nada: Paulinho continua lá.

Como é “bacana” esse franguinho!

Canções para aprender e cantar 10-06-2004

Kelly nasceu com bilola, mas cedo logo quis operar! Dane-se o lirismo, salve Chupeta e Lollypop!!!

Por Renato L

Nas calçadas, no cabeleireiro, na vendinha, na roda de amigos, em cada pedaço de chão e agrupamento humano só se tem ouvidos para essas canções, singelas como uma maquiagem borrada ou um preservativo usado. É o hit parade

do Aurora Boulevard que desfila agora pra vocês – canções para aprender e cantar by Chupeta e Lollypop!!!

1)Frequênta bares/gasta sua grana/só leva fora/bicha escrota (3x)/Passou da idade/não tem vergonha/não dá o cu/nem toca bronha/bicha escrota (3x)/Vive em boates/sempe chapada/de Redbull/e maquiada/bicha escrota (3x)/Cabeça oca/furico cheio/de nervo alheio/bicha escrota (4x)/A senhora arrasa no surubão!!!

2)Kelly nasceu com bilola/mas cedo já quis operar/Kelly,Kelly/queria ser a Madonna/Adolescente na escola/dava pros boys do Pré-A/Kelly, Kelly/era metida a machona/Operada e sem vergonha/pe pederasta e vulgar/Kelly, Kelly/a

masoquista mandona/Insatisfeita na cama/não conseguia gozar/Kelly, Kelly/Kelly virou sapatona/Kelly, Kelly/queria ser a Madonna/Kelly, Kelly/era metida a machona/Kelly, Kelly/a masoquista mandona/Kelly, Kelly virou sapatona.

3)No cais de Santa Rita/almas sebosas na fita/estava eu e outra bicha/esbanjado na birita/Tem neve em Santo Amaro/isso é uma cocó de otário/arrancaram as minha “pinçe”/e levaram meu salário/Maquiagem permanente/toda roxa e sem dente/ter que sorrir novamente/isso é que é cultura trance/Rouphynol e seqüelas/boa noite, Cinderela!

4)Cá estou/mas cá que pra lá/this is ground control/super pobre star/ Sim, eu sei/como me encontrar/quatro, cinco, seis/petequinhas não podem faltar/Baratinhos da Nice me perseguem tanto/dolinhas da trava pra me maquiar/acezinhos afê só pra passar o tempo/e as vaquinhas voando no meu habitat/Olho pras estrelas vejo um brilho intenso/lombra de artane com copo de chá/calma, Monga, o público é seu amigo/não desça do salto pra não vacilar.

Sambo pro seu lado 19-janeiro-2005

Miss Sole... Samba na contra-mão da batida certa!

Por Miss Soledad

DJ de horas vagas nunca “Samba”. Todo mundo já foi DJ e sambou um dia, nos tempos que as conquistas apaixonadas vinham sob forma de seleção musical, aquelas “fitinhas cassetes” gravadas sinceramente para tocar o coração. Verdadeiras garrafas ao mar com endereço e desejo certo.

Um DJ coloca a pista pra dançar quando tem um olho na sequência das faixas e outro no requebrado... e que DJ não samba assim? Samba maior, onde é que você se meteu?, com motivo tudo mais, é quando o dj movimenta as músicas de acordo com o balançado do coração...Coisa linda é o segredinho da seleção das músicas sob a luz daquela lanterninha de muamba, se apagando no tempo de escolher a próxima, só na intenção de ajustar a faixa com os pulinhos... Acertei!

Mas também tem DJ que coloca a pista na dança dos sonhos, um despertador com canções sob medida; DJ à distância, colaborador dos tormentos do coração, musicas para os ouvidos e sem direito a resposta de dança; DJ que “samba” de propósito no barulhinho da ligação caindo; esse tem “além do horizonte” do Rei Roberto, com direito a céu, rio e oceano pra fazer dormir...

Salve! Os cds “Aurora Boulevard” gravados com capricho pelo melhores amigos, só para deixar ainda mais linda a luz do cair da tarde sob este Rio Beberibe... Mais assombração do Recife é a coletânea caseira saindo do forno, junto do cheirinho de café da manhã, “Solar Aurora” temperando o juízo do amante em viagem... Zuada, Captain Beefheart, Cesaria Évora, cheia de Carnaval e morenice... Jeitinho bom de deixar no coração uma boa lembrança para os amores que vêm e vão! Mas tem que sambar sambando, miúdos, miudinhos do coração.

CARITÓ

Receita homérica para curar amor platônico 16-junho-2000

Ela adora os pré-socráticos, sabe tudo de literatura francesa, mas tira zero em educação sentimental. Trabalho para Miss Corações Solitários.

Por Miss Corações Solitários

AMORES PLATÔNICOS & TREPADAS HOMÉRICAS

Poderosa Miss, nada mais apropriado para esta seção do que o título Caritó. E é justamente por essa razão que recorro aos teus poderes. Pode parecer banalidade, falta do que fazer, frescura etc., mas é que cansei de vencer pela inteligência, ser elogiada pelos meus conhecimentos de literatura francesa e dominar como ninguém o mundo dos pré-socráticos. Tem também uma coisa: só consigo me arrumar em arrastados amores platônicos com rapazes-lesmas, paradões, complicados ou que ainda moram com as mães. Sem mais, pergunto: que fazer, estimada Miss, meu bálsamo digital, minha cigana, meu calmante, meu colo ao longe!

Ass. Platônica do Cajueiro, Recife, Pernambuco.

RESPOSTA:

Ora, minha querida, nunca foi tão fácil. Chega de diálogos, banquetes e nhenhênhem de grego... Pega firme, chega junto, pois como dizia o poeta, para curar um amor platônico, só uma trepada homérica. Sorte!

Miss C. Solitários.

Da bica do Ipu à Fontana de Trevi 08-julho-2000

Nem sempre a vida é doce, mas Miss Corações tem o sorvete para quem é do sorvete e a rapadura para quem é da rapadura.

Por Miss Corações Solitários

A romana

Querida e generosa Miss, encarnei ontem o maior personagem da minha vida. Até meu nome tinha. Moravia nunca foi tanto para as mulheres como neste volume em questão, “A Romana”. Tenho que esquecer o meu grande amor; ele (Alberto Moravia, o escritor) foi mais sugestivo em desfiar os pensamentos e deixar sucumbir o sentimento. E tu, o que dizes? Devo dar mais um ponto-de-cruz nesse manto ou desfiar de Helena afora esse grande amor???

Ass. Adriana de Gino, dos campos dos arredores de Roma.

Resposta:

Menina!, de Moravia só conheço aquele quiprocó das duas irmãs disputando um bofe à tapa, no “1934”... Já que se trata de grande amor, nem m G

Nossa Senhora dos Afogados 25-julho-2000

Um quarto de século depois da cheia da barragem de Tapacurá, Miss Corações responde sobre homens que se perdem na fumaça do cigarro.

Por Miss Corações Solitários

Quando tu menos menos imaginas, Nossa Senhora dos Afogados te lança a bóia dos desesperados... Oxigênio à beira do cais.

Um salto de 25 anos

Nunca um café da manhã, com muito inhame, ovo, carne-de-sol e falta de cigarro foi motivo para uma despedida. Foi isso que aconteceu com o meu marido naquele ano da cheia de 75, Recife, Pernambuco. Ainda perturbada por todas as lembranças, mesmo 25 anos depois, sou capaz de recordar a onomatopéia do sapato dele, barulho do 41 sobre o nosso taco flamenco, descida para o trabalho e os dias. Hoje, sob a aura da Boda de Prata do seu sumiço, querida Miss, justo aquele sapateiro que reformou o solado dos meus sapatos para as últimas procuras, flertou diante da minha última encomenda de salto. Dos últimos anos de minha viuvise afogada na lembrança de Tapacurá à tentação para uma dança no Clube das Pás, o que indicas para este destino?!

Resposta:

Depois de um relato e tantos anos de calçadas sobre os solados do mesmo infortúnio, por que não resguardar, não somente as lembranças de um grande amor, mas também os desejos arquivados pelas testemunhas e pelos pés-de-ferro que dão fôrma a este 37, algarismo que baila neste ou em quaisquer outro formato.

O traste-costela

Querida Miss, naquele momento juro que já buscava o Racumin no mercado. Mas era pouco para o meu desejo. Até que veio a cheia, três dias depois, pra resolver o meu drama e o que fazer com aquele traste-costela. Entre o sofá e o liquidificador, o desgraçado boiava, pois nunca soube nadar. Pobre criatura. Eu tive dúvidas entre pegar na sua mão e puxar até um puff salva-vidas ou deixar que o desgraçado afogasse, de vez, de fato, nas águas barrentas da nossa rotina. Para quem já vivia, havia tempo, mergulhado na cachaça do lar e das ruas, todo castigo era pouco.

Estimada Miss, 25 anos depois cheia, devo ou não confessar o meu desejo de despachá-lo, como um pau-de-enchente, à correnteza? Ou silencio, como em todas as guerras?

Resposta:

Amor, depois dessa última prestação das Casas Pernambucanas para o mais duradouro dos sofás, para quê esperar outra enchente? Mais perto se encontra a morte.

Miss Corações Solitários toma para si as dores do mundo 14-setembro-2000

A cigana resolve o drama da(o) galega(o) e lança garrafas ao mar em nome de uma jovem lisboeta à procura de um escriba andarilho. Se tens desassossegos n'alma ou salamaleques afins, cartas imediatas para a porta restante desta humilde casa impressora.

Por Miss Corações Solitários

Querida Miss Corações Solitários, bálsamo de todas as dúvidas e ignorâncias, feitiço de ricos, pobres, sem-classe e remediados, orai por nobis que recorremos a vós.

QUERO SER A GALEGA DOS SONHOS ALHEIOS

Minha aspirina digital, meu meio e minha mensagem, quando vou encontrar um bofe que faça uma canção igual àquela que o Fred Zero Quatro fez para a sua musa (ai, nem quero saber quem seja, de tanta inveja!), no disco novo, uma tal de “Meu Esquema” para cá, minha galega para lá, amacembo aqui, decassílabo ali... enfim, uma inveja do cão! Que fazer, como diria o eterno Lénin, que usted tanto apreciava? Amassos despretensiosos do seu dubio Juraci, Aracaju, Sergipe, terra do DJ Dolores.

Resposta:

Menina!, deixa disso! É tão fácil: basta um Loreal rápido e serás a galega que tanto espera de ti mesmo. Oxe, nega, como dizia Jean Paul no ouvido da sua Simone, o inferno são os outros; és linda e isso basta. És o meu inferninho, meu playcenter, minha casa de misericórdia, meu docinho de coco!

FRONTEIRAS PERDIDAS

Querida Miss, pergunte aos homens de boa vontade deste teu periódico por onde anda o menino José Eduardo Agualusa! Sabe?, aquele menino lindo e moreno nascido em Huambo (Angola), que só encontro, vez por outra, nas livrarias da Lisboa Alta. Ora, nunca combinamos nossas vidas pelas edições Dom Quixote! Merda. Sei que o moreno morou recentemente em Recife/Olinda, matriz sentimental deste Carapuceiro. Ah, ajude-me, querida Miss, acabei de ler “Fronteiras Perdidas”, crônicas do tal, e me acabei ainda mais ainda. Ass. M.A.. Lisboa.

Resposta:

Pelo que sabemos, ó alma, o escriba nômade habita atualmente a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Garrafas jogadas ao mar aguardam melhores respostas. Só sabemos do tamanho do talento do moço, cujo “Nação Criola: A correspondência secreta de Fradique Mendes”, de 77, é obra-mor. Em achando o mancebo, te comunicaremos, a menos que as moças desta redação continuem tão famintas quais leões do Circo Orlando Orfei. Besos, Miss C.S.

Código do consumidor: a margarina e o Último Tango 04-outubro-2000

Miss Corações Solitários já viu este e outros tantos dramas. Escreva para a nossa cigana e tire dúvidas sobre esta e outras películas que repercutem em sua vida sentimental.

Por Miss Corações Solitários

Gloriosa, redentora e incomparável Miss, bálsamo dos meus desesperos, luz da minha cegueira no amor, tirei as minhas dúvidas e alimentei o meu viver.

Querida Miss, estou carregada de cerimônias, mas não posso deixar de desabafar. Tentei de tudo. Não vou dizer que não amei as soluções apontadas ou narradas pelas fofuras do 02 neurônios – sabe o almanaque para garotas calientes?-, mas quero também a sua opinião de balzaca rodada, que já viu tudo nesse mundo sem porteira.

Amada Miss, desde que vimos juntos “O Último Tango em Paris”, em mil novecentos e... (ai, Timothy Leary comeu a minha memória), que o meu consorte não dá sossego. Pelo menos uma vez na quinzena quer me lambuzar de Becel - antes, pelo menos a manteiga era holandesa! Que fazer, estimada Miss? Será que ele me larga, caso eu me rebele e acabe com a brincadeira? Imaculada Miss, peço a sua ajuda e bondade.

Ora, são quase 30 anos nesse rojão! Compreende?

Ass. Marie Schinayder de Afogados

Resposta:

Querida consulente, estou passada, estou passada mesmo! Oh menino disposto, essa costela que arrumaste! Vai ver que se trata, aqui arrisco todo o freudianismo que aprendi nos meus quatro anos de Fafire, de um perobismo ativo sublimado, ressentido de troca-troca na infância, dedadas na hora do recreio e outras brincadeiras lúdicas da mesma natureza. Ainda mais com margarina vegetal e sem colesterol! Ah, tenha santa paciência! Se pelo menos esse Allain Dellon de meia-tigela fizesse aquele discurso maravilhoso do filme, contra Deus, Pátria e Propriedade! Fui, que lá em casa faltou manteiga na despensa.

Miss Corações Solitários responde 03-novembro-2000

Desde que o exotique clandestino Manu Chao baixou por estas plagas, nossa cigana pansexual não pára de atender clientes em sua tenda. Publicamos o apelo mais desesperado.

Por Miss Corações Solitários

Gloriosa Miss, luz do meu caritó, calor da minha bacurinha, posso falar de um bofe público? E ainda por cima francês metido a exotique? Ai, meu bálsamo digital!, perdoa-me o afobamento, mas o clandestino é tudo na vida de uma persona. Querida Miss, fui pro Free Jazz em São Paulo, naquelas cocheiras do hipódromo, toda esperança; mas voltei toda desmilinguida, arrasada. Quando estava ali, no gargarejo, mais enxerida que bêbado de rodoviária, o cabeçoso tira lá do camarim aquela lapa de nega mais linda desse mundo. Uma verdadeira Jesualda dos seus tempos de Santa Tereza, Rio. Quando estava a esquecer – deixa estar, bichinho, que te pego no Marco Zero, lá no teu show no Recife! - eis que me confidenciam que o desgraçado já tem a filial nordestina, uma Iracema de Fortaleza, com quem teve um rebento.

Que fazer, minha cigana predileta, com o desalmado desse Manu Chao?

Ass. Clandestina do Amor, Aflitos, atrás do campo do Náutico, Recife, Pernambuco

Resposta:

Nega véia , pensa que é só tu que tens direito ao bofe, é? Desde que esse homem posou com aquele palito entre os dentes, no Nova Capela, no Rio, que o desespero tomou conta da racholândia nacional. Eu mesmo num vejo graça naquele tamburete-de-samba. Todavia, por dever de ofício, os meninos do Carapuceiro me fazem favores sexuais para isso, deixo aí uma sugestão: minha filha, dizem que o bofe é louco por cachaça (ah, esses franceses encantados com os Tristes Tropicques!), então aproveita o show do Recife, que vai ser de graça mesmo, e arrasta o pau-d'água até o Apurado, a cachaçaria que toca samba-de-corno. O resto, minha jovem sedenta, deixa por conta da filosofia popular que trata dos fiofós de bêbados e safadezas afins. Esforçadamente, suada até, tua Miss C. Solitários.

Miss Corações e o fogo morto 08-dezembro-2000

Procura-se rapaz de farto patrimônio e educação sentimental afrancesada. Siga as pegadas da nossa cigana pela decadência do Nordeste açucareiro.

Por Miss Corações Solitários

Querida Miss, estimada Miss, amor-demais, minha tampa-de-crush - com o seu perdão pelo superlativo derivado de antiga e boa gasosa alaranjada -, iluminada, consagrada, salve, salve!, tirai-me do precipício amoroso. Rogo, imploro, careço. Meu pleito é simples: quero um marido rico - pode até não ter liquidez, mas que exiba farto patrimônio -, que tenha cultura afrancesada - tipo almofadinha da Casa-Grande que aproveitou as viagens a Paris -, que seja um grande provedor e que o único defeito seja um priapismo doentio. Miss, bálsamo da vida, dai-me um prumo nessa vida. Ass. Josefina, a emparedada do amor, rua Nova, Recife, Pernambuco.

Resposta:

Tu não queres nada, hein, criatura!? Te mando, no reservado, uma lista de bofes que constam dos processos de falências judiciais de usinas deste brioso, porém decadente, Pernambuco. São rapazes que não dispõem de uma prata no bolso, mas detêm um vasto latifúndio nas zonas urbana e rural. Gabolas, são capazes de te recitar A Uma Passante, de Baudelaire, sem forçar o biquinho, pois ao contrário dos emergentes de hoje, têm berço. O único problema é que o dandismo lhes subiu à cabeça, o que os desobriga de bater um prego numa barra de sabão, preguiçosos que são. Quanto à paudurescência, não deixam a duvidar, embora alguns tenham trocado o gosto mercantil pelo açúcar por um pó branco que está mais para o Fogo Morto que para o Fogo-Fátuo. Ai, mulher, dá uma pena!, mas é tudo que tenho a dizer-te. Da tua esgotada, Miss C. Solitários

Saiba como estragar uma amizade 23-dezembro-2000

Jovem machadiano, dublê de Bentinho, ama a amiga, que só quer saber de um nerd louco por desenhos japoneses. Miss Corações Solitários ensina o guri a sair dessa.

Por Miss Corações Solitários

Bentinho trocado por Pikachu

Ó Miss, preciso ardentemente de sua ajuda. Apaixonei-me por uma versão morena da Gisele Bündchen, só que a seriema moçoila me quer apenas como amigo, não dispensando guapos, em minha fervorosa presença. Temos várias afinidades, como gostar do bardo imortal, e citar Cervantes nos momentos mais inapropriados, fazendo um olhar blasé, e discutir Machado de Assis, nas tertúlias alcoólicas, das quais participamos. E ainda por cima, ela acha todos os meus amigos o máximo e quando eu vou a uma casa doidivanas de má fama, onde moças vendem seus talentos sexuais a preços módicos, ela fica à flor da pele. O nome da moça é Gabriela, aquela mesmo do Jorge Amado, cravo e canela, off course, e uma pitada de veneno sensorial. Para coroar o meu sofrimento, ela agora está num affair segregador com um pangaré chamado Pizza, cuja maior diversão é assistir o magnético pokemon e outros seriados japoneses menos recomendáveis.... O que eu faço Miss, pra mostrar a adorável moçoila, que é por ela, que minha jeba sobe, minha cabeça cresce e meu coração se desalinha? Hamlet Ferreira

Resposta:

Oh, pobre Hamlet, tanta vista gasta com a boa prosa, tanto pincenê quebrado, e encontra logo pela frente uma desalmada Capitu (a do Bruxo do Cosme Velho, bem entendido, jamais a de Manuel Carlos e o chororô das 8), que te põe na maldita situação de dublê de Bentinho.

Mas não desistas do teu pleito carregado de justiça. Ora, na hora que precisa exercitar os neurônios, a gazela te busca, assanhada e bela! Quanto oportunismo. E no momento do vamos-ver, cai nas graças do Pikachu. Com licença da palavra, mas que merda!

Sem mais rame-rame, te deixo um conselho, à guisa de mimo de fim de ano: na próxima tertúlia alcoólica com a morena, arrasta a desalmada para um canto de parede e, enquanto ela adverte sobre o fato de serem amigos, tu dizes, em alto e bom som, que chegou a hora e a vez de estragar a amizade.

Pega a nega com firmeza, ó indeciso Hamlet e mostra que contigo não tem essa frescurinha de ser ou não ser, to be or not to be. Pois como sempre lembro, para curar um amor platônico, somente uma trepada homérica.

Fica um cafuné gostoso da tua Miss C. Solitários.

Desalmados que rogam 23-janeiro-2001

Miss Corações Solitários supera a fadiga da menopausa e atende missivistas literários.

Por Miss Corações Solitários

Entre a pressa e o coelhinho de Alice

Valorosa Miss, conheci outro dia, num desses lances de dados que somente o barbudo lá de cima é capaz de ofertar, o melhor braço da minha vida. Como o conceito de mulher, no meu humilde entendimento, é metonímia, a parte pelo todo, estou a delirar desde então. No tal braço, corria, qual o original de Alice, um coelhinho dos mais alvissareiros, tarde morna e azul de domingo, Cantareira ao longe, banho de mangueira no terral possível. Não que não tenha gamado por tal criatura inteira, mas, como teimo nas idéias fixas e resumidas, deixo aqui o meu desabafo que versa apenas sobre o membro superior da gazela. Nem reivindico respostas, apenas quero utilizar este teu altar enquanto cartório do meu mais derramado registro de devoção e lirismo. Dado e agradecido, Estrangeiro da Raul Deveza, ladeira do Sumarezinho, São Paulo, SP.

Resposta:

Felicita-me a condição de tûmulo da tua reservada e sincera passionalidade. Em tempos tão secos e com homens tão econômicos em sopros de lirismo, fico até sem jeito – e com inveja, confesso! – em te deixar alguns vocábulos de estímulo. Espero que não leves a mal, mas deixo aqui, a minha mais elevada obviedade e repetição: para curar um amor platônico, dizia o poeta, somente uma trepada homérica. Sorry, mas costumo ser mais grossa que papel de embrulhar prego. Fica o carinho da tua Miss.C.Solitários

Cartas de amor de muito 23-março-2001

Um Lewis Carrol dos pobres corre atrás do prejuízo, enquanto isso, de Paris, uma Charlotte bate à porta de Miss Corações.

Por Miss Corações Solitários

"Acuda-me!," reza Lewis Carrol dos Pobres

Querida e inesgotável fonte de sabedoria e generosidade – o que a torna ainda mais superior, não costumo envenenar-me com a descrição de qualquer beldade, mas confesso-me passado com a musa do coelhinho de Alice. Aquele do braço de uma ladeira qualquer do Sumarezinho, como rezava um devoto da moça que te escreveu na derradeira edição deste periódico sempre moral e, só per accidens, político. Ah, vai, Missinha, entrega o jogo, me diz tudo dessa moça, o telefone, o endereço, dá-me! Sei que a fila deve dobrar quarteirões da Raul Deveza – deve ser o nome da artéria da abençoada alma -, todavia, profissão esperança, quero a minha senha. Ah, incorruptível Miss, dama dos corações mais perdidos e levianos, tem jeito? Acuda o meu platonismo, gloriosa! Ass. Lewis Carroll de Santa Tereza, Rio de Janeiro.

Resposta:

Menino, que devoção da goitana é essa?! Parece que acredita naquela velha história do caminho do excesso como desaguadouro da sabedoria! Mas a donzela é realmente uma Teodora, uma Lisbela, uma Marília. Sonha, meu filho, com o coelhinho a pular do corpo dela para o teu, saltando daquele colchete qual roedor em madeira de lei, qual raposa no galinheiro, qual cabrita no capim. Pena que perdi uma missiva enviada justamente pela beldade. Para completar, um primor de imaginação, vírgulas certas, pausas para a vida. Dizia-me de certo pendor para o rock'n'roll, o lirismo e a larica de viver. Hei de encontrar, no lixão do meu outlook que travou, esse exercício de sabedoria e prazer. Moça fina, meu filho, moça aprumada, meu querido, moça para poucos, estimado consultante. Mas se queres um conselho, obriga-me ao bordão desta copiadora de mancheia: para curar um amor platônico, somente uma trepada homérica! Como diria d. Sebastião, fui! Felicidades, M.C.Solitários.

Madame Bovary c'est moi

Estimada Miss, venho por meio desta fazer uma consulta breve, para não assanhar-te a paciência nesses tempos danados. O problema é que, como diria o velho e bom Science, são problemas demais. E não é que encanei (não me julgue um paulistano babaca pelo verbo algo assim tão Ibirapuera!) com o livro que citaste do velho Salinger. Não é todo dia que a gente se depara com aquelas nove histórias que listaste. São lindas. Lindas não, que podem aparentar uma leitura enviesada. São as melhores histórias que um homem pode reunir na vida. Claro que lacrimo com J.D. Salinger. Choro de verdade. Ao ponto de não ter como indagar nada, algo ou etc. Querida Miss, como um homem, aparentemente tão normal, pôde escrever "Um dia ideal para os peixes-banana?" Quem não leu este conto sabe muito, mas sabe muito pouco do mundo debaixo das coisas que a gente imagina. Ass. Charlotte, Paris. (Com tradução livre de Miss C., um semestre incompleto de Aliança Francesa, 15 dias na Guiana deles e muitas semanas de traduções comunistas de Le Monde Diplomatique.

Resposta :

Charlotte , mon amour, desde lemon incest, aquela canção dos lençóis, na qual/donde lambuza-te levemente com tua matriz paterna, que não foges da perseguição punhetística dos leitores deste periódico. Nega, e eu te digo mais, se não pratiscate incesto naquela canção, Madame Bovary c'est moi. A fresca de sempre, M.C.S.

O amor, entre promessas e chilreios 19-abril-2001

Escreva você também para Miss Corações Solitários, velha e sábia cigana e suas poderosas lições para almas em rebuliço.

Por Miss Corações Solitários

Querida Miss, nada mais ridículo que um homem apaixonado. Nada mais periquitoso, miduinho, tantos beijinhos como peixinhos a nadar no mar. Ave! Que agonia, essa menina. Que fazer para que cesse o chilreio, a queda d'água adjetivosa, a multiplicação acelerada dos mimos? Agoniada do Cajueiro, Recife, Pernambuco.

Resposta:

Como diz um fanho aqui da redondeza, amigo dessa mandingueira que vos fala, aralho! Minha nega, faz esse malassombro trocar os gorjeios pela paudurescência. Que trepeça mais lesa, que macho mais androgenado. Homem que é homem não se apaixona, pula direto para o amor de muito. Ora, ora, pomba lesa!

Um coração tão simples

Querida e benevolente Miss. Agora, coração sempre em desassossego, quero dividir contigo uma rápida estação de calmaria. Juro que nem tocarei na palavra homem ou bípede do gênero. Só importa que uma procissão passou pela minha janela neste domingo fim de tarde. Com velas acesas. Fiz promessa para todo o resto do ano. Jurei, jurei, jurei... Liguei para você para que recebesse minhas rezas, meus desejos de felicidade, saúde, coração ameno, proteção, cuidado e amor para todas as pessoas queridas.

Minhas promessas de alegria, meus encantos de moça, meus domingos sem aperto e sem mais procissão. Uma só me bastou, minha querida Miss. Procissão na janela, querida, com andor e um Cristo arrastando a cruz (como sofreu aquele pisciano)... Ai, ai, ai....quanta dor num só domingo. Beijos da tua Vermelhinha do Coração de Jesus, São Paulo, SP.

Resposta:

Ai, finalmente alguma criatura bate à porta sem um bofe na ponta da língua. Sossega, meu arbustinho de beira de estrada, sossega coração em rebuliço, sossega teteuzinho sentimental, acalma-te rapariguinha em flor.

Milagre e sexo no Capibaribe 04-maio-2001

Donzela do rio Pinheiros revela a Miss Corações Solitários o alumbramento diante dos malassombros do Capibaribe.

Por Miss Corações Solitários

Cara Miss Corações Solitários, preciso confessar para você a experiência que mudou meu rumo... que me fez renascer como mulher... a tal que me fez acreditar em milagres. Só não acho que vem ao caso recorrer ao confessorário, pois resultaria em muita perda de tempo. Nada de ficar rezando. Melhor desfrutar dessa nova e alvissareira vida!

Estava eu aflita e cansada desse marasmo de São Paulo, com tantas opções masculinas, porém, por mais que se tente, são opções que só se encaixam na coluna do meio. E olha que eu estava direitinha e sem medo de ser feliz ou triste... Apesar disso, me deparava somente com aqueles mancebos que não cospem mais no chão nem matam muriçocas. Algumas vezes ainda encontrava os que cospem pra cima, demais da conta além daquelas outras manias egoístas que tantas sabem, de não sobrar nem uma salivinha para sussurrar aquelas coisas que todas as moças precisam ouvir...

Desiludida fui cuidar em um lugar distante da minha cabeça avariada de decepções e descrenças, cheguei até a conclusão que é de propósito que tenho, ou tinha o dom de só escolher os errados, por pura vingança mesmo! Se é pra errar, que erre direitinho! Mas ao chegar às margens do Capibaribe logo na barraca do meu santo protetor codinome Jesus, com vista pro rio maravilhoso, brisa e calma... me deparei com a primeira das aparições - o santíssimo Moreno com cara de tigre selvagem e corpo que substituí as listras pelas melhores das cicatrizes, além de um olhar de iluminado. Só não pude definir, conforme minha tontura, que tipo de iluminado era.

Não soube ao certo também se eu é que estava de estranha "iluminada" no ninho ou se para estranha sortuda, mesmo descrente dessa iluminada aparição. Aquele olhar pardo que acabou de explodir de prazer, que explodiu somente pelo prazer de se proporcionar. Foi ai mesmo que tive a primeira vontade de sentar e chorar à margem do rio Capibaribe.

Ai que sol bonito fez naquele dia... Deve ser beeemmm diferente dos urbanóides dessa cidade da garoa com brisa cinzenta que só se apaga com as luzes e boemia. Se acreditasse, ia chamar de milagre. Não sei se foi somente excitação, falta de, ou divina luz... Mais foi aquele suspiro, seguido de um olhar rexona que me deixou viril de novo. Tudo se comprovou em seguida na praia, aquele ambiente umedecido... Principalmente depois daquelas ostras divinas e tão baratinhas.

As luzes se apagaram e em pleno carnaval na primeira folia brejeira tive outra certeza do que era o paraíso. Me senti a Eva em pessoa. Recife é bom demais. E que beldades... Outra paixão à primeira vista, já na primeira noite e daquelas avassaladoras enquanto duram. Me senti benzida logo ao entrar no antro. Mais veja bem, foi outra essa divina luz, outro desodorante e muita sacanagem. Sacanagem daquelas bem direitinhas, que fazem a mulher se sentir mais feminina, viril e forte. Calma que não parou por aí, pois apesar de ter passado o carnaval com outro homem das mãos de presença, fiquei encantada com tantos outros...

Eu toda linda e demonstrando o maior dos amores, daqueles que se finge orgasmos múltiplos e tudo... Não estava satisfeita ainda, esse foi o maior dos pecados, pois uma vez que se sinta vontades, que sinta direitinho, e foi o que fiz, beijava o homem dos sonhos e mandando meus curriêns estandartes guardiões marcarem territórios alheios. Explorei platonicamente todos os tigres.

Felizmente tive retorno em todos os recados o que me fizeram beijar ainda com mais vontade aquele que teve o ar da minha graça. Parecia um sonho, quantas mãos... e a minha estendida para os Céus, bem pra cima... estava eu alcançando a divina luz? A cidade da garoa estava cada vez mais distante... Como vivi nesses dias! Vou falar que recomendo para todas as que se acham mal amadas, pois as estrelas do Nordeste são muito mais visíveis. Lembrei da frase do intenso Wilde. Todos estamos na sarjeta, mais alguns estão nela olhando para as estrelas. E que estrelas são essas que sussurram, nega véia, nos nossos ouvidos.... ai Jesus! Cadê você????????

Meus curriêns trabalharam direitinho. Os recados renderam tanto que mordi aquelas maçãs daqui mesmo da terra da garoa. E que gostinho bom de pecados meus negos, que árvores mais bondosas. Voltei tão mudada que passei a encomendar maçãs regularmente e parece que dessa vez aprendi a morder de jeito... direitinho... Milagre existe, minha querida Miss, ou fui eu que mordi a maçã de outro lugar?

Atenciosamente, Norma Lucia, margem esquerda do Pinheiros, São Paulo, SP.

Resposta abençoada de Miss C. Solitários:

Ave, palavra! Menina, que dizer diante de tanto alumbramento? E repare que as Lisbelas de lá ainda reclamam da falta da mercadoria! Ó malagradecidas! Minha afilhada do Pinheiros, te juega, te rasga, pois, a exemplo de ti, sei bem o que é sentar e chorar à margem do rio Piedra, Sena, Ipojuca, Pajeú, Tâmis, Jaguaribe, Tejo, D'Ouro... Te joga, nega, e pinga estrelas nos olhos para ver melhor a lua na sarjeta! Saudações milagrosas, Miss C.

O horizonte e os cotovelos da espera 22-maio-2001

Para curar um amor platônico, somente uma trepada homérica. O mote de Miss Corações Solitários, titular do confessionário deste periódico, não conforta a gazela das margens do Potengi. Ela espera, o mancebo não comparece.

Por Miss Corações Solitários

Querida Miss C. S.:

Magnífica Gurua - aspirina e ponstan digital -, desde outubro passado sofro pelo amor de um homem. O conheci neste mar que não tem cabelo que é a internet. Ele é maravilhoso e eu o amo. Já lhe disse infinitas vezes. Mas o mancebo - que é escriba de mancheia, razão pela qual roubou meu coração vulnerável - não me dá ouvidos. Não me crê. Ou crê e não me retribui o amor. Diz que me quer. Mas nada faz. Embora seja conhecedor de teu famoso conselho sobre amores platônicos, não concretiza a trepada homérica. De homérica, só eu, Penélope eterna, à espera, tramando e destramando os pontos desta paixão.

Que fazer? Há esperanças? Haverá luz na escuridão de meu Caritó?

L. V., Rua da Ladeira da Ribeira, Natal, Rio Grande do Norte, terra de Câmara Cascudo.

Resposta:

Querida Penélope, como toda musa de ladeira, saberás esperar a estrela da manhã, que não tarda, pois o tempo para os amantes é sempre nada, coisa-alguma, beirinha-de-dias e auroras alvissareiras, folhinhas no calendário, dias que correm aos pés do Coração de Jesus das edições Paulinas. Mira o fundo das tuas xícaras de café e verás, como cigana das margens do Potengi, o mancebo em desalinho, talvez atordoado, ostra viva escondida na casca de uma promessa de amor. Qual o Câmara Cascudo da tua terra, piolho de cabarés e desordens líricas solenemente aceitas pela mulher amada, talvez o moço esteja a essa hora no frege da vida, tão-somente para suportar o fardo do trabalho e enganar, distraído para a sorte, o peso dos dias. Aceita, pois, o afago carinhoso desta dama envelhecida em barris de bálsamo que vos fala. Estico a vista e enxergo, no horizonte da tua janela e no desconforto dos cotovelos da espera, a caatinga em flor, mais florida que os jardins de Swan. Sempre às ordens, neste Caritó e suas cinzas das horas, tua Miss C.

Jogos de azar e facadas amorosas 06-junho-2001

Entre os poderes do ex tudo, bofe-eterno-retorno, e o varejão fim-de-feira, La Concha Indecisa recorre à sabedoria de Miss Corações Solitários. Escreva você também para a nossa barraca espiritual.

Por Miss Corações Solitários

Miss Corações Solitários me ajude por favor, por que não posso recorrer a mais ninguém, sou casada, separada, namorada, amante do meu ex tudo que no fim não deu em nada, bom pelo menos no couro deu!!!

Mas a controvérsia é que apesar de gostar do cabra, ando de olho gordo em um outro, gosto de chocolate, cor de canela e doce muito doce... tenho medo de morrer diabética (mas sempre é melhor do que esfaqueada!!)

Como resolver a questão? Tomando banho frio, purgante de mamona ou devo comprar a revista do milhão e ficar de joelhos rezando para ser sorteada??

La Concha Indecisa

Resposta:

Querida e Indecisa criatura, “está certa disso?” Entre os jogos de azar e os bingos do amor, a sorte grande está mesmo nas lições do excesso – tenham elas gosto de chocolate ou travem qual o jiló-do-arrependimento.. Pois como dizia o velho místico inglês, só o excesso conduz ao palácio da sabedoria. Quanto ao bofe-eterno-retorno, mantenha distância – mas de apenas alguns metros ou ao alcance do seu “help” mais agudo. Sabe como é, a mercadoria está em falta na despensa – e no mercado, minha filha, só restam os bofes-pepinos, bofes-abacaxis e toda uma sorte de hortifrutis de fim-de-feira.

Sempre à sua disposição, na barraca espiritual mais próxima, Miss C. Solitários

Os zóinhos, a gula e todos os sentidos 11-junho-2001

Quero me render, mas eles só marcando passo, dançando eternos flamencos para turistas ...Respeito ? Medão? Fazem elogiiiios, dão as tais olhadas, mas ninguém ainda chamou pro vamos ver . É um habitat novo ... trabalho, complicaaaado ...E eu , avanço?

Por Miss Corações Solitários

Dear Miss Lonely Hearts ou Mademoiselle, que pelas citações a senhora tá parecendo mais chegada à cultura Gaulesa que à Ianque... sei que a senhora escreve pra viver , já eu uso o teclado pra relaxar, porisso não escrevo aguardando resposta.

...mas é bom escrever com um destinatário em mente, mesmo que seja uma Miss-Macho ... ri ri.

Por que é que os dilemas filosóficos são tão saborosos de se ruminar uma vida inteira e as decisões práticas e mesquinhas do dia-a-dia são tão impenetráveis pra quem tá com o focinho nelas? (estou omitindo os aaaahs hoje, segunda vez já, reparou ?)

Seguinte: envolvida num relacionamento monogâmico, vejo a "biodiversidade" e a biodiversidade presta uma atenção danada em mim. A fauna toda me ooolha, gulosa, e eu adorando, olhando pros espécimes como se fossem de uma espécie em extinção que eu sentisse o dever de salvar, só uma vezinha cada um... sei que é fantasia , essa balada toda , simplesmente não vai acontecer, talvez só com unzinho (ou dois??? pliiiz?) mas parece que o exército amigo está notando meu desguarnecimento e vejo as linhas avançarem.

Quero me render, mas eles só marcando passo, dançando eternos flamencos para turistas... respeito? medão? Fazem elogiiiios, dão as tais olhadas, mas ninguém ainda chamou pro vamos ver. É um habitat novo... trabalho, complicaaaado... E eu, avanço? E a tal da reputation? Que eles vão contar , né? É isso que é o tal do networking ? E o dono da bola? Se eu assinei contrato de exclusividade? Por que achei que merecia tentar, ver se ficava fiel, se ficava de um dono só ?

Por que é que só levar as olhadinhas gulosas não satisfaz? Atiça mais? Por onde começar? Qual deles vai me fazer virar os zóinho? Qual não vai pegar no meu pé depois? Vão continuar meus amigos ou vou ser item ticado?

Purkiki que quero tudo ao mesmo tempo, tanta gente fala bem da homeopatia e eu quero tudo de alopatria, leve três pague dois? Ai, miss, os cheiros, a pele a temperatura, as vozes, tudo, cada um diferente, cada um de um jeito... só de olhar pra eles já dá uma zonzeira, já pensou tocar, saborear ????

Aí também vai sobrar o que pra desejar e ansiar, se eu realizar todos os meus desejos? Será que pode?

Anônima, SP.

se

ns

istquesno

Resposta:

Estimada consulente, em tempos de seca e vosmecê com uma fartura dessa na horta, no quintal de casa! Solta a cabra dos teus sacolejos carnis nesse capinzal libidinoso. Solta a mão de Deus, freio do mundo, e vai - ladeira abaixo. Ora, se Deus

es s

050 50 1425 0 Tm (n) Tj 50 580 Tm /F2.0 1 Tf (e)

O tédio francês de todos eles 01-julho-2001

Honrada Dalila, nesses dias dá mesmo uma vontade de fazer como as fêmeas dos louva-deus, que arrancam e jogam fora – não tem essa de bandeja não, Salomé! – a cabeça dos seus machos. Esses condenados só querem entrar dentro da gente (e entram muitas vezes sem bater, o que é mais terrível!).

Por Miss Corações Solitários

Cara Miss,

Por que no dia seguinte, sempre depois de uma noitada de Vênus daquelas que nos deixam bem-amadas e sorridentes, sempre nos sentimos como ao pisar numa caixa de ovos? Pois foi isso que me aconteceu, meu querido amor eterno - até enquanto ainda dura - finalmente parece que tomou a dianteira, o que me fez repensar todos os xingos que fiz em vão. Como mulher é um bicho sensível... Me senti incapaz quando me satisfiz com pouco... Ou acho que o muito não é o suficiente, o que não deixa de ser síndrome de mau amor.

Depois de uma noite maravilhosa do melhor dos amores, quando não se precisa sair do quarto pra nada, senti, no dia seguinte, ao sair, sentir que pisava em uma caixa de ovos, ou quase uma faquir, pois a bebedeira tinha passado e agora éramos somente nós mesmos e o já citado dia seguinte. Querida Miss, confesso que medo eu senti, sem motivos, mas senti e absolutamente nada transpareci. Será, minha confessorária Miss, que isso se compara a uma pequena síndrome de mulher mal-amada, mesmo bem comida, ou melhor, explorada? Por que tamanho medo me fizeram reear nas recordações? Parece que o fato de estarmos entrando em seus casulos também os assusta. Por que tanto medo, minha Miss? Diga para mim se realmente nesses casos a solidão seria o melhor remédio, querida solitária? Conta pra mim se tem preguiça tanto quanto eu? Preciso de seu afago, minha paciente medicação.

Dalila de Jesus, Vila Ré, SP.

Resposta:

Honrada Dalila, nesses dias dá mesmo uma vontade de fazer como as fêmeas dos louva-deus, que arrancam e jogam fora – não tem essa de bandeja não, Salomé! – a cabeça dos seus machos. Esses condenados só querem entrar dentro da gente (e entram muitas vezes sem bater, o que é mais terrível!), mas nos deixam incomodadas a um simples toc-toc na porta dos seus casulos.

Ô raça! Todos se acham uns Allain Delons. Já imaginam que estamos apaixonadas e caídas no primeiro olhar. Nunca vão compreender que a gente os utiliza também para uma manutenção básica, um socorro mecânico no inverno, um projeto-costela de Adão rápido, um troço qualquer para fazer algum barulho dentro de casa. Nada de solidão, paciente Dalila.

Como diziam no meu tempo, o negócio é rosetar. Esqueça a cara de tédio matutina desses infelizes. Até parece que esses filhos-de-quenga nasceram todos na França! É francês de Caruaru, é francês de Feira de Santana, é francês do Crato, é francês de Bacabal, é francês de São João do Meriti, é francês de Araçatuba, é francês do Guaíba, é francês do Tietê, é francês de Três Corações...

E quando aos ovos, é como diz a canção, pise machucando com jeitinho...

Paz, saúde e orgasmos múltiplos, tua Miss C. Solitários

O bolchevique que me abalou todinha 08-jul-2001, 22:55

Será que ele me acha fútil e globalizada? Que fazer, como indagaria o ídolo do sujeito, o chato do Lênin, para tê-lo na minha cama de fibra óptica? Veja a resposta de Miss Corações Solitários.

Por Miss Corações Solitários

Sábia e flexível dama dos corações em desarranjo, não te tomarei o precioso tempo com firulas e gongorismos amorosos, vou direto ao nó que arrocha o meu sofrimento. Aliás, nem trato diretamente de amor, falo de algo mais banal e mercadoria tão difícil quanto nestes tempos GLS – deixar um mancebo sexualmente enlouquecido e devoto das nossas regalias e malabarismos. Ocorre que tenho febre, calor na bacurinha, como diz o populacho, por um ente que me despreza – sexualmente, repito!, pois o amor não é algo que me ponha em tamanho alvoroço. Pelo que pude vislumbrar, entendo que o tal do sujeito, cujo resíduo do marxismo tardio e a cinza da dialética bolchevique ainda correm na veia, me acha muito fútil e globalizada, embora a vida digital seja tão-somente meu ganha-pão. Que fazer, como indagaria o ídolo do sujeito, o chato do Lênin, para tê-lo na minha cama de fibra óptica? Ass. Rapariga do Beco do Silício, Vale do Ribeira, São Paulo.

Resposta:

Valei-me meu menino Jesus de Praga! Ave!, êta que quando mistura sexo com comunismo a merda, com licença da imagem catastrófica, vira boné. Minha nega, aplica logo a teoria da “cama quente”, da qual tratava o barbudo Karl – a rotatividade entre operários era tão grande que as camas dos alojamentos industriais da velha Inglaterra nunca esfriavam entre um e o outro. Deixe esse bofe no exército de reserva e dá-lhe revezamento na tua alcova globalizada. Assim, logo logo ele vai querer picotar também o cartão dele.

Outra coisa que pode funcionar, fofolete, em casos de rebeldes bolcheviques, é uma fantasia que me foi relatada por uma freguesa deste confessionário. Em apuro semelhante, a danada fingia que era uma agente da C.I.A., de Washington DC, com a missão de debilitar as forças leninistas do bofe, desidratá-lo, cansá-lo para que o inflamado sujeito não pudesse exercer a função de formador de opinião e assim nosso país (a gloriosa America) maquiavelicamente continuasse a governar o mundo, sem o perigo desses vermelhos. Ele vai esquecer até a contra-espionagem e partir direto pros finalmentes. Só corres o risco de ser sodomizada pelo bolchevique, alerta a freguesa, mas é um risco que se tem de correr pelo bem do mundo livre, da livre iniciativa e do glorioso e esclarecido presidente Bush. Ufa, agora te vira, que eu tenho uma trouxa de roupa suja me esperando lá no tanque. Afetuosamente, Miss C. Solitários.

Anfíbio em parafuso 01-ago-2001, 15:32

Apenas sugo as emoções alheias e nada fica aqui dentro, nem mesmo amor de pica, como reza a sabedoria popular mais escrachada. Que fazer, minha guia genial dos arrasados?

Por Miss Corações Solitários

Estimada, idolatrada e consagrada Miss de todos os Corações, bálsamo dos Aflitos – não os geraldinos e arquibaldos do Clube Náutico Capibaribe, de volta às glórias -, mas aqueles que padecem, frágeis almas penadas, de todas as agonias e aperreios amorosos. Como este mancebo que vos fala, nem bofe nem vadia, nem Esparta nem Atenas, uma coisa assim meio anfíbia aqui das bandas do Guaíba - embora tenha ligações sentimentais com o Beberibe. Mas chega de embromar, gloriosa Miss. Direto na ferida, o que tenho a dizer é simples: tô arrasada, vazia mesmo, nada orna, me sinto, como li num volume de Will Self (“Cock & Bull, Histórias de Phadas & Phodas”), uma verdadeira parasita de emoções. Apenas sugo as emoções alheias e nada fica aqui dentro, nem mesmo amor de pica, como reza a sabedoria popular mais escrachada. Que fazer, minha guia genial dos arrasados? Voltar a ser bofe, continuar nessa luta renhida de bonequinha de luxo, virar travesti de vez, operar, em que diabo de situação ou sexo andaré a minha cara-metade? Enfim, dá-me uma luz, quero luz! Com a devoção de hoje e siempre, Anfíbio do Guaíba, POA, 30 de julho do corrente

Resposta:

Menina, menino, seja lá que diabo for tens o meu respeito e calor... Que rebuceteio d’alma te meteste, criatura! Mas chega de aflição, amigo é pra acudir outro. Gostei foi desse expressão “parasita de emoções”. Que coisa fina, hein, nega, nego, sei lá!? Para sair desse grau zero, querido anfíbio, não há remédio na prateleira, a não ser o tempo, um bom trabalho de feitiçaria e a corrente dos dias e da espera. É engraçado como te pegas com a mesma Síndrome do Príncipe Encantado de todas as moçoilas de família. O bom é que para um anfíbio pode rolar pelo menos um sapinho terno e sentimental, daqueles de várzea, que já está de bom tamanho, não é, biba? Mas, lembra-te, cobra que não anda não engole sapo. Te joga na sauna mais próxima e deixa o cheiro de eucalipto dilatar os poros e desentupir as veias desse coração parasita. Com a bênção e as flores brancas de sempre, Miss C. Solitários.

A ansiedade nos tempos da net 20-ago-2001, 21:56

Só quem vive em eterno apuro amoroso, é capaz de abater, a penadas de pura emoção, as dores do mundo. Escreva você também para a nossa sábia cigana de araqueha.

Por Miss Corações Solitários

Te juega, danada!

Digna Miss C.S, sofro que só,não acredita... a espera de um e mail ,por parte daquele que faz meu coração fermentar, e transbordar escrevo te em busca de um conselho...(difícil amor na era da internet) entrego-me ao amor desgovernado ou ao amor seguro e estável? Porque nós mulheres somos assim? Trocarias uma vida , por uma noite ? Continuo a esperar, passaram se 23 minutos e 12 seg sem resposta - acho que ele desistiu. Pelo menos me responda tu.

Ass. Borboletinha, Brasília, DF

Resposta:

Nobilíssima borboletinha, ultimamente a coisa anda tão feia pro meu lado que eu não ando trocando nem mesmo seis por meia dúzia. Ih, nessa mercado persa da bofelândia, estou sempre no vermelho. Mas desamparada que puta do interior na semana santa, quando não aparece viv'alma pra fazer uma caridade. Mas quanto a ti, nada de acanhamento, te juega, te solta na buraqueira, pois, dizia a velha bíblia do lirismo espiritual inglês, só o caminho do excesso conduz ao palácio da sabedoria. Te juega, sabichona! Tem mais, minha afilhada do cerrado: depois que inventaram esse tal de e-mail, ansiedade não é mais coisa de mulherzinha não, esse passamento agora é comum-de-dois, digo, unissex, digo, pansexual... Com o afeto que nunca se encerra, tua M.C.Solitários

Para estragar uma amizade

Solicitada Miss,

Tu já visse em tua existência acontecer amizade entre um homem macho e uma mulher fêmea sem direito a segundas intenções? Nem eu.

Já fiz muita intenção em relação a amigas minhas deixar de ser apenas intenção sem me preocupar com as consequências dos relacionamentos pós-modernos (santa Revolução Sexual).

O problema é que agora a intenção deixou de ser apenas intenção não com uma amiga; mas com A amiga. daquelas que trocam de roupa junto, só na confiança de você ter dado as costas. E o pior é que podia confiar; pois pra mim safadeza tem que ser reconhecida, não dissimulada com olhadelas.

Na época da iniciação às ciências, brincamos de médico tardiamente. Mas ela só quis que eu lhe escutasse o batimento cardíaco e lhe aferrisse a pressão: nada de tratamentos prolongados. Ficamos na primeira consulta, sem direito à volta.

E com medo de estarmos confundindo a obra de arte do mestre Picasso com a pica de aço do mestre de obras, nos tornamos algozes de nossos hormônios e demos continuidade à nossa estreita amizade (bem que minha avô dizia que amizade fina não presta com seu ninguém).

Mas ultimamente demos de brincar com a natureza ...; e depois de uma boa película, umas braminhas da antártica (salve Zé Telles); chamei-a para uma audição de Mônica Feijó na minha Aurora 5365. Não deu outra: encarnamos Eros e Psiquê.

A semana que se seguiu foi uma tal de conversa ao pé do telefone que não tinha mais fim; mas sem chegar nas formalidades, nos entelaces propriamente dito.

Não amolenguei. Aproveitei o falatório e levei-a para ver Bicho de 7 Cabeças. Novamente nos entregamos aos clichês de 9 semanas e meia de amor. Eu tava era animado feito pinto no lixo. E pra acabar de lascar, ela disse que se soubesse que ser minha amiga desse esse prazer todo, já tinha adorado Dionísio comigo há mais tempo.

Não tive dúvida: aproveitei o sucesso da bilheteria, abri meu peito e pedi pra ela tomar conta. Mas a cachorra da moléstia se aproveitando do título do filme que acabara de assistir disse que estava confusa. Acreditava que o que tinha acabado de acontecer podia ser contornado e não atrapalharia em nada nossa amizade.

Respondi que o homem não pode atravessar o mesmo rio duas vezes. Sabe o que ela me respondeu? Que Heráclito era um cara muito sequelado. Posso com isso?

Ficamos nesta encruzilhada: ela querendo nos transformar no que há de mais moderno em termos de amizade; e eu tentando mostrar que no solo que há entre nós pode nascer uma rocinha.

E agora grande Miss, como você pode me ajudar?

Mostro o cabra de péia que sou, condizente com a minha plaga natal, e perigo perder uma amiga daquelas que entram numa briga distribuindo tapa, pouco se importando se eu estou certo ou não. Ou me transformo num vibrador guardado numa gaveta do guarda-roupa, doido pra ser exposto na estante da sala?

Grato pela atenção: Um matuto da Serra das Ruças.

Os trabalhos de Hércules e os dias de Isis 06-set-2001, 02:06

Sinto um tesão hercúleo por aquele homem... Sou capaz de mover o Monte Olimpo de tanta paixão. O que eu faco pra que meus beijos sejam tão doces para ele quanto a ambrosia e o néctar que está acostumado?

Por Miss Corações Solitários

Ai, Miss Corações Solitarios.... Enamorei-me de um Adonis pós-moderno... Uma florzinha de narciso brotada no meio do asfalto da cidade... Por ele eu iria até o inferno de Hades atravessando o rio a nado... E ainda passava a mão na cabeça de Cerbero, o cão de 3 cabeças... Ai, q nesta o cupido não me flechou, mas me bateu forte com o arco e o estrago que fez nem mesmo Zeus pra remendar... Sinto um tesão hercúleo por aquele homem... Sou capaz de mover o Monte Olimpo de tanta paixão. O que eu faco pra que meus beijos sejam tão doces para ele quanto a ambrosia e o néctar q está acostumado?Ansiosa no aguardo de tuas sábias palavras,

Isis do Capibaribe, Olinda – PE.

Resposta:

Que bofe é esse, essa menina? Noves fora o pós-moderno - agamenon estético com pendores para a o engodo - o danado tá podendo. Mas esqueça, minha estimada consulente, os 12 trabalhos de Hércules e essa pegação toda, embora mitológica, na cabeça de Cerbero. O trabalho que deve ser conduzido é na encruzilhada mesmo, com um bode velho, tipo pai-de-chiqueiro, um exemplar bem tarado da caprinocultura – de preferência de um rebanho do Pajeú.

Seus beijos, depois do sacrifício bem mais terreno, ficarão mais doces que o favo do jati da vadia Iracema (ô índia andadeira!), mais doces ainda que o quebra-queixo da feira do Crato, um derretimento só, pastelzinho de Santa Clara, baba-de-moça, manjar de convento, docinho, como balbucia o safado do Zero Quatro para a sua galega-mor.

Mesmo assim, falho porque humanérrima, se nada der certo, te joga nos braços dos nada pós-modernos remadores do Clube Barrozo, ali bem na rua da Aurora... Os Apolos da Bomba do Hemetério, suburbanos corações recifenses, te farão esquecer essa choringa mitológica toda na primeira pisada na lama da Manguetown. Pisa fundo, nega! Afetuosamente, teu socorro, tua mecânica de interiores, Miss C. Solitários.

Faça amor durante a guerra 02-out-2001, 23:58

Mas o problema, gloriosa Miss, é que o danado, com seus dotes e pendões antiamericanos, comuna tardio e derradeiro, sempre se joga em cima deste corpinho balzaquiano - cansado de bombas de testosteronas - como fosse se espatifar em cima de um World Trade Center.

Por Miss Corações Solitários

Beligerante e querida Miss, desde a guerra fria eu não sabia o que era um bofe de resposta na minha frente. Pois não é que rolou um exemplar agora na área. Acho que a coitada da minha racha, sorry pelo palavreado viadoso, só recebe os estímulos do mundo em tempos heróicos. Buceta épica, diz uma amiga, boca picaresca.

Mas o problema, gloriosa Miss, é que o danado, com seus dotes e pendões antiamericanos, comuna tardio e derradeiro, sempre se joga em cima deste corpinho balzaqueano - cansado de bombas de testosteronas - como fosse se espatifar em cima de um World Trade Center. Não tem a menor delicadeza, o desgraçado do kamicaze. Parece acreditar que, depois de me massacrar - tô reclamando não! - terá pela frente, como promete Alá, uma multidão de virgens no céu. Poderosa Miss, como acalmar uma criatura dessas, como aprumar-lhe o xote e devolver-lhe o afeto, a fungada suave e o ritmo de um decente provedor?

Maria Teresa Cansada de Guerra, Feira de Santana, Bahia.

Resposta:

Flor, os tempos são difíceis. A escassez rola a torto e a direito. Semi-árido do desejo e da sorte de amar. Larga de ser besta, larga a mão de donzelismos e congêneres. Abre as pernas, coração, como duas impolutas torres do apocalipse nostradâmico. Só pede, com jeitinho de vagaba necessitada, mais lisa que rapariga do interior na sexta-feira da paixão, que o miserável desse marxista retardado acerte o alvo certo, minha nega. Fui. Nada mais foi dito nem perguntado. Afetuosamente, como dizia o baitola do Lewis Carroll para suas lolas, Miss C. Solitários

Dores do mundo 06-nov-2001, 01:42

A demanda feminina de sinceridade ainda vai acabar com a psicanálise. Fundamentalismo amoroso é com a nossa guru dos desalmados.

Por Miss Corações Solitários

Sinceridade

Querida e piedosa Miss, por que as mulheres insistem tanto na sinceridade radicalizada, essa política amorosa que só serve para destruir castelos, interromper consistências e entupir artérias do desejo? Logo elas, estimada Miss, que dominam como nenhuma outra criatura desse mundo, o dom de iludir! Deixo, pois, essa rápida indagação filosófica para tua reflexão, nobre senhora. Agostinho das Dores, Consolação, SP.

Resposta:

Realmente, meu bom rapaz, esse apego exagerado das comadres à sinceridade ainda vai acabar com a psicanálise.

Aliás, não sei como já não derrotaram a ciência do divã. Embora sejam tão amantes das aparências no dia-a-dia de rouges e batons, chegam a uma hora que só se contentam com a mágoa extraída dos barris da profundidade. Haja masoquismo envelhecido. Sofrimento a pedido. Baldeação de dores tantas. Sinceridade faz mal à saúde. Ave, esse tema me mata, até perco o jogo de cintura e o gracejo. Sem mais para o momento, a tua Miss C.

Amantes

Estimada Miss, por que as mulheres, mesmo as que gozam da felicidade e paz do lar, procuram os amantes?

Teodoro, Caxangá, Recife, PE.

Resposta:

Jovem mancebo, te respondo com uma coisinha que li recentemente no “Livro de uma sogra”, do nosso Aluísio de Azevedo. Tento citar de memória: as mulheres procuram nos amantes a restauração de suas luas-de-mel, o festim diabólico de uma noite que já não é mais possível com el maridón. Com afeto de sempre, tua Miss C.

O amor acaba?

Querida Miss, qual a melhor receita para suportar o fim de um amor?

Werther dos Aflitos, Recife, PE

Resposta:

Ih, meu filho, se soubesse não ‘tava tão acabada como me encontro, só o caco, só a grade, só o projetom de gente. E o amor acaba?, como perguntava aquele cronista de Minas?

Sei não. Na dúvida, para suportar as dores, aconselho que troques a barba de Jesus pelo bigode de Nietzsche. Só com o enterro cerimonioso das tuas culpas, sepultarás o passado. Virgem! Agora até me arrepiei, de tão profundos, como diriam Wilde e Mussum.

Passar bem, ficam os votos de melhoras, Miss C.

O donzelo e a Penélope 15-nov-2001, 20:42

Miss Corações Solitários responde cartas sobre um ignorante que não tem sorte no amor e conforta uma Penélope que espera, cotovelos feridos, seu guerreiro que saiu para comprar o king-size da saudade.

Por Miss Corações Solitários

Drama do “arame liso”

Verborrágica Miss Corações Solitários, tenho um amigo em Campina Grande (PB), com a graça de Luciano Piroket, que sofre a estigma do "arame liso" (aquele que cerca, cerca e cerca, mas não fura ninguém). O pior é que ele não chega a ser tão mal diagramado assim, só não tem sorte! Talvez o problema não seja sorte, mas seja problema de egoísmo, pois ele é tão egoísta que quer a ignorância e grosseria do mundo todo só para ele! Ele segue a cátedra do Sr. Mandurim (na Paraíba), o Sr. Lunga de outrora. Sabe como é....

O que ele pode fazer para mudar essa situação e se tornar um arame farpado.

Um abraço, Daniel Cavalcante, Brasília (DF).

Resposta:

Que criatura mais agro-pastoril esse missivista. Duvido, com essas metáforas assim tão fundiárias (arame de tudo quanto é tipo!), que não tenhas deixado umas cabritas magoadas lá nos grotões do semi-árido, geografia sentimental dos cabras mais safados.

Mas que situação a do nosso Luciano P., hein? Desconfio, no entanto, que a donzelice do rapaz tenha algo a ver com a sua ignorância. Ora, conheço uns cargas-tortas por aí, mais grossos que papel de embrulhar prego, e mesmo assim sortudos no quesito amor carnal ou fornicção propriamente dita.

O que esse menino carece é de uma boa sopa de cabeça de galo – já tomei uma aí na beira do açude de Campina –, um chá milagroso de cinza de caritó, além de pisar em rastro de virgem durante sete dias seguidos e em rastro de corno durante a quaresma. Com essa mandinga, o donzelo vai comer mais gente, com o perdão pela indelicadeza, do que terra de cemitério do interior. (Até me senti mal pela grosseria, mas já foi). Com o afeto que nunca se encerra, tua Miss C. Solitários.

Guerra & Paz

Querida Miss C. S.,

Em ocasião anterior - de desespero e profundo sofrimento - escrevi pedindo ajuda espiritual e aconselhamento afetivo.

Narrei meu drama de Penélope esperançosa, à espera do amado que me recusa o amor. Tu disseste-me então que eu prosseguisse em meu determinado aguardo, cotovelos prostrados à janela, que ele - meu homem desejado e sonhado - haveria de aparecer.

Confiante neste amor (qualidade de toda mulher), recebi tuas palavras com toda alegria. Porém, meu amado dirige-me missivas amorosas sem, entretanto, dirigir-me os mísseis do amor (nem mesmo nestes tempos de beligerância). E eu sonhando em ser alvo de todos os ataques que meu Ulisses possa intentar...

Então, querida e confidente Miss, peço mais uma vez tua ajuda.

Será que estes meus cotovelos doloridos e cansados (se bem que devidamente esfoliados e hidratados, para o caso da inesperada chegada) devem ainda repousar minha espera? Ou devo eu compreender que meu bem querer não me quer? Que enquanto luto e guerreio pelo amor, é ele um pacifista intempestivo?

Lara Tolstói, Rua da Farmácia Redonda, Recife, PE

Resposta:

Impaciente, porém razoável, afilhada de Tolstói, tua súplica é digna e já se faz ecoar em todos os fronts, onde os homens, rudes ou não, são todo ouvidos e saudade. Teu amado, mesmo quando pisa nos astros distraído, não esquece o quanto guardas em munição amorosa e arde na febre do relógio. Enrascado em batalhas e labirintos os mais passionais, tenta tapar os ouvidos para todas as sereias do caminho – e só assim seguir rumo à terra dos Guararapes, onde morrerá nos teus braços, trôpego de nostalgia e cachaça.

Com lágrimas escapadas, tua Miss C. Solitários.

À sombra da Borborema 24-nov-2001, 20:49

Um mancebo da Paraíba perde a dama para um otário globalizado; a bonequinha de luxo do Recife, Síndrome de Caramuru, prepara-se para a temporada de ferveção.

Por Miss Corações Solitários

Meu nome é G.Túlio, sou dos rincões de Patos, na Paraíba, cidade provinciana que não entende o sentido do verdadeiro amor platônico. Esmiuçando melhor o meu drama, sofro diariamente quando encontro com a minha cunhada e nada posso fazer, eis que estou enamorado de sua irmã e ela é nubende de um otário.

Aliás, você sabe qual é o conceito de otário aqui em Patos: ele é muito mais inteligente que você, ele é um atleta, ele fala inglês fluentemente, ele tem mais dinheiro que você, ele é mais avantajado que você, ele.....ele é um otário. Pois é, a única coisa que eu posso fazer é criar meus platônicos calos advindos do autoflagelo sexual. O que posso fazer para amenizar a minha dor e, pelo menos, despachar o otário de perto da minha musa.

Ass. G.Túlio, Patos (PB)

Resposta:

Caro e bom G. Túlio, torcedor do belo Nacional de Patos, até limei o teu desnecessário P.S. Odeio P.S. Ou dizes tudo antes da assinatura ou do dedão no carimbo ou não terás mais chance com esta dama. Mas que entendo o que vives, não restam dúvidas nem sombras da Serra da Borborema. Os otários estão mais globalizados do que nunca. E no interior, entences, fazem a diferença. São mais otários ainda. Assim como os sábios do interior são mais sábios ainda, bichos encruados por ruindade.

Antes de rumar para a capital do Universo, Recife, padeci desse mesmo flagelo. Também, era feia que só o cão chupando manga – só depois de tantas operações e transfusões, pude ser chamada de alguma coisa parecida com gente. Mas isso não vem ao caso. Travas um guerra desigual. Lutar com um otário é uma luta vã. Vai convencer a desalmada que o traste não passa de um abestalhado?! Não dá. Um otário é um otário. Imbátível e as mulheres adoram. Seja em Patos ou em New York. Ainda mais falando inglês! Tás fudido, perdão pela grosseria. Rapaz, nem sei o que fazer para neutralizar um otário. Só resta ouvir os teus conterrâneos dos Totonhos e os Cabras, comprar uma passagem de ônibus e tentar a sorte entre outras coxas. Ouvi dizer que tá faltando homem no Rio de Janeiro!!

Perdão pelo mau jeito, tua Miss C. Solitários

Síndrome de Caramuru

Miss corações, astuciosa e sabedora dos rodapés dos manuais de solteiros e solteiras. Aqui na minha terra quando os guarda-chuvas começam a serem trocados por sombrinhas de frevo, quando as marias farinhas beliscam as nossas bundinhas nas areias das praias... e as ostras enchem os baldes e mostram a sua fama e nos faz querer deita na cama!

Já viu, é tempo de “Caramuru”. Está aberta a temporada de troca de espelhinho, como diz um compadrito meu. É gente vindo das águas, do céu... o mundo todo

descamba pra cá, pra perto da pele mais moreninha e quente, com oleozinho de canela ou de buriti. Então fia, quero esquentar seu acento bordado de conquistas e armadilhas e lança-las para esta mais recente solteira por acidente, que sempre casada, com ornamentações suburbanas e vestido alugado na Conde da Boa Vista, Recife, e bolo confeccionado pela tia, aos 18 aninhos dostoievskianos. Então docinho, coloque sua penteadeira espelhada para esta mulher sem bolsa que nunca teve idéia de como é andar sem o porta-batom em forma de marido. Que fazer?

Ass. M. Sole tentando virar o calendário com categoria, Rua da Aurora, a bonequinha de luxo do Recife, margem esquerda do Capibaribe, apartamento comprado pelo ex-marido!

Resposta:

Querida indiazinha da linha do trem, afogue sua silhueta nos copos dionisiacos de vinho refrescado, porque com esse calor todo não dá pra ser de outro jeito... O resto é feito andar de bicicleta, uma vez que aprendeu nunca mais esquece.

Cibele, rapariga maravilhosa 18-dez2001, 01:24

Mancebo piauiense, de apenas 17 cajus, clama por sua jovem Cibelle, Cybellle. E recebe, como todos, o boca-a-boca sentimental de Miss C. Solitarios, cigana acima do bem e do mal e vice-versa.

Por Miss C. Solitarios

Oh benevolente miss broken hearts, venho por esta, pedir um help para me livrar de anseios psicológicos e de minhas taras nominais, eu com meus noviços 17 cajus, recente distanciado da fase de justiceiro, já tenho estado deveras mal por conta de um vício (quase um fetiche) desprovido de propósito e por enqto mal-sucedido. Bem frígida(mas nao menos em polvorosa) conselheira "lovorosa" , eh q só me interesse por mulheres cujo nome seja cibelle ou sibelle ou cibelly (ateh hj todas com ll) o atrito (q vem a se tornar um detrito) eh q esse interesse nunca eh reciproco,(sorte eu nao estar mais na fase anal) o q devo fazer para não acabar me tornando um Harrypotergeist gritando "Cibelllllleeee" "Cibelllllleeee"??

Ass. Charlie Moura Jr, Teresina –PI

Resposta:

Ô esse menino! Pareces tão quente quanto a beira do Parnaíba, uma noitada na Bete Cuscuz e outras marroquinas do gênero desta bela terra do velho e tropicalizado Torquato Neto. Enfim, um sábio aos 17, bucho cheio de maria-zabé e cabeça de psicodelias outras. E queres saber d'uma só coisa: nunca vi uma Cibelle que não valha um despenar dum pobre sabiá, uma devoção proustiana mais do que punhetosa, o sacrifício do palhaço, um cinco-contra-um, um pop senhor dos anéis e outras perdas de dedos desejosos, justiças possíveis... Enfim, mãos-santas tantas castigadas na falange, falanginha e falangeta...

Sábio mancebo, Harrypoter de Oeiras, comendo por todas as beiras, filho sábio da costela de Mário Faustino, maior poeta brasileiro, igualmente piauiense, pense!, que conselhor, pois te dá?

Ô nego, grita o nome dela, primeiro homem d'América, nas cavernas de São Raimundo Nonato, de quatro-pé, esperneio de todas as vontades... Cibelllllleeeee, rapariga safada, dá o r'oscofe logo pr'esse menino, ó safada!

E salve Bete Cuscuz, minha comadre. Com o apreço de sempre e o traseiro desfilando naquela rua de ar-refrigerado de Teresina, sua, toda sua, Miss C.

Como é grande e bonita a natureza 05-fevereiro-2002

Amigo espanta-se diante da capacidade de um afilhado de Robert Crumb, em plena Campina Grande, se abofelar com uma bela e farta donzela, tão grande quanto a Mulher do Dia, do carnaval olindense. Miss C. Solitários, sábia, abafa o caso.

Por Miss Corações Solitários

Insigne Miss, eu pensava que conhecia um pouco da natureza humana, mas descobri que sou um pobre coitado, que não sei nada da vida e muito menos dos segredos que ela nos esconde. Eu tenho um amigo chamado GTúlio, um velho mancebo que já é conhecido no âmbito do Carapuceiro por uma participação elucidativa em outro conselho de nossa ladina Miss.

Ele é um rapaz tranqüilo, de feições não tão mal diagramadas assim. Estou bastante surpreso com GTúlio nos últimos tempos, pois ele perpassou a barreira do que convencionamos a chamar de "coragem". Eu pensava que vaqueiro que segura boi pelo chifre era corajoso; eu pensava que policial que faz plantão em Floresta (PE) e Belém do São Francisco (PE) era corajoso; eu pensava que os soldados dos Estados Unidos eram corajosos; eu pensava que Jason Wills, provador da comida do Presidente Bush, era corajoso; eu pensava que o domador do leão que matou a menininha em Recife era corajoso; mas descobri que, corajoso mesmo, só o meu amigo GTúlio.

Imagine, nobre Miss, os vários trabalhos de Hércules acrescidos ao intento de suportar as várias novelas da Globo em seguida, ser obrigado a ver a Angélica apresentar um programa, aturar a Mari Alexandre chorando e ter que engolir as músicas do KLB, tudo isso, em um só ato. O ato de furnicar! Furnicar com uma mulher que era os sete pecados capitais insculpidos em uma só pessoa. Sem querer conjecturar medidas físicas, eis que não há balança ou trena suficiente para tal intento, o nosso amigo GTúlio passou o pincel nesta Monalisa balzaquiana, que tinha RG no IBAMA. As pessoas que passavam ao longo do quarteirão onde eles estavam pintando o sete, na esquina do Colégio das Damas (em Campina Grande), escutava GTúlio chorando e gritando: "Eu quero descer daqui!" Ninguém sabe de onde ele queria descer, o certo, porém, é que a casa não tinha primeiro andar. A pergunta que não quer calar é a seguinte, sábia Miss: como fazer para ter uma coragem como essa? Tal assertiva visa contemplar uma premissa muito importante: "Morder mulher bonitinha é fácil, mas morder canhão é coisa para quem é muito macho!"

Um Abraço! DaniEl Papa

Reposta:

Nobre El Papa, com todo respeito, o nosso GTúlio é um exemplo para a humanidade. Que graça tem devorar uma dessas gazelas de passarela? Quem gosta de osso é cachorro pidão de mercado público. Mulher, rapaz, é como lançamento imobiliário, tem de ter área útil, vagas na garagem, varanda, dispensa...

Gegê aprecia mesmo é uma fartura. Calorias de mancheia no país dos desnutridos homens-gabirus. É devorar a Monalisa, salgadinha de desejos, e depois beber toda a água do açude de Campina Grande, ou um Orós inteiro, uma barragem de Tapacurá todinha. Isso é que é homem, não aquele vegetariano perobo que eu sustento, comendo folha amarrado, lá em casa. Ai, Gegê, mais uma missiva dessas e

eu me mudo, de mala e cuia, pra essa esquina do Colégio das Damas. Ai, meus crumbianos corações e suas mulheres gigantes! Ai, Gegê, pega a tua trena e vem medir se passamos no teste do côncavo e do convexo! Vem saber se sou de menor ou caibo na tua grandeza épica, épica, épica!!! El Papa, perdão pelo descontrole, mas esse menino me põe comovida que nem rapariga de Juazeiro em semana de vaquejada!

Tua, sempre tua, não importam as medidas, Miss C. Solitários

Maria gasolina e os cavalos 22-fev-2002, 04:00

Quer saber duma coisa? Mais vale um homem decente de jegue ou fusquinha que um canalha de Mercedes, Renault, Pegeout... Ou o contrário, né?, como manifestam-se os baianos da MPB situacionista.

Por Miss Corações Solitários

Quando finalmente imagino que estou por cima da carne seca, descubro que meu novo objeto de desejo anda num FUSCA fodido. Não consigo me imaginar num turbulento chassi sob 4 rodas, fumaçando e perdendo peças a cada saliência e reentrância das ruas emburacadas do meu Recife. Eu... O glamour em pessoa.

Como manter toda a pompa e circunstância num meio de locomoção tão primitivo quanto uma carroça puxada por um jegue? Ó céus, será que sou mariagasolina? Quando esta criatura parar em frente a minha humilde morada à beira mágoa de Olinda, minha mãe vai ter uma síncope. Mais uma filha perdida na família. Será que eu devo esperar até o mancebo adquirir um meio de transporte decente? Definitivamente ainda não atingi tamanha elevação espiritual a ponto de superar minha sórdida condição de humana vulnerável a opinião alheia. Pobre alma minha agrilhoadada aos padrões consumistas de uma sociedade capitalista que abomino! Em que esquina se perdeu todo o discurso hipócrita do homem superior que prego ao longo da vida? Bunda dos outros no Fusca érefresco, quando a minha própria está no banco da frente a conversa é outra. Há fumaça e fuligem demais no meu sonho dourado do homem ideal montado num cavalo branco. Socorro. Como sobreviver a este conflito? Isis do Capibaribe, PE .

Resposta:

Digníssima consulente, tua missiva me leva a retomar uma velha pérola adormecida em córregos de camomila e leseira sativa: antigamente as donzelas Teodoras sonhavam com um príncipe montado, hoje as marias gasolinas não se contentam com apenas um cavalo. (Vai sem aspas, pois de punho próprio). Tem de ter potência no motor, nega!

Quer saber duma coisa? Mais vale um homem decente de jegue ou fusquinha que um canalha de Mercedes, Renault, Pegeout... Ou o contrário, né?, como manifestam-se os baianos da MPB situacionista.

Nega, nega, afobe-se não. Mais vale fuligem nozói do que chifre na testa. Daqui, das cinzas das horas do meu caritó, deixo o meu exemplo de resignação, embora arda nas chamas de uma senegalesca menopausa. Ai! Lábios que beijei, mãos que eu afaguei, Miss Corações dos Outros Solitários.

Febre da selva 07-março-2002

Dengue ou safadeza propriamente dita? Só o vento e Miss Corações Solitários, nossa cigana maior, sabem a resposta.

Por Miss Corações Solitários

Prezada Miss C.,

Preciso da sua ajuda. Estou arrasada com meu drama. Já consultei todos as tarozeiras da periferia e não tenho resposta para o meu problema. Frequentei tudo que é pai e mãe de santo. De Freud a mãe Dinah não escapou ninguém. Nem a cigana da praia que descobriu que a dor de cabeça da minha amiga era causada pelo estresse de funcionária do Banco do Brasil. Fico com insônia e moleza no corpo todas as vezes em que penso no meu internauta teson. Não consigo definir minha situação. Será que o meu mal é culpa ou estou com dengue? Por favor, amiga, ajude-me. Da sua fiel leitora. Beatrix.b.

Resposta:

Estimada Beatrix, musa de Dantes e contemporâneos outros acovardados diante do material (dialético), poderia te recitar as consolações de todas as filosofias. Seria bobagem. Coisa assim meio Schopenhauer: "Podemos classificar a vida como um episódio que perturba inutilmente a bem-aventurada tranquilidade do nada". E que diabo tu tens a ver com isso, nega? Como não sou da enrolança e muito menos acho que Schopenhauer seja cibalena pra dor de amor, obrigo-me a deixar a mais velha das receitas gregas, patenteada por poetas marginais dos tristes trópicos e repetida ad nauseam por esta lady-menopausa que vos agita o sangue venoso: "Para curar um amor platônico, só uma trepada homérica".

Com dengos e cafunés, práticas esquecidas pela bofelândia nacional, tua Miss C. Solitários

Ah, essa lua, esse Domecq! 02-abril-2002

Todos os males da alma caíram sobre este pobre infeliz. O que fazer, ó sábia conselheira, para esquecer de vez daquela que me acalentou por boas estações? O que fazer, luz de minha escuridão, para não acabar-me no vício solitário, já que o maestrôncio anda tão duro como a vida de um paraíba por estas plagas?

Por Miss Corações Solitários

Querida e estimada Miss,

Em primeiro lugar, peço desculpas por me aproveitar do conselho alheio. Mas, confesso-lhe que tentei seguir a receita que a digníssima passou para sua jovem leitora Beatrix B.. Aquela fórmula originada pelos sábios gregos e posta em prática pelos nossos não menos versados poetas marginais: "Para curar um amor platônico, só uma trepada homérica". Pois digo-lhe abençoada criatura, que para tal empreitada ainda não encontrei parelha. Contar-te-ei minha peleja.

Sofro horrores de amor por minha ex-mulher que me trocou por um menos digno há duas primaveras. A danada grudou no meu juízo que só nó de rola de cachorro em priquito de cadela. Tentando me livrar dessa maldição, engracei-me semana passada de uma carioca Classe A do tipo completa. Pense numa nega perfeita, promessa de minha cura (ou curra?). Atriz, filha de pintor famoso, rica, olhe num tinha o que pôr não. Mulher pra direito de todo tipo de luxo e esquisitices do gueto burguês. Nem o velho e referido Platão idealizaria coisa igual.

Pois bem, ganhei uns beijos da criatura, para minha esperança e do abandonado aqui debaixo. Animei-me, visse?! Mas, por falar em esquisitices, num é que a nega era arriada os quatro pneus por formula1?! E num é que tinha corrido no Japão logo na noite daquele sábado inesperado. E foi o que ocorreu, nobilíssima consultora: fui abandonado pelo Barrichelo! Se ainda fosse os tempos do nosso glorioso Senna, minha compreensão teria sido mais larga. Todos os males da alma caíram sobre este pobre infeliz. O que fazer, ó sábia conselheira, para esquecer de vez daquela que me acalentou por boas estações? O que fazer, luz de minha escuridão, para não acabar-me no vício solitário, já que o maestrôncio anda tão duro como a vida de um paraíba por estas plagas?

Esperando ansiosamente por vossas experimentadas palavras,
Bob Moustache.

Resposta:

Honradíssimo bigode de França, que coisa mais feliz tal expressão “que só nó de rola em priquito de cadela.” Aliás, como tornaram demodê o substantivo priquito – trocado desonestamente por firulas sudestes como xana (chana?) etc. No ouvido da nega, priquito (do latido mucicoso “quero comer o teu priquito”) soa como história grega. Nem faz mais efeito no tal pleonismo do caos urbano – Bienal de cu é rola, só para remoer o ressentimento agreste contra a arte facilitada da metrópole.

No interior, sim. Priquito soa como um piparote, um caixa de fogo Caramuru, um dedo acertado a caminho da Rodoviária no banco traseiro de uma Rural Willis. Adorável e triste ao mesmo tempo a despedida da nega, Princesa do Agreste, chapelão em riste na lataria do coletivo, caminho do Recife.

Nego véio, nada como o jiló do desprezo de uma donzela de primaveras dantes para botar a gente comovido como o diabo. Comovido, pero doido de acontecências no ponto futuro, como diria o nosso falecido Cláudio Coutinho, o técnico.

Ah, essa lua, esse Domecq, essa nossa ignorância amorosa, graças a Deus (está morto, tudo é permitido!), nos bota comovido como Chola, a cachorra dadeira do Recife.

No mais, querido homem no escuro, cospe na lanterna do velho Diógenes e vai. Somos vagabundos vagalumes e nos apagamos de ciúmes.

Do fundo do coração, tua, sempre tua, Miss C. Solitários

Aplicação tática 05-jun-2002, 03:57

"Te juega", eis a ordem sentimental da nossa cigana moura de plantão para eventuais broxadas ou priapismos por conta do ludopédio globalizado. Bem-vindos à tenda de Miss Corações Solitários.

Por Miss Corações Solitários

Estimada Miss:

Antes de tudo, reverencio sua sapiência, e imploro por conselho pré mundial: qual a função da mulher solteira na Copa do Mundo?

Como desviar os olhares masculinos das pernas e bolas dos nossos brasileirinhos?

Já tô que não me aguento.ao passar pelas ruas decoradas com aquela cafonice verde amarela, bandeirolas feitas de resto de jornal. Empolgação generalizada!! Odeio Copa do Mundo... já me coço ao pensar naquela galera parada de front da vitrine de loja de eletrodoméstico pra rever os melhores momentos. Gol repetido! Replay!!! Bando de passante desocupado!!!

Nunca quis saber dos trejeitos coreanos nunca quis saber das superstições dos asiáticos...caguei pra tudo isso!

E o que faço eu,nesse frio dos infernos, sem nem ter como procurar um bofe pra dormir de conchinha, já que estão todos de olho nas telas da globo. Quem vai preferir meus gritos de prazer nas madrugadas frias aos gritos de goooooo!!!! do histérico galvão bueno?, desolada e paciente, esperançosa.? Que a Coreia exploda e que eu volte a ser feliz.

Dorinha , SP (de passagem).

Resposta:

Neguinha do céu, o pior é que mesmo os bofes mais sensíveis, os artistas, querida, para dizer o mínimo, se jogam, se empolgam com esse torneizinho meia-cuia. Não têm a menor noção da cor da camisa do Santa Cruz, do Ituano, do Brasil de Pelotas ou do Icasa, de Juazeiro, mas acordam ante o primeiro rojão Caramuru para acompanhar a Copa, esse futebol essencialmente dedicado às mulheres –homem que é homem gosta mesmo é de um Íbis x Ferroviário de Serra Talhada.

Que fazer?, como diria o velho barba russa. Só resta, nega, aproveitar a passarela de pernas turbinadas e adotar uma aplicação taticamente platônica. Presta atenção nos tunisianos, minha filha! Caso aprecie os modernos, olho nos telhados dos japas, pois. E esquece a tática-conchinha nessa temporada. Os negos estão mais interessados numa marcação homem-a-homem, embora o dito tesão-do-mijo os bote comovidos como o diabo para a peleja das seis (priápicos corações).

Te juega, imaculada. O amor, assim como o ludopédio, não passa de um engradado de surpresas. O jogo é jogado, o lambari é pescado. Tenho dito. Sempre no fundo da tua rede, mais angustiada que um Barbosa na hora do gol, Miss C. Solitários.

Por um amor no Recife 07-ago-2002, 00:43

Ao contrário das moças da terra, que não resistem a um “estrangeiro”, os pernambucanos não têm essa Síndrome de Caramuru. Preferem o produto interno, estão mais para uma tapioquinha do que para qualquer croissant. É mais um conselho de Miss Corações Solitários.

Por Miss Corações Solitários

Querida Miss, Ó cigana virtual, venho mui humildemente pedir-te que me esclareça a dúvida que tem-me assolado nos últimos dias: por que os pernambucanos, cabras da peste, são tão lesados para as artes do amor????

Sei que és a pessoa indicada para responder-me, pois além de seres cigana digital, és também profunda conhecedora da macheza pernambucana.

Deixe-me explicar: há pouco menos de um ano vim para o Recife, sulista encantada com o rufar dos tambores do maracatu e com o baque solto e o baque virado que me estremecem alma. Nas breves férias que tive fui olhar outros mares, os de Salvador. E, ave Maria, cigana!, embora os tambores do olodum não me causem nenhum arrepio, devo dizer que os baianos são mestres na arte de causar arrepios. Em menos de uma semana lá, bateram para mim mais tambores do que em um ano aqui.

O que há, mestra?

Por que não ponho comovidos estes pernambucanos?? Ou será que são lesados mesmo, fruto de uma tradição conservadora de casa grande e senzala?

O que devo fazer para que os mesmos parem de me querer na casa grande, ordeira madama, e toquem para mim os tambores da senzala?

Desde já muito agradecida, Lara de Mercúrio, Redondezas da Farmácia Redonda, Recife

Resposta:

Ó, nobilíssima consulente, talvez não haja no terreno da paudurescência, cabras tão destemidos quanto os da terra de Frei do Amor Divino Caneca (“e de Pernalonga, tradicional transformista de Olinda”, grita na esquina Jomard Muniz de Brito!).

O que não há, todavia, e aí talvez resida teu incômodo, é o que o mestre Giba, de Santo Antonio de Apipucos, anotou no seu “Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife”: a hospitalidade fácil, derramada, que as mocinhas brancas do sul/sudeste, sedentas de maracatus, tanto esperam. Salvador se derrete fácil no dendê para os turistas e forasteiros; Recife, e aí voltamos ao velho Giba no citado volume, não se entrega imediatamente, demora-se na conquista. De muito oferecido e saliente, e aqui vai uma paródia ao que disse o danado de Apipucos, o Recife só tem mesmo o mondrongo fálico que Brennand, o imoral, instalou ali nas bandas do marco zero.

Ao contrário das moças da terra, que não resistem a um “estrangeiro”, os pernambucanos não têm essa Síndrome de Caramuru. Preferem o produto interno, estão mais para uma tapioquinha do que para qualquer croissant.

Mas vai com calma, essa menina! Que cabra enxerido aparece aos montes, seja em que solo for. Ainda não deste de cara com nenhum gabola rabequeiro? Tem às tuias, coração. Queres dicas de ilhas de cabras safados? Vais ao “La Prensa”, boteco na freguesia do Poço da Panela, vais ao Pátio de São Pedro em dia de show, vais à calçada de “seu” Evaldo, ali na Encruzilhada, vais ao afoxé de Olinda, na Z-4! Mas todo cuidado é pouco com Bidu, o tarado da Sé!

Carinho, Miss C. Solitários.

O caso do pintinho 05-set-2002, 01:13

O incrível episódio no qual uma minúscula criatura quase pode mais do que um amor dos grandes. Derrubada pelo calor senegalês da menopausa, Miss Corações Solitários é substituída por uma colega das antigas.

Por Myrna

Estimados leitores, o alforje de Miss Corações Solitários pesa uma tonelada de tantas missivas. Mas a nossa velha cigana, entorpecida pelas fumaças de uma menopausa acalourada como um bom Paiuí, num tem condições. Dá nem pra se mexer, parece uma sucuri que acabou de engolir um zebu.

Dito isto, a velha e sábia senhora de todos os caritós, nos envia um texto, via A.W., da sua colega Myrna, que na saudosa e boa "Última Hora" exercia papel de conselheira sentimental. Sempre com grandeza, épica, do tempo em que os homens faziam tudo com muita paixão, até mesmo beber um simples copo d'água. Myrna teve a grandeza de vê destruição amorosa num mísero pintinho (ou pintainho) de granja. Reparem só:

NORMA, Rio* - Seu caso parece cômico e é, na verdade, trágico. Você tem um noivo, a quem dedica um amor que, segundo todas as presunções e as minhas, será eterno. Nada mais, nada menos do que isto: eterno. Mesmo que ele desapareça de sua vida, mesmo que venha a morrer, você continuará a amá-lo, porque este é seu destino, esta a sua fatalidade. E ele? Ama você com a mesma intensidade? Sim. Ou, pelo menos, tudo indica que sim. Entretanto, você sofre, porque, de repente, sentiu ameaçada a eternidade do seu amor. Vejamos a origem dessa ameaça e os meios de afastá-la.

Seu romance ia maravilhosamente bem, e bem até demais, quando surgiu um perigo, na figura ultraminúscula de quem? De um pintainho. Quando eu lhe disse que seu caso era, aparentemente, cômico, pensava no motivo de seus dissabores atuais. Com efeito, talvez seja a primeira vez, na história do coração humano, que se transforme um pintainho em causa de tragédia amorosa. Geralmente, os amorosos sofrem por outros motivos, bem mais consideráveis: ou porque os pais são contra; ou por incompatibilidade de temperamentos; ou em função de calúnias que venham atingir ou a mulher ou o homem. Nunca, que eu saiba, um pintainho provocou a dissolução de um lar, de uma família, de um amor. Há, no seu caso, portanto, um aspecto de ineditismo, que cabe ressaltar.

Mas, que fez o pintainho? Historiemos os fatos.

Ia você em um mar de rosas, com o noivo, julgando-se a mais feliz das mulheres, quando alguém se lembrou de levar para a sua casa e dar de presente, à família, um pintainho. Era um pintainho engraçadíssimo, bonito, lindo, fazendo lembrar esses que as crianças desenham com giz de cor nos quadros-negros das escolas públicas. Você e suas irmãs se atiraram sobre o presente. Houve as exclamações de praxe, sendo a mais usada esta:

-Oh, que amor, que amor!

E, então, sucedeu uma coisa estranhíssima: tanto você como suas irmãs -todas noivas- passaram a viver quase em função do pintainho. Largaram, abandonaram os respectivos noivos, deixaram de conversar com eles, de lhes dar atenção, para se

consagrarem à futura galinha. Dir-se-ia que tudo mais perdera a importância, e que só interessava, a vocês, dar comida ao pintainho, acompanhá-lo pela casa, agasalhá-lo, fazê-lo dormir. E vocês, as irmãs, brigavam, entre si, porque cada qual, egoisticamente, queria o pinto para si, disputavam a exclusividade. Você fez mais: fazia com a boca o gesto de beijo e se deixava bicar nos lábios. Seu noivo, mudo e sinistro, assistia a tudo isso. Afinal, sardônico, fez a pergunta:

-Você gosta mais de mim ou desse pinto?

Houve pasmo, no seio de sua família. Todo mundo começou a dizer logo que seu noivo era "muito implicante". Houve, até, quem insinuasse coisa pior: um desalmado. Agora, pergunto: "Desalmado por quê?" Porque não gostava do pintainho. Na sua casa, passou a vigorar o seguinte critério de valor: - os que aderiram ao pinto prestavam, outros que não aderissem, passavam a ser olhados de alto a baixo. Nenhum dos noivos aceitou a situação, inclusive o seu. Este, ainda se enfureceu mais do que os outros. Passou a fazer reclamações, na base de uma lógica, que me parece irrefutável: ia visitá-la para estar com você, conversar com você e para que, juntos, sonhassem o mesmo e maravilhoso sonho de amor. Em vez disso, você o afrontava, minuto a minuto, dedicando ao pintainho todos os carinhos, todos os seus amores. Se seu noivo se levantava você se derretia em sustos:

- Não pise o pintainho! Não pise o pintainho!

Ele ficava furioso. Jamais tivera um ódio, o seu noivo. O pintainho foi o seu primeiro e único ódio. Até que, não resistindo mais, o rapaz telefonou para você:

- Eu só apareço aí, de novo, quando o pintainho crescer, tornar-se galinha.

Você me escreve, indignada, e fazendo a pergunta: - "Está certo isso?" Ah, minha filha, está certo, certíssimo! Para você ter uma idéia do seu erro, basta que atente nesta consequência: por causa de um pintainho, acaba-se um amor imortal, destrói-se um lar, dissolve-se uma família que não fora fundada. Aceite meu conselho: deixe o pintainho no galinheiro; e, quando ele se transformar em galinha, faça uma boa canja e ofereça e a ofe

Bálsamos para o amor 23-set-2002, 02:08

Caloroso colo dos desamparados do amor, te confesso. Minha dor, o jiló que gagarejo até ao dormir, é o de sempre: um xodó mal-resolvido, mal-acabado, mal-ajambrado, mal-assombrado que teima em não me largar o rastro, o trabalho, os dias.

Por Miss C. Solitários

Gloriosa, primeira e única Miss Corações, espero que esta missiva te encontre gozando plena saúde e de volta ao nosso Caritó amigo.

Caloroso colo dos desamparados do amor, te confesso. Minha dor, o jiló que gagarejo até ao dormir, é o de sempre: um xodó mal-resolvido, mal-acabado, mal-ajambrado, mal-assombrado que teima em não me largar o rastro, o trabalho, os dias.

Já tentei todas as lições de Ovídio do seu “Os Remédios para o Amor”, inclusive a prática da caça e da pesca. E nada. Persegui lebres à toa, assustei corvos medrosos, encantei pássaros com meu visgo. Segui a bula do poeta. E nada nonada. Outras lições, do mesmo Ovídio, também persegui: evitar o que possa trazer lembrança, mudar de lugar, fugir dos pombinhos enamorados, evitar o ciúme, buscar a saciedade física, fingir frieza, pensar nos tormentos, comparar minha beleza à sua feiúra...

Bem... Desolada, não te rogo receitas, busco apenas um bálsamo qualquer, um afago ao longe, esmola de carinho, sopro do mais remoto milagre. Tua afilhada, Glória do Goitá, de algum cantinho do Nordeste.

Resposta:

Minha querida roseira machucada, sem entrar no mérito destes desalmados, te aconselho: estás agasalhando o volume errado do velho Ovídio. Larga esta auto-ajuda choramingosa e te juega n'outros conselhos do mesmo viado: “Os Produtos de Beleza para o Rosto da Mulher”. Ai sim, encontrarás a verdadeira portinhola de saída. O desgraçado sabia, 43 a.C., que o segredo está nas laminhas milagrosas, nas papoulas, nos pepinos, nos Lancómes, nos Clinics, nos recém-chegados Mac, ou nos mais baratos sonos bem-dormidos, nas resinas mais campestre, no gelinho sobre os olhos...

“As qualidades da alma se somam aos atrativos do rosto”, dizia o sábio rapaz no citado ensaio.

Tenho dito, carinho, Miss C. Solitários.

Veredas capilares 07-nov-2002, 01:03

Sei que errei, errei inocente. Me iludi com propósitos de terceira. Alumbramentos, peitos dourados do pré-verão. O horror, o horror, o horror, neguinha, como diria aquele bonitón do Apocalypse Now.

Por Miss Corações Solitários

Gloriosa, primeira-e-única, condescendente cigana das massas oprimidas pelas dores do mundo e seus arredores mais doloridos ainda! Salve comadre higienizadora das impurezas impostas por bofes desnecessários e encrenqueiros! Salve, neguinha dos meus encantos e demandas tantas!

Ai, como ando precisada. Não do tresloucado gesto sexual burguês propriamente dito. Mas de um cafunezinho, santa. Fiquei tão mal-acostumada. Malacostumada com o seu amor. Era um malassombro, mas mexia tanto no meu cocoruto, com denguinho polegar de mata-piolho, na hora em que me atacava por outros flancos! Valha-me Deus!, como é que se deixa um homem desses???

Sei que errei, errei inocente. Me iludi com propósitos de terceira. Alumbramentos, peitos dourados do pré-verão. O horror, o horror, o horror, neguinha, como diria aquele bonitón do Apocalypse Now.

Enfim, adonde encontrar outro igual ao ex, nega, já que desgraçado deve estar da caixa-prego pra lá, cafunezando outras fronteiras e cocorutos? Mas se souber o paradeiro, bem que eu aceito a indicação. Minha Iansã carapuceira, minha irmazinha de precipícios, me dá uma luz, desgraçada, um facho pra alumiar essa selva escura. Também se quiser calar, dane-se, valeu pelo meu desgrude de língua, minha louvação ao léu. Mesmo assim, com um pendor de machucar joelhos, tua Desalmada de Feira de Santana.

Resposta:

Desembucha, miserável! E carecia ensaiar ofensa pro meu lado, carecia? Me deixa!

Nega, te juega, esquece esse bofe. Alisador de cabelo por alisador de cabelo, tem condicionador na praça. E por um precinho tão mais em conta que Neutrox!

Cafuné? Que vício mais demodê?

E não repare que vou ser grossa, que não aguento esses peggy-sue, essa memória fraca a só vislumbrar paudurescências no amor passado. Minha filha, quer saber duma coisa, ainda nesse terreno capilar? Procure um mancebo que cuide dos seus delicados cabelinhos de baixo. Os de cima, até Mauro Freire cuida, até o viado mais barato da esquina, R\$ 15 o corte e o ajeitamento, sabe ajeitar.

Ave!, palavra. Tua, toda tua, desaforos à parte, Miss C. Solitários.

À sombra de um oiti duvidoso 02-dez-2002, 19:07

Venturosa Miss, remate de todos os males, eu acho que meu bofe é falso à bandeira. Tão carinhoso, tão bom comigo, mas... acho que o danado tergiversa, cai do caneco.

Por Miss Corações Solitários

Venturosa Miss, remate de todos os males, eu acho que meu bofe é falso à bandeira. Tão carinhoso, tão bom comigo, mas... acho que o danado tergiversa, cai do caneco, como dizem os cafunços do populacho. E o que me faz rogar o teu sábio aconselhamento é coisinha de nada, quer dizer, poderia ser coisinha de nada para uma analfabeta nos ensinamentos do dr. Sigmund e as suas intrincadas e labirínticas simbologias. Não para esta nega envelhecida em barris de carvalho.

Olha, sei não, o menino se contorceu todo em algumas cenas de “Madame Satã”, a película que apresenta um amorzinho gostoso entre iguais. Além do o auxílio de fina fuleiragem de Marcelo Gomes -menino dramático!- no roteiro.

Pois repare no meu drama. Era o João Francisco, pernambucano que não valia uma égua até ser trocado pelo mito Satã, lá “encaicando” o Renatinho e o danado do meu suposto bofe se estrebuchando todo na cadeira. Chega rangia na poltrona. Menino! Que acha, madame de todos os saberes e haveres? Eu, hein, já entreguei foi meu destino ao Pai Edu, que tudo pode!

Subscrevo-me, atenciosamente,
Glória do Goitá, Pernambuco

Resposta:

Menina do céu, ai como cheira a um legítimo e generoso doador de oiti. Mas vai com calma, criatura, que pode ser apenas uma rápida fissura mal-resolvida na região anelar. Nada que uma semana de fio-terra no capricho, depois de voltar da manicure, claro, não abata. Se não resolver, compra um daqueles pra-te-vai de plástico, no sex shop, e acunha o danado. Melhor tu brincar nesse furico angustiado do que esses vagabundos de rua fazerem a festa. Cautela, nega. Sempre a mão para os corações aflitos, Miss C. Solitários.

Miss Corações Solitários responde 07-jan-2003, 00:21

Será que o meu bofe abaitolou-se? Perobizou-se? Por que esse padre não comete logo o crime que tanto espero?? Que fazer se não me chamam mais de gostosa???

Por Miss Corações Solitários

Devido ao grande acúmulo de missivistas que batem à porta restante deste portentoso órgão, achei-me no direito de resumir as cartinhas e eleger os mais desesperados para as respostas nesta edição do Carapuça. E chega de conversar água. Aos infelizes, pois:

Ainda sobre Madame Satã

Indefinível Miss Corações Solitários, ainda não vi o filme do menino Karin, pois moro da Baixa da Égua pra dentro, lá onde o vento fresco esconde os seus vícios, na Caixa-Prego propriamente dita... Mas só queria saber uma coisa: quem só come oiti de macho também é perobo? Consiste tal ato em abaitolamento? Socorra-me. Ass. Galeguinho de Oeiras, Piauí.

Resposta:

Sossega esse fogareiro, menino! Pelo meu entendimento sertão-veredas, só é perobo quem dá, quem cede, sabe? Quem catuca é macho até debaixo da água pouca de açude do semi-árido. Falar nisso, aí pras tuas bandas tem um homem de verdade, o travesti Kátia, vereadora de Colônia do Piauí... Além de cabra macho, cozinha um tatu que é uma beleza. Já comi muito! E chega de botar esse oiti à prova. Miss. C. Solitários.

O crime do vigário

Generosa Miss, estou caidinha pelo padre aqui da paróquia. Tudo começou quando a gente fazia trabalho de caridade numa favela vizinha. Mas só me deu beijo até agora. Toda vez que vai acontecer, ele bota o crucifixo no meio, se ajoelha mas não reza. O que fazer para inverter a fábula e levar o vigário para cair no meu conto? Ass. M.S., Santo Amaro, São Paulo, SP

Resposta:

Estimada balzaca, caso se trate de um pedófilo inveterado, esqueça. Nem com reza braba. Nem no terreiro do falecido Pai Edu. Mas não esmoreça, minha filha, lembre-se: se Deus está morto, tudo é permitido, até mesmo um vigário, de repente, dar para gostar de mulher!

A tristeza da deusa do Tacacá

Bálsamo dos desesperados, minha consolação, dadivosa Miss... Não sei mais o que fazer para levantar minha auto-estima, me gostar de novo, me achar a tal, a gostosona que me achava! Não que eu seja uma derrubada qualquer... Mas não sou dada à ginástica e nem sexo tenho praticado mais para botar as coisas em ordem... Uma preguiça do mundo, compreende? Um tédio essa história desses homens tristemente pelados, que mal conhecemos, enfiando suas protuberâncias na gente! Saco! Mas minha queixa se concentra na tal da auto-estima, não se trata de choro por macho algum... Quero só voltar a “me achar”. Que fazer, corazón, sem carecer apelar para o remate de males das prateleiras da farmácia? Ass. Deusa do Tacacá, Belém

Resposta – Espirituosa leitora, nada de misturar Prozac ao seu açaí, nada de antidepressivo com maniçoba depois daquela chuvada de fim de tarde que cai por aí... Minha prescrição é tão simplezinha e eficiente: vai à feira, nega sestrosa, levando tudo que Deus te deu, não deixa nada em casa... Vai à feira e desfila na frente daqueles homens de verdade, dos vendedores de peixe, frutas, cereais... Vais ouvir tanto “olha a manga, gostosa” que voltarás toda-toda... “Mulher bonita não paga...`Ô pedaço de mau caminho!”, “Rebola que beleza aqui não paga imposto!”... “Ai se eu pudesse e meu dinheiro desse!”

À feira, amorico, ao Mercado Ver-o-Peso, te juega no meio destes pregoeiros que eles te devolvem o viço de viver, elogios às pencas, adjetivos às baciadas! Carinho, Miss C. Solitários

Os cosméticos e os remédios para o amor 21-fev-2003, 07:00

Duas missivas, duas dúvidas do velho coração feminino, máquina de sentimentos do mundo... e o melhor: quase à prova de infarto. Miss Corações responde.

Por Miss Corações Solitários

Os dizeres e os dias

“Amiga é pra acudir outra”, não é mesmo? Diz aí mulherzinha de Deus! O que tem de cosmético ou remédio para o amor hoje? Andei atracada nestes tempos com os russos de “Eterno Marido” passando para o matadouro das almas “Recordações da Casa dos Mortos”; porque aqui num tem grupo Severiano Ribeiro que seja a maior diversão do que caminhar de página em página e saber da condição solitária de não ter onde gastar essa literatura toda.

O que houve com os homens que nem querem mais saber o que a gente diz? Eu sou daquelas que gostam de marido pra tomar café da manhã demorado, matraqueando de um tudo!

Doçura de minhas questões do coração, eu fui casada duas vezes: o primeiro adorava as conversas matinais, era uma garrafa térmica inteira de café, chegou até perder a confiança no trabalho de tanto que chegava atrasado. O segundo marido, fazíamos compras com dois carrinhos: um com carne de churrasco e outras recordações alimentares do Recife para beira do fogão, já que morávamos em São Paulo, e outro pra carregar de Ypioca, vinho do porto (que eu gosto muito!) na promoção e tantas outras garrafas, que eram sorvidas nas conversas madrugadas a dentro em dia de semana mesmo! E com a frase final de sempre “tu parece homem, pra me acompanhar na conversa e na bebida, nega!”

Agora eu fico pensando que os moços não querem mais saber das linhas das palavras, só querem mesmo são as linhas das curvas das moças! É tão bom o vício da sedução com uma munção de conversinha fiada pro moço se engraçar! Tu acha isso também? Eu é que não sou besta nem nada, ainda pego o ônibus Córrego da Areia, munida de um livrinho de bolso, até a academia de ginástica. Assim junto uma coisa com a outra.

Ou será melhor deixar de ser besta e metida a querer saber das coisas e me jogar na corrida da esteira pra velocidade atrás de coisa alguma?

Resposta:

Menina do céu que carta grande! Que conselho é que eu posso te dar se até eu sofro destas questões, nem o nosso Ovídio de cabeceira adianta quando o assunto é vontade de amar.

Com todas as letras eu te digo “quem não tem cão caça com gato”, mesmo que seja um gato malhado, miado. Acho que se os moços não prestam atenção nas conversas só querem mesmo é partir pro abraço! Então, o melhor remédio são os cosméticos e as pernas fortes! E um prato daquele cuscuz matinal para diminuir as conversas fora de hora, como já dissemos neste periódico. E um pouco de Zeca Pagodinho, “tá ruim mas tá bom”...

Te juega, nega!

Oi mulher! Né tu que diz as coisas do amor, que a gente tem que se conformar ou se matar?

Então vai ter que contar outro dobrado pra me ajudar no quesito “namoro no carnaval”: pra quê isso? Essa coisa de ter namoro ou casamento em plena calçada da folia?

As “amigas da onça” é que sempre dizem: “duvido que passe deste carnaval seu enlace, fofa!” e ainda aconselham um exílio nas praias ou sei lá mais onde. Eu preferia me fantasiar de alaursa (ou ala-ursa?) ou de clóvis, com a cara coberta escaldando no calor, do que ter que ir para uma praia! Antes perder o romance...

Eu não sou muito chegada a saltitar atrás das troças e blocos, mas adoro o carnaval alternativo daqui. Eu, nascida e criada em Recife, nos últimos dez anos estive casada e este é o primeiro carnaval que estou solteira, mas de última hora apareceu um affair! O que faço com esse sujeito que é de subir e descer ladeiras em Olinda e sabe a agenda dos blocos e o horário de saída de cada boneco de Olinda?

Coraçãozinho das ilusões perdidas, me diz o que faço se o moço aparecer fantasiado de “Mateus” ou se mesmo arranjar um daqueles adereços de carnaval que coloca na cabeça - e que já virou um hit no carnaval em Recife... - uma faca que atravessa os miolos? Né melhor anunciar o fim antes do carnaval?

Resposta:

Fofinha querida, das duas, mil opções: você mesmo disse que topa se fantasiar de clóvis... mas se você estiver em dia com a silhueta será um desperdício se esconder nesta armadura calorenta. O quesito fantasia do moço eu te dou o conselho: é impossível ser completamente fiel ao amor, mas infiel com o bom gosto é mesmo que pedir a morte! Diz pro moço que tu vai para o carnaval fantasiada de solteira, combina uma mini-saia com mini-blusa que é tudo que a alma feminina precisa, o centro do umbigo à mostra. Como cantaram as sereias pro velho Ulysses: "Te juega!".

Crime e Castigo 11-abr-2003, 21:02

Uma garrafa de vodka e duas doses de paciência: miss corações solitários dá a receita para um desempregado, biscateiro da hora, assimilar a ex-mulher gastadeira

Por Miss Corações Solitários

Senhora ou Senhorita? Eu quero logo dizer que sou daqueles homens que não levam jeito para consultas sentimentais e nem entendo nada de coisas psicológicas para tratar dos males que vez por outra aparecem na vida. Estou aqui porque tenho certeza de que não vou estar esparramado num divã e nem vou encher o ouvido dos meus colegas com essa minha questão. É assim: eu tenho uma ex-mulher que, enquanto estava comigo, gastou os tubos de dinheiro com bobagens; nada fez a não ser tentar ficar arrumada dizendo que era para me agradar; mas com isso, só causou em mim arrepios que se transformaram em dívidas e tédio por essa criatura “arrumada”. Toda vez que a desgraçada saía de casa e que eu tentava pregar o olho numa pestana ou num cochilo demorado, lá estava em meus sonhos o barulhinho do cartão de crédito no juízo.

Agora que me livrei desta peste gastadeira -e falo isso com a paciência de quem é muito generoso, apesar de não ser abastado, não sei como me livrar de uma “pensão” que está me tirando não só o sono, mas também os cubos de gelo que esfriam minha Vodka (uma das poucas coisas que conservo na minha geladeira de solteiro). O que faço com esta ex-mulher e atual coisa ruim? Ass. Homem de biscates. Mando esta carta da única coisa que ela deixou, um computador ultrapassado. Até porque levou o dinheiro pra comprar um melhor para ela.

Resposta:

Esta é a carta mais fria que recebo neste tempo de coração solitário e quente...

Mas vamos para seu caso, Homem! Querido, coloque as barbas de molho que eu, como mulher, já te adianto que com ex-mulher não tem jeito. Pode colocar um pote de mel no congelador pra ver se cristaliza e vira ouro! Você que vive de “biscates” deve padecer com uma ex-mulher dessas. Acho que se tivesse ficado com ela teria sido muito mais em conta, pois mulher sempre se faz de compreensiva e solidária com a necessidade do companheiro, mesmo que se morda de ódio por não poder gastar naquele vestidinho! Sossega e sinta o juízo no trabalho que é melhor!

Essa menina bonita 15-jun-2003, 12:19

Miss Corações Solitários e a dúvida de uma linda, adorável e... malvada criatura ainda em botão.

Por Miss Corações Solitários

Oi! Eu tenho onze anos e estava guardando um papel de carta de Sakura Card Captors do meu computador e aí vi essa home page que minha mãe lê. Eu vi que tinha essa coisa de mandar carta de ajuda pra namoro, ela que disse que gostava dessa parte, acho que é porque ela não tem mais marido nem namorado, coitadinha! Eu tô com um problema aqui na minha rua: os meninos colocaram um apelido em mim e eu odeio. É que eu adoro coisas de gosto bem ardido, assim feito cebola... Os meninos estão dizendo que eu sou uma cebolinha, eu acho que não tenho cheiro nenhum na boca, mas um dia a gente foi brincar de pêra, uva e maçã - a senhora conhece?- aí eles riram de mim dizendo que eu era cebola pura, bafo de cebola, gloss de cebola, batom de cebola, vida de cebola, enfim!!

Eu sou bem bonitinha, tenho olhos bem pretos e bem apertadinhos, mas eu queria mesmo era ter os olhos bem grandes feito os Sakura. Meu cabelo também é bem preto e eu adoro me vestir bem, sempre minha mãe compra roupa pra mim. Uso muita camiseta de Sakura, porque eu adoro, detesto as meninas super-poderosas (acho muito infantil), visto short, micro-saia e sandália havaiana top e minha cor preferida é vermelha e preta, por causa do time da minha mãe, que é Sport.

O que eu faço pra tirar esse apelido, porque assim ninguém vai querer namorar comigo, mas eu também não quero parar de comer as coisas ardidas que gosto? Você vai responder mesmo? Eu vou pedir pra minha mãe me avisar. Meu nome é Lúcia, mas todo mundo me chama de Luci. Claro que agora tem essa chatice de me chamarem de cebolinha...

Resposta:

Coisa mais bonitinha do pai que você deve ser! Esta é a primeira vez que uma menina escreve pra mim. Se você está dizendo que é bonitinha, eu acredito e acho que deve ser bem esperta também. Eu conheço e muito essa brincadeira de pêra, uva e maçã, também chamada de salada de fruta. Cada vez que alguém puxava a brincadeira eu sentia um friozinho na barriga (você sente também?). Eu adoro os desenhos japoneses, acho as meninas bem charmosinhas. Criança é sempre muito cruel e você pode ser ainda mais, principalmente sendo menina e bonita. Primeiro, acho que você tem que fazer um rabo de cavalo bem bonito e balançar bem quando passar pelos meninos; e, também, jogar todo charme com seu shortinho e, se sua mãe permitir, não deixe de passar um pouquinho de brilho na boquinha. E levante. Se tiver coragem, pegue uma cebola bem redondinha e enrole num guardanapo e coma bem na frente deles, não tem quem resista a uma menina corajosa, linda e malvada! E tem mais, comer cebola faz bem para a pele e principalmente para o sangue e, novo assim como é o seu, vai esquentar ainda mais rápido o coração dos meninos!

Carência sob a bica 22-junho-2004

Depois de uma longa ausência, quando havíamos até dado por morta e acabada, eis que a nossa madame dos desvalidos está de volta.

Por Miss Corações Solitários

Caríssima e dedicada Miss,

Momento infeliz aquele em que resolvi trocar a minha Olinda, bela situação, por esta cidadezinha que vivo no Estado de Santa Catarina - oculto o nome para não ofender seus esforçados habitantes. Larguei de tudo na velha Marim (menino, casa, comida, roupa lavada e a Bodega do Véio, ali na rua do Amparo) para receber em troca um frio dos seiscentos. E mais nada. Falta-me de trabalho as vestes mais apropriadas, um verdadeiro inferno no gelo. Mas, se fosse só isso de aperreio, querida Miss, ainda tava bom. Apelo-te: a maior lacuna que sinto é causada pela costela morena que deixei lá na rua da Bica. É o amor que fica... quanta saudade de sua bica, Corazón! Ô menino bom de tudo! Jogava bem em todas posições, do “de ladinho” ao feijão-com-arroz “papai-mamãe”. Me dava de quatro - inesquecíveis pocotós. Mal-acostumada fiquei, como diria o velho Cartola. Nem com a distância - na verdade, ela só piora - consigo desligar o danado de minha mente. Por conta de suas lembranças ando numa mucica (também cucica, ou oitica, que é a mucica do cu) dos diabos! Num tem zero grau que abaixe esse fogo!

Anteontem mesmo, repara, eu tive uma onda de tesão...minha libido ficou a flor da pele, sem nenhum motivo aparente. Pensei demais na nossa última transa, no sofá da sala dele...vixe Maria! Pra aplacar essa excitação, comi uma barra inteira de chocolate, tomei uma ducha gelada (sem bica, apelei para a Lorenzetti quebrada) e fui dormir. Pode um negócio desses?!! Pra piorar a situação, informo-te que ando passadinha nos Kgs e lisa pra comer tanto chocolate. Ainda por cima, odeio banhos glaciais.

Que fazer, estimada conselheira, para esquecer as dores da distância? Como apaziguar a saudade e o calor da bacurinha?

Lost control,

B. da rua do Bonfim - jamais assinarei outro cep na vida! -, casa encostada à de Fabinho Trummer (eita! Eita! Esqueci que meu gostoso fica puto com a referência!), Marim dos Caetés - PE.

Resposta:

Agora fudeu a tabaca de chola!

Depois de um chá-de-sumiço miserável já retomo os trabalhos com uma bronca desse tamanho!

Te acalma, essa menina, que logo logo aparece um cabra desmantelado pra tirar esse teu queijo. Tás pensando que o mundo vai se acabar hoje, tás? Tás pensando que Tapacurá estourou? Abana essa bacurinha e sossega o facho... Tudo bem, eu sei que o menino era bom no cata-cavaco e engatava que nem os cachorros magros do Mercado de Vasco da Gama, mas guenta a óia, essa menina.

Para aliviar a mucica, mademoiselle, nada como demoradas siriricas. Até ficar lesa, zolhinhos revirados... imaginação no poder.

A vida, nega, já que és chegada num Cartola, é mesmo assim... um eterno recital de “Tive sim”! Precisando... Sempre tua, Miss C. Solitários.

MACHO

Ninguém ora melhor por nobis 29-junho-2000

Leia na coluna Macho um breve ensaio sobre a falta de tato feminino na arte de costurar para fora.

Por Xico Sá

Perdão, leitores, mas não poderia morrer sem abordar tão delicado tema. Como ninguém sabe quando a Velha da Foice baterá à nossa porta...

Mas que é verdade, é: nenhuma mulher, nem a mais sábia das senhoras do antigo Mangue carioca, substituiria o nosso talento no célebre instante do autoflagelo sexual, empreitada também vulgarmente conhecida como punheta (perdão outra vez, mas o escriba ainda é do tempo em que os homens coravam ao utilizar a língua chula das ruas para fugir da sintaxe mais lusitana).

Mas que é verdade, isso é. Nem mesmo a última das damas do Recife Velho, aquela que ainda conserva a luz vermelha acesa na rua da Moeda, aquela cuja janela estampa, no alto, as mais líricas plantinhas em latas de óleo, como as nossas mães mais antigas...

Nem o nosso amor maior, nem Beatriz de Dante, Marília de Dirceu, as romanas de Moravia ou outras musas vadias menos decassílabas. Nem mesmo as meninas da Tia Olga, responsáveis pela iniciação sentimental de 90% dos mancebos paulistanos. Duvido até mesmo de Aldenora, do Secos & Molhados, que, a preço de caridade, nos recebia em fila, manada de queijudos da rua Santa Luzia, Juazeiro.

Sem dúvida, esta hora é sagrada. Missa que ninguém reza por nós. Único momento, além da troca de lâmpada, em que nada nos substitui. Nem mesmo o mais gentil e ágil dos homossexuais. Questão de ritmo. Melopéia, para deixar Pound na poeira.

Elas tentam, nós gostamos. Algumas beiram ao longo de décadas. E nada. Questão de ritmo. Ou de princípio. Velocidade, eu diria. Questão moral, por certo: uma vez em mão alheia, torna-se sexo. Elas tentam, umas chegam perto; cansam. Cansam não, erram o calibre, o prumo, o jeito, a veia. Não é que errem. É que nenhuma pode ou sabe. Talvez nem gostem, embora cheire a desafio.

Elas sabem o lado delas. Assim ensinou Cabrera Infante, no melhor dos capítulos sobre o assunto. Elas são o cinema, o muro, a marca de quem goza mais longe em gincanas febris, a risca da cal, o pênalti, a saudação, o nosso boa noite debaixo dos lençóis para fumar um cigarro imaginário, o nosso o bom dia sobre todas elas, uma das nossas mais nobres orações para acordar longe de Deus.

Danações vegetais 20-julho-2000

Nem no cinema vi nada igual. Ora o cinema! Reparem só: aquela bananeira balançando as folhas da copa, como se fosse a cabeleira de uma cabocla assanhada. E todas as outras bananeiras em volta em perfeito estado de inércia...

Por Xico Sá

Nem no cinema vi nada igual. Ora o cinema! Reparem só: aquela bananeira balançando as folhas da copa, como se fosse a cabeleira de uma cabocla assanhada. E todas as outras bananeiras em volta em perfeito estado de inércia. Sem vento, sem nada, como quase sempre naquele Sítio das Cobras, em Santana do Cariri, naquele pedaço do mapa onde ninguém sabe o que seja ao certo Ceará ou Pernambuco. Ainda nos verdes anos da ingenuidade, aquele espetáculo me comove. Vou chegando perto, passada larga de quem corre para matar tempo e curiosidade. Aquela bananeira em festa. Parece comemorar uma conquista isolada. Vou danado. Que diabo de espetáculo mais esquisito. A cabocla verde se balança toda.

Esbarro no meu próprio espanto. Limpo as vistas. Num segundo dissipa-se todo o mistério, mas só me intrigo mais ainda. Pregado naquele tronco de bananeira, um raquítico rapazinho, primo meu, não se solta nem com a minha chegada brusca. Nem nota. Calça arriada até os joelhos, ele aperta, acocha, encaibra a sua mulherzinha possível. Assistio aquilo entre a inveja e a vergonha. Ele vai, vem. Entra e sai no buraco que solta uma tímida resina. A bananeira ainda celebra, balança sozinha, diante do meu alumbramento.

Meu primo desmonta, num gozo que merece um grito quase de gol. E salta fora, com aquela náusea pós-sexo mais que sincera. Eu me escondo, para não assanhar a sua culpa.

Dali por diante, foi um pulo mergulhar no varejão rural do sexo com vegetais. Bananeira, melancias quentes no sol da roça e o inesquecível mundo dos cactus. Mandacarus. Escancaram-se as portas da percepção. Mundo grande sem porteira. Aqueles cactus, símbolos da escassez agreste, parecem conter uma espécie de mescalina do prazer. Carregados de espinhos, nos servem de primeiro exercício sadomasoquista. As palmas, então, que servem de comida para o gado e até como ração para os sertanejos em tempos de seca braba, também viram as caboclas possíveis para a danação da puberdade.

O afogado que dançava gafieira 26-julho-2000

O homem-brilhantina retornou, no dilúvio da realidade, mais lascivo ainda.

Por Xico Sá

Essa é a história do maior contador de lorotas para moças do Brasil, Justino Santa Cruz Neto, capaz de dizer poemas de “Esquecimento” do grande Olegário Mariano somente para lembrar que estava mais vivo do que nunca. Enquanto visse uma fluorescente acesa incandescendo os seus olhos e um xenhenhém... xenhenhém... nos seus tímpanos, Clube das Pás, lá estava o mancebo, no salto das damas, com o seu “cavalo-de-aço” nos pés para lá de valsa, para lá de gafieira, a anticoreografia, o riscado do desejo.

E assim eram as noites, pelo menos as noites normais, do rapaz Justino Santa Cruz Neto, o galanteador, o homem-brilhantina de todas as “Encruzilhadas”, o jardim dos caminhos que se bifurcam no velho Recife.

Numa noite em que sobrava apenas a réstia da luz-celofane, o colorido do salão entre a dança e o último degrau até da calçada, Justino viu sua habilidade de navegador dos sete mares amorosos desabar. O desgraçado dominava os traquejos da sedução, mas desconhecia as artes mais banais, como nadar e andar de bicicleta. Embora morasse nos quintais do Beberibe, nunca havia posto os pés no mangue, nunca dera uma braçada na meninice.

“Justino só sabe mesmo correr atrás de moça”, dizia sua mãe, desgostosa.

Naquela saída de baile, julho de 75, o Casanova da gafieira entrou em pânico. Água ainda nas canelas e o desespero já na altura do gogó. Vivia assim a maior das tragédias, a de não poder usar de suas bóias amorosas. E assim perdeu-se, sem ajuda sequer de um pau-de-enchente, afogando-se, enquanto o aguaceiro festejava, irônico, em borbulhas. Não adia

o,(de) Tj 50 0 0 50 47 0 T9s0 5970 Tm (pe) Tj 50 0 0e50 651 0'

Amar é como viver ou morrer no submarino 21-agosto-2000

Nosso colunista defende a eternidade por um dia. Ou o contrário. Assim é a vida, tanto para profissionais quanto para quem ainda não perdeu as graças no mar. Só não vale ficar na superfície.
Por Xico Sá

Todo amor deveria ter a urgência ou o tempo útil da mortalidade anunciada - pelos outros, os que estão do lado de fora, a turma da superfície, na torcida ou na urucubaca. Queria que todos os amores não tivessem nem mesmo dia seguinte. Para não ter erro nem acerto. Nem elogio; nem cara feia. Tivesse exatamente o tempo possível e incalculável dos homens do submarino russo Kursk, imagino (não me sobra tempo para checar banco de dados nem jornais que sempre ficam no lugar certo, o banheiro) sem oxigênio. Podia nem ter sexo; depois de F., de Ilusões Perdidas, não acredito mais nesse exercício; virou bicicleta ergométrica largada no quartinho dos fundos.

Todo amor deveria durar apenas a urgência do cheiro dela; para que não houvesse calúnia ou difamação. Todo amor deveria durar apenas o tempo de ler O AMOR ACABA. O dia seguinte é muita disciplina; é espartano quando imaginávamos pura Atenas.

O amor está além dos agrados, de beijos pequenos que quase merecem outro nome ou do iogurte desnatado que compramos para a geladeira que passou dias apenas com água e cebola. Por que nunca acaba a cebola de nenhum homem? Ora, eles precisam chorar d'algum jeito.

O menos duradouro dos amores já demora muito. Deixa tempo de sobra para a ruindade e o esquecimento.

X.S, Sujinho, rua Mathias Aires (que vem a ser primeiro existencialista brasileiro, agosto de 00), esquina da Consolação.

O pé-na-bunda e os seus arredores 14-setembro-2000

De como as fêmeas desculpam os ditos homens sensíveis que jogam no Sigmund Futebol Clube.

Por Xico Sá

Nunca acreditem num homem que faz análise. Não que o divã faça mal ao homem; é que o marmanjo faz mal juízo do divã. Nunca vai saber, de papo para cima, que um cachimbo é apenas um cachimbo.

É mais fácil acreditar num homem que entenda de vinho, espécie também sob muita suspeita. Não que o vinho faça mal à espécie. Muito pelo contrário. É que o dito entendido tende a se levar a sério e confunde graduação alcoólica com sabedoria, Cabernet com poesia francesa.

O pior é que as mulheres adoram e desculpam, sob a rubrica de que são “homens sensíveis”, qualquer animal que vai ou diz que vai ao divã. As mulheres de classe média, então, só aceitam pés-na-bunda daqueles que praticam o esporte do velho Sigmund. “Ah, o cara é cheio de problemas, o analista dele disse que... Até me chamou para ir à exposição dos objetos do Freud... Leste no Mais!”

Balela Futebol Clube.

Como as mulheres caem nesse conto!

Como desculpam, a pretexto do mito do homem sensível, os com-análise. É a melhor forma, não conheço outra, de dar um pé-na-bunda, com menos drama, no mulherio de classe média para cima. Diga o nome de um analista famoso, então, e tudo estará perdoado na bacia das almas. Ah, não, o Tenório disse que...

Por isso, creio cada vez mais, que o amor só seja amor de fato adonde não conviva com fantasmas dessa natureza. Não vou fazer como em mesa de bar, quando chego a crer, do verbo mais intransitivo, que talvez nem possa existir amor na classe média para cima – segmento movido a gasolina, status, casamento de resultado, fundos, derivativos e sexo ocasional.

Neste mundo tão grande, cínico e sem porteiras, só o amor e o distanciamento (ode)brechtiano constroem. Ao andaime, pois, homens de bem!

Bar Aqui Tem, rua Augusta, entre Antonia de Queirós e R. Costa, num raro dia de calor do ano da graça de 00 vida novas fora nada.

Amigo gay pra mim é homem... 04-outubro-2000

Eles tornam nossas gazelas mais interessantes, nos livram de sessões indesejadas de cinema neozelandês e animam qualquer tertúlia.

Por Xico Sá

Duas coisas que nós do mundo macho deveríamos aprender de uma vez por todas: festa sem gay não decola, não emplaca, não orna. A outra verdade: toda grande mulher tem um gay como principal e inseparável amigo.

São duas sentenças bíblicas. Deveriam constar de lei federal, nas Tábuas de Moisés, em todos os testamentos.

Você já viu uma festa sem gay animada? Também não. A pista não pega fogo, as mulheres não têm com quem fuxicar sobre o modelito da perua de vermelho... Seja forró ou drum'm'bass. Seja em Nova York ou em Colônia do Piauí, terra de um dos raros bons políticos do Brasil, o travesti Kátia, vereadora há dois mandatos, adorada na região por homem, mulher, menino, cachorro, gato, papagaio, macaco e os velhinhos "aviciados".

E se a festa tiver, por exemplo, um Jackson Araújo, basta. Sai tudo nos conformes: do ossobuco ao repertório - com direito a Diana ("Ó meu amado/ por que brigamos?...") e tudo o mais que exige a decência e a vontade de viver. Pra completar, o desgraçado ainda ajeita o caimento da roupa de uma aqui, corta a franja da outra acolá, receita um Lancôme mais na frente... Um espetáculo. Luxo, riqueza e conforto num ambiente 5 estrelas.

A mesma lição da festa perfeita vale para a amizade das nossas gazelas. Mulher sem um amigo gay nos arredores não tem graça. Com um gay como melhor amigo, ela fica mais inteligente, mais bem-humorada, mas faceira, acerta a roupa que veste, pinta o cabelo pra sair da rotina, o diabo-a-quatro. Você ainda pode ficar em casa vendo aquele Bangu X Madureira na maior tranquilidade, pois ela certamente terá ido ao cinema com a biba de estimação. Ora, e você ainda fica livre da obrigação de ver cinema iraniano, paquistanês ou coisa que o valha - ela terá visto todos com o amigo-cabeça. Uma beleza, uma mão-na-roda essa união.

Sem esquecer, claro, que você, cabra-macho, também terá um grande amigo, normalmente brilhante, para quebrar um pouco a rotina da testosterona à milanesa do boteco e a ignorância animal de tantas peladas. Pra diverti-lo, você ainda pode até dizer, toda vez que encontrá-lo, essa lorota: Rapaz, amigo gay para mim é homem, eu só...

As serventias de um homem feio 09-novembro-2000

Somente os mal-diagramados são capazes de fazer desabrochar um gazela enjoada. Descubra uma penca de utilidades desses preciosos anti-heróis.

Por Xico Sá

Numa mesa farta, dia desses, cerveja a seis graus abaixo de zero, um carneirinho árabe, fresco, ainda quase a berrar, ensaiávamos uma tertúlia lítero-brega, quando concluímos, esta alma penada que vos sopra a nuca e o escriba Lira Neto: o que certas mulheres precisam é apenas de um homem feio em suas vidas. Sem um feio, sujo e malvado não desabrocham, não ornar, não vão para frente.

Falávamos especificamente daquele tipo de patricinha que vive a declarar, principalmente as famosas, que ainda são virgens, que tudo tem a hora certa, que o amor-isso, que o amor-aquilo e outras agonias da donzelice ou do peruísmo precoce. Uma típica representante dessa categoria, lembrávamos, seria a Sandy, irmã do baitolinha –grifo de uma moça da mesma mesa - Júnior.

Só um homem feio para desasnar certas criaturas. Somente um malamanhado cumpre alguns trabalhos que nenhum Hércules é capaz. O mal-resolvimento do mundo das adolescentes classe média de hoje, concluímos também naquela noite de juízos finais sobre tudo, seria exatamente esse: a falta de um desajeitado, um carga-torta. Por homem feio entendemos o dismantelo propriamente dito – a mal diagramação divina aliada a uma vida naturalmente sem juízo.

O jovem Kiko, com uma sede de viver dos diabos, concordava com a tese. Cláudia Albuquerque, pena d'ouro que nos contou, em livro recente, o desassossego de Adolfo Caminha (personagem da coleção Terra Bárbara, Edições Demócrito Rocha, edr@opovo.com.br) também dizia sim, pelo que me lembro. Adriana, jovem periodista, idem ibidem. Os garçons, como bons profissionais, não tinham a menor dúvida. O único não que apareceu teve o único propósito de nos salvar da jumentice da unanimidade.

Um homem feio é tudo, como dizem os viados de boa vontade – viado que é viado de verdade não gosta de ser chamado de gay, essa frescura ianque condenável pela nossa estética da fome. É um devoto às mulheres. Nem precisa fazer cara feia nunca, já veio com esse defeito de fabricação. Está sempre disposto e prevenido a compensar as marcas do rosto Sertão-Veredas. É um forte por excelência, não aquela anta do Reinaldo (não lembro do sobrenome italiano do táxi-boy!), nem muito menos o mangalarga marchador do José Meyer, para ficarmos na simbologia básica da choradeira das 8.

Um homem feio é a última das reservas masculinas. O resto é escravo de espelho e subalterno do amor.

Bar e Restaurante Faustino, Fortaleza, já madrugada de 19 de outubro do ano da graça de 2000.

O e-mail como carrasco do amor 01-dezembro-2000

A substituição da carta emombo de burro pela ansiedade instantânea faz do coração uma máquina de moer sentimentos apressados. A felicidade, conclui O Carapuceiro, é manuscrita.

Por Xico Sá

O e-mail é a sepultura do amor, que despenca, a cada “enviar”, simplificado e com abreviaturas - vc isso, vc aquilo, carinhas, falta de acentuação básica e dispensa ridícula do ‘minha querida’, entre outras saudações tão necessárias para um mancebo de verdade.

Quanto durava um amor por cartas?

No mínimo uma correspondência amorosa suportava um inverso inteiro. Independentemente da distância e da eficiência doombo dos burros postais dos cafundós do São Francisco ou da perda sobre o gelo dos cães tchecovianos de trenós mensageiros de qualquer erma República gelada da ex-URSS.

Nos tempos que correm, enxotados e varridos pela angústia tecnológica, conhece-se uma gazela na madrugada da sala de sexo ou chat-cabeça, troca-se confidência no final do expediente da manhã - entre um memorando e outra na repartição -, o coração dispara na sessão da tarde, a safadeza desponta ao anoitecer, o sexo explode depois do jantar, o “teadoro do verbo teadorar” rola solto no primeiro canto do galo, a conexão cai, o amor desaba, ela pula para outra sala...

Algumas notícias, raras quais pés de cobras, dão conta de casamentos e felizes personagens de matérias de suplementos informáticos ou revistas de psicologia recreativa. No geral o que ocorre é o massacre de possibilidades amorosas. Avexa-se a história e tudo não passa da primeira noite de um homem e seus recalques, e suas mentiras, e seu fogo-fátuo.

O amor carece de cartas e paciência, mr. Postman. A ansiedade nasceu para viver no slow-motion da espiada para o chega-não-chega do carteiro. Na velocidade do “send”, a ansiedade é assassina e mitificadora. A felicidade, como o amor dos

tempos de Tch Tm (9 Tj 50 0 0 50 0 1289 0

ei

O amor nos tempos do bina 26-dezembro-2000

Enquanto a nossa ansiedade assiste ao enterro das últimas quimeras, dialogamos com Paul Virilio, o teórico da velocidade máxima.

Por Xico Sá

...ainda sobre a ansiedade, essa companheira inseparável que assiste ao enterro das nossas quimeras, trataremos, a pedidos, de apêndice obrigatório. Além do e-mail, que faz muita gente viver e morrer online, uma verdadeira praga são estes identificadores de chamadas telefônicas. Primeiro o bina, depois o visor dos celulares, agora uma febre vendida a granel em tudo quanto é aparelho. É o assassinato do suspense amoroso, golpe em belos ensaios passionais, machadada no mistério do mundo.

Nem a paixão do Werther de Goethe sobreviveria a um bina ou a tanta transparência. Vem aí uma geração que não vai conhecer a boa covardia amorosa - o telefone toca, a pessoa atende, alguém, sob efeito de febre, torpor, desliga antes de pronunciar qualquer vocábulo. Bom e necessário para quem chama, bom e encantador para quem recebe aquele silêncio de presente - prenúncio do entrelaçamento ou de longo romance em muitos volumes. De capa dura e vida longa.

Tratado aqui na coluna anterior e pelo órgão co-irmão 02 neurônio (www.uol.com.br/02neuronio), pelo menos uma boa notícia no meio dessa bagunça internacional: a carta resiste aos avanços, mesmo com a ansiedade multiplicada ao infinito dos e-mails. Prova: este ano, os brasileiros trocaram 560 milhões de cartas, mais do que o dobro de anos anteriores. É certo que deve ter muita notícia ruim nessa montanha, como as cobranças - inclusive as amorosas - por parte de ingratos seres ou desumanas seções de enchimento de saco de pobres criaturas. De qualquer forma, alvíssaras, meus camaradas, pois trata-se, é bem verdade, de alentadora boa nova!

Até quando, padrinho Paul Virilio, a ciência da velocidade vai trabalhar contra o amor e a favor da guerra? (Mais ansiedade na próxima coluna).

São Paulo, bar do Galego, Augusta com Antônia de Queiroz, depois de muita cerveja com piaba na farinha, 22 de dezembro do ano da graça de 2000.

Mulheres que espremem 22-janeiro-2001

A revolução da nostalgia anda a passos largos e condena a profissionalização da limpeza de pele masculina. É o fim das fêmeas que unem o amor aos cravos e espinhas.

Por Xico Sá

Como somos do time da insatisfação permanente, hoje nos pegamos, nostálgicos ao infinitum, a lembrar os tempos em que as mulheres espremiavam nossas espinhas e tiravam todos os cravos do nariz e arredores - inclusive aqueles na ponta do nariz, motivos suficientes para o fim da sessão. Reclamávamos, éramos chamados de frouxos - inevitáveis comparações com a dor do parto sempre ecoaram nos lares nesse momento. E quando escolhiam justo a hora do futebol, o ataque do nosso Icasa, Sport, Santos...

Hoje, quando estão praticamente extintas as mulheres da brigada contra cravos e espinhas - conheço apenas uma, descendente de Iracema que habita a margem esquerda do Capibaribe -, sentimos a perda, uma vez que nunca dominamos, adolescentes crentes nos efeitos do vício solitário ou balzacões de pele oleosa, esse engenho e arte.

Vez por outra ainda damos a sorte de avistar, em alguma parada de ônibus suburbano, uma voluntariosa a espremer um sujeito enfezado, aperreado com o sol a ponto de imitar aquele rapaz que amolou o existencialismo na ponta da peixeira e esfolou um nego por causa do astro-rei - folhetim francês, ver Albert Camus.

Nos tempos que correm, tudo tão imbecilmente profissionalizado, a limpeza de pele está entregue a amistosas funcionárias de salões de beleza. Como se fosse possível tal trabalho sem a devida intimidade. Ora, tal arte carece de pelo menos um mês de namoro ou acasalamento. Não é tarefa para qualquer uma. É tão delicado quanto tirar a roupa pela primeira vez na frente de outrem - e, pensando bem, uma reveladora prova de devoção.

A menos que seja uma perversa incatalogável, uma gazela não escarafuncha suas crateras à toa. Quando ela posiciona aqueles dois indicadores sobre a sua bíblica face, parece aceitar a convivência harmoniosa até com as nossas mais indignas impurezas. É provação. Coisa boa demais para lesas e esticadas tardes de domingo.

A obsessão pelo chifre 19-fevereiro-2001

Enfeite propriamente dito ou fantasia organizada, ser ou imaginar-se corno é o que conta em tempos de folia da carne.

Por Xico Sá

A obsessão nordestina pelo chifre e os seus arredores dolorosos tem no carnaval pico de doideira e plenitude. São quilômetros de homens vestidos de ursos, símbolos manhosos do tema – em Pernambuco não se diz Ricardão ou quaisquer outros genéricos e aumentativos. Na terra de Calabar, diz-se urso. E pril. São mais tantas léguas de homens e mulheres vestidos de touros chifrudos. São canções de chifres, cheiro de chifre queimado, essência de chifre, chifre enquanto adorno, chifre contra o azar do mau-olhado ou mau-pagador, chifre no alto da prateleira da última bodega perdida (onde também se lê, letras garrafais na tinta fresca, CHIFRE É PRA HOMEM, BOI USA DE ENXERIDO!), chifre na roça para espantar todas as pragas, chifre de verdade, gaia do imaginário.

Terá sido uma herança ibérica, como tudo que é bom, que é mais ou menos, ou mesmo tudo que não presta. Já repararam como tudo no Nordeste, na boca de entendidos, termina em louvor ou culpa dos ibéricos?

Mas o que vale é a obsessão pelo tema. O aboio brega de Alípio Martins e o seu “Lá vai ele, com a cabeça enfeitada...”. As canções de Bartô Galeno, que hiperbolizou, nas vogais nasaladas, o sofrimento do rei Roberto.

Talvez exista nessa obsessão um habeas-corpus preventivo. Um reconhecimento de que qualquer um está sujeito, no olho na vulnerabilidade cornífera. Basta estar vivo. É. Chifre é como a morte – se estamos vivos, estamos na mira.

Uns suportam à custa de muita cachaça, aspirina de corno. Outros saem doidos mundo afora, para esquecer o terreiro, êxodo doloroso, fuga da aldeia e dos comentários. Assim a história nos deu o glorioso e um dos padroeiros desse periódico, Antônio Conselheiro. Traído pela digníssima, o beato largou a sua Quixeramobim, no Ceará, e partiu sertões adentro até sentar praça no arraial baiano.

Noutros casos, como o do bravo Euclides da Cunha, o coro grego falou mais alto. Dilermando, amante de Ana de Assis, tirou a vida do repórter de Canudos. E tantas e tantas mortes anunciadas, no mundo dos traidores ou dos traídos, fazem parte desse caderno da infâmia e das histórias das desconfianças humanas – no agreste de Pernambuco, creio que em Bezerros, a cidade cobrava tanto a vingança de um marido traído que o desalmado sangrou o inimigo sentimental e bebeu, naqueles copos “engana-bebo”, no mesmo que bebera a aguardente da coragem final!, o sangue frio da vingança.

Entre a folia dos ursos manhosos e o nosso parentesco com os gregos, que o carnaval seja leve. Tanto para os que botam chifre quanto para os que levam. E principalmente para os que pensam que levam – esta última categoria é seguramente a mais perigosa.

Não cospem mais os homens 24-abr-2001

Das preocupações de um cabra antigo com o sumiço do ato de escarrar e outras danações varridas.

Por Xico Sá

Costumo me assombrar muito mais com o sumiço dos velhos costumes, vícios ou manias do que propriamente com as novidades dependuradas na massaranduba do tempo. Dia desses, em um colóquio com o asséptico Pereira, discutíamos sobre o desaparecimento do hábito de cuspir e escarrar. Os homens, mesmos os de 0 0 50 0 0 Tm /F3.0

A graça do sexo pago 08-mai-2001

Por que os homens, até os que podem tudo, como Jack Nicholson, correm atrás das prostitutas? A pergunta que não quer calar - com a resposta mais histórica ainda - você só encontra na nossa seção de testosterona pura.

Por Xico Sá

Por que os homens, mesmo os que têm mulheres incríveis, mulheres maravilhosas, procuram as prostitutas?

É uma pergunta tão antiga quanto a humanidade. Segundo o meu pequeno repertório sobre o caso, uma das melhores respostas sobre o assunto foi a do monstro Jack Nicholson.

Quiseram saber do velho lobo da celulóide o motivo pelo qual pagava para que prostitutas o servissem, sempre em domicílio. Por que, afinal, um cara charmoso e interessante como ele, capaz de ficar, comer, amar, dormir com as melhores mulheres desse mundo, ainda apelava para tal expediente?

Nicholson não titubeou um segundo sequer. "Ora", disse, "não pago somente para que essas respeitáveis mulheres se desloquem até a minha casa. Pago caro, sim, pela possibilidade de poder mandá-las embora na hora em que eu bem entender". (Tradução livre do pelotense L.R. Lanzeta, outro monstro sagrado no ramo).

Essa liberdade, na versão do ator, é a grande vantagem do comércio do sexo sobre as ditas "mulheres normais".

Assim como essa, existem várias respostas possíveis. Todas com o chamado fundo de verdade, todas deliciosamente furadas. Aí é que entra em cena Nickie Roberts, uma ex-stripper de Londres, autora do mais vasto ensaio sobre as mulheres de vida fácil: "As Prostitutas na História".

O livro, lançado recentemente no Brasil, é um show de experiência própria e compilação de dados históricos, com finas citações de Hobsbawm, sobre as chamadas "trabalhadoras do sexo" _como são politicamente tratadas.

O calhamaço, com 430 páginas, pode até não responder a nossa dúvida, mas certamente nos ajudará a entender melhor essas moças e o poder que exercem e sempre irão exercer sobre nós.

Seja sob a luz do poste da rua Augusta, nos inferninhos pulverizados de eucalipto ou nas alcovas de luxo das impagáveis Belas da Tarde, Catherines, Severines... Seja na margem esquerda do São Francisco, bem ali entre Juazeiro e Petrolina, onde tive a melhor das noites profissionais – recordo bem o som ao fundo de Flamengo x Cobreloa, nas tevês dos quartos vizinhos, recordo bem a lua, crescente, pelo buraco da telha.

É tempo de lobisomens 15-mai-2001

As trevas e as suas assombrações facilitam a arte de pular a cerca e acabam com os malditos padrões estéticos ditados pela beleza publicitária. Que venha a escuridão!

Por Xico Sá

O apagão chega com toda uma sorte de assombrações. Principalmente para os casais. É o medo do chifre que cresce e toma conta do imaginário (vide Lacan) nacional, costumeiramente carregado desse fantasma. A arte genuinamente brasileira de pular a cerca nunca foi tão facilitada, desta feita por obra e graça de portaria oficial da agência de energia.

Desde o século XIV, quando o rei Fernando de Portugal arrebatou o coração de dona Leonor Teles, tomando-lhe do seu macho e guardião, um tal João Lourenço da Cunha, que não tínhamos cenário tão propício e arrumado para os pecados amorosos. O tal Cunha, alias, registra o mestre Câmara Cascudo, no verbete "cornos" do Dicionário do Folclore Brasileiro, deixou as terras portuguesas e exilou-se em Espanha, donde passou a viver, até a morte, com um chifre d'ouro a enfeitar o telhado. Atribui-se a eterna simbologia do chifre ao infortúnio desta pobre alma.

Sabe-se de muitas histórias picarescas também ocorridas no arquipélago de Fernando de Noronha, onde a energia elétrica chegou com muito atraso. Com força de luz puxada a motor diesel, a principal ilha da chamada Esmeralda do Atlântico era iluminada até, no máximo, dez horas da noite. Aí já viu. Quando o breu tomava conta do pedaço, os lobisomens corriam soltos na buraqueira.

O apagão, como o que vamos enfrentar, também torna-se cenário aprumado para folias caseiras e familiares. Que se cuidem as primas, as cunhadas, as sonsas de toda ordem e demais criaturas com vocação rodrigueana. É tempo de lobisomens e carinhos roubados. Tempo de supervalorização do tato e de todos os recursos da safadeza em braile.

Tempo também, nobilíssimos leitores, de apagarmos as idiotices dos ditos padrões estéticos ditados pela beleza publicitária ou americana. Durante aquelas quatro, cinco horas diárias não existirá o belo. Nem muito menos o feio. E revoguem-se as disposições em contrário. Que venham as trevas.

O suspense diante dos hiatos femininos* 21-maio-2001

Homem sensível e lenhador ao mesmo tempo. Adivinhar onde quer ser tocada e também a hora da chuva. Isso é o que querem as mulheres. O que implica o mais completo domínio de uma arte que junta conhecimento tântrico com a meteorologia.

Por Xico Sá

A fêmea é mesmo um jogo de adivinhação. Governar bem um desses seres colossais passa sobretudo pela nossa capacidade de correr à frente dos seus desejos. E realizá-los a contento.

Todas são naturalmente parecidas com aquela personagem de O Piano – não falam e querem que a gente cumpra todas as funções, todos os trabalhos de Hércules. Precisamos adivinhar o momento certo de praticarmos sexo com alguma delicadeza. Um pouco antes disso, todavia, não podemos nos esquecer de correr à floresta, cortar lenha e pôr à beira do fogão antes que venha a tempestade.

Homem sensível e lenhador ao mesmo tempo. Adivinhar onde quer ser tocada e também a hora da chuva. Isso é o que querem as mulheres. O que implica o mais completo domínio de uma arte que junta conhecimento tântrico com a meteorologia. Preocupado com os meus párias, iniciei o esboço do Pequeno Manual de Adivinhação e Encorajamento do Macho Diante do Silêncio da Fêmea e Outros Hiatos Perturbadores, do qual subtraí os verbetes que seguem:

Fêmea sacudindo o vasto cabelo loiro - Esqueça esse tal de Marcel Proust, meu amigo, antes que ela confunda com outro personagem do mundo da velocidade e diga que preferia o Ayrton Senna. Corra em busca do tempo perdido e ataque no motel com cascata e teto para as estrelas mais próximo.

Fêmea sacudindo o cabelo castanho ou preto – Também quer sexo, mas adora falar antes sobre a personalidade de peixes-com-peixes, peixes-com-sagitário, peixes-com-virgem, num ologia, Caminho de Santiago, Paulo Coelho, búzios, cristais, a cura pelo vento...

Fêmea em mostra de filme francês – Diga à gazela, assim bem brega: "Se o Truffaut a tivesse te conhecido, Bertrand, o Homem que Amava as Mulheres, teria final feliz – e seria contigo".

Fêmea silenciosa no café da manhã – Espera que ela consuma todo o líquido. Mire o fundo da xícara e arrisque uma leitura árabe da borra de café. Só assim será possível descobrir a demanda - um cânion de desejos não-cumpridos - provocada ao longo do tempo pela nossa incompetência caramelada de testosterona.

Fêmea sentada na cama mirando o guarda-roupa – Ela vai experimentar um, dois, três vestidos; quatro, cinco saias; uma dúzia de blusas com calças tantas... tops, miniblusas, saia-envelope... Quando atingir o desespero, na tentativa do tubinho preto, pegue-a pelo braço, corra ao shopping mais próximo e realize o seu sonho de "Uma Linda Mulher".

Fêmea no teste do biquíni – Ao perceber que ela ficou incomodada ao sentar pela primeira vez na areia daquele verão, não adianta nem mesmo a mais derramada e lírica das declarações de amor. Mesmo que você não saiba sequer a diferença entre estria e celulite, mesmo que prefira uma "botterinha", não adianta convencê-la. Nada vai adiantar, nenhum adjetivo é capaz de derretê-la, mesmo com aquele sol todo,

nobilíssimo macho. Melhor presenteá-la com uma temporada de alcachofras num bucólico spa das redondenzas. (Continua).

*Esta mesma tese, com texto modificado, foi publicado na coluna Orgulho Macho, assinada por este mesmo escriba na revista VIP

De Zéfiro à banda larga lá se vai uma eternidade 02-jun-2001

Dos catecismos e almanaques à web-bronha. Um ensaiozinho despretensioso sobre a imaginação, seus recursos, seus métodos e os novos equipamentos a serviço da mente humana.

Por Xico Sá

Uma vez que o ato sexual, mesmo com a maior e mais acertada das regularidades, jamais eliminou a linguagem da masturbação – o velho gesto do orai por nobis, ato igualmente católico e engrandecedor! – tratemos de um novo aspecto do vício solitário. O da masturbação nos tempos da tela do computador. Como velho discípulo dos catecismos de Carlos Zéfiro, passando por toda uma sorte de Status, Ele & Ela e Playboy, sinto-me a cavaleiro para adentrar o misterioso tema.

De Zéfiro à banda larga lá se vai uma eternidade. Aos 13, um alumbramento na banca da Praça Padre Cícero, em Juazeiro: Marina Montini, apresentada por DiCavalcanti, “estátua de bronze”, como balbuciou o pintor do ramo. O ensaio é de uma velha Status de junho de 1976. Nossa Senhora! Viva a imaginação de papel.

Depois chegaria o pornô nacional popular, com Helena Ramos e grande elenco. Sessões para guardar e despejar, dias e dias, no banho demorado antes da equação de segundo grau. Banco de imagens derretidas no juízo, qual o queijo dos gozos mais guardados e envelhecidos.

Tempos mais tarde, um play para rebobinar Linda Love, Love, Lovelace e a sua garganta profunda. Os sinos bimbam, amém. Daí por diante, a bronha multimídia.

Mas sempre de olho na versão celulose. A imaginação de papel esbarra nos tempos do photoshop. Adeus botterinhas e renascentistas tantas. Adeus, belas imperfeições, gordurinhas apetitosas, lombos mineiros, baianos e paulistas. É chegada a hora do filtro publicitário, estratégia da perfeição, miragens desumanas. Escaneia, mulata, escaneia.

Saltamos, pois, para outro puleiro tecnológico. A vez e a hora daquela memória ram 16, 32... Conexão na lona. Mão no mouse, outra sustentando o juízo. Chats, madrugada chegou, o sereno tá caindo... Fotos por cartas ou no lombo de burro, download dá um tempo. Pura malandragem. Nem santo baixa. [Já não havia a agüinha do banho de cuia no banheiro, o grito da mãe "olha a hora da escola, menino!", já não havia o lençol engomado de tanta gala e safadezas bem-dormidas.]

Que fazer nos tempos do mouse? Forrar o colo com uma toalha, um lençol, papel higiênico? Num baldinho entre as pernas, como num peep-show? Soltar o mouse, aprender a manusear o teclado? Ctrl tudo e Ctrl todas. Bate-papo ou imagens? Prosa ou ficção? Direto para a webcam e mostrar as partes pelo todo? Ou esquecer tais metonímias da nova era?

Claro que às vezes basta um ponto e vírgula bem posto num email, garrafa atirada do farol do netscape. Como nos tempos das cartas sujas dos amantes transatlânticos.

É. Viva a tecnologia. Viva a velocidade, desgostoso e querido Paul Virilio – pronuncia-se Viriliôôô?. Mas nunca esqueça, caro viciado solitário, da mais antiga das invenções, o lírico e abençoado cuspe.

SP, 02 de junho de 01.

Educação sentimental - lição de abertura 11-junho-2001

Mal a dona tirava a saia curtinha, típico abajur dos desejos, e já gozávamos. Dali já sairíamos para a rua com uma exagerada história de prazer, um ensaio do mais novo Casanova da paróquia, nossas primeiras mentiras meladas de testosterona.

Por Xico Sá

Em Aratama, como em vários outros pequenos povoados do Cariri, era instalado um cabaré ao ar livre durante a festa do padroeiro São Sebastião. As putas chegavam na carroceria de um velho Fenemê, logo nos primeiros dias de novena, e montavam suas barracas de lona no leito seco dos rios. Lá, como o vigário, aguardavam as pobres almas famintas.

Com sede fixa ou debaixo de lona, o cabaré era um verdadeiro templo. Cemitério de cabaços, onde nós, já iniciados com o mundo animal, especialmente as cabras, íamos pela primeira vez na companhia do pai, um tio safado, um primo sacana devoto do catecismo de Zéfiro.

Era um tempo em que se tudo desse errado pegaríamos no máximo uma inocente gonorréia, facilmente curada à custa de Tetrex 500 mg. O normal, aliás, era ingerir a cápsula antes de perpetrar o tresloucado gesto, medicina preventiva receitada pelos pais, tios safados e primos sacanas.

A primeira vez. Uma cerimônia, um dia nervoso e inesquecível. Enfrentar aquela mulher, pedra fundamental do desejo. Se benzer, pedir a Deus para que tudo desse certo. Educação sentimental que começa com a ereção mais suada e o gozo mais precoce. Mal a dona tirava a saia curtinha, típico abajur de boceta, e já gozávamos. Dali sairíamos para a rua com uma exagerada história de prazer, um verdadeiro ensaio do mais novo Casanova da paróquia, nossas primeiras mentiras meladas de testosterona. Estávamos livres das correntes da donzelice. Adeus, velho queijo armazenado nos porões do juízo.

Olha a manga, gostosa! 19-jun-2001

Um vendedor de feira é capaz de reanimar a mais borocoxó das gazelas. Curam até TPM com seus adjetivos fresquinhos. Olha a manga, gostosa!”, bradam, administrando com malícia a vírgula e o duplo sentido na ponta da língua.

Por Xico Sá

Nada melhor que uma mulher que acabou de chegar da feira. Sacola na mão, fome de viver, sorriso de princesa, cheiro de jaca ou carambola.

Os vendedores de frutas, peixes e verduras são mestres na arte de reconhecer talentos e animar as moças com os seus adjetivos. Nem mesmo quando as mulheres estão acompanhadas, os feirantes dão sossego. Esperam você, velho Brecht!, se distanciar um pouco, dois, três passos, e tome samba exaltação para cima da cabocla.

“Olha a manga, gostosa!”, bradam, administrando com malícia a vírgula e o duplo sentido na ponta da língua. Mascate coração.

É a boa moral da guerra. Eles vão no ponto, exatos como neurocirurgiões do desejo. Sabem de longe, por exemplo, quando uma mulher tem alguma nove-hora com a idade - onde leu-se "uma mulher" leia-se todas as mulheres do mundo. Em um segundo, sapecam um tratamento carinhoso ou uma penca de adjetivos da estação: “Olhe o peixe fresco, menina”, “Não pisa no tomate, mocinha”, “Moça bonita não paga, mas também não leva”. Minha amiga, do ramo dos Corrêa de Araújo, diz que leva tudo diante dos cronologicamente corretos.

Em dias de chuva, mandam ver de acordo com o meteorologista, como relata uma amiga assombrada. “Essa é enxuta até debaixo d’água”, alardeiam.

Um bom feirante reduz até os efeitos de uma TPM, de uma prestação atrasada, de um regime ainda sem resultados, de um bofe desaparecido ou congelado - como o peixe mais fresco, um novo namorado!

Clássico é clássico e vice-versa 01-jul-2001

As chances de exercermos a nossa desvairada e incompreensível paixão (incompreensível para vocês, ó gazelas sem espírito esportivo!) diante de um Santa Cruz x Ferroviário de Serra Talhada foram para o buraco da tal modernização da CBF.

Por Xico Sá

Tosltoiano por excelência – quando mais aldeia mais universal e arretado! -, este Carapuzeiro vem a público para repudiar, corado de raiva e com toda a força e glória dos seu garranchos times new roman, as mudanças que promoveram no calendário do ludopédio nacional.

Um breve resumo para as leitoras, que gastam o seu tempo apenas com o amor e a moda e não repararam nos acontecimentos dentro das quatro linhas: praticamente acabaram com os certames das províncias, dando lugar aos embates regionais e nacionais. As chances de exercermos a nossa desvairada e incompreensível paixão (incompreensível para vocês, ó gazelas sem espírito esportivo!) diante de um Santa Cruz x Ferroviário de Serra Talhada foram para o buraco da tal modernização da CBF.

Um Corinthians x União Barbarense? Agora é coisa do passado. Um Flamengo x Itaperuna? Esqueçam. Um Bahia x River (de Ilhéus)? Nem se ACM ressuscitar. Grêmio x Pelotas? Adiós. Náutico x Íbis? - este peladeiro que vos fala teve oportunidade de testemunhar uma das últimas edições desta peleja, quando o Pássaro Preto derrotou o Timbu pela contagem mínima. E lá dentro da bombonera dos Aflitos. Fortaleza x Itapipoca? Never more, como dizem os papagaios cearenses para humilhar o corvo do assombrado Alan Poe.

Bobagem das grandes o que fizeram com as folhinhas do esporte bretão. Homem que é homem sofre mesmo é com um São Bento x Atlético de Sorocaba, um Central x Porto, um Icasa (hoje Juazeiro) x Guarani, o leão do mercado. A beleza está em um Nacional de Patos x Souza, a terra dos dinossauros paraibanos. Clássico é clássico e vice-versa, como bem disse o filósofo Jardel, minuto antes de um embate épico à beira do Guaíba. O resto é besteira e Copa do Mundo, futebol que mobiliza nossas irmãs e mãe na confecção de apetitosos tira-gostos e batidas várias, com destaque para o famoso leite-de-onça. Copa do Mundo é futebol para gay, mulher e patriota – se bem que os meus amigos perobos são chegados em um suado 11 contra 11 de província. “Futebol é lindo, parece um balé”, chegam a suspirar na geral do Pacaembu e do Arruda.

Sabia que isso não ia acabar bem. De tanto falarem nesse tal de calendário, calendário, calendário, trocaram os pés pelas mãos. Em bom latim, fizeram merda. Como diz o tricolor Pereira, guarda-livros e amanuense deste periódico, homem que é homem só respeita um calendário: o das paredes das oficinas mecânicas.

Episódio de hoje: A Busca Amorosa 08-jul-2001

De como as novas ferramentas tentam resolver, na velocidade de uma ejaculação precoce, a peleja amorosa. O Homem que Amava as Mulheres, de Truffaut, teria outro enredo se atualizado com novidades do gênero idades.

Por Xico Sá

O amor e também seus arredores – como as paixões ou até mesmo uma galinhada lírica – se move graças a um único combustível: a dificuldade. Eis a gasolina azul dos que amam ou tentam. Dos que se apaixonam ou tentam. Dos que perseguem um pedaço de beleza mundo afora, como o bravo Bertrand de “O Homem que Amava as Mulheres”, filme e livro do xará François Truffaut (1977).

Discorro sobre o tal combustível por ter esbarrado, dia desses, com o site que permite o envio de mensagens, via e-mail, entre pessoas que se paqueram no trânsito – que não é o meu caso, pedestre convicto e inveterado discípulo do velho Johnny Walker. Pois o tal site <http://chapamania.zip.net> pode resolver, na velocidade de uma ejaculação precoce, o drama inicial de Bertrand na citada película. Qual graça há em eliminar os pequenos nós que nos levam aos bons alvos? No amor, de nada adianta “solucionáticas”, só “problemáticas”, para inverter o aforismo de Dadá Beija-Flor.

Estava o jovem Bertrand na lavanderia de mademoiselle Carmem, sua chegada, quando avista as pernas – só o par de pernas da “esplêndida desconhecida”, como diz o moço – e enlouquece. A nega desaparece e ele só tem tempo de anotar a placa do veículo em um maço de Gitanes: 6720 RD 34.

O bicho endoida a cabeça. Vai no Detran local (que deve se chamar Detran, mesmo, só que dito com biquinho) e tenta convencer os burocras das necessidades do nome da proprietária do veículo que evadiu-se. Nada feito, a França é uma Pátria séria e preserva a privacidade dos filhos seus. “Se a pessoa tivesse batido no seu carro, ainda vá lá, pois a sua seguradora poderia ter acesso aos dados da pessoa”, ouviu, oba!, mais ou menos assim, de outro burocrata gordinho com feições Balzac dos Pobres.

Os olhos de Bertrand brilharam como nunca. Não teve dúvida: no estacionamento mesmo cuidou de estilhaçar o farol traseiro e o pára-lama do seu Renault (ou Peugeot?) contra a mureta. Provocada a batida, retoma o labirinto da burocracia para tentar o reencontro com as esplêndidas pernas desconhecidas. Não havia visto sequer o rosto da moça, numa prova, como tem discursado este mal-diagramado que vos fala, que mulher é metonímia, parte pelo todo.

Só sei que vai lá, vem cá, guichês e mais guichês, advogado no meio, um burruçu danado, e o jovem Bertrand finalmente se vê diante da sua perseguida. Uma hora de café e conhaque depois... descobre que não está diante da esplêndida, mas da sua prima, proprietária legal do veículo. O par de pernas, que atendia pelo batismo de Marianne, já deixara a cidade, de volta a Montreal. Não que o nosso herói não tenha apreciado uma metonímia qualquer na prima. Muito pelo contrário. Gostou e muito, mas...

É que no trapézio do cocuruto já balançava outra idéia: Bernadette, a recepcionista de uma locadora de carros onde Bertrand esteve na sua busca pela identidade do par de pernas. “Se tiver algum problema, venha me ver”, dissera a moça na ocasião. Lá ia Bertrand, novamente com o coração despedaçado.

Leia também, sobre o mesmo mundo amor/tecnologia, "O e-mail como carrasco do amor" e "O amor nos tempos do bina", no index da seção Macho deste periódico.

A cisma do cabra diante daquilo 19-jul-2001

Esse camarada se 'androgenou', a moça deu bola a ele e ele nem ligou. Demasiadamente humano o nosso enjôo diante do melhor dos mundos, como o caso do taxista que tremia ao ouvir o prefixo do "Fantástico".

Por Xico Sá

Outro dia, dentro de um cabriolé de luxo que nos levava para um evento do calendário pop da cidade de São Paulo, cutuquei a memória do inimitável homem de qualidades Tom Zé. Queria puxar na caixaola por uma velha crônica de sua autoria que tratava da inusitada reflexão de um mancebo de Irará sobre as primeiras conjunções carnavais.

- Rapaz, é Zé Pequeno! – engatou.

- Como é mesmo a história? Eu sei que o menino dizia que foder não é lá essas cousas, lousas e maripousas que todo mundo diz...

Enquanto exercitava a goela, qual um sapo que salta de um poema de Manuel Bandeira (“foi, não foi, foi, não foi”), Tom Zé rebobinava os anais de Irará:

-Isso mesmo. Naquele tempo, todo mundo tecendo loas à primeira vez, às primeiras transas, e aí vem Zé Pequeno, com uma sinceridade danada, e diz que comer moça num é lá essas coisas todas! - narrava o autor de “Sofro de Juventude”, diante do olhar-retrovisor da bela Neusa, sua companheira, sina e sorte, que viajava uns palmos adiante.

Contra vento e maré, a reflexão do mancebo baiano, pensata correta perante o desacerto das metidas inaugurais do ser, cai como um meteorito de sabedoria sobre estes papiros. Quantos de nós, Zé Pequenos de noites de sábado e domingueiras suadas, sofremos diante da obrigatoriedade do sexo. Quantos de nós acusamos a nossa inapetência diante da mulher amada?... O nosso rápido fastio diante do melhor dos mundos?... Talvez uma certa preguiça de prazer e amor. Um Zé Pequeno que irrompe d'alma, tantas mil varas depois, para “inguiar”, tal filhote de urubu, ainda no ninho, entre locas de pedras, quando avista gente curiosa.

Como ouvi uma vez perdida, em animada tertúlia no Pátio de São Pedro, sob os eflúvios das gazelas de periódico-relâmpago do sr. Asfora, “fazer sexo é como chegar em casa e ter que subir dez andares pela escada”. Só tenho dúvida sobre o autor do aforismo de elevador – se José Teles... se Evaldo Costa, escribas de mancheia da invicta Mauricéia.

Dia desses, um taxista me confessava, sobre a mesma agonia, minutos antes de ir para o sacrifício: “Rapaz, quando escuto aquela musiquinha do Fantástico me arrepio todo. É a hora que a mulher começa a se enroscar e eu tenho que mostrar para que vim ao mundo. Pior é que ela só quer no domingo”, confessou o moço da bandeira 2 no seu latim alagoano.

Mas falamos de uma situação muito passageira, rapidíssima, uma náusea que nem chega a sartreana, uma repulsa que não se filia às doenças de Polansky, um naco de quase nada, beirinha de coisa alguma. Uma agonia de segundos. No mais, se demora a agonia, rapazes, podemos dizer que o camarada se “androgenou”, como reza o lirismo hormonal do bravo sambista Luis Américo – aquele do bonezinho, lembram? “Esse camarada se androgenou/ a moça deu bola a ele e ele nem ligou”.

A asma amorosa 01-ago-2001

O amor está mais para o sussurro, a gemedeira, elipses da sacanagem... do que para a gritaria, que sempre beira o inverossímil, falsidade ensaiada, simulacro da fuleragem propriamente dita.

Por Xico Sá

Não há mais dúvidas: quanto mais beira o verossímil, com gritos lancinantes na noite, como assimilamos do cinema, mais fingido é o tal do orgasmo. Nunca é condizente com a nossa performance e suor. Os melhores e mais recompensadores orgasmos guardam o bom preceito da educação dos gemidos.

Por mais megalomaniaco que seja Vossa Senhoria, recomendo que não acredite naquelas algazarras, feiras amorosas, sacolões do sexo, capazes de fazer os vizinhos pularem da cama só de inveja. Aquela gritaria toda, meu caro, só vale para provocar um problema dos mais graves. Deixará o casal que mora do outro lado da parede em pé de guerra, uma vez que a mulher, atenta à lição de gozo comparado, vai exigir mais, muito mais, mais e mais, e mais um pouquinho ainda, do seu colega de prédio ou de rua. E o pior é que os gritos lancinantes só costumam ocorrer quando o gozo não passa de teatro, puro teatro, falsidade ensaiada, estudado simulacro, como canta a deusa La Lupe.

O gozo desesperado costuma ter origens variadas (falar nisso, por que ninguém cita mais W. Reich, meu ídolo da lira dos 20 anos?!). O gozo desesperado, falava eu, costuma ser resultado de algum curso mais digerido de teatro amador, formação em escola com viés jesuítica, leitura errada dos Actors Stúdio, dietas à base de alcachofra, audiências tardias das onomatopéias do Led Zeppelin ou falta de homem propriamente dita.

As melhores gazelas educam cedo os gemidos. Em vez de gritos que parecem mais apropriados para momentos de sequestro-relâmpago, a boa moça sussurra e balbucia safadezas no cangote do amado. Mais vale um dos 3.000 verbetes catalogados no Dicionário do Palavrão, do mestre pernambucano Mário Souto Maior, do que os decibéis selvagens dignos de uma boa multa do programa Psiu!, a campanha oficial contra o barulho na cidade de SP. As melhores não se desesperam. Já imaginou Ava Gardner em desespero? Nem com Frank Sinatra, a quem enlouqueceu todos os sentidos. E não me venha dizer que isso seja frigidez, frescura ou algo da linha.

Uma coisa é a gritaria, quase um SOS, incêndio do Joelma ou sinistro urbano do gênero. Outra é a gemedeira gostosa, fungada sentida, fogo nas entranhas, calor na bacurinha, quase um decassílabo a cada descida, lirismo sem fôlego, asma do amor.

A chatice do desejo 20-ago-2001

Todo "tampa-de-crush" sabe disso: toda ninfeta é antes de tudo uma chata. Junta a ignorância pernóstica da adolescência com a crença em poderes ridículos de sedução.

Por Xico Sá

Toda ninfeta é antes de tudo uma chata.

Por uma razão mui óbvia, senhores: juntam no mesmo saco a ignorância pernóstica da adolescência com a crença mostra nos seus poderes de sedução. Somente na literatura, ainda a grande e única arte, foi possível salvar essa raça. Com o bom Vladimir Nabokov, envelhecido em tonéis de vodka, bom filho de São Petesburgo – como os russos são os melhores, sem comparação nesse metié! A sua Lolita chega a ter alguma graça. Mas também é ajudada pelo sr. H.H., que sabe tirar proveito – e até ciscos do olho da pequena -, sem cair no simples abestalhamento de um velho diante do cheiro de leite.

O cinema quase se salvou, com dom Kubrick (cabra bom e da nossa estima), porém acabou por desagradar ao velho Nabokov. Não que Kubrick fosse fraco, o cinema é que era nada diante da pena do velho russo. Depois vieram as besteiras de fato. É esculhambação juvenil que num acaba mais. Teve nova fita pro cinema, trocentas noveletas, safadeza mirim de tudo quanto é jeito... A moral da guerra: menina pobre safada é prostituição infantil; menina classe média chegada a uma putaria é sensualidade lolital.

A nova enxurrada tem a mais insuportável das tais ninfetas. Coitada, branquinha, atriz bem-intencionada, coitadinha, quase não é gente de tão sem saber o que faça com os tais zolhinhos. Falta-lhe a maldade de fato e de direito, confundida no evento televiso com histeria sub-17, TPM sem lastro de sofrimento, um nonada do desejo perdido naquela brancurinha de mais nada ainda. Claro que nacos de peito e bunda ad nauseam acabam, numa espécie de mentira repetida do sexo global, provocando algumas punhetas de sofá, mas isso ainda não salva a indigência da pobrezinha.

Ninfetas. Que saco!

Aliás, o mais louco é que há uma inversão total entre a moral balzaquiana e a moral nabokoviana. Para representar uma mulher de 30 hoje, com o drama que pintou o velho Balzac, sempre se recorre a fêmeas de 40 ou mais. E estão corretos os que pensam assim, pois a antiga mulher de 30 hoje é encarnada, tantos Lancômes e tantos divãs depois, por uma de 40 ou 50, arrisco eu. (Mais uma vez abro um parêntesis de classe: entre as mais pobres, o drama é o de sempre).

E para representar a Lolita nabokoviana, a menina é cada vez mais velha. A do velho russo tinha uns 14. Agota Lolita chega quase a 20. É a moral politicamente correta que balzaqueia ainda mais a mulher de 30 e estica a de 14. Por que não uma ninfeta infanto-juvenil de fato, ou freudiana de verdade, uma vez que o sexo é aurora da vida? As igrejas não deixam.

Se esqueci a da Sukita, não liguem. É que um "tampa de Crush", como se define no Recife um destemido, não baba diante de uma concriz daquelas. Aliás, minha queda mesmo é pelas sexagenárias – Balzac e seu duplo -, como o Chalaça, famoso xeleléu da Corte de d. Pedro.. São duas mulheres de 30 numa só. Já pensou que felicidade?

Tese elaborada na 25^a DP, Pina/Brasília Teimosa, Recife, Pernambuco, 2001, depois de um polvo alho e óleo e um bocado de cervejas deitadas debaixo das cadeiras.

Todo homem feio tem direito a mentir 28-agosto-2001

Seria covardia Alain Dellon (um Brad Pitt inteligente do meu tempo, caras meninas de hoje!) recorrer à arte da pulha e do blefe... Os feios, todavia, têm o direito sagrado do desvio, de uma edição nas ditas verdades, da mentira propriamente dita.

Por Xico Sá

Todo homem dito feio (mal-diagramado, como costume manejar), tem o direito sagrado à mentira amorosa.

É fácil ser um Alain Dellon, um Marlon Brando, um Brad Pitt - fica a referência atual para as lolas que nasceram pós-Último Tango em Paris. É moleza ser esteticamente arrumadinho. Estas criaturas sim, não carecem da mentira. Se tergiversam... É por pura safadeza mesmo.

Os feios, todavia, dependem da mentira como um bode precisa de capim. Da mentira propriamente dita... Não. Falo de uma forma sutil de editar a vida - cinem sTj 50 0 50 193 00

Arte (ufa!) de apertar a nega 06-set-2001

Veze até parecemos mestres de Goa, com o assobio de um trance sampleado. Na maioria das vezes, todavia, a arte de apertar costas de moças é um sacrifício dos diabos.

Por Xico Sá

Dos 12 trabalhos de Hércules aos quais somos submetidos rotineiramente na moderna sociedade contemporânea, a massagem talvez desponte como um dos mais suados. Muitas vezes, sentimo-nos empunhando uma espécie de britadeira do amor, “lambreta de baiano”, como reza o preconceito do paulistano médio. Óbvio que fazem

Das ventosidades nem sempre identificadas 25-set-2001

Emocionante saber que a criatura é capaz de reconhecer teus ventos mais elípticos, teus cheiros e fedores mais recônditos, tuas vergonhas mais perdidas, tuas cláusulas do melhor dos contratos sociais.

Por Xico Sá

A coisa, coisa não, o ato nobre e mais sagrado, de um homem para uma mulher – e vice-versa – é a conquista do direito à “ventosidade emitida pelo ânus; pum”, como registram os nossos educados dicionaristas. S.M. Substantivo Masculino, peido propriamente dito e dicionarizado. O direito a emitir tais gazes despreocupadamente.

Melhor ainda. Emiti-los e arrancar um “ave Maria!” de surpresa da amada. Não debaixo dos lençóis, motivo de sobra para qualquer divórcio, circo, Orlando Orfei dos horrores, dependendo das iguarias ingeridas.

Com janelas abertas, sim, não passa de uma droga recreativa capaz de animar a vida dos casais.

- Peidaste?! – salta ela, em bom português.

- Imagina! (Olho no ataque do Santos na tevê).

Como ainda não têm filhos, sobra, quase sempre, para o cachorro, senhor dos direitos autorais de tais flatulências anônimas na aurora dos romances. A sorte é que o cão assimila as impurezas do homem, tão-somente para tornar seu dono inimputável. O tal gás sarin sai à semelhança.

Melhor ainda é quando um reconhece a ventosidade do outro. De longe. Chega em casa, depois de uma festinha, social clube, e a nega diz, até um tanto quanto orgulhosa, com o mesmo português infalível de sempre, assimilado das lições do velho e bom Pasquale:

- Fostes tu, desgraçado!

Emocionante saber que a criatura é capaz de reconhecer teus ventos mais elípticos, teus cheiros e fedores mais recônditos, tuas vergonhas mais perdidas, tuas cláusulas do melhor dos contratos sociais.

Terror e testosterona na veia 02-out-2001

Se cuidar de uma já é um trabalho dos diabos, imaginem de quatro criaturas dessa natureza! Se nenhum de nós sabe responder ainda o que diabo quer uma só mulher, avaliem o que querem quatro seres de véus e vergonhas escondidas!

Por Xico Sá

Gosta de terrorismo?

"É, gosto."

E de mulher?

"ViiiixxxeEEEE!!!!"

Esse Bin Laden é mesmo sensacional. Como consegue, com quatro mulheres dentro de casa, ainda pensar em avançadas táticas de terrorismo e desafiar Hollywood. Se cuidar de uma já é um trabalho dos diabos, imaginem de quatro criaturas dessa natureza! Se nenhum de nós sabe responder ainda o que diabo quer uma só mulher, avaliem o que querem quatro seres de véus e vergonhas escondidas!

É um herói. Dar conta de duas parselhas, sob o mesmo teto, e ainda ter tempo para voltar-se para Meca, tantas vezes ao dia, feito de orações.

E não me espanta a manutenção sexual propriamente dita, faz parte do trabalho e os dias. Leite de cabra, seja de montanhas afegãs ou vales do cariris nordestinos, tem poder. Assombra é a convivência, o jeitinho, o atendimento dos desejos encobertos, das vontades subliminares, daqueles zolhinhos pidões enfeitados por sobrelhas matadoras.

E ainda tem tempo pra lembrar daquela que o pôs no olho do mundo. A nobre genitora foi beneficiada, nos últimos dias, com chamadas telefônicas à guisa de bênção e recomendações outras. Amor só de mãe?

Você aí, ô das antigas, da tradicional família brasileira (suburbana ou fresca) que está acostumado a uma vidinha de esposa, amante, cachorro e papagaio, me responda: é ou não é admirável alguém que administra quatro negas sob a mesa lona? Duas – e em casas diferentes – tudo bem. Um cachorro, na boa, amigo. Um papagaio, viva a repetição, eco das nossas bobearias matinais.

Eu falo, meus queridos, são de quatro saias. Lembrar de quatro aniversários, botar lá o “e/ou” do cheque ouro com quatro sobrenomes diferentes, atender os desejos de quatro grávidas (sair de madrugada em busca de romãs para melhorar as cordas vocais!). Reservar quatro cuscuz marroquinhos com carneiro no La Tartine ou no Agadir.

São quatro desejos presos, quarenta sonhos guardados, quatrocentas incertezas prontas, quarenta mil pares de sapatos - declamaria o poeta do azul, bebedor-mor do Savoy e arredores, Carlos Penna Filho, Rilke do Capibaribe e afluentes.

E o mais difícil ainda não é o citado quarteto. Para os kamikazes, resta a promessa de mais cento e tantas virgens, lá nos helipontos improváveis do mercado futuro da fé, cento e tantas, eu disse, e virgens, repito, um trabalho dos diabos, Alá, meu bom Alá.

TOC - Transtornos Obsessivos Compulsivos 17-out-2001

Assim como torramos tudo que temos para cessar a fúria de uma mulher, não tem dinheiro que pague a sua linda euforia. Aí está o milagre químico, remate de todos os males femininos.

Por Xico Sá

Assim como torramos tudo que temos para cessar a fúria de uma mulher, não tem dinheiro que pague a sua linda euforia.

Serotonina no cérebro e o melhor dos passeios de mãos dadas. Pode ser uma mulher de 30, uma bela sexagenária, uma de vinte e poucos, mas de W maiúsculo - como na balada de 04, o ainda não totalmente reconhecido Cartola dos anos 00.

É a melhor das novidades depois do tio T. Leary. Nada como um sorriso dos paraísos artificiais para treinar o sorriso permanente. Só os lambe-lambes de praças do interior (olha o passarinho!, diga “xis”!) e a química-do-bem para ensinar essa atitude monopolizada pelos homens - em sociedade com as hienas.

Prozac nas caixas d'água da Cohab, Prozac e seus genéricos nas torneiras clandestinas das favelas, Prozac para todas as moças, de Perdizes, de Porta Larga e da Pavuna.

Só não deixem que o Prozac estraguem nossos domingos. O que seria desta circunstância sem uma gazela triste para nos ensinar que vai chegando, rotação/translação, um dia de segunda, senha do degenerado capital.

Chega de entregar a Deus os desígnios femininos.

Chega de confiar no velho Lacan, que também chegou a declarar a não-existência da raça de saias. Ora, o Prozac é o remate de males do mulherio: tira um pouco - uma, duas costelas, talvez -, do dito ser mulher. Melhora a danada, roubando-lhe um naco da sua própria essência (de profundis, não?).

Viva o córtex orbital renovado, novos pensamentos na cabeça das gazelas. Capaz de melhorar até mesmo a mais chata e obsessiva das lolitas.

Transtorno Obsessivo Compulsivo. Sigla TOC, TOC, TOC, soprou ela, interurbanos corações, a moça que me receita, na beira dos 40, o elixir da longa vida, vide bula.

Automação da aurora 06-nov-2001

No nosso melhor momento, priapismo matinal, somos acordados por gravações e

A derrota do xixi sentado 15-nov-2001

A eterna falta de pontaria dos marmanjos - seja em Quixeramobim ou na Suécia - começou a produzir uma moda estranha: na Europa a lei é fazer homem mijar sentado. Já, já, esse troço chega por aqui.

Por Xico Sá

Ih, rapaz, por essa a gente não esperava tão cedo. Mas vem da Suécia, pátria de todos os clichês do sexo loiro, uma lufada revolucionária capaz de virar de cabeça para baixo as nossas tristes existências. As gazelas daquele país passaram a obrigar os cavalheiros a mijar sentados. Postura que nos impõe um distanciamento brechtiano em relação ao nosso confidente-mor: agora escondido, mergulhado no vaso, encoberto pela barriga, ele sente que perdeu o arrastado e cansativo debate sobre a pontaria. Ele abaixa a cabeça, num quase mergulho suicida, existencialista perdido diante do trunfo da nova moral burguesa do Politicamente Correto.

Que fazer?

Saltamos, leninistas, abestalhados a buscar uma solução para essa onda que deve varrer o mundo. Claro que se trata de mais uma novidade do chamado projeto internacional para tentar forjar o dito prospecto do macho sensível. Ora, outro dia admitíamos, no máximo, uma camadazinha de minâncora sobre uma espinha trabalhosa. Hoje vejo íntegros camaradas se lambuzarem de Lancôme sem a menor cerimônia, com a maior cara lavada. Que fazer?, repetimos, estrategicamente leninistas.

Daqui a pouco não restará um só mictório na cidade. Em Estocolmo, apontam entusiastas da nova mania, não é mais possível mijar em pé em alguns bares e restaurantes. O fim do mundo. Tentam acabar com aquela cena clássica de um magote de marmanjos, lado a lado, inveja do pênis do vizinho ou não, tirando água do joelho.

Claro que fizemos por onde ser derrotados nessa peleja. Foram décadas e mais décadas de reclamações. Erramos. Não levamos a sério os quesitos pontaria, tampa levantada etc. Zombamos da boa vontade daquelas que lustram o nosso chão de estrelas. Deu no que deu. Agora, compadres, só nos restarão o Firestone na saída dos bares, a cerca do vizinho, um baobá qualquer a caminho de casa ou o asfalto propriamente dito. (Como este é um espaço proustiano, recordo-me de quando mijávamos na areia quente do sertão, tentando escrever os nossos batismos com vigorosos jatos-mirins.)

Não adianta estrebuchar, pouco importa o direito ao juris esperneandi. O certo é que querem nos civilizar a qualquer custo... É a conspiração internacional da qual tratei linhas atrás. Querem nos androgenar, como diria o lírico sambista Luis Américo. “Esse camarada se androgenou/ a moça deu bola a ele/ e ele nem ligou”.

Só nos resta aceitar a derrota histórica. Mijar sentado, tudo bem, mas pelo amor de Deus, sem aquele barulhinho erótico de que só uma dama é capaz. Devagar, rapaziada guerreira.

*Este texto foi publicado, com algumas alterações, na revista Vip.

Como sofrem os homens 03-dez-2001

Não há miséria maior para a alma masculina do que o apego aos onze semelhantes que o defendem na mais épica das batalhas. A Monte Castelo de todos os domingos. De todas as tardes, do radinho de pilha fanhoso de todos os porteiros.

Por Xico Sá

Das tragédias masculinas a cegueira pelo futebol sempre foi a mais grega e incompreensível. A paixão desmedida, sem luz, enviesada, carregada de todas as trevas, capaz de fazer a criatura trocar um cinema-de-mãos-dadas por qualquer Íbis x Ferroviário de Serra Talhada, qualquer Sampaio Correia x Paissandu, Treze x Campinense, Juazeiro x Uruburetama, qualquer Juventus X Ituano, quarta-feira à noite, 10 graus, chovendo, na Rua Javari...

Capaz de trocar não apenas uma promessa de sexo por uma pelada qualquer... Capaz mesmo de trocar mesmo a certeza da trepada do século, a mais homérica, aquela que cura de vez o amor mais platônico, por um Nautico e Vitória de Santo Antão – escrete da terra de Osman Lins e da gloriosa Pitu, nobre aguardente que tem slogan arrasador: “Se seu time ganhou, tome Pitu, se seu time empatou, tome Pitu, se seu time perdeu, Pitu”.

Não há miséria maior para a alma masculina do que o apego aos onze semelhantes que o defendem na mais épica das batalhas. A Monte Castelo de todos os domingos. De todas as tardes, do radinho de pilha fanhoso de todos os porteiros. Do grito de quase-gol que vem de lá dos porões de todos os canteiros de obras, do fundo da mais suja das pensões de Santa Cecília e do sótão-pensão que morei na Barão de São Borja, no Recife de todas as emparedadas. Domingos capazes de derrotar o mais brutamontes dos homens, o mais seco, o mais sem emoção, o mais sem sangue nas veias. Mas não há miséria maior do que o “desábito de vencer”, como escreveu João Cabral de Melo Neto sobre o seu América. Não o América carioca de Trajano, que já teve as suas glórias. O desaparecido América alviverde do Recife, onde o poeta jogou, center-half de primeira, antes de ser campeão juvenil em 1935 pelo Santa Cruz.

Uma vez, em uma entrevista com ex-center half, na primeira metade dos 80, ali na bifurcação entre Parnamirim e Casa Amarela, o homem-faca-só-lâmina pôs a marejar as retinas quando contava o seu arrojo como homem de marcação e exibia algumas raras fotos. Tempos depois, numa entrevista que deu gosto (pois a literatura foi deixada de banda), o pernambucano se queixaria a Fábio Vitor, da Folha, sobre as dores da bola.

Somente no exílio sevilhano, o poeta se livrou da aspirina e da dor-de-cabeça de torcedor. Deus adeus ao futebol. Para sofrer menos, escolheu as touradas e as dores do mundo dos saltos flamencos.

Sorte dele, pois não há tragédia mais incompreensível do que a devoção por aqueles marmanjos suados tentando acertar o barbante inimigo.

Email, 30, balzac de resposta 18-dez-2001

Independentemente do julgamento raso do calor da hora, uma coisa é irreparável: o email ampliou de forma radical aquela dita "porção mulher" que possuímos ou que dizem sermos angustiados proprietários. Epa. Não carece sacar a peixeira ainda, deixa que'u explico.

Por Xico Sá

O email completou, dia desses, 30 anos. É um balzaquiano de resposta, embora tenha pouco tempo de uso em larguíssima escala, coisa de uns uns seis, oito anos, certo?

Mas tempo suficiente para alterar, de forma avassaladora, o *modus operandi* do macho e sua cabeça, unidades quase autônomas e nem sempre vulneráveis aos avanços da ciência e da patroa.

O certo é que a danada da cartinha eletrônica chacoalhou as nossas vidas. Para melhor, dirão os integrados e sensíveis. Para pior, bradarão os tradicionalistas e empedernidos em geral.

Independentemente do julgamento raso do calor da hora, uma coisa é irreparável: o email ampliou de forma radical aquela dita "porção mulher" que possuímos ou que dizem sermos angustiados proprietários. Epa. Não carece sacar a peixeira ainda, deixa que'u explico: o email trouxe uma descarga pesada de ansiedade para os nossos seres, âmagos, eus profundis e outros eus, como diria nosso ídolo Mussum.

E quanto mais ansiedade concentramos, quanto maior a taxa de ansiedade no sangue, mais perto da mulher chegamos. Certo? Creio que sim. Mas vamos devagar com esse andar... Não há característica mais elevada nesta criatura derivada de uma das nossas costelas no bafo do que a tal da ansiedade.

Não que esta seja uma característica orgânica, coisa de saúde pública. Nada disso. A ansiedade feminina nasceu com o velho e bom Alexander Graham Bell, por volta de 1870. Quando o bicho tocou a campainha pela primeira vez, vixe!, a patroa do próprio se tremeu toda, saiu desembestada, mesmo que a ligação fosse apenas um teste – e com o próprio marido ligando do quintal da casa.

Com o bip, ave!, a ansiedade do mulherio ganhou as ruas. E nós começávamos a ampliar a tal da porção mulher que até então se resguardara – valhei-me minha Nossa Senhora. Chegou o celular... Ansiedade pré-paga. No paralelo, o email corria solto e era mesmo o maior perigo, o maior estrago para os mancebos.

Hoje estamos perdidos. Austeros e recatados pais de família passam o dia com o dedão contra a tecla F5. Quando a cartinha pisca no canto da tela, parecem umas loucas, de tão alucinadas. Não entendem quando não há nova mensagem; como as patroas não concebem um telefone silencioso por mais de meia hora – sempre sacolejam o aparelho, acreditando em algum defeito.

É isso, Mr. Postman, homem que é homem precisa se desgarrar um pouco desse pombo-eletrônico. Ou ele acabará com a nossa raça. Ainda bem que nos grotões desse país num chega carta nem mesmo em lombo de burro. É a garantia da preservação da espécie.

Homem de predinho antigo 27-jan-2002

Tem várias formas de saber que um cabra não tá nem aí pra hora do Brasil e pro casamento. Mas a mais infalível, donzelas e afilhadas do velho Honoré, ainda é observar a sua toca, seu mocó. Pela casa de um homem solteiro, sabe-se lá das suas intenções.

Por Xico Sá

Existem várias formas de saber se o cabra não tá nem aí pra hora do Brasil e pro casamento. Mas a mais infalível, donzelas e afilhadas do velho Honoré, ainda é observar a sua toca, seu mocó. Pela casa de um homem solteiro, sabe-se lá das suas intenções.

Um tipo, em especial, chama a atenção: aquele mancebo que habita os famosos predinhos velho e charmosos. Ih, esse ou é viado, como muitos queridos amigos meus – uma parede de cada cor - ou num casam nem à força. Nem amarrado, como antigamente, com o bacamarte do futuro sogro no gogó.

Homem com casinha arrumada, badulaques, quadro de arte na parede (por mais que sejam grafismos pop), cozinha equipada com trituradores de última geração, quer apenas impressionar as suas presas – quando não é viado, repita comigo!

Quando um cabra arruma a casa, tapetinho, abajur no lugar, cortiça com recortes, boas cobertas... Sei não... Optou pela solteirice absoluta, caçador da pior qualidade. Cafa no último. Quando a nega pisa no capacho, luzes se acendem automaticamente, numa lógica de iluminação publicitária. Lá está o quadro da moda, até o cinzeiro é arte, Tunga, o caralho a quatro. O som, basta você pisar no mesmo capacho, já dispara com essa coisa de eletrônico com bossa nova.

Senhoritas, nunca confiem em um homem com casa arrumadinha. Aquele que se gaba de morar num predinho antigo, charmoso... Se abrir um vinho e começar falar como um entendido em vinho... Vixe! Corra, Lola, corra. Trata-se de um picareta de fato.

Os melhores da espécie ainda moram com as mães ou têm muquifos de macho. Nunca conseguiram sequer desencanaixotar os livros da última mudança, embora deixem "O Apanhador..." largado ali num canto, para impressionar as visitas – que são raríssimas, pois não costumam levar qualquer um(a) no mocó.

Homem-predinho-antigo é um desastre. Assim como o homem ervas-finas, com aqueles frasquinhos a enfeitar a cozinha. E como mulher cai nessa história de ervas finas! Um macarrãozinho com molho viadinho... pumba!, lá se estende a danada no sofa do vagabundo.

Mal sabem elas que homem que é homem – falo dos solteiros - faz de qualquer teto um viaduto, um Joana Bezerra, uma baixada do Glicerio, um Minhocão qualquer.

Para animar a vida besta 22-fev-2002

Também, aqui em casa, o metido da dengue não entra: quero ver sobrar algum líquido em fundos de garrafas! Vai-te, satanás de asa, belzebu da goitana. Gosto mesmo é da zoadinha de uma enxerida invertebrada.

Por Xico Sá

Esse mago do *Aedes egypt* é um medonho, embora tenha a serventia de ouriçar o aeroporto de mosquitos que é a frente do candidato tucano ao trono máximo de Vera Cruz. Homem bom talí: incapaz de matar sequer um invertebrado.

Também, aqui em casa, o metido da dengue não entra: quero ver sobrar algum líquido em fundos de garrafas! Vai-te, satanás de asa, belzebu da goitana.

Esse aí não. Mas tenho uma saudade danada, na estupidez do auto-exílio pau-de-arara (Antonio Maria dizia que a saída do torrão natal é um ganho em nostalgia capaz de deixar a aldeia linda de morrer e sempre) de uma muriçoca. Pernilongo, para os de Teófilo Otoni para baixo.

Como anima a vida dos viventes e espanta a solidão uma só muriçoca. Ali. Teimosa que dá gosto. Zummmmm. Zinnnn. Rabequeira mais chata. Faz o rasante. Desce no braço. A gente apruma a mão, sorradeira, se aproxima, é agora, pá, a nega avoa. De novo. E mais. Uma noitada inteira. Passa boi, passa boiada, novela, sessão coruja. E a gente ali. Mãozinha metida a esperta, no quase-quase, bola na trave muriçocal. Vez por outra, gol, uhuuu, fodi-te, um sanguinho novo na palma da mão ou na parede.

No que lembro o bravo anúncio em hotel de Salgueiro, Pernambuco: “É expressamente proibido matar muriçoca na parede”. O bom é na parede!

Meu pai, seu Francisco Nildemar de Menezes (meu avô João Patriolino fazia questão que todos os seus filhos obedecessem, no batismo, a sigla FNM, caminhão garboso da época) fez de matar muriçoca um esporte noturno de primeira. Saía com uma vela na mão, no breu da nossa casa no Sítio das Cobras, Santana do Cariri, a eliminar, ataque cirúrgico com a chama, corte epistemológico de mestre, as medonhas criaturas. Matava, com a vela, na nossa pele, três meninos e três meninas de então, de modo que nem bulia com os nossos sonhos.

Faz falta uma atividade em torno das muriçocas. Você tá ali sem assunto, na boquinha da noite. Com um amigo, com a família ou com a namorada. Aquele hiato danado. Silêncio. Pum. Uma palmada na invertebrada anima a vida besta. Confesso: tenho saudade das danadas. Nem falo da família e das namoradas que se perderam na fumaça das queimadas da Serra do Araripe ou balançaram para o outro lado da vida nas canoas dos parques de diversão do interior.

Homem Santa Efigênia 07-mar-2002

O ridículo é a mania dessa gente que carrega dependurado todos os badulaques novidadeiros que aparecem nas vitrines e colunas da Wired, espécie de revistinha da Avon do homus modernus.

Por Xico Sá

O macho Santa Efigênia, homo sapiens moderno que anda com toda aquela parafernália da rua paulistana homônima a tiracolo para dizer que é o tal, acaba de ganhar uma calça, by Levi Strauss, com sete bolsos, capaz de caber caneta-gravador, celular, palmtops, planilhas a laser, cartões que comprem a vida eterna, cartões de ponto antidemissão, cartuchos antiterrorismo, sprays contra a barbárie, o caralho de asa...

Como tudo nessa vida, inclusive o disco do Rei, a tal moda chegou primeiro na 25 de Março, artéria também paulistana onde Jade – a do quibe das 8, não a Jadi da Trip, gazela bela que me inspira a lira – vende seu corpinho.

Mas, perai, homem que é homem não carrega nada além da sua tecnologia natural, chip de berço, orgulho, auto-estima, tenha lá os 4 cm, 1 251 0 T 733.91998 reW n /Cs1 u2251 0 1

Homem brechó 03-abril-2002

A calça pendurada assistia tudo e, ao contrário do verso cristão de Roberto, dizia muito. A camisa listradinha, preto e branco de tanta elegância, também falava pelos cotovelos puídos, sovacos eruditos de tanto carregar livros. A quem terá pertencido tal...

Por Xico Sá

Definitivamente não é do mundo dos vivos tal criatura. Veste-se com charme, claro. Mas o busílis é outro: o defunto, como dizia minha mãe, era sempre maior. Sempre sobra pano na ponta dos dedos ou tergal na boca das calças.

Mas o que derrota mesmo é o malassombro. Você, nobre gazela, lá com o mancebo, no bem-bom do mundo horizontal, e a assombração no cabide. A sorrir, caso os pertences tenham sido de um cínico qualquer – um leitor de Sêneca e amante da brevidade da vida, pois, pois.

A calça pendurada assistia tudo e, ao contrário do verso cristão de Roberto, dizia muito. A camisa listradinha, preto e branco de tanta elegância, também falava pelos cotovelos puídos, sovacos eruditos de tanto carregar livros. A quem terá pertencido tal roupa? Ao padeiro, ao sapateiro, ao dono do sebo da esquina, ao homem normal do 308 – os homens normais moram sempre no terceiro andar.

O homem brechó leva o ex-dono dos pertences para a cabeceira da cama. Os vivos e os mortos. Os sapatos passeiam pela casa das moças na madrugada. Juris esperneandi. Saltos à procura de uma nova auto-estima.

É tudo muito Cherteston. Padre Brown e os mistérios das vestes do além. É um colete de um viúvo tarado – só os tarados e mediócras usam coletes. É o casaco de um franco-atirador a nos meter encorajados pra o amor. É uma meia do espólio de Alain Dellon a nos botar orgulhosos como o diabo. São passos na madrugada.

Por essas e por outras, mais vale um moço humilde, nada “mod”. Um cabra magazine, primeira lavagem, etiqueta C&A; um cabra camelô, guerra dos mascates, assombração zero bala. Ora, se um algodão novinho em folha que encobre as partes de um sujeito já chega com tantos fantasmas e descontroles, imaginem vocês um velho veludo azul, orelhas do dismantelo, cortes da esquisitice, nobilíssimo velvet blue!

Ninguém resiste à quebra de sigilo do e-mail 18-abril-2002

Quantos amores foram embora por causa desta coceira em mexer na caixa postal alheia. Muitos, minha nega. Nem mesmo o amor do jovem Werther resistiria a um f-5 para fazer descer as mensagens da amada. Tristão e Isolda não suportariam. Julieta teria se decepcionado.

Por Xico Sá

E-mail, caixa-preta do amor. Ou da morte do mesmo. Ninguém resiste a uma curiosidade dessa natureza. Um espiada no outlook alheio e a desgraça está feita. Um banal spam é motivo de briga de foice. Uma graça pr'uma amiga vira um deus-nos-acuda. Um rumor abala o mundo. Hotmail@soledad.

Ninguém, nem mesmo o mais puro dos cardeais, resiste a cinco minutos de quebra de sigilo de e-mail. Até as caridades de madre Teresa de Calcutá podem ser mal-interpretadas. Podem virar sacanagem divina de Santa Teresa D'Ávila.

Nem mesmo o mais épico dos amores agüenta o tranco. É mais fácil testemunhar o ser amado diante das câmeras de um big brother ou enfurnado nos edredons engomados das celebridades.

Mas... sempre menos do que imagina o ser amado. Apenas garrafas atiradas ao mar tortuoso. Ulysses a fazer graça para as sereias, pois bem sabe que o cachorro, até mais que Penélope, o espera para latir sorrindo. Sono dos justos no cobertor tecido à moda de Jó. O amor, senhores, sinto muito, sou praticante.

Quantos amores foram embora por causa desta coceira em mexer na caixa postal alheia. Muitos, minha nega. Quantos rounds. Conheço um belo casal de SP, que amo, escriba e morena tão bela, que se estranhou em veraneio recifense por tal causa. Para depois, buscar mais amor ainda no caos e bradar um “vamos sair da crise” triunfal. Uhuuu. Vem menino por aí. Conheço tantos outros casos menos novelas exemplares.

Nem todos, porém, agüentam o tranco das inconfidências. Um “meu bem” para uma prima que pode virar um desastre. Uma graça “mon amour”, desastre bilíngüe. Ou mesmo a mais desabrida putaria virtual – tão longe, tão perto.

As cartas de papel pelo menos exigiam mais requinte na devassa. Vapor barato de água quente para não deixar marcas na abertura do envelope. Impressões digitais de falanginhas e falangetas trêmulas de amor e ciúme – onde há um, o dois cuida em aparecer por perto.

Um gelo do cão 24-mai-2002

Um frio da gota é o que se anuncia em SP. Ou você tem um aquecedor ou tem uma mulher. Ou um homem ou um aquecedor, falo para as moças. Mas antes de tudo é preciso saber se enfiar debaixo das cobertas.

Por Xico Sá

O primeiro inverno em SP a gente sempre vai lembrar. Eu, sertanejo coração, sempre me enfiava na camada errada: entre o cobertor Paraiba e o edredon. A nega estava na estratosfera, entre o primeiro lençol e a cobertura felpuda. Cadê o bate-coxa?

Procurava a doida e nada achava naquele esfregar utópico. Chamego dos diabos, roçados corações. Vixe.

A ordem é assim, nas casas de boas moças: colchão, lençol com elástico, lençol de algodão, cobertor grunge aflanelado, edredon. Às vezes, outro aflanelado por cima. Eu sempre metia as pernas na camada errada. Nessa onda, errei de pele mil e uma noites me perdi.

Um gelo do cão, pois só uma costela abafa o velho Adão adormecido. Mesmo para um cabra acostumado com o frio da Serra do Araripe, nas encostas de Santana do Cariri, é triste.

Mesmo para quem não precisava de ventilador, janelas abertas do oitavo andar da rua da Aurora, Recife, beira do Capibaribe que avista África ao longe e testemunha uma morena bem de perto, quase a estourar o fundo-de-garrafa – astigmáticos corações.

Mesmo para quem se acostumou com o térmico “eu te amo” na pista de neve do velho Tchécov e sua “Estória Alegre”. É pouco, nego.

Um frio da gota é o que se anuncia em SP. Ou você tem um aquecedor ou tem uma mulher. Ou um homem ou um aquecedor, falo para as moças. E que todas as trocas sejam possíveis, velho Baudrilard, nos 110 volts da região.

A desvantagem é que o aquecedor não fala. (Nada como uma putariazinha no ouvido). Os homens adoram o sexo falado, embora finjam adorar a simbologia da boneca inflável. Habla, mi corazón eternecido.

Ah se meu aquecedor falasse. E fala. Menos do que careço ouvir. Mal diz “eu te amo”, como o vento russo de Tchécov. Faz um barulho como se fosse, o danado, vruummm.

Lá fora o frio é um açoite, sei. Cá, dentro, polares corações.

Bola na rede 05-jun-2002

E ali na beirada da cama passa um senegalês em alta velocidade; a resistência gaulesa responde do outro lado. Um sonho, ela matuta. Delírio feminino na aurora boreal. Aproveite o aquecimento da nega para bater um bolão.

Por Xico Sá

Você liga a tevê na moita, baixinho, ali debaixo dos lençóis, pra não acordar a nega. Os rojões Caramuru dos vizinhos, no entanto, despertam a danada. Tchibun-bum-pêi. Aos solavancos. E ali na beirada da cama passa um senegalês em alta velocidade; um zagueiro da França responde do outro lado. Um sonho, ela matuta. Delírio feminino na aurora boreal. Mais negões-show-de-bola na meia-lua; outros galegos musculosos da terra do ménage á trois esticam suas coxas para atingir a “criança”, digo, a pelota, para as virgens no ramo.

A patroa se assanha.

Quer jogo. Libera os laterais, avança os volantes, faz linha-burra sem medo, perder de um, perder de dez.

Engata um ofensivo 3-4-3, com pontas abertos à Denilson, e parte para cima. Nossas humildes canetas finas, cambitos de pernas, crescem nas retinas dela. A nega mistura as bolas. Uma coisa assim meio borgiana (boiola um cacete!) toma conta do espetáculo: torna-se incapaz de decifrar o que é realidade e o que sonho é. Você ali secando a França e ela a te secar por tabela.

Copa na cama é isso aí.

A nega se esfrega em você. Quer. E muito. Estimulada pelos cabras que desfilam ali na beirada do verossímil. Vem Brasil x Turquia e a loucura continua. Que diabo é isso! Se não fossem os rojões do vizinho, a danada ficaria no seu mais habitual sono de pedra. Tem jeito não.

Levantamento de analistas americanos revelou, durante Copa de 94: quando o time teu, digo, nosso, triunfa, mesmo com gol roubado, os machos temos 27,9% a mais de testosterona na veia. Mas no fim do jogo, entenda-se.

Com o esquema Felipão, sei não..., podemos terminar a Copa devendo testosterona pra mãe dos nossos filhinhos.

Enquanto isso, aproveitemos o desejo dormido que se assanha diante das pernas estrangeiras. A danada vai puxar seu pijama ou a camiseta como um lateral que marca o overlapping do time senegalês. Vai patolar* no colchão como quem derruba, com jeito, um avante argentino na linha do gol. Vai, vai, vai, vai, vai...

Meus amigos, como diria o velho João Saldanha, cronista alvinegro envelhecido em barris de carvalho, sosseguem diante da musculatura e caixa torácica adversárias. O que é do homem dos tristes trópicos o gringo estrutural não come.

E viva a imaginação matinal das nossas negas!

Chifre Futebol Clube 27-jun-2002

Livre do fantasma do chifre, desastre nacional por excelência, a seleção canarinho triunfa. Que o time alemão encarne os sofrimentos amorosos do jovem Werther e sucumba neste domingo diante da testosterona mestiça.

Por Xico Sá

Copa do Mundo e estabilidade amorosa têm mais a ver do que imaginam a crônica de costumes e demais fofocaiadas de rotina, caríssima Francesca, jovem sopradora deste mote.

O fantasma do chifre destrói qualquer ambiente.

No futebol, então, cenário infinitamente mais machista e testosteronizado, é um desastre, o medo do avanço ou do goleiro diante da frente adornada. Gol contra nos descontos, morte súbita da suposta macheza.

A grande vítima de tal desastre foi o Ronaldinho versão França 98, cuja gazela pisava nos astros distraída enquanto o moço de muitos milhões da Nike tentava, em vão, acertar os barbantes inimigos. O flerte da nega com certo d. Juan global amofinou o rapaz, que perdeu a graças com o ludopédio, escanteados corações.

Agora o danado se supera. Mesmo sem as canetas em ordem física, desfila em campo, apolíneo, sem o peso sobre a testa, na qual diagrama uma meia-careca moicana desconcertante. Pode até não levar o caneco, mas joga com indisfarçável alegria de peladeiro feliz.

O chifre sempre foi um dos fundamentos do futebol. Tão importante quanto o treino de dois toques. São tantas concentrações, viagens, calendário puxado, que exigem do boleiro muito equilíbrio, pés no chão. Não pode nem começar em pensar em tal tragédia. Começou, sabe como é, foge da toca, e faz besteira ao lavar o inevitável e sangrento flagrante.

Sábio era o velho Didi, na Suécia 58. Mandou buscar a sua bela Alzira em casa. Só jogava com a nega de lado. A então CBD (hoje CBF) teve de se curvar diante da exigência. E aí, seu garçom, qual foi o resultado do futebol? Caneco inaugural pro escrete de ouro.

País cujas tragédias populares estão marcadas pelo chifre, o Brasil não poderia escapar à maldição na hora de trocar os cérebros pelos pés (segundo Millôr, essa é uma troca definitiva). Sem vorta.

No capítulo dos cérebros, o desastre não foi menos vexaminoso, vide lista de vítimas de chifres históricos: Antônio Conselheiro correu de Quixeramobim, Ceará, depois de um corno bem-botado, vagou sertões até o arraial baiano; o narrador-mor de tal fato, Euclides da Cunha, mesma lida, toitiço enfeitado por galhos outros; o impeachment de Fernando Collor também passou pela “gaia-ciência”, com um Pedro, à semelhança do xará primeiro do Império, engabelado ou supostamente corneado, sabe-se lá.

Lindo, pois, que os nossos heróis da Copa estejam com frentes em ordem. Eis a razão do triunfo.

Para completar, o outro R do esquema da seleção mestiça, sábio pernambucano que é, nunca deixou a defesa a descoberto. Sempre fiel à velha companheira que trouxe dos tempos de vacas magras do Brasil, não se arriscou à vagabundagem de namorar marias chuteiras e/ou loiras em geral. Rivaldo, que tem passadas que

lembram a esqueletice da minha, tua, nossa Gisele Bündchen, sabe das coisas. Embora a sabedoria nordestina diga que chifre é coisa pra homem, boi usa de enxerido...

Que a fronte de nossos atletas lhes sejam leves neste domingo. E que os alemães sofram qual um time de 11 Werthers em campo. Como dizia o próprio jovem trágico, “meu bom amigo, o que é o coração do homem!”

Educação sentimental 07-ago-2002

Donde animal são as cabrinhas, tão ternas e dóceis ao pé da cerca do latifúndio; donde vegetal são as bananeiras, mulheres possíveis, verdes e cabeludas, visgo da vida; donde mineral é a enfiada na própria terra, massapê molhadinho...

Por Xico Sá

Homem que é homem deve praticar o sexo nos três reinos: animal, vegetal e mineral.

Donde animal são as cabras, vacas, burras, barranqueiros corações. Meus primos mais radicais do Sítio das Cobras, Santana do Cariri, preferiam as porcas, porque mais arrochadinhas, porque na lama do chiqueiro os homem enterram a moral de vez. Eu, menino besta e lesado, amava as cabras, tão ternas que nem pareciam quadrúpedes, mansinhas ao pé da cerca.

Donde vegetal são as igualmente dóceis bananeiras. Os danados furamos pequenos sulcos e emburacamos, fome de viver, abraços sentidos no caule, folhas como cabeleira frondosa de gazela possível. Os cactos, falo das palmas que servem de comida para o gado durante a estiagem, meu Deus do céu!, são demais. É o que mais próximo a natureza conseguiu chegar perto do visgo da mulher propriamente dita! Os pequenos espinhos das palmas ainda têm a serventi sr

Papai & mamãe e o soninho dos justos 05-set-2002

O medo do cabra diante das novidades. Vejo, na capa da “Nova” que inventaram uma outra posição sexual. Inventaram ou redescobriram, sei lá, a partir de algum pergaminho perdido dos originais do Kama Sutra. Pouco importa.

Por Xico Sá

Vejo, na capa da “Nova” que inventaram uma outra posição sexual. Inventaram ou redescobriram, sei lá, a partir de algum pergaminho perdido dos originais do Kama Sutra. Pouco importa.

Como morro de medo de cruzar uma dessas vorazes leitoras de tal almanaque, que a cada edição descobrem revolucionários truques para enlouquecer a bofelândia, mal vi a capa. Zarpei. Já pensou que violência urbana: ser sequestrado (e não apenas um sequestro-relâmpago?) por uma insaciável e preparada leitora de “Nova”?!

Cacildes!, refliti, com o auxílio de Everaldo, o porteiro que lê até Shakespeare (consolação, centro de sp, crede!). Sertanejos e religiosos, abismamo-nos: “Se tudo nunca tivesse passado do papai-mamãe já me dava por satisfeito”. “E a tradicional `de ladinho` também é necessária, cesta básica do amor”.

Paramos para ver um gol do São Paulo, time dele.

De quatro, tudo bem, e fiquemos por aí. O mais é extravagância. Cãimbra, reumatismo nas juntas, coluna fora do lugar. Circo é sacanagem!

A vida só é bela devagar e com beijo, como estivéssemos sempre aprendendo a andar de bicicleta.

Nem mesmo o reconhecido 69 de que tratam os guias do gênero vale nada. Uma coisa tão aleijada e sem cabeça, ave!, cadê tu nega?, a sensação é que a mulher encantou-se. Nesse capítulo, primeiro um; depois o outro. Sexo é altruísmo, abnegatione, como diria um monge antigo no seu mais doce devotamento.

O mundo nunca acaba amanhã e as costas devem ser beijadas com beijos sempre minúsculos, uma chuvinha, uma chuvinha já na aurora.

Depois, o amor acaba, ou não acaba de tantas possibilidades, como diria o doutor chinês (faixa 7) do “funziona senza vapore”, antigo novo disco da despena dos Fellini, e como diria quase assim Paulo Mendes Campos –ou terá sido Otto Lara Resende, minha pobre Ypióca, minha noiva de vidro, elegantemente vestida de palhinha nessa madrugada?

Depois talvez venha aquele soninho leso que justifica o sexo. Justifica, vírgula, é o único sinal de justeza do mundo.

Maldita ortodontia 23-set-2002

Vocês lembram como eram especiais os beijos das dentucinhas? E os dengos orais das dentucinhas? Triste correção. Isso é o que chamávamos antigamente de um crime vulgar.

Por Xico Sá

Denúncia: estão acabando com as dentuncinhas. Essa moda de tudo quanto é arame e aparelho nos dentes não passa mais nunca. E agora não é mais artigo de luxo para crianças e adolescentes de classe média. Empestou de vez o país.

Tem criatura que mal possui dentes e já pendura lá os ferrinhos. E sai todo mundo falando mole, “baba, baby, falofa”, cuspiando no próximo, como bem anotou outro dia o poderoso 02 neurônio - sítio de costumes de estreitadas relações com este Carapuceiro.

Propaganda eleitoral gratuita urgente: estão acabando com o charme das dentucinhas. Toda sala de aula tinha sua dentucinha, toda repartição, toda rua, todo clube, todo cabaré, toda casa de tolerância que se prezasse...

Esses milagres da ortodontia limaram uma espécie mais do que graciosa. Exceto a reposição hormonal, ventilador em cápsula capaz de atenuar a quentura senegalesa da menopausa, esses avanços da modernidade não caem bem para as moças.

Já já eliminam de vez o charme das estrias, e todas as mulheres ficam iguais, bundas iguais, peitos do mesmo tamanho, lábios de branquinhas com recheios artificiais para imitar a lindeza da mestiçagem...

Falar em estria -agora que já aprendi a diferenciá-la de celulite-, como se constitui num tesão, numa fissura à parte, aquelas listrinhas. Talvez eu tenha herdado esse gosto da pornochanchada nacional, do tempo em que as mulheres gostosas eram demasiadamente humanas e fartas. Como Sônia Braga a ser encoxada no loteação, a ceder gostoso no capinzal dos arrabaldes.

Mas o que está em jogo agora, companheiros, é o fim das dentucinhas. Uma lástima, uma tragédia da anatomia braçuca. Vocês lembram como eram especiais os beijos das dentucinhas? E os dengos orais das dentucinhas? Triste correção. Isso é o que chamávamos antigamente de um crime vulgar.

Pelo telefone 07-nov-2002

Nos tempos da ansiedade sem telefone, sem email, uma carta outra, talvez... Boto minha mãe, sertaneja criada sem o mundo de Grahmbel, no meio do fórum sobre o telefonema do dia seguinte.

Por Xico Sá

Quando começou a febre de celular - coisinha que agora virou brinco de brasileiro por tudo quanto é canto, mas pagar a conta que é cara, que nada!- minha mãe Maria do Socorro dizia, lá em Juazeiro:

“Agora já vi que a frescura tomou conta do mundo mesmo, ninguém vive mais sem essa praga. Mas menino, eu namorei, casei, criei seis meninos sem telefone nenhum...”

Aí introduzi a velha pernambucana de Floresta, polígono da maconha, numa prosódia beat contemporânea, algo assim meio almanaque “02 neurônio”.

Eu que havia sido criado sem telefone algum – e era o próprio moleque de recado do interior - provoqueei a bela, linda, morena, genial genitora, sobre a necessidade da ligação do day after:

“Mas como o velho comunicou à senhora que estava a fim, de verdade, no dia seguinte?”

“Que dia seguinte, menino! Naquele tempo a vida era compassada”.

“Compassada?”

“Era o tempo do nada como um dia atrás do outro, meu filho”.

“E a senhora não ficava ansiosa, querendo que o velho Francisco Nildemar aparecesse logo?”

“Coitado dele se se enxerisse antes do tempo. O velho Manuel Novaes, teu avô, era brabo que só o cão, comia o figo dele”.

O galego teve que esperar dias, noites, mandar recados, assuntar o clima na casa do possível sogro, pagar uma cachaça para o velho na feira do Crato, deixar a maçaranduba do tempo de molho...

Tudo quase russo. A espera de uma carta já era sinal da ansiedade total, o alt-F5 do outlook do horizonte possível. O amarelo do carteiro na vista.

“O maior sinal que ele deu foi passar de bicicleta aqui na frente de casa, dias depois da gente se conhecer... Passou e olhou, de longe, bem longe, vi só a poeira da vereda”, soltou-se dona Socorro no seu proustianismo amoroso possível.

O flerte era de dois irmãos com duas irmãs: meu pai e o irmão dele (Francisco Naidson), minha mãe e a irmã Francisca Novais. O duplo casal de sangue se formaria tempos depois.

Tudo sem telefone, sem dia seguinte, com a ansiedade em outro compasso. Tudo na base do “quando vim-vim cantou corri pra ver você”, como no nobre baião gonzaguiano.

Quando meu pai deu o primeiro telefonema passava dos 50. E nem foi para mulher.

Eram tantos cavalos 07-nov-2002

Donde uns cachaceiros tentam provar que a lambeção de selos, aquela resinha dos Correios, viciou muitos no hábito de lambeções outras, leia mais adiante o arrazoadado.

Por Xico Sá

Recordávamos, eu profundo e o velho e bom escriba de Amparo(SP) Marçal Aquino. Aqueles tempos de troca-troca de correspondência entre românticos poetas mimeografados. Num sei quantas horas a lamber selos nos Correios. Aí um de nós, vai saber, pontificou:

"Rapaz, por isso que a gente gosta de lamber buceta!"

"Menino! Pois é, por isso mesmo. A geração do email não pegou essa mania, lamber o quê?"

O monstruoso editor e homem dos sete instrumentos Joca Terron concordou ou não concordou. Pediu mais uma. Nossas lindas mulheres assentiram, será?

"Era um quilo de carta por dia", arrombou o moço do interior paulista.

"Até fazer calo na língua!", entortou outra criatura.

"Lambeção da moléstia!", disse o garçom de Iguatu, Ceará.

"Das brabas!", bodejou outrem.

Nos-sa, nos-sa, lín-gua portuguesa. Salve a língua errada do povo, viva a oratória do cafuné, a fala molinha qual massapê.

"Meus deus, Eram tantos cavalos!", babei a espuma flutuante da cerva.

"Endoidaste o cabeçote!?"

Era só para lembrar que o mineiro mais Pinchon desse mundo também me mandava umas cartas com líricas mineiras seladas em línguas de sogras

E fomos. Panchos engordados pelo pasto bom de São Paulo. Que fazer?

Comentamos tanto e mais o que sabíamos e não sabíamos sobre a prosa intimista de Rufato, o mineiro em voga e fórum.

Chopp claro e escuro, caldinho de feijão preto. Pimenta da quase boa. Luciana Araújo foi simhora. Também falávamos tanta besteira sobre a nouvelle vague. Hilton Lacerda, esse menino!, não chegava, o danado devia tá fudeno, em sintonia com nosso lindo gerúndio sem "d". Eu acho é pouco.

Coração materno 01-dezembro-2002

Assim falou dona Maria Amélia, mãe de classe média: “Só filho de pobre segue devoto à mãe”. O Carapuceiro agarra o mote e bota a sua também no meio.

Por Xico Sá

“Você tinha dito, mamãe, que devíamos rir juntos como crianças. Você não pôs um vestido para rir? Quero rir com você para adorá-la”. (Georges Bataille, in “Minha Mãe”)

Só filho de pobre segue para sempre devoto à mãe. De classe média para cima, os carinhos e mimos rareiam. Assim falou dona Maria Amélia, que pôs no mundo Antonina, diletta amiga.

Não vê o Lula (sua excelência, o presidente eleito) só fala na mãe (dona Lindu, viúva da seca que botou os sete meninos no pau-de-arara e arrastou para São Paulo, contra vento e maré)!

Para os suburbanos corações, um desgosto para a mãe é tudo que se que evitar, até mesmo quando o abismo social suga para o crime e castigo, despenhadeiro do cão. “O que a velha vai achar disso que’u fiz”! – é a moral da guerra.

Agora é Mano Brown quem manda. Racionais no último: “Dinheiro é bom, quero sim/ se esta é a pergunta./ Mas dona Ana fez de mim um homem/ não uma puta”.

Arrisco mais um palpite-psiqué, ainda na brisa da prosa de dona Maria Amélia. Quando filha, o embate é mais complicado ainda, questão de classe.

Sou do tempo em que transgressão boa se fazia apenas do batente de casa para fora. Na volta, a mesma coisa, o pé-duro (vira-lata em bom sertanês) me sorria latindo e a cama quentinha toda oferecida para sonhar besteiras. Minha mãe ainda fazia uma última ronda, candeieiro na mão, para matar alguma muriçoca (pernilongo) que se metesse a bulir com as nossas lindas faces.

E o desalmado daquele personagem de Albert Camus, tomado por lunduns e patins da gente francesa, que mal sabia, logo nas primeiras linhas d’O Estrangeiro, se a mãe tinha morrido ontem ou anteontem!

Não imaginem, senhoritas, que radicalizarei. Não. O pára-choque do “amor só de mãe” exagerou no dizer. Meu caminhãozinho carrega outras filosofias e arria os todos os pneus e eixos – pedágio de uma arritmia - por uma Tereza da praia.

Voltemos com dona Maria Amélia – psiu!, Antonina Lemos! -, que mais sabe dessa vida. “Jogador de futebol quando ganha um bom dinheiro o que é faz, na bucha? Dá logo uma casa para a mãe”. Pagodeiro de bom coração, arruma logo uma deusa-loreal, mas no segundo tempo, faz a mesma trilha materna. Classe média acha que a mãe tem tudo e economiza até nos gestos.

Bença, mãe.

Já repararam que nem a bença ninguém dá mais?

Acho que os abaixo de 30 sequer sabem que ato venha ser isso.

O denunciismo amoroso 06-jan-2003

Ah uma carta anônima! Era a expressão mais comum do mundo quando alguém via um malfeito amoroso, como uma suposta traição, por exemplo, e não se aguentava em si. Hoje tudo ficou bem mais fácil: ah um hotmail anônimo!

Por Xico Sá

“Ah uma carta anônima!”

Era a expressão mais comum do mundo quando alguém via um malfeito amoroso, como uma suposta traição, por exemplo, e não se aguentava em si. “Ah uma carta anônima!”. E algumas criaturas de sangue quente se metiam mesmo a missivistas. Como se combatessem todas as injustiças do mundo.

Selavam o estrago. As próprias amantes tinham lá essa mania, recurso do método para botar fogo nos lares. Lambiam o envelope, saliva da vingança, com requinte. “Estou te avisando porque sou tua amiga...” Assim postavam as maltraçadas.

Meu amigo Gersolino se divertia nas festas mais, como se diz, liberais, permissivas: “Ah uma carta anônima!”, babava.

Sem carecer nem mesmo gastar a saliva nos selos, os tempos modernos nos trouxeram a explosão da carta anônima de volta. “Ah um hotmail anônimo!”. Você vai lá, fácil que nem empurrar bêbado ladeira abaixo, e cria o endereço da maldade.

A carta tinha mais credibilidade e carga dramática – do ato de rasgar aquele envelope misterioso ao “decifra-me ou te devoro” da caligrafia -, mas o estrago de um email bem fundamentado pode ser equivalente. Nitroglicerina pura.

Oh, mr. Postman, a denúncia amorosa, verdadeira (ou falsa), nunca esteve tão à mão. Como se diz na lama recifense, “se liga, doido(a)!”.

Breve lista para possíveis desentendidos 05-mar-2003

Num gesto de autopropaganda explícita, à guisa de decifrar sua brochura, editor destas carapuças solta lista sobre crônica de costumes lançada recentemente.

Por Xico Sá

O que são “Modos de Macho & Modinhas de Fêmea”, como no título da brochura deste amador que vos sopra a nuca?

A partir das crônicas do livro, que relatam a trajetória de um cabra da iniciação com uma cabrita (ou terá sido uma bananeira?) até os dois dedos de prosa do exame da próstata

Garantir-se com Viagra
Conseguir dar conta de quatro mulheres ao mesmo tempo (caso de bin Laden)
Ter preguiça de fazer massagem na costela que divide consigo o mesmo teto
Comer buchada de bode
Comer churrasquinho de gato
Comer testículo de galo
Matar muriçoca na parede
Preferir as balzaquianas
Relaxar com as prozaquianas
Virar mulherzinha na ansiedade de novo e-mail
Perseguir ela no trânsito, como Frank Sinatra com Ava Gardner
Ter medo do exame (o toque) de próstata

São modinhas de fêmea, ora:

Esperar o príncipe encantado
Mandar às favas o babaca do príncipe encantado e se virar com o que tiver à mão
Fazer fio terra no fiofô de quem ama
Dramatizar uma dor de cabeça como uma atriz treinada no Actor's Studios
Masturbar-

Serviço completo:

Livro: Modos de Macho & Modinhas de Fêmea (ed. Record) R\$ 23,20 em promoção na Fnac/SP para comprar pelo www.fnac.com.br

Lançamento no Rio: dia 17 de março, 19h, na livraria/sebo Dantes, rua Dias Ferreira 45 b, Leblon

Lançamento no Recife: dia 20 de março, no Pátio de São Pedro (bar de Rogê), de 19h até a aurora recolher os cachaceiros.

De catuaba pra cima é covardia 09-maio-2003

Depois do Viagra, do Levitra, vem agora o Cialis que promete 36 horas no ataque, sururu na área, na boca do gol, a tática do abafa geral. Que coisa mais sem graça. Pelo direito de broxar em paz.

Por Xico Sá

Declaração universal dos homens que são homens: pelo direito sagrado à broxada.

É, estamos ao ponto de perder a nossa mais sensível e delicada condição, uma das raras, a nossa mais linda falência. A cada dia é uma química nova na praça. Pelo direito das moças realizarem exame antidoping para saber o que é vigor artificial e paixão de fato. Contra a fraude amorosa!

Depois do Viagra, do Levitra, vem agora o Cialis que promete 36 horas no ataque, sururu na área, na boca do gol, a tática do abafa geral. Um dia e meio em riste. Um final de semana de confusão. Quem agüenta? Ainda mais com aquela nossa força mecânica sem delicadeza alguma, achando que sexo é coisa para marinheiro!

Pelo medo do artilheiro diante do pênalti, pelo sagrado direito à broxada, ao desacerto tão comum nas primeiras vezes com uma mulher. Pelo suspense erótico, e até mesmo por aquela coisa hippie definida simplesmente como “questão de pele”, “química”, “sintonia”. Clamamos: queremos de volta a nossa falência demasiadamente humana.

De ovo de codorna, de catuaba para cima, exame antidoping. Até ostra de Itapissuma já é covardia. O uso dessas pílulas, então, é uma espécie de dumping, para usar a terminologia de mercado – quando um concorrente cria uma vantagem desleal. Como a gazela ou a afilhada de Balzac vão saber se aquela devoção toda é motivada por elas mesmas ou pelas famosas pílulas?

Eis um novo item na lista de inseguranças femininas.

E um reforço e tanto no reclamado machismo de todos os cabróns. Ora, a possibilidade da broxada nos torna mais humanos, mais sensíveis, atentos... Sem isso, imaginem a arrogância fálica, o poder macho, a plenitude da velha expressão “bater o pau na mesa”! –que nunca esteve tão literal como nos tempos que correm.

Homem que é homem defende e preza pela humildade franciscana da broxada.

Xico Sá é autor de "Modos de macho & modinhas de

Um Marido Feliz 06-jun-2003

Nosso querido colunista Macho continua aos arredores do mundo. Miss Soledad escolhe um poema do seu "manual de cabeceira do homem" enquanto esperamos sua volta.

Por Miss Soledad

Invejo-te, Agorakrites, o teres uma mulher tão zelosa. E ela que cuida do estábulo e de manha, em vez de se entregar ao amor, da de beber ao gado.

E tu estas por isso satisfeito. – “Quantas outras, dizes tu, que não pensam senão nas volúpias baixas, passam a noite em claro, dormem de dia e ainda por cima pedem ao adultério uma sociedade criminosa!”

Sim, tua mulher trabalha no estábulo. Diz-se mesmo que tem ternuras mil para o mais novo dos teus burros. Ah! Sim, e um belo animal. Tem uma mancha negra sobre os olhos.

Diz-se mais que ela se diverte entre as suas patas, debaixo do ventre cinzento e macio. Se o teu burro lhe agrada, Agorakrites, e sem duvida, porque o olhar dele lhe lembra o teu...

Os Amores de Bilitis, tirado do: *livro de cabeceira do homem*.

Virgens e bulidas 17-set-2003

Nosso editor visita Guaribas, Piauí, e relembra o que dizia Josué de Castro: fome e sexo são instintos irmãos

Por Xico Sá

- É, meu filho, aqui pode ser atrasado, mas garanto que um cabacinho você só encontra por essas bandas. Pode andar essa região toda, onde tem progresso e coisa moderna não tem mais uma virgem, nem pra remédio – saltou de lá seu Rocha, um bocado de janeiro sobre o espinhaço, depois de tomar uma bicada em uma bodega, boquinha da noite, Guaribas, Piauí, lá onde o vento faz a curva pra chegar no fim de tudo, como diz a mesma criatura.

O velho, chapéu de massa, preto, oculões fundo-de-garrafa, ouvia a nossa conversa com moradores da cidade, laboratório do programa Fome Zero, onde cheguei, depois de uma peleja contra um deserto de caatinga e areia. Ouvia que eu, bestamente, utilizava esquisitos conceitos sobre avanços da civilização na abordagem aos guaribenses. A cidade acabara de conhecer novidades como água tratada, banho de chuveiro, vaso sanitário e o primeiro salão de beleza – com direito a chapinha japonesa para as morenas de pele macia.

- Pode andar que você não encontra mais uma virgem nas redondezas. A novela esculhambou com tudo, mas aqui em Guaribas ainda tem ordem. O cabra não pode bulir com moça assim na moleza não. Até pra amolegar os peitinhos demora coisa de mês, mês e meio – o velho entorna mais uma.

- Aquela ali, repare, é bulida. Mas foi bulida fora, pras bandas de São Raimundo Nonato, cidade grande, safadeza sem regulamento - diz.

São Raimundo é terra do primeiro homem da América, onde a brava arqueóloga Guidon escarafuncha tudo quando é caverna e pedra lascada. Em busca de mais ciência ainda.

- Aquela ali, não, moça toda! – prossegue. – Um pai brabo, come o figo do cabra que encostar naquelas carnes. A morena de cabelo escorrido passa faceira.

- É tudo é rapariga – sentencia um senhor mais adiantado na cachaça.

- Só se for na sua casa – rebate o velho do chapéu de massa.

O sururu está formado.

- Eu tô na brinca, homem de Deus, não é na vera não – recua o cachaceiro cordial.

- Bulida mesmo aqui eu conto nos dedos, e tudo, como em disse, bulida fora. Mas de Caracol pra frente é só raparigagem, fuleragem da grande.

- Pense num cabra cheio de razão – amacia mais ainda o cachaceiro. – E de chifre também – cochicha na minha oiça esquerda.

- Aquela ali também mostra os panos – julga seu Rocha.

“Mostrar os panos” é dizer antigo. Do tempo em que as moças, depois da primeira noite, exibiam, orgulhosas, o lençol manchado de sangue no varal na frente de casa. Para não deixar dúvida sobre a virgindade.

A noite chega por trás da Serra das Confusões, ali nos arredores. As mães despacham meninos para arrastar os pais da bodega. Os pais tentam engambelar os pirraias com pipoca doce e guaraná caçula. Algumas mães aparecem e levam os cabras pelo colarinho.

- Tem vergonha não, é, cachorro véi – diz uma.

“Amor de rapariga não vinga não”, o grande hit nordestino desse ano toca numa barraca adiante. É festa em Guaribas. Mais na frente, canoas de um pequeno parque de diversão. E toca “A resposta da rapariga”, que diz assim: “amor de rapariga é que é amor...”

As boyzinhas, cabelo cheirando a neutrox, passeiam com seus segredos e supostos cabacinhos.

De bicicleta 07-out-2003

“O pior é saber que todos os acidentes de percurso valem a pena”, sopra Zeroquatro em Inocência, faixa 01 do pirata mais novo. “Azarar sem violência...”

Por Xico Sá

Passo tranquilamente dos quarenta. Seis de outubro de 2003. Eu queria ser Lewis Carroll para poder desejá-las sob o alibi mais literário, sem medo dos tarados da Justiça que punem por não tê-las. Ganhar lindas bengalas de presente de todas as pequenas. E sair por aí com aquela velha camiseta cuja inscrição “mangue bitch” tinha Alice na cumeeira, ela batendo aqui, bem na altura da minha braguilha, um pouco acima das nuvens, um pouco abaixo do coração, mais ou menos na altura do mormaço e do assobio soul do final.

Fora uma ou outra dormência no pé direito, fora uma ou outra dormência na mão direita – da punheta matinal -, tudo certo. Dormências me trazem mãos alheias no formigamento fingidor. Tomo chá de castanha da índia, receituário do raizeiro da esquina, passou.

4.1. Turbinado, como diria Martinho, um sem-ressaca, remate de todos os males. “O pior é saber que todos os acidentes de percurso valem a pena”, sopra Zeroquatro em Inocência, faixa 01 do pirata mais novo. “Azarar sem violência...” Adeus aprendiz de d. Juan. Tenho um fígado quase inteiro pela frente. Isto é apenas mais uma despedida. Vou.

Cada vez mais ternura e cada vez mais violência. Eu quebro vidros, ação direta, lirismo e punk rock contra a tração 4 rodas da injustiça. Eu não respeito religião, mas procuro tratar bem as mulheres. Já tive de todas as cores, menos uma transgênica degradê, quedê?

Elas dançam lindamente na galeria Joana D’Arc. Nem parecem que têm pais em casa para vigiar e punir, ô velho Foucault.

Passo tranquilamente mas já sou incapaz de amaciar no peito, descer na coxa e mandar de primeira no ângulo imaginário do racha semi-árido, a bola-sol a incandescer a retina maconheira, o baba, a pelada final da praia a desandar na maré cheia onde o que menos interessa é o gol.

Passo dos quarenta, e sonho à Leônidas, sempre de bicicleta, fui, vôo.

Latinhas assassinas 07-jan-2004

“Morreu de quê?”, perguntariam os amigos. No que os entes queridos responderiam: “De bebida, meu caro.” Até que explicassem o inusitado do episódio...

Por Xico Sá

Eu lá arrumando a parte debaixo da geladeira, aquela na qual depositamos as coisas sem graça da vida – pepinos, legumes, verduras etc -, quando duas desavisadas latinhas de cerveja se deslocam do congelador rumo ao meu cocuruto. A primeira acertou em cheio, bem no redemoinho, ali na c’roa de padre, naquela parte da cabeça que equivale à área do goleiro – a maldição da falta de grama. A segunda latinha atingiu a napa, para tirar o fôlego, bem naquele ponto que os boxeadores extraem para seguir a carreira. Mão na cabeça e lá estava o corte seguido de um galo pós-natalino.

Senti-me na obrigação de bater o centro, mandei uma cachaça mineira para espalhar o sangue e estancar a dor. Nisso me passa o Menezes, roçando nas minhas pernas a cobiçar os acepipes da adega improvisada. Devorou com arte de desenho animado uma elegante e esbelta sardinha, fingiu alguma solidariedade ao reino humano depois de ganhar uma empada de camarão, e pôs-se outra vez na janela. O mundo todo cheirava a peixe. Agora com um sorriso de gato de Alice, o felino narra o ridículo da minha situação para uma gata vadia que estrebucha no telhado.

“Repare só nas mungangas do destino, aquele senhor ali bebeu a vida inteira, são mais de duas décadas de cach3 0 Tm(A) Tj 50 050 50 1266 0 Tm () Tj 50 0 0 50 1279 0 Tm (no)Tj :

Do outro lado do rio, entre as árvores 15-jan-2004

- Com essa isca aí, cabrón, não vais a lugar nenhum- advertiu, cigarro de palha na boca. –Pega um pedaço de mandi branco ou uma lasca de coração de boi...

Por Xico Sá

Uma peça, o cara. A barba já bem delineada e o domínio da arte de pescar surubins – varas de dois metros com meia flexibilidade, anzóis de 4 a 10/0 – não me deixavam dúvida. Tratava-se do velho Ernest Hemingway reencarnado na beira do São Francisco.

Fala curta, direta, mas sempre com um dado escondido.

- É, se morreu nestas circunstâncias, algo ele devia – apontou com os beiços para um desgraçado de uma agrovila, todo esburacado de bala, calibre de traficante.

Área de plantação de maconha. Mas ele não era de falar nada além disso.

A não ser sobre pesca. Chegara ali, numa ilhota perto de Petrolina e Juazeiro, havia um quarto de século. No mínimo. Quando aportou, cultivava farto bigode preto e cabelos penteados para trás, me contaram os moradores. A última parada havia sido um terreno no Janga, litoral norte de Pernambuco, ali nos arredores de Olinda. Alguns tubarões e mais de 84 horas de espera por um peixe grande, além das mortes banais de jovens, o enxotaram para a beira do velho Chico.

Hoje reclama da falta de dourados, pias, matrinchãs, mandis, piras, timburés, tucanarés, corvinas...

- Com essa isca aí, cabrón, não vais a lugar nenhum - advertiu, cigarro de palha na boca. – Pega um pedaço de mandi branco ou uma lasca de coração de boi...

Eu tentava em vão capturar uma piranha.

- Com essa tua vara, não chegarás a elas - gracejou, enfiando a mão direita, cujas unhas guardavam terra nas pontas e tinta de fumo por cima, barba adentro.

Fiquei sem graça, amarelo.

O que o velho Ernest não sabia era que pouco importava o resultado da pesca naquela manhã.

Eu tinha certeza que estava diante do escritor reencarnado.

- Quer um drinque? – ele perguntou, depois de um gole na boca da garrafa de Caribé.

- Melhor aceitar – soprou Zeca, amigo da área.

- Muito boa, só um rum cubano chega perto – eu disse.

A provocação com a sua vida passada, senti, não caiu bem. Um cardume de pirapetingas fez a curva no velho Chico. O barco mal-assombrou-se em águas plácidas. Por um segundo vi o velho Santiago curvado como vara de anzol tentando trazer aos seus pés um surubim gigante, como os das lendas locais. Um relâmpago e a cara do homem era uma carranca iluminada.

O joão-de-barro e o pedreiro 04-mar-2004

Não achava que o seu gênero fosse capaz de tanto. Mirou-se, porém, no exemplo dos amigos pássaros: “Se esses bichinhos-de-nada, que não pesam 21 gramas, são capazes, por que eu, um pecador com as dores do mundo nas costas, não sou também?”

Por Xico Sá

O joão-de-barro macho é um passaro que, de tanto ciúme, empareda, lá dentro daquela casinha de lama, a fêmea. Quando é traído –as aves não voam, elas só têm certezas_ ele sempre reboca a portinha da linda ornitocohab, de modo a deixar a desalmada joaninha morrer seca de fome, sede, tristeza.

Quando vai ser ano de muita chuva, a porta do ninho-niemeyer é feita virada para o poente; quando ano de escassez, para o nascente. Os joões-de-barro diferem de todos os outros pássaros por fazerem ninhos em formas de casas, com direito a cômodos e tudo.

Quando não é traído, o joão-de-barro canta muito. Dentro e fora de casa.

&

Era uma vez um caçador traído que esquecia as juritis em plena mira quando avistava uma casa de joão-de-barro. Ia logo conferir se mais uma Joana-de-barro havia sido emparedada.

Era uma identificação tamanha que conseguia falar horas com o pássaro macho. Proseavam sobre os motivos e as naturezas animais e humanas.

- Ela ainda pode estar viva... por que você não vai lá e tenta salvá-la? – apiedava-se o traído humano.

- Isso não existe no nosso reino – respondia o bem-resolvido animal.

A criatura humana, dedicava-se à caça nas horas vagas mas era pedreiro de profissão. Homem conhecedor dos segredos matutos, sabia da moral dos jões-que-voam havia fábulas. Um dia fez o mesmo que os amigos pássaros. Amassou areia, cal e o cimento... encomendou os melhores tijolos ao homem da caieira e trancou a sua amada para sempre, não ficou uma réstia sequer naquela taipa.

Não achava que o seu gênero fosse capaz de tanto. Mirou-se, porém, no exemplo dos amigos pássaros: “Se esses bichinhos-de-nada, que não pesam 21 gramas, são capazes, por que eu, um pecador com as dores do mundo nas costas, não sou também?”

- Construímos, de bico em bico de lama, viagens e mais viagens aos barreiros, aquele lar... – dizia o joão-de-barro ao pedreiro.

- Também fizemos a nossa casinha no maior sacrifício, ainda hoje devo na praça, nas bodegas, era o sonho dela – gorjeava o pedreiro.

- Mas a tua joana pelo menos tinha o benefício da inveja, entre os homens as casas são diferentes.

- É, ela adorava homens bem-de-vida...

- No nosso reino todo dia a gente vive tudo igual... Nem mesmo os mais enxeridos conseguem solos diferenciados.

- Então por que ela te traiu, se mal notava a diferença entre você e o outro?

- Talvez para dar continuidade `a nossa longa história de infâmia e maldição...

O pedreiro, simplório, meu Deus, não conseguia entender a pequena criatura.

- E tu, por que não perdoaste a tua joana, uma vez que o código de vossa natureza, liberalíssimo, a tudo permite? – falou o João-de-Barro.

- Ah, meu amigo, agi de cabeça quente, e depois de muita água que passarinho não bebe.

O João-de-Barro e o pedreiro, cada um no seu galho, recitam a moral dessa pequena fábula: “ENQUANTO UM REINO COPIA A MALDIÇÃO DE OUTRO, LA FONTAINE CELEBRA A VIDA COM O VELHO ESOPO”.

Germana, a marvada 05-04-2004

Cansada de humilhações nos lares, a cachaça vai à forra. Sem perder a elegância jamais, deixa a sua crítica da ressaca moral pura.

Por Xico Sá

- Ou ela ou eu – disse Germana, toda metida no seu vestidinho de palha, no seu Ronaldo Fraga de palha de bananeira.

O pobre do cachaceiro ficou passado, perplexo no seu zarolhismo a 45° de destilação.

Arrastá-lo dos bares era um serviço humanitário tão comum à patroa quanto lavar roupa suja ou discutir a relação.

Mas naquele dia tudo seria diferente. Deparou-se logo com a birra da empalhada, que reivindicava, no mínimo, mais gratidão do cachaceiro a quem tanto manguaçara.

- Ou ela ou eu - disse de novo, botando fogo pelas ventas.

Sem permitir a réplica feminina, incendiou mais ainda o ambiente, a Mercearia São Pedro, diga-se, ali no murundu da vila Madalena:

- Cansei de te derrubar em colo de vagabunda...

Embora muito educada, uma fofa, a patroa não suportou a humilhação:

- Você está acabando com a vida desse infeliz... Repare só o farrapo humano que virou.

- Ah, minha santa, a graça desse bofe sou eu, Bovary ces't moi. Dou-lhe verve, ânimo, o luxo da coragem, mato-lhe a timidez e os assombros...

- Desalmada, destruidora de lares, você acaba com o que sobra desse infeliz... acorda inseto, um traste, um imprestável, um bafo que impede até mesmo que se risque um fósforo para fazer o mingau das crianças.

Marquinhos abaixa o portão de ferro.

Germana adora aquele barulho. É música, diz, assanhada. Sabe que o bicho pega e cresce o amor incondicional dos homens por ela. “Viagem ao fim da noite”, batizou assim aquele conagraçamento entre os machos de boa vontade. Na sua elegância de palha, Germana detesta quando os homens pedem “mais uma”. Ela gosta de ser chamada pelo nome, com devoção, olhinho baixo e tudo.

E a peleja continuou:

- O que acaba com essa criatura é a tua rabugice, a tua carranca, já te viste no espelho quando acordas? Que cabelo é aquele, dona patroa?

- Pois saiba que esse desalmado acorda te maldizendo, numa ressaca miserável, sempre como aquele corvo, never more, never more, never more...

- Quando se recompõe volta aos meus caprichos... É um doente por mim, queres devoção maior?

- Eu sou a cura...

- Tu és mesmo um banho frio, sem alma, bálsamo chinfrim... És tão sólida na vida dele quanto um Sonrisal...

- És a ruína desse infeliz...

- Apenas não desejo que ele morra cheio de saúde... Já pensou que triste?

- Cínica.

- Gorda.

- Invejosa, enquanto dás a queda eu dou um colo macio e reconfortante...
- Se ele erra o prumo de casa é por conta da tua feiúra...
- Mas nunca errou o buraco da fechadura...

As duas se engalfinham. A mercearia vem abaixo. Marquinhos levanta o portão de ferro. O sol por testemunha de mais uma peleja entre a mulher e a cachaça. Ah, por isso que eu não quero que me falem essas danadas. Tão passionais, tão iguais.

O medo do punheteiro diante do gol 08-06-2004

Movediços corações. E Deus, você sabe, é chegado em uma sacanagem com os punheteiros. A tal mão divina, aquela mesma que empurra a bola, aos 49 do segundo tempo, contra o gol do nosso time do coração. Em sexo e futebol, nunca conte com o Barbudo.

Por Xico Sá

Bater uma punheta antes de um sonhado encontro. Dá um azar danado. Como se Deus castigasse pelo excesso de confiança.

E Deus, você sabe, é chegado em uma sacanagem com os punheteiros. A tal mão divina, aquela mesma que empurra a bola, aos 49 do segundo tempo, contra o gol do nosso time do coração. Em sexo e futebol, nunca conte com o Barbudo, Ele só joga contra.

Mas é difícil controlar a ansiedade quando a areia renderia umas dez viagens. Começamos a carregar aquele Saara sempre na véspera.

Uma merda. Ainda bem que a boa e verdadeira punheta não tem nada a ver com resultado. Você avista ali aquele naco de coxa ou de bunda e segue...

Segue viagem. Não pense antes. Não coma com a mão, não julgue aquela mulher como um banquete de 300, 350 talheres...

Sofra a sua dor, resignadamente, como na canção. Bata a punheta dos franciscanos, mas não acredite.

Feche os olhos e não diga o nome dela baixinho. Supersticiosos corações. Dá mesmo azar. A sociedade do espetáculo não acredita na punheta. Mesmo que a punheta anteceda esse circo. Ah, mas vai acreditar nesse povo?

Também melhor não gastar gala com esse pessoal.

Nunca bata uma punheta antes de um sonhado encontro.

Azar, velho.

Assim como dá azar andar com o bolso ou embornal cheio de camisinhas. Deus gosta de buceta mas não de concorrência autoconfiante. Deus é normal e tem cu fedido.

Metrô-o-quê, rapaz?! 21-06-2004

Para o azar deles, porém, o macho-jurubeba continua firme e rijo no poder. Na cabeça. Da Presidência da República à Liga de Dominó da Bomba do Hemetério, no Recife.

Por Xico Sá

E da costela de David Beckham, Deus fez o metrossexual.

Seria apenas mais um homem cordial que arrasta o seu mito no metrô? O tarado do último vagão do Tucuruvi/Jabaquara, como me garantiu o escriba Marçal?

"Nooooosssa", balbuciaria o velho Costinha, se vivo fosse.

Metrossexual é como os ingleses e novaiorquinos tratam os seus rapazes que torram mais dinheiro em potes de creminhos - aqui incluído o Hipoglós - do que em biritá. Aqueles dândis de araque que encostam a napa numa taça de vinho fino e suspiram para o(a) amado(a): "Sinta só o bouquet".

Uns fofos! Nooooosssa! Consumistas de um bom-gostismo perobístico de dar inveja no Cauby. Ah, usam cuecas Calvin Klein, sempre. Neles, tudo é fashion, hype, tendência, grife. Menos o vibrador, que pode ser qualquer genérico adquirido às pressas no ponto G da Amaral Gurgel. Sim, adoram salada de rúcula. Nooooosssssaaaaaa!

Esses rapazes sensíveis são uma brasa, mora?! Eles adoram um after-hours (que pronunciavam sempre de boca cheia) e não perdem nem a pau um chil-out com aquela eternamente insuportável batidinha de música lounge. Gostam de tudo que é moderno, papo-firmes. Até para cima de mulher ensaiam uma certa queda. Pura competição, inveja e algum corporativismo, afinal de contas com quem irão comentar sobre o novo delineador de sobancelhas? E a tendência do esmalte preto?

Cera negra ou adesivos-depiladores?

Os gays merecem todo nosso respeito, claro. Os travecos, operados ou não, idem ibidem. Esses metrossexuais não. Racumin neles, pau neles, como no refrão do delicado José Roberto de Godoy. Uns dissimulados. Vade retro, satanás. O que querem esses rapazes sensíveis? Desfaltar as nossas patroas, óbvio. Pouca vergonha. Onde estão as Senhoras de Santana que não vêem uma coisa dessas?

Para o azar deles, porém, o macho-jurubeba continua firme e rijo no poder. Na cabeça. Da Presidência da República à Liga de Dominó da Bomba do Hemetério, no Recife. Um toco pra chamar de seu, mesmo que seja eu. Até os supostos escândalos têm batismo de macho: Waldomiro - e aí, vai encarar?

Lounge é um lugar que não existe para os cabrões de verdade. Chill-out só se for no Love Story ou no Minha Deusa, na freguesia da Augusta. Do mundo fashion somente aquelas respeitáveis gurias do sul que não passam na ilusória peneira da Elite ou Ford Models e acabam no Café Photo.

Creminho? O único que o macho-jurubeba admite, e ainda nos primeiros momentos da adolescência, é a velha Minâncora de latinha. Que nem pode ser chamada de creme assim. Desodorante? Avanço, claro. Melhor ainda se deixar o cecê vingar, correr solto no ambiente, o que, via de regra, atrai o faro da fêmea. É assim desde que o velho Hemingway abateu a sua primeira lebre com tiro certo.

O macho-jurubeba também tem os seus gostos. Prefere, para irmos direto à zona do agrião, as matas à Claudia Ohana (lembra-se da floresta negra?) àqueles

gramadinhos baixos, desenhados como se fosse o campo do Serra Dourada em dia de jogo festivo.

Crise do mundo masculino? O macho-jurubeba nunca perdeu o seu tempo com esses diálogos impertinentes. Está sempre ocupado em mirar a espingarda na próxima lebre, ganhar o sustento da patroa e o leite dos jurubebinhas.

Domínio público 01-08-2004

Perdão foi feito pra gente pedir, mas lá na alcova, na dramaturgia caseira, sob aquele teto que chove amor e tédio.

Por Xico Sá

Bem acima da cabeça da morena de quem compro tapioca em SP, ali perto do Frei Caneca, uma faixa diz mais ou menos assim: “Fofo, desculpa, pisei na bola, você é o melhor homem do mundo. Te amo, PI”.

“Ai foi chifre e dos grandes”, comenta até o vira-lata que rói o esmalte rosa das unhas dos pés da tapioqueira.

Declarar amor em público, seja nas faixas, grafites ou mandando um helicóptero chover flores, sempre esteve na onda. Agora a moda é mesmo outra: revelar as mancadas amorosas, aquelas que poderiam acabar em sangrentos crimes passionais, para todo mundo ver. Bem na frente da casa da vítima. Como se o perdão em público valesse mais ou fosse demonstração de coragem sem medida.

Ora, trair ou não trair faz parte lá do código de bom-tom de cada casal, cada um cada dois, o jogo é jogado e o lambari é pescado. Da vida. Agora essas faixas-manchetes para denunciar o chifre não passam de pouca vergonha. Fuleiragem pura. Perdão foi feito pra gente pedir, mas lá na alcova, na dramaturgia caseira, sob aquele teto que chove amor e tédio, lá onde até as paredes confessam e as goteiras choram as dores do mundo.

Pelo menos na minha boquinha/ já já um sol danado 07-09-2004

Ela ligou e pediu a música preferida no sistema de som interno. Rebolou e disse e agora?, doido, vacilão?

Por Xico Sá

A bundinha mais gostosa que vi na minha frente, uma das mais, vai. Não pela idade, 1/2 Balzac. Cheinha, como gosto. Mestiça, jambo-girl, a mais linda da cidade, velho Charles, caeté, como os que devoraram o bispo Sardinha ali perto, mar de Coruripe. "Amor, paga um uísque com avoante", ela. Red Bull?, eu pergunto. "É, pra gente endoidecer um pouquinho", ela. Quem garante? "Eu", ela. Pagaste? Paguei. E se por acaso deer um

430 0 50 7095023834401410(0 50 :

Guerra & gozo 20-09-2004

No meio daqueles estilhaços todos, inclusive de mãos peludas e fundamentalistas, os moços, pobres moços iraquianos, não deixam de praticar o velho e bom vício solitário.

Por Xico Sá

Leio nos papiros on-line – antigamente o cronista diria “leio nas folhas”-, que o comércio da putaria, em vídeos, revistas, dvd’s, nunca esteve tão forte em Bagdá. Odeio concluir na terceira linha, mas num tem jeito: a punheta é mesmo uma arma quente, velho Paul & Lennon, e a felicidade é apenas uma bazuca mais ou menos...

No meio daqueles estilhaços todos, inclusive de mãos peludas e fundamentalistas, os moços, pobres moços iraquianos, não deixam de praticar o velho e bom vício solitário. Correm ao Mercado dos Ladrões, feirão do troca-troca e da clandestinidade da gloriosa Babilônia, e adquirem seus motivos para relaxantes depenadas no sabiá.

Nada mais justo.

Nem sempre temos enredos que justifiquem o samba. Ainda mais na guerra. Melhor apostar direto na imagem, mesmo sabendo que a mercadoria pornô esmorece e atrofia a imaginação – nos transforma em punheteiros preguiçosos, de quase uma nota só, dim-dom, dim-dom, piloto automático de um jorro paredex.

Nada substitui a punheta, assim como a TV nunca matou o rádio e muito menos o cinema.

Ainda mais uma punheta fundamentalista, momento sagrado no intervalo da guerra. Pense na concentração de um cabra desses! Não há avião sobre a cabeça que impeça um gozo decente.

Via-crucis do corpo é isso aqui, dona Clarice 27-novembro-2004

Sair de um amor é deixar de brincar de rolimã.

Por Xico Sá

Só há um tipo de amor que vale a pena: o amor-rolimã, ou amorolimã, amorrolimã, decidam aí a grafia enquanto eu me despradonizo todo na tentativa da boutade perfeita. O amor que deixa os joelhos e os cotovelos à mercê de merthiolate e dor. Calçada de cimento tosco, calçada em areia grossa, calçada em concreto ou em pedrinhas de brilhante para quando o meu amor passar.

Sair de um amor é deixar de brincar de rolimã. Pena que agora não dê mais pra pedir penico às nossas mães – embora o buraco-mor d’alma ainda venha delas. Mas a dor agora também é so nossa, só dividimos com o Édipo ao longe, platônico, meu Deus, perdido na poeira dos gregos e caetés.

O amor rolimã é todo escoriações, sanguinho novo e vivo a escorrer, sangue que desce pela perna, joelho, batata, pé, e lá embaixo escreve o nome da desalmada em garrafais. O amor rolimã é sempre ladeira abaixo, rolamento oleado, viagem vertical, japão da dor.

Desvios nas calçadas, nonada, asfalto quente, cair de boca, beijar como o papa o chão dos estrangeiros d’alma. Perder os dentes ali mesmo, numa manobra orgulhosa, narciso precoce de todas as quedas. Mercúrio cromo, dor mais vermelha, será física ou será daquelas?

Dói aqui, ó, pontada no estômago, como um boxeur que adivinha o golpe, que prescreve a corda e a coreografia do nocaute. Amor de rolimã é que é amor, amor-rolimã dói demais.

Calçada ladeira abaixo, cair de boca, cair de peito, rasgar as vestes e a capa mentirosa do que tiver mais próximo. Faísca nas rodinhas, como golpe de samurai, os rolamentos na pista, o incêndio das horas, a descida mais assassina, sai do meio, lá vai, lá vamos, lá vai, fodeu, até quando?

Nada além... 19-dezembro-2004

Eu passo a mão na sua bundinha, scratch de um dj vinil sonâmbulo todas as vezes possível

Por Xico Sá

“Amar, além de muitas outras coisas, quer dizer deleitar-se na contemplação e na observação da pessoa amada”, sopra o velho Moravia que dormia na prateleira à altura do meu peito na Dantes tempos destes, altura da saída. Ela dorme. O que ficou para trás leia-se epígrafe. Mãozinha no ar, como se apanhasse pássaros, que coisa mais linda. Uns 23 minutos assim, mirei no rádio-relógio. A mão desce ao colchão, quase dormente, formigamentos. Coça o nariz, não de Gogol, esse russo que sempre penso quando ouço, escrevo ou corizo. Bota a mãozinha entre as coxas. Agora vira de lado, como os antigos LPs quando gastavam as seis músicas do A. E me abraça como nunca tivesse partido, corpos viciados, almas não? Amar, além de muitas outras coisas, é uma droga pesada, crack dos lençóis das dores paraíbas ou três mil fios, quizes, quizes, quizes.

Amar, no início era o verbo intransitivo da alemã professora de amor de Mario. O idílio tem sobrevida, não como gênero, mas como vício, ê, corpos que se chamam sem DDD nem DDI.

A mão desce agora sobre o meu peito, como se medisse meus batimentos.

A mão direita volta para a arte de apanhar pássaros, que diabo!

Eu durmo do lado esquerdo da cama. Siempre. O do coração, agora é que pensei nisso, donde, na minha casa, repousa uma luminária de Nossa Sra. Aparecida comprada no meio da estrada, nega linda.

Às vezes acordo beijando a padroeira, de tão apertado pela nega e pela vida.

Mãozinha no ar catando pássaros.

Aí uma calmaria danada, de horas, sem coreografias ou narrativas. Sonha, sonha, sonha, minha menina.

Eu passo a mão na sua bundinha, scratch de um dj vinil sonâmbulo todas as vezes possível. A noite toda, tchun, stchun, as preparadas, o baile todo, tum, stchum, só as carências, tum, schum, o amor que ex-porra, tchum, stchum, as babilônicas, tum, stchum, as garantidas, tum, stchum, os trocadilhos, a vida breve, tchuum, stchum, a vida loka...

“Imagino que minha mulher tenha feito aquele trejeito e aquela distorção de corpo muitas vezes...” Dinovomoravia.

Como é lindo a vigília ao sono dela.

Coça o nariz. Nunca ensaia um ronco, sussurra umas onomatopeiazinhas lindas de sonhos de besouros.

Bebo mais um gole do chá da caatinga que sempre guardo à cabeceira –deixei o sertão mas não deixo o mato. Mulungus/miss lexotans.

Ela arruma os cabelos como algas, entorpeço num mergulho.

Sofro?

Sei lá. Vivo tanto.

Glândulas amorosas 14-janeiro-2005

“A mulher amada/ quando mija/ é so refresquinho/ de graviola” Marcelo Mário de Melo, poeta caruaruense.

Por Xico Sá

Tudo é lindo na mulher amada, melhor ainda os cheiros fortes, fedores e sujeirinhas da mulher amada, o suorzinho das axilas da mulher amada, quase uma bucatinha a mais as axilas da mulher amada, meu deus, lá está a danada, sob o solzão veranico se derrete a mulher amada, gosto de apreciar a merdinha bem esculpida da mulher amada, tão minha e tão íntima, o suorzinho de todas as juntas e dobradiças, ali debaixo do joelho, eu quero, e quando a perna dobra, o salzinho sobre ozolhos quando a gente beija, o pescocinho suado, lindamente grudento, por favor, amigos do comércio, não vendam desodorantes à mulher amada, não vendam condicionados, não refresquem a costela amada, tudo é perfume francês na mulher amada, o mijo é licorzinho dos deuses, sob o céu que nos protege, golden shower que traz bonança, sustança, chega meu rosto sertões-vereda refloresce, os pássaros cantam na caixa torácica, derrama, derrama, derrama, amor da porra a descer pela perna esquerda, da mulher amada, lambuzamentos que encobrem as feridas doutroa, tudo lindo a escorrer, tsunami da porra, farejo todos os cheiros da danada, o olho do cuzinho, velho bataille, é lirismo só, rapaz, exala o sentido da vida e mais um pouco, resume o mundo, guarda os segredos dela inteira, mulher é metonímia, cada partezinha uma giganta, ali, sim, no cuzinho, again, está o silêncio mais lindo da mulher amada, donde tudo é lindo, tudo é sorte, tudo delírio, o cuzinho em flor da mulher amada, coxas, o pezinho sujo nas havaianas, poeira das ruas, marcas, cerimônia do lava-pés da mulher amada, lambendo os dedinhos, descoberta dos segredos dos seus passos, direito de ir e vir entre seus rins, como na canção, assim assim como na vida, agora o cheiro da foda por toda a casa, a atrair os pássaros lá de fora, que encontram os pássaros da caixa torácica, que, como a capa da música do Rei, assistem a tudo e não dizem nada, tudo é lindo e belamente dramático na foda, mecânica da carne que se enrosca, o pau come até a alma, paudurescência ad infinitum, o amor é mesmo o viagra do espírito.

No vagão do teletransporte 14-fevereiro-2005

Mas agora não tem mais jeito, velho Truffaut, faz tempo que saiu o último metrô.

Por Xico Sá

Na madrugada o msn é o último metrô do desejo dele/dela, teletransporte, o Penha/Lapa da fissura possível, ela ainda disse assim “estive hoje tão perto da tua casa”, mas agora não tem mais jeito, velho Truffaut, fechô. No máximo a voz, primeiras sílabas, e o disco de Nick Cave com vinho barato sob nuvens do chumbo paulista, como pesa o céu aqui até para Deus, meu deus.

Ela vai acordar cedo demais e ensinar inglês para vocês, go back, você precisa saber de mim, e saber que não se faz um último tango com margarina, no mínimo uma latinha de manteiga aviação, algo nobre, mermão, último tango não é fácil, eu mermo prefiro mantcheeega de garrafa como lá na subida para Chã Grande, São José do Egito, Toritama, de Toyota, Caruaru, Pesqueira, mi casa tu casa...

Amores difíceis, ela contou, rapidamente, no último vagão platônico, ao ouvido, e um sofredor intruso, coitado, a vida é mesmo assim, não chore não, próxima estação: Esperanza, amores-lambança, entre-e-sai de gente, mundo-buceta, mundo-cu sem K&Y, si, “estive ai na Augusta”, fazendo o quê, minha filha, eu que mal pergunto, ou simplesmente por falta de assunto.

Ela disse-me assim: CINEMA, menino.

Nega respeitável, mudou de lugar por causa de amor, migração mais linda, cadê tu, velha ONU, que não indeniza esses moços essas moças?

Vem! Teletransporte do desejo, te pego aqui voando na janela, o céu é chumbo mas te distingo, ora direis, ouvir estrelas...

Na madrugada, lição de anatomia pelo braile loki dele, aquele sinalzinho, aquela pinta, aquele nariz tão grande meu deus, é pra ti, cão vadio farejador de Hilda Hilst, que perdeu outros cheiros e a graça do mar.

Lágrimas que molham chão 28-fevereiro-2005

Lá embaixo o choro é mais intenso, talvez como o conhecimento, velho Lobo Antunes, do próprio inferno.

Por Xico Sá

A moça chora no metrô.

Por que chora aquela moça?

Sempre acho que todo choro é ou deveria ser por amor, que me perdoem a pobre rima que reverbera aqui embaixo, nos subterrâneos, underground, tantas linhas depois daquela criatura deslizar o inferno rolante, lá no primeiro batente, e cair aqui, passos que conto como o rapaz do crime russo, degraus que ignoro para esquecer o tamanho da queda, deus, vixe.

Dela?

Quase nos meus braços, quem terá caído?

Posso tão bem sentir aquele baque, terei descambado eu ou o meu alvo móvel?

Uma grande dívida nunca nos põe a chorar de verdade. Por um familiar, choramos diferente. Desemprego? Não. Se não teríamos um Tietê, um Capibaribe, um Paraíba, um São Francisco a cada segunda-feira, cada esquina, lágrimas que manchariam a tinta dos classificados e seus quadradinhos lógicos, portas na cara, quem sabe da próxima, projeto ilusões perdidas...

A moça tenta não soluçar, mas soluça. Terá discutido a relação, a velha d.r., à boca da estação Paraíso? Veste roupa de trabalho sério, e chora. Daqui a pouco estará sentada na sua cadeira de secretária, exímia, bilíngüe, a serviço do capital da avenida Paulista.

Mas por enquanto chora a moça do metrô e é o que nos importa. Se não for por amor, eu morra. Terá levado um pé-na-bunda? Terá visto o casamento pelo binóculo do sr. Nelson Rodrigues?

Perdoa-me por me traíres?

Estação Consolação.

Salta a moça que chora no trem veloz.

Sempre há uma criatura a chorar no ônibus, também, ou again, dores pra amolecer o asfalto, sopra minha amiga Claudia Leal, que sempre pensa oferecer um ombro, um olhar de conforto, na linha Campinas/São Paulo.

O amor é sempre assim, começa no paraíso e termina na consolação.

Como no metrô.

A mesma CL desconfia: quem chora em público acaba de chegar ao terminal da dor, baldeação, vírgula, pausa, descanso, pastel, caldo-de-cana, refresco, desamor.

ANEXO III - COLABORADORES E AUTORES
COMPILADOS D'O *CARAPUCEIRO*

1. A. Jaccoud Pereira da Costa - colaborador ficcional. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d'*O Carapuceiro*.
2. Ana Grigórievna - colaboradora ficcional. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d'*O Carapuceiro*.
3. André Gallindo – jornalista pernambucano residente no Recife
4. Antônio Cavalgado – colaborador ficcional, cujo sobrenome faz referência ao satírico ditado pernambucano: “em Pernambuco quem não for Cavalcanti, é cavalgado”. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d'*O Carapuceiro*.
5. Antônio Maria – jornalista, cronista, radialista esportivo e compositor pernambucano que viveu no Rio de Janeiro. Compôs clássicas da música popular brasileira em parceria com Fernando Lobo, Luís Bonfá, Vinícius de Moraes, Ismael Neto e outros.
6. Antônio das Mortes — colaborador ficcional inspirado pelo personagem do filme *Deus e o diabo na terra do sol* de Glauber Rocha. Principal colaborador da seção *Carapuça* do sítio. Um dos pseudônimos do editor e criador d'*O Carapuceiro* Xico Sá.
7. Antônio Sustâncio – colaborador ficcional. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d'*O Carapuceiro*.
8. Aparício Torelly – político e Barão de Itararé.
9. Ascenso Cavalgado - colaborador ficcional, cujo sobrenome faz referência ao satírico ditado pernambucano: “em Pernambuco quem não for Cavalcanti, é cavalgado”. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d'*O Carapuceiro*.
10. Aureliano Cavalgado - colaborador ficcional, cujo sobrenome faz referência ao satírico ditado pernambucano: “Em Pernambuco quem não for Cavalcanti, é cavalgado”. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d'*O Carapuceiro*.
11. Beto Azoubel - Colaborador pernambucano radicado no Rio de Janeiro, doutorando em literatura brasileira pela Puc-Rio.
12. Bob Moustache – pseudônimo do colaborador Beto Azoubel, pernambucano radicado no Rio de Janeiro e doutorando em literatura brasileira pela Puc-Rio.
13. Carlos Silva - colaborador do *Gastronomias*, sítio português de culinária na Internet.
14. Ciço Laurent – colaborador ficcional. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d'*O Carapuceiro*.
15. Claudia Albuquerque – jornalista cearense, autora do livro “Adolfo Caminha”.
16. Cláudio Tognolli – jornalista paulista, autor dos livros “A falácia genética” e “O século do crime”.
17. Corruptograma Medições na Arte de Furtar LTDA – empresa fictícia da seção *Diário da corrupção* criada Xico Sá, editor e criador d'*O Carapuceiro*.
18. Daniel Albuquerque – professor de língua italiana residente na cidade de Olinda-PE.
19. Daniel ElPapa – Pseudônimo de um colaborador paraibano residente em Brasília.
20. Dioclecio Virgílio – colaborador ficcional em homenagem a um dono de fiteiro (pequena barraca) do Recife. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d'*O Carapuceiro*.
21. Eduardo A. de Ulisses G. Paiva – colaborador do Rio de Janeiro

22. Emerson de Aquino – colaborador ficcional em homenagem ao “Elogio da Loucura” de Emerson e a Santo Thomas de Aquino. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d’*O Carapuceiro*.
23. Epaminondas Silva – colaborador ficcional. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d’*O Carapuceiro*.
24. Evaldo Cabral de Mello – historiador pernambucano, autor de livros como “Olinda restaurada”, “Rubro véio”, “Diários de Joaquim Nabuco”, “O negócio do Brasil”, entre outros.
25. F. D. - colaborador ficcional. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d’*O Carapuceiro*.
26. Fabiana de A. Amorim – jornalista pernambucana.
27. Fábio Victor – jornalista pernambucano radicado em São Paulo onde trabalha no jornal *Folha de São Paulo*.
28. Felícia Sampaio – editora de culinária do *Roteiro Gastronômico de Portugal* que faz parte do sítio *Gastronomias* na internet.
29. Fernando Menezes – jornalista pernambucano e cronista esportivo do Jornal do Commercio de Recife, autor do livros “Recife nos tempos da província” e “Coisas do Recife”.
30. Flávio Almeida – ex-secretário particular de PC Farias e autor do livro *PC e Eu*.
31. Franciel Cruz – jornalista baiano.
32. Fred ZeroQuatro – compositor e líder da banda mundo livre s/a.
33. Genaro Lira – músico pernambucano radicado em Lisboa.
34. H.D. Mabuse - *webdesigner*, responsável pela configuração e disposição dos sítios *O Carapuceiro*, *Manguetronic* e *Manguebit* na internet. Um dos criadores d’*O Carapuceiro*.
35. Honoré de Balzac – romancista francês do século XIX, autor das obras *Um Episódio no Tempo do Terror*, *A Obra-Prima Desconhecida*, *O Coronel Chabert*, *O Médico de Aldeia*, *Eugénia Grandet*, *Séraphita*, *O Tio Goriot*, *Ilusões Perdidas*, entre outras.
36. Ivan F.K. – colaborador ficcional. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d’*O Carapuceiro*.
37. J. Bezerra Furtado - colaborador ficcional. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d’*O Carapuceiro*.
38. Jaci Bezerra – poeta alagoano radicado no Recife
39. João A. Cunha – colaborador ficcional. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d’*O Carapuceiro*.
40. João Azevedo Fernandes – historiador pernambucano, professor de História da UFPB, autor do livro “De cunhã a mameluca”.
41. Joca de Oliveira – poeta pernambucano radicado no Recife.
42. José Teles – jornalista e crítico de música do *Jornal do Commercio* de Recife, autor do livro “Do frevo ao manguebeat”.
43. Juracy Comum-de-dois – colaborador ficcional. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d’*O Carapuceiro*.
44. Lalau - colaborador ficcional inspirado no juiz Nicolau dos Santos Neto (criado por Xico Sá, editor e criador d’*O Carapuceiro*).

45. Lourenço Conselheiro – ficcional, junção dos nomes de dois grandes beatos nordestinos sebastianistas: José Lourenço e Antonio Conselheiro. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d'*O Carapuceiro*.
46. Manuel Costa - colaborador do *Gastronomias*, sítio português de culinária na Internet.
47. Manuel Maria Barbosa du Bocage – poeta satírico português.
48. Mariano José de Larra - colaborador ficcional. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d'*O Carapuceiro*.
49. Mário Souto Maior - folclorista pernambucano, autor de livros como “Dicionário de folcloristas brasileiros”, “Alimentação e folclore”, “Dicionário de palavrão e termos afins”, entre outros.
50. Miguel do Sacramento Lopes Gama, o padre Carapuceiro – padre, político e educador pernambucano. Editor do jornal O Carapuceiro que circulou no Recife na primeira metade do século XIX.
51. Miss Corações Solitários - colaboradora ficcional. Consultora sentimental aos moldes de Myrna, personagem de Nelson Rodrigues. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d'*O Carapuceiro*.
52. Miss Soledad, Miss Soledad Corações no Ataque, Miss Soledad Corações da Maldade, Miss Soledad Corações Contraditórios e Miss Soledad Coração em Construção - colaboradora ficcional de perfil feminista. Pseudônimo de Adriana Holanda Vaz, também criadora d'*O Carapuceiro*. As variações do nome são desdobramentos de uma mesma personalidade.
53. Myrna – personagem-pseudônimo de Nelson Rodrigues que é uma espécie de consultora sentimental.
54. Pedro Domecq - colaborador ficcional, cujo sobrenome faz referência a marca de um conhaque brasileiro e a um personagem criado por Borges e Bioy Casares. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d'*O Carapuceiro*.
55. Plínio Fraga - Colaborador de São Paulo, jornalista do jornal a *Folha de São Paulo*.
56. Renato L – jornalista e Dj, considerado “ministro da informação” do movimento Mangue.
57. Rodrigo Garcia – jornalista pernambucano radicado em São Paulo.
58. Ronaldo Bressane – jornalista e escritor de São Paulo, autor do livro “Dez presídios de bolso”.
59. Sir Wilson Seymour - colaborador ficcional. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d'*O Carapuceiro*.
60. Suavezito – colaborador ficcional. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d'*O Carapuceiro*.
61. Thierry Ogier – jornalista, correspondente do diário Les Echos e do newsletter Business Latin America (The Economist Intelligence Unit - EIU). Co-autor do livro “Guerra e Imprensa”.
62. Ulysses das Capoeiras – colaborador ficcional. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d'*O Carapuceiro*.
63. Wilson Freire – médico e escritor pernambucano, autor do livro “O cordel e suas histórias”.
64. Wilson Vieira – poeta cearense radicado no Recife, autor do livro “Cangaceiros – homens de couro”.

65. W.W. Wanderley – colaborador ficcional inspirado na influência holandesa em Pernambuco. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e criador d’*O Carapuceiro*.
66. Xico Sá - Jornalista, cronista e editor d’*O Carapuceiro*, autor de vários livros, como “Modos de macho e modinhas de fêmea – a educação sentimental do homem”, “A divina comédia da fama”, “Catecismo de devoções, intimidades & pornografias”, entre outros.
67. Zema Ribeiro - Colaborador de São Luis do Maranhão, jornalista e articulista cultural do projeto *Olho de Boi*.
68. Zildinha de Sertânia – colaboradora ficcional. Um dos pseudônimos de Xico Sá, editor e cr

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)